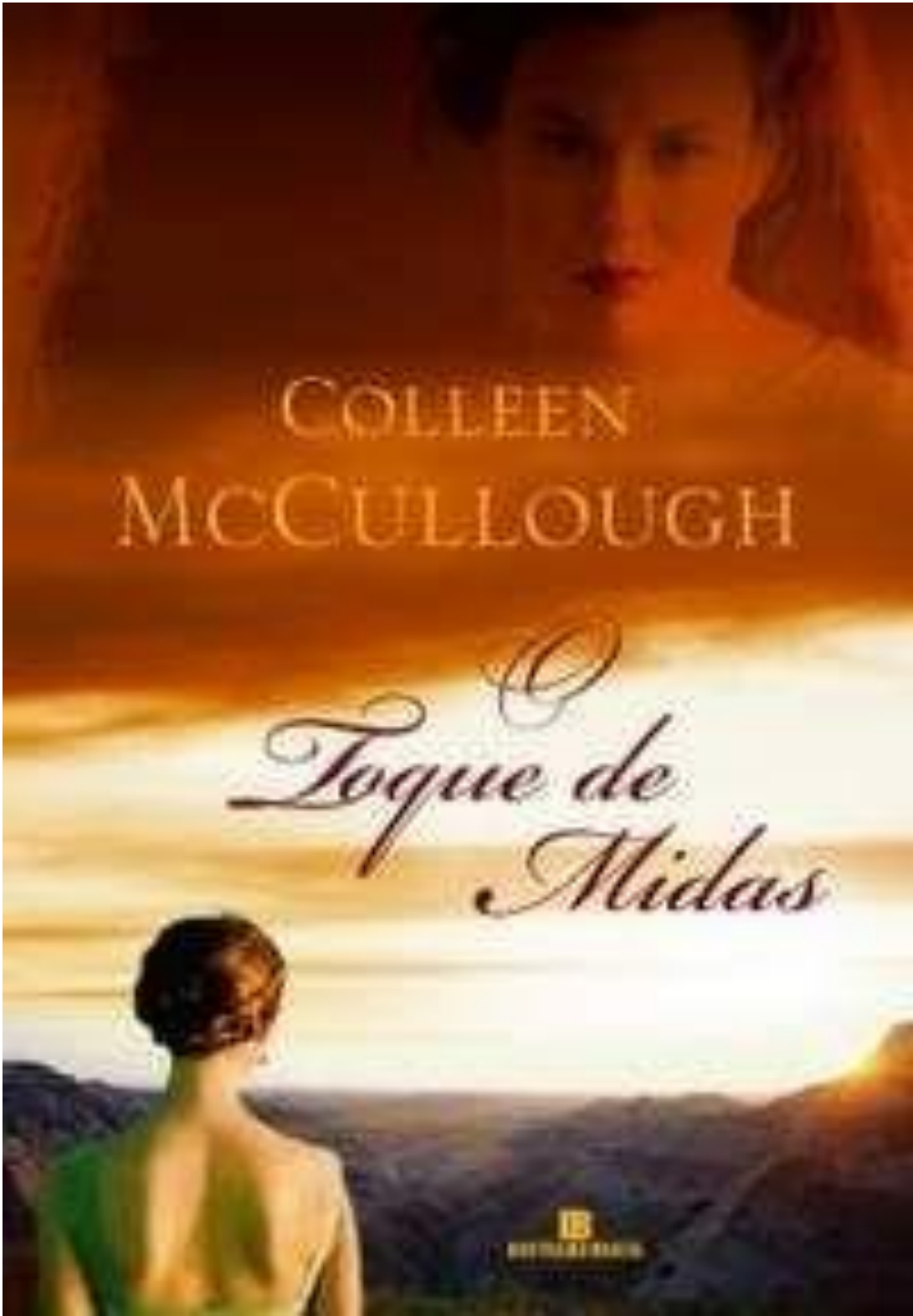


The book cover features a woman's face in the upper half, looking directly at the viewer with a serious expression. The lower half shows the back of a woman in a green dress looking out over a vast, hilly landscape at sunset. The sky is a mix of orange, yellow, and blue.

COLLEEN
McCULLOUGH

The Touch of the Gold


BANTAM



Colleen McCullough



O TOQUE DE MIDAS

Tradução de Rute
Rosa da Silva

2.^a edição

QDIFEL

Título original: *The Touch*
© 2003, Dra. Colleen McCullough
Publicado de acordo com o editor original, Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos de publicação desta obra em Portugal reservados por:

HfIDIFEL

*****É Difusão Editorial, S. A.

Denominação Social
Sede Social

DIFEL 82-Difusão Editorial, S. A. Avenida das
Tulipas, n. 40-C
Miraflores
1495-159 Algés-Portugal
Telefone 21 412 35 10
Fax: 21 412 35 19mail:
difel@difel.pt
- € 300 000,00 (trezentos mil euros)
501378 537Conservatória do Registo
Comercial **de Oeiras**

Capital Social
Contribuinte n.
Matrícula n. 8680

Capa: *Design de José Manuel Reis sobre imagem de Photodisk*
Revisão tipográfica: *Maria de Fátima St. Aubyn* Pré-impressão:
VHM-Produções Gráficas, Lda. Impressão e acabamento:
Tipografia Guerra - Viseu

Depósito Legal n. 221751/05

ISBN 972-29-0688-7/Fevereiro de 2005

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia **autorização do Editor**



*Ao DR. KEVIN COOREY
que lá vai conseguindo manter-me viva;
com amor e gratidão
a um homem excepcional.*

J

PRIMEIRA PARTE



1872-1885

MUDANÇA DA SORTE

- O TEU PRIMO ALEXANDER ESCREVEU a pedir uma esposa - disse James Drummond erguendo os olhos de uma folha de papel.

A chamada do pai para ir à sala atingira Elizabeth como uma pancada: aquele tipo de formalidade significava um sermão por causa de uma transgressão qualquer, seguido de um castigo apropriado à ofensa. Bem, ela sabia o que fizera - tinha salgado as papas de aveia da manhã -e também sabia qual seria, inevitavelmente, o seu castigo: comer papas de aveia *sem* sal durante o resto do ano. O pai era muito cuidadoso com o dinheiro e não o gastaria em mais um grão de sal do que o estritamente necessário.

Por isso, com as mãos atrás das costas, Elizabeth postou-se em frente da decrepita poltrona de orelhas, abrindo a boca perante aquelas notícias espantosas.

- Pede a Jean, o que é uma parvoíce... Será que ele acha que o tempo não passa? - James brandiu a carta com indignação e depois desviou os olhos desta para a sua filha mais nova, iluminada pela luz que entrava a rodos pela janela enquanto ele permanecia oculto pelas sombras. - És como todas as outras mulheres, por isso terás de ser tu.

- *Eu?* És surda, rapariga? Sim, tu. Há mais alguém? Mas, pai!... Se ele pede a Jean, não me quererá a mim. Qualquer rapariga respeitável e com uma educação decente serve, a julgar pelo estado das coisas no local de onde ele escreve. De onde é que ele escreve? perguntou ela sabendo que não lhe

seria permitido ler a carta.

•

De Nova Gales do Sul. - Grunhiu James com satisfação. - Parece que o teu primo Alexander se deu bem: fez uma pequena fortuna nas minas de ouro. - Enrugou a testa. - Ou - condescendeu - juntou pelo menos o suficiente para poder ter uma mulher.

O efeito do choque inicial estava a dissipar-se, sendo substituído pelo desalento. - Não seria mais simples ele arranjar uma mulher de lá, pai?

- Na Nova Gales do Sul? No que respeita a mulheres, não há lá nada a não ser prostitutas, antigas presidiárias e inglesas convencidas, segundo ele. Não, ele viu a Jeannie da última vez que veio a casa e gostou muito dela. Pediu a mão dela nessa altura. Eu recusei... Bem, por que haveria de ter aceitado um incapaz aprendiz de caldeireiro, que passava a vida nos bordéis de Glasgow quando, ainda por cima, a Jeannie mal acabara de fazer dezasseis anos? A tua idade, rapariga. É por essa razão que tenho a certeza de que servirás - gosta delas novinhas. O que ele quer é uma mulher escocesa, cuja virtude esteja acima de qualquer suspeita, unida a ele por laços de sangue em que possa confiar. Pelo menos é o que diz. - James Drummond levantou-se, passou pela filha e marchou para a cozinha. Faz-me um chá.

A garrafa de *whisky* apareceu enquanto Elizabeth punha as folhas de chá dentro do bule muito usado e despejava água a ferver. O pai era presbítero, um dos anciãos da Igreja Escocesa, não bebia e não era, de forma nenhuma, um bêbado. Só deitava uma gota de *whisky* na chávena quando recebia notícias excelentes, como o nascimento de um neto. Mas por que seriam aquelas notícias esplêndidas? Como se arranjaría sem uma filha que cuidasse dele?

O que diria realmente aquela carta? Talvez, pensou Elizabeth, ajudando o chá a abrir mexendo-o com uma colher, o *whisky* lhe desse algumas respostas. O pai quando ficava ligeiramente embriagado tornava-se falador. Podia deixar escapar os seus segredos. O meu primo Alexander disse mais alguma coisa? - atreveu-se a perguntar depois de a primeira chávena ter sido bebida e a segunda ter sido servida. Não muito. Ele não é mais dado às palavras que qualquer outro

Drummond. - Soltou um resmungo. - Drummond, realmente! Já não é o nome dele, acreditas numa coisa destas? Mudou-o para Kinross, quando esteve na América. Por isso não vais ser a Mrs. Alexander Drummond, serás a Mrs. Alexander Kinross.

Não ocorreu a Elizabeth que poderia discutir aquela decisão arbitrária relativamente ao seu destino, nem naquele momento nem muito mais tarde, quando já passara o tempo suficiente para poder ver as coisas com clareza. Só a ideia de desobedecer ao pai numa questão tão importante era mais aterrorizadora do que qualquer coisa que pudesse imaginar, com excepção de uma reprimenda do Reverendo Dr. Murray. Não que a Elizabeth Drummond faltassem a coragem ou o ânimo; só que, durante a sua curta vida de filha mais nova sem mãe, fora sempre submetida à tirania de dois terríveis homens velhos, o seu pai e o ministro da sua religião. Kinross é o nome da nossa cidade e do nosso condado, não é o nome de um clã - disse. Suponho que ele deve ter tido as suas razões para mudar o nome - observou James com uma tolerância pouco habitual, enquanto bebericava a segunda bebida. Terá sido por causa de algum crime, pai? Duvido. Se fosse esse o caso, ele agora não se mostraria tanto. Alexander sempre foi voluntarioso, sempre foi ambicioso. O teu tio Duncan bem tentou, mas não conseguiu controlá-lo. - James soltou um grande suspiro de felicidade. - O Alastair e a Mary podem vir viver comigo. Herdarão uma boa maquia quando eu morrer. Uma boa maquia? Sim. O teu futuro marido enviou uma letra bancária para cobrir as

despesas da tua viagem para Nova Gales do Sul. Mil libras.

Ela abriu a boca. - *Mil libras?*

~ Ouviste o que eu disse. Mas que isso não te dê volta à cabeça, rapariga. Podes ficar com vinte libras para as tuas vaidades e cinco para pagar o fato de noiva. Ele diz que deverás viajar em primeira classe acompanhada por uma criada... Bem, não tolerarei uma tal extravagância! Oh, *horrível!* Amanhã logo de manhã vou escrever para os jornais de Edimburgo e de Glasgow para publicar um anúncio. - A suas longas pestanas loiras cerraram-se, sinal de que estava mergulhado em profunda reflexão. - O que quero encontrar é um casal respeitável, já casado e que pertença à Igreja Escocesa, que esteja a planejar emigrar para Nova Gales do Sul. Se estiverem dispostos a levar-te com eles, pagar-lhes-ei cinquenta libras. - As pálpebras abriram-se, revelando os olhos azuis e brilhantes. - Eles vão agarrá-las de imediato. E eu ficarei com novecentas e vinte e cinco libras na *minha* bolsa. Uma bela maquia.

Mas o Alastair e a Mary estarão dispostos a mudar-se para cá, pai? Se não estiverem, deixarei a minha bela maquia ao Robbie e à

Bella ou ao Angus e à Ophelia - disse James Drummond, empertigado.

Depois de lhe ter servido duas sanduíches bem recheadas com *bacon* para o jantar de domingo, Elizabeth pôs a capa de xadrez sobre os ombros e saiu com o pretexto de que era melhor ir ver se a vaca voltara para casa.

A casa onde James Drummond criara a sua grande família ficava nos arredores de Kinross, uma aldeia dignificada com o estatuto de cidade mercantil por ser a capital do Condado de Kinross. Com dezasseis quilómetros de comprimento e vinte de largura, Kinross era o segundo mais pequeno condado da Escócia, mas compensava o seu tamanho reduzido com alguma prosperidade.

A fiação de lã, as duas moagens e a destilaria soltavam fumo negro, pois nenhum proprietário de engenho permitia que as caldeiras parassem só por ser domingo; era mais barato do que ter de começar tudo do princípio na segunda-feira. Havia carvão suficiente na parte sul do país para permitir o funcionamento daquelas modestas indústrias locais e, graças a elas, James Drummond não sofrera o destino de tantos escoceses: ser forçado a abandonar a sua terra natal para encontrar trabalho e poder subsistir ou sobreviver na sordidez infecta de um qualquer bairro de lata citadino. Tal como o seu irmão mais velho, Duncan, que era o pai de Alexander, James trabalhara os seus cinquenta e cinco anos na tecelagem, produzindo metros e metros de tecido axadrezado para os Ingleses desde que a Rainha pusera o tecido escocês na moda.

Os fortes ventos escoceses dispersavam as nuvens de fumo, como se este fosse uma mancha de carvão sob o polegar de um artista, e revelavam a abóbada azul até ao infinito. À distância viam-se os montes Ochils e Lomonds, roxos com a urze outonal, montanhas altas e selvagens onde os casebres das quintas tinham as portas apodrecidas a balouçar ao vento ou nem portas tinham e para onde, em breve, os proprietários ausentes regressariam para caçar veados ou pescar nos lagos. Algo que não constituía preocupação para o Condado de Kinross, que se espalhava numa planície fértil repleta de gado, cavalos e ovelhas. O gado destinava-se a ser transformado nos melhores assados de Londres, os cavalos contavam muitas éguas reprodutoras de cavalos de montar ou de tracção de carruagens, as ovelhas produziam lã para os tecidos escoceses da tecelagem.

O TOQUE DE MIDAS 15 e carne para as mesas locais. Também havia campos cultivados, pois os terrenos cobertos de musgo tinham sido drenados cinquenta anos antes. Frente à cidade de Kinross havia o Loch Leven, um grande lago de águas agitadas com a cor azul metálica peculiar dos lagos escoceses e que era alimentado pelos riachos ambarinos e translúcidos que corriam pela turfa. Elizabeth ficou de pé na margem, a poucos metros da casa (sabia bem que não podia afastar-se muito) e olhou através do lago para as planícies verdejantes que ficavam entre este e o braço de mar. Por vezes, quando o vento soprava de Leste, conseguia sentir o cheiro a peixe das profundezas geladas do Mar do Norte, mas naquele dia o vento soprava das montanhas, com a fragrância das folhas em decomposição. Na Ilha de Lochleven erguia-se um castelo, o castelo em que estivera aprisionada, durante quase um ano, Mary, Rainha dos Escoceses. Como teria sido, ser simultaneamente soberana e prisioneira? Uma mulher tentando governar uma terra de homens violentos e rudes? Mas ela tentara trazer de volta a fé Romana e Elizabeth Drummond fora tão zelosamente educada como Presbiteriana que não tinha boa opinião dela a esse respeito.

«Vou para um sítio chamado Nova Gales do Sul para me casar com um homem que nunca vi, pensou. «Um homem que pediu a minha irmã, não me pediu a mim. Fui apanhada na teia tecida pelo meu pai. E se, quando eu chegar, esse tal Alexander Kinross não gostar de mim? Certamente que, se for um homem honrado, me mandará regressar a casa! E ele deve ser honrado, ou não teria pedido em casamento uma noiva Drummond. Mas já li que essas colónias agrestes tão distantes da pátria sofrem realmente de uma grande escassez de esposas adequadas, por isso suponho que ele se casará comigo. Meu Deus do Céu, faz com que ele goste de mim! Faz com que eu goste dele!

Frequentara durante dois anos a escola do Dr. Murray, tempo suficiente para aprender a ler e a escrever; para além disso, também fizera algumas leituras, ainda que limitadas; escrever era mais difícil, já que James se recusava a gastar dinheiro em papel para ser usado por raparigas tontas. Mas, desde que mantivesse a casa impecavelmente limpa, cozinhasse as refeições do pai a contento deste, não gastasse dinheiro nem se desse com outras raparigas igualmente patetas, Elizabeth era livre de ler todos os livros que pudesse encontrar. Tinha duas fontes: os textos da biblioteca da residência paroquial do Dr. Murray e os romances mono-

tonos e respeitáveis que circulavam entre os membros femininos da sua enorme congregação. Não era portanto surpreendente que estivesse mais informada sobre teologia do que geologia e mais familiarizada com a situação económica do que com o romantismo.

Nunca lhe ocorrera que o casamento fosse o seu destino, embora estivesse a chegar a uma idade em que começava a pensar nos perigos e prazeres do casamento e em que observava as uniões dos irmãos mais velhos com um interesse fascinado. Alastair e Mary, tão diferentes um do outro, sempre a discutir e, no entanto, pressentia que disfrutavam de uma comunhão mais profunda; Robert e Bella, feitos um para o outro no amor pela parcimónia; Angus e a sua chilreante Ophelia, que pareciam determinados a destruir-se mutuamente; Catherine e o seu Robert, que viviam em Kirkaldy, pois ele era pescador; a Mary e o seu James, Anne e o seu Angus, Margaret e William... E Jean, a filha mais velha, a beldade da família que aos dezoito anos se casara com um Montgomery -um partido invejável para uma rapariga de uma linhagem razoável mas sem qualquer dote. O marido levava-a para uma mansão na Princes Street, em Edimburgo, e os Drummond de Kinross nunca mais tinham visto Jean. Tem vergonha de nós disse James com desprezo. Muito astuta contrapôs Alastair que a amara e era leal. Muito egoísta comentara Mary com um esgar.

Muito só, pensava Elizabeth que se recordava de Jean muito vagamente. Mas se a solidão de Jean se tornasse insuportável, a sua família estava a uns meros oitenta quilómetros. Enquanto que eu nunca poderei vir a casa e a minha casa é tudo o que eu conheço.

Tinha ficado decidido, depois do casamento de Margaret, que Elizabeth, a última dos descendentes de James ainda vivos, ficaria solteira pelo menos até à morte do pai, o que, a crer na superstição familiar, seria daí a muitos anos. Ele era rijo como tudo e resistente como as rochas de Ben Lomond. Agora tudo mudara, graças a Alexander Kinross e a mil libras. Alastair, o orgulho e alegria de James depois da morte do filho com o seu nome, não ligaria a Mary e mudá-la-ia mais os seus sete filhos para a casa do pai. Fosse como fosse, esta acabaria por ser sua quando chegasse a altura, pois ele consolidara o seu lugar nos afectos de James ao suceder-lhe como encarregado dos teares na tecelagem. Mas a Mary... pobre Mary, como ela sofreria! O pai achava que ela era uma tremenda esbanjadora, pois comprava *sapatos* para os filhos calçarem aos domingos e punha *doce* na mesa do pequeno-almoço e do jantar.

Quando se mudasse para a casa de James, os seus filhos usariam botas e o doce só faria a sua aparição nos jantares de domingo.

O vento tornou-se mais forte; Elizabeth estremeceu, mais devido ao medo do que ao frio repentino. Que dissera o pai acerca de Alexander Kinross? «Um incapaz aprendiz de caldeireiro que passava a vida nos bordéis de Glasgow. Que teria ele querido dizer com incapaz? Que Alexander Kinross não perseverava em nada? Se era incapaz, estaria ele à sua espera no fim da viagem?

- Elizabeth, vem para dentro! - James estava aos gritos.

Obedientemente, Elizabeth correu.

À medida que os dias iam passando, tudo parecia conspirar para que Elizabeth não tivesse tempo para reflectir; por mais que tentasse manter-se acordada na cama para pensar no seu destino, assim que se deitava o sono vencia-a. Havia todos os dias discussões entre James e Mary. Alastair, que saía para a tecelagem de madrugada e só regressava depois de o Sol se pôr, tinha muita sorte. Todas as mobílias de Mary tiveram de ser levadas para a sua nova residência, tomando precedência sobre os móveis velhos e gastos de James. Quando Elizabeth não estava a subir e a descer as escadas com os braços carregados de roupas (incluindo sapatos) ou a limpar o piano, a cómoda ou o roupeiro, estava lá fora a bater vigorosamente uma das carpetes de Mary, pendurada na corda da roupa. Mary era sua prima do lado dos Murray e casara na posse de alguns bens, incluindo um pequeno dote oferecido pelo pai agricultor, e com mais independência de espírito do que Elizabeth imaginara que alguma mulher pudesse ter. Nenhuma daquelas características a chocara tanto até Mary ter vindo viver com o pai. Que nem sempre vencias as batalhas, descobriu espantada. O doce manteve-se na mesa do pequeno-almoço todas as manhãs e aparecia novamente todas as noites. Os sapatos das crianças eram calçados nos seus pés antes do serviço religioso na igreja do Dr. Murray aos domingos. E Mary exibia os seus tornozelos elegantes num par de requintados sapatos de pelica azul com saltos suficientemente altos para lhe darem um andar afectado. James passava o tempo a ter tremendos ataques de fúria e conseguiu rapidamente que os netos nutrissem um saudável temor pela sua bengala, mas Alastair, estava a descobrir, tornara-se maleável nas mãos de Mary.

A única oportunidade que Elizabeth tinha de escapar àquelas convulsões domésticas eram as visitas ao estabelecimento da Miss MacTavish,

na praça principal de Kinross. Este ficava numa pequena casa cuja sala da frente abria directamente para a rua e tinha uma grande vitrina onde se exibia um manequim assexuado envolto num vestido de tafetá cor-de-rosa, de saia rodada - não se podia ofender a Igreja Escocesa exibindo um manequim com *seios*.

Todas as mulheres que não confeccionavam a sua própria roupa frequentavam a loja de Miss MacTavish, uma frágil senhora solteira, com quarenta e muitos anos que, ao herdar cem libras, desistira do seu emprego de costureira e abrira o seu próprio negócio de modista. Tanto o negócio como ela própria tinham prosperado, pois em Kinross havia mulheres com capacidade para pagar os seus serviços, e ela era suficientemente inteligente para lhes mostrar revistas de moda feminina que, afirmava, lhe eram enviadas de Londres.

Cinco das vinte libras de Elizabeth tinham sido gastas em panos de lã escocesa da tecelagem onde a posição de Alastair lhe proporcionara um pequeno mas agradável desconto. Desses tecidos e dos quatro vestidos de andar por casa em linho castanho grosseiro, encarregar-se-ia ela própria, bem como das cuecas de algodão, camisas de dormir, camisolas interiores e combinações. Depois de tudo somado, descobriu que lhe restavam dezasseis libras para gastar na loja de Miss MacTavish. Dois vestidos para a manhã, dois vestidos para a tarde, dois vesti

dos para a noite e o vestido de noiva - disse a Miss MacTavish encantada com a encomenda. Não teria grande lucro naquele trabalho, mas não era todos os dias que uma rapariga nova e tão bonita - oh, que bela figura! - era entregue nas mãos de Miss MacTavish sem uma mãe ou tia que lhe dessem cabo do prazer. Ainda bem - tagarelava a modista enquanto empunhava a fita métrica - que eu aqui estou, Elizabeth. Se fosses a Kirkaldy ou a Dumfermline, pagarias o dobro do dinheiro por metade dos artigos. E tenho em armazém alguns tecidos lindos, muito apropriados ao teu tom de pele. As beldades morenas nunca ficam fora de moda, não se esbatem na paisagem. Embora tenha ouvido dizer que a tua irmã Jean - bem, essa era uma beldade loira! - continua a ser o maior sucesso de Edimburgo.

Mirando-se no espelho de Miss MacTavish, Elizabeth só ouviu a última parte da frase. James não tolerava a presença de um espelho na sua casa e vencera essa batalha com Mary que, quando James apelara ao Dr. Murray como reforço, se vira obrigada a manter o espelho no seu quarto. Beleza, pressentiu Elizabeth, era uma palavra que corria fácil-

mente da língua de Miss MacTavish e era servida como um bálsamo para acalmar as dúvidas das clientes. Certamente que não via quaisquer sinais de beleza no seu reflexo, embora «morena fosse uma descrição exacta. Cabelo muito escuro, sobrancelhas e pestanas espessas e escuras, olhos escuros e um rosto normal.

- Uau, a tua pele! - ronronava Miss MacTavish. - Tão branca e tão perfeita! Mas não permitas que lhe ponham rouge, arruinaria o teu estilo. Tens o pescoço de um cisne!

Depois de as medidas terem sido tiradas, Elizabeth foi conduzida a uma sala onde as peças dos tecidos de Miss MacTavish estavam arrumadas em prateleiras: as mais belas musselinas, cambraias, sedas, tafetás, rendas, veludos, cetins. Carretéis de fitas de todas as cores. Penas, flores de seda.

Elizabeth foi direita a um tecido vermelho vivo, cheia de animação.

- Este Miss MacTavish! - gritou. - Este!

A costureira-tornada-modista ficou tão vermelha como o tecido.

- Ai, meu Deus, não - disse numa voz constrangida. Mas é tão lindo! Escarlate - disse Miss MacTavish, empurrando o tecido ofensivo para o fundo da prateleira - não é nada adequado, minha querida Elizabeth. Tenho-o em armazém para uma certa parte da minha clientela cuja... humm... *virtude* não é a que deveria ser. Naturalmente que elas me visitam a horas marcadas previamente, para poupar embaraços. Tu conheces as Escrituras, filha... a mulher escarlate? Ohhhh!

Portanto, o mais próximo do escarlate que Elizabeth comprou foi um tafetá vermelho ferrugem. Irrepreensível. Não me parece - disse a Miss MacTavish enquanto bebiam um chá depois de as decisões terem sido tomadas - que o meu pai aprove qualquer destes vestidos. Não terei um aspecto adequado à minha posição. A tua posição disse Miss MacTavish com veemência está prestes a mudar radicalmente, Elizabeth. Não podes partir, noiva de um homem

suficientemente rico para te enviar mil libras, sem mais nada para vestir do que o tecido escocês da tecelagem e simples linho castanho. Haverá festas, bailes, suponho, passeios de carruagem, visitas a fazer às mulheres de outros homens ricos. O teu pai não deveria ter ficado com tanto do dinheiro que, estou certa, é *teu* e não dele.

, . . . , . . . ;: ;: , , , ,

Tendo dito aquilo (que estava mesmo a pedir para ser dito - que velho avarento miserável era o James Drummond!), Miss MacTavish serviu mais chá e obrigou Elizabeth a comer um bolo. Uma rapariga tão bonita e um *desperdício* tão grande em Kinross! Eu na verdade não quero ir para Nova Gales do Sul para me casar com o Mr. Kinross - confessou Elizabeth, infeliz. Disparate! Pensa nisso como numa aventura, minha querida. Não existe uma única mulher jovem em Kinross que não te inveje, acredita no que te digo. Pensa nisso. Aqui, não terás sequer um marido, passarás os teus melhores anos a tratar do teu pai. - Os seus olhos azul-claro humedeceram-se. - Eu sei, acredita. Tive de cuidar da minha mãe até ela morrer e nessa altura as minhas esperanças de casar já tinham morrido. - Subitamente, suspirou e sorriu. - Alexander Drummond! Bem, se me lembro dele! Tinha acabado de fazer quinze anos quando fugiu, mas não havia uma mulher em Kinross que não tivesse reparado nele.

Ficando tensa, Elizabeth apercebeu-se de que encontrara finalmente alguém que lhe podia falar um pouco do futuro marido. Ao contrário de James, Duncan Drummond tivera apenas dois filhos: uma rapariga, Winifred, e Alexander. Winifred casara com um pastor e fora viver para perto de Inverness antes de Elizabeth ser nascida, portanto, a pessoa melhor para lhe falar do irmão não estava acessível. Os interrogatórios aos membros da sua própria família com idade suficiente para se lembrarem de Alexander tinham produzido, curiosamente, poucos resultados; como se, por qualquer razão, o assunto Alexander fosse proibido. O pai, apercebeu-se. O pai não queria devolver o pecúlio resultante do seu golpe de sorte e não queria correr riscos. Acreditava também que, no que tocava o casamento, a ignorância era uma bênção. Ele era bem-parecido? perguntou ansiosamente. Bem-parecido? Miss MacTavish enrugou o rosto e fechou os olhos. Não, não lhe teria chamado *bem-parecido*. Era a sua maneira de andar... com um ar de superioridade. Andava sempre todo negro da ben gala do Duncan, o que por vezes devia dificultar-lhe a tarefa de caminhar como se fosse dono do mundo, mas ele fazia-o. E o sorriso! Uma

pessoa ficava... fraca. Ele fugiu? No décimo quinto aniversário disse Miss MacTavish. E contou-lhe a sua versão da história. - O Dr. MacGregor, o antigo pastor, teve um grande desgosto. Alexander, costumava dizer, era extraordinariamente

esperto. Estudara Latim e Grego e o Dr. MacGregor tinha a esperança de o mandar para a Universidade. Mas o Duncan não queria. Havia um emprego à espera dele na tecelagem aqui em Kinross e, com a Winifred longe, Duncan queria o Alexander aqui. Era um homem duro, o Duncan Drummond! Ele pediu-me em casamento, sabes, mas eu tinha de cuidar da mãe, pelo que não tive pena de recusar a oferta. E agora tu vais casar com o Alexander! É como um sonho, Elizabeth, é mesmo um sonho!

O último comentário era verdadeiro. Nos poucos recantos da sua mente poupados pelo constante trabalho duro, Elizabeth pensava no seu futuro de uma forma semelhante à da passagem das nuvens pelos altos e amplos céus escoceses: por vezes em farrapos etéreos e alegres, por vezes tristes e cinzentas, por vezes negras e tormentosas. Uma ruptura desconhecida de consequências imprevisíveis e a vivência limitada dos seus escassos dezasseis anos não podia oferecer-lhe nem informação nem conforto. Um pequeno acesso de excitação era seguido por um acesso de choro, a um sentimento de alegria seguia-se uma estonteante descida ao desespero. Mesmo depois de um estudo intenso do dicionário geográfico e da *Enciclopédia Britânica* do Dr. Murray, a pobre Elizabeth não dispunha de qualquer bitola pela qual medir uma revolução tão drástica e tão completa.

Os vestidos ficaram prontos, incluindo o vestido de noiva, todos eles dobrados entre folhas de papel de seda e metidos nas duas arcas. Alastair ofereceu-lhe as arcas e Mary um véu de renda branca francesa para usar no casamento. Miss MacTavish ofereceu-lhe um par de chinelos de cetim branco; todos os membros da família, com excepção de James, arranjaram qualquer coisa para lhe oferecer, fosse água de colónia, um pregador de conchas, uma almofada para alfinetes ou uma caixa de bombons.

O respeitável casal presbiteriano de James, já unido pelo matrimónio, respondeu de Peebles ao seu anúncio e, após várias cartas terem sido trocadas entre Kinross e Peebles disse que, por cinquenta libras, teria todo o prazer em assumir a custódia da noiva.

Alastair e Mary foram encarregados de levar Elizabeth de carruagem para Kirkaldy, onde embarcaram num navio a vapor para atravessar o braço de mar até Leith. Dali, vários carros puxados por cavalos levaram-nos até Edimburgo e à Estação de Princes Street, onde Mr. e Mrs. Richard Watson estariam à sua espera.

„

Se não estivesse tão abalada pela agitada travessia de barco, Elizabeth teria ficado entusiasmada: em toda a sua vida, não tinha ido mais longe do que Kirkaldy, pelo que a enorme cidade de Edimburgo a deve ter pasmado, a julgar pelo entusiasmo demonstrado quando vira Kirkaldy. Catherine e Robert viviam naquela cidade e tinham-lhes dado alojamento e mostrado as vistas a Elizabeth. Mas não conseguiu sentir qualquer entusiasmo com o movimento de Edimburgo, com a sua beleza invernal, colinas cobertas de árvores e ravinas. Quando o último dos carros os depositou na Estação de Caminho-de-Ferro North British, deixou que Alastair a guiasse e a instalasse no compartimento de segunda classe, minúsculo e semelhante a uma caixa, que deveria partilhar com os Watsons até Londres, e deixou que fosse ele a procurar os seus acompanhantes atrasados na plataforma apinhada de gente. Bem, é bastante tolerável - disse Mary olhando em volta. - Os assentos estão bem estofados e tens a tua manta para te aqueceres. Não tenho inveja nenhuma é dos passageiros da terceira classe - disse Alastair enfiando dois talões de cartão na luva esquerda de Elizabeth. - Não os percas, são os talões da bagagem para levatares os baús que estão a salvo no vagão das bagagens. - Depois enfiou cinco moedas de ouro na outra luva. - Foi o pai que as mandou - disse com um sorriso. Consegui convencê-lo de que não podes ir até Nova Gales do Sul

com a carteira vazia, mas ele mandou-me dizer para não gastares um tostão mal gasto.

Os Watson chegaram finalmente, ofegantes. Era um casal alto e anguloso, com roupas velhas que sugeriam que as cinquenta libras de Elizabeth os tinham promovido dos horrores da terceira classe para o conforto relativo da segunda. Pareciam agradáveis, apesar de o nariz de Alastair se ter franzido com o cheiro a álcool do hálito de Mr. Watson.

Soaram os apitos, as pessoas penduravam-se das janelas das carruagens para trocarem gritos, lágrimas, abraços frenéticos e acenos finais com aqueles que ficavam na plataforma; entre sopros e explosões, nuvens de vapor, solavancos e arrancos, o comboio nocturno para Londres começou a andar.

«Tão perto e no entanto tão longe, pensou Elizabeth, baixando as pálpebras. «A minha irmã Jean, que começou tudo isto, vive em Princes Street. E, no entanto, o Alastair e a Mary têm de alugar um quarto no hotel da estação e regressarão a Kinross sem sequer lhe terem posto a vista em cima. Não recebo visitas, dissera a sua curta mensagem.

As pálpebras cerraram-se e ela caiu no sono, enrolada a um canto com o rosto apoiado na janela gelada.

- Pobrezinha - disse Mrs. Watson. - Ajuda-me a pô-la mais confortável, Richard. As coisas estão muito mal, quando a Escócia tem de mandar as suas filhas para vinte mil quilómetros de distância para arranjam um marido.

Os navios a vapor, movidos a hélice, atravessavam o Atlântico Norte entre a Grã-Bretanha e Nova Iorque em seis ou sete dias, mas não havia carvão para alimentar um navio a vapor a caminho do outro lado do mundo. A viagem ainda era feita à vela.

O *Aurora* era um navio de quatro mastros, com velas superiores duplas, velas quadradas no mastro principal e no mastro da frente, mezenas à proa e à popa, e completou os vinte mil quilómetros da viagem até Sydney em dois meses e meio, parando uma única vez na Cidade do Cabo. Pelo Atlântico e depois através do sul até ao Pacífico. A sua carga consistia em várias cisternas e sanitas de cerâmica com autoclismo, duas caleches, dispendiosas mobílias em castanho, tecidos de algodão e lã, peças de frágeis rendas francesas, caixas de livros e revistas, frascos de doce de laranja inglês, latas de melaço, quatro motores a vapor *Matthew Boulton & Watt*, um carregamento de puxadores de porta em latão e, no cofre forte, muitas caixas enormes marcadas com o sinal da caveira com as tíbias cruzadas. No regresso a casa, transportaria milhares de sacas de trigo e o cofre forte trocava as caixas marcadas com a caveira e as tíbias cruzadas por lingotes de ouro.

Muito contra a vontade do seu comandante, um fanático que odiava mulheres, o *Aurora* recebia uma dúzia de passageiros de ambos os sexos proporcionando-lhes algum conforto, embora não tivesse salões e os seus cozinheiros fossem muito simples: havia muito pão acabado de cozer, manteiga salgada armazenada no frio em embalagens de quatro litros e meio, carne cozida acompanhada com batatas esmagadas e pudins de farinha temperados com doce ou melaço.

Apesar de Elizabeth se ter acostumado aos movimentos do navio ao atravessar a Baía da Biscaia, o mesmo não aconteceu com Mrs. Watson, fazendo com que Elizabeth passasse o tempo a cuidar dela. Não era uma ocupação desagradável, pois Mrs. Watson era uma boa alma que parecia suportar muitos fardos. Os três companheiros de viagem partilhavam uma pequena cabina equipada com uma vigia e um pequeno cubículo

para a criada, com comunicação directa para a cabina; o *Aurora* ainda não entrara no Canal da Mancha quando Mr. Watson anunciou que dormiria na sala dos passageiros para que as mulheres pudessem ter privacidade. De início, Elizabeth não percebeu por que razão aquilo perturbava tanto a pobre Mrs. Watson, mas depois apercebeu-se de que a pobreza dos Watson tinha origem no forte pendor de Mr. Watson para a bebida.

Oh, mas fazia tanto frio! Só quando passaram as Ilhas de Cabo Verde é que o tempo invernosso finalmente melhorou e nessa altura Mrs. Watson tossia horivelmente. Quando chegaram à Cidade do Cabo, o marido assustado ficou suficientemente sóbrio para chamar um médico que cerrou os lábios e abanou a cabeça.

- Se quer que a sua mulher sobreviva, senhor, sugiro que a leve para terra e não continue a viagem - sentenciou.

Mas, o que fazer com Elizabeth?

Fortalecido por uma boa dose de genebra, Mr. Watson não parava de fazer aquela pergunta a si próprio e Mrs. Watson, mergulhada num estupor febril, não podia responder-lhe. Já estavam os dois fora do barco com todos os seus pertences meia hora depois de o médico ter partido, deixando Elizabeth entregue a si própria.

Se a vontade do Capitão Marcus tivesse sido satisfeita, Elizabeth teria sido despachada juntamente com eles, mas os cálculos do Capitão não tinham levado em conta uma das suas outras três passageiras. Esta convocou uma reunião com os dois casais que iam a bordo, os três cavalheiros solteiros que se mantinham sóbrios e com o Capitão Marcus. A rapariga fica em terra - declarou o comandante do *Aurora* num

tom inflexível. Oh, ora, Capitão! - indignou-se Mrs. Augusta Halliday. - Pôr

em terra uma rapariga de dezasseis anos, numa terra estranha, sem uma única alma que a proteja - pois os Watson não estão em condições de o fazer - é uma inconsciência! Faça-o, senhor, e denunciá-lo-ei aos proprietários do navio, à Guilda dos Comandantes e a toda a gente de que me conseguir lembrar! Miss Drummond fica a bordo.

Dado aquela proclamação, feita com um brilho marcial no olhar de Mrs. Halliday, ter sido recebida pelos restantes com murmúrios de assentimento, o Capitão Marcus percebeu que tinha sido vencido.

- Se a rapariga fica - disse com os dentes cerrados -, não quero que tenha quaisquer contactos com a minha tripulação. Nem quero que haja quaisquer contactos entre ela e qualquer passageiro masculino, casado ou

solteiro, bêbado ou sóbrio. Ficaré fechada na cabine e tomará lá as suas refeições. Como se estivesse presa?! - insurgiu-se Mrs. Halliday. - Isso é uma vergonha! Ela tem de apanhar ar e fazer exercício. Se quiser apanhar ar, pode abrir a vigia e se quiser fazer exercício, pode dar saltos dentro da cabine, minha senhora. Sou o comandante deste navio e a minha palavra é lei. Não tolerarei poucas-vergonhas a bordo do *Aurora*.

E foi assim que Elizabeth passou as últimas cinco semanas fechada na cabina, entretida com os livros e revistas que Mrs. Halliday lhe mandou depois de uma apressada visita a terra e à única livraria inglesa da Cidade do Cabo. A única concessão do Capitão Marcus foi permitir que Mrs. Halliday escoltasse Elizabeth enquanto esta fazia duas voltas ao convés todos os dias depois do escurecer e, mesmo assim, seguia-as de perto, repreendendo qualquer marinheiro que se aproximasse.

- Parece um cão de guarda - comentou Elizabeth com uma risadinha.

Assim que os Watson abandonaram o navio, recuperara o seu bom humor, apesar de estar enclausurada; percebia aquela situação, sabendo que tanto o seu pai como o Dr. Murray teriam aprovado a decisão do capitão. E era uma bênção ter o seu próprio território, maior do que o seu quatinho em casa onde estivera proibida de entrar até serem horas de ir para a cama. Pondo-se em bicos de pés conseguia ver o oceano pela vigia, uma vastidão ondulante que se estendia até ao infinito e, durante as caminhadas nocturnas no convés, ouvia o seu ruído e o estrondo provocado pelo embate da proa do *Aurora* ao cair sobre as águas.

Mrs. Halliday, ficou a saber, era a viúva de um colono livre que fizera uma pequena fortuna em Sydney abrindo uma loja especializada que servia o público mais distinto. Fossem botões ou fitas, rendas ou armações de osso de baleia, meias ou luvas, a melhor sociedade de Sydney comprava na Retrosaria Halliday.

- Quando o Walter morreu, eu estava impaciente por ir para casa - disse a Elizabeth com um suspiro. - Mas não encontrei o que esperava. E muito peculiar que tudo aquilo com que sonhara todos aqueles anos não passasse, afinal, de um produto da minha imaginação. Tornara-me, embora não o soubesse, uma australiana. Wolverhampton estava coberta por montes de escória e de chaminés, e acredita que eu tinha dificuldade em perceber o que as pessoas me diziam? Tive saudades dos meus filhos, dos meus netos e do *espaço*. Tendemos a pensar que, tal como Deus fez

o Homem à sua imagem, a Grã-Bretanha fez a Austrália à sua. **Mas não** é verdade. A Austrália é uma terra estrangeira. Não é Nova Gales do Sul? - perguntou Elizabeth. No sentido estrito, é. Mas o continente foi baptizado Austrália já há muito tempo e quer sejam de Vitória, da Nova Gales do Sul, de Queensland ou de qualquer outra colónia, as pessoas dizem-se Australianas. Os meus netos fazem-no.

Alexander Kinross aparecia muitas vezes nas suas conversas. Infelizmente, Mrs. Halliday não sabia nada dele. Já se passaram quatro anos desde que saí de Sydney, provavelmente ele chegou durante a minha ausência. Para além disso, se é solteiro e não frequenta a sociedade, só os seus colegas reconheceriam o seu nome. Mas tenho a certeza - acrescentou Mrs. Halliday bondosamente - que está acima de qualquer suspeita. Se assim não fosse, por que mandaria chamar uma prima para se casar? Os canalhas, minha querida, normalmente nem sequer se casam. Especialmente se vivem nas minas de ouro. - Apertou os lábios e fungou. - As minas de ouro são campos de iniquidade abundantemente abastecidos de mulheres duvidosas. - Tossiu delicadamente. - Espero, Elizabeth, que saiba quais são os deveres do casamento? Oh, sim - respondeu Elizabeth tranquilamente. - A minha cunha da Mary disse-me o que deveria esperar.

Quando o *Aurora* entrou em Porto Jackson, foi rebocado por um navio a vapor; atormentado pela presença de um piloto que detestava, o Capitão Marcus estava demasiado absorto para reparar que Mrs. Halliday libertara Elizabeth da sua prisão e que a levava para o convés para lhe mostrar, com orgulho de proprietária, os pontos principais daquilo a que a boa senhora chamava «o maior porto do mundo».

Sim, a Elizabeth o porto parecia-lhe formidável, absorvendo com o olhar os enormes penhascos cor-de-laranja coroados por densas florestas de um azul acinzentado. Baías arenosas, encostas suaves, e sinais cada vez mais evidentes da presença humana. As árvores, altas e espigadas, eram substituídas por filas e mais filas de casas, se bem que em terrenos mais recuados as árvores permanecessem em torno de mansões majestosas cujos proprietários Mrs. Halliday enumerou, acompanhando com comentários sucintos, que iam da difamação à condenação. Mas o ar estava pesado de humidade, o sol era insuportavelmente quente e sobre toda a beleza daquele porto formidável pairava um terrível fedor. A água, renarou Elizabeth, estava suja e castanha, coberta de detritos. :

O TOQUE DE MIDAS 27 Março não é um bom mês para aqui chegar - comentou Mrs. Halliday apoiando-se na amurada. - É sempre húmido. Passamos Fevereiro e Março a rezar pela chegada do Vento de Sul, um vento que tudo refresca.

O cheiro está a incomodá-la, Elizabeth? Muito - confessou Elizabeth muito pálida. São os esgotos - disse Mrs. Halliday. - Mais ou menos cento e setenta mil pessoas e vem tudo parar ao porto, que pouco melhor é do que uma fossa. Creio que tencionam fazer alguma coisa a esse respeito mas, quando o farão, ninguém sabe, diz o meu filho Benjamin. Ele faz parte da assembleia municipal. A água também é uma dificuldade. Os dias em que custava um xelim o balde acabaram, mas continua a ser cara. Poucos, a não ser os colossalmente ricos, podem mandar instalar água em casa. - Resmungou. - Mr. John Robertson e Mr. Henry Parkes não sofrem desse mal!

O Capitão Marcus aproximou-se, rugindo.

- Para a sua cabina, Miss Drummond! Imediatamente!

E foi lá que Elizabeth permaneceu até o *Aurora* ter sido rebocado para o seu cais; tudo o que conseguia ver pela vigia eram mastros e só ouvia vozes aos gritos, o ruído de um motor.

Quando, horas mais tarde, ao que lhe parecia, se ouviu uma pancada na porta, saltou da cama com o coração aos saltos. Mas era apenas Perkins, o criado dos passageiros.

- Os seus baús já foram desembarcados, Miss, e a menina também tem de fazer o mesmo.

- A Mrs. Halliday? - perguntou seguindo-o para um mundo caótico de gruas depositando caixas em cestos de corda, homens de rostos corados com camisas de flanela, marinheiros assobiando e zombando.

- Oh, já desembarcou há muito tempo. Pediu-me que lhe entregasse isto. - Perkins enfiou a mão no bolso do casaco e entregou-lhe um pequeno cartão. - Se precisar dela, encontrá-la-á aí.

Desceu o passadiço, atravessou as pranchas imundas das docas por entre grandes pilhas de caixas e grades... Onde estariam os seus baús?

Ao encontrá-los num canto relativamente calmo junto à parede de um telheiro em ruínas, Elizabeth sentou-se num deles, pôs a bolsa no colo e entrelaçou as mãos sobre a bolsa. Para onde ir e o que fazer? Pensando que se Alexander Kinross visse o xadrez do clã Drummond a reconheceria imediatamente, vestira um dos vestidos feitos em casa, mas aquele não era o clima adequado para um vestido de lã. Na verdade, pen-

sou, atordoada de calor, quase nada do que estava empacotado nos baús era adequado àquele clima. O suor perlava-lhe o rosto, corria-lhe do cabelo enfiado numa boina do mesmo padrão do vestido, pelo pescoço abaixo, e ensopava a roupa interior de algodão e o xadrez dos Drummond.

Afinal de contas, foi ela quem o reconheceu instantaneamente graças a Miss MacTavish. Estava a olhar para uma estreita vereda aberta entre a carga trazida para terra quando avistou um homem que caminhava como se fosse dono do mundo. Alto e um tanto delgado, envergava roupas estranhas para os seus olhos habituados a ver os homens com roupas de trabalho de flanela e bonés, ou no esplendor dos seus *kilts*, ou com fatos sóbrios sobre camisas engomadas e chapéus altos na cabeça. Ele vestia umas calças macias de uma pele cor de camurça, uma camisa sem goma, um lenço ao pescoço e um casaco da mesma pele das calças com tiras penduradas dos braços, das costuras e da bainha, e na cabeça trazia um chapéu mole castanho claro de copa baixa e aba larga. Por baixo do chapéu viu um rosto magro e muito bronzeado; tinha o cabelo preto salpicado de cinzento que caía, encaracolado, até aos ombros e a sua barba e bigode pretos, mais grisalhos do que o cabelo, tinham sido cuidadosamente aparados no mesmo estilo usado pelo Diabo.

Pôs-se de pé assim que ele reparou nela. Elizabeth? - perguntou, estendendo-lhe a mão.

Ela não lhe pegou. - *Sabe* que eu não sou a Jean? Por que haveria de pensar que és a Jean, quando é óbvio que não és?

Mas você... você escreveu a pedir a... a Jean - atrapalhou-se e não se atreveu a olhá-lo no rosto. E o teu pai escreveu-me a oferecer-te a ti no lugar dela. É irrelevante - disse Alexander Kinross virando-se para fazer sinal ao homem

que o seguia. - Põe os baús na carroça, Summers. Vou levá-la para o hotel numa carruagem de aluguer. - Depois disse a Elizabeth: - Ter-te-ia encontrado mais cedo se a minha dinamite não tivesse vindo, por coincidência, no mesmo navio. Tive de a ir levantar e pô-la a salvo primeiro, antes que algum patife empreendedor lhe pusesse as mãos em cima. Vem.

Com uma mão no seu cotovelo, conduziu-a pela vereda até àquilo que lhe pareceu ser uma rua extraordinariamente larga que, simultaneamente, era armazém e uma estrada, pejada de mercadorias e de homens que atacavam o pavimento de blocos de madeira com picaretas.

- Estão a construir um caminho-de-ferro nas docas - explicou Alexander Kinross enquanto a ajudava a subir para uma das várias carruagens

de aluguer livres. Depois, assim que se sentou a seu lado disse: - Estás com calor. Não é para admirar, com essas roupas.

Arranjando coragem, ela virou-se para lhe examinar o rosto com atenção. Miss MacTavish tivera razão: não era bonito, apesar de as suas feições serem bastante regulares. Talvez não fossem as feições dos Drummond ou dos Murray? Custava a crer que fosse seu primo direito. Mas o que gelava Elizabeth era a sua grande semelhança com o Diabo. Não era apenas a barba e o bigode: as suas sobrancelhas eram negras e marcadamente pontiagudas e os olhos, enterrados entre as pestanas pretas, eram tão escuros que não conseguia distinguir a pupila da íris.

Ele escrutinou-a também, mas com maior distanciamento. - Estava à espera que fosses como a Jean... loira - disse.

- Saí aos Escoceses Morenos Murray.

Ele sorriu; era, de facto, tal como Miss MacTavish dissera, um sorriso maravilhoso, mas não houve nenhuma parte da anatomia de Elizabeth que se sentisse desfalecer ao vê-lo. - Também eu, Elizabeth. - Estendeu a mão e pô-la sob o seu queixo para lhe expor o rosto à luz brilhante. - Mas tens uns olhos extraordinários - escuros, mas nem pretos nem castanhos. Azuis-escuros. Isso é bom! Quer dizer que existe a possibilidade de os nossos filhos parecerem mais escoceses do que nós.

O toque dele provocou-lhe desconforto, bem como a referência aos filhos; assim que sentiu que ele não se ofenderia, afastou-se dos seus dedos e olhou fixamente para a bolsa que tinha no colo.

O cavalo que puxava a carruagem arrastava-se pela colina acima, distanciando-se das docas e entrando numa cidade genuinamente grande que pareceu, aos olhos inexperientes de Elizabeth, tão movimentada como Edimburgo. Carruagens, pequenos carros puxados por um só cavalo, cabrioletos, carruagens de aluguer, carroças, carretas, carroções e transportes públicos puxados por cavalos atravancavam as ruas estreitas, ladeadas inicialmente por edifícios normais e depois por lojas de aspecto estranho devido aos toldos que chegavam quase ao lance dos passeios; os toldos ocultavam o recheio das montras dos olhos de qualquer pessoa que passasse pela estrada, uma frustração.

- Os toldos - disse ele parecendo ler-lhe os pensamentos, mais uma característica do Diabo - mantêm os clientes secos quando chove e refrescam-nos quando está sol.

Ao que Elizabeth não deu resposta.

Vinte minutos após ter saído das docas, a carruagem entrou numa rua mais larga que dava, no extremo oposto, para um parque enorme onde a relva parecia completamente seca. Carris paralelos corriam pelo meio da rua; ali, os transportes públicos puxados por cavalos moviam-se sobre os carris. O cocheiro parou na berma junto a um grande edifício de pedra amarela com colunas dóricas na entrada e um homem maravilhosamente fardado ajudou-a a descer da carruagem. A vénia que fez a Alexander foi deferente e a deferência aumentou depois de este lhe ter enfiado uma moeda de ouro na mão.

O hotel era incrivelmente luxuoso. Uma escadaria imponente, com carmins sumptuosos por todo o lado, enormes jarras com flores carmesim, brilhos dourados das molduras dos quadros, mesas e pedestais. Um lustre colossal em cristal resplandecia com a luz das velas. Homens de libré levaram os seus baús enquanto Alexander a conduzia, não à escadaria, mas àquilo que parecia ser uma enorme gaiola de pássaro em filigrana de cobre, onde outro homem de libré aguardava com a mão enluvada de branco a segurar a porta. Assim que ela própria, Alexander e o criado entraram, a gaiola estremeceu e sacudiu e começou a subir! Meio fascinada, meio aterrorizada, Elizabeth ficou a olhar para o átrio que se afastava, viu o pavimento de um dos andares e um átrio carmesim; gemendo e chiando, a gaiola de pássaros continuava a sua ascensão. Quatro, cinco, seis andares. Com um estremeção, deteve-se para os deixar sair. Nunca tinhas visto um elevador, Elizabeth? - perguntou Alexander com divertimento na voz. Elevador? Ou, na Califórnia, um ascensor. Funcionam de acordo com os

princípios da hidráulica - a pressão da água. Os elevadores são muito recentes. Este é o único em Sydney, mas em breve todos os edifícios comerciais se tornarão cada vez mais altos, pois os seus ocupantes não terão de subir centenas de escadas. Hospedo-me neste hotel por causa do elevador. Os melhores quartos ficam no andar de cima, onde o ar é fresco, a paisagem bonita e chega muito menos barulho. - Agarrou numa chave que usou para abrir a porta. - Esta é a tua suite, Elizabeth. Apareceu um relógio de ouro; consultou-o e apontou para o relógio de már

more que estava em cima da lareira de mármore. A criada não tarda está aí para te desfazer as malas. Tens até às oito horas para tomar banho, descansar e trocar de roupa para o jantar. Vestido de noite, por favor.

Depois do que desapareceu pelo corredor.

Agora sentia os joelhos fracos, mas não devido ao sorriso de Alexander Kinross. Que quarto sumptuoso! A decoração era em tons de verde--claro, a cama de dossel e uma área com uma mesa e cadeiras, bem como um objecto que parecia ser um cruzamento entre uma cama estreita e um sofá. Portas de batente davam para uma pequena varanda - oh, ele tinha razão! A vista era soberba! Nunca na sua vida tinha subido mais do que um lanço de escadas - se ao menos pudesse ter visto o Loch Leven e o Condado de Kinross de um local assim alto! Toda a área leste de Sydney se estendia sob os seus olhos: canhoneiras atracadas numa baía, muitas filas de casas, florestas nas colinas distantes, bem como as margens daquilo que parecia ser realmente, visto assim de cima, o maior porto do mundo. Mas, ar fresco? Não para o nariz sensível de Elizabeth, que continuava a sentir o fedor fétido.

A criada bateu à porta e entrou transportando um tabuleiro com chá, pequenas sanduíches e bolos.

- Mas tem de tomar banho primeiro, Miss Drummond. O mordomo do andar preparar-lhe-á o chá quando estiver pronta - disse aquela pessoa cheia de dignidade.

Elizabeth descobriu que havia uma casa de banho enorme por trás de uma porta ao lado da cama, bem como aquilo a que a criada chamou um quarto de vestir, cheio de espelhos, armários e cómodas.

Alexander devia ter explicado à criada que tudo aquilo era estranho para a sua noiva, pois a mulher, completamente inexpressiva, encarregou-se de tudo: mostrou-lhe como deveria descarregar o autoclismo, pôs a correr um banho para a banheira enorme e lavou-lhe os cabelos cheios de sal como se visse mulheres nuas todos os dias e não prestasse a mínima atenção ao facto.

«Alexander Kinross, pensou Elizabeth mais tarde, bebendo chá. As primeiras impressões podem ser enganadoras, influenciadas por acasos e bisbilhotices, ignorância e superstição. Era uma infelicidade para Alexander Kinross ser, por acaso, a imagem do desenho do busto do Diabo que o Dr. Murray tinha exposto deliberadamente na parede da sala de estudo bíblico das crianças. O seu objectivo era aterrorizar as crianças da sua congregação, no que fora bem sucedido: a boca fina com o meio sorriso, os horrendos poços negros que eram os seus olhos, a malevolência sugerida pelas linhas e sombras sagazmente desenhadas. A Alexander Kinross só faltavam os cornos.

RÍ-;,'::í

O bom senso dizia a Elizabeth que aquilo não passava de uma coincidência, mas era mais criança do que mulher. Sem qualquer responsabilidade da sua parte, Alexander Kinross entrou na vida de Elizabeth em grande desvantagem e ela não gostou dele. A própria ideia de se casar com ele aterrorizava-a. Dentro de quanto tempo? Oh, Deus permitisse que não fosse imediatamente!

«Como poderei olhar para aqueles olhos diabólicos e dizer ao seu dono que ele não é o marido que eu escolheria? perguntou-se a si própria. A Mary disse-me o que devo esperar no leito do matrimónio, embora eu já soubesse que para as mulheres isso não é prazer nenhum. O Dr. Murray disse-me claramente, antes de eu partir, que a mulher que gosta do Acto é tão perdida como uma prostituta. Deus só concede prazer nisso aos maridos. As mulheres são a fonte do mal e da tentação e é, portanto, culpa das mulheres se os homens caírem em tentação carnal. Foi Eva quem seduziu Adão. Foi Eva quem entrou em conluio com a serpente que era o Diabo disfarçado. Portanto, o único prazer que é permitido às mulheres é o que lhe dão os seus filhos. A Mary disse-me que se uma mulher for sensata distingue aquilo que se passa no leito conjugal da pessoa do seu marido, que em tudo o resto é seu amigo. Mas eu não consigo imaginar Alexander como meu amigo! Ele assusta-me mais do que o Dr. Murray.

As armações, comentara Miss MacTavish, estavam fora de moda, mas as saias continuavam volumosas, fixas por camada após camada de saíotes. Os saíotes de Elizabeth eram especialmente deselegantes, feitos com algodão cru e sem qualquer enfeite. Só o vestido de noite propriamente dito fora feito por Miss MacTavish, mas mesmo esse, apercebeu-se Elizabeth enquanto a criada a ajudava a vesti-lo, era pouco impressionante.

Felizmente a luz do gás era fraca; Alexander olhou-a e acenou naquilo que pareceu ser aprovação. Ele vestia um fraque e uma camisa e gravata brancas, um fato masculino que ela vira apenas nas ilustrações das revistas. Em qualquer caso, o branco e o preto serviam apenas para sublinhar as suas características mefistofélicas, mas apoiou a mão no seu braço quando a conduziu para o elevador que aguardava.

Quando chegaram ao átrio, percebeu muito mais das limitações da Escócia rural e da Miss MacTavish; a visão das senhoras passeando pelos braços dos cavalheiros reduziu a nada o seu orgulho no vestido de tafetá azul-escuro. Elas tinham os braços e os ombros nus, com a separação entre ambos marcada por uma renda ou um enfeite de seda; as suas cinturas

eram finíssimas, as saias apanhadas atrás em grandes volumes, com folhos que caíam em cascata, varrendo o chão quando caminhavam; as luvas a condizer chegavam-lhes acima dos cotovelos, tinham o cabelo armado e apanhado ao alto e os peitos quase nus brilhavam de jóias.

Quando o par entrou na sala de jantar, esta ficou silenciosa. Todas as cabeças se viraram para o observar; os homens faziam graves acenos a Alexander e as mulheres derretiam-se. Depois, os murmúrios começaram. Um criado altivo conduziu-os a uma mesa onde já estavam sentadas outras duas pessoas, um homem idoso naquilo que aprenderia a chamar «traje de noite e uma mulher com cerca de quarenta anos cujo vestido e jóias eram soberbos. O homem levantou-se para lhe fazer uma vénia e a mulher continuou sentada, com um sorriso rígido numa cara totalmente inexpressiva. Elizabeth, estes são Charles Dewy e a esposa, Constance

- apresentou Alexander enquanto Elizabeth se sentava na cadeira que o criado segurava. Minha querida, é encantadora - cumprimentou Mr. Dewy. Encantadora - repetiu Mrs. Dewy. Charles e Constance serão as nossas testemunhas quando nos casarmos amanhã à tarde - anunciou Alexander enquanto abria a porta da cozinha. - Tens alguma preferência na comida, Elizabeth? Não, senhor - disse ela. Não, Alexander - corrigiu-a ele gentilmente. Não, Alexander. Visto que conheço demasiado bem até o tipo de comida que comias em casa, vamos manter as coisas simples. Hawkins - disse ao criado que pairava por ali -, um linguado *meunière*, um sorvete e carne assada. Bem passada para a Miss Drummond e mal passada para mim. A solha - disse Mrs. Dewy - não existe nestas águas. Contentá-mo-nos com linguado. Mas devia experimentar as ostras. São as melhores do mundo, atrevo-me a dizer. O que diabo estará Alexander a pensar para se casar com aquela criança? - perguntou Constance Dewy ao marido assim que o elevador os depositou no quinto piso.

Charles Dewy sorriu e ergueu as sobrancelhas. - Conheces o Alexander, minha querida. Resolve os seus problemas. Põe a Ruby no lugar e, ao mesmo tempo, arranja alguém suficientemente novo para moldar a

seu gosto. É solteiro há demasiado tempo. Se não constitui família em breve, não terá tempo para treinar os filhos na gestão de um império. Pobrezinha! O sotaque dela é tão cerrado que quase não percebi

uma palavra do que dizia. E aquele vestido horrível! Sim, é verdade que conheço o Alexander e ele gosta de mulheres opulentas e não de meninas deselegantes. Olha a Ruby. Já olhei, Constance, já olhei! Mas apenas com a luxúria do espectador, juro - disse Charles que tinha uma relação muito boa e bem-humorada com a mulher. - Contudo, a pequena Elizabeth seria uma verdadeira

beleza se a arranjassem, e tens alguma dúvida de que o Alexander tratará disso? Eu não tenho. Ela tem medo dele - afirmou Constance com grande certeza. Bem, isso já seria de esperar, não achas? Não existe nenhuma

rapariga de dezasseis anos nesta cidade iníqua que tenha sido mantida em metade do recato em que a Elizabeth, obviamente, foi. Razão pela qual ele a mandou chamar, tenho a certeza. Ele pode ser amante da Ruby e de uma dúzia de outras, mas é o tipo de homem que não se contentaria com menos do que uma inocência total da esposa. É o Escocês Presbiteriano que há nele, por mais que afirme que é ateu. Aquela igreja não evoluiu um centímetro desde John Knox.

Casaram-se segundo os ritos presbiterianos às cinco horas da tarde seguinte. Até mesmo Mrs. Dewy não teve qualquer crítica silenciosa a fazer ao vestido de noiva de Elizabeth, muito simples, com a gola subida, mangas compridas, ornamentado apenas por pequenos botões forrados da gola até à cintura. O cetim roçagava e o forro de algodão não se via e os sapatos brancos punham em evidência os tornozelos que Charles Dewy achou serem prometedores de pernas longas e bem feitas.

A noiva estava composta e o noivo imperturbável; fizeram os votos com vozes firmes. Quando foram declarados marido e mulher, Alexander levantou o véu de renda de Elizabeth e beijou-a. Apesar de o beijo ter parecido bastante inócuo aos olhos dos Dewy, Alexander sentiu-a estremecer e encolher-se ligeiramente. Mas o momento passou e, depois de receberem os parabéns calorosos dos Dewy no exterior da igreja, os recém-casados e as suas testemunhas separaram-se, pois os Dewy iam para casa num local chamado Dunleigh, enquanto que Mr. e Mrs. Kinross

iam para o hotel oara jantar.

Desta vez os outros comensais aplaudiram quando eles entraram, pois Elizabeth continuava com o vestido de noiva. Muito corada, manteve os olhos fixos na carpete. Na mesa deles havia flores brancas: crisântemos misturados com margaridas brancas; sentando-se, elogiou as flores para ter qualquer coisa para dizer, qualquer coisa que aliviasse o embaraço.

- Flores de Outono - disse-lhe Alexander. - As estações aqui estão invertidas. Anda, toma um copo de champanhe. Vais ter de aprender a gostar de vinho. Seja lá o que for que tenhas aprendido na Igreja Escocesa, até mesmo Jesus e as mulheres que o rodeavam bebiam vinho.

A aliança de casamento, de ouro e muito simples, parecia queimá-la, mas não tanto como o outro anel que tinha no mesmo dedo, um solitário com um diamante do tamanho de uma moeda pequena. Quando Alexander lho tinha oferecido, ao almoço, ela não soubera para onde olhar; a última coisa para onde ela queria olhar era para a caixinha que ele lhe estendia. Não gostas de diamantes? - perguntara ele. Oh, sim, sim! - conseguira ela dizer, muito corada. - Mas será decente? Dá tanto... *nas vistas*.

A testa dele enrugou-se quando franziu o cenho. - Um diamante é a tradição e o diamante da *minha* mulher tem de ser adequado à sua posição - dissera ele estendendo o braço para lhe agarrar na mão esquerda do outro lado da mesa e enfiando-lhe o anel no terceiro dedo. - Sei que tudo isto deve ser muito estranho para ti, Elizabeth mas, como minha mulher, tens de usar o melhor. Sempre. Vejo que o tio James não te deu mais do que uma pequena porção do dinheiro que lhe enviei, mas acho que já estava à espera disso. - Sorriu ironicamente. - É muito cuidadoso com os tostões, o tio James. Mas esses tempos acabaram - continuou, virando a mão dela entre as suas. - A partir de hoje serás a Mrs. Kinross.

Talvez a expressão nos olhos dela o tenha feito pensar, pois calou-se subitamente e levantou-se com uma falta de jeito pouco habitual. - Uma cigarrilha - disse dirigindo-se para a varanda. - Gosto de fumar uma cigarrilha depois de comer.

E o assunto ficara por ali; a vez seguinte que Elizabeth o viu foi na igreja.

Agora era mulher dele e tinha de conseguir comer uma refeição que não queria.

- Não tenho fome - murmurou.

- Pois, imagino que não. Hawkins, traz para a Mrs. Kinross um caldo de carne e um *soufflé* ligeiro mas saboroso.

O resto do tempo que passaram na sala de jantar ficou encerrado num qualquer armário mental que ela nunca mais conseguiu abrir; mais tarde, compreenderia que a sua confusão, a agitação e o alarme que a dominavam se deviam à rapidez dos acontecimentos e ao peso de tantas emoções desconhecidas. Não era a perspectiva da noite de núpcias que estava na base do seu estado de espírito, era a perspectiva do exílio perpétuo com um homem que não podia amar.

O Acto (como Mary lhe chamara) teria lugar na sua cama; assim que ela vestiu a camisa de noite e a criada se retirou, abriu-se uma porta do outro lado do quarto e o marido entrou vestindo um roupão de seda bordada.

- Já para a cama - disse, sorrindo, e depois fez a ronda dos candeeiros a gás apagando-os a todos.

Melhor, muito melhor! Não conseguiria vê-lo e, não o vendo, seria capaz de suportar o Acto sem se desgrçar.

Ele sentou-se de lado na beira da cama e virou-se sobre um joelho para a olhar; aparentemente, conseguia ver no escuro. Mas o desespero do seu ataque de nervos estava a acalmar; ele parecia tão relaxado, tão descontraído e tão calmo. Sabes o que tem de acontecer? - perguntou. Sim, Alexander. A princípio vai doer, mas depois espero que aprendas a gostar. Aquele malvado do Murray ainda é o pastor? Sim! - ofegou, horrorizada com aquela descrição do Dr. Murray. Como se o Dr. Murray é que fosse o Diabo! Muitas mais culpas pelo sofrimento humano poderiam ser-lhe imputadas do que a um milhar de decentes e honestos pagãos chineses.

Ouviu-se o restolhar da seda, sentiu o peso dele na cama e o movimento das cobertas enquanto ele deslizava para dentro da cama e a tomava nos braços. - Não estamos aqui juntos só para fazer filhos, Elizabeth. O que vamos fazer é santificado pelo casamento. É um acto de amor... de *amor*. Não meramente da carne, mas do espírito e da alma. Não há nada nisto de que não devas gostar.

Quando ela descobriu que ele estava nu, manteve as mãos o mais próximo de si própria que lhe era possível e quando ele tentou tirar-lhe

a camisa de noite, resistiu. Encolhendo os ombros, ele levantou a bainha e passou as mãos ásperas pelas suas pernas e flancos até sofrer a alteração que o levou a pôr-se sobre ela e a investir com força. A dor encheu-lhe os olhos de lágrimas, mas conhecera dores piores das pancadas da bengala do pai, das quedas e cortes profundos. E acabou rapidamente; ele comportou-se exactamente da forma que Mary descrevera - estremeceu, engoliu em seco audivelmente e retirou-se. Mas não da sua cama. Ficou ali mesmo até o Acto ter acontecido mais duas vezes. Não a beijara, mas quando se foi embora roçou-lhe os lábios com os seus.

- Boa noite, Elizabeth. Foi um bom começo.

Algo de reconfortante, pensou ela ensonada; não o *sentira* como o Diabo. Tinha um hálito e um odor corporal agradáveis. E se o Acto não era mais temível do que aquilo, sabia que sobreviveria - era até capaz de, eventualmente, acabar por gostar da vida que ele tencionava dar-lhe na Nova Gales do Sul.

Durante os dias seguintes ficou com ela, escolheu-lhe uma criada, supervisionou as modistas, as compras de meias e os sapateiros, comprou--lhe roupa interior tão adorável que lhe tirara a respiração, e perfumes e cremes para a pele, leques e bolsas e uma sombrinha para cada fato.

Embora ela percebesse que ele se considerava atencioso e bondoso, era ele quem tomava todas as decisões - qual das duas criadas de quem ela gostara ficaria com o lugar, o que ela usaria, que cores e que modelos, o perfume de que gostava, as jóias que fazia chover sobre ela. Autocráplaa era uma palavra que não conhecia, por isso usava a palavra que conhecia, «déspota. Bem, o pai e o Dr. Murray também eram déspotas. Embora o autoritarismo de Alexander fosse mais subtil, envolto no veludo dos elogios.

Ao pequeno-almoço da manhã seguinte à noite de núpcias surpreendentemente suportável, tentou saber mais sobre ele.

- Alexander, tudo o que sei de ti é que saíste de Kinross quando tinhas quinze anos, que eras aprendiz de caldeireiro em Glasgow, que o Dr. Mac-Gregor te achava muito inteligente e que fizeste uma pequena fortuna nas minas de ouro da Nova Gales do Sul. Deve haver muito mais para saber. Por favor, conta-me - pediu.

A gargalhada dele era atraente e parecia genuína. - Devia ter calculado que eles se calariam todos - disse com os olhos a brilhar. - Por exemplo, aposto que não te contaram que bati no velho Murray, pois não?

-Não! Oh, sim. Parti-lhe o queixo. Raramente senti tanto prazer. Ele tinha acabado de ficar com a paróquia do Robert MacGregor, que era um homem educado, culto e civilizado. Pode dizer-se que saí de Kinross por ser evidente que me seria impossível viver numa cidade de filisteus liderados por gente da laia do John Murray. Especialmente depois de teres partido o queixo ao Dr. Murray - disse ela sentindo uma satisfação secreta e culpada. Não podia, em definitivo, concordar com a opinião que Alexander tinha do Dr. Murray, mas começava a lembrar-se das numerosas vezes em que este a tinha feito sentir-se infeliz ou em que a humilhara. E isso resume mais ou menos tudo - disse ele encolhendo os ombros. - Passei algum tempo em Glasgow, embarquei para a América, da Califórnia vim para Sydney e fiz mais do que uma pequena fortuna nas minas de ouro. Vamos viver em Sydney? Nem pensar, Elizabeth. Tenho a minha própria cidade, Kinross, e vais viver na casa nova que construí para ti no cimo do Monte Kinross e fora das vistas de Apocalipse... a minha mina.

- Apocalipse? Que quer isso dizer? É uma palavra grega para acontecimentos assustadores e violentos do tipo do fim do mundo. Que nome seria melhor para algo de tão libertador e turbulento como uma mina de ouro? A tua cidade fica longe de Sydney?

-- Para a Austrália, a distância não é grande, mas fica bastante longe. A estrada de ferro, quero dizer, o caminho-de-ferro, deixar-nos-á a cento e sessenta quilómetros de Kinross. A partir daí viajaremos de carruagem.

- Kinross é suficientemente grande para ter uma igreja escocesa?

Ele ergueu o queixo fazendo com que a barba parecesse mais pontiaguda. - Tem uma igreja de Inglaterra, Elizabeth. Não admito pastores presbiterianos na *minha* cidade. Preferiria ter papistas ou anabaptistas.

Ela ficou com a boca seca e engoliu. - Porque é que usas essas roupas esquisitas? - perguntou-lhe para desviar a conversa daquele assunto delicado.

-Tornaram-se uma idiossincrasia. Quando as uso, toda a gente pensa que sou americano... vieram para cá milhares de americanos desde que se descobriu que havia ouro. Mas a verdadeira razão por que as uso é serem macias, flexíveis e confortáveis. Não me esfolam a pele e são

fáceis de lavar por serem de pele de camurça. Também são frescas. Apesar de parecerem americanas, mandei-as fazer na Pérsia. Também lá estiveste? Estive em todos os sítios onde esteve o meu famoso homónimo e noutros que ele nem sonhava que existiam. O teu homónimo famoso? Quem é?

- Alexandre... o *Grande* - acrescentou quando a expressão dela permaneceu indiferente. - Rei da Macedónia e de quase todo o mundo, na época. Há mais de mil anos. - Ocorreu-lhe qualquer coisa e inclinou-se para a frente. - Tu *sabes* ler e contar. Não sabes, Elizabeth? Sabes assinar o teu nome e mais nada? Leio muito bem - disse ela empertigada, sentindo-se ofendida -, embora não tenha lido livros de História. Aprendi a escrever, mas não tive oportunidade de praticar... o pai não comprava papel. Vou comprar-te um caderno, um livro com modelos de cartas que poderás usar até conseguires passar as ideias para o papel com facilidade e resmas do melhor papel. Canetas, tintas e cadernos de desenho, se quiseres. A maior parte das senhoras parece gostar de pintar com aguarelas. Não tive a educação de uma senhora - disse com a dignidade que lhe foi possível reunir.

Os olhos dele ficaram novamente brilhantes. - Sabes bordar?

- Sei *coser*, mas não bordar.

E como teria ele conseguido, pensou ela mais tarde nessa manhã, desviar tão rapidamente a conversa dele próprio? Penso que sou capaz de acabar por gostar do meu marido - confiou a Mrs. Augusta Halliday no fim da sua segunda semana em Sydney -, mas duvido muito que o venha a amar. Ainda está tudo muito no início - disse Mrs. Halliday descontrai-damente com os olhos fixos no rosto Elizabeth. Este tinha sofrido grandes alterações: a criança desaparecera. A farta cabeleira negra estava penteada à moda, o vestido de seda vermelho-ferrugem era de bom corte, as luvas da melhor pelica, o chapéu um sonho. Quem quer que tivesse forjado a nova imagem fora suficientemente sensato para não interferir com o seu rosto; ali estava uma jovem que não necessitava da ajuda de cosméticos e o sol de Sydney parecia não ser suficientemente poderoso para dar à sua pele extraordinariamente branca um brilho rosado ou bege.

Trazia umas pérolas magníficas ao pescoço e brincos de pérola nas orelhas e, quando tirou a luva da mão esquerda, os olhos de Mrs. Halliday abriram-se de espanto. Meu Deus! - exclamou. Oh, este malvado diamante - disse Elizabeth com um suspiro. - Detesto-o mesmo. Sabe que tive de mandar fazer as luvas de encomenda para caberem por cima do anel? E o Alexander insistiu para que o mesmo dedo da mão direita tivesse o mesmo tamanho, pelo que receio bem

que ele tencione dar-me outra pedra enorme. Deves ser uma santa - disse Mrs. Halliday secamente. Não conheço mais nenhuma mulher que não desfalecesse ao receber uma jóia com metade do esplendor do teu diamante. Gosto das minhas pérolas, Mrs. Halliday. Imagino que sim! As da Rainha Vitória não são melhores.

Mas depois de Elizabeth ter partido na caleche alta puxada por quatro cavalos iguais, Augusta Halliday sucumbiu a um pequeno ataque de choro. Pobre rapariga! Era um peixe fora de água. Coberta com todos os luxos, lançada para um mundo de riqueza e importância quando, por natureza, não era nem avara nem ambiciosa. Se tivesse permanecido no seu meio, na Escócia, teria sem dúvida continuado a tomar conta do pai e transformar-se-ia numa tia solteirona. E, no entanto, ter-se-ia sentido satisfeita com o seu destino, ainda que não idilicamente feliz. Bem, ao menos conseguia gostar de Alexander Kinross e isso já era alguma coisa. Intimamente, Mrs. Halliday concordava com Elizabeth: também não via como ela poderia vir a amar o marido. A distância entre os dois era demasiado grande, as suas personalidades demasiado diferentes. Custava a acreditar que fossem primos direitos.

Como é evidente, quando Elizabeth a veio visitar na sua caleche de quatro cavalos, já Mrs. Halliday conseguira descobrir muita coisa acerca de Alexander Kinross. O homem mais rico da colónia, pois ao contrário da maior parte dos homens que descobriam ouro nas minas, agarrara-se a cada grão que conseguira extrair do aluvião e depois cheirara o filão. Tinha o Governador num bolso e o sistema judicial no outro, pelo que enquanto alguns homens eram muito prejudicados por usurpadores, Alexander Kinross lidava com estes e outros inconvenientes de uma forma sumária. Mas, apesar de frequentar a sociedade quando estava em Sydney, não era um homem da sociedade. Tinha mais tendência para se confrontar com os homens importantes nos seus escritórios do que convidá-los

para jantares e festas; ocasionalmente, aceitava um convite para a Casa do Governador ou para Clovelly, na Watson Bay, mas nunca para um serão ou baile só para se divertir. A opinião generalizada era, portanto, que ele se importava com o poder e não com as opiniões favoráveis das pessoas.

Charles Dewy, acabou Elizabeth por descobrir, era sócio minoritário na Mina Apocalipse. Era o ocupador local... Controlava trezentos e vinte quilómetros quadrados de terra até à chegada do ouro disse Alexander. Ocupador? Chamava-se assim por ter ocupado Terras da Coroa até - dado que a posse é mesmo nove décimos por lei - acabar por ser praticamente seu proprietário. Mas uma Lei do Parlamento mudou o estado de coisas. Eu adocei-o oferecendo-lhe uma parte da Apocalipse e, daí em diante, tudo o que faço está certo.

Estavam a sair finalmente de Sydney, sem qualquer pena por parte da Mrs. Kinross, que possuía agora duas dúzias de baús grandes mas continuava a não ter uma criada pessoal. Depois de ter, aparentemente, feito algumas investigações sobre a cidade de Kinross e a sua localização, Miss Thomas despedira-se naquela manhã. A sua deserção não perturbou Elizabeth que preferia, sinceramente, cuidar de si própria. Não te rales - fora a reacção de Alexander àquela notícia. - Eu peço à Ruby que te arranje uma boa rapariga chinesa. E não comeces a dizer que preferes não ter criada! Depois de duas semanas a teres o cabelo arranjado já devias ter percebido que são precisas mãos para o fazer, mãos essas que não podem estar ligadas aos teus próprios braços. Ruby? É a tua governanta? - perguntou Elizabeth apercebendo-se de que ia para uma casa cheia de criados.

A pergunta fez com que Alexander risse até as lágrimas lhe correrem pelo rosto. - Ah... não - disse quando recuperou a fala. - A Ruby é, à falta de uma expressão melhor, uma instituição. Defini-la de forma menos grandiosa seria humilhá-la. Ruby é mestre na arte do comentário ácido e do comentário cáustico. É Cleópatra... mas é também Aspásia, Medusa, Josefina e Catarina de Médicis.

Oh! Mas Elizabeth não teve oportunidade de continuar aquela conversa, pois tinham chegado à estação de caminho-de-ferro de Redfern, uma área desolada de barracas e carris entrelaçados.

- As plataformas aqui estão em bastante mau estado porque passam o tempo a falar em construir uma estação apalaçada ao cimo da George Street... mas não passa disso: conversa - explicou Alexander enquanto a ajudava a descer da caleche.

Devido ao enjoo provocado pela travessia de barco, não sentira qualquer curiosidade quando embarcara no comboio para Londres em Edimburgo, mas naquele dia olhou para o comboio para Bowenfels com espanto e admiração. Uma locomotiva envolta em vapor, montada sobre uma combinação de rodas pequenas e grandes, com as maiores unidas por bielas, arfava como um gigantesco cão zangado, com o fumo saindo em farrapos pela chaminé. A máquina infernal estava ligada a um depósito de ferro cheio de carvão, a que se seguiam oito carruagens - seis de segunda classe e duas de primeira classe - com um vagão (termo usado por Alexander) à retaguarda para o transporte das bagagens mais volumosas, das mercadorias e do revisor.

- Sei que a parte de trás do comboio balança mais do que a parte da frente, mas não consigo deixar de me debruçar da janela para ver a locomotiva em funcionamento - disse Alexander fazendo-a entrar naquilo

que parecia uma sala de visitas confortável e felpuda. - É por isso que põem a carruagem da primeira classe atrás de todas as outras. Na realidade, este é o compartimento privado do Governador, mas ele não se importa que eu o use quando preciso... *pago-lhe* para o usar.

Às sete em ponto, o comboio para Bowenfels saiu do cais de embarque com Elizabeth colada à janela. Sim, Sydney era grande; passaram-se quinze minutos até as casas começarem a ser mais dispersas, quinze minutos percorridos barulhentamente a grande velocidade. Depois disso passavam ocasionalmente por uma estação que marcava a existência de uma pequena cidade: Strathfield, Rose Hill, Parramatta. A que velocidade é que vamos? - perguntou, gostando da sensação de velocidade e do balanço do comboio. A oitenta quilómetros por hora, embora a máquina possa atingir os noventa e seis quilómetros por hora se abastecerem bem a caldeira. Este é o comboio semanal directo - não tem paragens até Bowenfels - e é muito leve comparado com os comboios de mercadorias. Mas a velocidade diminui para vinte e oito ou trinta e dois quilómetros por hora quando começarmos a subir e, nalguns locais, torna-se ainda mais lento, pelo que a viagem leva nove horas.

O que é que transporta um comboio de mercadorias?

O TOQUE DE MIDAS 43 À ida para Sydney leva trigo e produtos agrícolas e querosene vindo das pedreiras de xisto em Hartley. Para Bowenfels, transporta materiais de construção, mercadorias para as lojas da província, equipamento mineiro, mobílias, jornais, livros, revistas. Gado reprodutor da melhor qualidade, cavalos e ovelhas. Até mesmo homens que vão para o Ocidente, para as prospecções, ou que procuram trabalho nas terras. Não cobram bilhete. Mas nunca - disse enfaticamente - dinamite. Dinamite?

Os olhos dele desviaram-se do seu rosto animado para várias dúzias de grandes caixas de madeira empilhadas do chão até ao tecto a um dos cantos, cada uma delas marcada com uma caveira e tíbias cruzadas.

- A dinamite - explicou ele - é a nova forma de rebentar com as rochas. Nunca sai da minha vista porque é tão rara que é quase tão valiosa como o ouro. Mandeir vir este fornecimento da Suécia via Londres. Veio contigo no *Aurora*. Os rebentamentos - continuou - costumavam ser uma tarefa arriscada e imprevisível. Eram feitos com pólvora negra: aquilo que conheces como a pólvora usada nas armas. Era muito difícil prever as fracturas que a pólvora provocaria numa rocha e em que direcção seria exercida a força da explosão. Sei disso muito bem, pois era eu quem trabalhava com a pólvora numa dúzia de sítios diferentes. Mas, recentemente,

houve um sueco que teve uma ideia brilhante que permitiu controlar a nitroglicerina que, em si própria, é tão instável que explode ao mínimo abanão. O sueco misturou a nitroglicerina com uma base inerte, a areia de quartzo, e depois enfiou tudo numa embalagem de papel com a forma de uma vela romba. Não explode até ser detonada por um fulminante de mercúrio enfiado numa das pontas da vela. O homem dos explosivos ata uma mecha comprida ao detonador e produz uma explosão muito mais segura e controlada. No entanto, se tiveres um dínamo, podes produzir a explosão fazendo passar corrente eléctrica por um arame comprido. Fá-lo-ei em breve.

A expressão dela fez com que desse uma gargalhada; naquela manhã estava a divertir-se muito com ela. - Percebeste uma única palavra do que te disse, Elizabeth?

- Várias - disse ela e sorriu-lhe.

Ele susteve a respiração de forma audível. - Esse foi o primeiro sorriso que me dirigiste - disse.

Ela sentiu-se corar e olhou pela janela.

- Vou para a plataforma ter com os mecânicos - disse ele abruptamente. Abriu a porta da frente e saiu.

O comboio atravessou uma ponte sobre um rio largo antes de ele voltar; na sua frente erguia-se agora uma barreira de altas colinas.

- Aquele era o rio Naepean - disse -, pelo que chegou a altura de abrir a janela. O comboio vai ter de subir um declive tão íngreme que tem de andar para a frente e para trás em ziguezague. Em muito menos do que um quilómetro e meio em linha recta, subiremos trezentos metros: três metros por cada noventa percorridos.

Mesmo àquela velocidade reduzida, abrir a janela era ruinoso para as roupas; grandes partículas de fuligem entravam pela janela e aterravam em toda a parte. Mas era fascinante, especialmente quando os carris curvavam e ela conseguia avistar a locomotiva a esforçar-se, com o fumo negro a sair-lhe da chaminé em grandes vagas, as bielas ligadas às rodas fazendo-as mover-se. Ocasionalmente, as rodas escorregavam nos carris, perdendo a tracção num acesso de baforadas sincopadas e, no fim do primeiro ziguezague, o comboio atacava a encosta seguinte às arrecuas, com o vagão na frente e a locomotiva na retaguarda.

- O número de inversões de marcha faz com que seja a locomotiva a ficar na frente lá em cima - explicou-lhe ele. - O ziguezague foi uma ideia muito inteligente que permitiu ao Governo construir finalmente um caminho-de-ferro atravessando as Montanhas Azuis que não são montanhas nenhuma. Estamos a subir àquilo a que se chama o planalto de vales

encaixados. Do outro lado descemos outra vez em ziguezague. Se estas fossem verdadeiras montanhas, poderíamos viajar pelos vales e atravessar as quedas de água através de um túnel - um exercício muito mais simples que teria aberto as terras férteis do Oeste há décadas. Mas a Nova Gales do Sul não oferece nada facilmente e o mesmo acontece nas outras colónias na Austrália. Por isso, quando as Montanhas Azuis foram finalmente conquistadas, os homens que tinham descoberto a forma de o conseguir tiveram de abandonar todas as suas teorias de base europeia.

Portanto, estava ela a pensar, «descobri uma das chaves da mente do meu marido - e do seu espírito, se não mesmo da sua alma. Ele está fascinado por tudo o que é mecânico, pelos motores e invenções e, por muito pouco informada que seja a sua audiência, ele continua a falar e a ensinar.

A paisagem era espectacularmente agreste. As montanhas desciam muitas centenas de metros em precipícios dramáticos, despenhando-se em vales majestosos repletos de densas florestas de um verde acinzentado que, à distância, se tornava azul. Das árvores que conhecera na sua terra - pinheiros, faias, carvalhos - não havia nenhuma, mas aquelas árvores

estranhas tinham uma beleza própria. Isto é mais grandioso do que a minha terra, pensou, nem que seja por ser tão ilimitado. Não viu quaisquer sinais de presença humana, a não ser umas quantas aldeias muito pequenas junto à linha de caminho-de-ferro, a que se associava habitualmente uma estalagem ou mansão.

- Só os nativos conseguem viver ali em baixo - disse Alexander quando uma grande clareira lhes ofereceu uma visão especialmente maravilhosa de um grande desfiladeiro ladeado por penhascos perpendiculares cor-de-laranja. - Passaremos em breve por uma ramal chamado Os Esma gadores - é uma série de pedreiras - e no vale que lhe fica por trás há uma valioso veio de carvão. Andam a falar em explorá-lo, mas penso que o custo de trazer o carvão para cima, a uma altura de vários milhares de metros, tornará o preço proibitivo. Embora o envio para Sydney fique mais barato que o do carvão de Lithgow, içá-lo pelo zigzague de Clarence é muito difícil.

Subitamente fez um gesto majestoso com a mão, abarcando o mundo. - Elizabeth, *olhai* O que vês é a geologia da terra em toda a sua glória. Os penhascos são constituídos por arenitos do início do Triássico apoiados em camadas de carvão Pérmico, sob as quais jazem os granitos, xistos e pedras calcárias dos períodos Devónico e Silúrico. Os próprios cumes de algumas das montanhas para norte são uma fina camada de basalto saído de um qualquer vulcão enorme - o creme do Terciário sobre o bolo Triássico que agora já sofreu uma erosão quase completa. Maravilhoso!

«Oh, conseguir sentir um tal entusiasmo relativamente a tudo! Como poderei *eu* ter uma vida que me permita saber uma pequena fracção daquilo que ele sabe? Nasci para ser ignorante, disse a si própria.

Às quatro da tarde o comboio chegou a Bowenfels - a composição não ia mais para ocidente apesar de a cidade mais importante ser Bathurst, que ficava a setenta quilómetros dali. Após uma visita urgente à casa de banho da estação, Elizabeth foi enfiada numa carruagem por um Alexander impaciente.

- Quero chegar a Bathurst hoje à noite - explicou-lhe.

Às oito tinham chegado ao hotel em Bathurst, Elizabeth atordoada de fadiga; mas na madrugada seguinte Alexander enfiou-a novamente na carruagem, insistindo que a caravana tinha de se pôr em movimento. Oh, mais um dia de viagem infundável! A sua carruagem ia à frente, Alexander montava uma égua e seis carroças puxadas por cavalos de

carga transportavam os seus baús, mercadorias trazidas do depósito ferroviário de Rydal e as preciosas caixas de dinamite. A caravana, disse-lhe Alexander, servia para dissuadir os bandidos do mato. Bandidos do mato? - teve de perguntar. Salteadores. Agora já não há muitos porque têm sido perseguidos impiedosamente. Esta região era dominada por Ben Hall - era um salteador muito famoso. Já morreu, como a maior parte deles.

Os penhascos tinham sido substituídos por montanhas com formas mais tradicionais, não muito diferentes das que havia na Escócia, pois muitas não tinham quaisquer árvores; ali, no entanto, não crescia urze que desse algum colorido ao Outono e a pouca erva que crescia era fina, em tufos, de um castanho prateado. O caminho esburacado e cheio de sulcos serpenteava sem destino por entre grandes penedos, riachos e barrancos aparecidos do nada. Continuamente sacudida e abanada, Elizabeth rezava para que Kinross, o que quer que fosse, aparecesse rapidamente.

O que não aconteceu até quase ao pôr do Sol, quando o caminho emergiu de uma floresta para terreno aberto e se transformou numa estrada de macadame ladeada por barracas e tendas. Se tudo o que vira até ali fora imensamente estranho, deixava de o ser quando comparado com Kinross, que a sua imaginação concebera como Kinross, Escócia. Oh, não era nada disso! As barracas e tendas transformaram-se em casas mais substanciais de madeira ou taipa com telhados de chapas de metal ou daquilo que pareciam ser cascas de árvores cosidas umas às outras. As habitações ocupavam ambos os lados da rua, mas umas quantas veredas perpendiculares à rua principal revelavam torres de madeira, escoras, barracas, uma paisagem bizarra cujo objectivo ela não conseguia imaginar. Era feio, feio, feio!

As casas deram lugar a edifícios comerciais e a lojas, todas elas equipadas com toldos suportados por postes de madeira; não havia dois toldos iguais, não estavam ligados entre si e a sua montagem não obedecera a qualquer preocupação com a simetria, a ordem ou a beleza. As tabuletas toscamente pintadas à mão anunciavam uma lavandaria, uma pensão, um restaurante, um bar, uma tabacaria, um sapateiro, um barbeiro, um armazém, um consultório médico, uma loja de ferragens.

Havia dois edifícios em tijolo vermelho, um deles uma igreja com campanário e tudo, o outro um prédio de dois andares com a varanda do piso superior ricamente adornada com o mesmo tipo de ferro forjado que Elizabeth vira em toda a parte em Sydney; o telheiro abaulado era de metal ondulado suportado por dois pilares de ferro e também género-

samente enfeitado com aplicações de ferro forjado. Um letreiro de letras elegantes anunciava o HOTEL KINROSS.

Não se via uma única árvore onde quer que fosse, pelo que até mesmo o sol de fim de tarde se abatia sobre tudo como um martelo e transformava o cabelo da mulher que estava junto ao hotel numa mancha de fogo. Atraída pela postura marcial e o ar robusto e invencível que a mulher transmitia, Elizabeth esticou o pescoço para a observar enquanto pôde. Uma figura impressionante. Tal como a Britannia das moedas ou a Boa-diceia das ilustrações. Dirigiu aquilo que pareceu ser uma continência jocosa a Alexander, que cavalgava ao lado da carruagem, e depois virou--se para olhar na direcção oposta à da caravana. Foi só nessa altura que Elizabeth reparou que a mulher tinha uma cigarrilha na mão e que deitava fumo pelas narinas como um dragão.

Havia muita gente na rua, os homens pobremente vestidos com jardineiras e camisas de flanela, com chapéus moles e de abas largas na cabeça, as mulheres com vestidos de algodão muito usados, com modelos de há trinta anos, e grandes chapéus de palha na cabeça. E muitas eram inconfundivelmente chinesas: com tranças longas caídas pelas costas, pitorescos sapatinhos brancos e pretos, chapéus semelhantes a rodas de carroças cónicas; homens e mulheres usavam calças e casacos idênticos, pretos ou azuis.

A caravana entrou numa área confusa, cheia de maquinaria, chaminés fumegantes, barracas de chapa ondulada e gruas de madeira, depois deteve-se na base de um penhasco que ascendia, suavemente, a pelo menos trezentos metros. Ali havia, na verdade, carris que subiam até desaparecerem de vista entre árvores que lhes davam as boas-vindas.

- Fim da viagem, Elizabeth - disse Alexander tirando-a da carruagem. - O Summers vai descer o elevador dentro de instantes.

E pelos carris abaixo lá apareceu o elevador, descendo firmemente, uma estrutura de madeira não muito diferente de um transporte público descapotável sobre carris, pois continha quatro filas de assentos simples em madeira com seis lugares por fila, bem como uma plataforma com uma vedação alta para a carga. Mas os assentos estavam construídos num ângulo incrível, pelo que o passageiro ao sentar-se ficava inclinado para trás. Depois de ter fechado a sua fila de assentos com uma barra, Alexander deslizou para o lado de Elizabeth e pôs-lhe as mãos no varão com firmeza.

Agarra-te e não tenhas medo disse. Não vais cair, garanto-te.

O ar ressoava com sons: o ruído dos motores, um rugido constante e irritante, gemidos metálicos, as batidas ritmadas de correias rotativas, grunhidos, gemidos e uivos. De lá de cima veio um ruído diferente, o de um único motor a vapor. O carro de madeira começou a mover-se sobre o terreno plano na direcção do local onde os carris começavam a subir, deu um solavanco e iniciou a ascensão da encosta incrivelmente íngreme. Como que por magia, Elizabeth passou de uma posição quase deitada para a posição de sentada; com o coração na boca, olhou para baixo, para a cidade de Kinross que se estendia a seus pés, com uma visão cada vez mais abrangente até que a luz que enfraquecia transformou os seus arredores inóspitos em sombras impenetráveis. Não queria a minha mulher ali em baixo - disse ele -, razão pela qual construí a minha casa no topo da montanha. À parte um caminho de cabras, este elevador é a única forma de subir e descer. Vira a cabeça e olha para cima... estás a ver? O carro está a ser puxado por um pesado cabo metálico que é enrolado ou desenrolado por um motor. Por que razão - conseguiu ela dizer - é que o carro é tão grande? Os mineiros também o usam. As cabeças dos guindastes da Apocalipse - aquelas gruas com guinchos - estão no socalco largo por que passámos ainda agora. É mais fácil para os homens virem por aqui do que passarem pelo túnel lá ao fundo, devido às grandes placas de minério e à proximidade das locomotivas no exterior. Descem em gaiolas até ao fundo da galeria da mina e trazem-nos para cima novamente no fim do turno.

Ficou mais fresco quando chegaram ao arvoredor e ela calculou que isso se devia tanto à altitude como à protecção dos ramos.

- A Casa Kinross fica trezentos metros acima do nível do mar - disse-lhe com o misterioso hábito de lhe ler a mente. - No Verão é agradavelmente fresca e no Inverno é muito mais quente.

O carro chegou finalmente a terreno plano, empurrando-os para trás e detendo-se. Elizabeth saiu do carro antes que Alexander a pudesse ajudar, maravilhada com a rapidez com que a noite caía na Nova Gales do Sul. Não havia ali os longos crepúsculos escoceses nem as horas mágicas de brilho suave.

Uma sebe erguia-se de um dos lados do carro; quando a contornou, deteve-se subitamente. O marido construía uma verdadeira mansão naquele fim do mundo, com aquilo que lhe pareceu ser pedra calcária. Com três andares, o edifício tinha grandes janelas georgianas, um alpendre

com colunas no cimo de uma grande escadaria e o ar de estar ali havia quinhentos anos. Ao fundo da escadaria havia um relvado; tinha sido feito um grande esforço para criar um jardim inglês, com sebes aparadas, canteiros de rosas e até mesmo a imitação de um templo grego. A porta estava aberta e saía luz de todas as janelas.

- Bem-vinda a casa, Elizabeth. - Alexander Kinross pegou-lhe na mão e conduziu-a pelas escadas até ao interior da casa.

Era tudo da melhor qualidade, trazido para ali, dizia-lhe a sua perspicácia escocesa, a um custo astronómico. As carpetes, as mobílias, os lustres, os ornamentos, os quadros, os cortinados. *Tudo*, incluindo, tanto quanto ela sabia, a própria casa. Apenas o ligeiro odor a querosene deixava perceber que a casa se situava numa cidade iluminada a gás.

Descobriu que o omnipresente Summers era o homem para toda a obra de Alexander e a sua mulher a governanta da casa; uma organização que parecia dar a Alexander um estranho prazer.

- Com sua licença, minha Senhora, gostaria de se refrescar depois da viagem? - perguntou Mrs. Summers e levou Elizabeth até a uma casa de banho devidamente equipada com um autoclismo.

Nunca se sentira tão grata relativamente a nada como àquele convite. Tal como todas as mulheres cuidadosamente educadas da sua época, passava por vezes muitas horas sem ter oportunidade de esvaziar a bexiga, pelo que não se atrevia a beber mais do que um pequeno gole de água antes de uma saída fosse ela de que tipo fosse. O que levava à desidratação, concentrava a urina na bexiga e provocava pedras renais; a hidropisia era uma grande assassina de mulheres.

Após várias chávenas de chá, algumas sanduíches e uma fatia de delicioso bolo com sementes, Elizabeth foi para a cama tão cansada que não conseguia lembrar-se de nada a não ser dos últimos degraus das escadas. Se não gostares dos teus aposentos, Elizabeth, diz-me, por favor,

quais preferes - disse Alexander ao pequeno-almoço tomado na sala mais bonita que Elizabeth alguma vez vira; as paredes e o tecto eram constituídas por vidraças unidas por um delicado trabalho de ferro forjado pintado de branco e, no interior, havia uma selva de palmeiras e fetos. Gosto muito dos meus aposentos, mas não tanto como gosto desta sala. Esta é a estufa. Chama-se assim porque nos climas mais frios impede a morte das plantas vulneráveis ao frio.

Ele envergava as suas peles, como Elizabeth as **baptizara em segredo**, e pusera o chapéu em cima de uma cadeira vazia.

- Vais sair? Estamos em casa, pelo que de agora em diante não me verás muito antes do fim da tarde. A Mrs. Summers vai mostrar-te a casa e tens de me dizer aquilo de que não gostares. A casa é muito mais tua do que minha... és tu quem aqui vai passar mais tempo. Suponho que não sabes tocar piano? Não. Não tínhamos dinheiro para um piano. Então vou arranjar quem te ensine. A música é uma das minhas paixões, pelo que terás que aprender a tocar bem. Sabes cantar? Não desafino. Bem, até que te consiga arranjar um professor de piano terás de passar o tempo a ler livros e a praticar a escrita. - Inclinou-se para a beijar ao de leve, pôs o chapéu na cabeça e desapareceu, gritando pela sua sombra, Summers.

Mrs. Summers apareceu para conduzir a Senhora numa visita à casa que não se revelou surpreendente até terem chegado à biblioteca. Todas as divisões eram sumptuosas, ao estilo do hotel de Sydney, imitando até mesmo a forma da escadaria principal, uma obra esplêndida. Na grande sala de desenho havia uma harpa, bem como um enorme piano de cauda.

- Trouxe o afinador de Sydney depois de o piano ter sido posto no lugar... e é um grande empecilho, pois não me deixam movê-lo um centímetro para limpar por baixo dos pés - disse Mrs. Summers descontente.

A biblioteca era, definitivamente, o covil de Alexander, pois não tinha o aspecto artificial das outras divisões. A sala enorme estava repleta de estantes em carvalho escuro, cadeiras confortáveis de couro verde e o papel de parede, as cortinas e a carpete eram no xadrez do clã Murray. Mas porquê Murray? Por que não o xadrez do seu próprio clã, os Drummond? O padrão dos Drummond era de um vermelho quente atravessado por múltiplas linhas verdes e azuis-escuras - um padrão muito bonito. Enquanto que o xadrez dos Murray era de quadrados mais largos, com um verde baço em fundo atravessado por linhas finas em vermelho e azul-escuro. Não lhe passara despercebido que os gostos do marido tendiam para o esplendor, qual seria então a razão daquele discreto xadrez Murray?

- Quinze mil livros - informou Mrs. Summers com admiração na voz. - Mr. Kinross tem livros sobre todos os assuntos. - Fungou. - Só não tem uma Bíblia. Diz que é um disparate. Um homem sem Deus... sem

Deus! Mas o Mr. Summers tem estado sempre com ele desde um navio qualquer onde viajaram juntos e nem quer ouvir falar em ir-se embora. E eu acho que acabarei por me habituar a ser governanta da casa. A casa só ficou acabada há dois meses. Até essa altura eu só tratava da casa do Mr. Summers. A senhora e Mr. Summers têm filhos? - perguntou Elizabeth. Não - respondeu Mrs. Summers bruscamente. Endireitou-se e ali

sou o avental branco impecavelmente engomado. - Espero, minha Senhora,

que me ache satisfatória. Estou certa que sim - disse Elizabeth calorosamente, dirigindo-

-lhe um grande sorriso. - Se tratava da casa do Mr. Summers, onde vivia o Mr. Kinross antes de esta casa ser construída?

Mrs. Summers pestanejou e o seu olhar adquiriu um brilho matreiro. - No Hotel Kinross, minha Senhora. Um estabelecimento muito confortável. Ele é então o dono do Hotel Kinross? Não foi a resposta sucinta de Mrs. Summers; por muito que Elizabeth insistisse, recusou-se a dar mais informações sobre aquele assunto.

Os outros criados, descobriu a senhora da Casa Kinross quando a visita guiada passou pela cozinha, despensa, adega e lavandaria, eram todos chineses, homens. Que acenavam com a cabeça, sorriam e faziam vénias à sua passagem. *Homens?* - guinchou ela, horrorizada. - Quer dizer que serão *homens* a limpar o meu quarto, a lavar e passar as minhas roupas? Nesse caso, tratarei eu própria da minha roupa interior, Mrs. Summers. Não é preciso fazer uma tempestade num copo de água, minha Senhora - disse Mrs. Summers, imperturbável. - Esses pagãos dos chinocas lavam roupa para viver, desde sempre. Mr. Kinross diz que eles lavam muito bem por estarem acostumados a lavar as sedas. Não interessa que sejam homens... não são homens *brancos*. Não passam de chinocas pagãos.

A criada pessoal de Elizabeth chegou logo após o almoço, uma pagã chinoca que, aos olhos de Elizabeth, era extraordinariamente bela. Frágil e esbelta, com uma boca semelhante a uma flor em botão. Embora Elizabeth nunca tivesse visto chineses até àquele dia, havia algo na rapariga

que lhe dizia que tinha sangue europeu bem como chinês. Os seus olhos eram amendoados, mas grandes e com pálpebras bem definidas. Vestia calças e casaco de seda preta e tinha a cabeleira negra e espessa penteada na tradicional trança.

...

-Tenho muito prazer em aqui estar, minha Senhora. Chamo-me Jade -disse com as mãos juntas e sorrindo timidamente. Não tens sotaque - notou Elizabeth que durante os últimos meses ouvira muitos sotaques diferentes sem nunca se aperceber que o seu próprio sotaque escocês era de tal forma cerrado que muitos dos seus interlocutores não percebiam o que dizia. Jade falava com o sotaque das colónias: um traço do Cockney da parte leste de Londres, misturado com o sotaque do Norte de Inglaterra, com o da Irlanda e algo de mais especificamente local do que qualquer uma dessas componentes. O meu pai veio da China há vinte e três anos e juntou-se com a minha mãe, que era irlandesa. Nasci nas minas de Ballarat, minha Senhora.

Temos seguido o ouro desde essa altura. Mas desde que o papá encontrou a Miss Ruby, os nossos dias de vida errante terminaram. A minha mãe fugiu com um soldado de Vitória quando a Peony' nasceu. O papá diz que o sangue chama o sangue. Penso que ela estava farta de ter filhas. Somos sete raparigas.

Elizabeth tentou encontrar algo de reconfortante para dizer. - Não vou ser uma patroa difícil, Jade, prometo.

- Oh, pode ser tão difícil como desejar, Miss Lizzy - disse Jade alegremente. - Eu era a criada de Miss Ruby e não há ninguém tão difícil como ela.

Então a tal Ruby era uma mulher dura. - Quem é agora a criada dela?

- A minha irmã, Pearl². E se a Miss Ruby se farta dela, ainda há a Jasmine³, a Peony, a Silken Flower⁴ e a Peach Blossom⁵.

Depois de ter feito algumas perguntas a Mrs. Summers, descobriu que Jade iria dormir numa barraca no quintal. Isso não serve - disse Elizabeth com firmeza, surpreendida com a sua própria temeridade. - A Jade é uma bela rapariga e tem de ser protegida. Pode ficar no alojamento da preceptora até ao dia em que eu precise dos serviços de uma preceptora. Os chineses vivem em barracas no

quintal? Vivem na cidade - respondeu Mrs. Summers com rigidez.

Peónia. (N. da T.) Pérola. (N. da T) Jasmim. (N. da T) Flor de Seda. (N. da T) Flor de Pêssego. (N. da T)

O TOQUE DE MIDAS 53 Vêm da cidade no elevador? Creio que não, minha Senhora! Vêm pelo caminho de cabras. Mr. Kinross apercebe-se da forma como a senhora gere as coisas, Mrs. Summers? Isso não é da conta dele... *Eu sou* a governanta! Eles são chinocas pagãos, roubam o trabalho aos homens brancos!

Elizabeth riu-se desdenhosamente. - Nunca conheci um homem branco, por mais pobre ou indigente, que estivesse disposto a sujar as mãos na roupa suja das outras pessoas para ganhar a vida. O seu sotaque é colonial, pelo que deduzo que nasceu e cresceu na Nova Gales do Sul, mas aviso-a, Mrs. Summers, de que não permitirei que as pessoas de outras raças sejam tratadas com preconceito nesta casa.

- Ela fez queixas de mim a Mr. Kinross - disse Mrs. Summers, zangada, ao marido -, e ele deu-me um grande ralhete! A Jade vai dormir no quarto da preceptora e os chinocas vêm no elevador! Uma desgraça!

- Às vezes, Maggie, és muito estúpida - admoestou Summers.

Mrs. Summers fungou. - São todos um bando de ateus e Mr. Kinross é o pior de todos! Metido com aquela mulher e casou-se com uma rapariga com idade para ser filha dele!

- Cala a boca, mulher! - ralhou Summers.

De início, Elizabeth teve dificuldade em preencher o tempo; na sequência da discussão com Mrs. Summers, a mulher desagradava-lhe tanto que evitava vê-la.

A biblioteca, apesar dos seus quinze mil livros, não era grande consolo: estava carregada de livros sobre assuntos que não lhe interessavam,

da geologia e engenharia ao ouro, prata, ferro, aço. Havia prateleiras carregadas com os relatórios de inúmeras comissões, encadernados a couro,

mais prateleiras carregadas com as leis da Nova Gales do Sul encadernadas a couro e ainda mais prateleiras cheias de algo que se regozijava

com o título de *As Leis de Inglaterra de Halsbury*. Não havia romances de nenhum tipo. Todas as obras sobre Alexandre, o Grande, Júlio César e os outros homens famosos que ele mencionava de tempos a tempos eram em Grego, Latim, Italiano ou Francês - como Alexander devia ser culto! Mas encontrou uma antologia simples de antigos mitos, o *Declínio e Queda do Império Romano* de Gibbon e as obras completas de Shakespeare. Os mitos eram uma delícia, os outros livros difíceis de ler. i ,

Alexander ordenara-lhe que não fosse ao serviço religioso de St. Andrew (a igreja de culto anglicano em tijolo vermelho com o campanário) antes de ali residir há algum tempo e parecia achar que a cidade de Kinross não continha quaisquer habitantes com quem ela se pudesse dar. Começou a suspeitar de que ele queria isolá-la das pessoas normais e que estava condenada a viver solitariamente na montanha. Como se fosse um segredo.

Mas como não a proibira de passear, Elizabeth passeava, de início limitando-se aos belos jardins e depois aventurando-se mais longe. Descobriu o caminho de cabras e percorreu-o até ao soco onde emergiam as gruas da mina, mas não descobriu nenhum local de onde pudesse observar a actividade lá em baixo sem ser vista. Depois começou a penetrar nos mistérios da floresta, descobrindo um mundo encantado de fetos rendilhados, pequenos vales cobertos de musgo, árvores enormes com troncos avermelhados, rosados, cremes, de um azul esbranquiçado e de todos os tons de castanho. Pássaros lindíssimos voavam em bandos, papagaios de todas as cores do arco-íris, um pássaro esquivo cujo canto soava como os sinos das fadas e outros pássaros que cantavam mais melodiosamente que o rouxinol. Suspendendo a respiração, viu pequenos cangurus saltarem de rocha em rocha - um álbum ilustrado que se animava.

Finalmente, caminhou o suficiente para ouvir o rugido da água e encontrou uma corrente forte de águas claras que se despenhava, em rendas de espuma, por uma encosta monstruosa, até à selva de madeira e ferro da cidade de Kinross, no sopé. A transformação era dramática, horrenda; aquilo que no topo da montanha era o paraíso, transformava-se no sopé da montanha numa confusão horrível de montes de escória, detritos, buracos, amontoados de coisas e trincheiras. E o rio lá em baixo estava imundo.

P I

- Encontrei as cascatas - disse a voz de Alexander.

Ela susteve a respiração e girou sobre si própria. - Assustaste-me! Não tanto como uma cobra te poderia assustar. Tem cuidado, Eliza

beth. Há cobras por toda a parte, algumas capazes de te matar. Sim, sei que há. A Jade avisou-me e disse-me como deveria afugentá-las... batemos o pé com força no chão. Desde que as vejas a tempo. - Foi pôr-se ao lado dela. - Ali em

baixo está a prova do que os homens são capazes de fazer para porem as

mãos no ouro - disse. - Aquela é a mina original. Há dois anos que não

dá nada. E, sim, sou pessoalmente responsável por uma grande parte

desta confusão. Estive aqui seis meses antes de se ter espalhado a notícia

de que encontrara minério neste pequeno afluente do rio Abercrombie. - Pôs-lhe a mão por baixo do cotovelo e levou-a dali. -Anda, quero que conheças a tua professora de piano. E lamento continuou enquanto regressavam pelo caminho que ela tomara - não me ter lembrado de comprar o tipo de livros que deveria ter calculado serem da tua preferência. Um erro que estou a envidar esforços para rectificar.Tenho de aprender a tocar piano? - perguntou ela.Se me quiseres agradar, sim. *Queres* *agradar-me?* Quererei? perguntou-se ela. «Mal o vejo a não ser na cama, ele nem se dá ao trabalho de jantar em casa. - Evidentemente - respondeu.

Miss Theodora Jenkins tinha uma coisa em comum com Jade: ambas tinham seguido o ouro de um lado para o outro na companhia dos seus pais. Tom Jenkins morrera devido a uma doença de fígado provocada pelo abuso do álcool ao chegar a Sofala, uma cidade aurífera no rio Turon, deixando a sua filha tímida e desengraçada sem um tecto nem meios para se sustentar. De início, ela arranjava trabalho numa pensão, servindo às mesas, lavando pratos e fazendo camas; isso garantia-lhe um tecto e alimentação, ainda que não lhe rendesse mais de *sei?*, *pence* de salário. Como a sua educação fora religiosa, a igreja tornara-se um grande conforto, ainda mais depois de o pastor ter descoberto que ela tocava muito bem órgão. Quando o ouro de Sofala se esgotou, mudou-se para Bathurst, onde Constance Dewy vira o seu anúncio no *Bathurst Free Press* e a levava para Dunleigh, a herdade dos Dewy, para ensinar piano às filhas.

Quando a última das raparigas Dewy foi para o colégio interno em Sydney, Miss Jenkins voltou ao trabalho duro e enfadonho de ensinar piano e consertar roupas em Bathurst. Depois, Alexander Kinross oferecera-lhe uma casinha em Kinross e um salário decente para que desse aulas diárias de piano à esposa. Imensamente grata, Miss Jenkins aceitou imediatamente.

Ainda não tinha trinta anos, mas parecia ter quarenta, ainda mais por ter os cabelos de uma cor indefinida e a sua pele, continuamente submetida à exposição solar, estar curtida numa rede de rugas finas. Herdara os dotes musicais da mãe, que a ensinara a ler música e tentara encontrar um piano que Theodora pudesse tocar em todas as minas onde estivessem a viver.

A mamã morreu no dia seguinte ao da nossa chegada a Sofala - disse Miss Jenkins -, e o papá seguiu-a um ano mais tarde.

Aquele tipo de existência nómada fascinava Elizabeth, que nunca se afastara de casa mais do que sete quilómetros até Alexander a ter mandado chamar. Como era difícil para as mulheres! E como estava pateticamente satisfeita Miss Jenkins com a oportunidade que Alexander lhe oferecera!

Nessa noite, na cama, virou-se por iniciativa própria para o marido e pousou-lhe a cabeça no ombro. Obrigada disse muito baixinho e beijou-o no pescoço. Pelo quê? perguntou ele. Por seres tão bondoso com a pobre Miss Jenkins. Vou aprender a tocar bem piano, prometo. É o mínimo que posso fazer. Há outra coisa que podes fazer por mim. O quê? Tirares a camisa de dormir. A pele deve estar em contacto com a pele.

Surpreendida, Elizabeth acedeu. O Acto tornara-se demasiado familiar para lhe provocar embaraço ou desconforto, mas ter a pele dele na sua não tornava a coisa mais agradável para ela. Para ele, contudo, aquela noite assinalava claramente uma vitória.

Oh, mas aprender a tocar piano era difícil! Embora não fosse totalmente destituída de jeito, Elizabeth não provinha de um ambiente musical. Para ela, era começar tudo do início, até mesmo em questões básicas como as várias formas musicais, o vocabulário próprio, a estrutura. Dias e dias passados a tropeçar para cima e para baixo nas escalas. Estaria alguma vez pronta para tocar uma melodia?

Sim, mas primeiro os seus dedos têm de se tornar mais flexíveis e a sua mão esquerda tem que se habituar a fazer movimentos diferentes dos da direita. O seus ouvidos têm de aprender a distinguir o som exacto de cada nota - disse Theodora. - Agora mais uma vez, querida Elizabeth. Está a fazer progressos, sinceramente.

Tinham deixado os formalismos e passado a tratar-se pelo primeiro nome na primeira semana e tinham estabelecido uma rotina que contribuía em muito para aliviar a solidão de Elizabeth. Theodora subia no elevador todas as manhãs às dez horas em todos os dias de semana; trabalhavam na teoria musical até à hora do almoço, que comiam na estufa, e depois passavam para o piano, para as escalas intermináveis. Às três

horas, Theodora entrava novamente no elevador para descer para Kinross. Por vezes passeavam nos jardins e certa vez percorreram o caminho de cabras até Theodora conseguir mostrar a Elizabeth a casinha onde vivia; estava enfeitiçada por ela, muito orgulhosa.

Mas não convidara Elizabeth para a visitar e Elizabeth sabia que não devia pedir para o fazer. Alexander fora muito firme nesse ponto; a mulher não deveria ir a Kinross por nenhuma razão.

Quando a menstruação de Elizabeth não veio no segundo mês consecutivo, teve a certeza de que concebera. Mas não sabia como dar a notícia a Alexander. O problema era que continuava a não o *conhecer* verdadeiramente e não lhe parecia que fosse o tipo de pessoa que ela quisesse conhecer. Por mais que tentasse racionalizar os seus temores, ele continuava a pairar no seu espírito como uma remota figura autoritária, imensamente ocupada - nem sequer sabia que conversas devia ter com ele! Como poderia então dar-lhe aquela notícia que a enchia de uma alegria secreta que nada tinha a ver com o Acto ou com Alexander? Por muitas voltas que desse, não conseguia encontrar as palavras.

Dois meses após ter chegado à Casa Kinross tocou-lhe o *Fúr Elise*: excepcionalmente, ele viera jantar a casa. O seu desempenho encantou-o, pois ela aguardara sensatamente até os seus dedos conseguirem tocar as teclas sem cometer qualquer erro. Maravilhoso! gritou ele, arrancou-a do banquinho e sentou-se num cadeirão com ela ao colo. Primeiro mordiscou os lábios e depois pigarreou. - Tenho uma pergunta para te fazer. Sim? disse ela, esperando que ele perguntasse sobre as lições de piano. Passaram-se dois meses e meio desde o nosso casamento, mas não ficaste menstruada. Estás à espera de bebé, minha querida?

Agarrou-se a ele e susteve a respiração. Oh! Oh! Sim, estou à espera de bebé, Alexander, mas não sabia como te dizer.

Ele beijou-a suavemente. Elizabeth, amo-te.

Se aquele momento tivesse continuado, com Elizabeth aninhada no seu colo e a ternura correndo nele seriam as suas palavras apenas o reflexo do prazer de saber da vinda do bebé e da doçura do facto de aquela rapariga, ela própria quase uma criança ainda, estar pronta para maiores intimidades, quem sabe o que poderia ter acontecido a Elizabeth e Alexander?

Mas, subitamente, ele levantou-a e pôs-se de pé na frente dela, com uma expressão sombria e um olhar zangado que ela pensou ser a prova de que, de alguma forma, lhe desagradara. Elizabeth começou a tremer e a tentar soltar-se das mãos dele que apertavam convulsivamente as suas.

- Dado que esperas um filho meu, chegou a altura de te falar de mim - disse numa voz dura. Eu não sou um Drummond... Não, fica quieta, *calada* Deixa-me falar! Não sou teu primo direito, Elizabeth, sou só um primo afastado do lado dos Murray. A minha mãe era uma Murray, mas não faço ideia de quem foi o meu pai. Duncan Drummond sabia que a minha mãe andara com outro homem pela mais simples das razões: ela recusara-se a dormir com ele durante mais de um ano e, no entanto, ficara grávida de uma criança que ele não gerara. Quando a interrogou, ela recusou-se a dizer quem era o homem, disse apenas que se apaixonara e que não conseguia suportar ter intimidades com Duncan a quem nunca amara. Morreu ao dar-me à luz e levou o seu segredo para o túmulo. Duncan era demasiado orgulhoso para dizer que eu não era filho dele.

Ela escutava-o, dividida entre o alívio de ele não estar zangado consigo e o horror da história que ele lhe contava, mas, principalmente, interrogava-se por que razão ele destruía um momento maravilhoso em que se sentira envolvida e envolvente. Alguém mais velho, mais maduro, poderia ter perguntado por que razão aquelas novidades não podiam esperar mais um dia, mas Elizabeth só sabia que o diabo que havia nele era mais forte do que o amante. O bebé *dela* era menos importante do que a sua ilegitimidade secreta.

Mas tinha de dizer alguma coisa. - Oh, Alexander! A pobre mulher! Onde estava o homem, para a deixar morrer assim? Não sei, apesar de me ter feito essa pergunta muitas vezes - disse ele numa voz ainda mais dura. - Só posso pensar que ele se preocupava mais em salvar a sua própria pele do que com a minha mãe ou comigo. Talvez tivesse morrido - disse ela tentando ajudar. Não me parece. Seja como for - continuou -, passei a minha infância a sofrer às mãos do homem que eu pensava ser meu pai, perguntando-me por que razão nunca conseguiria agradar-lhe. Tinha em mim um traço de teimosia que não me deixava acobardar nem suplicar, por mais que Duncan me espancasse ou por muito fortes que fossem as pancadas, ou por mais horríveis que fossem as tarefas que me dava. Eu odiava-o,

«E esse ódio ainda te governa, Alexander Kinross, pensou ela. - Como é que descobriste? - perguntou-lhe, sentindo o coração acalmar-se um pouco no peito. Quando Murray chegou para assumir a paróquia, Duncan encontrou uma alma gémea. Ficaram muito amigos desde o dia da chegada de Murray e a história da minha concepção deve ter sido contada quase imediatamente. Bem, eu estava habituado a viver metade do tempo na residência paroquial, a estudar com o Dr. MacGregor - o Duncan não contrariaria o seu pastor - e fui suficientemente ingénuo para pensar que o Murray continuaria a ensinar-me. Mas o Murray expulsou-me, disse-me que se certificaria de que eu nunca chegaria à universidade. Vi tudo vermelho e bati-lhe. Parti-lhe o queixo, e tudo isso, mas ele conseguiu cuspir que eu era um bastardo e que a minha mãe era uma vulgar prostituta e que acabaria no inferno devido ao que eu e a minha mãe tínhamos feito ao Duncan. Uma história terrível - disse ela. - E então fugiste, segundo me disseram. Nessa mesma noite.

- A tua irmã era bondosa contigo? A Winifred? À sua maneira, sim, mas ela era cinco anos mais velha do que eu e já estava casada quando a verdade se soube. Duvido que ela alguma vez tenha sabido. - Soltou-lhe as mãos. - Mas *tu* sabes, Elizabeth. Pois sei - disse ela lentamente. - Pois sei. Senti que havia qual quer coisa de errado desde o momento em que te vi - não agias como nenhum dos Drummond que conheci. - Sorriu, um sorriso vindo de um reservatório de força e independência que ela não soubera possuir. - Na verdade, lembravas-me o Diabo, com essa barba e essas sobranceiras. Fiquei absolutamente aterrorizada contigo.

Aquilo provocou uma gargalhada e uma expressão de espanto. - Então a barba vai desaparecer imediatamente, embora não possa fazer grande coisa relativamente às sobranceiras. Ao menos não pode haver quaisquer dúvidas relativamente à identidade do pai desta criança.

- Absolutamente nenhuma, Alexander. Vim para ti intocada.

Em resposta, ele agarrou-lhe na mão direita e beijou-a antes de se virar e sair da sala. Quando foi para a cama, ele não estava lá nem apareceu nessa noite. Elizabeth ficou acordada, a chorar, na escuridão. Quanto mais sabia do seu marido menos acreditava que alguma vez o pudesse amar. O passado dele governava-o, não o seu futuro.

NAS PISADAS DE ALEXANDRE, O GRANDE

QUANDO ALEXANDER FUGIU DE CASA, na noite do seu décimo quinto aniversário, não levou nada consigo excepto um pão e um pedaço de queijo. As únicas roupas decentes que possuía eram as que usava para ir à igreja, todas as outras estavam demasiado rasgadas e esfarrapadas para que valesse a pena levá-las. Apesar de não ter uma constituição muito robusta, a vida a que o seu pai o forçara dotara-o de uma força superior ao habitual, pelo que correu a galope durante as horas de escuridão sem precisar de parar para recuperar o fôlego. Outros rapazes de Kinross tinham fugido ocasionalmente, mas eram sempre encontrados a dois ou três quilómetros de casa; Alexander achava que, no seu íntimo, eles não estavam decididos a fugir. Já ele estava absolutamente decidido e quando se deteve de madrugada para beber num ribeiro, já estava a vinte e oito quilómetros de Kinross. O que é que aquele lugar tinha para lhe oferecer se não pudesse sair dali para ir para a universidade em Edimburgo? Passar a vida a trabalhar numa fiação de tecidos escoceses era pior do que uma pena de morte.

Levou uma semana para chegar aos subúrbios de Glasgow - não suportou ir para Edimburgo, - onde esperava encontrar um trabalho qualquer. Rachara lenha e limpava jardins em troca de comida durante a viagem, mas essas eram coisas que conseguiria fazer a dormir. O que Alexander queria era uma oportunidade para trabalhar em qualquer coisa que pudesse aprender, algo que requeresse inteligência para além de força bruta. E encontrou o que procurava assim que chegou a Glasgow, a terceira metrópole das Ilhas Britânicas.

A coisa estava colocada num pátio forçando o ar a entrar numa fundição, a chaminé soltando fumo e o bojo envolto em vapor branco. Uma

máquina a vapor! Havia duas máquinas a vapor nas moagens de farinha em Kinross, mas Alexander nunca lhes pusera a vista em cima - nem nunca poria, se tivesse ficado em Kinross. O domínio dos ofícios estava dividido entre as famílias locais e Duncan e James Drummond pertenciam às tecelagens, o que significava que os seus filhos também pertenciam.

«Enquanto que eu, pensou Alexander, «seguirei as pisadas do meu homónimo, o *Grande*, investindo por territórios completamente desconhecidos.

Mesmo aos quinze anos, já tinha o seu encanto. Até àquele momento, este nunca fora dirigido a ninguém, com excepção do defunto Robert MacGregor, mas quando entrou na fundição encontrou um novo alvo - e não era a figura engordurada que enfiava carvão para as entranhas flamejantes e horripelantemente quentes da caldeira. Um homem mais bem vestido andava por ali, com um pano numa mão e uma chave inglesa na outra, mas sem fazer nada. Senhor, desculpe - dirigiu-se Alexander a sorrir ao homem ocioso. Sim? O que é que fabricam aqui?

«Por que será, pensou o homem mais tarde, que eu não lhe assentei a bota no traseiro e não o mandei a voar para a rua? Mas naquela altura ergueu as sobranceiras e retribuiu o sorriso. - Caldeiras e máquinas a vapor, rapazinho. Não há caldeiras e máquinas a vapor que cheguem, não há que cheguem.

- Obrigado - disse Alexander e passou por ele entrando na cacofonia da fundição.

A um canto daquele inferno havia umas escadas de madeira que subiam na direcção de um compartimento envidraçado de onde tudo o que se passava lá em baixo ficava ao alcance do olhar. O covil do capataz. Alexander subiu os degraus de quatro em quatro e bateu à porta.

- O que é? - perguntou o homem de meia-idade .que a abriu.

Era obviamente o capataz, pois usava calças passadas a ferro e uma camisa branca engomada, com as mangas arregaçadas e sem colarinho - bem, este ficaria mole com aquele calor e quem é que se importava com isso?

- Quero aprender a construir caldeiras, senhor. Depois, assim que souber construir caldeiras, quero aprender a construir máquinas a vapor. Posso viver num buraco e passar sem casa de banho, por isso não preciso de um grande salário - disse Alexander sorrindo novamente.

Um xelim por dia, o que dá um *penny* por hora e pastilhas de sal grátis. Como é que te chamas, rapazinho?

Alexander, quase disse Drummond, mas mudou de ideias numa fracção de segundo. Kinross.Kinross? Como a cidade?Sim, como a cidade.Faz-nos falta um aprendiz e prefiro ficar com um que tenha vindo

pedir trabalho do que ter um trazido pelo pai. Chamo-me Mr. Connell e não hesites em fazer perguntas. Se não souberes como se faz, não o faças até teres perguntado. Quando é que podes começar, rapazinho?Agora disse Alexander, mas não se mexeu. Tenho uma pergunta, Mr. Connell.

Sim?Para que servem as pastilhas de sal?Para engolir. Um homem a trabalhar aqui transpira litros. Tomar sal significa que não terás câibras.

O novo aprendiz não só aprendia depressa como tinha a felicidade de ter jeito para que os outros homens gostassem dele, apesar da sua excelência evidente, sendo a excelência uma qualidade que tendia a irritar os outros trabalhadores menos inteligentes ou menos diligentes. Talvez não vissem nele qualquer perigo, dado que não fazia segredo do seu desejo de se ir embora assim que aprendesse tudo o que havia para aprender na Lanark Steam. O seu alojamento ficava a um canto do pátio adjacente à máquina a vapor que produzia ar comprimido; ficava abrigado dos elementos por uma chapa de ferro e era razoavelmente quente desde que mantivesse a caldeira acesa durante a noite - um favor que Mr. Connell achava valer o alojamento.

Nesse ano de 1858, quando Alexander chegou, Glasgow era uma cidade horrenda; tinha a taxa de mortalidade mais elevada da Grã-Bretanha - e a mais alta taxa de criminalidade - pois o grosso dos seus habitantes acumulava-se em bairros degradados sem água, sem esgotos e sem luz, que formavam um labirinto tortuoso em que nenhum polícia ou funcionário se atrevia a entrar. Os notáveis da cidade falavam em demolições maciças mas, tal como na maior parte dos locais, a conversa não se aliava à acção. Era apenas uma forma de apaziguar o número crescente de gente abastada que começava a desenvolver uma consciência social. As indústrias do carvão e do ferro eram da maior importância devido à proximidade



de Glasgow das fontes de abastecimento dessas matérias-primas, o que significava que uma mortalha sufocante de fumo poluente cobria toda a cidade, agravada pela florescente indústria química que se especializava em substâncias capazes de corroer o mais robusto dos pulmões.

Não era local onde Alexander se quisesse demorar. Sabia no entanto que teria de ficar ali até poder pagar o bilhete e conseguir boas referências, um atestado escrito em como era versado em caldeiras e máquinas a vapor.

Depois de ter conseguido aprovação na parte inferior da fundição e ter passado à construção das máquinas propriamente ditas, o seu cérebro activo concebia várias formas de melhorar o produto. Como era evidente, sabia que, sendo aprendiz, as suas ideias eram propriedade de Mr. Connell, que patenteou uma série de invenções suas. No sentido estrito, aquilo significava que Mr. Connell não tinha a obrigação de dar a Alexander nem sequer uma ínfima parte dos seus lucros, mas ele era um homem justo para a sua época; de vez em quando, entregava àquele rapaz maravilhosamente dotado dez soberanos de ouro como forma de agradecimento. Esperava também que quando Alexander terminasse a aprendizagem pudesse ser persuadido a ficar; as suas invenções tinham feito com que a Lanark Steam passasse muito à frente da concorrência. Para além disso, o salário de Alexander passou de um xelim por doze horas diárias de trabalho para cinco xelins no segundo ano e uma libra no terceiro. Mr. Connell *precisava* dele.

Mas Alexander não tinha intenções de ficar. Quase tudo o que ganhava ia parar ao seu esconderijo secreto por trás de um tijolo semelhante a todos os outros no muro do pátio. Não confiava nos bancos, especialmente nos bancos de Glasgow. Mil oitocentos e cinquenta e sete testemunhara o colapso do Western Bank, com consequências terríveis para a indústria, comércio e as poupanças das pessoas comuns.

Continuava a viver no seu canto, comprava as roupas em segunda mão e uma vez por mês apanhava o comboio caledónio para o campo, para lavar a roupa e a si próprio num discreto ribeiro de águas limpas. A comida representava a sua maior despesa: estava a crescer tão depressa que a barriga gemia continuamente com fome. O sexo não entrara na sua vida porque estava sempre demasiado cansado para o procurar.

Chegou o dia em que recebeu o seu pedaço de papel das mãos de Mr. Connell que lhe implorou em vão que ficasse. O papel dizia que ele tivera uma aprendizagem de três anos com resultados satisfatórios; que

sabia soldar, estanhar, manobrar um martelo a vapor e um engenho circulante, dobrar canos e chapas metálicas e, se necessário, construir uma máquina a vapor a partir das suas componentes; que compreendia os princípios, teorias e a mecânica dos engenhos a vapor e que tinha talento para a hidráulica.

O facto de os seus conhecimentos irem muito além dos de qualquer outra pessoa na Lanark Steam, incluindo Mr. Connell, devia-se aos seus estudos na biblioteca da Universidade de Glasgow aos domingos; uma ocupação de tempo muito mais útil, tinha a certeza, do que frequentar a igreja. O acesso à biblioteca era absolutamente proibido a toda a gente com excepção dos membros da universidade mas, sem desanimar, Alexander sacara um cartão de acesso a um estudante que, por ser um grande bebedor, nunca o usava.

Com o compartimento secreto por baixo do fundo falso da caixa das ferramentas cheio de moedas de ouro, Alexander caminhou através de Cumberland na direcção de Liverpool como se transportasse uma pena. Durante aqueles poucos dias suaves maravilhou-se com a extraordinária beleza e paz do mais belo de todos os condados ingleses e depois entrou na segunda maior cidade da Grã-Bretanha, quase tão suja como Glasgow e ligeiramente mais salubre.

Não que tencionasse ficar em Liverpool. Alexander procurava um navio com destino à Califórnia e às minas de ouro e encontrou, atracado, o *Quinnipiac*. Era um navio do tipo mais recente, um veleiro de madeira de três mastros, com uma máquina a vapor que impulsionava uma hélice e não uma roda. O seu proprietário e capitão, natural de Connecticut, ficou contente por poder contar com os préstimos de um rapaz que conhecia verdadeiramente as máquinas a vapor navais, como provara ao engenheiro do *Quinnipiac* quando este o fizera passar um rigoroso exame na casa das máquinas. Nenhum ianque confiava num pedaço de papel.

A carga do *Quinnipiac* era mista - equipamento de mineração como estampadores de baterias e enormes retortas de ferro cuja utilidade Alexander não conseguia sequer imaginar, máquinas a vapor, esmagadores de pedra - mas transportava também aplicações em latão, cutelaria de Sheffield, *whisky* escocês, pó de caril.

- É por causa da Guerra Civil - explicou-lhe o engenheiro. - Todo o ferro e aço existente na União é usado no fabrico de armas e outro material de guerra, por isso os californianos têm de comprar à Inglaterra tudo o que precisam. ,

- Iremos a Nova Iorque? - perguntou Alexander, morto por conhecer essa cidade fabulosa de esperanças e sonhos.

-Não, vamos a Filadélfia, mas só para carregar mais carvão. Só usamos as velas quando é necessário... o vapor é mais rápido e mais directo, não temos que virar de bordo para apanhar o vento nem temos de batalhar com correntes adversas.

Quando o *Quinnipiac* saiu do Mar Irlandês e entrou no Oceano Atlântico, Alexander percebeu a razão de o capitão ter ficado tão satisfeito por ter um segundo engenheiro competente; o Velho Harry, como era universalmente conhecido, sucumbiu a um tremendo enjoo, tentando desempenhar as suas tarefas agarrado a um balde para onde vomitava. Acaba por passar ofegou o Velho Harry -, mas é um raio de uma

chatice. Vai para o teu beliche, velho burro rabugento - ordenou-lhe Alexander. Eu cá me arranjo.

Mas, tendo descoberto que convencer uma besta de metal a dar o seu melhor num mar agitado era uma tarefa a tempo inteiro para dois homens, Alexander sentiu-se aliviado quando o Velho Harry reapareceu dois dias mais tarde, aparentemente recuperado da má disposição. Os grandes rolamentos na extremidade das bielas que ligavam às hastes das manivelas

tinham tendência a aquecer devido à qualidade do lubrificante - o que não era responsabilidade do Velho Harry mas um problema de todos os óleos disponíveis. A caldeira tinha o hábito de acumular demasiada pressão e um dos dois fogueiros, tendo deitado a mão ao *whisky* escocês,

embebido-se quase até à morte. O que deu a Alexander a sua primeira impressão relativamente aos Americanos: não tinham a mesma consciência de classe que os Ingleses ou os Escoceses. Apesar de ser engenheiro-

-chefe, o Velho Harry fez alegremente o seu turno a atirar carvão para a caldeira e o mesmo fizeram, depois de o segundo fogueiro ter caído misteriosamente borda fora após ter ganho um jogo de cartas acrimonioso,

os três oficiais do *Quinnipiac*. Nenhum engenheiro ou oficial naval escocês ou inglês ter-se-ia alguma vez rebaixado a fazer trabalho manual, en

quanto que aqueles homens pragmáticos preferiam carregar carvão do que ordenar à tripulação que o fizesse; a tripulação era composta por marinheiros genuínos que se sentiam ressentidos pelo desaparecimento iminente da sua profissão devido a uma coisa resfolegante e perigosa enfiada nas entranhas do navio.

Atracaram em Delaware doze dias após a partida de Liverpool, mas Alexander não chegou a desembarcar para visitar Filadélfia. Encarregado de supervisionar o carregamento do carvão, passou o tempo a vigiar os estivadores a despejar sacos de carvão para o depósito do navio enquanto o Velho Harry e os oficiais mais graduados iam comer uns caranguejos quaisquer de que muito gostavam.

Avançando para Sul com muito melhor tempo e águas calmas, o navio ligeiro queimava menos carvão do que o Velho Harry antecipara, pois apanhara bons ventos favoráveis que lhe enfunavam as velas, aumentando assim a potência dos motores; já saíra de Florianópolis, no Sul do Brasil, quando tiveram que fechar a caldeira.

Para sua grande surpresa, Alexander descobriu que a América do Sul era rica em carvão e em todo o género de riquezas minerais. Por que será que nós, na Inglaterra, pensamos que todas as matérias-primas da indústria se limitam à Europa e à América do Norte?

Um navio a vapor movido a roda rebocou o *Quinnipiac* para o interior de uma baía plácida, na fronteira do Uruguai, chamada Lagoa dos Patos e, em Porto Alegre, o navio recebeu uma carga completa de carvão.

O carvão costumava ser húmido e gasoso, porque os filões melhores ficam no interior - disse o Velho Harry -, mas uma empresa inglesa qualquer ficou com a concessão do minério e agora transporta-o por caminho-de-ferro.

A passagem do Cabo Horn, contudo, foi feita à vela - foi uma experiência extraordinária! Mares montanhosos, ventos uivantes; tudo o que Alexander lera sobre o Cabo Horn era verdade.

A caldeira não voltou a ser carregada até o *Quinnipiac* ter saído de Valparaíso naquilo que para ele era Chili e que os locais chamavam Chile. O carvão chileno é o último que iremos receber - disse o Velho Harry com tristeza. - Mesmo quando chegarmos à Califórnia, não teremos carvão decente - só lenhite carregada de água e um carvão betuminoso de má qualidade, cheio de enxofre - não presta para máquinas a vapor navais, morríamos com os gases. Teríamos de ir até à Ilha de Vancouver para carregar o melhor que mesmo assim seria de má qualidade, por isso voltamos pelo Pacífico Ocidental à vela até Valparaíso. Pergunto-me por que será que estas máquinas a vapor estão construídas para queimar madeira - disse Alexander. O que não falta é madeira, Alexander! Milhares de quilómetros quadrados dela. Os olhos cinzentos e inteligentes do Velho Harry estreitaram-se.

brilharam. Estás a planear fazer uma fortuna nas minas de ouro, hem? Estou. O aluvião já desapareceu. Agora é uma indústria. Eu sei. É por isso que acho que um engenheiro de máquinas a vapor tem hipóteses de se safar bem.

São Francisco quadruplicara a sua população desde as corridas ao ouro de 1848 e 1849 e exibia todas as características desse enorme influxo ocorrido num breve período de tempo. Barracas e casebres abundavam na sua periferia, há muito deserta. No centro da cidade era mais fácil ver o poder do ouro, pois a cidade tinha algumas pretensões de beleza arquitectónica. Muitos daqueles que tinham corrido para Leste tinham acabado por se instalar ali com ocupações muito mais prosaicas do que a prospecção de ouro, mas, com a eclosão da guerra entre o Norte e o Sul dos dois lados das Montanhas Rochosas, um certo número regressara ao Leste para combater.

Sim, ele era tão cuidadoso como o seu tio James, no que se referia aos tostões, mas Alexander sabia que o melhor sítio para encontrar um par de indivíduos com vontade de procurar ouro era num bar, portanto foi para aí que se dirigiu. Não era nada semelhante a um bar de Glasgow! Não serviam comida, as criadas de mesa tinham um aspecto ordinário e as bebidas dos clientes eram servidas em copos pequenos. Pediu uma cerveja.

- És muito giro - disse a criada de mesa empinando os seios. - Queres levar-me para casa quando esta espelunca fechar?

Ele examinou-a com os olhos semicerrados e depois abanou a cabeça enfaticamente. - Não, obrigado, minha senhora - respondeu.

Ela eriçou-se de indignação. - Que se passa, Senhor Sotaque Esquisito? Não sou suficientemente boa?

- Não, minha senhora, não é suficientemente boa. Não tenho qual quer desejo de contrair sífilis. E a senhora tem uma úlcera de sífilis no lábio.

Quando lhe trouxe a cerveja bateu com a caneca na mesa, entornando-a, empinou o nariz e afastou-se. Atitude observada por dois homens sentados num canto escuro.

Alexander agarrou na cerveja e dirigiu-se a eles; a febre do ouro estava estampada no seus rostos. - Posso? - perguntou.

Claro, senta-te disse o mais magro e mais loiro. - Sou o Bill Smith e este tipo peludo é o Chuck Parsons. Alexander Kinross da Escócia.

Parsons deu uma risada. - Bem, amigo, percebi que tu eras mesmo estrangeiro. Não tens aspecto de americano. O que é que te traz à Califórnia? Sou um engenheiro de máquinas a vapor com uma grande vontade

de encontrar ouro. Olha, isso é ótimo! - gritou Bill, sorrindo. - Nós somos geólogos com uma grande vontade de encontrar ouro. Uma profissão muito útil para esse objectivo - disse Alexander. Então, amigo, és engenheiro de máquinas a vapor. Na verdade, com dois geólogos e um engenheiro de máquinas a vapor a bordo, o comboio do ouro poderá não ser apenas produto da nossa imaginação - disse Chuck e apontou com a manípula calejada para os outros bebedores sentados no bar, um grupo taciturno. - Estás a vê-los? Estão numa

maré de azar e tentam regressar a casa no Kentucky, ou no Vermont, ou lá de que Estado vieram. Não distinguem um pedaço de xisto de um pedaço de bosta, verdadeiros maçaricos. Qualquer idiota consegue girar uma

peneira ou construir um canal, mas trabalhar num filão de ouro é para homens que sabem o que estão a fazer. Sabes construir uma máquina a vapor, Alex? Consegues mantê-la a funcionar? Se tiver as peças necessárias consigo. Quanto dinheiro tens? Depende - respondeu Alexander desconfiado.

Bill e Chuck trocaram um sinal de aprovação. - És **esperto, Alex** - disse Chuck sorrindo através da barba emaranhada. Na Escócia dizemos astuto. Certo, então voltemos lá à vaca fria - disse Bill debruçando-se conspiradoramente sobre a mesa e baixando a voz. - Eu e o Chuck temos dois mil dólares cada um. Se conseguires igualar essa quantia, podes alinhar connosco.

Uma libra inglesa valia quatro dólares. - Consigo igualá-la mesmo ajusta.

- Negócio feito? Negócio feito. Aperta aí.

Alexander apertou-lhes as mãos. - Como é que fazemos? ;

- Muito do que precisamos arranjarremos de graça nas minas abandonadas ao longo do rio Americano disse Bill bebendo a cerveja.

«Nenhum de nós, pensou Alexander, «gosta de beber. O que é um bom augúrio para esta sociedade. São uns exaltados, mas não são idiotas. Educados, jovens e resistentes. Do que é que precisamos exactamente? - perguntou. Para já, das peças para a máquina a vapor. Um triturador de rochas.

Madeira já cortada para construir canais e esse género de coisas. Uma bateria. Isso podemos arranjar nas minas abandonadas onde os mineiros esperavam encontrar veios de ouro. Precisamos também de mulas... as que foram abandonadas continuam por lá - disse Chuck. - Gastaremos o nosso dinheiro naquilo que temos de comprar aqui, em Frisco: barris de pólvora, que é de fabrico local e bastante barata, tendo em conta que há uma guerra no Leste. O salitre vem do Chile, há enxofre em abundância na Califórnia e crescem por toda a parte árvores boas para carvão.

Papel para fazer cartuchos para a pólvora. Mechas. A despesa maior será com os frascos de mercúrio, mas felizmente também está disponível nesta costa. Mercúrio? Referes-te ao azougue? Isso mesmo. Se vamos à procura de ouro incrustado em quartzo, teremos de o separar do quartzo, e isso não é possível com um martelo nem com um triturador. Parte-se o quartzo em pedaços de cinco centímetros com um triturador, depois trituramo-lo num moinho até ficar

em pó. A este junta-se continuamente água na qual o mercúrio fica suspenso em pequenas gotas. Compreendes, o ouro cria uma amálgama com

o mercúrio e é assim que é extraído do quartzo. Chuck franziu o sobrolho. - Não seremos capazes de levar connosco as retortas de ferro fundido

para proceder à separação do ouro da amálgama de mercúrio - pesam literalmente toneladas e não podem ser desmontadas. Para além disso, duvido que haja por lá alguma abandonada a que possamos deitar a mão. Por isso, quando encontrarmos um filão, teremos de manter o ouro amalgamado com o mercúrio até esgotarmos o mercúrio. O mercúrio é muito pesado, isso eu sei - disse Alexander. Sim. Um frasco pesa trinta e cinco quilos. Mas essa quantidade é suficiente para uma enorme quantidade de ouro, Alex, cerca de vinte e três quilos. Estaremos ricos antes de precisarmos de separar o ouro do mercúrio disse Bill.

70 COLLEEN McCULLOUGH Que mais compramos aqui? A propósito, eu tenho as minhas ferramentas. Comida. É muito mais barata aqui do que em Coloma ou em qualquer outra cidade aurífera. Sacas de feijão seco e café em grão. Toucinho. Os vegetais comestíveis crescem selvagens e há por lá muitos veados. O Chuck é um atirador exímio. Bill ergueu uma sobrancelha. Um de nós teria de o ser. Os ursos são maiores do que um homem adulto e os lobos caçam em alcateias. Devo comprar uma arma? Um revólver, com certeza. Deixa a espingarda para o Chuck. Nenhum homem anda desarmado na Califórnia, Alex. Mantém-na à vista de todos. E seis mil dólares chegam para comprar isso tudo? Claro. Incluindo três cavalos para montarmos e mulas para transportar o que comprarmos em Frisco.

Se Alexander estava céptico relativamente a algum dos pontos daquela organização logística, era no que respeitava à fé cega que Chuck Parsons e Bill Smith depositavam na propensão dos prospectores desapontados para abandonarem maquinaria extremamente preciosa. Mas, à medida que avançavam para o sopé da Sierra Nevada, começou a perceber a razão do seu optimismo; o terreno já era sulcado por gargantas a que eles chamavam desfiladeiros, uma indicação de que na verdade um consórcio de homens desiludidos poderia sentir-se tentado a deixar a maior parte dos seus bens para trás.

Na realidade, onde quer que as colinas do rio American sugerissem a presença de um veio de quartzo, encontravam os restos de máquinas a vapor, trituradores de rochas e moinhos a bateria, mais avariados do que enferrujados, como se os homens que tinham trabalhado com eles não soubessem o suficiente para os manter operacionais. A região em torno do curso do rio tinha o aspecto que Alexander imaginava ser o de um país devastado por uma guerra feroz travada com canhões que tivessem rebentado as suas rochas e espalhado as gravilhas, desviado os cursos de água, aberto buracos, cavernas e fossos com os rebentamentos. Caleiras derrubadas, pedaços de canos, marretas partidas, embaladeiras, berços. Uma terra dissoluta: não tendo conseguido pô-la a produzir, tinham-se ido embora deixando tudo a apodrecer, a derreter, a desintegrar-se.

Dos homens que tinham provocado toda aquela destruição, não viam sinais. Alguns tinham regressado a São Francisco, outros tinham partido para as pedras mais altas, para chegar aos filões soterrados projectando enormes jactos de água contra as paredes de cascalhos, enquanto outros tinham partido para ainda mais longe em busca dos grande filões: os veios de quartzo, tão difíceis de encontrar, que continham pepitas de ouro. Estes últimos eram os homens mais determinados, aqueles que sofriam verdadeiramente da febre do ouro.

E, enquanto cavalgavam, os dois geólogos ensinavam os fundamentos da sua ciência a Alexander que os escutava avidamente.

- Não há muita coisa publicada sobre as rochas da Califórnia - disse Bill, o mais estudioso dos dois -, mas, para começar do princípio, há al gures na Europa um homem religioso chamado Fisher que diz que o globo é composto por uma crosta mineral mais flexível e por um núcleo interno mais rígido. Entre os dois, há rocha em fusão, um fluido viscoso que entra em erupção e é expelido dos vulcões em forma de lava. É uma teoria bastante arriscada, mas a nós parece-nos correcta.

Que idade tem a Terra? - perguntou Alexander, a quem nunca antes ocorrera pensar no globo em que vivia. Ninguém sabe verdadeiramente, Alex. Alguns dizem que tem duzentos milhões de anos, outros calculam uns sessenta milhões. Mas sem dúvida que gira há muito mais tempo do que a Bíblia diz. Isso faz sentido - disse Alexander. - Não havia geólogos dispo níveis quando a Bíblia foi escrita. - Ocorreu-lhe outra coisa. - E a crosta? É inteiramente composta por rochas? De onde vêm os minerais? Os minerais em massa são rochas.

Chuck começou a falar. - A crosta está disposta naquilo que os paleontólogos apelidam como «estratos, de acordo com os fósseis que encontram na rocha. É dessa forma que sabemos que o Darwin tem razão relativamente à evolução. Quanto mais antiga é a rocha, mais primitivas são as formas de vida ali preservadas. Algumas rochas - chamam-lhe gnaisse primordial - são tão antigas que não contêm quaisquer fósseis, mas nunca ninguém encontrou algum desse gnaisse fundamental, embora exista um arenito vermelho na Grã-Bretanha que é tão antigo que não contém sinais de vida.

Mas objectou Alexander, quase todos os penhascos que vemos nos desfiladeiros não são compostos por belas camadas planas. Na verdade, é difícil vislumbrar *camadas*.

A crosta está sempre em movimento devido aos tremores de terra - disse Bill, por isso, depois de se formarem, as camadas rochosas mudam de sítio, enrugam-se, contorcem-se, deslocam-se... penses no que

pensares, acontece às rochas. Sofrem também a erosão dos ventos e da água ou, então, num dado momento estão no fundo do mar e no outro já estão cá fora. No que respeita às rochas, a Terra é uma velha bola muito ocupada.

A Califórnia, aprendeu Alexander, era bastante jovem, em especial ao longo da costa. E - embora pessoalmente ainda não os tivesse sentido desde a sua chegada - era assolada por frequentes tremores de terra.

As montanhas costeiras são extremamente jovens: arenitos e xistos, mas para norte são fendidas por intrusões do granito que as invadiu

durante a época pliocena, muito recentemente. Existem afloramentos calcários nos sopés da Sierra, mas a cordilheira propriamente dita parece ser

de puro granito. É nos solos de granito que se encontram os veios de quartzo que contêm ouro puro e é deles que andamos à procura - disse Bill.

Costuma dizer-se que alguns homens têm faro para a presença do ouro e juram conseguir até cheirá-lo, mesmo quando este está no subsolo; Alexander revelou-se um desses homens.

Partiram do rio American para Sul, nesse início de Primavera de 1862, com um enorme comboio de mulas carregadas com as compras que tinham feito em São Francisco, bem como com tudo o que tinham recuperado nas minas desertas, incluindo um moinho a bateria abandonado, um triturador de pedra e, sobre uma grosseira estrutura de madeira que arrastava a parte de trás no chão, uma caldeira de tamanho médio para a máquina a vapor que Alexander construiria. Bill e Chuck eram favoráveis a que se embrenhassem pelas alturas da Sierra, mas o prudente Alexander disse-lhes que não, pois seriam apanhados pelo Inverno antes de terem começado verdadeiramente a extracção do ouro. Para além disso, sentia-se nervoso por ter a sensação de que conseguia sentir o mesmo odor que se desprendia da obturação do ouro de uma cárie num molar. O *odor* resumava de um vale que nada tinha de diferente de centenas de outros: pedregulhos de granito salpicavam as encostas que, nalguns locais, estavam despidas de árvores.

Tentamos aqui primeiro determinou, inflexível. Se não encontrarmos nada, vamos mais para cima, mas acho que há ouro aqui e que

está perto da superfície. Estás a ver aquele afloramento, Chuck? Vai examiná-lo. Será aqui que faremos a nossa primeira conquista.

Por baixo das folhas mortas e da terra macia, na base do afloramento, havia um inconfundível veio de quartzo que brilhou quando Chuck o descobriu de terra e o lascou. Jesus! - ofegou ele enterrando os calcanhares no chão. - Alex, tu és bruxo! - Pôs-se de pé de um salto e começou a dançar. - Certo, vamos ficar aqui algum tempo, por isso o melhor é construirmos uma boa cabana e um cercado para os cavalos. As mulas não se afastam muito, esta é uma região de lobos. Alex, começa a fazer a máquina. Depois - disse Alexander curiosamente calmo -, vais ter de me ensinar a fazer rebentamentos.

O Verão passou-se num frenesim de construção; muitas árvores tiveram de ser abatidas para alimentar a máquina, a cabana tinha de ser erguida e a maquinaria afinada para conseguir aguentar a cada vez maior pilha de rochas partidas que Chuck e Bill extraíram, primeiro com as picaretas e, depois, seguindo o veio para o interior, com pequenos rebentamentos de pólvora. Aconteceram acidentes inevitáveis: Chuck escapou por pouco a ficar gravemente ferido quando uma carga explodiu antes do tempo, Bill fez um corte grave na perna com um machado e Alexander foi escaldado por um jacto de vapor. Bill coseu o corte na perna com uma vulgar agulha de cerzir e Chuck, que coxeava agarrado a uma muleta improvisada, arranjou gordura de urso com um cheiro horrível para untar a queimadura. Mas o trabalho continuava a um ritmo implacável, pois quem poderia adivinhar quando outros homens entrariam no seu vale e descobririam o que eles estavam a fazer?

Quando o Inverno chuvoso e cheio de granizo chegou, já estavam a produzir em pleno, partindo rocha, fazendo-a em pó sob a cabeça de ferro do moinho, o motor roncando e ofegando. Aquela era uma terra prodigiosamente servida de água, mais do que a suficiente para lavar o cilindro do moinho e forçar o ouro a amalgamar-se com as gotas de mercúrio no interior da câmara. O ouro que não se amalgamava escorria numa pasta por um avental inclinado, ao fundo do qual era captado numa bandeja de cobre com mais mercúrio.

O mercúrio acabou no pico da Primavera, agora empilhado em massas amareladas e escamadas escondidas sob os arbustos.

Alexander acabara de fazer vinte anos e adquirira o físico seco e robusto de alguém criado na dureza do trabalho; com pouco mais de um metro e oitenta, sabia que parara de crescer.

•

«Mas, pensou, estou cansado desta vida. Durante a maior parte dos últimos seis anos não tive um tecto sobre a minha cabeça que mantivesse afastado o frio ou que não deixasse entrar a água da chuva - até mesmo o *Quinnipiac* deixava passar água para a minha rede porque o convés não estava devidamente calafetado. Se é que um convés pode ser devidamente calafetado. Como até encher a barriga, mas em Glasgow a comida era composta em noventa e cinco por cento por farinha e aqui como feijões e veado todos os dias. A última vez que comi carne de vaca e batatas assadas foi num casamento em Kinross. O Bill e o Chuck são bons homens, inteligentes e versados em geologia, mas sabem muito mais sobre o George Washington do que sobre Alexandre, o *Grande*. Sim, estou cansado desta vida.

Por isso, quando Chuck falou naquela bela manhã de Maio, Alexander escutou-o como se ouvisse o som de uma trombeta distante e melodiosa. Aquilo disse Chuck olhando para o monte de mercúrio empilhado -, é uma enorme quantidade de ouro. Mesmo que fiquemos mais

perto dos trinta do que dos quarenta por cento do ouro que conseguirmos retirar da amálgama, seremos homens ricos. Chegou a altura de revelar o segredo. Um de nós terá de ir a Coloma buscar as retortas para a separação. Dois terão de ficar aqui para enfrentar possíveis usurpadores. Vou eu, quero ir eu - disse Alexander. - Quero dizer, quero ir-me

embora definitivamente. Podem comprar a minha parte com um terço da amálgama que levarei comigo. Podem ceder a minha quota na mina a quem estiver disposto a trazer as retortas e que seja alguém capaz de manter a máquina em funcionamento. Dêem-me meio quilo de bom minério para análise e não vos faltarão sócios potenciais. Mas este veio está muito longe de estar esgotado! - gritou Bill, horrorizado. - Alex, quando mais escavarmos, melhores os resultados! Nunca arrançaremos um sócio tão trabalhador e agradável como tu! Em nome de Deus, por que te queres ir embora? Oh, acho que sou muito independente. Já aprendi tudo o que havia para aprender, por isso chegou a altura de avançar. - Riu-se. - Há mais ouro por baixo de outras montanhas algures. Depois mando-vos o mercúrio separado, se não se tiver estragado.

Alexander mandou separar o seu terço da amálgama em Coloma e guardou vinte e cinco dos vinte e sete quilos de ouro que esta rendeu em barras. Transportava-as escondidas no fundo falso da mala das ferramentas,

amarrado ao dorso de uma mula, quando saiu da cidade. Como é evidente, espalhará-se a notícia de que ele tinha ouro, mas a dois quilómetros da última barraca já ele despistara os seus perseguidores e desaparecera sem deixar rasto.

Quando se juntou a um grupo grande e bem armado de homens que viajavam para Leste para se juntarem aos últimos estertores da Guerra Civil, Alexander desempenhava impecavelmente o papel que adoptara, o de prospector desesperado e azarento. Ainda assim, adormecia todas as noites abraçado à preciosa caixa de ferramentas e habituou-se ao desconforto provocado pelas moedas de ouro cosidas à roupa. E nunca parecia transportar um peso suplementar.

Depois de terem atravessado as altas Montanhas Rochosas, ficou fascinado ao ver índios no seu estado natural, homens magnificamente altivos, cavalgando em pêlo os seus cavalos, vestidos com peles de gamo por vezes decoradas com intrincados trabalhos de missanga, as lanças enfeitadas com penas, os arcos e as flechas sempre preparados. Mas eram demasiado sensatos para atacar aquele grande grupo guerreiro dos odiados homens brancos com chapéus nas cabeças e limitaram-se a ficar sentados nos seus cavalos a observar os intrusos durante algum tempo e depois desapareceram. Manadas de centenas de búfalos vagueavam pelas pastagens juntamente com veados e outras criaturas mais pequenas; uma criaturinha que vivia em tocas sentava-se nas patas de trás como um gnomo, o que encantava Alexander.

A medida que as colónias de europeus se tornavam mais vastas, passaram por pequenas aldeias compostas por uns poucos edifícios gastos, de madeira, agrupados dos dois lados de um caminho enlameado; ali, os índios usavam as roupas dos brancos, vagueando num torpor alcoólico. O álcool, reflectiu Alexander, sempre fora a ruína do mundo: até mesmo Alexandre, o *Grande*, morrera com um ruptura no estômago depois de uma bebedeira monumental. E para onde quer que o homem branco fosse, levava consigo bebidas fortes e baratas.

Seguiam um dos itinerários das caravanas, embora, devido à guerra, encontrassem poucos colonos a caminho do Oeste nas grandes caravanas que lhes ofereciam alguma protecção contra os ataques dos índios. Atravessaram o Kansas até Kansas City, uma cidade com alguma dimensão no local onde dois grandes rios se juntavam. Alexander despediu-se ali dos companheiros de viagem e seguiu o rio Missouri até São Luís e ao Mississipi. Estes devem ser os maiores rios do mundo», pensou espantado.

e maravilhado com as riquezas que a Natureza tinha oferecido à América. Solos ricos, água em abundância, uma boa estação de colheitas, ainda que os Invernos fossem muito mais frios do que os da Escócia. O que não fazia sentido, pois a Escócia ficava muito mais para Norte.

Evitou deliberadamente as regiões em guerra, não tendo qualquer vontade de se ver envolvido numa luta de que não sentia fazer parte e a que não tinha qualquer direito. Depois, atravessando o norte de Indiana, parou numa casa solitária ao crepúsculo, com o pedido habitual: uma refeição e uma cama em troca do trabalho duro que houvesse ali para fazer. Com tantos dos homens ausentes, aquilo funcionava muito bem; as mulheres confiavam nele e ele nunca traía a sua confiança.

A mulher que veio abrir a porta trazia uma caçadeira na mão e ele percebeu porquê: era jovem e bela e não se ouviam vozes de crianças. Sozinha? Baixe a arma, eu não lhe faço mal - disse ele com o seu sotaque

escocês, tão estranho e tão atraente para os ouvidos americanos. - Dê-me comida e abrigo no celeiro por esta noite e eu racho-lhe lenha, mujo a vaca e tiro todas as ervas daninhas da sua horta... O que for preciso, mi minha senhora. Do que eu preciso - disse ela sombriamente, encostando a arma à parede - é do meu homem de volta, mas isso não vai acontecer.

Chamava-se Honoria Brown e o homem com quem estivera casada poucas semanas fora morto numa batalha chamada Shiloh; desde então, vivera sozinha, arrancando o sustento às terras que conseguia cultivar pelos seus meios e resistindo às súplicas da família para que voltasse para junto dos seus. Gosto da minha independência - disse a Alexander enquanto comiam um belo jantar de galinha, batatas fritas, feijões verdes da horta e o melhor molho de carne que provara desde que saíra de Kinross. Tinha os olhos da cor da água-marinha, sombreados por pestanas espessas e tão loiras que pareciam feitas de vidro, eram indómitos e reflectiam sentido de humor e dureza. Apareceu neles uma nova expressão, a especulação. Pousou o garfo e olhou-o atentamente. - Contudo, sou suficientemente sensata para saber que quando esta guerra terminar e os homens começarem a vaguear por aí, não posso viver aqui sozinha. Por acaso não anda

à procura de uma esposa que possua uma quinta com quarenta hectares? Não - disse Alexander suavemente. - O Indiana não é o fim da viagem para mim e nunca serei agricultor.

Ela encolheu os ombros e os cantos da boca carnuda descaíram. Valia a pena tentar. Vai dar um bom marido para uma mulher, qualquer dia.

Terminada a refeição, ele amolou-lhe o machado e rachou lenha durante uma hora à luz do candeeiro, manejando facilmente a ferramenta sem se cansar. Quando estava a terminar, ela apareceu junto à porta das traseiras e ficou a olhá-lo.

- Está todo transpirado - disse quando ele pousou o machado para o amolar novamente. - Está frio, pus água quente na selha de zinco da cozinha. Se trazer mais água do poço, poderá tomar banho no calor da casa enquanto eu lhe lavo as roupas. Não secarão antes de amanhã de manhã, o que significa que não poderá dormir no celeiro. Pode dormir na minha cama.

A cozinha, onde tinham comido, já estava novamente imaculada quando ele entrou, com os pratos lavados e o grande fogão de ferro fundido a libertar calor suficiente para tornar o ambiente confortável; a selha de zinco estava junto ao fogão, com água quente no fundo, aquecida na enorme chaleira de ferro que ele voltou a encher com a água do poço antes de deitar mais água para dentro da banheira. De mão estendida, ela ficou de pé enquanto ele lhe ia passando a roupa - calças de ganga, camisa de ganga e ceroulas de flanela - e sorriu apreciativamente.

- É muito bem feito, Alexander - observou ela virando-se para um pequeno lava-roupa em cima da bancada.

Era tão bom mergulhar na água quente, que ele demorou-se, sentado, dobrado, com o queixo apoiado nos joelhos; as pálpebras desceram e fecharam-se.

Foi o toque da mão dela, forte e calejada, nas suas costas que o acordou.

- Este é o bocadinho onde não se consegue chegar - disse ela com os dedos a massajarem-lhe as costas.

Estendeu um tapete de trapinhos no chão para ele pôr os pés molhados, passou-lhe um toalhão por cima e esfregou-o energicamente.

Enquanto que antes se sentia exausto, agora sentia-se vivo, alerta, com todos os sentidos despertos. Virou-se a coberto da toalha para a olhar de frente e beijou-a desajeitadamente. O beijo suscitou uma forte reacção nela, transformando o beijo numa teia misteriosa de emoções físicas mais intensas do que ele alguma vez experimentara. O vestido velho foi despido, bem como a camisa, as cuecas e as meias tricotadas em casa e,

pela primeira vez na sua vida, Alexander Kinross sentiu uma mulher nua contra o seu corpo. Os seus seios cheios encantavam-no, não se fartava deles, enterrava o rosto entre eles, acariciava os mamilos com as palmas das mãos. Foi tudo progredindo de uma forma muito natural; não necessitava de ser experiente para pressentir o que ela queria, o que ele queria e o clímax, quando veio, foi partilhado, um êxtase cheio de luz que não tinha qualquer comparação com a vergonha que era estimular-se a si próprio até ter um orgasmo.

A dada altura durante a noite transferiram-se para a cama dela, mas Alexander não parava de fazer amor com aquela mulher maravilhosa, apaixonada e bela que estava tão sequiosa como ele próprio. Fica aqui comigo implorou ela de madrugada, quando ele se começou a vestir. Não posso disse ele de dentes cerrados. Não é este o meu destino, a minha sina. Se eu ficasse aqui, seria o mesmo que o Napoleão ter

decidido ficar em Elba.

Ela não chorou nem protestou, mas levantou-se para lhe fazer o pequeno-almoço enquanto ele ia selar o cavalo e carregar a mula. Pela primeira e única vez durante a sua odisseia americana, o ouro ficara a noite inteira esquecido por baixo da palha no celeiro. O destino - repetiu ela pensativamente enquanto lhe enchia o prato com ovos, toucinho e papas. - É uma palavra engraçada. Já a ouvi antes, mas não sabia que os homens conseguiam pensar nisso da forma como tu pensas. Diz-me qual é o teu destino, se conseguires. O meu destino é tornar-me grande, Honoria. Tenho de mostrar a um velho pastor presbiteriano, mesquinho e vingativo, o que ele tentou destruir e provar-lhe que um homem pode ascender a uma condição superior à do seu nascimento. - Franzindo o sobrolho, olhou para a sua face

rosada, iluminada devido ao esplendor da noite. - Minha querida, arranja quatro ou cinco cães grandes e ferozes. És uma mulher destemida, eles respeitar-te-ão e farão o que mandares. Treina-os para atacarem a garganta. Serão uma protecção mais eficaz do que a caçadeira; usa-a para

lhês dares coelhos, pássaros, tudo o que conseguires arranjar. Assim poderás viver aqui sozinha até aparecer o tal marido. Ele aparecerá. Aparecerá.

Quando se foi embora, ela ficou nos degraus do alpendre para o ver durante o maior período de tempo possível; ele perguntou-se se ela faria ideia da enorme mudança que provocara nele. O que fora uma dor incipiente

O TOQUE DE MIDAS 79 no seu íntimo era agora algo consciente. Abriu a caixa de Pandora, a Honoria Brown. No entanto, graças ao tipo de mulher que ela era, nunca seguiria o mesmo caminho de tantos homens, dispostos a abdicar do seu orgulho para terem uma mulher sempre que podiam.

O seu maior desgosto ao partir foi a consciência de que não podia fazer aquilo que desejava ardentemente fazer: deixar-lhe um saquinho de moedas de ouro que a ajudassem se os tempos ficassem difíceis. Se lho tivesse proposto, ela teria recusado e pensado o pior possível dele, se tivesse deixado as moedas para que ela as encontrasse mais tarde, as suas recordações dele seriam maculadas. Tudo o que lhe pudera oferecer fora lenha, uma horta livre de ervas daninhas, uma roldana de poço a funcionar muito melhor, um machado amolado e a essência de si próprio.

«Nunca mais a verei. Nunca saberei se a engravidei, nunca descobrirei o seu destino.

Para horror de Alexander, Nova Iorque revelou-se uma cidade muito semelhante a Glasgow ou a Liverpool, com as suas enormes hordas amontoadas em bairros de lata fedorentos. O que a distinguiu, contudo, era a boa disposição dos seus pobres, convencidos de que não ficariam para sempre na base da montureira humana. Parte daquele sentimento devia-se à natureza poliglota daquela gente, proveniente de toda a Europa e agrupada de acordo com as diferentes nacionalidades. Apesar das condições de vida horrendas, não sofriam do desespero horrível que era comum entre os pobres de Inglaterra. Um inglês ou escocês pobre não sonhava sequer conseguir sair da sua situação e subir na vida, enquanto que toda a gente em Nova Iorque parecia ter a certeza de que as coisas iriam melhorar.

Ou pelo menos foi o que ele concluiu durante a curta viagem que fez através da cidade; não tinha intenção de se separar do seu cavalo e da sua mula até subir a prancha de um navio com destino a Londres. As pessoas mais abastadas que frequentavam as avenidas largas da zona comercial sorriam da sua aparência, julgando-o um rústico da região das planícies, com as suas roupas de pele de gamo, a montada cansada e a mula que caminhava pesadamente.

E aportou finalmente em Londres, outra fabulosa metrópole urbana que nunca vira.

- Threadneedle Street - indicou ao condutor da carruagem de aluguer, levando a caixa de ferramentas com o ouro junto a si.

Ainda vestido com as peles de gamo e com o chapéu mole de abas largas na cabeça, transportou a caixa das ferramentas até às veneradas portas do Banco de Inglaterra, deixou-a cair no chão e ficou a olhar em volta.

Os acólitos ali presentes não sonhariam sequer ser mal-educados, ou sequer verbalmente desdenhosos, com qualquer homem que entrasse no recinto do seu templo, pelo que Alexander deu por si a ser confrontado por um funcionário gorducho e baixo que lhe sorriu. O senhor é americano? Não, sou escocês e preciso de um banco. Oh, compreendo. - Cheirando-lhe a dinheiro, o funcionário baixinho não cometeu o erro de passar aquele homem de aspecto estranho a um qualquer subordinado; convidou Alexander a sentar-se até que um dos subdirectores o pudesse atender.

Pouco tempo depois, uma Personagem Importante fez a sua aparição. - Em que posso ajudá-lo, senhor?

- Chamo-me Alexander Kinross e quero depositar o meu ouro no seu banco. - A biqueira da bota gasta de Alexander tocou na caixa das ferramentas. Tenho vinte e cinco quilos de ouro em barras.

Dois funcionários menores agarraram na caixa pelas asas e transportaram-na até ao gabinete de Mr. Walter Maudling. Quer dizer, Mr. Kinross, que transportou fisicamente vinte e cinco quilos de ouro desde a Califórnia até Londres? - perguntou Mr. Maudling de olhos esbugalhados. Transporteiei quarenta e cinco quilos. As minhas ferramentas estão por cima do ouro. Porque não usou um banco de São Francisco ou, ao menos, um banco de Nova Iorque? Porque o Banco de Inglaterra é o único em que confio. Calculei -

disse Alexander usando inconscientemente os termos da terra de onde acabara de chegar - que se o Banco de Inglaterra falir o mundo parará de girar. Não sou o tipo de homem que tem os bancos em alta estima, como já lhe expliquei. O Banco de Inglaterra sente-se elogiado, senhor.

Martelos, chaves de parafusos, limas e outros objectos mais esotéricos ficaram espalhados pelo chão; Alexander ergueu o fundo falso da mala de ferramentas para revelar o seu conteúdo de um brilho baço: onze pequenos lingotes de ouro.

- Separei-o da amálgama em Coloma - explicou Alexander em tom conversacional, empilhando as barras em cima da secretária e voltando a pôr no lugar as ferramentas e o fundo falso. - Poderão guardá-lo para mim?

Mr. Maudling pestanejou. - Guardá-lo? *Assim*? Não deseja vendê-lo e fazer alguns lucros? Não, porque enquanto estiver *assim*, o ouro diz o que é. Não tenho qualquer intenção de o trocar por números escritos num livro contabilístico, Mr. Maudling, por mais zeros que esses números tenham. Mas, como não quero continuar a arrastá-lo atrás de mim, poderão guardá-lo? Evidentemente, evidentemente, Mr Kinross!

E este, pensou Walter Maudling enquanto observava a figura alta e algo felina sair em passadas largas do Banco de Inglaterra, «é o cliente mais estranho que já conheci. Alexander Kinross! Um nome que o Banco de Inglaterra vai ouvir com bastante frequência nos próximos anos, era capaz de apostar nisso o conteúdo da mala de ferramentas dele.

As quatrocentas libras em soberanos de ouro que obteve em troca dos dólares americanos não foram desperdiçadas em hotéis luxuosos nem numa vida dispendiosa e Alexander também não comprou um fato à moda. Em vez disso, comprou roupas laváveis em ganga e algodão, roupa interior nova de flanela e instalou-se numa residencial em Kensington que oferecia uma cozinha caseira de grande qualidade e quartos limpos. Visitou os museus, galerias de arte públicas e privadas, a Torre de Londres e o Museu de Cera Madame Tussaud; numa galeria privada pagou cinquenta das suas preciosas libras por um quadro de alguém chamado Dante Gabriel Rossetti por a mulher ali representada se parecer com Honoria Brown. Quando o entregou a Mr. Maudling para que o guardasse no Banco de Inglaterra, o cavalheiro nem pestanejou; se Alexander Kinross dera cinquenta libras por um quadro, então tinha a certeza de que este se revelaria uma obra-prima. Para além disso, a pintura era muito bela, de um lirismo romântico.

Então, depois de ter atravessado a Inglaterra de comboio, seguindo cada vez mais para norte, Alexander chegou à aldeia de Auchterderran, no Condado de Kinross, a pouca distância da cidade de Kinross.

O que acontecera realmente e o que viria a acontecer a Alexander Kinross nunca foi partilhado com Elizabeth; o que lhe contaram foi uma espécie de mito. A sua intenção ao regressar era obter a promessa de uma

esposa. O facto de não querer casar de imediato devia-se à sua ambição de seguir - literalmente - na pegada de Alexandre, o *Grande*; fazer o mesmo caminho tortuoso que o Rei da Macedónia fizera durante as suas conquistas. Não era uma viagem que uma rapariga apreciasse, tinha a certeza. Portanto, casar-se-ia no regresso e levaria a noiva para a Nova Gales do Sul. Já fizera a sua escolha: a filha mais velha do tio James, a Jean, de quem se lembrava tão bem como se a tivesse visto no dia anterior. Uma rapariguinha linda e precoce, com dez anos, que o olhara com adoração e lhe dissera que o amava, que o amaria sempre. Bem, ela teria agora dezasseis anos... a idade perfeita. Quando tivesse terminado a sua expedição, Jean teria dezoito anos e idade suficiente para casar.

Cavalgou num cavalo alugado até Kinross numa tarde de domingo e foi visitar o tio James. Que o recebeu com desagrado. Pareces continuar o mesmo inadaptado de sempre, Alexander - disse James enquanto levava o visitante para a sala de visitas e gritava que lhe trouxessem chá. - Tive de pagar o funeral do teu pai, já que tu tinhas desaparecido do mapa. Obrigado pelo tacto com que me deu a notícia, senhor - disse Alexander com o rosto inexpressivo. - Quanto custou? Cinco libras que paguei com muito custo.

Alexander remexeu no bolso do casaco de pele de gamo com franjas. - Estão aqui seis libras... A libra a mais é para pagar os juros. Já morreu há muito tempo? Há um ano. Suponho que seria alimentar demasiadas esperanças pensar que o velho Murray o acompanhou até ao inferno? És um verme e um blasfemo, Alexander. Sempre foste. Dou graças a Deus por não seres meu parente. O Murray contou-lhe, foi? Ou foi o Duncan? O meu irmão morreu com o segredo da sua vergonha. O Dr. Murray contou-me no funeral, disse que *alguém* tinha de saber.

Nesse momento Jean entrou na sala com um tabuleiro com chá e um bolo. Oh, como era linda! Crescera exactamente da forma como ele imaginara, com as pestanas compridas e os olhos cor de água-marinha de Honoria Brown. Mas não tinha a ilusão de que Jean o reconheceria sequer, quanto mais lembrar-se de que lhe dissera que o amaria para sempre. O olhar que ela lhe dirigiu foi superficial e desinteressado e depois saiu da sala com passos vivos. Bem, era compreensível. Ele mudara muito. O melhor era começar as negociações

O TOQUE DE MIDAS 83 Vim para pedir a mão de Jean em casamento - disse. Espero bem que estejas a brincar! De maneira nenhuma. Estou aqui, com todo o respeito, para pedir a mão de Jean, apesar de saber que ela ainda não tem idade suficiente. Posso esperar. Podes esperar até que os vermes te devorem! - ripostou James, com os olhos coruscantes. - Dar uma Drummond a um bastardo? Preferia dá-la a um anabaptista!

Consegui controlar a sua ira. - Ninguém sabe dessa história a não ser nós os dois e o velho Murray, portanto, que diferença faz? Eu estou a caminho de me tornar um homem muito rico. Pff! Para onde foste quando fugiste? Para Glasgow, onde fui aprendiz de caldeireiro. E pensas fazer uma fortuna com isso? Não, tenho outros recursos - começou Alexander tencionando dizer a James o ouro que tinha. Isso calá-lo-ia!

Mas James já ouvira o suficiente. Levantou-se e dirigiu-se à porta da frente, abriu-a dramaticamente e apontou para o exterior. - Põe-te na rua imediatamente, Alexander sejas-quem-fores! Não terás a Jean nem nenhuma outra mulher de Kinross! Se tentares, eu e o Dr. Murray cobriremos-te de ridículo!

- Faço-lhe então uma promessa, James Drummond - disse Alexander cuspiendo as palavras. - Um dia, ainda ficará muito satisfeito por me dar uma das suas filhas em casamento. - Desceu o caminho, montou o cavalo cansado e partiu.

Ora onde teria ele aprendido a montar tão bem e onde teria arranjado aquelas roupas? pensou James demasiado tarde.

Elizabeth, que tinha cinco anos, estava na cozinha com Jean e Anne a aprender a fazer *scones*. Dado que Jean não mencionara o visitante que estava na sala, Elizabeth nunca soubera que estivera apenas a uma sala de distância do tal inapto aprendiz de caldeireiro, o primo Alexander.

Fora um impulso idiota, admitiu Alexander a si próprio enquanto punha o cavalo a meio galope. Se tivesse reflectido um pouco teria concluído qual seria a resposta de James Drummond à sua oferta, mas tudo aquilo em que conseguira pensar fora nas semelhanças da imaturidade pequena Jean com Honoria Brown.

Eu teria casado com Honoria Brown, mas percebi que ela estava casada com o seu pedaço de solo no Indiana.

Parecia não haver agora qualquer razão para se apressar a fazer mais fortuna; Alexander pôs a sua sela do Oeste num bom cavalo de aluguer, enfiou os seus pertences em dois alforges e partiu para atravessar a Europa, vendo a marcha da História enquanto cavalgava: catedrais góticas, cidades arborizadas, castelos imensos e, quando alcançou a Grécia, templos outrora gloriosos desmantelados pelos movimentos da Mãe Terra. Ainda sob a influência do Império Otomano em desintegração, a Mace-dónia tinha mais vestígios do Islão do que de Alexandre.

Na verdade, apercebeu-se enquanto vagueava pela Turquia, explorava Issus e seguia o curso da marcha do seu homónimo para sul, até ao Egipto, restavam muito poucos vestígios físicos de Alexandre, *o Grande*. Aquilo que restava da história antiga do mundo e que resistira e era ainda visível, fora construído com pedras maciças, fossem pirâmides, zigurates, santuários ou um desfiladeiro de arenito vermelho cujas paredes tinham sido esculpidas em templos majestosos. A Babilónia era uma cidade de tijolos de lama, os jardins suspensos evaporados nas brumas dos tempos, não revelando nada da morte de Alexandre nem da vida que ele ali vivera.

Lentamente, a peregrinação transformou-se em algo diferente, numa curiosidade insaciável relativamente à Ásia, em vez de uma tentativa de fazer andar para trás o relógio dos séculos. Portanto foi onde lhe apeteceu, quer Alexandre, *o Grande*, lá tivesse ido ou não. Como lhe tinham dito que tal não seria possível, cavalgou pelos enormes picos da Turquia Oriental e viu que, sim, era mesmo verdade, a neve que cobria as encostas da montanha era de um vermelho rosado devido à areia que o vento trazia de longe, do deserto do Sara. O que o maravilhava agora era o poder da Natureza e a forma como a humanidade o dominara.

Apesar de a guerra já ter terminado havia dez anos, achou que seria imprudente visitar a Crimeia pelo que, em vez disso, virou para Leste, para o Cáucaso, e chegou ao Mar Cáspio e a um posto avançado dos Russos, Baku. Aquela era a variante norte da antiga Rota da Seda que vinha da China, um local desolado onde quase não chovia e cuja pequena capital, também chamada Baku, era uma selva de casas em ruínas empoleiradas umas sobre as outras pela colina acima. E ali descobriu duas maravilhas. A primeira foi o caviar. A segunda foi a forma como os locais

faziam funcionar os barcos a vapor no Cáspio, as locomotivas e os motores a vapor. Pois não havia nem carvão nem árvores em parte alguma, em Baku.

Toda aquela região estava coberta de poços de uma substância a que alguns chamavam nafta, outros betume e, os químicos, petróleo. Muitos dos poços ardiam com chamas brilhantes, com grandes labaredas a erguerem-se para os céus - não era o petróleo que ardia, disso pôde aperceber-se, mas sim os gases que este soltava. No seu regresso do Egito, percorrera a costa arábica do Mar Vermelho tencionando visitar Meca, mas um turista inglês experimentado aconselhou-o a não o fazer: os infiéis não eram bem-vindos naquelas paragens. Mas ali, em Baku, havia um equivalente de Meca, de Roma ou Jerusalém para outra seita religiosa: os seguidores de Mazda, o deus de fogo, vinham de toda a Pérsia para adorar os gases ardentes, emprestando àquele local, já de si exótico, cambiantes adicionais de som, cor e ritual.

Infelizmente, Alexander não falava Russo, Francês, Farsi nem nenhuma das línguas faladas em Baku, nem conseguiu encontrar um falante de Inglês que as soubesse. Tudo o que podia fazer era tirar as conclusões que conseguisse por si próprio acerca da forma como aquele povo pouco sofisticado, privado de madeira ou carvão, aprendera a usar o petróleo como combustível para aquecer as suas caldeiras. A partir daquilo que via nos poços em chamas, Alexander concluiu que o que ardia para transformar a água em vapor sobreaquecido eram os gases libertados pelo petróleo e não a substância propriamente dita. O que significava que quando os gases no interior da caldeira por cima do tabuleiro com petróleo começavam a arder, o petróleo continuava a soltar gases. E mais, reparou ele, fascinado, aquele óleo - pois assim parecia - produzia muito menos fumo do que a madeira ou o carvão.

De Baku partiu para Sul, para a Pérsia, através de montanhas quase tão acidentadas como as Rochosas. No local em que estas formavam uma cordilheira conhecida como Elburz - mais baixa e menos escarpada - viu novamente, com espanto, sinais da existência de petróleo. As ruínas em torno de Persépolis eram muito satisfatórias, mas uma necessidade pessoal levou-o para Norte, para Teerão. As suas roupas de pele de gamo tinham atingido o limite da sua vida útil e em Teerão, uma cidade grande, encontraria alguém capaz de lhe fazer roupas novas de camurça. Aquela pele requintadamente macia e suave era tão confortável que ele pagou ao alfaiate maravilhado para que fizesse mais algumas e as enviasse ao

cuidado de Mr. Walter Maudling, do Banco de Inglaterra, para que as guardasse até que as pudesse ir buscar. Aquilo era típico de Alexander; confiava no alfaiate e não via nada de errado em usar o banqueiro como entreposto. Já estava tão acostumado a comunicar através de uma mistura de linguagem gestual e desenhos que, pensou caprichosamente, se ficasse encalhado junto a uma colônia de ursos seria capaz de fazer com que estes o entendessem. Provavelmente por estar sozinho e ter um aspecto normal, ainda que completamente estrangeiro, nunca sofreu qualquer ameaça por parte das pessoas que foi encontrando ao longo das suas viagens; tal como sempre fizera desde os quinze anos, tentava pagar o que comia através do trabalho físico. As pessoas respeitavam isso e respeitavam-no a ele.

Havia outras coisas para além das roupas de camurça que eram, de tempos a tempos, enviadas ao cuidado de Mr. Maudling: dois ícones comprados em Baku, uma estátua de mármore em estado perfeito comprada em Persépolis, um enorme tapete de seda adquirido em Van e, comprada num bazar de Alexandria, uma pintura que o vendedor afirmava ter pertencido originalmente a um dos oficiais do exército de Napoleão, proveniente do saque em Itália. Custou cinco libras a Alexander, mas o seu instinto dizia-lhe que valia muito mais, pois era antiga e tinha o mesmo aspecto dos ícones que comprara.

Estava a divertir-se imenso, ainda mais devido ao facto de não ter podido gozar a infância nem os anos passados em Glasgow. Afinal, só tinha vinte e tal anos; tinha o tempo a seu favor e o seu bom senso dizia-lhe que cada nova experiência contribuía para a sua educação - sabia que, devido a todas as suas viagens, ao Latim e ao Grego que dominava, um dia os homens respeitá-lo-iam por outras razões para além da mera riqueza.

Contudo, tudo tem o seu fim. Durante cinco anos vagueou pelo mundo islâmico, a Ásia Central, a Índia e a China, e depois embarcou para Londres, em Bombaim. Uma viagem rápida e agradável, agora que o Canal do Suez já estava aberto.

Dado ter avisado Mr. Walter Maudling de que iria ao Banco de Inglaterra às duas da tarde, aquele cavalheiro teve tempo para preparar uma homilia sobre a falta de etiqueta de despejar todas as suas aquisições em Threadneedle Street. Também lhe deu tempo para mandar ir buscar uma dessas aquisições ao sótão da sua própria casa para que fosse trazida para o seu gabinete onde ficou, um volume enorme embrulhado em tela cosida, ao lado da sua secretária.

Alexander, vestido de peles, entrou e pôs uma ordem de pagamento de cinquenta mil libras em frente ao banqueiro, depois sentou-se na cadeira dos visitantes com olhos sorridentes. Não traz ouro? - perguntou Mr. Maudling. Não havia nos sítios onde estive.

Mr. Maudling observou o rosto batido pelos elementos, a pequena barbicha preta e o cabelo que chegava, encaracolado, aos ombros de Alexander. - Está com um excelente aspecto, senhor, atendendo aos locais onde estive. Não estive doente um único dia. Vejo que os meus fatos de camurça já chegaram. As outras coisas que lhe mandei também chegaram bem? As suas coisas, Mr. Kinross, causaram muitos inconvenientes a este banco. Isto não é uma *poste restante*! Contudo, tomei a liberdade de chamar um avaliador para saber se poderia pôr as suas coisas num qualquer armazém no exterior ou se as deveria guardar nos nossos cofres. A estátua é Grega, do século n antes de Cristo, os ícones são bizantinos, o tapete é constituído por seiscentos nós duplos de seda por cada dois centímetros quadrados, a pintura é de Giotto, as jarras são Ming em perfeito estado e os biombos - também em perfeito estado de conservação -

são de uma dinastia de há mil e quinhentos anos. Foram portanto todos parar aos nossos cofres. O embrulho que aqui vê guardei-o no meu próprio sótão depois de me aperceber de que se tratava de uma roupa nova e

estranha - disse Mr. Maudling tentando parecer severo. Pegou na ordem de pagamento e virou-a. - O que é que isto representa, senhor? Diamantes. Vendi-os a um holandês esta manhã. Ele ganhou uma

boa maquia com o negócio, mas fiquei satisfeito com o preço. Tive o prazer de os descobrir - explicou Alexander, sorrindo. Diamantes. Não têm de ser extraídos? Sim, pode-se fazê-lo, mas é uma técnica muito recente.

Encontrei os meus onde a maior parte deles devem ter sido encontrados desde os tempos em que Adão era um rapazinho: no leito de cascalho de pequenos rios translúcidos que descem de Hindu Kush, do Pamir, dos Himalaias. No Tibete fiz uma boa colheita. Os diamantes em bruto parecem seixos ou pedras normais, especialmente quando estão cobertos de uma camada de sedimentos ricos em ferro. Se estivessem ali, todos brilhantes, já teriam sido todos encontrados, mas alguns dos locais onde fui eram muito remotos. Mr. Kinross - disse Walter Maudling lentamente -, o senhor é um

fenómeno. Tem o toque de Midas.

COLLEEN MCCULLOUGH Costumava pensar o mesmo, mas mudei de ideias.

Um homem en

contra os tesouros do mundo por olhar para o que vê declarou

Alexander Kinross. - É esse o segredo. *Olhar* para o que se vê. A

maior parte

dos homens não o faz. A oportunidade não nos bate à porta uma única

vez... é uma batucada perpétua. E a oportunidade batuca agora nos

reinos financeiros de Londres? Bom Deus, não! - exclamou Alexander

chocado. - Estou de partida para a Nova Gales do Sul. Desta vez à

procura de ouro. Preciso de

uma carta de crédito sobre um qualquer banco de Sydney... Tente

encontrar-me um decente! Mas o meu ouro virá para aqui. Os bancos -

disse Mr. Maudling com dignidade - estão na sua

maioria acima de qualquer suspeita, senhor. Disparates! - disse

Alexander com desdém. - Os bancos de Sydney

não serão diferentes dos bancos de Glasgow ou de São Francisco:

susceptíveis de serem roubados a partir de cima. - Levantou-se e agarrou

no

embrulho sem esforço. - Guarda-me os meus tesouros até eu decidir o

que fazer com eles? Por uma taxa modesta. Disso já eu estava à espera.

Agora vou para o *Times*. Se me disser onde está hospedado, enviar-lhe-

ei as suas roupas. Não, tenho uma carruagem à espera.

Com a curiosidade aguçada, Mr. Maudling não resistiu a perguntar.

- Para o *Times*? Está a pensar escrever um artigo sobre as suas viagens?

- Não me parece! Não, quero pôr um anúncio. Já que tenho que

passar dois meses num navio a caminho da Nova Gales do Sul, recuso-

me a

ficar inactivo. Por isso quero encontrar um homem que me ensine

Francês e Italiano.

Apesar de James Summers falar Inglês com um sotaque forte e vulgar das Midlands (segundo as Pessoas Importantes), o seu Francês e Italiano eram uma delícia para os ouvidos, diziam as suas referências. O pai, segundo explicou, dirigira uma cervejaria inglesa em Paris durante os primeiros dez anos da vida de Jim; transferira-se depois para um estabelecimento semelhante em Veneza. Alexander escolheu-o entre os muitos candidatos que se apresentaram devido à curiosa dicotomia do homem. A mãe francesa pertencera a boas famílias e insistira em que o filho lesse todos os clássicos franceses; depois, quando morrera e o pai casara com uma italiana igualmente culta, o facto de esta não ter filhos levava-a



a concentrar todas as atenções no enteado. No entanto, James Summers não tinha qualquer propensão para o estudo. Porque é que se candidatou ao lugar? - perguntou Alexander. É uma forma de chegar a Nova Gales do Sul - limitou-se a **dizer**

Summers. Porque é que quer ir para lá? Bem, com o meu sotaque não vou conseguir um lugar em Eton,

Harrow ou Winchester, pois não? O meu Inglês é puro Smethwick por que essa era a terra do meu pai. - Encolheu os ombros. Para além disso, Mr. Kinross, senhor, não fui feito para passar a vida numa sala de aulas e nunca conseguiria emprego numa casa a ensinar as filhas, não acha? A verdade é que gosto do trabalho duro... de trabalhar com as mãos, quero dizer. Ao mesmo tempo, gostaria de assumir algumas responsabilidades. E a Nova Gales do Sul pode ser a solução. Ouvi dizer que a forma

como um homem fala não se vira contra ele, para já.

Alexander recostou-se na cadeira e observou atentamente Jim Summers. Havia algo no homem que o atraía fortemente - uma espécie de independência natural misturada com um grau de humildade que significava que ele sentia a necessidade de confiar em alguém que lhe fosse superior em capacidade e inteligência. O pai, suspeitava Alexander, devia ter sido um homem duro mas justo e, possivelmente, teria constituído a verdadeira raridade que era um vendedor de bebidas que não bebia. Pelo que o filho parecia achar que ser culto equivalia a ter a moleza das mulheres e desejava ser como o pai. Um servo que não era subserviente.

- O lugar é seu, Mr. Summers - disse Alexander -, apesar de ser possível que não o despeça quando chegarmos a Sydney. Isso, claro está, se gostar de trabalhar para mim. Depois de dominar o Francês e o Italiano, vou precisar de um Sexta-feira, e não digo isto em sentido pejorativo.

O rosto vulgar mas atraente iluminou-se; Summers resplandecia. - Oh, obrigado, Mr. Kinross, senhor! Obrigado!

Chegaram a Sydney a 13 de Abril de 1872 que era, por coincidência, o dia do vigésimo nono aniversário de Alexander. Afinal, a viagem levava mais de um ano, pois os progressos de Alexander em Francês e Italiano foram mais lentos do que ele antecipara e também, e sobretudo, porque não conhecia o Japão, nem o Alasca, nem a Península de Kam-chatka, nem o noroeste do Canadá, nem as Filipinas.

Em Jim Summers encontrara o complemento ideal para a sua própria energia irrequieta; o homem adorava tudo o que faziam, cada lugar a que iam e estava sempre satisfeito por fazer aquilo que Mr. Kinross queria fazer. Tratava Alexander por Mr. Kinross» e preferia que Alexander lhe chamasse Summers a que usasse «Jim», que implicaria à-vontade e camaradagem.

- Ao menos - disse Alexander a Summers ao fim do primeiro dia passado em Sydney -, São Francisco fica numa península que entra pela baía enorme, o que faz com que os esgotos fiquem fora do alcance do nariz. Já Sydney abraça o porto, pelo que os seus esgotos ficam retidos numa massa de água muito mais pequena. Não suporto o fedor deste sítio... é tão mau como Bombaim, Calcutá ou Wampoa. E para evitar que uma pessoa possa escapar ao fedor indo mais para o interior, estes idiotas construíram uma horrenda chaminé de ventilação dos esgotos ao fundo do parque principal! Safa!

No seu íntimo, Summers achava que Mr. Kinross exagerava um pouco na avaliação negativa que fazia de Sydney que, a ele, lhe parecia muito bela. Mas, já reparara nisso, Mr. Kinross tinha um olfacto muito apurado. Era tão sensível, dissera-lhe Mr. Kinross certo dia em Yukon, que conseguia cheirar ouro, e havia muito ouro em Yukon.

- Mas não sinto a mínima vontade de passar mais invernos rigorosos em latitudes frias, Summers, pelo que não ficaremos aqui - anunciara.

Não foi, portanto, causa de grande admiração que, depois de ter apresentado a carta de crédito ao banco recomendado por Mr. Maudling, Alexander tivesse tomado imediatamente o comboio e depois uma carruagem para Bathurst, uma cidade literalmente rodeada em todos os pontos cardeais por minas de ouro. Apesar disso, Bathurst não era ela própria uma cidade mineira - esse facto, na opinião de Alexander, fazia com que Bathurst fosse ordeira, limpa e benigna.

Em vez de procurar quarto num hotel ou pensão, alugou uma casa de campo com vários hectares de terras nos arredores, onde instalou Summers.

- Arranja uma mulher para limpar a casa e cozinhar ordenou Alexander e estendeu uma lista a Summers. - Paga-lhe um pouco mais do

que o costume por estas bandas e ela ficará desejosa de manter o lugar. Enquanto eu exploro as minas de ouro, quero que me vás comprando os artigos que estão nessa lista. Está aqui uma procuração que te permitirá levantar dinheiro no meu banco. Se não sabes contabilidade vais ter de

aprender. Arranja um guarda-livros e paga-lhe para que te ensine. - Saltou para a sela do Oeste americano que trouxera consigo com tudo o que precisava nos alforges. A égua que montava comprara-a ali, mas não havia dúvida de que para longas cavalgadas em terrenos acidentados, a sela do Oeste americano era mais confortável do que as selas inglesas. - Não sei quando estarei de volta, por isso aguarda-me a qualquer altura.

E lá foi ele, com as roupas de pele e o chapéu de abas largas.

A semana que passara em Bathurst fora cheia de actividade, sobretudo na procura de informações acerca da cidade junto das autoridades do condado, três membros da elite agrária, comerciantes e clientes de vários bares de hotel. O ouro de aluvião estava quase esgotado, descobriu, mas o ouro de veio estava a ser extraído em Hill End e Gulgong, provocando uma segunda corrida ao ouro.

Nos primeiros tempos das descobertas de ouro, o Governo da Nova Gales do Sul - e o Governo em Vitória, onde tinham sido feitas descobertas ainda maiores - fora de tal forma avarento na extracção de proventos sobre aquele maná que conseguira arrecadar a soma astronómica de trinta xelins por uma licença de prospecção com uma validade apenas mensal. Em Vitória, a revolta sentida entre os prospectores, em combinação com os métodos implacáveis dos inspectores fiscais do Governo, culminara quase numa revolução. Em resultado disso, a taxa de extracção fora reduzida para vinte xelins e as licenças passaram a ser válidas por um ano. Mesmo assim, Alexander ainda não precisava de uma licença. .. para quê mostrar o jogo?

A estrada para Hill End, que não passava de um caminho de cabras, estava entupida de trânsito: carroças abertas e enormes, puxadas por dez a vinte bois, algo que parecia aos olhos de qualquer pessoa uma carruagem americana com as palavras Cobb & Co pintadas num dos lados, carros puxados por cavalos, carruagens e caleches, homens a cavalo ou a pé e muitas mulheres e crianças. O vestuário dos homens ia dos fatos citadinos elegantes e chapéus de coco às jardineiras esfarrapadas, camisas de flanela e chapéus de abas largas, enquanto que as mulheres vestiam mais uniformemente: vestidos de algodão liso ou às riscas, grandes chapéus de palha ou com pala, calçando botas de homem. As crianças eram de todas as idades, desde bebés a rapazes e raparigas jovens, a maioria vestida com pouco melhor que trapos cuidadosamente remendados. Rapazes de oito e nove anos fumavam cachimbo ou mascavam tabaco como veteranos.

«Este, pensou Alexander, deve ter sido o aspecto das estradas da Califórnia que levavam às minas no auge da corrida ao ouro. E como é americano! Das carruagens às carroças e ao aspecto das pessoas, é a fronteira americana. No entanto, em Sydney, todos quantos encontrei fingiam ser ingleses... sem grande sucesso. Como é triste. Este local é demasiado distante para atrair os não britânicos, pelo que as pessoas da cidade decidiram agarrar-se à consciência de classe.

A cidade de Hill End era como as suas congéneres em toda a parte: ruas esburacadas e sulcadas que deviam ser um lamaçal quando chovia, as mesmas barracas, casebres, cabanas e tendas. Possuía, no entanto, uma imponente igreja de tijolos vermelhos e mais um ou dois edifícios de tijolo, incluindo um que anunciava ser o ROYAL HOTEL. Os chineses abundavam, alguns vestidos como os tradicionais trabalhadores chineses, com tranças, outros envergando fatos ingleses e com os cabelos cortados por baixo dos chapéus de coco. Várias das pensões eram geridas por chineses, bem como uma série de lojas e restaurantes.

O ar reverberava com ruídos familiares: o ruído ensurdecedor dos moinhos movidos a bateria, o rugido dos pulverizadores de pedra. O barulho emanava de Hawkins Hill, local da jazida de ouro - uma confusão feia de buracos, gruas, guinchos e, ocasionalmente, uma máquina a vapor. A maior parte dos prospectores, contudo, usava cavalos. Não lhe levou muito tempo perceber que aquela não era uma terra de águas abundantes; não seria possível, ali, tirar o ouro das paredes de cascalho usando água à pressão, pois o rio, com um caudal reduzido e estreito, era a única fonte de água disponível para todas as necessidades. Quanto à madeira... era dura como ferro, disseram-lhe.

- Um trabalho duro e ingrato como a porra. Este é um sítio dum cabrão - resumiu o seu informador.

Muito deprimido, Alexander olhou para o Royal Hotel e decidiu que não era sítio para si. Na Clarke Street viu um hotel muito mais pequeno, muito bem construído em adobe pintado de cor-de-rosa claro, com o telhado de chapa ondulada, um toldo a cobrir a prancha de madeira que levava

à entrada, uma trave para prender os animais e um bebedouro. A tabuleta dizia, em grandes letras vermelhas, COSTEVAN'S. Este serve muito bem, disse a si próprio, prendeu a égua por forma a que pudesse beber e entrou pela porta da frente.

-«

Àquela hora, a maior parte dos homens de Hill End estavam a trabalhar nas suas minas, pelo que o interior fresco e surpreendentemente elegante estava quase deserto. Havia um bar de cedro vermelho em frente a uma das paredes laterais e havia na sala, para além das mesas e cadeiras comuns nos bares em toda a parte, um piano.

Nenhum dos homens da meia dúzia que bebia no bar ergueu os olhos, provavelmente por estarem demasiado embriagados para o fazerem. Atrás do bar estava uma mulher. Ahah! - exclamou, triunfante. - Um americano! Não, um escocês - corrigiu Alexander olhando-a fixamente.

Valia a pena olhar para ela. Alta, tinha um corpo voluptuoso adelgado na cintura por um espartilho, a parte de cima dos seios cremosos saltando do decote do vestido de seda vermelha, com as mangas curtas puxadas para baixo deixando-lhe nus os ombros magníficos. Tinha o pescoço alto e o queixo muito bem desenhado e o rosto que os encimava era suficientemente belo para ser apelidado de espantoso. Lábios cheios, nariz curto e direito, malares altos, testa alta e olhos verdes. Ele pensava que não existiam olhos genuinamente verdes, mas os dela eram genuinamente verdes. Eram da cor de uma esmeralda ou turmalina. A cabeleira farta que emoldurava aquele rosto maravilhoso era de um ruivo alourado, como ouro rosado. Um escocês - disse ela -, mas um escocês que esteve na Califórnia. Há alguns anos, sim. Chamo-me Alexander Kinross. Eu sou a Ruby Costevan e esta - agitou a mão elegante - é a minha casa. Tem quartos? Uns quantos quartos nas traseiras, para quem puder pagar uma libra por noite - disse numa voz grave e ligeiramente rouca com um sotaque inglês e de Nova Gales do Sul. Eu posso pagar, Mrs. Costevan. Miss Costevan, mas chame-me Ruby. Toda a gente me chama assim, a não ser aqueles que frequentam a igreja aos domingos. Os fanáticos da Bíblia chamam-me escarlate, não Ruby. Sorriu, exibindo dentes regulares e brancos e uma covinha em cada face. As refeições estão incluídas no preço, Ruby?

¹ *Ruby*, «rubi, em inglês. (N. da T.)

94 COLLEEN MCCULLOUGH Mata-bicho e ceia, o almoço não. - Virou-se para a colecção de garrafas. - O que quer beber? Tenho cerveja caseira de barril e bebidas mais fortes... Alex, ou Alexander? Alexander. Na verdade, preferia uma chávena de chá.

Os olhos dela abriram-se muito. - Meu Deus! Não é um fanático da Bíblia, pois não? Não pode ser! Sou filho do diabo, mas um filho bastante abstinente. O meu único vício são as cigarrilhas. De acordo - disse Ruby. Matilda! Dora! - gritou.

Quando as duas raparigas apareceram à porta do fundo do salão, Alexander percebeu subitamente uma das funções do Costevan's. Eram jovens, bonitas e pareciam estar limpas, mas eram inconfundivelmente prostitutas. Sim? - perguntou Matilda, que era morena. Toma conta do bar, linda menina. Dora, vai pedir ao Sam que prepare um chá para o Mr. Kinross e para mim.

A mais loira assentiu e desapareceu, Matilda ficou a tomar conta do bar. Tire o peso dos pés, Alexander - disse Ruby instalando-se naquela que devia ser a mesa da patroa, de uma madeira melhor e mais bem tratada do que a restante mobília do salão. Tirou uma cigarreira fina em ouro de um bolso da saia abriu-a e ofereceu-a a Alexander. - Cigarrilha? O chá primeiro, obrigado. Engoli um quilo de pó.

Ela acendeu uma, inalou profundamente e deixou que o fumo lhe saísse aos poucos pelas narinas. O fumo cinzento pálido ondeava em torno da sua cabeça, provocando-lhe o mesmo tipo de convulsão das entranhas que sentira por vezes em terras muçulmanas ao encontrar os olhos contornados a *khol* de uma mulher incrivelmente sedutora. Podiam abafá-las em todos os véus que quisessem, mas existiam mulheres capazes de ultrapassar qualquer tentativa de controlo. Ruby era uma delas. Teve sorte na Califórnia, Alexander? Sim, na verdade tive. Eu e os meus dois sócios encontrámos um veio de quartzo e ouro no sopé da Sierra. O suficiente para ter ficado rico?

Moderadamente rico. Não o esbanjou todo, pois não? Não sou nenhum idiota disse ele **baixinho, com os olhos negros** a faiscar. ,

Sobressaltada, fez menção de dizer qualquer coisa, mas nesse momento a porta das traseiras abriu-se e entrou um rapaz com cerca de oito anos empurrando um carrinho transportando um bule coberto por um abafador feito em casa, um conjunto de chá de fina porcelana para dois, uma colecção de pequenas sanduíches requintadas e um bolo.

Os olhos de Ruby iluminaram-se ao ver o rapaz que era a criança mais invulgarmente bela que Alexander já vira. Exótico, esbelto, gracioso, imensamente digno e senhor de si. É o meu filho, Lee - apresentou Ruby, puxando o rapaz para lhe dar um beijo rápido. - Pronto, meu gatinho de jade. Diz olá ao Mr. Kinross. Olá, Mr. Kinross - cumprimentou Lee sorrindo com o sorriso de Ruby.

-Agora vai. Anda, meu espertalhão!

- Então já foi casada - disse Alexander.

As suas sobrancelhas pálidas ergueram-se com altivez. - Não, não fui. Nenhum poder do mundo conseguiria que eu me casasse com *quem quer que fosse*, Alexander Kinross... Nenhum poder do mundo! Pôr o meu pescoço na canga de um homem? Ah! Preferia morrer!

A violência da resposta não o surpreendeu verdadeiramente; já percebera instintivamente o que era importante para Ruby. A independência. O orgulho de proprietária. O desprezo pelos cidadãos virtuosos. Mas o rapaz era um mistério: aquela tez bege escura, a forma como os olhos verdes se engastavam nas órbitas, o negro absoluto do cabelo liso e brilhante. O pai do Lee é chinês? - perguntou. Sim. O Sung Chow. Mas ele concordou em que o nosso filho se chamasse Lee Costevan e que fosse educado como britânico, desde que eu fizesse dele um cavalheiro. - Serviu o chá. - O Sung Chow era meu sócio neste negócio, mas depois de o Lee nascer comprei a parte dele. Oh, ele continua a viver em Hill End, mas é o proprietário e gerente de uma lavandaria, da destilaria e de várias pensões. Somos bons amigos. No entanto, ele confiou-lhe inteiramente o filho? Evidentemente. O Lee é mestiço, portanto não pode ser chinês. O Sung mandou vir uma mulher assim que teve dinheiro suficiente e agora tem dois filhos chineses. O irmão dele, Sam Wong - Sung é o apelido, mas Wong decidiu chamar-se Sam é o meu cozinheiro demasiado bem pago e é o mais novo dos dois Sung. Um deles terá de regressar à China para aplacar os antepassados e será o Sam a fazê-lo. Por isso recebe apenas metade do ordenado, a outra metade deposita-a no banco.

em nome dele... quanto mais levar para casa, mais gananciosos ficarão os parentes. - Deu uma gargalhada. - Quanto ao Sung... a única forma em que regressará à China será em cinzas guardadas num belo pote decorado com dragões.

- O que deseja então para o seu filho, já que deverá ser educado para ser um cavaleiro? perguntou, conhecendo bem o destino dos bastardos.

Os olhos brilhantes encheram-se de lágrimas repentinas; ela pestanejou para as afastar. - Já tenho tudo pensado, Alexander. Dentro de dois meses ele já não estará comigo. - As lágrimas apareceram novamente e novamente foram dominadas. - Não o verei durante dez anos. Irá para uma escola privada muito fina, em Inglaterra. É uma escola que se especializa em alunos estrangeiros: filhos de paxás, rajás, sultões, todo o género de potentados orientais que querem os filhos educados em Inglaterra. Por isso, o Lee não se destacará, a não ser por ser *imensamente* esperto. Compreende, os colegas da escola serão um dia eles próprios potentados, todos eles aliados da Coroa Inglesa. Estarão em situação de ajudar o Lee. Está a pedir muito a um rapazinho, Ruby. Que idade tem ele, oito ou nove anos? Oito, fará nove em breve. - Serviu-lhe a quarta chávena de chá e inclinou-se para a frente ansiosamente. - Ele *compreende* a situação: a questão de ser mestiço, as minhas limitações sociais, tudo. Nunca lhe escondi nada, mas também nunca permiti que se sentisse envergonhado. Lee e eu encaramos aquilo que somos com coragem e espírito prático. Viver longe dele vai matar-me, mas fá-lo-ei para seu bem. Se o tentasse mandar para uma escola em Sydney ou até mesmo em Melbourne, alguém descobriria. Mas ninguém descobrirá se ele estiver numa escola para a realeza estrangeira em Inglaterra. O Sung tem um primo. Wo Fat, que acompanhará o Lee como seu criado e protector. Partem no início de Junho. Para ele será mais duro, mesmo que compreenda. Pensa que eu não sei disso? Mas, como percebe, fá-lo-á. Por mim. Pense nisto, Ruby. Quando ele for crescido, agradecer-lhe-á tê-lo tirado de junto da mamã numa idade tão jovem para ser lançado no covil dos colégios internos ingleses? Rodeado por imensa riqueza, sabendo que se os colegas soubessem das suas verdadeiras circunstâncias o ignorariam completamente... Oh, Ruby, também há esse lado negro - disse

Alexander embora não soubesse por que razão estaria a lutar tão encarniçadamente por uma criança que mal vira. Sabia apenas que algo nos olhos do rapaz, tão diferentes dos de Ruby no que reflectiam da alma, o tinha atraído fortemente.

- É uma meiga persistente, não é? - Levantou-se. - Tem cavalo? Se tiver, há um estábulo nas traseiras. Leve o animal pela vereda e entregue-o ao Chan Hoi. A forragem é cara em Hill End, por isso o cavalo vai custar-lhe mais cinco xelins por noite. Matilda, leva o Mr. Kinross para o Quarto Azul. Ele merece o azul²... é um chato sem alegria. - E foi-se embora para o bar. - O jantar é servido à hora que preferir - disse quando ele já ia atrás de Matilda na direcção da porta das traseiras.

O Quarto Azul era na verdade de um azul bastante deprimente, mas era espaçoso e estava confortavelmente mobilado. Livrou-se de Matilda, que nunca mais se ia embora, passando por ela e indo tratar do cavalo; era evidente que a rapariga tinha a esperança de ser bem recompensada por quaisquer serviços que pudesse prestar.

Havia uma casa de banho duas portas mais abaixo do Quarto Azul, tão boa, suspeitou, como qualquer outra casa de banho em Hill End. A retrete era um buraco escavado na terra no quintal das traseiras... não havia casas de banho com autoclismo em Hill End! A água era, sem margem para dúvidas, o maior problema em Hill End.

Depois de ter tomado um banho e de se ter barbeado, deitou-se na cama azul e dormiu profundamente.

O barulho acordou-o: Costevan's ganhara vida, o que significava que a maior parte das minas da cidade tinha encerrado os trabalhos. Acendeu o candeeiro de querosene, vestiu um fato de camurça lavado e foi à procura do jantar. Onde quer que fosse que as prostitutas tratassem dos seus negócios não era naquela ala da casa onde estavam acomodados os cinco hóspedes que Ruby conseguia alojar. Quando levava o cavalo para o estábulo, reparara que a cozinha era num edifício separado do resto da casa, garantindo assim que o lume ali aceso não incendiaria todo o estabelecimento, e reparara também que havia mais um anexo ao edifício principal, do outro lado daquele onde dormia. Tinha uma mente organizada, a Ruby, tão organizada como implacável. Aquele pobre rapazinho!

O salão estava apinhado. Havia três filas de homens em pé junto ao bar e todas as mesas, com excepção da da patroa, estavam ocupadas.

² *Blue* (literalmente, «Azul»), significa também triste. (*N. da T.*)

Matilda e Dora andavam de um lado para o outro, bem como mais três raparigas. Partindo do princípio de que se sentaria à mesa da patroa para jantar, instalou-se sob uma chuva de olhares curiosos; a maior parte dos clientes ainda estava bastante sóbria.

- Sou a Maureen - disse uma ruiva com um vestido de rendas verdes. Era a pessoa mais sardenta que Alexander alguma vez vira e parecia estar a tentar ficar com uma pele completamente castanha através da multiplicação das sardas. - Temos perna de porco assada com torresmos, batatas assadas e couves cozidas e pudim com creme de leite para a sobremesa. Se não gostar, o Sam pode fazer outra coisa. Não, isso está bem, obrigado, Maureen - disse ele. - Conheço a Matilda e a Dora, mas quem são as outras duas? A vesga de cabelo castanho é a Therese e a dos braços tatuados é a Agnes. - Maureen deu uma risadinha. - Costumava trabalhar nos bares de marinheiros na Rocks, em Sydney.

Portanto, as raparigas de Ruby não eram tão limpas como pareciam. Mas, como não tinha intenção de contratar os seus serviços - quanto levariam em Hill End?, - concentrou-se em devorar a refeição excelente. Sam Wong podia ser demasiado bem pago, mas sem dúvida que sabia cozinhar. Talvez conseguisse convencer Sam a cozinhar-lhe uma refeição genuinamente chinesa, antes de ele se ir embora.

A própria Ruby estava por trás do bar, de tal forma ocupada que só lhe dirigiu um aceno; pensou se todos os salões de Hill End seriam tão frequentados como o Costevan's e concluiu que não. As cinco raparigas estavam a fazer um excelente negócio, desaparecendo com uma vítima e reaparecendo após escassos minutos, encontrando outra vítima à espera. Tinha de haver um polícia na cidade; presumivelmente, Ruby subornava-o para continuar de porta aberta.

Com o estômago agradavelmente cheio, recostou-se na cadeira para fumar uma cigarrilha e beber uma chávena de chá enquanto observava a animação. O pagamento pelos serviços das raparigas, reparou, era feito a Ruby e adiantado.

Depois, com os bebedores aplacados, Ruby foi para o piano. Este estava mesmo junto à porta, num ângulo que permitia ao pianista ser visto de qualquer ponto da sala. Compôs as saias para ficar com os pés livres, pôs as mãos no teclado e começou a tocar. Alexander ficou tenso, acometido pelo impulso súbito e absurdo de gritar com os clientes para que ^{se} calassem e ouvissem... ela era tão *boa* A música que tocava con

ensistia em vulgares canções populares, mas embelezava-as com acordes complicados que deixavam perceber que saberia fazer justiça a Beethoven ou Brahms.

Até ter ido à América, Alexander nunca prestara muita atenção à música, simplesmente porque nunca ouvira música. Mas em São Francisco fora a um concerto com música de Chopin, simplesmente porque ia a passar pela sala de concertos, e descobrira ter uma paixão por música. Desde então, ia a todos os concertos que podia: em St. Louis, Nova Iorque, Londres, Paris, Veneza e Milão, Constantinopla - até no Cairo, onde assistira pela primeira vez à *Aida*, a ópera que Verdi compusera para celebrar a abertura do Canal do Suez. Não lhe interessava qual o tipo de música: ópera, sinfonias, solos instrumentais ou as canções que toda a gente cantava em lugares como o Costevan's. Música, *tudo* era música.

E ali, em Hill End, havia uma excelente pianista a tocar Lorena e a cantar os mesmos versos melancólicos que ouvira cantados por todo o género de pessoas durante a sua odisseia americana, habitualmente com acompanhamento, ou apenas com a ajuda dos lamentos de uma concertina ou harmónica.

*Nesses tempos amávamo-nos, Lorena,
Mais dos que nos atreveríamos a dizer;
E o que poderíamos ter sido, Lorena,
Se o nosso amor tivesse prosperado.
Mas, pronto, é passado já foi há muitos anos,
Não invocarei os seus fantasmas;
Dir-lhe-ei: «Anos passados, continuem adormecidos!
Durmam! Não prestem atenção à tempestade da vida.
Dir-lhe-ei: «Anos passados, continuem adormecidos!
Durmam! Não prestem atenção à tempestade da vida.¹*

Quando acabou de cantar o último verso, na sua voz doce e forte de contralto, os mineiros lacrimajantes aplaudiram histericamente, implorando por mais e não a deixando ir.

We loved each other then, LorenaJMore than we ever dared to tell;/And what we might have been, LorenaJHad but our love prosper d well./But then, 'tis past - the years are gone! 'II not call up their shadowy forniss;/ 'II say to them, «Lost years, sleep on .Sleep on! Nor heed life s pelting storm.l 11 say to them, «Lost years, sleep oní/Sleep on! Nor heed lifes pelting storm.» (N. da T.)



«Poderia amá-la só por causa da música, pensou Alexander, e bateu numa retirada cobarde para o Quarto Azul antes que lhe dissesse alguma coisa de que se viesse a arrepender.

Alguém acendera a lareira; as noites de Maio eram frias em Hill End, pois o Inverno aproximava-se. Graças a Deus por isso! «Não terei de dormir com a roupa interior, pois o quarto está quente. Pôs mais carvão na lareira... carvão, que interessante! De onde viria? Aquela não era uma região carbonífera e a estação de caminho-de-ferro mais próxima era o apeadeiro em Rydal, a uma grande distância.

Talvez devido ao facto de ter dormido durante a tarde, não se sentia muito cansado; procurou o livro de Plutarco num dos alforges, regulou o candeeiro de querosene por forma a ter luz suficiente para ler e entrou nu na cama que fora recentemente aquecida com uma botija.

Só levantou os olhos, sobressaltado, quando sentiu a porta abrir-se; trancara-a, tinha a certeza. Mas, como era evidente, a proprietária do estabelecimento tinha a chave de todos os quartos. Ruby entrou, vestindo um robe vaporoso de renda que se abria quando caminhava revelando um belo par de pernas bem feitas e pés enfiados em chinelos de salto alto decorados com penas. A sua cabeleira fabulosa caía-lhe pelas costas, lembrando Lady Godiva.

Espreitou por cima do ombro dele para ver o que estava a ler e guinchou. - Isso é Chinês!

- Não, é Grego! A vida de Péricles, de Plutarco.

Ela empurrou-o para o lado com a anca e sentou-se na beira da cama, desatando a fita do robe. - És um enigma, Alexander Kinross. Vês? Também sei algumas palavras difíceis, apesar de nunca ter recebido grande educação. Mas tu deves ser o máximo. Grego, hem? Também sabes Latim, suponho? Sim. E Francês. E Italiano - disse ele sem conseguir eliminar o orgulho da voz. E já estiveste em muitos mais sítios para além da Califórnia, aposto.

Assim que te vi, percebi que eras o máximo. As fitas estavam desatadas, ela deixou o robe escorregar dos ombros até aos seios nus, que

eram cheios e altos e muito bem feitos. E a cintura também não precisava de grandes apertos do espartilho; era estreita e o seu ventre liso. Sim, já estive em muitos sítios - disse ele com mais calma do que aquela que sentia. - Vieste aqui para me seduzir ou só para me tentar? Já andaste por perto dos fanáticos da Bíblia algures, Alexander.

O TOQUE DE MIDAS 101 Cresci no meio deles. Vê-se, embora não gastes que to digam. Quero que faças amor comigo... e não te atrevas a falar em dinheiro! Quando se é a madame de um bordel paga-se às outras raparigas para dar as cambalhotas, não somos nós quem as damos. Sou tão esquisita que já há nove anos que não lhe tomo o gosto, por isso deves sentir-te honrado, companheiro. Estás a referir-te ao pai do Lee. Que é que temos em comum?

- Se tivesses dito isso com desdém batia-te, mas não disseste. Gosto do aspecto dos chineses e alguns deles são muito bonitos... e altos, também. Não pareces chinês, mas és muito moreno... um pouco como o Velho Capeta. - Riu-se e atirou o robe para o chão. - Aposto que cultivas essa aparência diabólica deliberadamente, Alexander Kinross. - Os olhos verdes brilharam. - Bem, e então? Estás com disposição para o amor?

Mesmo que a sua mente não estivesse, o seu corpo sem dúvida estava e até mesmo Alexander Kinross era incapaz de dominar sempre aquilo que o presbiteriano que havia em si apelidava de instintos vis. Embora Ruby pudesse ter persuadido um santo a fazer amor com ela e ele não fosse nenhum santo. Tinha havido, como era evidente, outras mulheres depois de Honoria Brown: mulheres de diferentes nacionalidades, aparências e circunstâncias. Todas elas com aquele *algo* especial e intangível que algumas mulheres possuíam mas que a maior parte não tinha. E Ruby era irresistível.

Era bela, apaixonada, sensual e competente; ou o misterioso Sung Chow era um mestre daquela arte ou, apesar da sua longa abstinência, Ruby tivera muita experiência. Alexander deleitou-se nela, todos os escrúpulos afastados da sua consciência. E se sabia que iniciara algo a que seria impossível pôr termo, também não pensou nisso. Porque é que não te entregaste a ninguém desde o Sung Chow? - perguntou enrolando o cabelo dela num dos braços. Passei todos esses anos aqui em Hill End e pus em prática o velho ditado: nunca sujes o teu ninho. Então porquê eu, em Hill End? Porque tu não vais ficar em Hill End, és uma ave de arribação. Daqui a um ou dois dias já cá não estarás. Não gostarias então de ter um caso comigo? Raios, claro que gostaria! - Sentou-se, indignada. - Mas tu não estarás cá. Voltarás cá de vez em quando para me visitar, hem? Terás de ser tu a vir ter comigo, pois não posso pegar nas minhas armadilhas como

os ciganos e ir atrás de ti... tenho um filho para educar. *Preciso do meu* negócio. Quanto é que vai custar essa escola? Duas mil libras por ano. Ele terá de lá ficar durante as férias, percebes? Alguns dos outros rapazes também ficam, por isso terá companhia. E o Wo Fat. Isso é um investimento de vinte mil libras para um resultado impossível de prever - disse o lado arguto de Alexander. Eu não sou uma escocesa forreta como tu, Mr. Kinross! Aposto que se abrires a carteira saem de lá traças a voar, mas eu não sou assim. Descendo de uma longa linhagem de ladrões e gastadores. E sou mulher. Pelos homens a quem entrego o coração sou capaz de ficar pobre só para que eles prosperem. Tu és um homem, um dos senhores da Criação. Os outros homens apercebem-se do ferro que há em ti e submetem-se ao teu poder. Deves saber que possuis essa qualidade, pois usa-la. Mas o meu único poder reside no meu aspecto: que poder pode ter uma mulher? No entanto, tenho boa cabeça para os negócios e usei-a para explorar a única vantagem de que disponho. - Solto um suspiro. - Isto é, depois de ter aprendido a não ser explorada. Quantos anos tens, Ruby? Trinta. Se andasse a vender o corpo poderia esperar mais cinco anos de bom dinheiro e depois murcharia e tornar-me-ia uma velha rameira estragada, com sorte em conseguir ganhar seis *pence*. Bem, apercebi-me disso cedo e decidi que seria eu a gerir as outras raparigas. Para isso não há limite de idade, só posso tornar-me maior e melhor. Até Hill End se tornar uma honesta comunidade de fanáticos da Bíblia, quando o ouro não passar de uma memória - lembrou ele. - Nessa altura, terás de te mudar para outra cidade mineira mais arejada. Levei isso em consideração - disse Ruby Costevan. - Se encontrares ouro num sítio qualquer, que tal lembrares-te de mim? Como poderia esquecer-te?

Durante os dias seguintes, Alexander explorou o curso do rio Turon, espantado com as semelhanças que encontrou com a região aurífera da Califórnia. Apesar de aquele ser um rio muito mais pequeno que corria de picos que não estavam cobertos por muitos metros de neve nem sequer ensopados devido à chuva. A Nova Gales do Sul era uma terra seca, à parte a estreita faixa costeira, o que dificultava a extracção do ouro

enterrado em cascalho. Na Califórnia tinham gasto milhões e milhões de litros de água - tinham gasto provavelmente mais água do que toda a que alguma vez ali existira. Um botânico de passagem, com um ligeiro sotaque alemão, alugou um quarto no Costevan's e explicou-lhe que as árvores australianas e as plantas em geral tinham as características necessárias à sobrevivência num clima quase desértico.

Através de Ruby, que andara pelas minas de ouro desde a corrida ao ouro de aluvião em 1851, soube que em todos os rios que corriam para Oeste da Great Divide⁴ (um nome imponente para uma cordilheira montanhosa relativamente pequena), naquela parte da Nova Gales do Sul, tinha sido encontrado ouro: o Turon, o Fish, o Abercrombie, o Lachlan, o Bell, o Macquarie. Nenhum deles tinha comparação, no que respeitava ao caudal, com os enormes e profundos rios americanos. Havia ocasiões, disse ela, em que a seca os transformava numa série de charcos e em que não restava uma única folha de erva que uma vaca ou ovelha pudesse comer.

Mas não conseguiu cheirar nenhum novo veio no Turon; a sua riqueza já tinha sido saqueada.

Quando perguntou a Ruby se poderia levar Lee com ele no seu último dia em Hill End, um sábado, ela concordou de imediato. Pensara sentar o rapaz à sua frente na sua própria égua, mas afinal Lee tinha o seu próprio pônei e revelou-se um bom cavaleiro.

O dia foi excelente; quanto mais conhecia Lee, mais gostava dele. Talvez o amasse. E, apesar de ser um escocês avarento, deu por si desejoso de ajudar a garantir ao Lee a sua preciosa educação em Inglaterra.

A criança falava francamente da separação que se aproximava, com um fatalismo e uma maturidade que Alexander achava tristes. Vou escrever à mamã todas as semanas e ela deu-me uma agenda com dez anos... é um livro *enorme* Assim saberei sempre quanto tempo falta para a ver de novo. Talvez ela te possa ir visitar a Inglaterra.

O rosto muito belo ensombrou-se. - Não, Alexander, ela não o poderá fazer. Para eles, eu serei um príncipe chinês cuja mãe é uma russa de alta posição. A mamã diz que se eu quiser aguentar essa ficção terei de viver como se fosse absolutamente verdadeira. *Acreditar* nela.

- Ela poderia fingir que era amiga dos teus pais.

⁴ Grande Cordilheira Divisória. (*N. da T.*)

Ele deu uma gargalhada. - Oh, ora Alexander! A mamã **tem** alguma vez ar de ser amiga de príncipes e princesas? Era capaz de ter, se tentasse. Não disse Lee com firmeza endireitando os ombros estreitos.

Se eu a visse, iria tudo por água abaixo. A única forma possível de conseguirmos passar por isto é não nos vermos. Já conversámos sobre isso

muitas vezes. Então vocês são um par de melhores amigos sem ilusões. Evidentemente - disse ele surpreso com a falta de perspicácia de Alexander. Eu, nos próximos anos, sou capaz de ter de ir a Inglaterra de vez em quando. Importas-te que te vá ver? Devidamente vestido, como um cavalheiro escocês, evidentemente. A coisa mais peculiar em Inglaterra é que ter um sotaque escocês não constitui uma desvantagem social. Eles encaram-nos como estrangeiros que derramaram demasiado sangue inglês, o que nos traz todo o tipo de vantagens quando lidamos com eles.

Com os olhos a brilhar, Lee sorriu alegremente. - Oh, Alexander, isso seria o máximo! Por favor!

E assim, quando Alexander Kinross se afastou de Hill End com os sinos da igreja a convocarem os inimigos de Ruby para o serviço religioso de domingo, levava o espírito cheio com as imagens de Ruby Costevan e do seu formidável filho. O rapaz era ainda mais inteligente do que a mãe pensava, embora as suas inclinações fossem para a engenharia e não para as matérias culturais por que ela tanto ansiava. Quando descobriu que Alexander sabia tudo acerca de motores, a viagem ao longo do Turon tornou-se uma série de perguntas e respostas. Este, pensou enquanto se afastava de Hill End, é o tipo de filho que espero ter quando arranjar uma esposa Drummond, como terá de acontecer.

De regresso a Bathurst, encontrou Jim Summers concentrado nos estudos de contabilidade; os artigos da lista que lhe deixara tinham sido encomendados e ou estavam no quintal ou prestes a ser entregues. A mulher que tratava da casa era uma jovem viúva chamada Maggie Murphy; a sua educação era limitada, mas limpava a casa com energia e competência e cozinhava refeições simples mas deliciosas. A forma como olhava para Summers e a maneira como este a olhava fizeram com que Alexander percebesse o que se passava, mas como Summers não falava nas suas intenções, Alexander não fez perguntas. Quando a altura chegasse, dir-lhe-iam.

A sua expedição seguinte foi ao rio Abercrombie, com uma paragem no rio Fish, que ficava em caminho. Encontrou alguns poucos lugarejos ligados à extracção de ouro; de resto, toda a região era, como veio a descobrir, extremamente selvagem e praticamente inexplorada.

A única aldeia era Oberon, no topo da Great Divide, na fronteira dos afloramentos graníticos para oeste e do planalto de arenito retalhado para leste. A certa altura, antes de chegar a Oberon, viu o vale mais magnífico que alguma vez encontrara, mas os seus penhascos com trezentos metros de altura eram de arenito triássico e nas suas bases havia carvão e xisto, não ouro. Os habitantes de Oberon prestavam os seus serviços ao pequeno número de turistas intrépidos que queriam visitar as grutas do rio Fish, algo só possível a cavalo por um caminho difícil e perigoso. Contudo, asseguraram-lhe, as grutas valiam o esforço: um enorme país de fadas de calcário, com estalactites e estalagmites. Não sendo apreciador de grutas, Alexander continuou caminho.

Apercebendo-se de que a expedição iria ser longa, levava um cavalo de carga (era impossível arranjar mulas) e comia pouco; não havia caça, visto que não lhe agradava a ideia de comer os pequenos cangurus das rochas que abundavam por toda a parte. Não havia coelhos, nem veados, nem plantas comestíveis. O revólver *Colt* mantinha-se inactivo no coldre da anca. Tinha um mapa que comprara em Bathurst, mas este continha muito poucos nomes ou informações. Quando, muitos quilómetros para sul de Oberon, encontrou um rio estreito mas de forte caudal que corria para oeste, não o viu assinalado no mapa. As terras altas em seu redor não tinham sido arroteadas e também não encontrou vestígios de excrementos que indicassem a presença de ovelhas ou gado que ali tivesse pastado.

Oh, mas o seu nariz estava cheio com o cheiro do ouro! Por isso virou e seguiu o curso do rio para oeste, até chegar ao cimo de uma cascata. A água não se despenhava de um penhasco empinado numa névoa orvalhada: saltava e espumava de socalco em socalco de uma encosta muito íngreme com cerca de três mil metros. Lá em baixo, havia um grande vale; o rio gorgolejava através das terras planas e desaparecia, serpenteante, entre colinas arredondadas semeadas de afloramentos graníticos e pedregulhos.

Alguém desbravara parcialmente o vale e as colinas mais baixas, mas para pastagens, presumiu Alexander, pois não se viam sinais de extracção de ouro em parte alguma. Uma consulta ao mapa e a medição do

Sol com o sextante disseram-lhe que, fosse lá o que fosse, aquelas terras pertenciam ainda à Coroa.

Levou quase dois dias a conseguir encontrar um caminho do cimo da cascata até ao vale, onde acampou sobre o solo duro, perto do rio e à vista da cascata maravilhosa. «Há aqui, de certeza, ouro de aluvião, pensou, mas o meu nariz diz-me que existe um veio de quartzo aurífero no interior da montanha. O meu nariz... bem, é uma maneira como outra qualquer de explicar o instinto.

Durante mais dois dias peneirou o cascalho do rio e encontrou cem onças de pó de ouro e pequenas pepitas. Já era tempo de regressar a Sydney.

Apagou todos os sinais da sua presença, limpando mesmo o estrume dos cavalos e espalhando cascalho sobre os poucos locais onde tinham ficado marcadas as ferraduras. Depois cavalgou para nordeste, na direcção de Bathurst, e entrou noutra floresta. Quem quer que fosse o rendeiro que «possuía aquelas terras, possuía também, isso era óbvio, grandes porções de terras noutros locais.

Perguntas casuais feitas em Bathurst revelaram o nome do homem que arrendava (por uma ninharia) a maior parte das terras entre Blayney e um ponto algures a norte de uma aldeia chamada Crookwell. No entanto, Charles Dewy não tentara ocupar as montanhas a leste das colinas mais suaves da região - gado ou rebanhos levados para aí, disse um outro rendeiro que partilhou os seus conhecimentos com Alexander, desapareciam para sempre nos matos impenetráveis.

Equipado com as latitudes exactas e com uma série de levantamentos que não tinha intenção de divulgar, Alexander partiu para Sydney, para ir ao Departamento de Terras.

Excepcionalmente, alojou-se num hotel requintado na Elizabeth Street, em frente ao Hyde Park, e pagou a um diligente alfaiate levantino para lhe confeccionar as roupas adequadas num prazo muito curto. Podia ser avarento (as palavras de Ruby ainda lhe doíam), mas aquelas despesas eram um investimento. Por isso, quando se apresentou no Departamento de Terras, não teve qualquer dificuldade em obter uma entrevista com um dos funcionários mais importantes.

- Estamos a tentar combater o poder dos ocupantes - disse Mr. Osbert Winfield - por diversas razões. Uma delas deve-se ao facto de eles terem acumulado demasiado poder político em comparação com a população mais numerosa de Sydney. Outra é por pagarem uma renda diminuta

pelas Terras da Coroa que não foram alienadas. O Governo, que sou pago para servir, quer encorajar os trabalhadores urbanos e antigos mineiros a ficarem com pequenas parcelas de terra. Oh, suficientemente grandes para serem viáveis, evidentemente, mas não centenas de quilómetros quadrados. É a isso que chamam as escolhas? - perguntou Alexander. Precisamente, Mr. Kinross. Em 1861, foi introduzida uma nova lei,

a Lei de Alienações de Terras da Coroa, que foi entretanto revista para reduzir a duração dos arrendamentos que os ocupantes detêm das Terras da Coroa para um máximo de cinco anos. Os arrendamentos podem ser renováveis, mas o direito cessa se alguém comprar terras não registadas abrangidas por esse arrendamento. E como perguntou Alexander ingenuamente é que um homem pode comprar essas terras não registadas da Coroa, obtendo assim a sua propriedade? Tenho a intenção de comprar uma dessas escolhas.

Apareceram os mapas e as latitudes de Alexander. Os mapas do Departamento de Terras eram muito melhores do que aqueles que vira em Bathurst, mas ficou interessado ao ver que o pequeno rio não tinha nome e vinha indicado apenas como «afluente do rio Abercrombie. Quanta terra posso comprar assim? Não mais do que cento e trinta hectares, senhor, a duas libras e setenta por hectare. Terá de fazer um depósito em dinheiro de um quarto dessa quantia e o restante poderá ser pago durante um período de três anos. Isso dá um total de trezentas e vinte libras. Pagarei a pronto imediatamente, Mr. Winfield. Onde são as terras? - perguntou Mr. Winfield. Aqui mesmo - disse Alexander, com um dedo no rio no sopé da montanha. Humm... - fez Mr. Winfield estudando o mapa através dos óculos.

Os olhos ergueram-se, brilhantes, para o rosto do visitante. - Esse é um local excelente para procurar ouro, não é? E nunca foi explorado nessa vertente, aliás. Muito astuto, Mr. Kinross... *muito* astuto! Contudo, só poderá adquirir as terras se assinar uma declaração perante o Juiz de Paz de que tenciona vedar as suas terras, melhorá-las e viver nelas. Obviamente que tenciono vedá-las, melhorá-las e viver nelas, Mr. Winfield. - Os olhos de Alexander brilharam. - E como faço para comprar *estas* terras? - perguntou apontando para as montanhas. - Tanto quando consegui saber, não estão arrendadas por Mr. Charles Dewy, que

é quem tem o arrendamento do vale e das terras junto ao rio. São muito íngremes, densamente florestadas e praticamente inúteis, mas gostei imenso delas. Teriam de ser postas a leilão, Mr. Kinross, após a devida divulgação nos jornais apropriados. Presumo que queria as terras adjacentes aos limites da sua escolha? Naturalmente. Que área é que posso comprar?

Osbert Winfield encolheu os ombros. - Aquelas para que tiver dinheiro. Se mais alguém licitar, podem atingir várias libras por hectare ou, se mais ninguém licitar, dez xelins por meio hectare. Duvido que apareçam outros interessados. Não sou perito, mas não me parece que aí exista ouro.

-Verdade. O ouro de aluvião assenta em leitos arenosos com seixos, onde a gravidade favorece a interrupção do seu progresso rio abaixo.

Nessa noite convidou Mr. Osbert Winfield para jantar no hotel que viria a ser a sua base permanente em Sydney, um gesto que foi muito bem recebido pelo funcionário público. Os documentos que transferiam para ele a propriedade dos cento e trinta hectares estariam prontos para serem assinados na manhã seguinte e o leilão teria lugar daí a duas semanas. Após alguma reflexão, Alexander decidira licitar quatro mil e cinquenta hectares perfeitamente delimitados. Devo avisá-lo, Alexander disse Mr. Winfield, florescendo sob o efeito do excelente vinho do Porto -, que as coisas se alteram se nascer uma cidade nas suas terras. Os terrenos urbanos terão de ser loteados - bem, é razoável, não é? Naturalmente que manterá a propriedade das áreas que não forem cedências, mas certos lotes terão de ser reservados pelo Estado para os seus próprios objectivos: lote para a estação dos correios, lote para a esquadra de polícia, lote para a escola, lote para o hospital, lote para a igreja. O município também vai querer alguns lotes. Não ponho objecções a nada disso - disse Alexander. Depois mostrou os dentes num esgar. - Excepto relativamente ao lote para a igreja. A Igreja de Inglaterra posso tolerar, ou até mesmo os católicos, mas *raios me partam* se permitirei a instalação dos presbiterianos! Ressentimentos pessoais, hem? Eu pertenço à Igreja de Inglaterra,

portanto... E será fácil de resolver, na verdade. Podemos atribuir os lotes de terreno para a igreja aos anglicanos e aos católicos, se é isso que de seja. Não poderá, como é óbvio, banir os presbiterianos, que têm uma certa influência política. Mas terão de adquirir terrenos privados e, se não lhos vender, não terão solução

Osbert - disse Alexander sorrindo -, o senhor é uma verdadeira mina de informações úteis. - Franziu o sobrolho, não sabendo quão franco poderia ser, e decidiu ser razoavelmente delicado. - Não me falta dinheiro, meu caro, por isso se... humm... alguma vez tiver alguns contratempos financeiros, ficarei encantado por o poder ajudar.

Perante o que Osbert Winfield provou ser um verdadeiro funcionário de um governo colonial. - Na verdade - disse pigarreando -, tenho a minha conta bancária ligeiramente a descoberto.

- Mil libras aliviarão a crise?

- Oh, definitivamente. Muito generoso! *Muito generoso!*

Alexander acompanhou-o até à porta do hotel sentindo o calor do sucesso. Acabara de comprar aquele que, esperava, viria a ser o primeiro de muitos funcionários superiores e membros do parlamento de grande utilidade na Nova Gales do Sul.

E foi assim que Alexander Kinross se tornou legítimo proprietário de cento e trinta hectares de terras de primeira qualidade, incluindo as margens daquilo que estava agora registado nos mapas do Departamento de Terras como rio Kinross, e quatro mil e cinquenta hectares de terras no topo da montanha, incluindo a encosta e a cascata, a última comprada no leilão a cinco xelins por hectare. Tinha uma licença para extrair ouro no rio e enriquecera a Nova Gales do Sul em 5321 Libras, incluindo a taxa de extracção de ouro de 1 libra. Soubera também que, caso encontrasse ouro subterrâneo na sua propriedade, este seria, uma vez que jazia por baixo de terras suas e inalienáveis, seu, para extracção exclusiva.

Em Agosto de 1872 cavalgou de regresso a Hill End, onde encontrou uma desconsolada Ruby, despojada do filho e sem disposição para ser optimista relativamente ao que quer que fosse. Apesar de ter ficado muito satisfeita por o ver. Dou a Hill End mais dois anos, no máximo - disse ela mais tarde, nessa noite, sentada na cama do Quarto Azul a fumar uma cigarrilha. - Podia ir para Gulgong, suponho... vai durar mais tempo. Mas quando esse se acabar, vou para onde? Se fosse a ti, não me preocupava com isso - disse ele e mudou de assunto. - Ruby, quero conhecer o Sung Chow. O Sung Chow? Para quê?

Tenho um negócio para lhe propor que é capaz de se transformar numa proposta de negócio também para ti.

Já conhecendo, por essa altura, os gostos de Ruby, Alexander achou que Sung Chow era aquilo que ele esperara: com mais de um metro e oitenta de altura, pele clara, bonito e cerca de quarenta anos. O seu escritório era na destilaria e ele vestia-se à chinesa, embora não as vestimentas dos trabalhadores. A sua longa túnica era de uma seda azul--pavão bordada com flores, as calças elegantes que vestia por baixo eram de uma seda azul-escura e os chinelos, bordados.

- Sou mandarim - disse ele instalando Alexander numa cadeira esplêndida e envernizada. - Venho de uma cidade a que vocês chamam Pequim, onde um infeliz incidente me privou dos meus direitos. É por essa razão que o Lee fala Mandarim e poderá passar por príncipe chinês, mesmo que haja outros chineses na sua escola. As culpas do seu Inglês de sotaque colonial serão atribuídas a uma preceptora. Além disso, ele em breve o perderá.

-Você, no entanto, fala um Inglês quase sem sotaque. O que o trouxe à Nova Gales do Sul? - perguntou Alexander. Um profundo horror pela podridão galopante que a Companhia Inglesa das Índias Ocidentais espalhou pela China: o ópio - respondeu Sung Chow. - Recusei-me a lamber as botas aos diplomatas britânicos, portanto decidi pela alternativa honrada de emigrar em busca de ouro. E encontrou algum? O suficiente para começar um negócio. A minha destilaria, a minha lavandaria e as minhas pensões geram um rendimento estável, mesmo não sendo uma fortuna principesca. Suspirou. Não há esperança de encontrar mais ouro em Hill End... ou em Gulgong, aliás.

Sofala morreu. Ser-se prospector e chinês é um negócio arriscado, senhor. Trate-me por Alexander, por favor. Continue, Mr. Sung. Pode chamar-me Sung. Os chineses, Alexander, são extremamente trabalhadores e frugais. Mas como a xenofobia existe em toda a parte, aqueles que têm um aspecto completamente estrangeiro ou que falam mal a língua tornam-se um alvo para os homens e mulheres locais que ou não trabalham esforçadamente ou não poupam o que ganham. Nós, os Chineses, somos odiados - não estou a usar uma expressão demasiado forte, acredite. Somos espancados, roubados, até torturados e, por vezes, assassinados. Não temos acesso à justiça britânica, pois os polícias são, frequentemente, quem mais nos atormenta. Portanto, o preço a pagar pela

prospecção do ouro é demasiado alto para homens como eu, que têm outros talentos e bons instintos comerciais. - Sung abriu as mãos de unhas compridas. - A Ruby disse que tinha uma proposta para me fazer.

-Tenho, mas devo avisá-lo de que consiste em explorar ouro de aluvião, pelo menos de início. Contudo, isso não acontecerá em nenhum campo mineiro já estabelecido. Encontrei um novo local para sudoeste de Bathurst, num afluente do Abercrombie a que tive a insolência de baptizar de Kinross. - Alexander ergueu as sobrancelhas pontiagudas e sorriu. - Poderia manter a descoberta totalmente sigilosa, mas prefiro partilhá-la com um pequeno grupo de outros homens - Chineses. Já estive na China, compreende. Sei alguma coisa dos Chineses e dou-me bem com eles. - Ficou com uma expressão zombeteira. - Porque é que a Ruby se dá bem com Chineses?

-Tem um primo que passou, acidentalmente, dez anos na China, um homem chamado Isaac Robinson, que vive agora na Ilha Norfolk. Traficava armas e ópio num veleiro americano que naufragou no Sul do Mar da China. Foi salvo por um grupo de frades franciscanos e entrou para o mosteiro deles na península de Shantung. Mas a vida monástica foi perdendo a graça e ele meteu-se em sarilhos e fugiu. No caminho da China para o seu novo lar, parou em Hill End para visitar a Ruby de quem gostou muito. Sentiam grande afinidade, o que pode muito bem ter sido a razão pela qual ela ficou com uma inclinação para os chineses. - Sung levantou-se, entrelaçou as mãos no interior das mangas largas da túnica e começou a andar de um lado para o outro. - Essa é uma proposta muito interessante e generosa, Alexander, e muito tentadora. Quais são as suas condições?

- Dividimos tudo o que encontrarmos em partes iguais. Metade para si e metade para mim. Da parte que lhe couber terá de extrair as compensações para os outros Chineses que levar consigo. Da minha parte, compensarei Ruby por me ter levado até si. - Com os olhos fixos em Sung, Alexander recostou-se na cadeira. - Se houver tanto minério como eu penso, é inevitável o nascimento de uma cidade. Isso permitir-lhe-ia a si, pessoalmente, estar na génese do comércio local e a Ruby permitir-lhe-ia ser proprietária de um hotel melhor do que o Costevan's. Se eu estiver sozinho, Sung, o meu controlo da cidade que, inevitavelmente, nascerá, será inexistente. Mas se houver um grupo sólido no terreno -e desde que vocês estejam dispostos a aceitar a minha liderança - então a cidade ficará sempre sob o meu controlo. ,

112 COLLEEN McCULLOUGH Tem tudo pensado - constatou Sung suavemente. Não vale a pena partir para as coisas a meio gás, meu amigo. Por isso pense no que lhe propus, está bem? Vinte homens, sem mulheres, e de início não se tratará apenas de peneirar ouro. Por lei sou obrigado a vedar as minhas terras e a construir uma casa. Isso será a primeira coisa que faremos: assim ficaremos legais e sem problemas. Terá de ser assim, pois o rendeiro local vai ficar muito aborrecido.

- Meu Deus! - foi a reacção de Ruby. - Estás louco, Alexander? Estou com tanto juízo - sorriu -, bem, com tanto juízo como *tudo*.

O Sung veio falar contigo, foi? Sim. Essa é a nossa reacção natural.

Estavam encostados à porta do estábulo, aparentemente a cumprimentar a égua de Alexander, um local onde ninguém poderia ouvir uma única palavra do que diziam.

- E o escocês forreta - sibilou Ruby com os olhos coruscantes - tem ciona ser caridoso com um puta envelhecida! Bem, passo muito bem sem os teus tostões, Mr. Kinross! Não me enganas! Se raspares a pele há um fanático da Bíblia prestes a saltar cá para fora. Posso ter começado de costas e viver agora do que outras mulheres ganham deitadas de costas, mas pelo menos é um trabalho honesto! Sim, *honesto!* Quando uma mulher se casa deixa de querer cumprir os deveres do matrimónio... e eu não

a condeno por isso, pois o marido provavelmente está demasiado bêbado para conseguir mais do que um pau meio duro, ou então raciona-lhe o dinheiro da casa mas não raciona o dinheiro que gasta em tabaco e em bebida... pff! Por isso ele tem de ir a outro sítio para se livrar da água suja. Se nem sequer conheces o homem, quanto mais amá-lo, por que *não hás-de* ser paga para que ele possa livrar-se da água suja? Hã? Hã? Responde-me, sacana santarrão!

Alexander caíra sobre a porta do estábulo, chorando de tanto rir. - Oh, Ruby, ainda gosto mais de ti quando comesas a fazer discursos! - Limpou os olhos, agarrou-lhe nas mãos e recusou-se a soltá-las. - Ouve-me, idiota fanática! *Ouve-me!* Há pessoas que desencadeiam uma série de acontecimentos e tu és uma delas. Sem ti eu nunca teria tido a inspiração de formar uma aliança com Sung Chow e isso, por sua vez, ter-me-ia provocado uma série de problemas neste meu novo empreendimento. Não te vou pagar pelo prazer divinal que me proporcionas, mas por me teres prestado um serviço incalculável nos negócios. É verdade que sou

um escocês avarento, mas os Escoceses são, em geral, honrados como eu. Tive de ser forreta para chegar aonde cheguei, mas assim que puder deixar de ser avarento, deixarei de o ser. Este é um negócio de que tu mereces ser sócia, Ruby... ainda que, por enquanto, sejas uma sócia adormecida.

A última frase, tão explicitamente provocante, fê-la rir. A tempestade passara. - Está bem, está bem, já percebi, filho da mãe. Aperta aqui.

Ele apertou-lhe a mão estendida, depois puxou-a para si e beijou-a. Como seria fácil amá-la!

Uma aliança entre um escocês e um chinês significava um cuidado extremo na planificação e na obsessão pelo secretismo. Sung comunicou à comunidade chinesa de Hill End que iria de viagem à China durante seis a oito meses e que levaria um guarda-costas consigo. A mulher e os filhos ficariam ali, sob a custódia de Sam Wong, Chan Hoi e vários outros parentes.

Os vinte homens de Sung eram jovens, fortes e, suspeitou Alexander, deviam ser patrícios chineses unidos por laços indecifráveis para um não chinês. Ser-lhe-iam provavelmente fiéis até à morte. Apesar de todos eles falarem melhor Inglês do que a maioria dos chineses das minas de ouro, vestiam-se como trabalhadores.

A missão com destino à China partiu, com todo o esplendor, da estrada de Rydal, sempre mais movimentada do que a estrada de Bathurst, pois Rydal funcionava como entreposto ferroviário para Hill End. Ao aproximar-se de Rydal, o grupo deixou que a escuridão caísse antes de abandonar a estrada e desaparecer na floresta.

Alexander partira um dia antes e aguardava-os numa clareira bem afastada das casas. Com ele estava Summers e uma quantidade de cavalos de carga ajuizados com rolos de arame, uma broca para perfurar os buracos para instalar postes, pesados postes de madeira, tendas, latas quadradas de vinte e cinco litros de querosene, candeeiros, machados, picaretas, enxadas, martelos e uma colecção de serras para fabricar mais postes a partir das árvores abatidas no local. As arcas esculpidas de Sung só continham comida: arroz, peixe seco, pato fumado, sementes de cebola, aipo, couve, vários molhos em frascos e uma grossa de ovos conservados em cola de peixe.

- Avançamos esta noite - disse Alexander a Sung que estava agora vestido de camponês. - Amanhã poderemos continuar viagem durante o

dia e descansaremos depois, à noite. É uma estirada dura, mas quero estar bem longe da civilização quando pararmos.

- Concordo.

Alexander apresentou-lhe Summers. - Ele será o nosso contacto em Bathurst, Sung. Tenho uma casa nos arredores da cidade onde está o resto das coisas de que iremos precisar. Summers irá transportando as coisas aos poucos, saindo sempre de Bathurst de madrugada. Mande a minha empregada doméstica a Sydney equipada com uma enorme lista de compras e ordens para que fique lá com os parentes até eu a mandar regressar.

Sung franziu o sobrolho. - Será um elo fraco?

Summers sorriu. - Não, Mr. Sung. Está-me prometida em casamento e sabe de que lado do pão está a manteiga.

- Ótimo.

No fim de Janeiro de 1873, a vedação estava pronta e a casa de pedra de Alexander quase terminada. Ele e metade dos chineses já estavam a usar comportas e eclusas, um grande progresso em relação às peneiras manuais e às peneiras móveis. O cascalho era rico em ouro, ainda mais rico do que Alexander pensara originalmente; parecia estender-se para lá dos limites ocidentais da sua propriedade, o que significava que a primeira horda de prospectores ficaria o tempo suficiente por ali para iniciar uma cidade. Sung e os seus vinte homens tinham todos licenças de prospecção, mas quando era registada uma descoberta de ouro, esta dava direito a apenas um metro quadrado. Marcaram as suas áreas, contíguas umas às outras, na base da cascata, mas até que outros descobrissem o que se estava a passar, os vinte e dois homens espalhavam-se pelo rio abaixo, retirando todo o ouro que podiam no exterior das suas áreas demarcadas. E ainda restava muito; por baixo da camada aluvial mais superficial havia outras mais profundas que não se restringiam ao leito actual do rio - os leitos dos rios alteravam-se muito, ao longo dos milénios.

Já podiam variar a dieta com ovos frescos e galinhas de um galinheiro de cinquenta cabeças, patos e gansos, carne de porco da pocilga e uma série de legumes diferentes, de uma horta verdejante. Alexander adorava a cozinha chinesa embora Summers, tinha reparado divertido, não a apreciasse tanto. As tendas dos chineses estavam instaladas a alguma distância da casa de pedra de Alexander que este partilhava com Sung. Summers preferia andar sempre de um lado para o outro.

Ao fim de seis meses tinham recolhido 10 000 onças de pó de ouro, pequenas pepitas e algumas maiores, e uma peça maravilhosa que pesava mais de quarenta e cinco quilos. Pelo que os seus esforços já tinham rendido 125 000 libras, mas todos os dias recolhiam mais ouro. Penso - disse Alexander a Sung - que está na altura de fazer uma visita a Mr. Charles Dewy, que era quem tinha o aluguer destas terras. Surpreende-me que ele ainda não tenha caído em cima de nós - disse Sung erguendo as sobrancelhas elegantes e finas. - Com certeza que foi notificado de que compraste uma parte das suas terras arrendadas?

Alexander levou o indicador a um dos lados do nariz, um gesto universal que Sung percebeu perfeitamente. - Sim, é de calcular que sim, não achas? - perguntou e foi aparelhar a égua.

A herdade de Dunleigh ficava sobranceira ao rio Abercrombie, a ocidente de Trunkey Creek, uma aldeia mineira que operara a mágica transição do ouro de aluvião para ouro de veio em 1868. O facto de Trunkey Creek se ter tornado uma mina oficial de ouro irritara grandemente Charles Dewy, mas quando o veio de quartzo aurífero fora descoberto, Dewy investira fortemente em várias das minas de Trunkey Creek; até ao momento, o investimento rendera-lhe 15 000 libras.

Desconhecendo que Mr. Dewy era um investidor no ouro, Alexander cavalgou até um conjunto de edifícios bem conservados no interior de uma vedação imaculada de postes e arame. Em frente aos estábulos e palheiros erguia-se uma magnífica mansão de dois andares construída com pedra calcária polida. A casa exibia torres e torreões, portas envidraçadas, uma varanda coberta e um telhado de ardósia. Mr. Dewy, pensou Alexander enquanto desmontava a égua, é um homem rico.

O mordomo inglês informou que Mr. Dewy estava em casa enquanto olhava de lado o visitante - que vestuário mais peculiar e um cavalo pouco cuidado! Ainda assim, dado Mr. Kinross projectar uma dignidade e autoridade tranquilas, o mordomo acedeu em anunciá-lo.

Charles Dewy não tinha nada aspecto de um homem da terra. Era baixo, forte, com cabelos brancos, tinha umas suíças prodigiosas mas o rosto barbeado e um fato de Savile Row; o colarinho da camisa branca e bem passada estava tão engomado que mais um pouco e o homem sufocaria, e usava uma gravata de seda.

116 I COLLEEN McCULLOUGH Apanhou-me vestido com roupas citadinas...
acabei de chegar de

uma viagem a Bathurst para uma reunião. O Sol - continuou Dewy enquanto conduzia Alexander para o escritório - já passou há muito o lais da verga, pelo que está na hora de uma bebida, não acha? Habitualmente não bebo, Mr. Dewy. Escrúpulos religiosos? Temperança e essas coisas?

A Charles Dewy pareceu-lhe que, se Kinross estivesse na rua, teria cuspidos no chão; como não estava, arreganhando o lábio. - Não tenho religião e tenho poucos escrúpulos, senhor.

Aquela resposta pouco sociável não desencorajou nada Charles; tendo um temperamento impulsivo, perdoava aos outros homens as suas fraquezas sem os julgar. - Então pode tomar chá, Mr. Kinross, enquanto eu bebo o néctar dos riachos de turfa da sua terra natal - disse alegremente.

Instalado numa cadeira com o seu *whisky* escocês, o reideiro examinou o visitante com interesse. Um tipo com um aspecto impressionante, com aquelas sobancelhas negras pontiagudas e a elegante barbicha à Van Dyke. Olhos que nada revelavam mas que tudo viam. Provavelmente era um indivíduo superiormente inteligente e culto. Tinha ouvido falar daquele Kinross em Bathurst; as pessoas falavam dele porque ninguém sabia no que andava metido, no entanto toda a gente sabia que ele andava metido nalguma coisa. As roupas da fronteira americana faziam com que as apostas populares se inclinassem para o ouro mas, apesar de o homem ter estado várias vezes em Hill End, os boatos diziam que o único ouro em que mexera fora no dos cabelos de Ruby Costevan. Fico surpreendido por não me ter ido visitar,

Mr. Dewy - disse Alexander bebericando com prazer o chá de Assam. Visitá-lo? Onde? E por que deveria fazê-lo? Comprei cento e trinta hectares das suas terras de renda há quase um ano. O raio é que comprou! - exclamou Charles endireitando-se na

cadeira. - Nunca ouvi falar disso! Com certeza que recebeu uma carta do Departamento de Terras? Certamente que deveria ter recebido, mas de certeza que não recebi, senhor! Meu Deus, estes departamentos governamentais! - disse Alexander reprovador. - Juro que ainda são mais lentos na Nova Gales do Sul do que em Calcutá .

- Terei uma ou duas coisas para dizer ao John Robertson. Foi ele quem começou este disparate da Lei de Alienação de Terras da Coroa... e ele próprio é rendeiro! É esse o problema de ser eleito para o parlamento, mesmo um tão coxo como o nosso...: os seus membros ficam cegos relativamente a tudo o que não seja aumentar a receita e as dez libras anuais que um rendeiro paga pelas suas rendas não são uma grande ajuda.

- Sim, conheci John Robertson em Sydney - disse Alexander pousando a chávena. - Contudo, esta não é uma mera visita de cortesia, Mr. Dewy. Estou aqui para o informar de que descobri ouro de aluvião no rio Kinross, onde fica a minha escolha.

- O rio Kinross? *Qual* rio Kinross?

- Era um afluente sem nome do Abercrombie, por isso dei-lhe o meu nome. Eu morrerei, mas espero que o meu rio corra para sempre. Está cheio de ouro, fenomenalmente cheio.

- Oh, meu Deus! - gemeu Dewy. - Por que é que tem que haver tantas descobertas de ouro nas *minhas* terras? O meu pai ocupou estas terras em 1821, Kinross, e arrendou trezentos e vinte quilómetros quadrados. Depois vieram o ouro e John Robertson. Dunleigh está a encolher, senhor.

- Ai, ai - disse Alexander suavemente.

- Quais foram as terras que comprou?

Do alforge saiu um mapa do Departamento de Terras; Dewy pousou o copo, prendeu uns óculos por trás das orelhas e foi espreitar por cima do ombro de Alexander. O odor do homem era agradável, reparou - o fato de cabedal tinha um cheiro a pele curtida e o homem que o vestia também gostava de lavar o corpo. A mão longa, bem feita e limpa, apontou para uma área mesmo junto à fronteira leste de Dunleigh.

- Arroteei algumas dessas terras quando era ainda rapaz - disse Dewy regressando para a cadeira. - Antes de alguém sonhar com ouro. E parece-me que nunca me dei ao trabalho de lá voltar. As montanhas selvagens começam nesse sítio, portanto não posso usar as terras para pastagens de manadas e rebanhos... vagueiam para a floresta nativa e desaparecem. Agora o senhor diz-me que o riacho está cheio de ouro de aluvião. O que significa que será oficialmente declarado campo de prospecção mineira, terá uma aldeia de barracas e o detestável ajuntamento de seres humanos reunidos pela ganância mútua.

- Comprei também quatro mil e cinquenta hectares de terrenos montanhosos em leilão - continuou Alexander servindo-se de mais chá.

- Construirei lá uma casa para fugir, como disse, do detestável ajuntamento. - Inclinou-se para a frente com um ar muito sério. - Mr. Dewy, não quero transformá-lo em meu inimigo. Tenho bons conhecimentos de geologia e sou engenheiro, pelo que existe método na minha loucura aparente de pagar cinco mil libras por uma montanha sem préstimo a que chamei Monte Kinross. Qualquer cidade que cresça junto à mina chamar-se-á Kinross.

- É um nome pouco habitual - observou Dewy.

- É o meu e só meu. No esquema geral das coisas, Kinross deveria morrer quando todo o cascalho tivesse sido explorado. No entanto, não é o ouro de aluvião que mais me interessa, apesar de já ter ganho muito dinheiro com ele. No interior da minha montanha está aquilo a que os californianos chamam filão-mãe - um veio de quartzo contendo ouro livre - isto é, não associado a pirites. Como sabe, qualquer homem é capaz de extrair ouro de aluvião do cascalho, mas explorar um filão profundo enterrado em rocha sólida está para além dos recursos financeiros dos homens que acorrem às minas de ouro. É necessária maquinaria e demasiado dinheiro para que o empreendimento possa ser financiado por particulares. Por isso, quando eu estiver pronto para explorar o filão principal nas minhas terras, irei à procura de investidores para fundar uma Companhia. Garanto-lhe que todos os investidores da Companhia acabarão mais ricos que Ceresus. Em vez de o ter a fazer campanha contra mim entre os seus amigos da política em Sydney, Mr. Dewy, preferia tê-lo como meu aliado.

- Por outras palavras - disse Charles Dewy reforçando a bebida -, quer que eu invista dinheiro.

- Quando chegar o momento, evidentemente. Não quero que a minha empresa seja propriedade e esteja sob o controlo de pessoas que eu não conheça pessoalmente e em quem não possa confiar, senhor. Será uma empresa privada, não terá financiamentos públicos. E quem melhor para accionista senão o homem cuja família está neste distrito desde 1821?

Dewy levantou-se. - Mr. Kinross - Alexander, se me tratar por Charles - acredito em si. É um escocês arguto e não um visionário. - Solto um suspiro. - Já é demasiado tarde para me opor à corrida ao ouro, de qualquer maneira, por isso o melhor é deixar que as lagostas se juntem para apanharem o aluvião o mais depressa possível. Depois a cidade de Kinross dedicar-se-á à extracção adequada do minério, tal como aconteceu em

Trunkey Creek. Os meus investimentos nas minas de Trunkey Creek já pagaram esta casa. Quer passar cá a noite e jantar connosco? Se me perdoar o facto de não ter fato para jantar. Evidentemente. Também não trocarei de roupa.

Alexander levou os alforges para o andar de cima, para um lindo quarto cujas janelas davam para as colinas que rodeavam a casa e para as águas tristemente sujas do rio Abercrombie, poluídas por uma dúzia de descobertas de ouro mais para cima, na direcção da nascente.

Preparada para ter má opinião de Alexander Kinross, Constance Dewy acabou por gostar muito dele. Uns bons quinze anos mais nova do que o marido, fora de uma grande beleza na juventude sobre a qual já tinham passado vinte anos. Tinha sido a mão dela, adivinhou Alexander, que dera forma àquela casa com tão bom gosto, pois estava soberbamente vestida de cetim cru, exibindo o corte simples que estava a ficar na moda. Usava um colar de rubis ao pescoço, brincos de rubi nas orelhas e uma pulseira das mesmas pedras sobre as luvas de cetim cru que lhe envolviam os braços até ao cotovelo. Ela e Charles, reparou, davam-se muito bem. As nossas três filhas - não temos filhos - estão fora, na escola, em Sydney - disse Constance com a voz embargada. - Oh, como sinto a sua falta! Mas uma preceptora só as pode educar até certo ponto. Quando fazem doze anos têm de aprender a dar-se com outras raparigas e fazer os contactos sociais que lhes serão úteis quando tiverem idade para pensar no casamento. É casado, Alexander? Não respondeu ele simplesmente.

Andou demasiado ocupado para encontrar a rapariga indicada ou a vida de alegre solteirão parece-lhe mais atraente? Nem uma coisa nem outra. A minha mulher já está escolhida, mas o casamento é para o futuro, quando eu lhe puder construir uma casa como esta. É em pedra calcária, Charles, mas onde raio foi encontrar os pedreiros capazes de lhe dar este acabamento e de assentar os blocos com tanta competência? - perguntou Alexander mudando de assunto com toda a limpeza. Em Bathurst - explicou Charles. - Quando o Governo construiu o caminho-de-ferro através das Montanhas Azuis, o ziguezague do lado da encosta oeste a partir de Clearance teve que ser parcialmente construído sobre três viadutos muito altos. Conseguiram extrair a pedra ali perto, mas o engenheiro, Whitton, não conseguia arranjar pedreiros. Acabou

por os mandar vir de Itália, razão pela qual tanto os viadutos como esta casa foram construídos de acordo com escalas métricas e não imperiais. Reparei nos viadutos quando vinha de Sydney... tão perfeitos como

se tivessem sido construídos pelos Romanos. Pois é. Depois do trabalho acabado, alguns dos pedreiros decidiram instalar-se em Bathurst, onde há trabalho suficiente para se manterem ocupados. Abri uma pedreira calcária perto das Grutas do Abercrombie, extraí os meus blocos e contratei os pedreiros italianos para construir esta casa. Farei o mesmo - disse Alexander.

Mais tarde, os dois homens retiraram-se para o escritório, Dewy para beber um Porto e Alexander para fumar uma cigarrilha. Foi nessa altura que Alexander abordou um assunto sensível.

- Não me passou despercebido - começou - que existe bastante animosidade em relação aos Chineses, na Nova Gales do Sul. Suponho que em Vitória e em Queensland seja a mesma coisa. O que é que o Charles pensa dos Chineses?

O rendeiro mais velho encolheu os ombros. - Não odeio os chinocas pagãos, é só o que posso dizer. Afinal, tenho muito pouco contacto com eles. Juntam-se nas minas de ouro, apesar de haver alguns pequenos negócios chineses em Bathurst: um restaurante, lojas. Pelo que tenho visto, são calmos, decentes, tratam da sua vida e não fazem mal a ninguém. Infelizmente, a sua capacidade para trabalhar no duro irrita muitos australianos brancos, que prefeririam não ter de trabalhar tão duramente para ganhar aquilo que lhes pagam. Para além disso, eles não estão interessados em misturar-se e não são cristãos. O que faz com que os seus templos sejam habitualmente apelidados de pagodes, um termo que sugere actividades nefandas. E, evidentemente, a indignidade final é o facto de eles mandarem dinheiro para a China. O que é encarado como sugar a riqueza australiana para fora da Austrália. - Riu-se, com uma gargalhada muito agradável. - Na minha opinião, o que eles mandam para a China é uma gota no Oceano, comparado com o que é enviado para Inglaterra.

Sabendo que o seu próprio dinheiro estava no Banco de Inglaterra, Alexander mexeu-se desconfortavelmente. Charles Dewy pertencia obviamente àquela raça emergente, o patriota australiano que estava às avessas com Inglaterra. - O meu sócio é chinês - disse - e manter-me-ei fiel a ele custe o que custar. Quando estive na China, descobri que os Chineses e os Escoceses têm algumas qualidades em comum: a capacidade para o

trabalho árduo e a frugalidade. No que eles batem os Escoceses aos pontos é no temperamento bem-disposto: os Chineses riem-se muito. Ai, mas os Escoceses são severos, severos, severos! É muito cínico em relação ao seu povo, Alexander. Tenho boas razões para o ser. Tenho a sensação, Connie - disse Charles à mulher enquanto lhe escovava vigorosamente a longa cabeleira -, que Alexander Kinross é uma daquelas pessoas extraordinárias que não consegue dar um passo em falso.

A reacção de Constance foi um estremecimento. - Oh, meu Deus! Não se costuma dizer: «Leva o que quiseres mas paga o preço? Nunca ouvi dizer isso. Queres dizer que quanto mais dinheiro ganha, maior é o preço espiritual que terá de pagar? Sim. Obrigada, meu querido, já chega - disse ela e desviou-se do toucador para o olhar. - Não é que não tenha gostado dele, longe disso. Mas sinto que tem muitos pensamentos negros à volta no espírito. Relacionados com coisas pessoais. E serão essas questões pessoais que provocarão a sua queda, pois ele pensa que lhes poderá aplicar os mesmos

princípios que aplica aos negócios. Estás a lembrar-te de ele ter dito que já tinha escolhido a mulher. Exactamente. E disse-o de uma forma estranha. Como se não se tivesse dado ao trabalho de saber quais os seus desejos. - Mordiscou uma unha. - Se ele não fosse um homem rico, a questão resolver-se-ia por si própria, mas os homens ricos são muito procurados para maridos. Casaste comigo por dinheiro? - perguntou Charles a sorrir. O distrito todo acha que sim, mas tu sabias muito bem que não era verdade, sua fraude. - O seu olhar suavizou-se. - És tão alegre, tão imperturbável e, no entanto, tão eficiente. E eu adorava a forma como as

tuas suíças me faziam cócegas nas coxas.

Charles pousou a escova. - Vem para a cama, Constance.

ENCONTRAR UM FILÃO E UMA NOIVA

UM ANO DEPOIS DE ALEXANDER KINROSS ter encontrado ouro de aluvião no rio Kinross, regressou finalmente a Hill End e ao Quarto Azul no Costevan's.

Ruby recebeu-o calma mas calorosamente: o tipo de recepção que lhe dizia ser muito bem-vindo como um velho amigo mas que as probabilidades de ela se meter na cama azul eram... bem, não eram muitas. Era o orgulho que ditava aquela atitude; a verdade era que suspirara por ele constantemente; ainda mais agora que Sung e Lee também tinham partido. O desgaste natural provocado pela doença, desilusão e descontentamento tinham feito com que as cinco raparigas que tinham trabalhado para Ruby um ano antes tivessem ido embora e sido substituídas por cinco outras raparigas. Suponho que deveria dizer que são caras *frescas*, mas, na verdade, são coisas usadas trazidas na boca do gato - disse Ruby com ar fatigado servindo um chá a Alexander. - Ando nisto há demasiado tempo... Quando o bar está cheio não me consigo lembrar de qual é a Paula e qual é a Petronella. Petronella! Já viste que nome?! Parece o nome de um remédio para afastar os mosquitos. Isso é *citronella* - corrigiu ele suavemente, metendo a mão no bolso e tirando um envelope. - Toma, esta é a parte dos teus lucros até agora. Meu Deus! exclamou ela ficando a olhar para a ordem de pagamento bancária. Qual é a percentagem que estas dez mil libras representam? Um décimo da minha parte. O Sung usou algum do dinheiro da parte dele para comprar uma parcela de dez hectares no cimo de uma colina a seis quilómetros da cidade, onde está a construir uma cidade de

pagodes em miniatura tudo em mosaicos envernizados e tijolos de cores maravilhosas, com beirados curvos e torres de vários andares. Deu-me cem trabalhadores chineses para construir um dique com uma mistura de pedras e entulho à saída do vale, será uma represa perfeita. Quando tiverem terminado, irão para o cimo da montanha para desviar uma parte do curso do rio não poluído na direcção do dique. Depois disso farão parte de uma brigada inteiramente constituída por chineses que construirá o meu caminho-de-ferro. Recebendo o mesmo salário que os brancos, devo acrescentar. Sim, o Sung está tão feliz como o Imperador da China. Querido Sung! Suspirou. - Já percebi a razão do Sam Wong

andar tão inquieto. Posso passar sem a Paula, a Petronella e as outras, mas não posso passar sem o Sam nem o Chan Hoi. Andam os dois a falar em regressar a casa, à China. Estão ricos. O Sung registou descobertas de ouro nos nomes deles, como faria qualquer irmão ou primo - disse Alexander maliciosamente, observando-a por entre as pálpebras semiabertas. - Kinross é um campo mineiro onde os chineses estão no terreno e são tratados com decência. Sabes muitíssimo bem, Alexander, que o Sam não é irmão do Sung

e que o Chan não é primo dele. São... servos dele... estão ligados a ele... seja lá qual for a palavra que os Chineses usam para definir escravos libertos que permanecem sob a autoridade do antigo senhor.

- Sim, claro que sei. Contudo, posso perceber a razão pela qual o Sung perpetuou essa ficção. Ele é um senhor feudal do norte que se mantém fiel ao vestuário e aos costumes e exige que a sua gente faça o mesmo. Os chineses que se transformaram em britânicos não têm amor nenhum por ele. Talvez seja como dizes, mas não fiques com a ideia de que o Sung

não tem influência junto dos chineses que cortaram as tranças e vestiram camisas engomadas. O inimigo comum é o homem branco. - Tirou

uma cigarrilha da cigarreira de ouro. - Não fizeste nenhum favor aos chineses ao formares uma sociedade com eles e ao tratá-los como homens brancos. Podia confiar no silêncio deles, o que me deu um avanço de seis

meses - disse Alexander acenando com a ordem de pagamento do banco. - O tamanho dessa quantia deve-se largamente ao controlo que o Sung tem sobre a sua gente. O segredo não foi quebrado até eu ter registado as descobertas de ouro. , , ;

- E agora tens uma cidade de dez mil tendas.

-Absolutamente. Mas já tomei medidas para disciplinar a cidade. Passarão muitos anos até Kinross se transformar numa cidade bonita, mas já tenho planeado qual será o seu aspecto, subdividi as minhas terras com as cedências para os governos municipais e estaduais, tal como a lei exige e... mandei vir seis bons polícias. Foram escolhidos criteriosamente e sabem que não podem perseguir os chineses. Também contratei um inspetor sanitário cuja função é certificar-se de que as fossas são escavadas em locais onde não contaminarão os lençóis freáticos. Não quero epidemias de tifo a dizimar os residentes de Kinross. Há uma espécie de estrada para Bathurst - pelo menos serve para deixar passar uma carruagem da Cobb & Co - e outra para Lithgow. As couves são vendidas a uma libra por unidade, as cenouras a uma libra cada meio quilo e os ovos a um xelim a unidade, mas isso não durará para sempre. A coisa boa é que não temos problemas com a água e, quando viermos a ter, já a represa estará cheia.

Os olhos verdes examinaram-no com um misto de exasperação e divertimento; Ruby deu uma gargalhada. - Alexander, tu és único! Qualquer outro homem limitar-se-ia a saquear o lugar e a ir-se embora, mas tu não. O mistério é por que razão chamaste Kinross à cidade. O nome certo seria Alexandria. Tens andado a ler umas coisas. Já sou perita em Alexandre, o Grande.

- Na esquina da Rua Kinross com a Rua Áurea, reservei um lote de terreno particularmente invejável. Tem uma frente com trinta metros para cada uma das ruas e, nas traseiras, espaço para estábulos, arrecadações e um quintal. Está registado nos planos da cidade como Hotel Kinross, propriedade e licença em nome de R. Costevan. Sugiro que o construas em tijolo. - O seu olhar assumiu uma expressão severa. - E mais uma coisa... deixas as tuas putas em Hill End.

Os olhos dela faiscaram e abriu a boca para rugir, mas Alexander antecipou-se-lhe. - Cala-te! Pensa, rameira irascível e teimosa, *pensa!* Geralmente, uma mulher não gere pessoalmente um hotel de que seja proprietária, mas é uma profissão respeitável se o negócio estiver acima de qualquer suspeita. Uma profissão que não será uma desvantagem para Lee quando ele tiver idade para se afirmar no mundo. Para que serve gastar tanto dinheiro com a educação do teu filho se, quando ele tentar estabelecer-se numa área da sua escolha, a sua mãe for a proprietária de

um bordel nos campos mineiros? Ruby, estou a oferecer-te um novo começo numa nova cidade e quero que lá sejas uma cidadã com um estatuto respeitado. - O sorriso maravilhoso e charmoso fez a sua aparição. -Se abrires um bordel em Kinross, virá o dia em que te verás obrigada a partir. Os fanáticos da Bíblia acumularão o poder necessário para expulsar as senhoras de reputação duvidosa, provavelmente cobertas de alcatrão e penas. E eu não consigo imaginar a minha vida sem ti. Afinal de contas, se te perder, quem me irá ouvir quando eu arengar contra os fanáticos da Bíblia por se terem automeado a polícia de costumes da minha cidade?

Ela riu-se mas ficou novamente séria logo de seguida. - Construir o tipo de hotel de que estás a falar custar-me-ia um terço do que me deste. Não posso fazer isso. Estão aqui metade das propinas para a escola do Lee e exactamente no momento em que eu me perguntava como iria arranjar o dinheiro. A produção da Hawkins Hill está em baixa e Hill End está a morrer juntamente com a produção. Muitos dos habitantes de Hill End ou já estão em Kinross ou vão a caminho. Por isso vou ser honesta contigo. Em primeiro lugar, e graças a eles, a minha reputação seguir-me-á. Em segundo lugar, planeio partir muito brevemente para Kinross, mas para construir uma casa de adobe para pôr as minhas raparigas a trabalhar na única profissão que conhecem. Percebo que aquilo que dizes é razoável e vejo a tua nobreza, mas não posso obedecer às tuas ordens. No próximo ano, poderás talvez dar-me mais dividendos, mas serão os últimos. O ouro de aluvião estará esgotado.

- Vamos lá para fora para eu cumprimentar a minha velha égua - disse ele levantando-se e estendendo-lhe a mão.

Meia hora mais tarde, uma Ruby atordoada foi ao seu quarto para pôr o vestido que poupava para o dia em que Alexander regressasse para a visitar - era em veludo, de uma cor alaranjada, suficientemente elegante para poder ser usado pela mulher de um ministro. Perfeito para a proprietária do Hotel Kinross.

Um filão. Ele disse que havia um filão nas suas terras.

Estudou-se no espelho com absoluto desprendimento. «Não, não pareço ter trinta e um anos. Vinte e cinco, mais ou menos. Uma das vantagens da vida dentro de casa é uma pele não estragada pelo Sol. Oh, aquelas pobres desgraçadas que cultivam as hortas enquanto os homens andam

na mina por não poderem pagar os preços que o Hee Poy ou o Ling Po cobram pelos legumes das suas hortas comerciais! Com um par de crianças pequenas agarradas às saias e mais uma a caminho. Têm as mãos mais calejadas que as dos seus homens. Não sei porque é que elas aguentam. .. uma porra, se eu aguentava. Deve ser por amor, imagino. Se é por amor, então nunca amarei um homem a esse ponto, incluindo o Sung e o Alexander. Algumas delas eram tão bonitas como eu ainda sou. *Eram.*

«Passa em revista os teus trinta e um anos, Ruby!

«Sou o perfeito exemplo de que o pecado compensa. Se me tivesse abandonado como essas mulheres que tratam das hortas, nenhum dos homens que me ajudaram teriam reparado em mim. Dizem que o nascimento é um acaso do destino... bem, o raio do destino põe muito mais mulheres sem um tostão sobre a face da Terra do que mulheres cujos antecedentes lhes permitem fazer casamentos confortáveis. O Alexander também diz que algumas mulheres vão para a Universidade, mas os pais delas são suficientemente ricos para as mandarem para lá. Enquanto que o único lugar onde a minha mãe alguma vez me mandou foi ao bar, para ir buscar um jarro de cerveja. Nunca conheci o meu pai, um tipo mais ou menos bem na vida chamado William Henry Morgan. Ladrão de gado e antigo presidiário, filho de um condenado. Já tinha mulher, por isso não se podia casar com a minha mãe, que também era uma condenada. Morreu de gangrena depois de ter partido a perna numa queda devido à bebedeira. As minhas meias-irmãs são bêbadas e putas, os arruaceiros dos meus meios-irmãos estão na cadeia, rotulados de reincidentes.

«Então, por que é que *eu* sobrevivi? Onde terei ido buscar as forças para sair daquilo e evoluir?

«O meu irmão Monty violou-me quando eu tinha onze anos... provavelmente foi uma coisa boa. Depois de a flor ter sido colhida, a batalha termina. Não haverá uma mancha de sangue no lençol na manhã seguinte à noite de núpcias, portanto perde-se a esperança de um marido respeitável. Os homens quando pensam em casamento gostam de ter a certeza de que foram os primeiros a lá chegar. Aposto que isso é verdade relativamente ao Alexander Kinross!

«O que eu temia era a sífilis. Toda a minha vida vivi com ela à minha volta, à espreita. O Monty não padecia disso quando me violou, mas um ano depois já estava cheio de pústulas. Não esperei. Quando a minha flor foi colhida fugi para Sydney e arranjei um homem rico que me sustentasse

com estilo. Ele não o conseguia pôr de pé sem eu o chupar - nada de que uma mulher goste, mas uma ótima forma de não fazer bebés. Quando morreu, deixou-me cinco mil libras... Oh, a confusão que a família dele armou por causa disso! Disseram-me que eu iria parar ao Inferno antes de eles me darem um único tostão. Mas quando lhes li as cartas dele e disse que as leria em tribunal, decidiram não contestar o testamento. Pagaram sem mais um murmúrio sequer. A parte do chupança decidi as coisas.

«Por isso voltei a Hill End com dinheiro suficiente para começar os únicos negócios que conheço - bares e prostituição - e apaixonei-me por Sung. Um homem lindo. Um príncipe. Mas tão astuto como o Alexander. Mesmo assim deu-me um presente sem preço: o Lee. O meu bebé, a minha esperança, o meu futuro. E nunca a direi a Lee que, pelo seu lado branco, descende de um bando de condenados inúteis. Graças a Alexander Kinross, Lee escapará a essa mancha.

«Saberá o Alexander que eu o amo? Talvez sim, talvez não. O Alexander até é capaz de me amar também. Mas a coisa boa entre nós é que o casamento está fora de questão. Ele tentaria ser meu dono e eu recusar--me-ia a consenti-lo. Tenho piedade da mulher com quem ele se casar, mas odiá-la-ei muito mais por mo ter roubado.

«Um filão. Ele jura que há lá um, jura que os dividendos que me pagou hoje não passam da ponta do icebergue dourado que vem a flutuar na minha direcção. Confio na palavra dele? Acredito nele? Sim, mil vezes sim! Por isso farei o que ele quer e construirei o Hotel Kinross com tijolos elegantes e serei uma das cidadãs mais importantes de Kinross.

Levantou-se do toucador e fez girar a enorme cauda do vestido atrás de si, depois desceu para o jantar.

- Fazem uns tijolos excelentes em Lithgow - disse Alexander ao jantar - que podem ser transportados num carro de bois pela estrada de Lithgow. Quando o Hotel Kinross estiver construído já haverá abastecimento de água na cidade, canalizada a partir da represa usando a gravidade. Os esgotos são capazes de também já estarem prontos. Encontrei o local ideal para a descarga e tratamento dos esgotos e Deus sabe que temos lá chineses suficientes para pôr a estação a produzir. Os legumes ficarão muito baratos, produzidos com os detritos purificados... Oh, sim, o princípio de um local de tratamento é tratar e purificar... os dejectos humanos. E a vantagem é que a estação de tratamento fica a sotavento da cidade, pelo que os ventos afastarão os maus cheiros.

«Ele vai falar do raio da cidade Kinross até ao dia do Juízo Final, pensou Ruby. «Não é o ouro o que o motiva, é o que pode fazer com o dinheiro que o ouro lhe dá.

Alexander encontrou o filão principal em Fevereiro de 1874. Três meses antes, tinha começado a escavar um túnel na rocha a cerca de meio quilómetro para norte da cascata, tendo o cuidado de fazer a passagem subterrânea nas suas próprias terras. Construiu sozinho o túnel estreito da altura de um homem, encarregando-se dos rebentamentos, escavações e escoramento apenas com o auxílio da pólvora, carris de sessenta centímetros e um único balde para onde ia deitando as rochas fragmentadas que vazava no exterior da passagem subterrânea.

Encontrou o veio de quartzo quinze metros no interior da montanha, ao fundo do túnel que escavara e após uma pequena explosão que lhe soou mais surda, menos sonora. Com sessenta centímetros de largura, o veio subia para a esquerda e descia para a direita. Removendo os detritos à luz fraca de um candeeiro de querosene, encontrou pedaços quebradiços de minério misturado com lousa e quartzo. *El Dorado! Como é que soubera onde devia começar a escavar?* Trabalhando rapidamente, foi atirando as rochas vulgares para dentro do balde e empilhando o minério de um dos lados. Depois, com um pedaço de minério na mão, saiu um tanto cambaleante para a luz brilhante do dia e ficou a olhar hipnotizado para o que tinha na mão. *Jesus Cristo! Aquilo era metade ouro!*

Depois ergueu o olhar para a montanha, sorrindo, tremendo e sentindo os joelhos fracos. «Vai para cima e para baixo e sei que continua muito para o interior da montanha. Poderá ser apenas um de uma dúzia de filões. O Monte Kinross é, literalmente, uma montanha de ouro. O filho bastardo de pai incógnito vai ter tanto poder nesta terra que comprará e venderá governos inteiros. O sorriso desvaneceu-se; chorou.

E quando as lágrimas secaram olhou para sudoeste, para a cidade de Kinross que não iria morrer, oh, não. Seria uma Gulgong, com ruas pavimentadas e edifícios imponentes. Uma ópera? Por que não? Algo de belo moldado por uma montanha de ouro. Os seus filhos e os filhos dos seus filhos teriam orgulho em usar o nome Kinross.

Na madrugada do domingo seguinte levou Sung Chow, Charles Dewy e Ruby Costevan a visitar a sua descoberta.

O TOQUE DE MIDAS 129 Apocalíptico! - gritou Charles com os olhos esbugalhados de espanto. - Este deve ter sido o local onde Deus despejou o tesouro que Lhe permitiria reconstruir o mundo depois de o ter destruído. Oh, homem, Alexander! Parece... parecem flocos de mel. Em Trunkey Creek o ouro está tão uniformemente distribuído pelo quartzo que se torna quase invisível, mas aqui parece que há mais ouro do que quartzo. Apocalipse disse Alexander pensativo. - Um bom nome para o local e para nós. A Mina Apocalipse, Empresas Apocalipse. Agradeço-lhe, Charles. Eu entro nisto? - perguntou Charles ansiosamente. Se não entrasse não lha teria mostrado. Quanto é que quer? Um capital de pelo menos cem mil libras para começar, a dez mil libras por quota. Tenciono comprar sete quotas e manter o controlo da empresa, mas se algum de vós quiser comprar duas quotas limitar-se-á a aumentar o capital da empresa. A sociedade ficará limitada a nós os quatro, na proporção das quotas que cada um de nós comprar - determinou Alexander. Não me importaria que ficasse com o controlo da empresa mesmo que não fosse o sócio maioritário - disse Charles. - Compro duas quotas. E eu também compro duas quotas - declarou Sung com as narinas frementes. Uma apenas para mim - disse Ruby. Não, duas quotas para ti. Uma compras, a outra é para o Lee, protegida legalmente até ele atingir a maioridade. Alexander, não! - Ruby levou a mão ao peito, demasiado chocada para se zangar. - Não podes ser tão generoso! Posso ser tudo aquilo que me apetecer. - Virou-se para os conduzir para a luz brilhante e, já no exterior, virou-se para a encarar. - Ruby, tenho um pressentimento relativamente ao Lee. Que ele tem um papel a desempenhar na Apocalipse... Sim, Charles, é um nome esplêndido. Isto não é um presente, minha cara amiga, é um investimento. Para quê tanto capital? - perguntou Charles, fazendo umas quantas contas de cabeça para ver como iria arranjar vinte mil libras. Porque a Apocalipse vai ser explorada com total profissionalismo desde o início - disse Alexander começando a andar de um lado para o outro. - Serão necessários mineiros, especialistas em explosivos, carpinteiros, mecânicos, pelo menos cem empregados bem pagos. Não tenho

qualquer vontade de me transformar num alvo para os arruaceiros especializados em espalhar o descontentamento entre os trabalhadores. Preciso de uma série de pilões mecânicos de vinte cabeças, uma dúzia de trituradores e mercúrio suficiente para esta quantidade de ouro. Retortas de separação. Máquinas a vapor para transportar tudo e montanhas de carvão. Há muito carvão em Lithgow, mas o ziguezague pela encosta acima torna os carregamentos vindos de Sydney tão caros que lhe é impossível competir com as minas de carvão a norte e a sul. Iniciaremos imediatamente a construção de um caminho-de-ferro privado, mas com carris normalizados, entre Lithgow e Kinross... Porquê? Porque iremos comprar uma mina de carvão perto de Lithgow e trazer o nosso próprio carvão. Queimar madeira é um desperdício e não é necessário. Teremos iluminação a gás na cidade, carvão para as máquinas a vapor e coque para as retortas de separação. Não usaremos pólvora durante muito mais tempo... Vou encomendar a nova maravilha sueca, uma substância explosiva denominada dinamite. Estou esclarecido - disse Charles com ironia. E o que acontecerá se o filão se esgotar antes de termos tido lucro? Isso não acontecerá, Charles - disse Sung com convicção. Já consultei os meus astrólogos e o I Ching. Disseram-me que este local produzirá quantidades imensas de ouro durante um século.

O Hotel Kinross já estava aberto ao público, apesar de Ruby continuar à espera que lhe entregassem alguns móveis e acessórios para os quartos mais baratos. Alexander tinha uma suite no andar superior e naquele dia desvendara o mistério relativamente ao local onde passara tantas horas durante os últimos três meses. À procura do filão. Filho da mãe reservado! Espero - disse-lhe ela durante o jantar à *deux* na Sala Ruby - que o resto das minhas coisas chegue em breve. Assim que se souber da Apocalipse, os jornalistas vão chegar em bandos. Mais uma corrida ao ouro. São capazes de vir alguns, mas este é ouro subterrâneo, em terrenos privados controlados por uma empresa. Uma empresa que deterá

os direitos de exploração de todo o Monte Kinross. - Sorriu e acendeu uma cigarrilha. - Para além disso, tenho a estranha sensação de que não haverá ouro em mais lado nenhum senão no Monte Kinross. Sem dúvida que outras empresas adquirirão terras adjacentes e tentarão a sua sorte,

mas não encontrarão nada.

O TOQUE DE MIDAS 131 Quanto dinheiro é que tens realmente? - perguntou ela, curiosa. Muito mais do que as setenta mil libras com que entrei nas Empresas Apocalipse. Foi por isso que contratei alguns dos homens que o Sung tinha em excesso para construir um caminho-de-ferro para subir até ao topo da minha montanha. No próximo ano quero já ter construída uma mansão a trezentos metros de altitude. A Casa Kinross. - Fez as palavras rolarem na língua. - Devido à forma como o filão se estende - e há muitos outros - quero instalar gruas numa prateleira escavada na rocha calcária, a sessenta metros de altura. O calcário estende-se para ocidente, mas usarei os blocos extraídos da prateleira para construir a minha mansão, o que fará com que a prateleira fique suficientemente grande. O túnel que viste esta manhã transformar-se-á no túnel número um. Quinze metros mais abaixo, ao nível do solo, haverá uma grande galeria com os baldes transportados por cabo até ao local onde as locomotivas os poderão receber e transportar para os trituradores, se forem de minério, para a barragem, se forem rochas. Visto termos descoberto um afluente que corre directamente para o vale da represa, poderemos levantar a parede da barragem. O carro do elevador içará os mineiros e respectivas ferramentas até à prateleira e às cabeças das gruas, depois continuará até ao estaleiro da minha casa. Já pensei em tudo - concluiu Alexander com complacência. E quando é que não pensas? Mas para quê construir uma mansão? Que mal é que tem o meu hotel, aqui em Kinross? Não estás confortável? Não posso instalar a minha mulher no hotel de uma cidade mineira, Ruby.

O queixo dela caiu e sentiu a cara dormente. - A tua *mulher*? - Os olhos ficaram da mesma cor dos olhos dos gatos, estreitos, ferozes e perigosos. - Estou a ver. Já está escolhida, é? Está escolhida há anos - confirmou ele, sendo evidente que estava a divertir-se. Uma nuvem de fumo ergueu-se para o tecto; seguiu-se um anel. De momento disse ela calmamente -, a igreja anglicana ainda está em construção e os teus melhoramentos na cidade não foram mais além que a água canalizada e esgotos. Que tu e eu somos amantes é do conhecimento geral e não ofende ninguém. Mas, assim que tiveres uma mulher, isso mudará. Meu Deus, Alexander, que porra de *filho da mãe* me saíste! Deixo-te comprares-me, deixo que me ponhas numa posição em que não posso protestar! Bem - disse pondo-se de pé tão depressa que fez tombar a cadeira, atraindo as atenções de todos os comensais

presentes na Sala Ruby -, sugiro que penses duas vezes, seu monte de merda, sua... sua cobra!

- Continua assim - advertiu ele calmamente -, e não serás sócia das Empresas Apocalipse.

Trás! A mão dela atingiu-o no rosto com tal violência que os pendentos do lustre tilintaram. - O que me agrada totalmente! Podes meter a merda do ouro pelo eu acima até o vomitares!

Saiu disparada da sala, o vestido de veludo alaranjado um borrão de ar dourado e derretido. Alexander olhou para os outros comensais com as sobranceiras erguidas, pousou a cigarrilha num cinzeiro de cristal e seguiu-a num passo calmo.

Encontrou-a na varanda do andar de cima, andando para trás e para diante, com os punhos cerrados ao lado do corpo e os dentes a rangerem audivelmente. Acho que te amo mais quando estás louca de fúria, querida Ruby

- disse ele, a voz escorrendo charme. Não me enganes! - rosnou ela. Não te estou a enganar, estou a falar verdade. Se não fosses tão deliciosamente turbulenta não me daria ao trabalho de te provocar, mas, uau, Ruby, tu és incomparável quando estás furiosa. Ótimo para mim! E a parte melhor é não conseguires manter a pressão da caldeira no vermelho durante muito tempo. - Agarrou-lhe as mãos e segurou-as com facilidade. - Acaba-se-te o vapor - murmurou enquanto lhe beijava a face a arder.

Os dentes dela cerraram-se mas falhou o alvo. - Oh, que *sefodam* estas saias ridículamente grandes! - gritou com os dedos em garra. - Se pudesse, pontapeava-te os tomates com tanta força que não ias precisar nem de mulher nem de amante! Alexander Kinross, odeio-te!

- Não odeias nada - disse ele a rir. - Vá lá, vamos dar um beijo e fazer as pazes. Quer gostes quer não, estás empenhada nas Empresas Apocalipse e vais ter de te habituar à ideia da minha mulher. Poderemos ser amigos, se não formos amantes.

Ela olhou-o com desdém. - Antes queria ser amiga de um fanático da Bíblia!

- Repetindo o meu estribilho eterno, Ruby, *pensa*! Não posso casar-me contigo, isso é evidente. Como marido e mulher matar-nos-íamos um ao outro. Mas acabo de descobrir aquilo que penso ser a maior mina de

ouro do mundo e a quem deixarei a minha parte da mina? Preciso de uma mulher que me dê filhos. Tu tens um herdeiro. Sung tem imensos herdeiros. Enquanto que eu não tenho quaisquer herdeiros. Sê justa, minha querida. Sim, percebo isso - disse ela começando a tremer à medida que ia perdendo a fúria. - Estarás a sugerir que é a mim que amas e não a ela? Como poderei eu amar uma rapariga que nunca vi? *Nunca viste?* Vou mandar vir uma noiva da Escócia. Uma prima. Alguém que não sabe nada da Nova Gales do Sul - ou da Austrália, se preferires esse nome - e nada de mim. Espero que ela seja uma coisinha simpática, mas não passa de uma naba. Certamente que terá que ser virtuosa. - Fez uma careta. - E certamente que estará mergulhada em presbiterianismo, mas disso poderei eu livrá-la. Dado que será a mãe dos meus filhos, espero aprender a amá-la. Espero que ela seja uma esposa submissa. O que é altamente provável: as mulheres do meu clã são educadas para serem submissas. O que é mais do que posso dizer a teu respeito, Ruby. A tua virtude é inexistente e os deveres de esposa aborrecer-te-iam e levar-te-iam à rebelião perpétua.

Ela remexeu no bolso da saia e bateu o pé. - Oh, raios, perdi as minhas cigarrilhas! Dá-me uma, Alexander!

Ele acendeu um fósforo e ergueu-o até ela acender a cigarrilha. - Já desceste à terra, Ruby?

- Levei uma sova. - Começou a andar para trás e para a frente na varanda, levando a cigarrilha à boca. Depois, a alguma distância dele, parou e virou-se para o encarar. - Alexander, isto é uma loucura. Uma naba?! Que maneira de descrever uma esposa! Os casamentos de conveniência abundam, mas é costume as duas partes conhecerem-se um pouco.

Por que não vais a Sydney e não arranjas uma mulher adequada por lá? O Charles e a Constance têm duas ou três filhas que foram apresentadas, acho que é assim que eles dizem. A Sophia seria boa para ti, aprenderias a amá-la.

A expressão dele ficou dura como pedra. - Não, Ruby. A minha mulher não é assunto que eu deseje discutir mais contigo. Disse-te quais eram as minhas intenções e as minhas razões. E estás a relegar-me para o papel de amiga. Eu conheço aquela gente da Escócia - disse ele tirando a beata dos seus dedos -, e quem quer que seja a minha prima e noiva, nunca

chegará aos teus calcanhares. Para além disso, ainda não sou casado, portanto a amizade é só para o futuro.

Os braços dela rodearam-no e os seus olhos passaram de olhos de gato para olhos de gatinha. - Não podes ter a certeza de que ela será destituída de encanto, Alexander. E se ela se revelar uma Dalila?

A parede estava perto; ele empurrou-a contra ela e puxou o decote do vestido por forma a desnudar-lhe os seios. - Só há uma Dalila, Ruby, e essa és tu.

A carta que Alexander Kinross enviou a James Drummond, a tal que Elizabeth ansiara em vão por ver, dizia o seguinte:

Meu caro James,

Escrevo a pedir uma das suas filhas em casamento. A Jean servirá perfeitamente se ainda não estiver casada; se estiver, qualquer uma das outras servirá.

Da última vez que nos vimos disse-me que preferia ver uma das suas filhas casada com um anabaptista e prometi-lhe que viria o dia em que mudaria de ideias. Esse dia chegou.

O aprendiz de caldeireiro teve muito sucesso na vida, James. Não só descobriu ouro na Califórnia - algo que não me deixou dizer--lhe - como descobriu também uma mina de ouro na Nova Gales do Sul. Alexander Kinross é um homem extremamente rico.

Kinross? Ouço-o perguntar. Que Kinross é este? Bem, os Drummond deserdaram-me, segundo as suas palavras, por isso escolhi um nome novo para mim. A sua filha terá a vida de uma grande senhora. A Nova Gales do Sul, de onde lhe escrevo, não dispõe de esposas adequadas para me oferecer: as suas mulheres ou são prostitutas, ou condenadas ou inglesas convencidas.

Junto envio mil libras para cobrir os custos do envio da minha noiva em primeira classe e acompanhada por uma criada encartada, pois esse tipo de mulheres também é difícil de encontrar por aqui.

Escreva-me imediatamente para me dizer qual das suas filhas irei encontrar aquando do desembarque em Sydney. Poderá esperar receber mais cinco mil libras futuramente, se a rapariga me agradar.

Assinou o nome com enorme satisfação e recostou-se para reler a carta com um sorriso. E toma lá, James Drummond, velho imbecil e avarento! E toma lá tu também, John Murray!

Summers levou a carta para Bowenfels, para a meter no correio, apesar de a carruagem da Cobb & Co ter uma licença para transportar correio de e para Bathurst. A sua viagem até à cidade escocesa de Kinross foi dolorosamente lenta; enviada em Março, chegou às mãos de James Drummond em Setembro. A resposta de James informando Alexander de que lhe enviaria a mais nova das filhas, com dezasseis anos, Eliza-beth, viajou com muito mais rapidez. Chegou à Nova Gales do Sul uma semana antes da partida do *Aurora* de Tilbury.

A Casa Kinross erguia-se no cimo do Monte Kinross e fora terminada num frenesim. Como a Maggie Summers uivara perante a perspectiva de se tornar na sua governanta! Não que os seus protestos lhe tivessem trazido algum proveito. Jim Summers disse-lhe para fazer o que lhe mandavam e pronto. Pobre mulher, parecia condenada a não ter filhos; não os tivera do primeiro marido e não tinha nenhum de Summers.

Adiara a conversa com Charles e Constance Dewy para lhes comunicar o casamento iminente, sentindo-se desconfortável por saber que aquilo lhes pareceria muito estranho. Constance fizera o seu melhor para o interessar na sua filha mais velha, Sophia, que no seu íntimo considerava o par ideal para Alexander - bonita e atraente, inteligente, educada, com um excelente sentido de humor e um agradável toque de cosmopolitismo. Mas, apesar de Sophia ter desejado Alexander, este fizera o que Constance temera: olhara para a pobre rapariga como se ela não existisse.

A Ruby Costevan era um incómodo social que os Dewy tinham contornado da mesma forma que um gato contorna uma poça de água: evitando-a com desconfiança através de um percurso que parecia ter sido escolhido dez mil anos antes de a poça ter alguma vez existido. Charles encontrava-a sempre que o conselho de administração da Apocalipse se reunia no Hotel Kinross, Constance só a via quando o conselho de administração dava uma recepção no Hotel Kinross. O que eles, bem como toda a Hill End e toda a cidade de Kinross sabiam, era que Ruby Costevan pertencia a Alexander de corpo e (se é que tinha uma) alma. O que não conseguiam sequer imaginar era como Alexander iria tratar Ruby quando se casasse, e ele tinha de se casar.

Quando Alexander comunicou aos Dewy a chegada iminente de Elizabeth a Sydney, estes ficaram pasmados. Meu Deus, homem, que reservado você é - disse Constance abanando-se vigorosamente com o leque. - Uma noiva vinda da Escócia. Sim, uma prima. Elizabeth Drummond.

136 COLLEEN MCCULLOUGH Deve ser adorável, para o ter conseguido apanhar a si. Não faço ideia - disse Alexander imperturbável. - Conheci a irmã mais velha dela, a Jean... uma rapariga linda e cheia de vida. Mas esta ainda deixara há pouco tempo os cueiros quando estive na Escócia da última vez. Humm... verdade? Quantos... quantos anos tem ela agora? gaguejou Constance. Dezasseis.

Charles engasgou-se com o *whisky*, o que lhe deu algum tempo antes de responder.

- Tem praticamente metade da sua idade - observou Constance e dirigiu-lhe um enorme sorriso. - Isso é ótimo, Alexander! Uma rapariga muito nova é o indicado para si. Charles, não *bebas* dessa maneira, isso é *whisky*, não é água.

Uma estranha coincidência, a dinamite vir no mesmo navio; recebeu a guia de transporte na mesma entrega de correio que lhe trouxe a carta de James Drummond. A notícia de que a rapariga viajaria no *Aurora* não agradara a Alexander; o *Aurora* só recebia meia dúzia de passageiros, o que significava que estes viajavam em segunda classe, tanto no que respeitava aos alojamentos como à comida. Para além disso, a viagem durava dois meses e meio à volta do Cabo da Boa Esperança, em vez de fazer o percurso mais rápido pelo Canal do Suez.

Assim que lançara os dados e deixara de ter a possibilidade de voltar atrás, ficara nervoso e ansioso, e respondia mal a toda a gente, incluindo Summers. Estaria o seu orgulho ferido a levá-lo a fazer algo de que se viria a arrepender amargamente? Por que não se teria apercebido de que ela tinha de ser muito nova? Por que não tinha feito as contas aos anos? As únicas raparigas que conhecia eram as filhas do Dewy e esse conhecimento resumia-se a saudá-las e a esquecer rapidamente a sua existência. De cada vez que via Ruby, ela estava com um estado de espírito diferente: era Cleópatra determinada a agradar sexualmente a um César abatido, Aspásia em busca de um debate político, Josefina certa de que ele a abandonaria, Catarina de Médicis contemplando o conteúdo venenoso do seu anel, Medusa com um olhar capaz de transformar um homem em pedra. E Dalila, preparada para a traição.

Foi assim que partiu para Sydney a meio de Março e foi encontrar a faixa costeira afogada num mar de humidade e os problemas de esgotos

de Sydney na boca de toda a gente. Ainda assim, fez tudo o que estava ao seu alcance para amortecer os choques que Elizabeth sofreria, pois sabia de que forma James a tinha educado. Bem, não era essa a razão por que se iria casar com ela? Virginal e virtuosa, ignorante, inexperiente, uma rapariguinha do campo que só via doce na mesa à ceia de domingo e só comia carne assada quando a família celebrava um qualquer acontecimento fora do habitual. Um mundo que conhecera demasiado bem e que detestara. Tinha esperança de que Elizabeth também o tivesse detestado e que tivesse agarrado aquela oportunidade para fugir, para começar de novo.

Quando a viu pudicamente sentada em cima do baú com as mãos cruzadas sobre a bolsa, vestida dos pés à cabeça com o xadrez insuportavelmente quente e pesado do clã Drummond, percebeu que a sua esperança fora infundada. Toda a sua atitude era a de uma órfã largada à deriva num mundo que não conhecia nem desejava. Um rato. Com o espírito quebrado pelo pai e - sem sombra de dúvida - pelo ministro da sua religião. Essa consciência fez com que a tratasse com brusquidão e frieza, sentindo o coração pesado de desalento. Ai, aquilo não iria resultar!

Não estava ali nenhuma mulher mais velha e experiente para lhe dizer que a sua atitude era totalmente errada, por isso ele não fazia ideia de que estava a fazer tudo mal. Agiu de acordo com o plano: conhecê-la e casar-se com ela o mais rapidamente possível.

O dia inteiro que passou com ela antes do casamento fê-lo sentir-se encorajado nalguns aspectos e desencorajado noutros. Apesar de as roupas dela serem horríveis e de a cor do seu cabelo e pele serem demasiado semelhantes às suas para exercerem uma atracção imediata, ao examiná-la cuidadosamente apercebeu-se de que tinha potencial para se tornar numa mulher muito bela. E gostou dos seus olhos, bem afastados e grandes, com as íris de um azul-marinho perfeito. Quando estivesse vestida com roupas decentes e carregada de jóias impressionantes, não teria razão para se envergonhar da sua aparência. A timidez e o silêncio, disse a si próprio, desvanecer-se-iam com o tempo, e o sotaque escocês ininteligível tornar-se-ia menos acentuado. A forma como recebera o anel de diamante fora exasperante, mas nas duas semanas que se seguiram ao casamento não levantou objecções ao embelezamento que sofreu.

Tinha encarado as relações sexuais com ela com a confiança de um homem competente a fazer amor, cujas experiências eram suficientemente vastas para abranger todo o sexo feminino. Mas não levava em conta o

facto de todas as suas anteriores conquistas terem sido de mulheres que o tinham convidado para as suas camas: isto é, mulheres que o tinham desejado. E tinha agradado a todas e cada uma delas, fizera-as implorar por mais. É claro que sabia que Elizabeth era demasiado nova e ignorante para estar num estado de espírito receptivo antes de se deitarem um com o outro, mas não duvidara de que bastaria um par de minutos para ela ficar excitada e pronta para o receber. Quando tal não aconteceu, ficou sem recursos: não era Dom Juan, era Alexander Kinross. Apenas um engenheiro brilhante com um poderoso impulso sexual até então canalizado para o prazer mútuo. Mas a tonta da rapariga não o deixava sequer tirar-lhe a camisa de dormir! Nada do que ele fazia a excitava! Supõe-se que aos dezasseis anos as mulheres estão no auge absoluto, mas Elizabeth era uma cereja muito verde e amarga. Ela suportava educadamente as suas atenções, isto é, não o rejeitava liminarmente; era evidente que estava preparada para cumprir com os seus deveres conjugais, apesar de não passarem de um dever puro e simples. Assim, após três assaltos à cidadela da sua nova esposa, Alexander saiu da sua cama um homem amargamente desapontado. Mas, mais do que isso: saiu da sua cama pensando se teria andado enganado durante todos aqueles anos - seria possível que as mulheres que *pareciam* ter ficado excitadas ao fazer amor com ele tivessem fingido ter prazer?

Reflectindo, insone, na sua própria cama, pôs de parte essa ideia. Um homem que distinguia o ouro de outros brilhos não seria enganado tão facilmente e as recordações de Ruby na sua cama acabaram com todas essas dúvidas. Ali não houvera falsos orgasmos, ela estivera demasiado molhada, demasiado ansiosa. Ai, mas era humilhante aperceber-se de que, afinal, não era um amante assim tão extraordinário! Porque não conseguiria excitar Elizabeth? «Não sou um homem vaidoso, disse a si próprio, não fazendo ideia de que alguns diriam que as suas roupas de pele de gamo eram um sinal de vaidade, «não sou um homem vaidoso, mas tenho um bom corpo e um rosto mais ou menos razoável. Sou rico, bem sucedido e gostam de mim. Por que falharei então com a minha mulher?

Uma pergunta para a qual não tinha resposta.

E a resposta não foi dada até deixarem Sydney, apesar de ter feito amor com ela uma dúzia de vezes, sempre sem qualquer reacção da sua parte. Limitava-se a ficar ali deitada e a suportar a coisa.

Se ao menos Elizabeth se tivesse apercebido de que não teria encontrado melhor forma de intrigar o marido do que limitar-se a ser aquilo

que era: uma mulher que ele não conseguia manipular, encantar com o seu sorriso irresistível, levar à fúria que conduzia à paixão e prazer selvagens. Para ele, era como estar casado com um pingente de gelo que não era gelado até ao centro; se ao menos conseguisse descobrir a chave que a degelaria, seria o rei do mundo. Apaixonou-se por ela por não a conseguir alcançar, por não conseguir fazer com que os seus olhos se iluminassem quando entrava na sala, por não conseguir suscitar qualquer reacção, a não ser o cumprimento do dever sem queixumes.

Na noite em que ela se virou e o beijou agradecendo a sua bondade para com Theodora Jenkins, cometeu o terrível erro de cobrar imediatamente a dívida.

- Tira a camisa de dormir. A pele deve estar contra pele.

Pensando que a pele contra pele não poderia deixar de produzir uma faísca nela, pois era sempre esse o efeito nele próprio. Mas tal não acontecera. O dever estóico continuara a ser um dever. Elizabeth, já o compreendera, não só não o amava como, provavelmente, nunca o amaria. Ele era o seu fardo.

Por isso acabara por não quebrar a sua ligação com Ruby e isso, por sua vez, levou-o à complicada questão de garantir que Ruby continuaria a ser um segredo seu. Se permitisse a Elizabeth que andasse pela cidade sem ele a seu lado, um qualquer gato vingativo cravaria nela as suas garras; era até possível que Ruby se apresentasse. Pois, como era evidente, Ruby conseguira arrancar-lhe toda a história assim que ele regressara a Kinross e para ela, a mulher sem a qual não conseguia viver. Desapaixonaste-te de mim e apaixonaste-te pela tua mulher gelada - disse-lhe maliciosamente. É pior do que isso - disse ele sombriamente. - Estou apaixonado por duas mulheres ao mesmo tempo, por razões diferentes e com objectivos diferentes. Bem - perguntou apoiando-se num cotovelo -, não é natural? Vocês são tão diferentes uma da outra quanto duas mulheres podem ser. Como é que eu posso saber? - perguntou ela, parecendo completamente entediada. - Nunca me encontrei com a Mrs. Kinross. E nunca te encontrarás! - ripostou ele. Às vezes, Alexander, vomitas merda.

Contudo, tudo aquilo deixou de ter importância quando descobriu que Elizabeth estava grávida. Engravidara imediatamente, o que era um

bom agouro para uma grande família de rapazes e raparigas. Um, mais ou menos de vinte em vinte meses. Isso dever-lhe-ia dar tempo suficiente para se recompor entre partos. «Pode não estar interessada no acto do amor, mas dará uma óptima mãe e será a rainha desta casa, disse para consigo. O seu prazer ao receber a notícia da gravidez levava-o a contar--lhe ali e naquele momento o longo caminho que percorrera, descrevendo-lhe as suas origens ignominiosas. As palavras pediam para ser ditas, como se fizessem parte do sacramento da concepção, o que tinha toda a lógica para um homem como Alexander, cuja própria concepção estava envolta em mistério, cuja mãe mantivera tão secreta a identidade do amante que nem um detective dos Pinkerton's, quando o contratara para isso, tinha conseguido quebrar o silêncio da pequena comunidade escocesa. O que ele não sabia era que a sua confissão dera cabo do momento para Elizabeth e que a afastara ainda mais dele. Tencionara encurtar a distância entre ambos com as suas palavras e não aumentá-la.

«Sim, repetia a si próprio, Elizabeth dará uma mãe maravilhosa e será a rainha desta casa. Foi preciso coragem para pôr a Maggie Summers no seu lugar em relação a Jade e aos criados. A lata da mulher para fazer aquelas coisas nas minhas costas! *Por que* é que mulheres tão vulgares como a Maggie Summers olhavam para os chineses com sobrançeria, considerando-os seus inferiores?

«E a minha mulher acha que me pareço com o diabo. Se ao menos eu tivesse sabido! Se ao menos eu tivesse sabido!

A barba e o bigode desapareceram na visita seguinte ao barbeiro Joe Skoggs.

Elizabeth sorriu mesmo quando viu a sua cara, com partes muito bronzeadas e outras doentiamente brancas.

- Pareces um pónei malhado - gracejou. - Obrigada, Alexander.



VERDADES DESAGRADÁVEIS E UMA ALIANÇA INESPERADA

GRAÇAS A MISS THEODORA JENKINS e a Jade, a vida de Elizabeth na Casa Kinross já não era tão solitária como fora aquando da sua chegada, mas continuava a ter tempo demais sem nada para fazer, ela que estava habituada a estar sempre ocupada. À parte uma visita dos Dewy, durante a qual Alexander oferecera um jantar, continuava a não ver ninguém de fora. Sung Chow, que viera ao jantar, fascinara-a, mas a sua conversa era tão erudita e o seu inglês tão escrupulosamente correcto que, após a partida dos Dewy, Elizabeth passava os tempos livres a ler, numa tentativa de aumentar o vocabulário e a forma como expressava as ideias... e a tentar atenuar o sotaque. Quando demonstrou não ter qualquer talento para a pintura com aquarelas ou para o desenho, Alexander sugeriu-lhe que comesse a bordar.

- Vais ficar cada vez mais pesada e mais desconfortável com a passagem dos meses, minha querida, e os bordados são capazes de te distrair -

disse ele esforçando-se por ser simpático e compreensivo, mas consciente de que não organizava a sua vida em torno da mulher grávida.

Foi através de Jade que Elizabeth acabou por saber tudo acerca de Ruby Costevan. A natureza formal da sua relação era difícil de ultrapassar, devido ao terror que Jade sentia em pisar o risco da familiaridade, mas, encontrando Elizabeth desfeita em lágrimas após uma tentativa particularmente exasperante de bordar o corpo acetinado de uma borboleta, a formalidade saiu pela janela num abrir e fechar de olhos. Jade limpou--lhe as lágrimas e disse o que lhe ia no espírito, que estava concentrado no bebé que vinha a caminho.

- Oh, Miss Lizzy, sempre quis ser ama! Por favor, vai deixar-me cuidar do seu bebé? Por favor? A Pearl pode vir ser sua criada, ela morre

por vir desde que lhe contei como a senhora é simpática - implorou Jade com fervor.

Elizabeth viu ali a sua oportunidade. - Só se - disse numa voz algo dura - me falares dessa mulher, da Ruby Costevan. Podes começar por me explicar por que é que os empregados dela são todos chineses. Devido às ligações da Miss Ruby com o Príncipe Sung. *Príncipe Sung?* Sim. Ele é de Pequim, é um príncipe mandarim. Nós, a gente dele, somos mandarins, não somos cantoneses. - Jade suspirou e agitou as mãos delicadas. - Ele é tão lindo, Miss Lizzy! Não achou, quando ele veio cá jantar? É um grande senhor. Há dois anos tinha esperança de que ele me quisesse para concubina, mas ele preferiu a minha irmã Pink Bird'. Concubina? Essa é uma das palavras da Bíblia que nunca ninguém me explicou. O que é uma concubina? Uma mulher que é propriedade de um homem mas não suficiente mente bem-nascida para ser uma das suas esposas. Ohhh... Então quais são as ligações da Miss Ruby com o Príncipe Sung? É uma das suas concubinas?

Jade soltou uma risadinha. - Oh, Miss Lizzy! Não! A Miss Ruby é agora a proprietária do Hotel Kinross, mas tinha outro hotel em Hill End onde o Príncipe Sung também costumava ficar. Têm um filho. O Lee.

- Então ela é uma das esposas do Príncipe Sung.

O divertimento de Jade aumentou. - Não, não, Miss Lizzy! A Miss Ruby nunca foi esposa nem concubina de ninguém. Ela é de Sydney, mas a família dela partiu para as minas de ouro quando era pequena. Em Hill End o hotel dela era uma casa de má fama. Não é chinesa, mas fuma os charutos pequenos e pretos e cospe fogo como um dragão.

«A mulher que vi à porta do Hotel Kinross! Foi exactamente isso o que pensei... que cuspiu fogo como um dragão. Tão bela, com um ar tão indomável, tão arrogante. Um filho de um príncipe chinês! Onde está esse filho, Jade? Aqui, em Kinross? O Lee está numa escola para gente fina em Inglaterra. A Miss Ruby educou-o como inglês e ele tem o nome dela, Costevan. Que idade tem o Lee?

Jade franziu o sobrolho, concentrando-se. - Não tenho a certeza, Miss Lizzy. Aí uns onze anos, acho eu.

Pink Bird, «Pássaro Cor-de-rosa, em inglês. (N. da T.)

A agulha de bordar foi pousada; Elizabeth afastou o bastidor com impaciência... que grande maçada, os bordados! - Então, diz-me, Jade, qual é a ligação de Miss Ruby ao Mr. Alexander? São amigos? Humm... suponho que sim. Já foram amantes? Humm... suponho que sim. Ainda são amantes? Oh, por favor, Miss Lizzy! A Miss Ruby disse que se eu andasse

para aí a contar histórias me cortava a garganta com uma lâmina... e ela é capaz disso!

Elizabeth mostrou-lhe a tesoura desdobrável que usava nos bordados. - Se não me contares, Jade, uso esta na tua garganta. Magoa muito mais do que uma lâmina, mas *tu fálo-eis* O seu sotaque, Miss Lizzy! Não consigo perceber o que diz! Disparates! Trabalho no meu sotaque todos os dias e nunca tive problemas para me perceber. Deixa-te de rodeios, Jade e conta-me a verdade. Ou considera-te morta. Eles são amantes desde que Mr. Alexander foi a Hill End há cerca de três anos - balbuciou Jade. - Quando ele veio para aqui, a Miss Ruby seguiu-o e construiu um hotel novo. Ele não a deixou abrir uma casa de má fama, mas ela já não precisa de ganhar dinheiro dessa maneira... é sócia da Mina Apocalipse. É uma prostituta. Vende o corpo - disse Elizabeth num tom neutro. - É mais reles do que os vermes que se arrastam na lama. Não, Miss Lizzy, ela não é prostituta! - gritou Jade, perturbada por aquele julgamento. - Ela *nunca* vendeu o corpo! Mantinha um grupo de raparigas e vendia os corpos *delas*! Ela só teve dois amantes, que eu saiba: o Príncipe Sung e Mr. Alexander. O meu pai, Sam Wong, é o cozinheiro dela. - Uma expressão de espanto atravessou o rosto de Jade. -

Actualmente, ela chama *chefio* papá, o que quer que isso seja. Ele gosta... o salário aumentou para o dobro. Então é muito pior do que uma simples prostituta. Lucra com a prostituição das outras - disse Elizabeth com uma expressão dura como pedra. - E o meu marido anda metido com ela até hoje?

Jade resolveu o seu dilema rebentando em lágrimas e fugindo.

Elizabeth deu um pontapé no bastidor com tal violência que este se partiu, depois levantou-se e foi até à janela, ficando a olhar **para** o jardim através de uma névoa vermelha.

«Então é por isso que ele não quer que eu vá à cidade de Kinross! pensou. «Podia encontrar a amante dele acidentalmente. Ou ela era capaz de me abordar... essa criatura vil não pode ter orgulho nem respeito pelas boas maneiras. E como ele odiaria que a gente da cidade testemunhasse o nosso encontro! Muitos deles são seus empregados. É como eu suspeitava. O Alexander é como uma escrivainha de tambor: lá dentro tem uma série de compartimentos, cada um deles servindo um objectivo diferente. O compartimento da amante está etiquetado Ruby Costevan. O compartimento da esposa tem o meu nome. Oh, as coisas que eu já aprendi desde que saí da Escócia! Mas mesmo lá, e ainda que mal tenha feito dezasseis anos, uma rapariga já sabe que os homens têm amantes. A Bíblia por vezes é bastante explícita relativamente a esse assunto: olha David e Betsabé e o que ela fez com os escrúpulos de um bom homem!

Alexander dissera que chegaria cedo para jantar, pois tinha um presente para ela. Vestiu um vestido novo vindo de Sydney - seda cor-de-vinho salpicada de um negro arroxeadado, com um decote demasiado revelador dos seus seios para ser do seu agrado. Jade mandara Pearl ajudá-la e penteá-la: a espertalhona não corria o risco de Elizabeth ser bem sucedida a espremer-lhe mais informações. Pearl pôs-lhe um colar de granadas e brincos nas orelhas. O diamante do anel de noivado concentrava em si toda a luz e devolvia-a num milhão de raios da cor do arco-íris. Por essa altura já Elizabeth sabia que as granadas não eram muito valiosas, mas gostara muito delas e escolhera-as ela própria ainda que o marido lhe quisesse comprar rubis. Já nessa altura soara um alarme que a dissuadira de usar o que quer que fosse com o nome de rubi. Minha querida, estás magnífica - disse Alexander que já tinha a pele do queixo e sobre o lábio do mesmo tom do resto da cara. Ela achava que ele ficava bonito barbeado - «Por que razão usarão os homens pêlos na cara quando não têm nenhum defeito para esconder?, pensou. Um xerez antes do jantar? - perguntou ele sentindo-se muito civilizado. Obrigada, vai saber-me bem - agradeceu Elizabeth com postura.

Subitamente, ele franziu o sobrolho. - Será que deves? No teu estado? - Da forma como falou, parecia que ela era uma bêbada. Suponho que um pouco não me fará mal. É verdade. - Mas serviu-lhe apenas meio copo de vinho.

Ela esvaziou-o de uma só vez e bateu com o copo na mesa baixa entre ambos. - Mais, por favor. - *Mais?*

- Sim, mais! Não sejas forreta, Alexander.

Ele ficou a olhar para ela como se o tivesse mordido e depois encolheu os ombros e serviu-lhe uma dose igual à primeira. - Não vais beber mais, portanto fá-lo render. O que é que te está a perturbar?

Elizabeth respirou fundo e olhou-o nos olhos. - Descobri, com exactidão, quem é e o que é a Ruby Costevan. Tua amante e dona de um bordel. Continuas a parecer-te com o Diabo, Alexander, pois tens duas caras. Quem foi o passarinho que te contou essa história? - perguntou ele reprimindo a ira. Isso tem importância? Mais cedo ou mais tarde era inevitável

que um passarinho qualquer ma contasse. Mas que... situação *abominável!* Manténs uma prostituta como amante lá em baixo, no vale, e uma esposa virtuosa cá em cima, nas alturas, e nunca as duas se encontrarão! Se ela é Cleópatra, Medusa e não sei quem mais, o que será que eu sou? Uma grande chata! - ripostou ele.

Ela começou a alisar as pregas da saia no colo, com a cabeça baixa e concentrando-se na tarefa. - Apesar de toda a minha ignorância, começo a perceber a forma como a tua cabeça funciona, Alexander. Precisas de herdeiros, filhos de uma mulher irrepreensível, e a Ruby é muito repreensível. Não sou estúpida, Alexander, sou só jovem e interessante. Duas qualidades que estou a perder rapidamente. Peço desculpa pela minha linguagem de há bocado, Elizabeth. Não peças. Era o que sentias e portanto foi sincero. Não devias pedir desculpa por dizer a verdade, é uma novidade e é refrescante - disse numa voz que escorria ácido e que ela não soubera possuir. - Conta-me a verdade sobre ti e essa - Miss? Mrs.? - Costevan.

Ele poderia ter começado a conquistá-la naquele momento, se se tivesse entregue à sua misericórdia, implorado o seu perdão, mas tinha demasiada teimosia e orgulho escoceses. Em vez disso, passou ao ataque, decidido a pô-la no seu lugar, lugar esse que seria *ele* a decidir exactamente qual era.

- Muito bem, se insistes - disse calmamente. - A Ruby Costevan é minha amante. Mas não te precipites a julgá-la, minha querida. Pensa primeiro naquilo em que tu própria te poderias ter tornado se o teu irmão te tivesse violado aos onze anos. Pensa no que tu própria te poderias ter tornado se fosses, como a Ruby - e eu! - uma bastarda. Mesmo incluindo Honoria Brown, admiro a Ruby mais do que a qualquer outra mulher que tenha conhecido. Certamente mais do que te admiro a ti. Estás saturada com os pequenos preconceitos e hipocrisias de uma cidadezinha dominada por um ministro religioso fanático que inculca a vergonha em crianças pequenas e inocentes. Que queimaria a Ruby Costevan numa fogueira, se pudesse.

Ela empalidecera e ficou com um ar doentio. - Compreendo. Compreendo mesmo. Mas por que és tu melhor do que o Dr. Murray, Alexan-der? Compraste-me para satisfazer os teus próprios objectivos e sem mais constrangimento do que se comprasses um bife. Não me culpes por isso. Culpa o avarento do teu pai - disse ele com uma crueldade deliberada. Culpo! Culpo! - As suas pupilas estavam dilatadas e os seus olhos pareciam tão negros como os dele. Não me foi dada escolha, pois é evidente que as mulheres não têm o direito de escolher. São os homens que

escolhem por elas. Mas, se tivesse podido escolher, não me teria casado contigo. Esse discurso parece ominoso, mas há nele alguma verdade, admito.

Disseram-te simplesmente qual seria o teu destino. - Encheu-lhe o copo de xerez querendo pôr-lhe a cabeça à roda. - Qual era a alternativa que tinhas, Elizabeth? Ficares solteira, teres o destino das tias solteironas. Escolherias mesmo esse destino, de preferência a casares comigo e a seres mãe? - O tom dele suavizou-se e falou numa voz mais baixa. - O mais estranho é que eu amo-te. És tão *querida*, apesar do puritanismo. - Sorriu por instantes e voltou a ficar sério. - Pensei que eras um rato, mas não és, apesar de teres mais força do que coragem. És uma leoa calma. Isso atrai-me. Aquece-me o coração. Estou muito feliz por seres a mãe dos meus filhos.

- Então porquê a Ruby? - perguntou ela acabando com o xerez. Ai, paciência! Não tinha jeito nenhum para as mulheres, para os problemas das mulheres. Porque estava ela a acusá-lo, a *ele*, de agir mal?

- Deves compreender - disse bruscamente num tom frio - que os desejos físicos dos homens são mesmo como aquele velho horroroso do Murray

diz. Por que não hei-de procurar a cama de Ruby, se não consigo ter prazer na tua? Por mais que tente satisfazer-te, excitar-te, não consigo. Tu não estás lá e eu faço amor com o manequim de um alfaiate. Quero que o desejo físico seja recíproco, Elizabeth! Tu *toleras* as minhas incursões na tua cama porque te ensinaram que a esposa tem deveres conjugais. Mas fazer amor assim é horrível! A tua frieza reduz tudo a um acto mecânico para fazer filhos! Deveria ser muito mais do que isso... um prazer mútuo e apaixonado, uma alegria para ambos! Se me desses isso, não sentiria a necessidade de me refugiar junto da Ruby.

Aquela interpretação do Acto caiu sobre Elizabeth como um raio. O que ele dizia ia contra tudo o que lhe fora ensinado e o que ela própria sentia quando ele fazia amor consigo. O que ele fazia era suportável apenas por ter sido aquela a forma que Deus determinara para a concepção dos filhos. Mas esperar que ela gozasse e participasse no que ele fazia...! Pensar que quando os dedos dele invadiam os recantos mais secretos do seu corpo ele acreditava sinceramente que seriam bem-vindos! Não, não, não! Gostar do Acto pelas sensações que provocava, pela sua natureza carnal? Não, não, não!

Humedeceu os lábios e procurou as palavras que ele pudesse aceitar como definitivas. Não importa o que digas sobre as escolhas, Alexander, tu não foste uma escolha minha. Nunca terias sido a minha escolha. Preferia mil vezes ficar solteira e ter o destino das tias solteironas. Eu não te amo! Nem acredito que tu me ames. Se amasses, não procurarias a Ruby Costevan. E é tudo o que tenho para te dizer.

Ele levantou-se e pô-la de pé também a ela. - Nesse caso, minha querida, não há mais nada a dizer, pois não? Não me vou justificar nem com mais uma palavra. Tudo se resume a isto: casaste com um homem que vais ter de partilhar com outra mulher. Uma para o prazer de fazer filhos outra para os prazeres da carne. Vamos jantar?

Perdi», estava ela a pensar. «Perdi... mas como pode ser? Ele demonstrou-me que eu estava errada, o que põe a ridículo tudo aquilo em que acredito. Como é que ele me derrotou? Como é que ele conseguiu justificar a sua relação permanente com uma meretriz como a Ruby Costevan?

Junto ao seu prato estava um pequeno estojo de veludo. Com o coração pesado, ela abriu-o e viu um anel com um pedra rectangular com dois centímetros e meio de comprimento. Uma das extremidades era de um verde-marinho e as gradações de cor iam mudando subtilmente até ao rosa-escuro da outra extremidade. A pedra estava rodeada por diamantes.

148 COLLEEN McCULLOUGH É uma turmalina que comprei a um comerciante brasileiro - disse

ele enquanto se sentava. - Uma prenda para a futura mãe. Verde para os rapazes que terás e cor-de-rosa para as raparigas. É linda - disse ela automaticamente e enfiou o anel no terceiro dedo da mão direita. As luvas agora ficar-lhe-iam boas.

Sentou-se e comeu puré de galinha frio com molho de alcaparras, o sorvete ácido que o marido exigia que fosse servido entre os pratos e depois olhou com pouco entusiasmo para o bife. O que desejava era uma posta de peixe, mas os peixes do rio tinham morrido todos e Sydney ficava demasiado longe para poderem mandar vir de lá o peixe. Deitou um olhar ao molho *béarnaise* amarelado e correu para a casa de banho, onde vomitou a sopa e o sorvete. Terá sido de beber demasiado xerez ou por ter ouvido demasiadas verdades desagradáveis? - ofegou. Provavelmente nem uma coisa nem outra - disse Alexander limpando-lhe o rosto. - Pode ser simplesmente um enjoo matinal, só que nocturno. - Pegou-lhe na mão e beijou-a ao de leve. - Vai para a cama e dorme. Prometo que não te incomodo.

- Sim - disse ela -, vai para Kinross e incomoda a Ruby.

«Pergunto-me, foi o seu último pensamento consciente, «como será o filho da Ruby e do Príncipe Sung? Que combinação mais exótica. Com onze anos e numa escola para gente fina em Inglaterra. Suponho que a mãe o deve ter mandado para uma escola tão distante para esconder as suas origens nada finas. Foi inteligente da parte dela.

Mas Alexander não foi directamente para Kinross para incomodar a Ruby; primeiro dirigiu-se à varanda onde a luz da casa projectava barras douradas sobre o relvado.

«Esta noite recebi um golpe violento, pensou. A Elizabeth não me ama. Até hoje acreditei, ao correr as minhas mãos suave e lascivamente pelo corpo que ela agora desnuda para mim, que o meu dia chegaria. Que ela despertaria para o meu toque, que arquearia as costas, gemeria e murmuraria, que usaria as mãos e a boca para explorar o meu corpo, que acariciaria as partes do meu corpo que recusa tocar quando a tento guiar nessa direcção. Mas esta noite ela demonstrou-me sem qualquer sombra de dúvida que a minha mulher sempre se recusará. Que é que lhe fizeste, Dr. Inqualificável Murray? Envenenaste a sua vida. Ela equivale sexo a corrupção! Por que tipo de sujeito se apaixonaria, se é que isso alguma vez aconteceria? Deus o ajudasse, se lhe tentasse tocar!

- Já te disse, ela é frígida - foi o veredicto de Ruby quando ele acabou de lhe contar a discussão que tivera com Elizabeth. - Há algumas mulheres que nada no mundo conseguiria excitar. Ela é uma delas. Um icebergue. Tu és um perito na arte do amor... se não lhe consegues provocar uma reacção, ninguém consegue. Vai buscar aquilo de que precisas

onde o podes encontrar, Alexander. - Deu uma gargalhada rouca. - Ela está lá em cima, no paraíso, e eu estou cá em baixo, no inferno. Sempre soube que o inferno devia ser mais excitante do que o paraíso... Tem de ser, com uma população tão diversificada. Vais ter mesmo de te haver com duas mulheres. Oh, que perspectiva terrível!

A partir daquela discussão, a atitude de Alexander em relação a Elizabeth tornou-se mais fria, apesar de, a partir dessa altura, ter começado a ir jantar mais vezes a casa e a passar os serões na sua companhia. A sua competência como pianista aumentava à medida que ela desenvolvia o amor pela música, mas, dizia Alexander, que começara a gostar de a provocar:

- Tocas da mesma maneira que fazes amor: sem paixão. Na verdade, quase que se podia dizer, sem qualquer expressão. A técnica deve-se à Miss Jenkins, que deve ter trabalhado muito arduamente. É uma pena não estares preparada para revelar algo da tua alma, mas gostas de manter os teus segredos, não é?

Aquilo magoava-a, mas, se Alexander adquirira uma crueldade fria, Elizabeth tornara-se extremamente controlada. A Ruby toca? - perguntou educadamente. Como uma pianista de concertos, com toda a gama de emoções. Que bom para ti. Também canta? Como uma diva da ópera, só que tem voz de contralto... Não há muitos papéis principais escritos para contraltos. Receio não saber o que é que isso quer dizer. Tem uma voz grave. Ainda não te ouvi cantar. A Miss Jenkins acha que o melhor é eu não cantar. Tenho a certeza de que ela lá terá as suas razões.

Visto não haver ninguém a quem ela pudesse contar aquelas pequenas conversas, Elizabeth adquiriu o hábito de as discutir consigo própria... algo de improdutivo, sim, mas que ao menos lhe dava algum alívio.

150 COLLEEN McCULLOUGH É melhor ter esta questão da Ruby clarificada, não achas? - perguntou Elizabeth Um. Ela é na verdade algo de que vale a pena falar... nunca acontece nada de que valha a pena falar - disse Elizabeth Dois. Já nem sequer gosto do Alexander - disse Elizabeth Um. E com razão - concordou Elizabeth Dois. - Ele atormenta-te. Mas estou grávida de um filho dele. Será que isso significa que não gostarei da criança? Será? Não me parece. Afinal, vê bem qual foi a sua contribuição... resfolegar, grunhir e gemer durante cerca de um minuto, só isso. O resto és tu e tu gostas de ti própria, não gostas? - perguntou Elizabeth Dois. Não - disse Elizabeth Um com tristeza. - Quero uma rapariga, para gostar dela. Também eu. *Ele* não quer uma rapariga - disse a Elizabeth Dois.

A única via-férrea de bitola padronizada entre Lithgow e Kinross saía de Lithgow em direcção ao Sudoeste durante quarenta quilómetros antes de inflectir para Sudeste e percorrer os centos e dez quilómetros até ao destino final. A velocidade da sua construção era um contraste triunfante com a lentidão empastada dos progressos da linha férrea governamental entre Lithgow e Bathurst: a construção dos seus meros oitenta quilómetros iniciara-se em 1868 e ainda não estava completa.

Com uma inclinação de um 1 para 100, o seu declive era excelente; Alexander projectara ele próprio o caminho-de-ferro, decidindo construí-lo nas encostas das montanhas, a trinta metros acima dos vales, para o manter tão plano quanto possível. Os carris atravessavam dez pontes de madeira, altas e robustas, sobre riachos com tendência para as cheias, e atravessava túneis de 275 metros bem como nove troços entalhados na rocha. Dado que usava trabalhadores chineses, não tinha problemas laborais; eles eram, pensou cheio de admiração, como máquinas feitas com tecidos vivos e trabalhavam continuamente como se em Mandarim não houvesse uma palavra para exaustão.

A construção fora orçamentada em 8 000 libras por cada meio quilómetro e o custo total foi de 841 000 libras - uma quantia enorme que as Empresas Apocalipse condescenderam em pedir emprestada a bancos de Sydney em vez de usarem o Banco de Inglaterra - em troca de benefícios fiscais nos impostos que pagavam sobre a exportação do ouro para o Banco de Inglaterra, que foi o fiador. O que não foi surpresa nenhuma:

o Banco de Inglaterra tinha já nos seus cofres, como garantia, ouro da Apocalipse que ultrapassava em muito aquele valor e Mr. Walter Maudling, confiante, informou os seus directores de que o ouro continuaria a vir ainda durante muitos anos. Alexander e Ruby eram clientes do Banco de Inglaterra. Charles Dewy preferia os bancos de Sydney e Sung Chow os bancos de Hong Kong, o novo entreposto emergente da Ásia Oriental.

Alexander comprou duas locomotivas iguais, dadas como obsoletas, aos Caminhos-de-Ferro Great Northern de Inglaterra, que se estavam a dar bem com a amortização dos materiais mais antigos, locomotivas essas que, em muito bom estado ainda, saíam substancialmente mais baratas ao serem compradas por uma empresa colonial de caminhos-de-ferro do que os modelos mais recentes à saída da fábrica.

As carruagens tiveram uma origem diferente, mas também vieram de Inglaterra. Uma das carruagens era frigorífica, pois as fábricas de refrigeração de Mr. Samuel Mort em Lithgow e Sydney já estavam completa-mente operacionais; os Caminhos-de-Ferro Apocalipse poderiam alugar a carruagem aos caminhos-de-ferro estatais quando não necessitassem dela, algo que aconteceria a maior parte do tempo. Todas as carruagens foram equipadas com amortecedores nas extremidades, bem como com barras de engate. A maior preocupação de Alexander era o sistema de travagem, que fora concebido por Fay e Newall: este consistia numa biela que passava por baixo do comboio e tinha de ser accionada por vários homens em diferentes partes do comboio, o que significava que não conseguiria deter a composição em menos de meio quilómetro, e esses homens teriam de viajar no comboio sem qualquer outro propósito que não fosse accionar os travões em caso de necessidade. Quando soube da invenção de Mr. Westinghouse - travões de ar comprimido, - encomendou esse sistema de travagem, que lhe deveria ser enviado de Pittsburgh, na Pensilvânia, o mais depressa possível.

A única carruagem de passageiros era nova, com nove metros de comprimento, montada sobre uma carreta. Havia um compartimento reservado aos directores da Apocalipse e assentos bem estofados de cada um dos lados da coxia central, para comodidade dos outros passageiros que pagariam bilhetes de segunda classe. Também tinha algo de absolutamente revolucionário: um cubículo com uma retrete, graças à insistência de Ruby.

Podes arengar o que quiseses acerca de carretas, locomotivas e travões accionados pelo ar disse numa das primeiras reuniões do

conselho de administração -, mas é uma vergonha que os homens que concebem, são proprietários e gerem os comboios não disponibilizem uma retrete para os passageiros. Oh, para vocês, homens, está tudo muito bem! Escapam-se pela porta da carruagem, saem para a plataforma e fazem o chichi que lhes apetece! Até podem descer as calças e fazer coco, se estiverem muito aflitos. Enquanto que nós, as mulheres, vamos ali sentadas em desespero durante as nove horas que o comboio leva de Sydney a Bowenfels, a não ser que o comboio pare, e aí é uma corrida para a casa de banho da estação. Bem, não posso fazer nada para dar um pontapé no rabo do caminho-de-ferro do Governo, mas sem dúvida que posso dar um pontapé no rabo do Caminho-de-Ferro Apocalipse! Estou a avisar-te, Alexander, instala uma retrete! Ou então faço a tua vida num inferno.

Quando a linha foi inaugurada, no fim de Outubro de 1875, a conta já ia em 1119 000 libras. Essa soma incluía as locomotivas, as carruagens, a carruagem de passageiros (com retrete), o vagão frigorífico, plataformas giratórias para as locomotivas, equipamentos de carga na mina de carvão da Apocalipse e de descarga em Kinross, abrigos para as locomotivas, sistema de agulhas e dúzias de outras necessidades menores. Apesar das despesas gigantescas, nenhum dos directores da Apocalipse achou que o caminho-de-ferro fosse um erro idiota; nos anos seguintes, pagar-se-ia a si próprio dez vezes, só no preço do transporte de carvão. Pois o ouro continuava a sair da montanha em quantidades cada vez maiores, com pedaços tão ricos em minério que alguns deles eram extraídos quase sem impurezas de quartzo ou ardósia, e ao filão original tinham-se juntado vários outros de igual qualidade.

Os residentes da cidade de Kinross mal podiam acreditar na sua sorte. Com a exaustão do ouro de aluvião, a população da cidade diminuía para 2 000 almas, cuja força de trabalho era empregue pela Apocalipse de uma forma ou de outra. Apesar de Alexander preferir não fazer parte do conselho municipal, Ruby e Sung faziam, e um dos sobrinhos de Sung, Sung Po, era o administrador municipal. Fora educado numa escola privada em Sydney, falava Inglês com um acentuado sotaque anglo-australiano e era de uma eficiência notável. Os trabalhadores das minas e oficinas eram maioritariamente brancos, os funcionários do conselho municipal eram chineses, que se sentiam mais felizes a cavar e a sarchar do que debaixo do chão ou a arranjar máquinas. O trabalho de Sung Po, como Alexander lhe explicou, consistia em dismantelar as relíquias horríveis da época da exploração do ouro de aluvião, pôr macadame nas ruas a partir da rocha

retirada da mina, que sofria um tratamento específico para esse fim, supervisionar a construção dos edifícios municipais e pressionar o Governo da Nova Gales do Sul para que contribuísse para a construção de uma escola e de um hospital. Já existia uma escola para as 300 crianças da cidade, mas estava instalada num barracão de adobe, enquanto que o hospital continuava a funcionar numa construção de madeira junto à residência do Dr. Burton. Para a praça central da cidade estava projectado um parque em torno do qual ficariam dispostos o edifício municipal, o Hotel Kinross, o posto dos correios, a esquadra da polícia e uma série de lojas.

Como era evidente, o abastecimento de carvão por caminho-de-ferro significava que as ruas da cidade podiam ser iluminadas a gás; Po tinha a esperança de conseguir os fundos necessários para a canalização do gás para as residências privadas no espaço de dois anos, embora (evidentemente) o Hotel Kinross tivesse instalado esse abastecimento de imediato, para grande prazer de Sam Wong; cozinhar em fogões a gás era maravilhoso.

Os únicos resmungos acerca da alta percentagem de população chinesa provinham de gente de passagem, como os caixeiros-viajantes, que aprenderam rapidamente que o melhor era ficarem de boca fechada; os habitantes brancos de Kinross sabiam muito bem que o verdadeiro detentor do poder na cidade, Alexander Kinross, não toleraria atitudes sinó-fobas. Razão pela qual, provavelmente, tinha sido o segmento chinês da população aquele que mais aumentara, especialmente em mandarins, que no resto da Austrália eram em muito menor número que os cantoneses. Ali, em Kinross, podiam viver pacificamente e tratar da sua vida sem correr o risco de serem presos pela polícia ou serem espancados num qualquer beco. Tal como as crianças brancas, as crianças chinesas iam à escola dos cinco aos doze anos. Alexander esperava ver um dia a criação de uma escola secundária, mas, fossem eles brancos ou chineses, os adultos de Kinross não viam qual a vantagem de manterem os filhos na escola durante anos e anos. O melhor que Alexander conseguiu foi oferecer bolsas de estudo para escolas em Sydney às poucas crianças com aspirações académicas. Mesmo isso por vezes sofria a oposição dos pais que não queriam que os seus filhos ou (horror!) filhas soubessem mais do que eles. Aqueles sentimentos de inferioridade horrorizavam Alexander, que vinha de um país que valorizava a educação acima de todas as coisas; os Australianos, apercebera-se, não gostavam, de uma forma geral, da ideia de educar os seus filhos a um nível superior ao que eles próprios tinham. E os Chineses pensavam da mesma maneira. Tempo, pensou,

«é só o que é preciso. Um dia eles valorizarão a educação da mesma forma que nós, os Escoceses, valorizamos. É uma forma de escapar à pobreza e à ignomínia. Olhem para a minha pobre mulherzinha, com os seus dois anos de leitura e muito pouca escrita e aritmética. Ela pode dizer que teria preferido não casar comigo, mas a sua educação reiniciou--se depois do casamento. Usa palavras melhores, expressa-se melhor... vejam como ela me atacou por causa da Ruby! Na Kinross escocesa nunca teria sido capaz de o fazer!

No fim de Outubro, quando o caminho-de-ferro Apocalipse foi inaugurado, a grávida Elizabeth estava demasiado pesada para poder estar presente, apesar de ter conseguido ser a anfitriã do jantar oferecido aos vários dignitários vindos de Sydney, alguns deles envergonhados por Kinross ter comboio antes de Bathurst. Em Lithgow, houve uma manifestação de cidadãos de Bathurst.

E Elizabeth conheceu finalmente Ruby Costevan, que não poderia ser, de forma nenhuma, excluída da lista de convidados. Os únicos convidados que ficaram hospedados na Casa Kinross foram os Dewy; os restantes alojaram-se no Hotel Kinross.

Os convidados chegaram todos ao topo da montanha ofegantes e soltando exclamações; a viagem no elevador era uma novidade tal que especialmente as senhoras se tinham sentido deslumbradas e assustadas. Elizabeth envergava um vestido artisticamente cortado, de cetim azul metálico, e usava um novo conjunto de jóias oferecidas por Alexander especialmente para aquela ocasião: safiras e diamantes engastados em ouro branco, as safiras mais pálidas e translúcidas do que era habitual nessas pedras de cor forte. E, evidentemente, o anel de diamante numa mão e o de turmalina na outra.

A gravidez aumentara a sua beleza e o orgulho que nela crescia lentamente fazia com que mantivesse a cabeça bem erguida sobre o pescoço elegante, com o cabelo negro apanhado no cimo da cabeça e ornamentado por safiras e diamantes. «Sê majestosa, Elizabeth! Mantém-te ao lado do teu marido infiel, ao pé da porta e sorri, sorri, sorri.

Embora, como é natural, não pensasse que Ruby tinha tacto, Ruby tinha-o quando pensava ser necessário, pelo que subiu no último carro, no lugar do fundo, escoltada por Sung em toda a sua glória mandarim. Implorara a Alexander que a dispensasse, mas sem qualquer resultado.

O TOQUE DE MIDAS 155 Nesse caso - dissera ela -, devias ter dado à tua mulher a oportunidade de me conhecer em privado, antes desta ocasião formal. Já será

suficientemente difícil para a pobre desgraçada ter de lidar com um comboio cheio de gente de nariz empinado sem ter de se haver comigo também. Prefiro que o teu primeiro encontro com a Elizabeth se dê no meio de uma série de estranhos - declarou Alexander num tom que não admitia discussões. - Ela está ligeiramente transtornada. Transtornada? No país das fadas. Fala muito sozinha, segundo me disse o Summers... a Mrs. Summers morre de medo dela. As coisas não estavam tão mal quando conseguia sentar-se ao piano para as lições de música, mas, desde que acabaram as visitas da Mrs. Jenkins, tem vindo por aí abaixo. Então por que é - perguntara Ruby, exasperada - que não dissesse à Theodora para continuar a ir lá, mesmo que não possa ensinar piano à rapariga? A tua pobre mulherzinha deve sentir-se desesperadamente só. Se estás a insinuar que não pago à Miss Jenkins, Ruby, estás completamente enganada! - ripostou Alexander, irritado. - Ela tinha feito umas poupanças para ir de férias a Londres e eu dei-lhe o que faltava e ainda uma bela quantia. Eu *não* sou avarento! Não, não és avarento! És só uma besta!

Alexander erguera as mãos no ar e desistira. Por mais que um homem fizesse, nunca conseguia agradar às mulheres.

Ruby chegou vestida com veludo cor de rubi e coberta com uma fortuna de rubis; estava magnífica, deliberadamente magnífica. Se Elizabeth fora forçada a conhecê-la no meio de uma multidão de estranhos, alguns dos quais sabiam que Alexander continuava a ser seu amante, então demonstraria ao menos a Elizabeth que não era a vulgar prostituta de beco que sem dúvida Elizabeth imaginara. O gesto era tão destinado a salvar o orgulho de Elizabeth como o seu próprio; embora, pensou ironicamente enquanto subia os degraus pelo braço de Sung, a mulher de Alexander não percebesse provavelmente a mensagem.

A sua própria curiosidade estava excitada, como era evidente. De acordo com os rumores, Mrs. Kinross era linda de uma forma discreta... discreta por ela ser terrivelmente calada e reservada. Mas a verdade era, Ruby sabia-o muito bem, que ninguém a vira. Mrs. Summers era a fonte de informação de toda a gente e, na opinião de Ruby, Maggie Summers era uma cabra invejosa.

Por isso, quando Ruby pôs os olhos em Elizabeth, viu muito mais do que, Alexander sobretudo, desejaria. A sua baixa estatura era uma desvantagem, mas tinha uma boa postura e era na realidade muito bonita. A pele era branca como leite e não estava maculada por pó-de-arroz ou por carmim, os lábios eram naturalmente vermelhos, as sobrancelhas e pestanas tão negras que não precisavam de ser realçadas. Mas nos olhos azuis muito escuros espreitava um pânico triste de que Ruby percebeu, instantaneamente, não ser ela a causa. Alexander pegou-lhe na mão para a puxar para diante e os olhos faiscaram de angústia, a boca contorceu-se num esgar quase imperceptível de nojo. «Oh, meu Deus! pensou Ruby, com o coração derretido. «Ela *detesta-o* fisicamente! Alexander, Alexander, o que foste fazer ao escolher uma noiva que nunca viras, que não conhecias? Os dezasseis anos são uma idade muito sensível, fazem ou desfazem uma pessoa.

Elizabeth viu a mulher-dragão apoiada no braço de um homem vestido com dragões, ambos altos e majestosos. Sung, vestido de amarelos e vermelhos reais, Ruby com um fato cor de rubi. Mas já conhecia Sung; o seu olhar deslocou-se para Ruby e assimilou aqueles olhos extraordinários, de um verde incrível e incrivelmente *bondosos*. Aquilo ela não esperara. Aquilo, não desejara. Ruby tinha pena dela, de mulher para mulher. E também não podia descartá-la como a uma prostituta, dada a forma como se vestia, as suas maneiras e a voz grave e ligeiramente rouca. O seu sotaque, reparou Elizabeth, era surpreendentemente agradável para alguém nascido na Nova Gales do Sul: especialmente alguém com as suas origens. Não exibia o corpo voluptuoso, mas movia-se como uma rainha, como se fosse dona do mundo. Foi muito gentil em ter vindo, Miss Costevan murmurou Elizabeth. Foi muito gentil em receber-me, Mrs. Kinross.

Como aquele era o último par de convidados, Alexander afastou-se da porta debatendo-se com um terrível dilema: deveria dar o braço à amante, à mulher ou ao melhor amigo? A tradição ordenava que não desse o braço à mulher, mas a tradição também o proibia de o dar à amante. Mas como poderia deixar que a mulher e a amante caminhassem juntas, atrás de si e de Sung?

Ruby resolveu a situação dando um pequeno empurrão a Sung por entre as omoplatas que o fez ir contra Alexander. Vamos embora, cavalheiros! disse alegremente. Depois, em voz baixa para Elizabeth: Que situação tão interessante!

.,,;;.!.<«,.,

Elizabeth deu por si a sorrir-lhe. Sim, não é? Mas agradeço-lhe por a ter tornado mais fácil.

Minha pobre filha, é uma cristã lançada aos leões disse Ruby dando o braço a Elizabeth. Vamos ofuscá-lo, ao bastar... ao renegado.

E foi assim que entraram no salão, de braço dado, sorrindo e parecendo muito conscientes de que todas as mulheres na sala tinham sido permanentemente ofuscadas, até mesmo Constance Dewy.

O jantar foi anunciado quase de imediato, para grande horror do *Cheff* francês contratado; estivera a contar com mais trinta minutos, pelo que as sopas de espinafres ainda não estavam prontas. Viu-se obrigado a atirar com camarões frios para uns pratos pequenos e a deitar uma gota de uma maionese muito plebeia por cima deles: *merde, merde, merde*, que fiasco culinário!

Aquele tinha sido o estratagema usado por Alexander para separar a amante da esposa que estavam, naturalmente, sentadas em lugares muito afastados. Elizabeth estava sentada num dos topos da mesa, tendo à sua direita o Governador, Sir Hercules Robinson, e à sua esquerda o Primeiro--Ministro, Mr. John Robertson. Dado que Sir Hercules governava de uma forma muito autocrática, não estava de boas relações com o Primeiro--Ministro e cabia, portanto, a Elizabeth manter as aparências. Uma tarefa tornada mais difícil pelo palato fendido e fala defeituosa de Mr. Robertson, para não mencionar a velocidade a que bebia o vinho e a tendência que a sua mão esquerda tinha para vaguear na direcção do joelho dela.

Alexander estava sentado do outro lado da mesa, com Lady Robinson à sua direita e Mrs. Robertson à sua esquerda. Apesar de ser um mulherengo e bebedor famoso, John Robertson era, nominalmente, presbiteriano; a sua mulher presbiteriana, extremamente tímida, raramente estava presente nas cerimónias públicas, pelo que o facto de se ter deslocado a Kinross era um sinal do estatuto de Alexander naquele Estado.

«O que é que, pensou Alexander enquanto olhava fixamente para os camarões frios, irei eu dizer a esta frívola sofisticada e a esta mártir da igreja escocesa? Não fui feito para isto.

A meio da mesa, Ruby tinha Mr. Henry Parkes à direita e Mr. William Dalley à esquerda e namoriscava discretamente com os dois, para grande prazer de ambos. Fazia-o tão bem que as mulheres sentadas nos lugares próximos sentiram-se mais ofuscadas do que ofendidas. Parkes era adversário político de Robertson e o lugar de primeiro-ministro tinha o hábito de oscilar entre ambos; se Robertson estava na mó de cima naquele momento,

era provável que Parkes o estivesse um pouco mais tarde. Era tão necessário manter Robertson e Parkes afastados como era necessário manter Ruby e Elizabeth afastadas. Como é evidente, Sung estava tão encantador como sempre; ninguém cometia o erro de o considerar um chinoca pagão, apesar de ele o ser. Uma riqueza imensa conseguia dourar pílulas muito menos prometedoras do que Sung.

Os cremes de espinafre, quando finalmente apareceram, valiam bem a espera; bem como o sorvete, feito com ananases trazidos no vagão frigorífico de Queensland, que era onde esse género de acepipes eram cultivados. Seguiu-se bacalhau estufado e depois borrego assado; o repasto terminou com uma salada de frutos tropicais erguendo-se por entre natas batidas como cumes de vulcão por entre as nuvens.

Foram necessárias três horas para comer tudo aquilo, três horas em que Elizabeth ficou cada vez mais à vontade com os seus deveres de anfitriã. Podiam estar de más relações um com o outro, mas Sir Hercules e Mr. Robertson reagiram à bela companheira de mesa como abelhas a uma flor carregada de néctar, e se Mr. Robertson ficou desalentado por encontrar tanto presbiterianismo naquela mulher deliciosa, acomodou-se sensatamente às suas inclinações - afinal, tinha uma mulher presbiteriana em casa.

Já Alexander estava a ver-se em maus lençóis ao tentar entabular uma conversa inócua com duas mulheres que não estavam mesmo nada interessadas em máquinas a vapor, dínamos, dinamite nem extracção de ouro. Com a agravante de estar a antecipar uma sova verbal do Primeiro--Ministro John Robertson e estar desejoso por lhe dar o troco. A reprimenda teria lugar assim que as senhoras saíssem da sala e o tema seria: por que não havia em Kinross terra para a construção de uma igreja presbiteriana? Por que é que os católicos tinham recebido terrenos para construir uma escola *bem como uma igreja* sem pagarem um tostão, enquanto que aos presbiterianos estava a ser pedido um preço astronómico por um lote urbano do tamanho de um selo postal, na cidade de Kinross? Bem, se Robertson pensava que Alexander iria recuar, então devia pensar duas vezes! A maior parte dos habitantes de Kinross era ou católica ou anglicana, sendo os presbiterianos apenas quatro famílias. Alheou-se assim das mulheres que conversavam uma com a outra sobre crianças e sonhou acordado com a forma como diria a Robertson que ia doar terrenos aos anabaptistas e aos congregacionistas.

Tudo correu da forma habitual nos jantares de cerimónia: assim que as garrafas de Porto apareceram, as senhoras levantaram-se em simultâneo e retiraram-se para a ampla sala de visitas onde aguardariam uma hora, no mínimo, até que os homens se lhes juntassem. Aquele era um costume concebido para dar oportunidade às senhoras de esvaziarem as bexigas sem o embaraço de ter os homens a observar as suas idas e vindas; como a maior parte das senhoras estava morta por ir e vir, iniciou-se uma verdadeira procissão. Ainda bem que temos duas casas de banho no andar de baixo - disse Elizabeth a Ruby -, mas, se quiser vir comigo, podemos ir à minha casa de banho no primeiro andar. Indique o caminho - pediu Ruby a sorrir. Nunca pensei, por um instante sequer, que gostaria de si - disse Elizabeth enquanto se compunham à frente de um sem-número de espelhos. Pronto, assim está melhor - disse Ruby torcendo as penas da

aigrette de rubis e diamantes. - Bem, pensei que a iria detestar, estamos quites. Mas, assim que a vi, só desejei que pudéssemos ser amigas. A Elizabeth não tem amigos e vai precisar de os ter, se quiser sobreviver ao

Alexander. Ele é uma locomotiva, atropela a oposição. Ama-lo? - perguntou Elizabeth com curiosidade. Até à morte e para além dela, suspeito - disse Ruby com franqueza. A sua expressão alterou-se, tornou-se desafiadora, mas a Elizabeth pareceu-lhe ver dor nos seus olhos. - Mas o facto de o amar não faria com

que o casamento com ele resultasse, mesmo que eu não fosse a pega promovida que, na realidade, sou. A Elizabeth foi convenientemente educada

para ser esposa. Eu não fui educada, fui arrastada. Ser amante do Alexander é muito mais do que aquilo que eu esperava da minha vida, por isso sou feliz. *Muito* feliz.

Somos exactamente o oposto, pensou Elizabeth com uma sensatez recém-adquirida: «eu sou mulher dele e ver-me-ia livre dele se pudesse, enquanto que ela é amante dele e estaria ligada a ele por laços mais estreitos se pudesse. Não é justo. É melhor descermos - disse com um suspiro. Desde que encontremos um ou dois sofás. Quero ficar a saber

tudo sobre si, Elizabeth. Por exemplo, sente-se bem? Bastante bem, embora tenha as pernas e os pés inchados. Tem? Venha cá, deixe-me ver.

- E Ruby pôs-se de joelhos ao cimo das escadas para levantar a bainha do vestido de Elizabeth e apalpar a carne entumecida que lhe saía dos sapatos. - Está muito hidrópica, minha

querida. Ele não chamou um médico para a ver? Não que o velho Dr. Burton de Kinross seja um especialista... é um típico curandeiro de aldeia. Precisa de um especialista de Sydney.

Continuaram a descer. - Vou pedir ao Alexander.

- Não, eu vou *dizer* ao Alexander - disse Ruby com um rosnido de dragão.

Elizabeth deu uma risadinha. - Adorava assistir - disse. Ofenderia a suas lindas orelhinhas de concha. Eu esta noite estou a portar-me o melhor que sei - declarou Ruby quando entravam para a sala. - Em circunstâncias normais tenho aquilo a que se chama uma língua atrevida. É o que dá dirigir uma casa de putas. Fiquei tão enojada quando soube disso. Mas agora já não está tanto, hem? Definitivamente não tão enojada. Na verdade, estou morta de curiosidade. .. Como é que uma pessoa *dirige* uma casa de... putas? Com muito mais visão e muito mais eficiência do que um governo dirige um país. Um chicote também ajuda.

Sentaram-se juntas no sofá, sem reparar nos olhares lançados pelas outras visitantes; Mrs. Euphronia Wilkins, mulher do Reverendo Peter Wilkins da Igreja de Inglaterra de Kinross, aproveitara a oportunidade da ausência de ambas para fornecer a Lady Robinson, Mrs. Robertson e a umas quantas outras a história do presente e passado de Ruby. Aquilo fez com que Mrs. Robertson se sentisse suficientemente mal para pedir os saís, enquanto que Lady Robinson ficou extremamente intrigada e divertida.

A aturar uma mulher muito maçadora que era casada com um dos membros do Governo, Constance Dewy olhou para o par com inveja. Quem poderia ter previsto uma coisa destas?, perguntou-se a si própria assentindo e sorrindo enquanto ouvia uma litania de lamentos. «Elizabeth e Ruby decidiram ser amigas do peito e, oh, isso não deixará o querido Alexander completamente doido? Bem feito para ele, a isolar aquela pobre criança aqui em cima sem qualquer companhia!

Quando os homens vieram da sala de jantar envoltos no odor do fumo dos charutos e do vinho do Porto, Elizabeth levantou-se, com um recanto do espírito a perguntar-se por que razão Alexander parecia estar tão satisfeito e o Primeiro-Ministro Robertson tão abatido.

- Ouvi dizer, Ruby, que canta e toca lindamente - disse. - Não nos quer dar a honra de a ouvir hoje? < ;.-.- • i.. >

- Com certeza - anuiu Ruby não arvorando a atitude obrigatória de modéstia envergonhada. - Que tal algumas árias de Beethoven e Gluck, e depois Stephen Foster para a sobremesa?

Elizabeth conduziu-a ao piano de cauda e puxou uma cadeira para si própria de um dos lados do instrumento.

Com o olhar nublado, Alexander sentou-se junto a Constance, que corraera com a senhora maçadora quando os homens tinham entrado. Charles sentou-se do outro lado de Constance. Deram-se uma com a outra como peixes na água - disse Constance em voz bastante alta, pois Ruby lançara-se na interpretação de «Appassionata». - É uma sorte Elizabeth estar tão obviamente grávida, Alexander... ou as pessoas ainda iam pensar que estava envolvido num *ménage à trois*. Constance! - guinchou Charles, horrorizado. Chiu - sibilou Constance.

Alexander dirigiu a Constance um sorriso apreciativo, com os olhos a brilhar, e instalou-se para escutar a música soberbamente tocada, o prazer aumentado pelas expressões de espanto estampadas nos rostos de algumas das mulheres. Não encontrariam pianista melhor em Paris ou Londres.

Terminadas as sonatas e as árias, Ruby começou a tocar algumas canções populares, com Elizabeth a olhá-la e ouvi-la avidamente. «Como são horivelmente injustos os acasos do destino!, pensava ela. «Esta mulher deveria ser, no mínimo, uma duquesa. Quantas vezes pensei já na rapariga de onze anos violada pelo seu próprio irmão e fiquei perturbada, apesar dos meus preconceitos. Mas agora compreendo verdadeiramente como a vida pode ser cruel. Oh, Ruby, como lamento!

Apercebendo-se de que Elizabeth estava cheia de dores devido aos pés inchados dentro dos sapatos apertados, Ruby calou-se subitamente.

- Preciso de uma cigarrilha - disse e acendeu uma.

O gesto foi acompanhado por expirações de uma dúzia de pares de pulmões femininos; no entanto, reparou a divertida Constance, Ruby conseguia fazer com que uma mulher a fumar um pequeno charuto fosse algo de perfeitamente adequado. «Ruby, tenho de te conhecer melhor! Não vou evitar-te mais nas receções da Apocalipse.

Um gesto imperioso da cigarrilha fez com que Alexander se aproximasse do piano com uma expressão que informava os convidados de que a mulher e a amante de todos os homens deveriam dar-se o melhor possível.

- Já é hora de a Elizabeth ir para a cama, Alexander - disse Ruby. - Leva-a para cima e ajeita-lhe a roupa.

Elizabeth inclinou-se para beijar a face de Ruby e saiu da sala pelo braço do marido enquanto Ruby retomava o recital. Por que é que não me disseste como ela é simpática? Ter-me-ias acreditado, Elizabeth? - Não.

Jade e Pearl estavam à espera, mas Elizabeth segurou-o pelo casaco. - Depois de o meu bebé nascer, Alexander, irei a Kinross sempre que me apetecer - disse ela de queixo erguido. - *E* tenciono ver a Ruby muitas vezes.

Ele pareceu entediado. - Como queiras, minha querida. Vai para a cama.

MATERNIDADE

O ESPECIALISTA EM OBSTETRÍCIA DE SYDNEY examinou atentamente Elizabeth e depois chamou Alexander ao quarto. Devem ouvir ambos o que tenho para dizer - começou com modos graves, mas não em demasia. - Mrs. Kinross, a senhora está à beira de sofrer de eclampsia, uma doença muito perigosa. Muito perigosa? - repetiu Alexander, parecendo chocado. Sim. Não vejo utilidade em ocultar a situação, quer à minha paciente quer ao seu marido - disse Sir Edward Wyler com franqueza. - Se tivesse podido trazer comigo os meus instrumentos mais delicados, poderia ter mais certezas... Seria útil, por exemplo, verificar a velocidade do seu sangue com o meu reómetro, Mrs. Kinross. Contudo, posso dizer-lhe que o seu estado pode levar ao desenvolvimento de uma eclampsia grave que é, habitualmente, fatal. - A paciente, reparou, ouviu aquilo sem alterar a expressão, enquanto que os olhos do marido se encheram de horror. - Tanto quanto sabemos - continuou, a eclampsia é uma patologia dos rins que só acontece durante a gravidez, geralmente durante a primeira gravidez. Qual é exactamente a função dos rins? - perguntou Alexander, muito pálido. Filtram os fluidos do corpo e eliminam os elementos tóxicos através da urina. Teremos, portanto, de supor que há uma falta de harmonia entre a Mrs. Kinross e a criança que traz no ventre. Pode muito bem acontecer que ela não esteja a conseguir eliminar as toxinas da criança que, consequentemente, a estão a envenenar a ela. O que é uma eclampsia grave? - perguntou Alexander, começando a andar de um lado para o outro. - Como é que podemos saber se se está a agravar?

164 COLLEEN MCCULLOUGH Oh, sabê-lo-ão, senhor. O agravamento é anunciado por grandes

dores de cabeça, cólicas abdominais, náuseas e vômitos. A estes seguem-se convulsões fortes que, se não forem controladas, fazem com que a doente entre num coma do qual a recuperação é quase impossível. Mas a Elizabeth só tem as pernas e os pés inchados! Não foi isso o que ela me disse, Mr.

Kinross. Tem tido dores de

cabeça, dores abdominais, náuseas e vômitos durante as últimas três semanas. No caso da sua esposa, o edema - o inchaço - é de natureza hidrópica

e não tem nada que ver com a postura - disse Sir Edward com firmeza.

Elizabeth estava deitada, de olhos muito abertos, a ouvir aquela voz fria a dizer a Alexander que era muito provável que ela morresse. Uma parte dela não se importava com a notícia; a morte seria uma forma de escapar às suas provações. A parte de si própria que protestava contra aquele veredicto era a parte que queria desesperadamente ter um bebé vivo e saudável e ter alguém a quem amar. O que poderia ter acontecido se não tivesse falado a Ruby no inchaço dos pés? Quando falara no assunto a Mrs. Summers, duas semanas antes, esta garantira-lhe que estava bem, que não deveria ralar-se por causa de um pequeno inchaço. Mas Mrs. Summers era estéril. Queria isso dizer que tinha tanta inveja que a queria ver morta? O que devo fazer, Sir Edward? - perguntou. Em primeiro lugar, permanecer na cama, Mrs. Kinross. Tanto quanto possível, fique deitada sobre o lado esquerdo... isso ajudará o coração e os rins... Não beber muitos líquidos - interrompeu Alexander. Não, não! - exclamou Sir Edward. - Pelo contrário, é vital manter os rins a funcionar, o que significa uma grande ingestão de água simples e uma grande excreção de urina. Vou sangrá-la para diminuir o volume de sangue com que o sistema vascular tem de lidar. Meio litro hoje e, de daqui em diante, vinte cinco centilitros por semana. Se conseguirmos que entre em trabalho de parto sem que tenha surgido nenhum episódio de convulsões, tem boas hipóteses de conseguir sobreviver ao nascimento da criança. - Sir Edward virou-se para a cama. - A senhora está, parece-me, Mrs. Kinross, na trigésima semana de gestação. Faltam mais dez semanas. Não posso repetir vezes demais que devem ser passadas na cama. A única ocasião em que poderá levantar-se será para evacuar... para a urina use uma arrastadeira. Coma muitos legumes, frutas e pão de mistura e beba grandes quantidades de água. Vou enviar uma enfermeira

de Sydney para que ensine a algumas mulheres daqui como deverão cuidar de si. A Mrs. Summers seria o ideal - disse Alexander rapidamente. Não! - gritou Elizabeth, sentando-se na cama. - Alexander, suplico-te. Não! A Mrs. Summers não, por favor. Ela já tem muito que fazer.

Prefiro a Jade, a Pearl e a Silken Flower. Essas são raparigas patetas, não são mulheres maduras - objectou

Alexander. Eu também sou uma rapariga pateta. Faz-me a vontade, por favor!

Com uma expressão abatida, Alexander acompanhou Sir Edward até à porta. - Se a minha mulher tiver eclampsia, o que acontecerá à criança? Terá alguma hipótese de sobreviver? Se ela chegar ao fim da gravidez e sofrer um ataque de epilepsia seguido de um coma irreversível, então a criança poderá ser tirada através de uma cesariana antes de a sua esposa expirar. Não garantirá a sua sobrevivência, mas é a única hipótese. Isso não poderá ser feito enquanto *ela* ainda tem hipóteses de sobreviver? Nenhuma mulher sobreviveu a uma cesariana, Mr. Kinross. A mãe do Júlio César sobreviveu - observou Alexander. Isso não é possível. Ela viveu até aos setenta anos. Então por que é que lhe chamam cesariana? Houve muitos Césares depois do Júlio - respondeu Sir Edward -, portanto, talvez tenha sido outro o César que nasceu dessa forma. Um cuja mãe tenha morrido no parto. Pois a mãe tem de morrer... *tem* de morrer! Virá cá novamente para o parto? Infelizmente, não, não posso. Esta viagem já foi muito difícil de organizar na minha agenda. Tenho muitas pacientes. A criança deve nascer por volta do Ano Novo. Venha depois do Natal e fique cá até ao nascimento... traga a sua mulher, os seus filhos, quem lhe apetecer! Pense nisso como numas férias num ambiente deliciosamente fresco... Aqui em cima não há calores e humidades insuportáveis, Sir Edward - tentou convencê-lo Alexander. Não, Mr. Kinross. Não posso mesmo.

Mas quando Sir Edward Wyler entrou no comboio já concordara em regressar após o Natal. O preço negociado pelos seus serviços foi um dos

dois ícones bizantinos de Alexander: uma **antiguidade e não** dinheiro. Sir Edward era colecionador de ícones.

Alexander não conseguia enfrentar Elizabeth, não conseguia olhar para o rostinho doce, tão jovem, tão vulnerável. Tinha feito dezassete anos no último mês de Setembro e parecia improvável que chegasse aos dezoito.

«As coisas não correram bem, admitiu para consigo. Houve algo em mim que a enojou desde o princípio... não, não, não foi aquela história idiota da barba demoníaca! Que fiz eu de errado? Fui bondoso com ela, generoso, dei-lhe uma vida que ela nunca teria conhecido na Escócia. Jóias, roupas, um conforto extremo, absolutamente nenhum trabalho de *qualquer* tipo. Mas nunca alcancei o seu âmago, não provoquei um único brilho naquelas lagoas profundas e calmas dos seus olhos cor de safira, nunca senti o seu coração apressar-se com o meu toque, nunca a senti ofegante. É mais difícil de alcançar do que um fogo-fátuo, o espírito dela já está em coma. A minha Elizabeth que não é a minha Elizabeth. E agora esta terrível doença inesperada que ameaça a minha mulher e o meu filho. Não posso fazer mais nada senão confiar em Sir Edward Wyler... Como posso ter a certeza de que ele sabe o que faz?

Como posso ter a certeza? - gritou, atormentado, a Ruby. Não podes - disse ela bruscamente, enxugando os olhos. - Oh, que chatice! Digo-te o que *eu* farei, Alexander: vou pedir ao Padre Flannery para dizer uma missa por ela, vou acender uma libra de velas todos os dias e vou contratar uma empregada decente para a pobre rapariga.

Alexander ficou de boca aberta, horrorizado. - Ruby Costevan! Não me digas que és uma papista!

Ela fez um ruído indelicado. - Não, eu não sou nada, tal como tu. Mas juro-te, Alexander, que os católicos estão muito bem colocados junto a Deus quando se trata de milagres. Lourdes?

Só a sua extrema infelicidade o impediu de rir. - Superstições, então? Ou andas a escutar demasiados irlandeses bêbados no bar?

-Ando mais a dar ouvidos ao meu primo Isaac Robinson... Aliás, perguntei a Sir Hercules se eram parentes e ele disse que não, com a cara tão franzida que mais parecia o eu de um gato. Uns quantos anos passados com os franciscanos na China converteram-no, *a ele*, num papista e eu nunca conheci gente mais fanaticamente anglicana do que os Robinson.

- Estás a tentar animar-me.

...'

- Sim - admitiu ela alegremente. -Agora vai-te embora, Alexander, vai lá extrair mais uma ou duas toneladas de ouro. Mantém-te ocupado, homem!

Assim que ele saiu, Ruby desatou num pranto. - Mesmo assim - disse a si própria mais tarde, pondo o chapéu e calçando a luvas -, não vejo o mal que umas quantas missas e velas possam fazer. - Parou junto à porta com um ar pensativo. - E talvez - continuou a falar sozinha deva insistir com o Alexander para que dê um lote de terreno aos presbiterianos, aqui em Kinross. Para quê ofender a ideia de Deus de quem quer que seja?

Na manhã seguinte, apareceu junto à cama de Elizabeth, armada com um enorme ramo de gladiólos, bocas-de-lobo e esporas do jardim da ausente Theodora Jenkins.

O rosto de Elizabeth animou-se. - Oh, Ruby, como é bom vê-la! O Alexander disse-lhe o que se passa comigo? Claro. -As flores foram metidas nas mãos da Mrs. Summers, tensa e reprovadora. - Tome, Maggie, arranje uma jarra para as flores... e tire essa expressão da cara, faz-me lembrar uma lagarta.Uma lagarta? - perguntou Elizabeth quando Mrs. Summers marchou para fora do quarto.Estava a pensar numa lesma, mas não vale a pena exagerar. Você tem de viver com a mulher.Ela aterroriza-me.Não deixe que isso aconteça. A Maggie Summers é azeda, mas não faria nada contra si, ela está debaixo da bota do marido. E ele está debaixo da bota de Alexander.Ela tem ciúmes do bebé.Isso posso perceber. - Ruby instalou-se numa cadeira como um pássaro fabulosamente belo num poleiro, com covinhas nas faces e os olhos a brilhar. - Ora, vá lá, gatinha, nada de tristezas! Mande telegramas para Sydney a encomendar livros que tenho a certeza adorará ler quanto mais picantes melhor e trouxe um baralho de cartas para a ensinar a jogar póquer e *gin rummy*.Não me parece que seja permitido aos presbiterianos jogarem às cartas - disse Elizabeth, provocadora.Bem, neste momento estou a tentar dar-me bem com Deus, mas raios me partam se alinhio nessas tretas! disse Ruby calmamente.

O Alexander diz que vai ter de ficar aqui deitada dez semanas, sem mais nada para fazer do que beber por um lado e fazer chichi pelo outro, portanto, se as cartas puderem ajudar a passar o tempo, jogamos cartas. Vamos conversar primeiro - disse Elizabeth muito satisfeita. - Quero saber tudo de si. Tem um filho, disse-me a Jade. O Lee - a voz de Ruby adoeceu-se e a sua expressão também. - A luz da minha vida, Elizabeth. O meu gatinho de jade. Oh, como sinto a sua falta! Ele tem agora onze anos? Sim. Já não o vejo há dois anos e meio. Tem uma fotografia dele? Não - disse Ruby bruscamente. - Seria um tormento demasiado grande. Limito-me a fechar os olhos e a imaginá-lo. Um rapazinho tão lindo! Alegre. A Jade diz que ele é espantosamente inteligente. Aprende línguas como se fosse um papagaio, mas, na opinião de Alexander, não está talhado para os Clássicos, em Oxford, que era o que eu queria. Parece que é mais provável que vá estudar Ciências em Cambridge.

Aquele assunto, Elizabeth apercebeu-se, era muito doloroso para Ruby, pelo que falou noutra coisa. - Quem - perguntou - é Honoria Brown?

Os olhos verdes arregalaram-se. - Você também? Não faço ideia de quem seja, a não ser que Alexander a considera o paradigma de todas as virtudes femininas. Eu não sou nada, comparada com Honoria Brown. A opinião que ele me deu de si é bastante diferente disso. Disse-

-me que a admirava ainda mais a si do que à Honoria Brown. Tem a certeza de que não a conhece? Absoluta. Como é que poderemos descobrir? Perguntando - disse Ruby. Ele não nos dirá, será enigmático. Filho da mãe reservado! - foi o comentário de Ruby.

As semanas foram passando com uma rapidez surpreendente graças a Ruby, aos livros, ao póquer e... a Constance Dewy, que veio fazer-lhe companhia durante as últimas cinco semanas. O estado de Elizabeth manteve-se mais ou menos inalterado; as sangrias constantes tornavam-

-na um tanto langorosa, mas o inchaço diminuiu ligeiramente e as crises de dores abdominais e os vômitos cessaram. A enfermeira vinda de Sydney era uma mulher enérgica, formada na tradição de Florence Nightingale, que não admitia disparates e que treinou as três raparigas chinesas como se fosse um Sargento Mor a treinar os piores soldados, e depois partiu para ir informar o querido Sir Edward de que Mrs. Kinross receberia cuidados pelo menos equivalentes àqueles que receberia em Sydney.

Era Alexander quem mais sofria, afastado da vida quotidiana da mulher, primeiro por Ruby e depois por Ruby e Constance, que constituíam uma aliança formidável. Contudo, a companhia das duas mulheres mantinha Elizabeth animada; ouvia, sempre que passava junto ao quarto, enormes gargalhadas. E só podia passar junto ao quarto... a correr, disse a si próprio desanimadamente, como um cão batido que evitasse o dono. O seu único refúgio era o trabalho: os travões de ar comprimido *Westing-house* tinham chegado finalmente e ele tinha algo de interessante com que se entreter ao instalá-los. Descobri - disse a Charles Dewy - que quando um homem se casa, a paz de espírito e a liberdade saem pela janela. Bem, meu velho - disse Charles confortavelmente -, esse é o preço que temos de pagar para ter companhia na velhice e para garantir que teremos herdeiros que nos sucedam. A companhia, está bem, mas os únicos herdeiros que você tem são filhas. Na verdade, acabei por perceber que as filhas não são uma coisa má. Elas casam, sabe, e - se as minhas filhas puderem servir de exemplo - provavelmente trarão para a família homens melhores do que eventual mente seriam os filhos. Não conseguimos impedir os nossos filhos de experimentar a bebida, as mulheres fáceis e o jogo, enquanto que as nossas filhas estão excluídas de tudo isso e não apreciam esse género de vícios nos maridos. O noivo da Sophia é um príncipe, um sujeito com uma bela cabeça para os negócios, e o marido da Maria dirige Dunleigh muito melhor do que eu alguma vez o fiz. Se a Henrietta arranjar um homem tão bom como os que as irmãs arranjaram, serei um tipo muito feliz.

Alexander franziu o sobrolho. - Isso está tudo muito bem e é muito sensato, meu caro Charles, mas as raparigas não podem perpetuar o nome da família.

- Não vejo porquê - disse Charles, surpreendido. - Se o nome é assim tão importante, o que é que impede que pelo menos um dos genros

o adopte? Não se esqueça que a quantidade de sangue que um homem dá aos netos é exactamente a mesma quer estes sejam de um filho ou de uma filha... é metade. Está a ficar com a pulga atrás dessa orelha escocesa, com receio de que a Elizabeth tenha filhas e não tenha filhos? Até aqui, o casamento tem sido infeliz - disse Alexander honestamente -, pelo que, se o destino continuar a ser irónico, essa possibilidade pode tornar-se uma probabilidade. Você é um profeta da desgraça. Não, sou aquilo que disse, sou escocês.

«Ainda assim, pensou mais tarde enquanto trabalhava no barracão da locomotiva, «Charles tem razão. Se Elizabeth só tivesse raparigas, então teriam de ser educadas por forma a escolherem maridos de qualidade superior e que estivessem dispostos a mudar o nome para Kinross. Isso significava que teria de educar as raparigas ao nível universitário, assegurando-se simultaneamente que a educação superior não as transformava em professoras masculinas.

Pum, pum, fazia o martelo; Alexander Kinross decidiu que *nada* o derrotaria, nem uma mulher com eclampsia nem uma possível tribo de filhas e nenhum filho. A sua vida tinha objectivos próprios que ele estava determinado a alcançar e o aspecto principal desses objectivos era certificar-se de que o nome que escolhera para si próprio nunca desapareceria.

Sir Edward Wyler e a mulher chegaram logo após o Natal e foram instalados na Torre Norte, nuns aposentos que fizeram com que Lady Wyler desfalecesse de alegria. Não só lhe fora dada a oportunidade de sair de Sydney na pior época do Verão, como um Deus atencioso a transportara para o seio de um luxo que Sydney não lhe poderia oferecer: os criados em Sydney eram uma gente agressiva e insolente e iam e vinham conforme lhes dava na gana, enquanto que a Casa Kinross era gerida por criados chineses maravilhosamente simpáticos e atentos que de servis não tinham nada. Comportavam-se como pessoas bem pagas que gostavam do seu trabalho.

Para Elizabeth, a época festiva foi simplesmente uma continuação da prisão no leito; estava tão pesada e letárgica que até mesmo as brincadeiras de Ruby começavam a ser impotentes para a divertir.

Apesar de lhe ter dirigido um sorriso, Sir Edward quase não prestou atenção à paciente quando entrou com Jade, Pearl e Silken Flower carregadas

com pratos, garrafas, jarros e canecas. Tirou o casaco do fato, pôs um avental branco lavado, arregaçou as mangas revelando braços bronzeados e lavou as mãos meticulosamente. Só quando todos aqueles preparativos foram concluídos satisfatoriamente é que puxou uma cadeira para junto de Elizabeth. Como se sente, minha querida? - perguntou. Não tão bem como antes do Natal - respondeu Elizabeth que simpatizava muito com o médico e confiava nele. - Tenho uma grande dor de cabeça, dores no estômago, às vezes sinto-me enjoada e vejo manchas negras. Primeiro tenho de ver como está o seu bebé, depois falamos mais - disse ele dirigindo-se para os pés do leito e fazendo sinal a Pearl e a Jade para que afastassem a roupa da cama. - Sou fã dos anti-sépticos - disse descontraidamente enquanto procedia ao exame cuidadoso -, pelo que vão ter que me perdoar o cheiro a carbólico. Vai permanecer por aqui até muito depois do parto.

Depois de terminar, sentou-se novamente. - A cabeça já está encaixada e penso que as águas rebentarão a qualquer momento. - O seu tom mudou e tornou-se mais sério. - Agora, Elizabeth, tenho de lhe explicar o que posso ter de fazer quando chegar a altura, se a Elizabeth não estiver em condições de me ouvir. Ouviu-me dizer ao seu marido que, se tiver convulsões, existe a possibilidade de não se conseguir salvar. Em geral cabe ao marido tomar todas as decisões quando isso acontece, mas a experiência ensinou-me que os maridos raramente estão à altura da tarefa, a não ser que eu lhes possa garantir que a mulher quer que eu faça o que tiver de ser feito. - Pigarreou. - Há alguns artigos recentes que recomendam a administração de sulfato de magnésio quando se declara a eclampsia, embora deva adverti-la de que este tratamento ainda não foi comprovado. O que é sulfato de magnésio? - perguntou ela. Um sal relativamente inofensivo. A administração? O que é que isso quer dizer? Bebo-o? Não, não estará capaz de beber líquidos. O sal é administrado por via de uma injeção parenteral - ou seja, através de uma seringa com uma agulha aguçada e oca que é enfiada na cavidade abdominal. Aí, o sulfato de magnésio mistura-se com os fluidos do corpo e passa rapidamente

para a corrente sanguínea. Creio que chegará o dia em que as agulhas serão suficientemente finas para serem directamente inseridas na veia

acrescentou esperançadamente. - Naturalmente que falarei disto ao seu marido, mas primeiro tenho de saber o que a *Elizabeth* sente relativamente a isto. A vida e o bebé que estão em causa são seus. Apercebi-me também de que está num estado de declínio mental que se aproxima da neurastenia. Está disposta a permitir que eu administre injeções de sulfato de magnésio se for necessário? Sim - respondeu Elizabeth sem hesitar. Excelente! Então iremos esperar para ver o que acontece.

- Pegou-lhe na mão e apertou-a com ternura. Mantenha a boa disposição, Elizabeth. O seu bebé parece ser forte. A Elizabeth também tem de o ser.

Agora, se estiver com disposição para isso, vou apresentar-lhe a minha mulher. Ela é a minha parteira. Foi assim que a conheceu? - perguntou Elizabeth. Claro. Os médicos, quando são novos, têm de trabalhar tão arduamente na sua profissão que raramente têm a oportunidade de conhecer

raparigas que não sejam enfermeiras ou parteiras. Tive muita sorte - disse Sir Edward com sinceridade. A minha mulher é uma companheira maravilhosa e uma parteira altamente competente.

Alexander esperou até ao dia seguinte para ir ver Elizabeth, depois de Sir Edward ter falado longamente com ele e o ter aconselhado a esperar que ela acordasse de um sono induzido pelo láudano.

O quarto sofrera uma tal transformação que estava quase irreconhecível, apercebeu-se de imediato. A mobília supérflua fora retirada, os móveis que restavam tinham sido cobertos com lençóis imaculadamente brancos, a um canto estava um biombo branco, Jade e Pearl usavam grandes aventais brancos e no ar pairava um vago odor a carbólico.

Que cobarde eu sou, pensou ao aproximar-se da cama. Evitei-a o mais possível durante dez semanas inteiras. A pele dela estava amarelada, o branco dos olhos que se viraram para ele estavam vermelhos devido aos derrames e, apesar de ela estar deitada sobre o lado esquerdo, conseguia ver a enorme barriga por baixo da coberta fina. Sir Edward falou contigo - disse ela humedecendo os lábios gretados. Sobre o tratamento hipotético? Sim. Eu quero que ele o faça, Alexander, se se revelar necessário. Oh, estou tão cansada! Estás cheia de láudano, portanto é natural.

O TOQUE DE MIDAS 173 Não, não, não me refiro a esse tipo de cansaço! disse ela impaciente. - Estou *cansada*] Cansada de estar deitada na cama, de estar deitada sobre o lado esquerdo, de beber litros e litros de água, de me sentir agoniada e miserável o dia todo todos os dias! É uma tortura! Por que é que isto tinha de me acontecer? Não é habitual nem nos Drummond nem nos Murray. Não é uma coisa de família, disse-me Sir Edward, por isso não podes responsabilizar a hereditariedade pela tua doença explicou Alexander com um ar impassível. O teu bebé é forte e saudável, diz Sir Edward, mas o que ele quer ver é a melhoria do teu estado de espírito.

Os olhos encheram-se de lágrimas que lhe correram pelo rosto.

- Ofendi a Deus.

- Oh, disparates, Elizabeth! - ripostou antes de conseguir controlar-se.

- Sir Edward diz que a culpa desta doença foi da longa viagem por mar em condições de algum desconforto, uma mudança radical do clima e uma alimentação muito diferente da que estavas acostumada. Por que raio culpar Deus? Isso é ilógico! Eu não culpo Deus, culpo-me a mim própria por não ter sido sincera com Deus. Bem - disse ele arreganhando os dentes -, tenho umas notícias

boas para ti. Doei um belo lote de terreno na cidade onde *eu* irei construir uma igreja presbiteriana. Assim, poderás passar o resto dos teus dias

a praticar a ideia que o John Knox tinha de Deus, está bem?

Ela ficou de boca aberta. - Alexander! Porquê? Porque aquela peste da Ruby Costevan nunca me deixa em paz! Querida Ruby - disse Elizabeth com um sorriso trémulo. Já te ocorreu que se Deus te amaldiçoa talvez seja por Se sentir

irritado pela amizade que desenvolveste com a Ruby?

Aquilo provocou uma gargalhada. - Não sejas tonto - disse.

Ele virou-se de lado na cadeira e ficou a olhar pela janela que dava para Sul, para os jardins e, para lá destes, para a floresta, com os punhos cerrados. Sabia que não devia ser brusco com ela, mas: - Não consigo perceber-te - disse para a paisagem -, nem compreender o que queres de um marido. Ainda assim, acabei por aceitar as limitações do nosso casamento como, aparentemente, tu aceitaste a presença da minha amante. Até consigo perceber por que a aceitaste... alivia-te do fardo do amor físico além dos limites do absolutamente necessário. E olha para ti, doente como um cachorro envenenado porque cumpriste os deveres conjugais!

Deve ser uma justificação para ti, prova de que o divertimento na cama é um pecado. Santo Deus, Elizabeth, devias ter nascido católica! Assim poderias ter ido para um convento e ficar segura. Por que provocas tanta infelicidade a ti própria? Se aprendesses a gozar a vida, não sofrerias de eclampsia, é o que eu acho.

Ela escutou aquela dor violenta, sabendo que aquela diatribe amarga provinha de uma angústia que ele não conseguia aplacar. Oh, Alexander, estamos condenados! - gritou ela. - Eu não consigo amar-te e tu estás a começar a odiar-me! E tenho razões para isso. Tu rejeitas todas as minhas aproximações. Seja como for - disse ela com firmeza -, disse a Sir Edward que quero que ele me dê as injeções, se achar que são necessárias. Concordas? Sim, claro que concordo - disse ele virando-se para a olhar. Apesar de - continuou ela - os nossos problemas poderem ficar de certa forma resolvidos, se eu morresse. Mesmo que o bebé morresse também. Poderias então encontrar uma mulher mais agradável. O Alexander Kinross - disse ele - não se rende. Tu és a minha mulher e eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para me certificar de que continuarás a ser a minha mulher. Mesmo se a criança não sobreviver ou se eu não puder ter mais filhos?

Sim.

Elizabeth entrou em trabalho de parto na noite da passagem de ano. O seu estado deteriorara-se e ela tinha uma dor de cabeça insuportável, vertigens, vômitos e uma dor na parte superior do abdómen, mas não piorou nas primeiras fases do trabalho de parto. Depois, quando começou a rolar os olhos e a registar esgares faciais, Sir Edward pediu a seringa à mulher, espetou-a rapidamente na parede abdominal de Elizabeth, puxou um pouco o êmbolo para se certificar de que não penetrara o intestino, e injectou cinco gramas de sulfato de magnésio. As convulsões alastraram do rosto para os braços e para as mãos e depois todo o corpo ficou rígido, a que se seguiram espasmos violentos. A boca de Elizabeth era mantida aberta por um pedaço de madeira e os membros foram atados para a impedir de se magoar. Mas as convulsões acabaram por passar e ela ficou com a cara roxa e a respirar num estertor. Foi-lhe administrada uma segunda injeção antes que sobreviesse novo ataque convulsivo, enquanto que o bebé, agora da responsabilidade de Lady Wyler, continuava

a esforçar-se no canal uterino sem qualquer ajuda da mãe. Elizabeth, apesar de ainda não ter entrado em coma, mal tinha consciência das dores de parto. Ruby e Constance aguardavam no andar inferior, na sala de visitas, enquanto que Alexander se fechara na biblioteca. Está tudo tão *calmo* lá em cima - observou Constance com um arrepio. - Não se ouvem gritos nem uivos. Talvez Sir Edward lhe tenha administrado clorofórmio - sugeriu Ruby. Não me parece, pelo que Lady Wyler disse. Se a Elizabeth está com convulsões, já vai ter dificuldade suficiente em continuar a respirar sem os problemas provocados pelo clorofórmio. - Constance pegou nas mãos de Ruby. Não, parece-me que o silêncio significa que a nossa menina está a ter um ataque. Santo Deus, por que havia isto de lhe acontecer a ela? Não sei - murmurou Constance.

Ruby olhou para o relógio de sala. - Já passa da meia-noite. A criança **vai** nascer no Dia de Ano Novo.

- Esperemos então que 1876 seja um ano de sorte para Elizabeth.

Mrs. Summers entrou com um tabuleiro com chá e sanduíches e uma expressão tão neutra que nem Constance nem Ruby a conseguiram decifrar. Obrigada, Maggie - disse Ruby acendendo uma cigarrilha com a beata da anterior. - Não soube nada? Não, minha senhora, nada. Não me aprova, pois não? Não, minha senhora. É uma pena, mas lembre-se de uma coisa, Maggie... **Tenho-a sempre** debaixo de olho, por isso porte-se bem.

De cabeça erguida, Mrs. Summers marchou para fora da sala. Bem, a Ruby tem criado algumas dificuldades - disse Constance ironicamente. - Não é maravilhoso como a riqueza pode alterar o estatuto de uma mulher? É verdade. Ser directora das Empresas Apocalipse certamente que

é melhor do que chupar uma pila qualquer por baixo da mesa em troca de uma gorjeta de cinco libras - disse Ruby soprando o fumo. *Ruby!* Pronto, está bem, eu comporto-me disse Ruby franzindo o sobrolho, mas só porque a pobrezinha lá em cima pode estar às portas

da **morte, tanto quanto** sabemos. Não consigo evitá-lo, gosto de chocar as pessoas.

Uma parte de Alexander queria desesperadamente estar lá em cima no quarto de Elizabeth, mas uma parte maior aceitava o facto de os homens não testemunharem esses assuntos de mulheres, a não ser que fossem médicos. Sir Edward prometera mantê-lo informado e fazia-o através de Jade, que corria pelas escadas acima e abaixo de meia em meia hora, com os olhos muito abertos de terror e sofrimento. Soube por isso que as convulsões tinham começado mas que eram bastante espaçadas e que Sir Edward esperava fazer nascer o bebé dentro de pouco tempo.

Seria verdade, o que Elizabeth dissera? Que começava a odiá-la? Se era ódio o que sentia, então este insinuara-se, existia por ele não conseguir suportar a ideia de que ele, Alexander Kinross, era incapaz de resolver o problema que a sua mulher representava.

«Quinze anos, saí de casa aos quinze anos, e durante estes anos conquistei tudo a que me dediquei. Em breve farei trinta e três anos e já fiz mais do que a maioria dos homens conseguem fazer até aos setenta. Tenho uma vontade de ferro, o meu poder é imenso, posso ditar condições à maior parte daqueles idiotas em Sydney porque eles depositaram as suas esperanças na política e vivem à grande sem rendimentos compatíveis. Sou o accionista maioritário da mina de ouro mais produtiva da História do mundo, tenho interesses no carvão, ferro, terras, sou proprietário de uma cidade e de um caminho-de-ferro. E, no entanto, não consigo que uma rapariga de dezassete anos veja a razão, nem conquistar o seu afecto, quanto mais o seu coração. Quando lhe ofereço jóias, ela parece nauseada. Quando lhe toco, ela gela. Quando tento conversar com ela, responde passivamente às minhas perguntas e não me dá nada em que pensar a não ser o seu desinteresse distante. As únicas amigadas que ela deseja são de mulheres... agarrou-se a Ruby como uma criança gulosa e esse é um belo embaraço.

E os seus pensamentos continuaram assim, às voltas, até Sir Edward aparecer à porta da biblioteca, pouco depois das quatro da manhã. Não trazia casaco e continuava com as mangas arregaçadas, mas não trazia nenhum avental ensanguentado e estava a sorrir.

- Parabéns, Alexander - disse, avançando de mão estendida. - É pai de uma menina saudável com três quilos e seiscentos. ,,,(; . ,,, , *

Uma menina... bem, já estivera à espera disso. - A Elizabeth? perguntou. A eclampsia estabilizou, embora só a possa declarar fora de perigo daqui a uma semana. As convulsões podem recomeçar a qualquer momento, embora a minha opinião pessoal seja a de que foi o sulfato de magnésio que resolveu a coisa - disse Sir Edward. Posso subir? Estou aqui para o acompanhar.

O quarto ainda tresandava a carbólico, não era um cheiro agradável, mas não sugeria sangue nem podridão. Elizabeth estava deitada de costas na cama, lavada e vestida com roupas limpas, o ventre novamente plano. Alexander aproximou-se cuidadosamente, sem que nada na sua vida o tivesse preparado para aquele encontro. Os olhos dela estavam abertos, a pele cinzenta devido à exaustão, os cantos dos lábios gretados e a sangrar ligeiramente. Elizabeth? - chamou, debruçando-se para a beijar na face. Alexander - respondeu ela conseguindo sorrir-lhe. - Temos uma

filhinha. Lamento que não seja um filho. Ora, eu não! - disse ele com um prazer genuíno. - O Charles esclareceu-me a respeito das raparigas. Como estás? Na verdade, sinto-me muito melhor. O Sir Edward diz que posso vir a ter mais convulsões, mas a mim não me parece.

Alexander pegou-lhe na mão e beijou-a. - Amo-te, mãezinha.

Os olhos luminosos ficaram inexpressivos. - Como lhe vamos chamar? Que nome gostarias de lhe dar? Eleanor. Vai ficar Nell quando for para a escola. Também gosto de Nell. E tu? Também. São ambos nomes bonitos, nem ridículos nem pretensiosos. Posso ver a minha filha?

Lady Wyler avançou com um embrulho muito pequeno e pô-lo nos braços de Elizabeth.

- Também ainda não a vi - disse Elizabeth remexendo nos cobertores. Oh, Alexander! É *linda*

Uma madeixa de cabelo preto, os olhos fechados para se defenderem do brilho do candeeiro a gás, pele macia e penugenta e uma boquinha aberta em O. - Sim - disse Alexander com a voz embargada - , é linda, a nossa Eleanor. Eleanor Kinross. Soa bem.

-Vai ser a menina do papá - disse Lady Wyler alegremente, pegando em Eleanor. - A primeira menina é-o sempre.

- Estou ansioso por isso - disse Alexander e saiu do quarto.

Educação, educação... Primeiro uma preceptora e depois um tutor para preparar a sua filha para a Universidade. A educação era tudo.

«Não vai ser mandada para a escola em Sydney, não confio naquele sítio. Nell - sim, gosto mais do que de Eleanor - vais ficar debaixo do meu olho, por mais que a Constance me diga que as raparigas precisam de se dar com outras raparigas para aprenderem a ser umas sedutoras descaradas e umas pretensiosas. Sim, o futuro da minha filha já está planeado: uma educação superior em Línguas e História e depois o casamento com Lee Costevan. Se a minha sorte não me tiver abandonado completamente, o próximo filho que a Elizabeth me der será um rapaz, mas tomo as minhas precauções apostando na Nell e no Lee. Os filhos deles unirão o meu sangue ao de Ruby... Uau, que herança formidável!

Sir Edward e Lady Wyler partiram oito dias após o nascimento da pequena Eleanor; Elizabeth não fora acometida por mais convulsões e estava a recuperar rapidamente. O obstetra aconselhara a abstinência conjugal por um período de seis meses, mas era de opinião que uma segunda gravidez decorreria sem problemas. A eclampsia era um problema das primeiras gravidezes.

A sua única dúvida residia na escolha de Elizabeth da ama de leite, pois ela própria não tinha leite. Ela ficara imediatamente com uma prima de Jade e de Pearl, Butterfly Wing', que perdera o seu próprio bebé mais ou menos à mesma hora que Eleanor nascera. Leite *chinês*? Não sabe o efeito que poderá ter na sua filha - disse numa voz razoável. -As raças dos homens são distintas e diferentes, por isso pode muito bem dar-se o caso de o leite materno de uma raça não ser adequado a uma criança de outra raça. Por favor, suplico-lhe, Mrs. Kinross, tente encontrar uma ama de leite branca! Disparates! - disse Elizabeth com uma expressão tão teimosa como a do mais teimoso dos Escoceses, e se estes são teimosos! - Leite é leite. Se não, como é que uma gata podia amamentar cachorros ou uma cadela amamentar gatinhos? Já li que na América as negras dão de mamar

mar a bebés brancos. A Butterfly Wing tem leite que dava para amamentar gémeos, por isso a minha Eleanor não vai passar fome. Faça como queira - resignou-se Sir Edward com um suspiro. Eles são muito estranhos - disse à mulher quando embarcavam no comboio para Lithgow. - O Alexander Kinross não ouvirá o que dizem os políticos de todas as tendências? Robertson, Parkes, até mesmo aqueles tipos grosseiros que tentam ganhar os votos da classe trabalhadora, são inflexíveis no que respeita ao perigo que os Chineses representam e defendem que a imigração de chineses para a Austrália tem de cessar. Muitos querem deportar os chineses que já cá estão. No entanto, o Kinross construiu o seu império com chineses e a mulher quer que a filha seja amamentada por uma chinesa, por amor de Deus! Se persistirem nestas atitudes, terão problemas. Não vejo porquê - disse Lady Wyler placidamente. - Se Alexander explorasse os seus chineses, isso seria uma brecha na sua armadura. Mas ele não os explora, o que não oferece a ninguém pretextos para lhe apontar seja o que for. Minha querida, alguns políticos não precisam de pretextos.

A bebé Eleanor vicejava com o leite chinês e comportava-se muito bem. Às seis semanas já dormia noites inteiras e aos três meses conseguia sentar-se. És uma coisinha muito precoce, não és, meu docinho? - ronronava Ruby beijando as bochechinhas. - O amor da tia Ruby... Oh, Elizabeth, ela traz-me recordações de quando o meu bebé de jade era pequenino! Ele era tão adorável! Os olhos dela vão ser azuis - disse Elizabeth não sentindo quaisquer ciúmes pelo facto de Eleanor gostar de Ruby. - Não vão ser azul-marinho como os meus nem azul-céu como os do meu pai. São escuros mas brilhantes. Embora me pareça que o cabelo vai ficar preto, não achas? Acho - assentiu Ruby entregando Eleanor à mãe. - A pele vai ser mais morena do que a tua, tem um tom mais parecido com a do Alexander. Com excepção dos olhos, ela é mais parecida com ele em tudo... tem o rosto comprido.

Os olhos que estavam a ser discutidos estavam fixos em Ruby com aquilo que parecia ser reconhecimento, embora não se esperasse que os bebés conseguissem reconhecer pessoas aos três meses. Era como se,

pensou Ruby, a pequenota conseguisse perceber a conversa. Ruby enfiou a mão na bolsa e tirou uma carta. Recebi esta carta do Lee - disse. - Queres que ta leia, Elizabeth? Por favor - pediu Elizabeth brincando com os dedos do bebé. Ruby pigarreou. - Não te vou maçar com o primeiro parágrafo, vou ler-te apenas excertos. O segundo parágrafo diz: «Já passei para a escola secundária e comecei a estudar Latim e Grego. O chefe da minha casa, Mr. Matthews, é um sujeito decente que não é adepto das vergastadas, embora eu suspeite que os espancamentos sejam em geral mal vistos na Proctor devido ao facto de os alunos serem todos estrangeiros que ocupam um lugar cimeiro na hierarquia social. Gostaste desta expressão? Sou melhor a Matemática do que a Inglês, o que faz com que esperem de mim um esforço maior nesta disciplina. Mr. Matthews afirma que nenhum rapaz educado por si será um idiota literário! Mandou-me frequentar um curso especial sobre os Clássicos Ingleses, de Shakespeare e Milton a Goldsmith, Richardson, Defoe e mais uma centena de autores. Os meus progressos, segundo ele, ainda não correspondem ao esperado, mas lá chegarão. Gosto mais de História, confesso, embora não aprecie as intermináveis querelas inglesas, como a Guerra das Rosas. Na maior parte não passam de cruzadas, batalhas e traições... não há ciência suficiente para meu gosto. Gosto dos Gregos e dos Romanos, que combateram sob o comando de generais muito melhores e por causas mais nobres. Guerra científica. Que idade tem ele agora? - interrompeu Elizabeth, sorrindo de vido ao orgulho que transparecia na voz de Ruby. Faz doze em Junho - respondeu Ruby com os olhos brilhantes de lágrimas. - O tempo para mim parece que não passa, mas para ele não, que é o mais importante. Queres que leia mais? Sim, por favor. Vou pôr esta carta no correio na aldeia para poder escrever com franqueza. Ninguém na Proctor sonharia censurar o correio de cada um, mas nunca tenho a certeza *absoluta* de que as cartas entregues no posto da escola não são abertas e lidas. Há aqui todo o tipo de rapazes e nem todos são estudiosos ou tipos admiráveis. Quando comecei a frequentar a escola preparatória, apercebi-me de que por vezes os filhos de marajás e príncipes cobiçam a propriedade alheia ao ponto de a roubarem e mentem pelo menos tão bem como os Ingleses. Por isso, pode muito bem acontecer que os professores abram as nossas cartas para casa e as leiam, quanto mais não seja para controlar as tendências e as tensões entre os

alunos. Aprecio muito as cartas do Alexander por me darem tão bons conselhos e serem tão sensatas. O Alexander escreve-lhe? - perguntou Elizabeth, surpreendida. Com mais frequência do que eu. Ele é o Alexander Kinross, proprietário da mina de ouro mais produtiva do mundo... irrepreensível enquanto correspondente. Não sei porquê, mas ele afeioou-se ao Lee quando conheceu o meu gatinho de jade em Hill End. Continua - incitou-a Elizabeth. A minha vida na Proctor tem sido muito fácil desde a descoberta do ouro. Posso olhar qualquer um dos outros sujeitos nos olhos sem problemas pois, tal como eles, posso mandar fazer os uniformes na Savile Row e pagar a minha parte de um camarote nas peças ou óperas em Londres às quais os professores nos acompanham. Mamã, gostaria tanto de ter uma fotografia tua agora que podes usar muitas jóias e pareces uma autêntica princesa russa! E uma fotografia do papá, por favor! Espero bem que lhas mandes - disse Elizabeth. Sim, vou mandar. O Sung está bastante excitado com a ideia de posar para o próximo fotógrafo itinerante que por aí passar, com as suas vestes mais majestosas. Quero ouvir mais do Lee, Ruby. Que bem que ele escreve! A minha Matemática é tão boa que já estou a ter lições com os sujeitos que se estão a preparar para ir para Cambridge. Mr. Matthews diz que tenho uma compreensão newtoniana da matemática, mas suspeito que ele me está a tentar encaminhar para uma carreira académica. Não sinto qualquer inclinação nesse sentido. A Engenharia é muito mais excitante. Quero construir coisas com aço.

Os meus melhores amigos continuam a ser o Ali e o Husain, que são os filhos do Xá Nasru'd-Din da Pérsia. A vida lá é bastante agitada, parece que há sempre alguém a tentar assassinar o Xá, mas não julgo provável que ele morra dessa forma: está demasiado protegido. Para não mencionar o facto de os aspirantes a assassinos serem executados em público... um método de dissuasão, segundo me disseram Ali e Husain.

Ruby pousou a carta. - E é tudo o que poderia ser de interesse para ti, Elizabeth. O resto são coisas de mãe e, se as ler, choro. - Empertigou-se e ergueu um braço à altura da cabeça. - Achas que me conseguia fazer passar por uma princesa da Rússia? Com um vestido novo da Sauvage, evidentemente. E os meus diamantes e rubis.

182 COLLEEN MCCULLOUGH E u empresto-te aquela tiara ridícula que o Alexander acabou de me

oferecer - disse Elizabeth. - Meu Deus, Ruby, uma *tiara*! Onde alguma vez poderei usar tal coisa? Quando um qualquer príncipe real vier visitar as colónias respondeu Ruby despreocupadamente. É inevitável o Alexander ser convidado a lamber o traseiro real. *Onde* é que vais buscar essas metáforas? À sarjeta, minha querida Elizabeth, onde cresci.

Os deveres conubiais recomeçaram para Elizabeth seis meses após o nascimento de Eleanor, sem que da sua parte houvesse qualquer fingimento de que isso lhe agradava. O que a deixava confusa era o facto de Alexander, sabendo muito bem que as suas atenções lhe desagradavam, conseguir cumprir o seu dever. E ele fazia-o sempre, por mais destituído de prazer e de amor que fosse o exercício. Sabendo instintivamente que Alexander ficaria furioso e irado se descobrisse que ela discutira o assunto com a sua amante, levou Elizabeth a perguntar-lhe, a *ele*, como é que tal era possível.

- Dizes que eu sou fria, que não tens prazer no Acto por eu não ter qualquer prazer. No entanto, vens à minha cama e produzes a... a tua semente. Como é que consegues, Alexander?

Ele riu-se e encolheu os ombros. - Os homens são assim, minha querida. Perante um corpo feminino nu, os homens reagem. E se o corpo feminino for repulsivamente feio? Não faço ideia de qual a resposta para essa pergunta, Elizabeth. Até agora nenhum dos corpos femininos que encontrei eram feios ou repulsivos. Uma pessoa só pode falar daquilo que conhece - disse Alexander. Nunca consigo ganhar-te numa discussão! Então para que é que tentas? Por tu seres tão *complacente*? Na verdade, não sou. Essa é apenas a forma como tu me vês devido ao estado de coisas entre nós. Atiraste uma luva e eu apanhei-a, Elizabeth. Não fui eu quem quis a guerra. Tudo o que eu queria era uma esposa amorosa. Não te tratei mal de qualquer forma, nem tratarei. Mas terei filhos. Quanto é que o meu pai recebeu pela minha venda? Cinco mil libras, mais aquilo com que ficou das mil que mandei para a tua viagem.

- Novecentas e vinte libras.

Ele inclinou-se para a beijar na testa. - Pobre Elizabeth! Entre o teu pai, o velho Murray e eu, não tiveste muita sorte com os homens. - Sentou-se na cama e cruzou as pernas como um paxá. - Quem terias escolhido para marido, se tivesses podido escolher? Ninguém - resmungou ela. - Absolutamente ninguém. Preferia ser a Theodora a ser a Ruby. Sim, isso faz sentido. A virgem perene. - Estendeu uma mão. -

Vá lá, Elizabeth, admitamos que aquilo que fazemos na cama não agrada a nenhum dos dois e tentemos dar-nos bem quando não estamos na cama. Não te proibi de te dares com a Ruby nem com ninguém. Apesar de não me ter passado despercebido que desde que os presbiterianos abriram a igreja e têm o seu pastor tu não foste a um único culto. Porquê? O teu ateísmo, como a Mrs. Summers lhe chama, contagiou-me - disse ela continuando a ignorar a mão. - Para ser totalmente honesta, não quero ir mais à igreja. Para quê? Vais educar a Eleanor na fé presbiteriana? Ou noutra coisa qualquer? Não, evidentemente que não. Se ela tiver inclinações espirituais encontrará o seu próprio caminho para Deus. Se sair a mim, nunca o encontrará. Mas submetê-la aos preconceitos, hipocrisias e sectarismo de qualquer religião específica, isso não farei. Reparei que desde o nascimento da tua filha começaste a ler os jornais de Sydney, portanto já

deves ter lido o suficiente para te teres apercebido como esta colónia é flagelada pela dissensão religiosa... tal como acontece em toda a Austrália. Bem, eu posso ser ateu, mas ao menos estou acima de tudo isso. E o mesmo acontecerá com Eleanor. Farei com que estude Filosofia, e não Teologia. Com esse tipo de bases, ficará equipada para escolher por si própria. Concordo - disse Elizabeth. Concordas? Sim, concordo. Já sou suficientemente crescida para perceber que o conhecimento produz mais liberdade do que a estreiteza de vistas. Prefiro que a minha filha seja livre dos princípios que me limitam. Quero que ela seja alguma coisa. Que saiba discutir contigo Geologia e Mecânica, Literatura com poetas e ensaístas, História com verdadeiros historiadores e Geografia com aqueles que tenham viajado.

Ele desatou a rir e abraçou-a. - Elizabeth, Elizabeth! Nunca pensei viver o suficiente para te ouvir dizer uma coisa dessas!

Mas o abraço quebrou o encanto; Elizabeth afastou-se, virou-se de lado e fingiu que dormia.

O desenvolvimento de Eleanor sugeria que as esperanças dos pais tinham uma base real, pois continuou a ser precoce para a idade. Aos nove meses começou a falar com coerência, o que encantava o pai que, a partir daí, passou a fazer curtas visitas durante o dia ao seu quarto quando ela estava acordada e bem-disposta. A menina adorava-o - isso era evidente pela forma como estendia os braços assim que ele entrava no quarto e o abraçava quando ele lhe pegava ao colo e tagarelava de forma algo ininteligível. Os olhos eram a sua feição mais marcante, afastados um do outro, grandes e do azul-escuro das centáureas. Os olhos fixavam-no intensa e atentamente, com a beleza infantil desabrochando completamente com a chegada do papá. «Em breve, pensava ele, «terá de ter um gatinho ou um cachorro; não permitirei que um filho meu cresça sem um animal de estimação como aconteceu comigo. Ela terá de aprender que a morte faz parte da vida através do falecimento de animais amados.. . é muito melhor dessa forma do que através do falecimento de um dos pais.

Para grande desalento de Jade, Butterfly Wing passara de ama de leite a ama: Eleanor tinha com ela uma relação apaixonada e não queria separar-se dela. Na verdade, sob vários aspectos, parecia amar mais Butterfly Wing e o pai do que amava a mãe, que estava novamente grávida e não muito bem de saúde. Assim, era Butterfly Wing quem levava a criança para o jardim, que a despia para um banho de sol de dez minutos, que guiava os seus primeiros passos vacilantes, lhe dava de comer, dava banho, que lhe administrava as ervas medicinais para os dentes que rompiam e para as cólicas. Alexander aprovava, deliciado por a filha ir ser bilingue; Butterfly Wing falava com ela em Chinês e ele falava com ela em Inglês. A mamã está doente - disse ela a Alexander aos doze meses com o sobrolho franzido. Quem é que te disse isso, Nell?

- Ninguém, papá. Fui eu que vi.

-Viste? Como? A pele dela está muito amarela - disse a criança com o à-vontade

de uma menina de dez anos. - E vomita muito. Bem... tens razão, a mamã está doente. Mas não é nada que não

vá passar. Está à espera de um irmãozinho ou irmãzinha para ti.

1

- Oh, eu sei *disso* - disse Nell com desdém. - A Butterfly Wing contou-me quando andávamos a apanhar cravos.

Tanta precocidade deixava Alexander desorientado, em especial porque se apercebera de que a filha parecia mais interessada em doenças do que em brinquedos; sabia quando a Maggie Summers tinha dores de cabeça ou quando Jade tinha dores no braço devido a uma fractura antiga. Mais perturbadora ainda tinha sido o facto de ter reparado que Pearl sofria de depressões regulares, apesar de Nell nada saber do período menstrual. Há quanto tempo, pensou Alexander, estará esta criaturinha a observar-nos com o mecanismo pensante que se esconde por trás dos seus lindos olhos? O que é que ela *verá*?

Era por demais evidente que Elizabeth sofria; quando os enjoos matinais se prolongaram até ao sexto mês, Alexander mandou chamar Sir Edward Wyler.

Que disse: - Por enquanto não está com eclampsia, mas parece-me melhor vir novamente vê-la daqui a um mês. Sente a criança mexer-se, o que é um bom sinal no que respeita ao bebé, mas a constituição dela não é forte. Não gosto da sua cor, embora por enquanto os pés e as pernas não sofram de edema. Pode muito bem acontecer apenas que a Mrs. Kinross não suporte bem as gravidezes. Na verdade, não dissipou os meus receios, Sir Edward - disse Alexander. - Pensei que ela não sofreria de eclampsia uma segunda vez. É muito raro, mas neste momento não lhe posso dizer mais nada. Até que - caso isso venha a acontecer - ela comece a inchar, prefiro que ande de um lado para o outro e que faça algum exercício. Faça com que tudo corra bem, Sir Edward, e receberá mais um ícone.

Quando o inchaço apareceu na vigésima quinta semana, Elizabeth retirou-se voluntariamente para a cama. Desta vez, seriam quinze semanas na cama.

«Oh, nunca mais me verei livre desta cama? Nunca poderei fazer as coisas que quero, desde tocar piano a aprender a montar a cavalo, conduzir uma charrete? A minha filha está a ser criada por outras pessoas, quase nem sabe que eu sou sua mãe. Quando vem ver-me é para perguntar como me sinto, exige ver-me os pés e interroga-me sobre a quantidade de vezes que vomitei ou se tenho dores de cabeça. Não sei de onde lhe vem esta obsessão com as doenças, mas sinto-me demasiado mal

para tentar investigar o que lhe vai na mente. Uma coisinha tão doce... tão parecida comigo, insiste a Ruby. Mas eu acho que ela tem a boca como a do Alexander: direita, firme e absolutamente determinada. E também herdou a sua inteligência e curiosidade. Queria que lhe chamassem Eleanor, mas não sei porquê ela decidiu que queria ser Nell. Suponho que os chineses devem achar esse nome muito mais fácil de pronunciar, mas suspeito que deve ter sido o Alexander quem começou a chamar-lhe assim.

Tal como acontecera durante a primeira gravidez, foi Ruby quem a confortou, quem passou longas horas junto da sua cama a jogar póquer, a ler em voz alta, a conversar. Quando não podia vir, era Theodora Jenkins quem tomava o seu lugar: uma companhia menos estimulante mas, desde que fizera a viagem a Londres e ao Continente, Theodora já conseguia conversar sobre outras coisas sem ser as flores do seu jardim ou as pragas que afectavam as hortas.

Toda a gente se preocupava constantemente com Elizabeth, à excepção de Mrs. Summers que, enigmática como sempre, resistia até às gracinhas mais encantadoras de Nell. Elizabeth tinha tido a esperança de que Mrs. Summers visse em Nell a filha que não tivera, mas o seu comportamento desmentia tais esperanças; Maggie Summers recuava, não avançava. Melhores eram as quatro chinesas de quem Elizabeth dependia para tudo: nunca a desiludiam. Miss Lizzy, tem de fazer um esforço para comer disse Jade estendendo-lhe um triângulo tentador de tosta com camarão. Hoje não consigo - disse Elizabeth. Mas tem de comer, Miss Lizzy! Está a ficar muito magra e isso não é bom para o bebé. O Chang faz-lhe qualquer coisa que lhe apeteça. .. só tem de pedir. Creme de leite e ovos no forno - disse Elizabeth que também não tinha vontade de comer aquilo mas que sabia que tinha de pedir qualquer coisa saborosa. Ao menos o creme escorregaria facilmente e talvez conseguisse mantê-lo no estômago. Ovos, leite, açúcar. Alimentos bons para uma inválida acamada. Coberto com noz-moscada? Tanto me faz. Vai-te embora e deixa-me em paz, Jade. Receio muito - disse Alexander a Ruby - que a Nell fique **sem** a mãe. - O rosto contorceu-se e ficou com os olhos cheios de lágrimas; encostou a cabeça ao peito de Ruby e chorou. :><:< \$

- Pronto, pronto, pronto - ronronou ela embalando-o até ele se acalmar. - Vais sobreviver a isto, bem como a Elizabeth. O que *eu* receio fortemente é que ela esteja condenada a ficar às portas da morte sempre que engravidar.

Ele afastou-se, sentindo-se mortificado por ter exibido uma tão grande vulnerabilidade; limpou os olhos com uma mão. -Ai, Ruby, o que hei-de *fazer*?Quais foram as últimas pérolas de sensatez de Sir Edward?Se ela conseguir sobreviver a este parto não deve voltar a tentar conceber.Acabei de te dizer a mesma coisa, não foi? Duvido que essa notícia lhe despedace o coração.Não precisas de ser cabra!Tens de engolir isto, Alexander. Desiste desta batalha, pois nunca a conseguirás vencer.

- Eu sei - disse ele rigidamente. Pôs o chapéu e saiu.

Deixando Ruby a andar para trás e para a frente no quarto, já sem quaisquer certezas que não fossem o amor indestrutível que sentia por ele. O que quer que fosse que ele quisesse ou precisasse dela, sempre que o quisesse ou precisasse, ela estaria ali para lho dar. No entanto, a sua afeição por Elizabeth não parava de crescer e isso era um mistério. Seria natural que sentisse desprezo pelas incapacidades da rapariga, pelas suas fraquezas, pela sua natureza triste e passiva. Talvez a resposta estivesse na sua extrema juventude: com pouco mais de dezoito anos e já grávida outra vez, enfrentando novamente a morte. Sem nunca ter *vivido* verdadeiramente.

«Suponho que estou a sentir aquilo que a mãe dela teria sentido. Que anedota! A mãe dela que dorme com o marido. Oh, como gostaria de ver a Elizabeth feliz! Vê-la encontrar um homem que pudesse amar. Deve haver um homem no mundo, algures, que ela pudesse amar. É tudo o que ela quer, tudo o que precisa. Não é a riqueza e um grande estilo de vida. Apenas um homem que pudesse amar. De uma coisa estou certa: ela nunca amará o Alexander. E como isso é terrível para ele! Que ferida no seu orgulho férreo escocês, o sabor da derrota numa boca nada habituada a isso. Como é que estas coisas acontecem? Andamos às voltas, o Alexander, a Elizabeth e eu.

Quando foi visitar Elizabeth, na manhã seguinte, namorava a ideia de lhe falar sobre a deterioração da situação entre ela e Alexander que,

Ruby tinha a certeza, era como que a pedra basilar da doença de Elizabeth. Oh, não que a doença fosse imaginária! Mas Ruby lidara com mulheres de todos os tipos durante mais anos do que aqueles que gostava de recordar. Depois, quando entrou no quarto de Elizabeth, mudou de ideias. Para falar daquele assunto, teria de se distanciar e ela não o desejava fazer. Talvez fosse de maior utilidade persuadir Elizabeth a comer o almoço. Como está a Nell? - perguntou sentando-se na cama. Não faço ideia. Quase não a vejo - respondeu Elizabeth chorosa. Oh, vamos lá, meu docinho, vê as coisas pelo lado positivo! Já só faltam seis ou sete semanas! Assim que isto passar, vais ficar como nova.

Elizabeth conseguiu sorrir. - Estou uma miséria, não estou? Desculpa, Ruby. Tens razão, vou ficar como nova. Se sobreviver. - Estendeu uma mão tão magra que mais parecia uma garra. - Isso é o que me aterroriza... não sobreviver. Não quero morrer; no entanto, tenho a sensação terrível de que o fim se aproxima. Os fins estão sempre a aproximar-se - disse Ruby pegando-lhe na mão e massajando-a suavemente. - Não estavas presente quando o Alexander nos mostrou - ao Charles, ao Sung e a mim - o filão de ouro que

encontrara no interior da montanha. Charles disse que era uma descoberta apocalíptica... sabes como é o Charles, é o tipo de palavra que ele usa. Se não tivesse escolhido a palavra teria dito cataclísmica, ou aparvalhante. Mas o Alexander agarrou-se à palavra, disse que apocalipse era um termo grego para um acontecimento colossal tipo fim do mundo. No entanto, quando escrevi ao Lee a contar, ele respondeu que na verdade o termo significava uma revelação final... e nessa altura não estudava Grego, não é espantoso? Seja como for, Alexander pensou que a descoberta da mina de ouro era um acontecimento colossal e foi assim que Apocalipse ficou com esse nome. Mas não foi um fim, pois não? Foi mais um começo. A Apocalipse transformou todas as vidas que tocou. Sem ela, ele não te teria mandado chamar, eu continuaria proprietária de um bordel, o Sung continuaria a ser um vulgar chinoca pagão com a mania das grandezas, Charles seria um simples rendeiro e Kinross seria uma cidade-fantasma com o ouro de aluvião esgotado. Apocalipse é o que os católicos chamam ao Livro da Revelação - disse Elizabeth -, portanto a definição do Lee é a que está correcta. E uma revelação final, a mina de ouro do Alexander. Mostrou-nos aquilo que

somos verdadeiramente.

Ótimo, ótimo!, pensou Ruby. «Está mais animada do que a tenho visto nas últimas semanas. Talvez esta fosse uma forma subtil de conseguir escavar a pedra basilar. - Não sabia que tinha esse sentido bíblico -disse com um sorriso. - No que respeita à religião sou uma ignorante, por isso é melhor explicares.

- Oh, eu conheço bem a Bíblia! Do Génesis à Revelação, como eu a conheço! No que me diz respeito, nunca nada foi mais bem baptizado do que a montanha de ouro do Alexander. Revelação após revelação de começos e fins. - A voz de Elizabeth assumiu um tom misterioso e os seus olhos brilhavam, febris. - Na Revelação há quatro cavaleiros: a Morte num cavalo branco e três outros. Os outros três são o Alexander, tu e eu. Porque é isso o que nós estamos a fazer: atravessamos o Apocalipse. Será o meu fim, o teu fim e o do Alexander. Nenhum de nós é suficientemente jovem para lhe sobreviver. Só podemos atravessá-lo. E talvez,

quando acabarmos, a Apocalipse nos engula e mantenha prisioneiros.

E como é que hei-de reagir a esta... esta profecia?

Ruby reagiu com um pequeno resmungo e uma palmadinha na mão de Elizabeth. - Que disparate! Estás, como diria o Alexander, tresloucada. - Foi salva por um ruído junto à porta; Ruby virou-se e sorriu. Almoço, Elizabeth! Aviso-te que estou esfomeada e tu pareces o cavaleiro da Fome, por isso come.

- Oh, estou a ver! Sua dissimulada, Ruby. Tu conheces os quatro cavaleiros do Apocalipse.

Ruby não sabia o que levava Elizabeth a falar em tons proféticos, mas talvez a pedra basilar se tivesse deslocado um pouco, pois Elizabeth comeu bem ao almoço, conseguiu conservar a comida no estômago e depois conseguiu deitar-se na cama ao lado de Nell e conversar com ela durante meia hora. A criança não levantou objecções ao facto de estar deitada nem exibiu sinais de impaciência; ficou deitada a olhar para o rosto da mãe com aquilo que seria, na opinião de Ruby e caso a criança fosse muito mais velha, uma infinita compaixão. «Talvez alguns dos escoceses sejam tresloucados, pensou. Elizabeth e a filha têm qualquer coisa do outro mundo e como poderá um engenheiro pragmático como Alexander lidar com isso?

Sir Edward Wyler regressou para consultar Elizabeth no Dia das Mentiras, com um ar algo embaraçado. Lady Wyler vinha com ele.

190 COLLEEN McCULLOUGH Eu... ah... tinha uns dias livres na agenda - mentiu - e sabia que

hoje havia um comboio para Kinross, pelo que decidi aparecer para ver como estava, Mrs. Kinross. Elizabeth - corrigiu ela sorrindo-lhe

afetuosamente. - Trate-me

sempre assim e não apenas quando estou muito mal. Lady Wyler, como é bom vê-la. Por favor, diga-me que os dias livres na sua agenda são os suficientes para ficar por cá algum tempo. Bem, para ser honesto, a Lady Wyler sofreu muito com o calor do

Verão em Sydney, este ano. Na verdade, passou muito mal. Por isso, se não se importar, Elizabeth, ela gostaria de aqui ficar uns dias. Infelizmente eu não o posso fazer, pelo que verei como estão as coisas e regresso no comboio de hoje.

Tendo declarado que ela estava razoavelmente bem, ainda que demasiado magra, e depois de lhe ter tirado meio litro de sangue, Sir Edward partiu. Agora que ele se foi embora - disse Lady Wyler num murmúrio

conspirativo -, pode chamar-me Margaret. Edward é um homem muito querido, mas desde que foi feito cavaleiro que se dá ares e insiste em tratar-me por Lady Wyler. É por causa de gostar de sentir o título na língua, creio. Ele era um rapaz pobre, sabe, mas os pais lutaram muito para

o pôr na Faculdade de Medicina... o pai tinha três empregos e a mãe lavava e passava para fora. Ele foi para a Universidade de Sydney? - perguntou Elizabeth. Santo Deus, não! Não há lá Faculdade de Medicina.

Na verdade, quando ele tinha dezoito anos, nem existia uma Universidade de Sydney. Por isso teve de ir para o Hospital de St. Bartholomew, em Londres... É o segundo hospital mais antigo do mundo, foi fundado em mil cento e qual quer coisa, parece-me. Ou talvez essa seja a data da fundação do hospital mais antigo do mundo, o Hotel Dieu, em Paris. Seja como for, o Bart é muito antigo. A obstetrícia e a ginecologia eram especialidades muito recentes e a febre puerperal atacava quando uma mulher era hospitalizada para o parto. A maioria das pacientes do Edward tinha os bebés em casa e ele costumava correr de beco em beco de mala preta na mão... Foi terrível, mas uma experiência muito útil. Quando regressou ao seu país - ele

nasceu em Sydney, em 1817, - ao princípio teve dificuldades. Somos ambos judeus, compreende, e as pessoas tendem a desprezar os judeus. Como desprezam os chinocas pagãos - disse Elizabeth baixinho. Exactly. Não cristãos. , , , , , ..- .. , . .

O TOQUE DE MIDAS 191 Mas ele teve sucesso. Oh, sim. Ele era bom, Elizabeth! Muito acima dos... dos *veterinários*

que se intitulavam parteiros. Assim que salvou a vida de uma mulher e do filho de gente importante da sociedade, os seus problemas terminaram. As pessoas corriam para o consultar, sem se importarem que fosse judeu. Era útil - disse Margaret secamente. E você, Margaret? Nasceu em Sydney? Não tem o sotaque local. Não, eu era parteira no Bart e conheci-o lá. Casámo-nos e eu vim

com ele. - O seu rosto iluminou-se. - Ele é um estudioso, Elizabeth! Cada avanço da Medicina é absorvido e torna-se parte integrante do seu arsenal obstétrico. Por exemplo, leu muito recentemente que uma mulher sobrevivera, em Itália, a uma cesariana no ano passado. Em Setembro, partimos para Itália para falar com o cirurgião - outro Edward, embora, como é evidente, o Dr. Porro diga Eduardo. Se o meu Edward conseguisse salvar mulheres e bebês através de cesarianas, seria o homem mais feliz do mundo. O que aconteceu aos pais dele? Viveram o suficiente para gozar os frutos do sucesso do Edward.

Deus foi muito bom. Que idade têm os seus filhos? - perguntou Elizabeth. A Ruth tem quase trinta e é casada com outro médico judeu e o Simon está em Londres, no Bart. Virá trabalhar no consultório do pai quando terminar o curso. Fico muito contente por a ter aqui, Margaret. Também eu. Se me conseguir aturar, gostaria de ficar até depois do parto e regressar com o Edward.

Um sorriso formou-se nos lábios de Elizabeth. - Acho que tanto eu como o Alexander a conseguiremos aturar perfeitamente, Margaret.

Dois dias depois, o estado de Elizabeth deteriorou-se subitamente: a eclampsia regressou juntamente com os sinais de um parto prematuro. Alexander enviou um telegrama urgente para Sir Edward em Sydney, sabendo no entanto que seria impossível ao obstetra chegar antes de passadas vinte e quatro horas. Salvar Elizabeth e o bebé dependia de Lady Wyler que escolheu Ruby para sua ajudante principal. O mesmo impulso que levava Sir Edward a vir a Kinross também o fizera trazer tudo aquilo de que a sua mulher poderia necessitar para o caso de ele não estar presente. Margaret Wyler substituiu-o, portanto, na administração das injeções.

de sulfato de magnésio e na gestão das convulsões, enquanto Ruby tratava do processo do nascimento, rosnando perguntas à parteira oficial e obedecendo às respostas também rosnadas.

Desta vez ocorreram muitas convulsões e com intervalos menores entre si; Elizabeth ainda estava com ataques quando o bebê nasceu: uma criatura muito pequena e magra, tão azulada e congestionada que Margaret Wyler se viu forçada a deixar Elizabeth entregue aos cuidados de Jade para ajudar Ruby a tentar reanimar aquela segunda menina. Trabalharam durante cinco minutos, dando pancadinhas e massajando o peiti-nho frágil até o bebê respirar, mexer-se e começar a chorar com frágeis vagidos. Depois voltou para junto de Elizabeth, deixando Ruby a fazer o que pudesse pela criança. Duas horas mais tarde, as convulsões terminaram, ainda que temporariamente; Elizabeth continuava viva e não entrara num coma terminal.

As duas mulheres fizeram uma pausa para engolir uma chávena de chá que Silken Flower lhes trouxera com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto. Ela vai sobreviver? - perguntou Ruby, tão exausta que se deixou cair sobre uma cadeira e enfiou a cabeça entre os joelhos. Penso que sim. - Margaret Wyler olhou para as mãos. Não consigo parar de tremer - disse com espanto na voz. - Oh, que coisa terrível! Nunca mais quero passar por uma coisa assim. - Virou-se para sorrir a Jade, que estava ao lado de Elizabeth. - Jade, foste maravilhosa. Não teria conseguido sem ti.

A chinesinha resplandeceu com os dedos pousados no pulso de Elizabeth para sentir a pulsação. - Eu morreria por ela - disse.

Tem tempo para dar uma vista de olhos ao bebê? - perguntou Ruby levantando-se. Sim, acho que sim. Jade, se o estado dela se alterar nem que seja

um milésimo, grita. - Lady Wyler dirigiu-se ao berço, onde o pedacinho enrugado de gente jazia, lamuriento, tendo a pele passado do tom azul-escuro para cor de malva rosada. - Uma menina - disse afastando o lençol com que Ruby a cobrira. - Com cerca de oito meses, talvez um pouco mais. Temos de a manter quente, mas não quero a Elizabeth mais quente. Pearl! - disse em voz alta. Sim, minha senhora? Acende imediatamente a lareira no quarto das crianças e põe uma botija de água quente na caminha. Depois aquece um tijolo e envolve-o em panos, para ela não se queimar. E despacha-te!

Pearl voou.

- Jade - disse Margaret Wyler, acercando-se novamente da cama -, assim que a Pearl disser que a cama do bebé está pronta quero que a leves para o quarto das crianças e a metas na cama. Mantém-na quente, mas certifica-te de que a cama não está demasiado quente. Ela agora fica à tua responsabilidade, não posso deixar a Elizabeth e a Miss Costevan também não. Cuida dela o melhor que puderes e se ela voltar a ficar azul chama-nos. A Nell vai ter de dormir no quarto da Butterfly Wing, por isso diz à Pearl que mude a cama dela assim que levores o bebé para o quarto das crianças.

Tudo foi feito num piscar de olhos; Jade trocou de lugar com Lady Wyler e foi para junto do berço, Ruby pegou no bebé e entregou-o a Jade. Que olhou para o rostinho agonizante com um espanto profundo. - O meu bebé! - ronronou embalando delicadamente a criança. - Este é o meu bebé.

E lá foi ela, deixando Lady Wyler e Ruby de serviço, uma de cada lado da cama estreita para onde tinham transferido Elizabeth assim que o trabalho de parto se iniciara. Parece-me que ela está a dormir - disse Ruby olhando o corpo inanimado e depois o rosto cansado da parteira. Também a mim. Mas mantenha-se a postos, Ruby. Não haverá mais filhos para Elizabeth. - Ruby disse-o em tom afirmativo. É verdade. Margaret, a senhora é uma mulher do mundo, não é verdade? - perguntou Ruby tentando fazer com que a pergunta soasse inofensiva. - Quero dizer, já vi muita coisa, é inevitável. Oh, sim, Ruby. Às vezes até acho que vi demais. Eu sei que vi.

Tendo iniciado a conversa, Ruby ficou em silêncio, sentada a morder o lábio. Posso assegurar-lhe que nada me chocará, Ruby - disse Lady Wyler suavemente. Não, não é sobre mim - disse Ruby pensando que só aquilo que lhe dizia respeito a ela poderia ser motivo para choque. - É sobre a Elizabeth. Então... diga-me.

.... Humm... sexo disse Ruby de supetão.

>;

194 I COLLEEN McCULLOUGH Está a perguntar-me se agora o sexo será proibido à Elizabeth? Sim... e não - disse Ruby -, mas é um bom ponto de partida. Sabemos que a Elizabeth não poderá de forma alguma correr o risco de ter mais filhos. Isso significa que terá também de evitar o acto sexual?

Margaret Wyler franziu o sobrolho, fechou os olhos e suspirou. - Quem me dera ter resposta para isso, Ruby, mas não tenho. Se ela pudesse ter a certeza de que o acto sexual não resultaria na concepção, então, sim, poderia levar uma vida de casada normal. Mas...

Oh, eu conheço todos os mas! - disse Ruby. - Dirigi um bordel e quem melhor para saber todos os truques conhecidos para evitar as gravidezes do que a dona de um bordel? Lavagens, os dias certos do ciclo, o homem retirar-se antes de ejacular. Mas o problema é que por vezes nenhum desses truques funciona. Nesse caso, toma-se uma dose de ergotina às seis semanas e reza-se para que funcione. Então já conhece a resposta para a pergunta, não é? A única forma absolutamente segura é não ter relações sexuais. Merda - disse Ruby e depois endireitou os ombros. - O marido dela está lá em baixo à espera. O que é que quer que eu lhe diga? Deixe-o esperar mais uma hora disse Lady Wyler. Nessa altura, se o estado de Elizabeth não sofrer alterações, poderá dizer-lhe que ela vai ficar bem.

Por isso passou-se mais uma hora antes de Ruby entrar na sala forrada com o padrão de xadrez baço do clã dos Murray, batendo suavemente à porta.

Ele estava sentado no lugar do costume, junto à janela grande que dava para Kinross e para as montanhas distantes. A noite ainda não caíra; apesar da gravidade da crise de Elizabeth, o tempo afunilara-se durante as últimas nove horas, transformando-se numa eternidade. O livro caíra--lhe no colo e o seu rosto estava tingido com as últimas cores do Sol que se punha enquanto ele olhava, sem ver, para o céu conturbado. A pancada na porta sobressaltara-o; virou-se e pôs-se de pé desajeitadamente.

- Ela sobreviveu - disse Ruby suavemente, pegando-lhe na mão. - Ainda não está livre de perigo, mas eu e a Margaret achamos que vai ficar bem. És pai de mais uma menina, meu querido.

Ele foi-se abaixo e deixou-se cair na cadeira. Ruby sentou-se na cadeira em frente e conseguiu sorrir. Parecia mais velho, mais grisalho,

como se, apesar de todas as suas forças, tivesse confrontado um inimigo mais forte e tivesse perdido a batalha. Se estiver ao teu alcance, Alexander, estou desesperadamente necessitada de uma cigarrilha e de um *bom* copo de conhaque - disse ela. -

Não posso fechar a porta porque posso ser novamente precisa, mas posso beber e fumar com uma orelha à escuta. Claro, meu amor. Tu és o meu amor, sabias? - disse, oferecendo-

-lhe uma cigarrilha e acendendo-a. - Não poderá ter mais filhos continuou ele a dizer enquanto se dirigia ao aparador e servia dois balões de

conhaque -, isso é evidente. Ai, pobre pequena Elizabeth! Talvez ela agora tenha alguma paz. Talvez comece a gozar a vida. Sem o Alexander na cama dela, hem? Essa é a opinião consensual - disse Ruby pegando no copo. Deu

um grande golo e respirou fundo. - Meu Deus, como é bom! Nunca mais quero passar por isto. A tua mulher sofreu terrivelmente, no entanto, não sentiu as dores. Não é extraordinário? Foi isso que me fez aguentar. Quando somos nós a ter o bebé, não vemos o que acontece. Apesar de o parto do Lee ter sido fácil. Ele deve ter... o quê? Doze, treze? Estás a mudar de assunto, Alexander? Faz treze anos a seis de Junho. Um bebé de Inverno. É mais fácil estar grávida no Outono, apesar de, Deus sabe, Hill End ser muito quente. Ele vai ser o meu principal herdeiro - disse Alexander dando golinhos no conhaque. Alexander! - Ruby endireitou-se com os olhos muito abertos. -

Mas tu agora tens *duas* herdeiras! Raparigas. Que, como diz o Charles, são bem capazes de trazer para

a família homens muito melhores do os meus próprios filhos poderiam ter sido, homens que até possam estar dispostos a mudar o nome para Kinross. Mas acho que sempre soube que o Lee acabaria por ser para mim muito mais do que simplesmente o filho da minha muito amada amante. E qual será o cavalo que *ele* montará? - perguntou Ruby amargamente. Desculpa? Não interessa. - Ruby enfiou o nariz no copo. - Eu amo-te, Alexander, amar-te-ei sempre. No entanto, não deveríamos estar a dizer estas

coisas com a tua mulher às portas da morte. Não está... certo

196 COLLEEN MCCULLOUGH
Discordo. Tal como, segundo penso, discordaria a Elizabeth. Já todos

admitimos que o meu casamento foi um erro, mas fui eu quem o provocou. A culpa é minha e de mais ninguém. O meu orgulho tinha sido mortalmente ferido. Queria mostrar a dois velhos terríveis que Alexander Kinross era o rei do mundo. - Sorriu e pareceu subitamente estar em paz. - E, apesar de toda a infelicidade que o meu casamento causou, não consigo deixar de pensar que salvei a Elizabeth de infelicidades muito maiores na Kinross escocesa. Ela não o compreende, mas é verdade. Agora que estou definitivamente fora da cama dela, vai ficar melhor. Trata-la-ei com toda a honra e respeito, mas o meu coração pertence-te. Quem perguntou ela aproveitando a oportunidade - é Honoria Brown?

Ele ficou inexpressivo e depois riu-se. -A primeira mulher da minha vida. Tinha quarenta hectares de boas terras agrícolas no Indiana e deu-me abrigo por uma noite. O marido tinha sido morto na Guerra Civil Americana. Ofereceu-se não só a ela própria como a tudo o que possuía se eu ficasse, casasse com ela e cultivasse as suas terras. Eu aceitei aquilo que quis - o corpo dela - mas recusei o resto. - Suspirou e fechou os olhos. - Eu não mudei, Ruby. Duvido que possa mudar. O que lhe disse foi que não era o meu destino ser agricultor no Indiana. E parti na manhã seguinte com os meus vinte e cinco quilos de ouro.

Os olhos verdes estavam brilhantes de lágrimas. -Alexander, Alexander, a dor que provocas a ti próprio! - gritou. - Oh, e a dor que provocas às tuas mulheres! Que foi que lhe aconteceu? Não faço ideia. - Pousou o balão vazio. - Posso ver a minha mulher e a minha filha? Claro - disse Ruby pondo-se de pé com dificuldade. - Devo avisar-te de que nenhuma delas dará pela tua presença. O bebé nasceu da mesma cor com que Elizabeth fica quando tem convulsões: azul-escuro. Foram precisos cinco minutos para que eu e a Margaret Wyler conseguíssemos fazê-la respirar. Ela nasceu com um mês a menos e é muito pequena e frágil.

-Vai morrer? Não me parece, mas não é nenhuma Nell. E não haverá mais dever conjugal para a Elizabeth? Lady Wyler diz que não. O risco é demasiado grande. Oh, sim, demasiado grande mesmo. Tenho de me **contentar com** duas filhas - disse Alexander.

O TOQUE DE MIDAS 197A Nell é muito dotada, tu sabe-lo. Claro que sei. Mas a mente dela está orientada para os seres vivos.

Ruby subiu lentamente a escada. - Aos quinze meses, Alexander, é espantoso que ela tenha inclinação para o que quer que seja. O Lee, no entanto, também era um bocado assim, agora que penso nisso. Atrevo-me a dizer que o que isso significa é que a Nell estará sempre adiantada para a idade, tal como acontece com o Lee. Quanto às inclinações que ela possa vir a ter, não sabes. As crianças têm acessos de entusiasmo.

- Tenciono casá-la com o Lee - disse ele.

Ruby encostou-se à porta do quarto de Elizabeth com uma expressão feroz e agarrou Alexander pelos cabelos com ambas as mãos com tanta força que ele se encolheu. - Escuta-me bem, Alexander Kinross! -sibilou. - Nunca mais quero ouvir-te falar nesse assunto! *Nunca mais!* Não podes planear as vidas das pessoas como se fossem minas ou cami-nhos-de-ferro! Deixa que o meu filho e a tua filha encontrem os seus companheiros!

Em resposta, ele abriu a porta e entrou.

Elizabeth recuperara a consciência e virou a cabeça na almofada para os ver, sorrindo. - Consegui novamente - disse. - Mas pensei que seria o fim e não foi. A Margaret diz que temos outra filha, Alexander.

Ele curvou-se para a beijar ternamente na testa e pegou-lhe na mão. - Sim, minha querida, a Ruby disse-me. É maravilhoso. Sentes-te suficientemente forte para pensares que nome lhe queres dar?

Elizabeth franziu ligeiramente a testa e moveu os lábios para fora e para dentro. - Um nome - disse como se estivesse confundida. - Um nome... não consigo pensar. Podemos deixar para depois. Não, ela tem de ter um nome. Diz-me alguns. Que tal Catherine? Ou Janet? Elizabeth, como tu? Anna? Ou talvez Mary? Flora? Anna - disse ela com satisfação. - Sim, gosto de Anna. - Levou

a mão dele à face. - Receio que tenhamos de arranjar outra ama de leite. Parece que não tenho leite outra vez.

-A Mrs. Summers já arranjou alguém, parece-me. - Alexander soltou a mão da dela, que parecia uma garra. - Uma irlandesa chamada Biddy Kelly. O filho dela morreu de difteria anteontem e ela disse à Mrs. Summers que amamentaria a nossa filha se continuasse a ter leite. Bem, a nossa Anna chegou muito adiantada, pelo que ela ainda terá leite. Queres que

a contrate, Elizabeth? Ou achas melhor que peça **ao Sung para** arranjar uma ama de leite chinesa?

- Não. A Biddy Kelly parece-me o ideal.

Só a Ruby franziu o cenho; a Maggie Summers arranjava maneira de se intrometer novamente no centro dos acontecimentos. Aquela Biddy Kelly era, sem dúvida, uma beata da igreja católica que iria contar tudo o que ouvisse. Uma bisbilhoteira dentro de casa durante pelo menos seis meses. Muitas chávenas de chá na cozinha e muitos segredos murmurados. O que Kinross ainda não sabia, ficaria a saber em breve.

REVELAÇÕES

SE JADE IMPLORARA EM VÃO para ser ama antes da a Nell ter nascido, a chegada da bebé Anna concedera-lhe o seu desejo mais ardente. Biddy Kelly cumprira o seu dever e amamentara a criança eficientemente durante sete meses, altura em que Anna passou a beber leite de vaca sem qualquer reacção adversa. Foi um desapontamento para Mrs. Summers perder a sua compincha, talvez, mas um alívio para Jade e Ruby. Agradava a Ruby ver a governanta privada da principal fonte de informações do que se passava no andar superior, mas as emoções de Ruby eram mornas, comparadas com as de Jade. Anna pertencia-lhe agora inteiramente.

Elizabeth recuperou lentamente mas sem recaídas; quando a segunda filha tinha seis meses já conseguia comportar-se como qualquer mulher jovem e saudável. Retomou as lições de piano, fez visitas à cidade de Kinross e Alexander arranjou um homem de confiança para lhe ensinar as artes equestres e a condução de uma pequena charrete puxada por dois póneis activos de cor creme. Também tinha uma égua árabe branca com uma crina e cauda espessas a que deu o nome de *Crystal*, tendo desenvolvido uma paixão por escovar o animal até este ficar com o pêlo sedoso. Embora passasse horas nos estábulos a cuidar de *Crystal*, não passava tempo nenhum a cuidar de Anna. Uma grande parte da sua negligência relativamente ao bem-estar da criança devia-se à possessividade de Jade, pois esta tornava bem claro que encarava a mãe de Anna como uma rival. Mesmo assim, Elizabeth era suficientemente honesta para admitir que o estado de coisas no quarto das crianças lhe agradava muito.

Alexander fizera com que fosse aberta uma estrada de macadame até Kinross; apesar de esta serpentear pela encosta e percorrer oito quilómetros até à cidade, libertava Elizabeth do elevador. Para o usar, tinha de

informar Summers ou um dos seus lacaios amuados para que subissem o carro da plataforma das gruas até à casa, enquanto que assim podia partir montada em *Crystal* ou mandar aparelhar a charrete nos estábulos que não estavam sob o controlo de Summers. Um grande bónus! Na verdade, a vida de Elizabeth alargara-se subitamente, em particular devido ao facto de o seu corpo a ter libertado do marido, com quem mantinha apenas uma relação distante.

Quando Ruby, que fora eleita mensageira daquela notícia, lhe comunicara que Sir Edward Wyler e a mulher não achavam sensato ela continuar a cumprir o dever conjugal, Elizabeth teve de reprimir um viva e manter as pálpebras baixas. Ruby parecia pensar que ela teria saudades do Acto, mas Elizabeth sabia que tal não aconteceria.

O cavalo era o seu meio preferido de fuga, visto que cavalgar a égua significava que não tinha de se manter na estrada e podia meter o nariz na floresta sempre que o terreno o permitia. Isso fez com que tivesse descoberto recantos e pequenos vales cuja beleza a deleitava; adquiriu o hábito de passar horas sentada num qualquer assento talhado naturalmente na rocha, vendo passar uma miríade de criaturas, de aves-lira a pequenos cangurus a insectos espantosos. Ou então levava um livro e lia sem receio de ser perturbada, parando ocasionalmente para erguer a cabeça e sonhar com a verdadeira liberdade, o tipo de existência que aqueles pássaros maravilhosos, animais e insectos certamente encaravam como um direito.

Depois descobriu O Lago. Bastante acima no curso do rio, descobriu-o num acesso de teimosia em que persuadiu *Crystal* a caminhar pelo leito do rio sempre que as margens impediam a passagem; sofria um acesso mais violento do que o habitual da vontade de voar para longe de todas as cadeias. A partir do momento em que descobriu O Lago, nunca mais foi a outro sítio nos passeios a cavalo.

Este formara-se num pequeno fundão, o que lhe dava uma profundidade considerável, e era alimentado por uma pequena cascata que se despenhava por cima de grandes penedos por entre avencas endémicas e musgos espessos e compridos de uma espécie que não existia na Escócia. A água era tão límpida que cada pedra no interior do lago ficava bem à vista, e nele nadavam peixes bem como camarões diminutos, tão transparentes como vidro da melhor qualidade, com os corações vermelhos do tamanho de cabeças de alfinete a bater freneticamente. Apesar de ser sombreado pelas árvores à sua volta, ao meio-dia os raios de sol incidiam

verticalmente, carregados de partículas dançantes que tocavam a superfície do Lago e, ao fundirem-se com a água, adquiriam um tom perfeito de ouro fundido. Todo o tipo de seres vivos ia ali beber; Elizabeth descobriu um local confortável para deixar a *Crystal*, suficientemente distante do Lago para não constituir uma ameaça audível para os seus visitantes alados, de quatro patas ou rastejantes, e depois encontrou uma rocha confortável para se sentar e deixar que a alma voasse para longe.

O Lago era seu, inteiramente seu. Os cumes das montanhas cobertas de floresta eram vedados a todos, excepto a Mr. e Mrs. Kinross, mas mesmo que um intruso penetrasse na floresta nunca encontraria O Lago. Era demasiado a montante e o acesso era demasiado difícil.

O que Alexander pensava era impossível de adivinhar por terceiros. Tinha, parecia aos habitantes da casa, decidido ter uma comunhão cortês e civilizada com a mulher, algo que não ia além das refeições tomadas em conjunto e das conversas pós-prandiais sobre a mina, a estação do ano, um qualquer projecto novo de Alexander, o que os jornais diziam, a ascensão de Sir Henry Parkes à chefia do governo periclitante, ou a elevação de Mr. John Robertson à categoria de Cavaleiro Comandante da Ordem de São Miguel e São Jorge. Sir John Robertson... - proferiu Elizabeth pensativa. - Estou um tanto surpreendida por a Rainha o ter armado cavaleiro. Não pertence à Igreja de Inglaterra e a sua reputação não é boa no que respeita às mulheres. Esse é o género de coisa que, habitualmente, diminui muito um

homem na sua estima. Duvido que a tenham informado de que ele é mulherengo - disse Alexander secamente. - Contudo, não me surpreende ele ter sido armado cavaleiro. Porquê? Porque John Robertson sobreviveu à sua utilidade política. Assim

que isso acontece a um homem, aparece logo uma petição à Rainha para que seja feito cavaleiro. É o sinal de que se deve retirar da arena política, por assim dizer. Ai, sim? Oh, sim, minha querida. Não podes ter deixado de reparar no facto de quando um indivíduo chefia um número demasiado grande de governos deixar de ter verdadeiros objectivos. Ouve o que te digo: o Robertson

vai retirar-se em breve da Assembleia Legislativa. Provavelmente, dar-lhe

ãode fazer uma nomeação vitalícia para a Câmara Alta e mantê-lo-ão no Conselho Executivo. Deixarão Parkes a reinar sobre a Câmara Baixa. - Alexander fungou. Pff!Mas o Parkes também já é cavaleiro - objectou Elizabeth -, e não vejo qualquer sinal de que *ele* tencione retirar-se. Isso é porque o Parkes tem a cabeça demasiado inchada. Alexander sorriu. - Os olhos não conseguem ver devido a toda aquela carne inchada em torno deles. Metaforicamente falando, evidentemente. Está muito inchado, lá isso está, o Sir Henry. Sempre esteve e sempre estará. Também vive de uma forma demasiado luxuosa... o que é perigoso para um político sem fortuna pessoal a que possa recorrer. O Robertson é um homem rico, Parkes é um pobretanas. Aparentemente, um deputado não consegue ganhar dinheiro, mas tem acesso a dicas sobre negócios, o primeiro-ministro recebe emolumentos... - Encolheu os ombros. - Acesso e recursos, Elizabeth. Gostei bastante dele, naquela noite em que cá jantou. Sim, ele é charmoso. E aplaudi a sua atitude no que respeita à educação das crianças neste Estado. No que eu não confio é na sua natureza inconstante. Sir Henry anda ao sabor do vento.

No fim de Janeiro de 1878, tinha Anna dez meses, Nell procurou o pai na biblioteca.

- Papá - disse trepando para o joelho de Alexander, - o que se passa com a Anna?

Impressionado, Alexander virou a criança de dois anos para si e ficou a olhar para ela. O rosto da sua filha estava a ficar cada vez mais parecido com o seu, com as mesmas sobrancelhas negras e pontiagudas e um rosto magro e comprido, o que não era atraente numa criança pequena, mas talvez viesse a ser pouco habitual e atraente numa mulher adulta. Os olhos, de um azul espantoso, mantinham-se firmes e, naquele momento, pareciam preocupados e ansiosos de uma forma pouco apropriada numa criança daquela idade. O que é que tu achas que se passa com a Anna? - perguntou ele, com a consciência súbita de que raramente via a filha mais nova. Qualquer coisa - disse Nell com toda a certeza. - Lembro-me de que com a idade dela eu já conseguia falar porque me lembro de tudo o que te dizia e de tudo o que tu me dizias, papá. *De tudo!* Mas a Anna nem sequer consegue sentar-se. A Jade faz batota, agarra nela sempre

que eu lhe vou dizer olá, mas eu percebo. Os olhos da Anna não funcionam bem, rolam. E ela baba-se muito. Eu sentava-me num bacio para fazer coco, mas a Anna não consegue. Oh, papá, ela é uma coisinha tão querida e é a minha irmã mais nova! Mas alguma coisa de errado se passa com ela, de verdade.

Ele tinha a boca seca; Alexander lambeu os lábios e tentou parecer, não desinteressado, mas que aquilo não fora um choque tão grande. - Que horas são? - perguntou.

Aquilo era um jogo; ensinara Nell a ler os ponteiros do relógio de pé que estava a um canto da biblioteca. Ela nunca se enganava e daquela vez também não se enganou. Seis horas, papá. A Butterfly Wing vai vir à minha procura - deu uma risadinha - a qualquer instante. Então porque é que, para variar, não vais tu à procura da Butterfly Wing para lhe fazer uma surpresa? - perguntou Alexander pondo Nell no chão. - Se são seis horas tenho de ir à procura da mãe. A titi Ruby vem jantar daqui a uma hora. Oh, quem me dera poder ficar acordada! - gritou Nell. - Gosto da titi Ruby quase tanto como gosto da Butterfly Wing. E gostas mais dela do que da mamã? Mais do que de mim? Não, não, claro que não! - Nell pronunciou um novo conceito. - É tudo relativo, papá, tu sabes isso.

Desaparece daqui, pedantezinha - ordenou o pai com uma risada e um empurrão suave.

Antes de ir à procura de Elizabeth foi ao quarto das crianças para onde Nell nunca mais regressara depois do nascimento de Anna, pois Lady Wyler achara que uma criança barulhenta interferiria com os cuidados necessários a prestar a um bebé enfermo e prematuro. Butterfly Wing mantinha Nell junto de si, mas ultimamente Nell começara a fazer pressão para que lhe dessem um quarto só para ela.

Agora que pensava nisso, a Jade mal saía do quarto das crianças, de noite ou de dia; tinha passado o cargo de criada de quarto de Elizabeth a Pearl e Silken Flower, dedicando-se inteiramente à bebé Anna. Era tão subtil, tão invisível - «qual é o pai, perguntou-se a si próprio, «que fica obcecado por um bebé, mesmo que seja seu filho? Especialmente sendo o bebé mais uma rapariga? A Nell era diferente: vital, inteligente, curiosa, activa e metedicha. Nell não permitiria que ele ignorasse a sua existência,

nunca o permitira, nem mesmo quando era recém-nascida. Os dedos apertavam o seu dedo, o olhar fixo e inteligente, as bolinhas de saliva, as risadas, os gorjeios, os palreios. Já Anna desaparecera da vista, sem som nem presença. Parecia haver sempre uma razão para ele não ser bem-vindo no quarto das crianças.

Naquela noite não bateu à porta nem pediu licença a Jade; limitou-se a entrar. Jade estava sentada com Anna nos joelhos, uma das mãos a apoiar o pescoço da criança, dando-lhe a comer uma papa qualquer com uma colher. Um rosto sobressaltado ergueu-se; Jade deu um salto.

- Mr. Kinross! - disse, ofegante. - Mr. Kinross, não pode visitar agora a Anna, estou a dar-lhe de comer!

Em resposta, Alexander dirigiu-se a uma cadeira de cozinha de madeira, pegou nela pelo espaldar e colocou-a em frente da filha e da ama. Sentou-se com o rosto inexpressivo. Dá-me o bebé, Jade. Não posso fazer uma coisa dessas, Mr. Kinross! Tem a fralda suja, vai ficar todo malcheiroso! Já estive malcheiroso antes e hei-de voltar a estar. Dá-ma cá, Jade. Já.

Transferir Anna era difícil, a criança parecia uma boneca de trapos e não conseguia segurar a cabeça, mas, por fim, conseguiram. Desalentada, Jade tremia, com as feições bonitas e delicadas geladas numa máscara de medo.

Alexander olhou com atenção para a filha mais nova pela primeira vez e viu imediatamente que Nell tinha razão, apesar de Anna, aos dez meses, ser mais bonita do que Nell fora nessa idade, gordinha e bem tratada. Cabelos pretos, sobrancelhas e pestanas pretas, olhos desfocados de um azul acinzentado, olhos que pareciam não conseguir focar-se. Que *alguns* mecanismos de raciocínio estavam presentes no interior do seu crânio era evidente, pois ela reconheceu que as mãos que lhe pegavam eram estranhas e que o colo onde estava sentada não era o de Jade. Contorcendo-se e debatendo-se naquele abraço desajeitado, começou a chorar.

- Obrigado, Jade, podes pegar-lhe - disse Alexander, mantendo-se atento para ver quanto tempo levaria a dissipar-se a desorientação de Anna. Foi quase imediato; assim que Jade lhe pegou, o bebé parou de chorar e abriu a boca a pedir mais papa.

- Agora - disse ele calmamente -, quero saber a verdade, Jade. Há quanto tempo é que sabes que a Anna não é como deveria ser, mentalmente?

As lágrimas corriam livremente pelas faces de Jade; ela precisava de ambas as mãos para segurar o bebé. - Soube quase imediatamente, Mr. Kinross - soluçou. - A Biddy Kelly também sabia. E a Mrs. Summers também sabe. Oh, como elas riam por causa disso na cozinha! Mas eu peguei no meu punhal e disse-lhes que lhes cortava o pescoço se dissessem uma palavra que fosse sobre a Anna em Kinross. Elas levaram-te a sério? Oh, sim. Elas perceberam que estava a falar a sério.

Sou uma chinoca pagã. O que é que a Anna é capaz de fazer? Ela tem melhorado, Mr. Kinross, de verdade! Mas tudo leva muito, muito tempo. Agora já consegue comer de uma colher... vê? Não foi fácil, mas ela *consegue* aprender. Falei com Hung Chee da ervanária e ele mostrou-me o que eu devia fazer para ajudar a Anna a exercitar o pescoço

para que, um dia, consiga segurar a cabeça. - A face de Jade foi encostar-se aos caracóis negros. - Eu adoro cuidar da Anna, senhor, juro! A Anna é o *meu* bebé, não pertence à Pearl nem à Butterfly Wing nem a ninguém a não ser a mim. Oh, por favor, oh, *por favor*, não me mande para longe dela! - As lágrimas voltaram.

Alexander levantou-se como se fosse um velho e estendeu a mão que pousou por instantes na cabeça de Jade. - Não te preocupes com isso, minha querida. Não te vou afastar da Anna. Que tipo de agradecimento seria esse por tanta devoção? Tens razão, a Anna é o teu bebé.

Saiu dali e desceu o pequeno lanço de escadas que levava aos aposentos de Elizabeth, onde ele não mais entrara desde que ela pudera sair da sua cama de enferma. Estes tinham sido mudados, reparou. O resultado dos seus esforços de decoração através dos escritórios do seu hotel em Sydney tinha sido descartado em favor daquilo que eram, obviamente, as preferências de Elizabeth: menos brilho, menos espelhos, chitas em vez de brocados, tudo azul, azul, azul. A cor que Ruby dizia não ter qualquer alegria.

«O que se passa comigo para tudo isto poder ter acontecido desde o nascimento de Anna e eu, o senhor desta casa, não me ter apercebido de nada? Sim, ando por fora muito tempo... em quem mais poderia confiar para supervisionar a construção da estrada para Lithgow? Mas ninguém

me perguntou nem disse nada. Excepto, finalmente, a minha filha de dois anos. Sou um estranho numa casa cheia de mulheres. Maggie Summers... uma aranha gorda na minha teia. Devia ter percebido. A Elizabeth nunca gostou dela e agora percebo porquê. Bem, ela e o Summers podem sair do terceiro andar e arranjar uma casa em Kinross. Ela que a limpe. Vou contratar uma nova governanta. Contratarei novas governantas até encontrar uma que nos agrade a todos. Que não odeie os chineses, que não tenha compinchas como a Biddy Kelly que vai à igreja ao domingo para contar bisbilhotices.

- Elizabeth? - chamou, não passando da antecâmara.

Ela apareceu imediatamente, ainda vestida com o fato cor-de-vinho de amazona, os olhos muito abertos.

- Essa é uma cor estúpida para um fato, quando se monta uma égua branca - comentou ele fazendo uma vénia. - Está coberto de pêlos brancos.

Ela dirigiu-lhe um sorriso pesaroso e inclinou a cabeça. - Tens toda a razão, Alexander. O próximo será cor-de-areia. E montas todos os dias? - perguntou ele dirigindo-se à janela. - Gosto do Verão, é de dia até muito mais tarde. Eu também gosto do Verão - disse ela nervosamente -, e sim, monto quase todos os dias. A não ser quando me apetece levar a charrete até Kinross.

Fez-se silêncio; ele continuou a olhar pela janela. Que se passa, Alexander? Por que vieste aqui? Vês muito a Anna? Vê-la, por exemplo, tão frequentemente como vês o teu cavalo?

Ela susteve a respiração de modo audível e começou a tremer. - Não, suponho que não - disse inexpressivamente. - A Jade encarregou-se de tal forma da Anna que eu me sinto pouco bem-vinda no quarto das crianças.

-Vinda da mãe da criança, Elizabeth, essa afirmação tresanda a desculpa esfarrapada. Tens perfeita consciência, estou certo, de que a Jade é tua criada e está obrigada a obedecer a ordens. Fizeste realmente um esforço?

Duas manchas carmim mancharam as faces pálidas de Elizabeth; ela estremeceu e virou-se, descrevendo um círculo apertado como se tivesse um dos pés pregado ao chão e apertou as mãos. - Não, não fiz um grande esforço - murmurou. Que idade tens agora? Faço vinte anos em Setembro.

- Como o tempo voa! Duas vezes mãe aos dezanove anos, tendo quase morrido de ambas as vezes e agora livre de tudo isso para sempre. Não! - ladrou ele. - Não chores, Elizabeth! Este não é o momento

para lágrimas. Ouve o que tenho para te dizer e depois podes chorar.

Do sítio onde estava, Elizabeth só lhe conseguia ver as costas. O que teria sido? Por que estava ele em sofrimento? Porque ele sofria horivelmente. Viu-o recuperar o controlo e endireitar os ombros; quando voltou a falar, fê-lo com mais gentileza.

- Elizabeth, não te culpo minimamente por teres entregue as tuas filhas a mulheres tão dedicadas e tão obcecadas por elas como a Butterfly Wing e a Jade, em especial por não teres tido infância. Parece-me bem que estas cavalgadas diárias, as idas a Kinross, a liberdade súbita e total te subiram à cabeça como champanhe. Por que não haveria de ser assim? Cumpriste o teu dever até a um ponto que nem mesmo o velho Murray poderia pôr em questão e agora o dever terminou. Se estivesse no teu lugar, também eu estenderia um pouco as asas. - Suspirou. - Contudo, embora os teus deveres para comigo pertençam ao passado, continuas a ter deveres para com as tuas filhas. Não te estou a proibir de andar a cavalo ou do que quer que gostes de fazer, pois sei que os teus prazeres são inocentes. Mas tens de te preocupar com as tuas filhas. Dentro de dois ou três anos a Nell já será suficientemente crescida para eu me encarregar dela, mas receio que a Anna não seja como a Nell.

As manchas carmim tinham-se desvanecido; Elizabeth deixou-se cair numa cadeira, escondendo a cara nas mãos. - Também te apercebeste. Não estavas, então, completamente cega? Não, apesar de a Jade me dizer sempre a Anna está num mau dia, ou que está constipada, ou que se magoou nas costas. Pensei no assunto, mas nunca quis confirmar as minhas suspeitas. E tu és demasiado bondoso. Mereço todas as reprimendas e todas as críticas em que deves estar a pensar. Como é que te apercebeste de que a Anná está um pouco atrasada? A Nell veio ter comigo esta tarde e perguntou-me o que é que se

passava com a Anna. Ela não consegue segurar a cabeça e rola os olhos, disse a nossa filha mais velha. Por isso fui lá e obriguei a Jade a dizer-me a verdade. Virou-se para a confrontar, o rosto calmo e um olhar distante. A Anna não está um pouco atrasada, Elizabeth. Ela é... atrasada mental.

Elizabeth começou a chorar, mas silenciosamente. - Foi durante o parto - disse ela claramente. - A Margaret e a Ruby levaram cinco

minutos a conseguirem pô-la a respirar. Não é hereditário, Alexander, tenho a *certeza* de que não é hereditário.

-Ai, também eu tenho a certeza disso! - disse ele com impaciência. - Atrevo-me a dizer que existe um propósito por trás de tudo isto, embora qual possa ser esse propósito, eu não saiba. Temos uma menina muito inteligente e uma menina atrasada mental. Talvez isso equilibre as coisas, quem poderá dizê-lo?

Afastou-se da janela, dirigiu-se à porta e depois parou. - Elizabeth, olha para mim! *Olha para mim* Antes de continuarmos, temos de tomar uma decisão. Nomeadamente, o que fazer com a Anna. Podemos mantê-la aqui ou pô-la numa instituição. Se a mantivermos aqui, tu e a Jade têm pela frente uma vida inteira a cuidar da pobre alma que não saberá tratar de si própria. Tenho a certeza de que conseguiremos encontrar uma instituição onde não será mal tratada... Neste género de questões, o dinheiro é todo-poderoso. O que queres fazer? Qual seria a tua escolha, Alexander? Mantê-la aqui, evidentemente - disse ele com surpresa na voz.

Contudo, não serei eu a suportar esse fardo. Se alguma coisa acontecesse à Jade, o que farias? O que poderias fazer? Mantemo-la - decidi Elizabeth. - Vamos mantê-la aqui. Então estamos de acordo quanto a isso. A propósito, vou despedir a Maggie Summers. Será um inconveniente durante algum tempo... quero-a fora daqui amanhã, nem mais um dia. Sinto pena do Summers, ele gosta de estar sempre às minhas ordens e ficará ressentido com o exílio em Kinross. Mas tem de ser. Vou pôr um anúncio no *Sydney Morning Herald* a pedir uma governanta. Por que não usas uma agência de pessoal doméstico? Porque prefiro ser eu a fazer as entrevistas. - Tirou o relógio de ouro do bolso, abriu a tampa e viu as horas. - É melhor apressares-te, minha querida. A Ruby deve chegar às sete. Não vou descer para jantar, se não te importas. Tenho de ir à procura da Jade e conversar com ela. E começar a conhecer a Anna.

Ele pegou-lhe na mão e beijou-a ao de leve. - Como queiras. Obrigado, Elizabeth. Não poderia culpar-te se tivesses decidido internar a Anna numa instituição, mas fico muito satisfeito por não o teres feito.

As novidades acerca de Anna caíram sobre Ruby como água a ferver. Alexander não falou no assunto até estarem na biblioteca com as cigarrilhas

acesas a beberem um belo conhaque velho, tendo justificado a ausência de Elizabeth com uma ligeira indisposição. O nariz sensível de Ruby pressentira problemas domésticos, pois conhecia Alexander muito melhor do que a sua mulher; ficava com uma certa expressão nos olhos e no rosto. Desde o nascimento de Anna que não detectara nele aqueles sinais, como se ele tivesse desistido de Elizabeth e a tivesse relegado para qualquer canto pouco importante do seu espírito. Agora os sinais estavam de volta.

A razão da sua presença foi revelada quando ele lhe contou o que se passava com Anna - a forma como o descobrira e a reacção de Elizabeth. Mas foi preciso um grande gole no conhaque para que Ruby tivesse coragem para responder. Oh, meu amor, meu amor, lamento tanto! Não lamentas mais do que eu ou Elizabeth. Ainda assim, é um facto consumado, não pode ser alterado ou ignorado. A Elizabeth pensa, e eu concordo com ela, que os danos foram causados durante o parto. Ela não tem nenhuma das características habituais nas crianças atrasadas mentais... Na verdade, é até muito bonita e bem proporcionada. Se estiver deitada no berço, nunca se suspeitaria, a não ser que se olhasse para os seus olhos. Como a Nell disse, vagueiam sem objectivo. A Jade diz que ela aprende mas que leva muito, muito tempo para lhe ensinar mesmo algo tão simples como comer de uma colher. A cabrazinha reservada! - disse Ruby, bebendo mais um gole de conhaque. - Refiro-me à Jade acrescentou quando Alexander olhou para ela com as sobrancelhas arqueadas. - Não que, repara, ter sabido mais cedo tivesse adiantado alguma coisa. A Elizabeth tem razão, a criança não respirava. Se tivesse sabido, talvez não me tivesse esforçado tanto para a fazer respirar, mas eu não sabia. Só queria que a provação de Elizabeth tivesse resultado nalguma coisa e não em nada. E resultou, Ruby, resultou -, disse ele pegando-lhe na mão e apertando-a. - Os Gregos da Antiguidade diziam que a húbris nos homens era um crime contra os deuses que seria punido. Eu pequei dessa forma - demasiado sucesso, demasiada riqueza, demasiado... *poder*. A Anna é o meu castigo. Não ouvi absolutamente nada acerca disto na cidade, apesar de a Biddy Kelly a ter amamentado durante sete meses.

Os dentes brancos brilharam num largo sorriso. - Isso deve-se ao facto de a Jade a ter apanhado e à Maggie Summers a darem umas boas

gargalhadas à conta disto na cozinha. E lá **apareceu** imediatamente o punhal! Ela disse-lhes que lhes cortava o pescoço se dessem com a língua nos dentes e elas acreditaram. Boa para a Jade! A Maggie Summers vai-se embora amanhã. Já disse ao Summers.

Ruby mexeu-se na cadeira como se esta fosse desconfortável e depois pegou em ambas as mãos de Alexander. - Vais então tentar manter em segredo o estado da Anna? Ai não, claro que não! Isso significaria manter a pequenota em clausura. Não há razão para vergonhas, Ruby. Pelo menos, *eu* não acho que haja. Nem, imagino, a Elizabeth. Quero que a Anna possa andar por aí, aprender a andar e aprenderá, tenho a certeza disso. Quero que toda a Kinross saiba que a riqueza e os privilégios não conseguem tornar uma família imune à tragédia. Não me disseste o que a Elizabeth sente relativamente a isto, Alexander. Ela sabia que a Anna é atrasada mental? Não creio. Tinha-se convencido de que a criança era um pouco

atrasada. Um pouco atrasada! - Deu uma gargalhada nada alegre. - A minha mulher tem estado demasiado ocupada a adorar aquela égua como se fosse uma deusa. A penteá-la, a escová-la, a fazer-lhe festas... O que *sentem* as mulheres jovens pelos cavalos? Poder, Alexander. Músculos a moverem-se sob uma pele linda. Sentem-se pequenas perante o seu poder. Foi inteligente da tua parte dares-lhe uma égua... a visão da pila de um garanhão era capaz de ter sido demais. És uma confidente muito pouco satisfatória, Ruby. Será que nunca

consegues dizer as coisas de forma elegante?

-Ah! - disse Ruby, os dedos brincando com os dele. - De que serve ser elegante? - Sentou-se no colo dele e encostou o rosto ao seu cabelo... tão grisalho, tão subitamente! - Estás mais próximo de compreender a forma como a mente da Elizabeth funciona? Não, nem de longe. Ela está diferente desde o nascimento da Anna. Os contactos dela comigo são absolutamente distantes... Convida-me para almoçar se a Theodora cá estiver, caso contrário, convida-me para jantar contigo. Não deseja a intimidade da forma como desejava, quando tínhamos... oh, que conversas! Sobre tudo e mais alguma coisa. Presentemente, vive num mundo só seu - disse Ruby com tristeza .

O TOQUE DE MIDAS 211 Preciso de ti - disse Alexander com o rosto mergulhado nos seus seios. - Posso ir mais logo a Kinross, se me quiseres. Sempre - disse Ruby -, sempre.

Desceu sozinha no elevador, olhando para a cidade de Kinross iluminada pelos candeeiros a gás, uma constelação de luzes esverdeadas. Os motores ronronavam, o brilho satânico dos fogos iluminando os armazéns onde o minério da Apocalipse era transformado em ouro da Apocalipse e, ao longe, a colina de pagodes de Sung brilhava quando a Lua atingiu o seu zénite. «Faço parte disto, embora nunca o tivesse desejado. Que terrível, a vingança do amor! Se não fosse o Alexander Kinross, eu não seria mais do que aquilo que a sorte me tinha destinado - uma senhora duvidosa, vivendo à beira da expulsão, se não da extinção.

A partir do dia em que a deficiência de Anna lhe foi revelada, Elizabeth passou a frequentar a igreja. Mas não a igreja presbiteriana; apareceu no domingo seguinte na igreja anglicana de St. Andrew, com Nell pela mão e com Anna no carrinho que Jade empurrou até à porta da igreja onde esperaria que o serviço terminasse, uma pequena rapariga chinesa tentando tornar-se invisível.

Espantado e deliciado, o Reverendo Mr. Peter Wilkins saudou a primeira dama de Kinross com uma deferência encantadora e certificou-se de que ela compreendia que o primeiro banco à direita sempre estivera reservado para os residentes da Casa Kinross. A cidade zumbia com a notícia de que Mrs. Summers fora despedida juntamente com boatos inconsistentes de que algo de errado se passava na família Kinross; tudo isso fazia com que o pastor fosse ainda mais atencioso.

- Obrigada, Mr. Wilkins - disse Elizabeth friamente -, mas eu preferia ficar no banco lá atrás. A minha filha mais nova, Anna, é muito lenta mentalmente, pelo que prefiro ficar num local onde possa sair com facilidade, se ela não estiver bem.

E foi assim que aconteceu. A Cidade de Kinross ficou a saber que Anna Kinross era atrasada mental de uma forma que punha cobro a toda e qualquer coscuvilhice, o que deu cabo das armas de Maggie Summers.

A conversa com Jade não fora acrimoniosa; após um acesso de choro, as duas mulheres concordaram em partilhar a custódia de Anna, para que Jade pudesse descansar um pouco e Elizabeth não ficasse privada de *Crystal* nem do Lago. Aquela ida à igreja marcou o início de um novo regime na Casa Kinross, uma declaração pública da deficiência de Anna

bem como uma notificação de que Mrs. Kinross não era, agora que recuperara a saúde, ateaia como o marido. Glória a Deus!

Talvez essa glória tenha sido um pouco manchada se algum dos paroquianos viu a primeira paragem de Elizabeth após o culto: foi ao Hotel Kinross almoçar com Ruby, que a recebeu com fervor, a beijou e abraçou. Será isto uma indicação de que voltaste ao normal? - perguntou

Ruby, afastando-a com os olhos a brilhar. Sim - disse Elizabeth sorrindo -, se com isso queres dizer que somos as melhores amigas, para além de termos uma carteira de acções igual, no que respeita ao Alexander. Cresci, finalmente. Oh, isso é uma pena. - Ruby tirou Anna do carrinho. - Não, não, fofinha, o bebé não chora! Vais ter de te habituar a mais gente do que a Jade e a mamã. Elizabeth, tem cuidado com a Nell quando estivermos a conversar... Os jarrinhos pequenos são orelhudos e este jarrinho é muito esperto. O que é o almoço? Cogumelos com tostas e depois peixe grelhado. Não faças caretas, Nell. Um dia ainda podes vir-tfpensar nesta ementa com saudades. Como me lembro bem de um bocado de pão duro e um pouco de queijo sem sal saberem melhor do que o néctar e a ambrósia!

Elizabeth levou tão a peito as reprimendas do marido por causa da sua negligência com Anna, que se recusava a deixar as filhas para o acompanhar nas suas viagens a Sydney. Ele era um ardente admirador de música, teatro e ópera, e dado não perceber por que razão haveria de abdicar desses prazeres, adquiriu o hábito de levar Ruby nas viagens a Sydney, no lugar da mulher. Quando 1878 deu lugar a 1879, essas viagens tornaram-se mais frequentes porque, como ele dizia:

- A Nova Gales do Sul está agora suficientemente próxima da Grã-Bretanha para tornar possível às companhias de teatro e de ópera actuarem aqui. Já existem instalações para armazenamento do carvão para os navios a vapor na viagem de volta, o que encurta a viagem em cinco semanas pelo Canal do Suez.

Ele e Ruby viram uma bela interpretação de *O Mercador de Veneza*, todas as óperas que estrearam na cidade e uma bela peça musical intitulada *H.M.S. Pinafore*, da autoria de um par relativamente desconhecido de compositores, Gilbert e Sullivan. Também foram visitar a Exposição Internacional de Sydney, num grande palácio construído expressamente para esse fim. Era muito mais difícil chegar ao local da exposição do que

no passado; Alexander tivera que mudar de hotel. O antigo tornara-se inabitável devido aos novos carros a vapor que rugiam ao longo da Elizabeth Street, emitindo fumo negro e girândolas de faíscas.

Andavam a passear pelo palácio da exposição, admirando os diversos pavilhões, quando Alexander falou:

- Parto para Inglaterra muito em breve.

Ruby parou para olhar para ele. - E o que provocou essa viagem? Francamente? Sim, sempre francamente. Estou cansado de viver numa casa cheia de mulheres. Entraremos em breve numa nova década e o novo século ficará a uns meros vinte anos de distância. Quero ver o que está a acontecer em Inglaterra, na Escócia e na Alemanha... Há umas fornalhas novas para tratar o ferro, novas formas de construir pontes, métodos de gerar electricidade que a transformarão de uma curiosidade numa força poderosa, e até ouvi rumores de uns novos motores bastante revolucionários - disse Alexander com os olhos a brilhar. - Se não fosse a Anna, levava a Elizabeth e a Nell comigo, instalava-as numa bela casa no West End, em Londres, e usava-a como base. Mas isso não é possível e - *honestamente* - sinto-me profundamente satisfeito com esse facto. Preciso de um longo descanso das

mulheres, Ruby, até mesmo de ti. Compreendo perfeitamente. -

Recomeçou a andar. - Se for possível, vais visitar o Lee? Visitar o Lee é o primeiro ponto da minha ordem de trabalhos.

Na verdade, sempre que ele estiver de férias na escola, tenciono levá-lo comigo. Será uma experiência muito útil para um futuro engenheiro. Oh, Alexander, isso é maravilhoso! Obrigada!

Foi a vez dele parar para a olhar. - Há uma coisa que nunca te perguntei, Ruby, suponho que por o Lee ter partido tão pouco tempo depois de eu o ter conhecido e tu e eu nessa época não sermos... bem, o casal mais ou menos bígamo que nos tornámos. O que quero saber é como é que o Lee pode passar por príncipe chinês a chamar-se Costevan?

O riso dela foi tão espontâneo e atraente que as pessoas que estavam perto se viraram para a olhar descaradamente; naturalmente que Alexander Kinross com uma mulher incrivelmente bela pelo braço atraía os olhares, mas estes eram habitualmente furtivos, pois, de acordo com os rumores,

aquela não era a sua esposa.

214 COLLEEN McCULLOUGH Alexander, o Lee tem quase quinze anos! Foram precisos seis longos anos pára fazeres essa pergunta! Seguindo os conselhos de Sung,

limitei-me a dizer à escola que o Lee iria incógnito, para proteger o seu pai dos inimigos que não olhariam a meios para o atacar, inclusive raptando-lhe o filho. A escola inteira está ao corrente da situação e Lee diverte-se imenso a ouvir as suposições que se fazem relativamente à sua verdadeira identidade. Se lá estivessem outros chineses, seria mais difícil mas, até recentemente, Lee era o único chinês. No ano que passou chegaram mais dois, mas são filhos de grandes comerciantes de Wampoa que, segundo Lee, mantêm uma indiferença sublime relativamente a Pequim. Bem, bem - disse Alexander sorrindo.

-Vais perder a discussão de importantes leis económicas - continuou ela. - Ouvi dizer que o Parkes vai retirar os subsídios às escolas católicas... e às escolas das outras denominações também. Mas essas não têm tanta importância, pois são financiadas por pedantes ricos. As crianças que frequentam as escolas católicas vêm de famílias muito mais pobres. Ele é um protestante horivelmente fanático - observou Alexander. Está agendado o debate de uma nova lei agrária e de outra para limitar a imigração de chineses. Oh, e umas quantas leis eleitorais... para que é que os políticos mexem nos limites dos círculos eleitorais? Para terem mais votos, Ruby. Não faças perguntas retóricas. Pff! A lei que me está a preocupar é a do álcool, que dá aos distritos a possibilidade de adoptarem a lei seca... Malditos puritanos! Fica descansada, Ruby - disse ele dando-lhe o braço. - Kinross

não vai adoptar a lei seca, a cidade já é demasiado sóbria, com todos aqueles chineses abstémios. Os puritanos não vão conseguir votos suficientes para adoptar a lei seca porque os chineses não têm direito a voto

e os brancos da cidade gostam demasiado de beber. Bem, de qualquer maneira, eu tenho um hotel residencial, não tenho um bar. E posso sempre subornar o chefe da polícia, como em Hill End. Não vais precisar de o fazer, garanto-te. - O seu tom de voz mudou. - Não te surpreendas se eu ficar fora bastante tempo. A que é que chamas bastante tempo, Alexander? >Dois, três ou mesmo quatro anos. Santo Deus! Quando regressares a casa já a coisa **terá** crescido novamente... Serei virgem pela quarta vez. Tratar-te-ei como se o fosses, minha querida. Quer isso dizer que estarás lá para instalar Lee em Cambridge?

O TOQUE DE MÍDAS 215 Sim. Talvez as Empresas Apocalipse possam financiar
uma cátedra
ou construir um laboratório de pesquisas. O Lee tem muita sorte, rezo para
que ele o saiba - disse a mãe. Oh, eu acho que ele sabe - retorquiu Alexander
sorrindo.

Apesar de a partida do marido no fim do ano de 1879 ter constituído um choque, Elizabeth não ficou triste ao vê-lo partir. Foi Nell quem ficou inconsolável; o pai começara a levá-la com ele às oficinas, à instalação de tratamento do minério e até mesmo ao fundo da mina desde que ela fizera três anos no último Dia de Ano Novo. Que faria ela, fechada em casa dias após dia?

A solução de Alexander foi contratar, em vez de uma preceptora, um tutor que a ensinasse a ler e a escrever, a iniciasse no Latim, Grego, Francês e Italiano e lhe ocupasse a mente inquieta e sempre curiosa. O tutor era um jovem tímido, chamado William Stephens, que Alexander instalou numa sala espaçosa no terceiro andar da Casa Kinross. Sung enviou três rapazes chineses brilhantes, o Reverendo Peter Wilkins enviou o filho, Donny, que era muito esperto, e Alexander conseguiu arranjar três raparigas brancas cujos pais deram autorização para que frequentassem a escola na montanha até fazerem dez anos. Nell era a mais nova; os três rapazes chineses, Donny Wilkins e as raparigas tinham todos cinco anos e ela ainda não tinha feito quatro.

Passados vários dias de choros e birras, Nell mostrou como era parecida com o pai, endireitando os ombros e aceitando a sua sorte. Um dia teria idade suficiente para ir com o papá; até lá, a única forma como poderia manter o seu lugar no coração dele era ser muito bem sucedida na sala de aulas.

Meia dúzia de governantas tinham ido e vindo até à chegada de Mrs. Gertrude Surtees, que se adaptou à família como uma luva feita por medida. Era uma viúva com cinquenta e cinco anos cujos filhos já eram crescidos e casados e que dirigia uma pensão manhosa em Blayney, onde Constance Dewy a tinha encontrado. Mrs. Surtees ela alegre, imperturbável, não admitia disparates a Nell nem a Chang, o cozinheiro, geria habilmente e com bondade os restantes criados chineses e conseguiu
mesmo
cair nas boas graças de Jim Summers. Esse facto tornou-se ainda mais importante depois de Alexander ter anunciado que se iria ausentar, pois daquela vez Summers não o acompanharia; Maggie Summers sofria de uma doença misteriosa que o marido recusava discutir.

Se bem que o poder executivo não ficasse nas mãos de Summers durante a ausência de Alexander. Sung despiu as vestes de seda bordada e encarregou-se da direcção da mina e de todos os outros assuntos da Apocalipse: carvão, ferro e tijolos em Lithgow; ferro num local não muito distante de Lithgow, em Rylstone; várias herdades produtoras de trigo em torno de Wellington; uma mina de estanho em North Queensland; uma fábrica de máquinas a vapor em Sydney e uma nova mina de bauxite. Entre outras coisas.

Como que reagindo ao desassossego de Alexander com um desassossego próprio, Elizabeth decidiu dismantelar a Casa Kinross enquanto ele estivesse fora e decorá-la com as cores, tecidos e mobílias de que *ela* gostava. Alexander dissera-lhe que podia dar largas à imaginação com duas condições: a primeira era que não tocasse em nada na sua biblioteca, e a segunda, que não enchesse tudo de azul, de forma a provocar uma crise emocional. Ele adora o encarnado, sabias? - disse Ruby. Bem, eu não - retorquiu Elizabeth que nunca se recompusera da descoberta de que o vermelho era a cor das prostitutas. Parecia sonhadora. - Alguns dos quartos serão cor-de-damasco e outros azul-alfazema, outros cor-de-ameixa e amarelos e um ou dois cor-de-vinho e azul-cobalto com um toque de branco. Moderno, mas bonito - admitiu Ruby.

Dado tanto Ruby como Constance adorarem fazer compras, as três mulheres reuniam Anna, Jade, Pearl, Silken Flower e Peach Blossom e, periodicamente, desciam sobre Sydney para escolher tecidos e soltar exclamações perante o papel de parede, para já não mencionar darem com os vendedores de móveis em doidos quando não estavam a tirar medidas para vestidos ou a provar sapatos ou chapéus. Nell era deixada em casa, sem se importar nada com isso, entregue aos cuidados de Butterfly Wing, de Mrs. Surtees e de William Stephens.

Todos os médicos com fama de serem versados nas doenças das crianças com atrasos mentais tinham visto Anna, mas o veredicto fora sempre o mesmo: a esperança numa recuperação não devia ser alimentada, pois as crianças que não conseguiam andar e falar aos dois anos de idade estavam condenadas ao atraso mental para toda a vida.

No entanto, a menina fazia progressos: aos quinze meses já conseguia segurar a cabeça e focar o olhar em qualquer pessoa que tentasse

captar a sua atenção. A sua beleza tornou-se mais notória quando começou a conseguir focar os olhos, grandes e bem abertos como os da mãe, de um azul-claro acinzentado com pestanas absurdamente negras e longas.

Aos dois anos já conseguia manter-se sentada sozinha na cadeirinha e alimentar-se: um processo muito sujo que Jade encarava como um triunfo e que dava vômitos a Elizabeth. A ligação de Anna a Jade era total, embora tivesse começado a reconhecer Elizabeth pouco tempo depois de se ter começado a sentar na cadeirinha. Não falava nem falaria. Nell pertencia, aos olhos de Anna, a uma categoria especial e saudava-a num frenesim de gritos que pareciam ser de alegria.

Jade persistia com suavidade e firmeza, guiada pelos conselhos de Hung Chee, da ervanána chinesa: a sua sabedoria oriental parecia ser de maior utilidade para Anna do que as poções e panaceias receitas pelos médicos de Sydney, pois Hung Chee aconselhava exercício, paciência, dieta e ensino repetitivo. Tinha também espetado a menina com agulhas muito finas e flexíveis que lhe enfiara na pele para a ajudar a segurar a cabeça. Elizabeth duvidara da eficácia de tais práticas mas não as proibira, pelo que quando Anna conseguiu segurar a cabeça e Hung Chee quis iniciar uma nova série de tratamentos para a ajudar a andar, Elizabeth deu-lhe a sua permissão. Por mais estranho que pareça, Anna gostava que lhe espetasse aquelas agulhas, provavelmente porque adorava Hung Chee.

Oh, o deleite quando Anna aprendeu a sentar-se no bacio! É verdade que foram necessários seis meses para que ela associasse aquele acto à defecação, mas acabou por o fazer... na maior parte das vezes. Pouco depois da partida de Alexander, no fim de 1879, tinha Anna quase três anos, começou a tentar dizer algumas palavras. Mamã, Jade e Nell constituíam todo o seu vocabulário, mas usava as palavras a propósito. A palavra seguinte, aprendida quando tinha três anos e meio foi dolly, a criatura esfarrapada, suja e amada que dormia com ela e que ela insistia em manter junto a si em todas as circunstâncias, desde sessões com as agulhas, às refeições ou quando se sentava na cadeirinha. A Dolly tinha de ser lavada pelo menos uma vez por semana, mas quando Elizabeth a tentou substituir por uma nova, Anna ia deitando a casa abaixo com gritos até lhe devolverem a antiga.

- Isso é bom - comentou Ruby. - A Anna sabe fazer a distinção.

Dolly, boneca, em Inglês. (N. da T.)

- A Mrs. Surtees sugeriu que eu pedisse ao Wing Ah, o alfaiate chinês, para copiar a boneca da Anna com todos os pormenores, incluindo os tecidos debotados e todas as nódoas que não saem. Assim, quando a boneca se desfizer, como é inevitável, poderemos substituí-la discretamente pela boneca nova.

Elizabeth continuava a ter tempo para montar *Crystal* e ir até ao Lago duas vezes por semana, e era o que a mantinha a funcionar. Como a égua não gostava de caminhar na água contra a corrente, Elizabeth pegou numa catana e abriu um caminho através da floresta, apesar da sua existência a fazer temer que Alexander descobrisse o seu local secreto quando regressasse a casa. No entanto, isso só poderia acontecer no futuro; Alexander, que já partira havia dezoito meses, não estava com pressa de regressar a Kinross, como era evidente nas suas cartas.

As que escrevia à mulher eram curtas e a linguagem era quase brusca, enquanto que as que escrevia a Ruby eram mais longas e mais recheadas de novidades. Vinham cheias de Lee, que fez dezassete anos em 1881.

Fizeste bem em mandá-lo para fora, Ruby», dizia uma das cartas, «embora eu suspeite que ele teve saudades tremendas da sua mamã. Tudo o que lhe possa contar de ti ele bebe como uma esponja e as fotografias que lhe dei ocupam o lugar de honra no seu quarto. Sendo agora um dos alunos mais velhos, tem um quarto e uma sala de estudo só para ele, com os dois príncipes persas um de cada lado. O Inglês dele é bonito, muito aristocrático, e a sua atitude é distinta de uma forma totalmente destituída de arrogância. Envio-te uma fotografia dele com o novo uniforme da escola; ele sentiu relutância em deixar-se retratar, pois parece ter absorvido algurrfas das superstições dos colegas e parece temer que a máquina lhe roube a alma. Felizmente que é suficientemente engenheiro para acreditar *mesmo* nisso, daí que tenha tirado a fotografia.

Já mede mais de um metro e oitenta e ainda tem muito para crescer, segundo diz o professor responsável pelo seu colégio... atrevo-me a dizer que o sujeito tem muita experiência com rapazes e jovens e sabe do que está a falar, por isso podes esperar um gigante quando o voltares a ver. Com o fato do remo vê-se que tem um físico magnífico que não se desfaz abaixo da coxa, como acontece com as pernas dos homens brancos. Os músculos da barriga da perna são puramente chineses, maciços. O resultado é que ele é campeão de velocidade e um remador soberbo. O críquete transformou-se numa paixão lança as bolas com a mesma eficiência

com que as defende. Tem esperança de fazer parte da equipa de remo de Cambridge quando para lá for e de, pelo menos, representar a equipa de críquete da sua faculdade. Esta será, provavelmente, Caius, pois não levanta problemas à admissão de estrangeiros. Por tudo isto, já terás certamente deduzido que ele está ansioso por ir para a Universidade, em Outubro do próximo ano. Ando a meter o nariz nos Poderes Instituídos de Cambridge, para ver o que posso fazer para lhe facilitar a vida, pois ele não é, apesar do sotaque, um cavalheiro *inglês*. Os dois rapazes persas também escolheram Cambridge; dependem bastante do Lee, tal como vários outros estudantes da Proctor. O teu filho tem uma qualidade que eu apelido de força resoluta.

Ruby recebeu a carta das mãos de Elizabeth e deu-lhe a fotografia, irradiando orgulho. - O Lee, finalmente - disse.

A foto mostrava Lee sentado numa cadeira com as pernas cruzadas no tornozelo; Elizabeth estudou-a intensamente, tentando não se deixar influenciar pelo óbvio orgulho de Ruby nem pela tendência algo surpreendente de Alexander para o lirismo. Nunca, teve de admitir, vira um jovem tão belo nem tão exótico. Nem mesmo Sung, com quem Lee se parecia, tinha umas feições tão belas. Mas também se notava a presença de Ruby: Lee encarava a objectiva com um ligeiro sorriso que sugeria as covinhas nas faces de Ruby e os olhos, ocidentais, eram de cor clara. Mas, mais importante, denotavam grande inteligência. É notável - disse devolvendo o retrato. - Os olhos dele são verdes como os teus? Não são de um verde igual, mas são tão verdes como os meus.

Nota-se? Oh, sim. Tem o cabelo penteado para trás como se estivesse carregado de brilhantina... Deve precisar de pôr protecções nas cadeiras de espaldar alto. Não, não é brilhantina. Ele usa trança. Trança? Sim. Por vontade do Sung.

- Já se passaram oito anos e só faltam quatro para o veres novamente.

«Só faltam quatro anos, pensou Ruby enquanto entrava no elevador para regressar a Kinross. «Uma eternidade a somar à eternidade que já passou. Não ouvi a sua voz a mudar, nem vi os primeiro pêlos de barba no seu queixo, nem experimentei aquele momento devastador em que o filho exclui subitamente a mãe da visão da sua virilidade. Cada carta que

ele me escreveu está atada com uma fita cor de jade e guardada numa caixa de jade, sei cada uma das palavras de todas elas de cor e, no entanto, quando ele regressar para junto de mim será quase um estranho. Como poderia dizer a Elizabeth que quase não o reconheci na fotografia? Que chorei durante horas, lamentando a minha perda e a perda dele? O meu único consolo é que os olhos do retrato estão firmes, tranquilos, sem dor nem inseguranças. Bem, depois de ele ter ultrapassado o horrível sofrimento da separação, a vida na Proctor deve ter sido fascinante e compensadora. Não posso pedir mais do que isso, a não ser esperar que quando ele escolher uma companheira o faça pelas razões certas. O Alexander anseia por que seja a sua Nell, apesar de eu não ter a certeza de que ela se vá tornar o tipo de mulher que ele achará atraente. Mesmo só com cinco anos já é enérgica e sensata, uma alma muito independente. Bem, a Elizabeth tem de dedicar o seu tempo à Anna, o que faz com que a Nell tenha de se desenvolver sozinha. Ela é tão parecida com o Alexander e, apesar de o Lee adorar o Alexander, tenho dificuldade em imaginá-lo a adorar a Nell. Contudo, essas são questões para o futuro. Faltam quatro anos para que eu descubra realmente o tipo de homem que o meu filho é. Quando o Lee regressar terá vinte e um anos e será senhor de si próprio. O meu bebé será maior de idade e eu passarei a sua quota das Empresas Apocalipse para o seu nome. Fará parte do conselho de administração, sendo um estranho para mim.

Talvez por aquelas reflexões serem dolorosas, Ruby voltou a sua atenção para Kinross. Como mudara! A fealdade desaparecera, substituída por estradas de macadame, com bermas e valetas, ruas ladeadas de árvores e uns quantos belos edifícios de tijolo entre os quais o Hotel Kinross e a Igreja de St. Andrew. De um dos lados de Kinross Square, agora verde e ajardinada, erguia-se uma nova estrutura: o amado teatro e sala de ópera de Alexander. Por que haveria Gulgong de ter a única sala de ópera, por que haveria Bathurst de ter três teatros e Kinross não ter nenhum? Todas as casas eram de madeira, tendo o último edifício de adobe sido demolido quando a escola fora transferida para um edifício de alvenaria muito maior e mais imponente. Até o hospital era respeitável. E o rio corria entre margens cimentadas, com bancos de jardim, árvores e candeeiros ornamentais a gás apesar de a sua água, infelizmente, continuar tão suja como sempre.

Entre a cidade e o sopé da montanha estava instalada uma indústria, com caminhos-de-ferro, máquinas, motores, refinaria, dúzias de armazéns

de chapa ondulada e chaminés fumegantes. O ouro continuava a ser extraído na mesma quantidade, mas às estruturas de apoio à extracção tinham-se juntado um depósito de gás, o abrigo do dínamo e uma unidade de refrigeração. Kinross importava agora leite e carne fresca de Bathurst, bem como peixe e frutos de Sydney.

«O que teria feito uma colónia como esta sem pessoas como Alexander e Sam Mort, o rei do gelo? Em Inglaterra teriam provavelmente apodrecido, mas aqui, na Nova Gales do Sul, tinham metido ombros a um empreendimento tremendo e tinham prosperado. Pergunto-me o que o meu avô condenado, Richard Morgan, e a minha mãe condenada diriam se pudessem ver agora o local para onde foram enviados como castigo? E olhem para mim, Ruby Costevan: em tempos a querida de um velho; depois a dona de um bordel; agora directora de uma empresa. Os homens não o conseguem evitar. Quando põem as mãos nas coisas, mudam-nas para sempre. Especialmente Alexander Kinross e Samuel Mort. Era o que pensava Ruby, ao ir para casa, para o seu hotel fino.

O tempo corria, as suas facetas públicas muito desencorajadoras devido aos defeitos dos homens públicos. A parte da população de Kinross cuja ascendência era irlandesa ferveu de indignação quando o Primeiro-Ministro, Sir Henry Parkes, falando no Parlamento, informou os deputados de que a imigração de irlandeses deveria ser limitada para garantir que o ambiente apropriadamente britânico da colónia fosse preservado, juntamente com a predominância das denominações protestantes. Era seu desejo, disse, garantir o ensino e a influência da ética protestante, pelo que não poderiam ser concedidos favores aos irlandeses nem ao catolicismo que alterariam o *status quo*, já demasiadamente irlandês e católico.

Uma declaração estúpida que serviu apenas para agravar as fracturas já existentes entre os católicos irlandeses e os seus primos protestantes de outras partes das Ilhas Britânicas; também agravou a fractura entre a classe trabalhadora e as outras classes situadas mais acima na escala social, pois os irlandeses e católicos eram mais numerosos nas classes trabalhadoras. Ouviam-se resmungos sobre as hordas mongóis e tártaras, que nem sequer eram cristãs. Mas quando o preconceito e a intolerância provinham de pessoas tão consideradas como o Primeiro-Ministro, esse facto indicava simplesmente o quão disseminados estavam esses sentimentos retrógrados e como os homens públicos eram indiferentes à necessidade de

unir, em vez de dividir, o povo.

Em Janeiro de 1881, reuniu-se em Sydney uma conferência intercolonial para discutir as restrições a impor à imigração chinesa, que imiteu um relatório ao Governo Britânico reivindicando o direito de as colónias australianas não aderirem à política britânica relativamente à China, política essa que era conciliadora. Protestava também contra a decisão do Governo da Austrália Ocidental de auxiliar os chineses imigrantes que estivessem dispostos a trabalhar nas terras ou como criados domésticos.

Sung juntou-se a outros chineses, homens de negócios proeminentes, para apresentar o ponto de vista chinês, tendo chamado a atenção da conferência colonial para o facto de ser disparatado antagonizar um país com tantos milhões de habitantes e que ficava tão próximo de uma terra tão escassamente habitada:

«... Se substituírem a violência arbitrária, o ódio e a inveja por justiça, legalidade e direitos, poderá ser que consigam fazer valer o vosso ponto de vista; pode muito bem ser que uma grande injustiça seja conseguida através do emprego da força bruta e do peso da superioridade dos números: mas a vossa reputação entre as nações da Terra ficará irremediavelmente ferida e conspurcada e a bandeira de que justificadamente tanto se orgulham, não mais será o estandarte da liberdade e da esperança dos oprimidos, mas ficará associada às acções da falsidade e da traição.

De facto, aquela nova década na qual Alexander depositava tantas esperanças tinha-se iniciado num ambiente de amargura e ressentimento entre muitos dos diferentes grupos da comunidade australiana. As mulheres começaram a protestar por serem injustamente tratadas no que respeitava à educação e fizeram-no de forma tão veemente que a Universidade de Sydney decidiu abrir todas as suas faculdades às mulheres - com excepção do curso de Medicina, evidentemente; a mera ideia de uma mulher com qualificações médicas para inspecionar, tocar e explorar o pénis e o escroto era horrenda.

Dado os habitantes de Kinross lerem os jornais (a que se tinham juntado o *Daily Telegraph* uma revista semanal de opinião, o *Bulletin*) todos aqueles acontecimentos e opiniões eram assimilados e discutidos, mas do ponto de vista de Ruby e dos proprietários de bares da cidade, aqueles malvados puritanos estavam a adquirir demasiado poder no parlamento; foi aprovada legislação que obrigava ao encerramento dos hotéis e bares às 11 da noite de segunda a sábado e ao domingo durante todo o dia. Como muitos dos seus confederados por todo o Estado, Ruby informou a Comissão das Bebidas Alcoólicas que, dado as licenças para a

venda de álcool emitidas ao abrigo da lei anterior, serem válidas até Junho de 1882, os horários antigos para vendas de bebidas alcoólicas manter-se-iam em vigor até Junho de 1882. Toma.

Para Elizabeth, o tempo era sobretudo uma questão de aniversários. A Nell fez seis anos no Dia de Ano Novo de 1882 e Anna fez cinco a 6 de Abril. Era como viver no meio de uma peça extraordinária inventada pelos dramaturgos cómicos, irreverentes e populares, do século xvm, só que não tinha graça nenhuma: Nell adquirira um vocabulário polissilábico e já conseguia compreender a trigonometria e a álgebra, enquanto que Anna ainda não aprendera a andar e continuava a dizer «Mamã, Jade, Nell e «Dolly. No entanto, Anna estava a preparar uma surpresa; no seu quinto aniversário gatinhou, rindo e soltando gritinhos, pelo chão do quarto das crianças até ao pé de Jade, que a encorajava.

Elizabeth cumpria o seu dever sem vacilar, mas tinha grande dificuldade em apreciar aquele dever. Era óbvio que a Jade não lhe custava nada e Elizabeth começou a sentir que algo de errado se passava consigo, que era a mãe da criança. Como é evidente, ela sabia que Anna era a corrente que a ligava a Alexander Kinross, como sua mulher, para toda a vida. Tinha-lhe ocorrido, durante as longas semanas passadas na cama antes do nascimento de Anna, que se poupasse a mesada muitíssimo generosa que Alexander lhe dava, poderia deixá-lo um dia e desaparecer na Escócia onde viveria num chalé como uma respeitável senhora solteira. As suas filhas, pensara, sobreviveriam muito bem sem ela; Nell já o fazia. Mas depois olhou para Anna com olhos de ver e reconheceu a forma do seu destino. Como poderia deixar aquela pobre e indefesa criatura que estava condenada a ser um fardo durante toda a sua vida? Não podia. Não podia, simplesmente. O que significava que amava Anna, por mais que detestasse cuidar dela.

Oh, a inutilidade de ficar acorçada numa cadeira de brincar, para ficar à altura de Anna, repetindo as mesmas palavras infindavelmente, palavras como chichi e coco e que bom! Às vezes sentia que enlouqueceria devido à total futilidade de tudo aquilo. No entanto, o fabuloso pragmatismo de Ruby incluía crianças atrasadas mentais com a mesma facilidade com que encarava as idiotices monumentais dos homens. Ruby não se incomodava nada quando Anna lhe babava o vestido caro, ou lhe vomitava em cima, ou a sujava de fezes num êxtase de felicidade. Já quando Anna lhe fazia esse tipo de coisa, Elizabeth tinha de correr para fora

do quarto, lutando contra a náusea e um nojo profundo. E, sendo Elizabeth como era, dizia a si própria que lhe faltava a mais elementar decência e humanidade, que o seu estômago revoltado e a imensa sensação de nojo eram a prova de que talvez amasse Anna, mas que esse amor não era o suficiente para aplacar os horrores de cuidar de uma criança atrasada mental.

O Alexander uma vez disse que eu era muito boa, mas não sou, castigava-se ela a si própria. «Sou a pior de todas as mulheres, uma mãe desnaturada. As mães devem ser capazes de lidar com estas coisas, no entanto eu sou incapaz de lidar com qualquer uma das minhas filhas. Enquanto que a Anna é um pedaço de massa informe gatinhante, a Nell é um ser assustadoramente superior com quem não sinto absolutamente nenhuma empatia. Dêem uma boneca a Nell e ela faz-lhe uma operação: pega numa faca afiada e abre-a ao meio, retira o enchimento fazendo comentários apropriados sobre o estado das suas entranhas. Depois desaparece e vai modelar órgãos adequadamente pintados que copia daquele horroroso atlas de anatomia de que o Alexander se recusa desfazer-se por as ilustrações serem da autoria de Albrecht Diirer, seja lá ele quem for. E se não estiver a fazer isso, então sai da cama a meio da noite e sobe para a parte plana do telhado com o telescópio que o Alexander lhe ofereceu, olhando para a Lua ou delirando com os anéis de não sei o quê. Pari um Alexander em miniatura e uma couve, e não consigo encontrar dentro de mim carinho por nenhuma delas. Só as amo porque as trouxe na barriga e elas fazem parte de mim.

«A Anna, quem sabe o que ela pensa, se é que consegue pensar... a Jade jura que sim. No entanto, à sua maneira, a Nell é tão monstruosa como a Anna: imperiosa, irrequieta, arrogante, determinada, insaciável mente curiosa, destemida. Apesar de ter os olhos azuis e não pretos, quando a Nell olha para mim por baixo daquelas sobrelhas pontiagudas, é o Alexander que vejo a olhar para mim. Seis anos e já considera

a mãe apenas ligeiramente mais inteligente do que a Anna. Detesta que a mimem, detesta ser beijada, e despreza as actividades femininas. A caixa das minhas roupas velhas que lhe dei no último aniversário para ela se mascarar continua por abrir - oh, o olhar mordaz que me lançou, quando qualquer outra rapariguinha da sua idade teria achado aquela caixa uma arca do tesouro! Como se dissesse: Mamã, por quem me tomas, por

uma idiota como a Anna?

«Posso amar ambas as minhas filhas, mas não consigo gostar de uma delas por ter uma mente gigantesca e não consigo gostar da outra por os seus hábitos me enojarem.

«Oh, santo Deus, diz-me o que fiz errado? Que se passa comigo?

Quando falou a Ruby naquele assunto, esta resmungou zombeteiramente.

- Francamente, Elizabeth, és demasiado dura contigo própria! Há pessoas como eu que têm um estômago forte e não se importam com a sujidade e a porcaria, provavelmente por terem, como eu, crescido no meio da sujidade e da porcaria. Tu cresceste numa daquelas imaculadas casas escocesas, imagino, com tudo varrido e lavado e o pó limpo. Não havia por lá ninguém a vomitar da bebedeira, ou a borrar-se todo por estar em coma alcoólico, ou a esquecer-se de lavar os pratos até estes estarem cobertos de bolor, ou a esquecer-se do lixo dentro de casa até este apodrecer... Meu Deus, Elizabeth, eu cresci numa pocilga! E se o teu estômago é fraco, é fraco. Não podes controlar isso, gatinha, por mais que tentes. Quanto à Nell, concordo contigo... ela é uma espécie de monstro. Nunca vai ser o tipo de pessoa de quem os outros gostem à primeira vista, é mais provável que afaste as outras pessoas. Tu sofres por teres tido pouca instrução e o Alexander fez com que o sentisses. Eu também não tenho instrução, mas não era uma rapariga imatura" de dezasseis anos quando o conheci. Alegra-te e pára de te autoflagelares. Amar as tuas filhas é mais importante do que gostar delas.

«Precisamos de chuva, pensou Elizabeth numa manhã de 1882, quando montou *Crystal* para fazer os seis quilómetros que separavam a casa do Lago. «O Lago é o que me mantém a sanidade. Sem ele, já estaria fechada, a balbuciar num sítio onde me dominariam à manguairada. Mesmo assim, se assim fosse, eu não daria por nada e isso é um tipo de paz. *Auto-comiseração, Elizabeth!* O pior de todos os crimes, pois conduz à ilusão, a insultos imaginários, e à perda de contacto com os sentimentos dos outros. O que quer que sejas, o que quer que suportes, foste tu quem o provocaste. Poderias ter dito não ao pai - que poderia ele ter feito, excepto dar-te uma sova e mandar-te falar com o Dr. Murray? Podias ter dito não ao Alexander - que poderia ele ter feito, a não ser devolver-te a casa em desgraça? A Ruby tem razão, penso demasiado em mim e nos meus defeitos. Em vez disso, tenho de pensar no Lago. Lá consigo esquecer.

Levou a égua pelo caminho, já tão usado que qualquer um o poderia ter seguido caso o tivesse desejado ou tal lhe fosse permitido. No entanto, a ideia de que alguém, que não ela própria, pudesse invadir O Lago nunca lhe ocorrera nem uma única vez.

Até que, a cerca de cem metros do Lago, Elizabeth ouviu uma gargalhada masculina, descontraída, alegre. A sua reacção não foi de medo, mas não continuou em frente. Em vez disso, desmontou *Crystal* e atou o animal a um ramo de árvore, fez uma festa na sua cabeça branca e brilhante e avançou silenciosamente. Estava furiosa: como se atrevia o sujeito a invadir a propriedade dos Kinross? Não sentia medo mas, ainda assim, foi prudente. A prudência ditava-lhe que, em primeiro lugar se certificasse da identidade do intruso. Se, por exemplo, um grupo de salteadores do mato tivesse descoberto o local, ela voltaria para trás sem ser vista e cavalgaria de regresso a casa onde usaria o brinquedo novo que o Alexander instalara antes de partir: um telefone ligado à esquadra de Kinross e à casa dos Summers. Não servia para ligar para mais sítio nenhum, mas a capacidade que lhe dava de pedir ajuda era instantânea. A outra possibilidade era tratar-se de um grupo de nativos, mas eles raramente se aproximavam das populações de brancos naquela região, se é que o faziam sequer, e tinham medo da mina; havia tantos quilómetros quadrados de floresta desabitada que aquele povo, longe de ser numeroso, preferia salvaguardar a sua identidade tribal evitando a corrupção dos homens brancos.

Não havia cavalos presos nas proximidades, nem sinal de bandidos ou de nativos. Um homem apenas, de costas para ela em cima de uma rocha que parecia uma omoplata partida sobranceira ao Lago. Susteve a respiração, abrandou e parou. Ele estava nu, com a luz banhando a pele dourada e uma longa cabeleira negra e lisa caindo-lhe pelas costas até muito abaixo da cintura. *Um chinês?* Depois ele virou-se na sua direcção, ergueu as mãos a cima da cabeça e mergulhou num movimento rápido, desaparecendo quase sem provocar qualquer alteração na superfície da água. A atenção dela estava focada no seu rosto quando ele emergiu e reconheceu-o como se fosse o reflexo do seu próprio rosto num espelho. Lee Costevan! Lee Costevan estava em casa. Faltou-lhe a força nas pernas e caiu desamparada no solo, apercebendo-se de seguida que, quando viesse à tona para respirar, ele a veria. Oh, que confronto! Que embaraço para ambos! Que poderia ela *dizer*? Desajeitadamente, enfiou-se debaixo da vegetação mesmo a tempo.

O seu prazer privado era quase doloroso de testemunhar quando se projectou para fora da água num salto tão alto e poderoso como o dos peixes que habitavam as águas; depois, atirando para trás o cabelo ensopado, saiu da água içando-se sem esforço para cima de uma rocha, e ficou a olhar em volta, em transe, deitando-se depois a apanhar banhos de sol. Elizabeth ficou onde estava, imóvel como um lagarto, até ele decidir voltar para dentro do Lago. E ela afastou-se, rastejando.

Cavalgou de regresso a casa... como o fez não sabia. Os seus olhos, a sua mente, a própria alma estavam possuídos pela memória daquele corpo maravilhoso e belo que não tinha qualquer defeito, os músculos líquidos sob a pele macia, o rosto arrebatado, imobilizado num prazer perfeito. Toda a sua vida desejara a liberdade, mas nunca a encontrara personificada num ser humano até agora e era inesquecível. Uma revelação.

Lee Costevan tinha regressado.

UM NOVO TIPO DE DOR

RUBY APARECEU NÃO MUITO DEPOIS de Elizabeth ter acabado de tomar banho e trocado de vestido. O Lee voltou! - gritou ela, o rosto transfigurado. - Oh, Elizabeth, o Lee voltou! Eu não estava à espera, não fazia ideia! Que maravilhoso - disse Elizabeth automaticamente, pronunciando as palavras como se tivesse a boca cheia de lã. - Traga chá, Mrs. Surtees.

Conduziu a esfuziante e exaltada Ruby para a estufa e persuadiu-a a sentar-se numa cadeira durante mais de um segundo, conseguindo sorrir com mais facilidade. - Ruby, querida, acalma-te. Quero saber tudo imediatamente, mas tu não estás em estado de falar. Ele apareceu de repente no comboio de ontem à noite, vindo de Lithgow, sem mais nem menos... Eu estava a pensar por que é que o comboio estaria tão atrasado, mas é evidente que esperou por ele, que vinha no comboio lento de Sydney. Eu estava no salão com o bispo da Igreja de Inglaterra e com a mulher dele... ele está de visita à paróquia - tagarelou Ruby. Sei quem ele é. Vem cá jantar hoje à noite, não te recordas? Agora

também podes vir com o Lee. E entrou o Lee! Oh, Elizabeth, o meu gatinho de jade está um homem! Tão *lindo* Tão alto! E devias ouvi-lo falar... vogais tão arredondadas como as do mais fino dos finos de Londres! - Secou as lágrimas e sorriu, extasiada. - O Bispo Kestwick caiu literalmente para o lado

quando ouviu o Lee falar e, quando se apercebeu de que ele era meu filho... Oh, subi imenso na sua consideração! Não sabia que tinhas essa ambição - disse Elizabeth tentando fazer com que o coração não batesse tão depressa.

o TOQUE 229 Bem, e não tenho, e o velhote está muito confuso no que respeita ao meu lugar no esquema das coisas em Kinross, mas tem juízo suficiente para não me tratar como a uma mulher da vida fazendo eu parte do conselho de administração da Apocalypse e sendo uma potencial benemerita da igreja. Seja como for, assim que pôs os olhos no Lee, decidi imediatamente que eu tinha sido muito injustiçada... O meu filho tinha frequentado, nada mais nada menos, que a Proctor. Oh, Elizabeth, estou tão feliz! Até um cego veria isso, querida Ruby. - Elizabeth humedeceu os lábios. - Isso quer dizer que o Alexander vai voltar para casa? Está em Sydney e chega mais tarde?

Alguma da animação de Ruby desapareceu quando viu a expressão nos olhos de Elizabeth, a forma como o seu rosto adoptara a antiga máscara. - Não, fofinha, o Alexander ficou em Inglaterra. Mandou o Lee para casa durante as férias de Verão inglesas porque o Alexander é assim: na carta que enviou diz que não conseguia imaginar que eu ainda estaria três ou mais anos sem pôr os olhos no meu gatinho de jade. O Lee fica cá até ao fim de Julho e depois embarca novamente.

Chegou o chá; Elizabeth serviu-o. - Então que estás aqui a fazer, Ruby? Por que não estás a aproveitar todos os momentos com Lee? Oh, o Lee vem aqui ter connosco - declarou Ruby que não parecia ter mais de vinte e cinco anos, resplandecente de juventude. - Não pensavas que eu ia esperar até à hora do jantar para te apresentar o meu filho,

pois não? Ele foi explorar Kinross e prometeu-me que aparecia à hora do chá. - Fez uma careta brincalhona. - O malvado! Está atrasado. Fazemos mais chá quando ele chegar.

O que aconteceu meia hora mais tarde, altura em que Elizabeth já tinha recuperado a compostura. Algo surpreendida, descobriu que tinha sentido alguma pena quando Ruby lhe dissera que o Alexander não ia regressar casa; pelo menos a Nell teria ficado delirante ao vê-lo. No entanto, percebia a razão de Ruby não estar muito perturbada; seria complicado conciliar um filho e um amante que eram os melhores amigos e manter Lee na ignorância do que Alexander significava para ela.

Lee entrou na estufa com o cabelo entrançado, umas calças de ganga velhas mas limpas e uma camisa de algodão com o colarinho aberto e as mangas arregaçadas. Não se apercebendo de que adoptara imediatamente uma expressão fria e distante, Elizabeth levantou-se e estendeu a mão ao rapaz com um sorriso formal nos lábios e um olhar inexpressivo. Ruby tinha razão, ele era bonito, lindo mesmo; dava ares ao Sung mas também

à mãe, eram de Sung as feições bem delineadas e o ar aristocrático e da mãe a graciosidade dos movimentos e o encanto espontâneo. Mas os olhos eram só seus, as íris de um verde claro rodeadas por círculos de um verde mais escuro que lhe davam um olhar penetrante. Sim, olhos claros, pestanas escuras e uma pele cor de bronze eram desconcertantes, de um fascínio incongruente.

- Como está, Lee? - cumprimentou Elizabeth numa voz inexpressiva.

O seu deleite com o dia esmoreceu, inclinou a cabeça ligeiramente para um dos lados e olhou-a com algum espanto. Estou muito bem, Mrs. Kinross - disse apertando-lhe a mão frouxa.

- E a senhora? Bem, obrigada. Por favor, chame-me Elizabeth. Queira sentar-se.

A Mrs. Surtees traz já mais chá.

Ele sentou-se de forma a poder olhar para as duas mulheres e deixou à mãe as despesas da conversa. Então aquela era a mulher de Alexander, de quem este raramente falava. Não era para admirar, pensou Lee. Não era uma mulher calorosa nem feminina, apesar de a atitude glacial lhe ficar bem. Era a mulher mais bela que alguma vez vira, com aquela pele branca como leite, os cabelos pretos e olhos azuis muito escuros. Uma boca exuberante disciplinada numa firmeza estranha aos seus contornos naturais, um pescoço longo e elegante e mãos adoráveis em cujos dedos anelares os anéis enormes pareciam deslocados. Elizabeth Kinross não era uma pessoa espalhafatosa mas, como era evidente, devia ter sido Alexander quem lhe dera os anéis e ele era, definitivamente, uma pessoa espalhafatosa. Quem me dera que ele tivesse vindo comigo, pensou Lee. «Tenho saudades dele e suspeito que, devido à sua ausência, estou a passar ao lado da essência de Kinross. A mulher dele não me quer aqui. Como está Alexander? - perguntou ela quando conseguiu falar. Ótimo - respondeu Lee com um sorriso que revelava covinhas nas faces iguais às de Ruby. - Foi passar o Verão com os irmãos Siemens, na Alemanha.

A ver máquinas e motores.

- Sim. Sabe se ele foi a Kinross, na Escócia?

Lee pareceu surpreendido e abriu a boca para dizer que, certamente, Alexander lhe escrevia a contar esse género de coisas, mas depois fechou a boca; quando respondeu à pergunta fê-lo de forma directa: - Não, Elizabeth, não foi.

O TOQUE DE MIDAS 231 Já imaginava. Passou muito tempo com ele? Todos os momentos que a Proctor me permitiu. Então gosta dele. Ele é mais um pai para mim do que Sung, embora não o diga com amargura nem queira fazer nenhuma crítica. Amo e respeito o meu pai de sangue, mas não sou chinês - disse Lee rigidamente.

Ruby olhava para um e para outro com desalento - não era assim que tinha imaginado o encontro do seu muito amado filho com a sua mais prezada amiga! Não estavam a ter empatia... pior, Elizabeth irradiava desagrado. O gelo regressara em todo o seu esplendor. Elizabeth, não me faças isto! Não rejeites o meu gatinho de jade! Pôs-se de pé com um salto e pôs o chapéu. Ai, já é muito tarde. Levanta-te Lee, antes que comas as sanduíches todas que estão na travessa. O Bispo Kestwick vem cá jantar esta noite, regressaremos portanto com o casal episcopal às sete e meia. Terei muito prazer nisso - disse Elizabeth numa voz inexpressiva.

Que achaste da mulher do Alexander? - perguntou Ruby ao filho quando iam a descer no elevador para Kinross.

Lee não respondeu imediatamente e depois virou a cabeça para olhar a mãe nos olhos. - O Alexander nunca me falou dela, mamã, mas conhecê-la fez-me perceber a razão de continuares a ser amante dele.

Ela ficou sem respiração. - Então sabes disso. Ele não fez segredo disso, pois sabia que mais cedo ou mais tarde eu iria descobrir. Foi o que ele disse quando me contou. Tivemos uma longa conversa a teu respeito e eu adorei-o por isso. Ele falou de ti com tanto afecto, disse que eras a luz da sua vida. Mas não mencionou Elizabeth nem me explicou o *porquê* de continuar contigo, a não ser que não

conseguia viver sem ti. Nem eu sem ele. Depreendo que não reprovos? Claro que não, mamã. - Sorriu para a cidade que se aproximava.

- O problema é teu e dele, não é meu e não me afecta, pois não? A não ser pelo facto de ficar imensamente satisfeito por a minha mãe e o pai que escolhi estarem apaixonados. Obrigada, meu gatinho de jade - disse ela numa voz rouca, apertando-lhe a mão. - És tão parecido com o pai que escolheste... ambos têm um enorme sentido prático e isso, por sua vez, dá-vos a distância necessária para aceitar as coisas que não podem ser mudadas.

Saíram do elevador e passaram por entre os enormes barracões de chapa ondulada, onde tinham lugar as actividades da Apocalipse, saindo para as ruas de Kinross. Já exploraste a instalação de transformação do minério, a fábrica de gás, as retortas e o resto, esta tarde? - perguntou ela quando chegaram ao relvado de Kinross Square. Não, fui para o mato, mamã. A Europa está cheia de fábricas, mas não tem mato. Era o que eu queria fazer em primeiro lugar: ver os nossos animais a correr na natureza, sentir o cheiro dos eucaliptos, ver pássaros que têm na plumagem todas as cores do arco-íris. Os pássaros da Europa são bastante deprimentes, se bem que o rouxinol tenha uma bela voz. E não encontraste a Elizabeth? Não. Deveria? Não verdadeiramente, só que hoje é o dia de ela montar a cavalo e vai sempre para o mato. Dia de montar? Nalguns dias da semana ela substitui a Jade no quarto das crianças e fica a cuidar da Anna. Suponho que saibas da Anna? Oh, sim.

Entraram no átrio do hotel. - De certeza que vais conhecer a Nell esta noite... Elizabeth deixa-a ficar acordada até à chegada dos convidados para o jantar. - Ruby sorriu ironicamente. - Suponho que é a forma que tem de mostrar que uma das suas filhas é muito esperta, ainda que a outra seja atrasada. Pobre Elizabeth - disse ele. - Traje de cerimónia, mamã? Oh, sim. »O Sung vai lá estar? Sinto-me um tanto culpado por ter ido para o mato em vez de lhe ir apresentar cumprimentos naquela espantosa cidade de pagodes no topo da colina. Poderás fazê-lo amanhã, Lee. A sua cidade de pagodes é espantosa, não é? Mas o Sung não irá esta noite à Casa Kinross... é um chinoca pagão. Os convidados estão todos relacionados com a Igreja de Inglaterra de Kinross. - Deu uma risadinha. - Com excepção dos Costevan!

Não somos chineses, mas somos definitivamente pagãos. Pagãos muito ricos! - ouviu-se a voz do rapaz enquanto este desaparecia nelo corredor na direcção do quarto.

«Não te estragaste, Lee, apesar de todos os anos que estiveste longe, pensou Ruby imaginando que o seu perfume ainda pairava no ar. «Ele deixou-me espantada, pensou; não sabia que estava tão grande nem que resultaria numa tão estranha mistura de mim e de Sung. Lee, meu Lee!

Depois de ir ao quarto das crianças, Elizabeth foi para os seus aposentos e ficou sentada a olhar pela janela. Mas não via a paisagem de floresta e montanha: via mentalmente Lee Costevan no Lago, uma imagem de beleza, masculinidade e liberdade pura. «Vou ao Lago há anos; no entanto, nunca me ocorreu sequer tirar a roupa e brincar no meio dos peixes, tornar-me eu própria um peixe. O Lago não é todo fundo, podia ter ficado no lado mais baixo. Podia ter conhecido o que ele conheceu hoje. Oh, Elizabeth, sê honesta contigo própria! Não o fizeste porque não podias. Não tens liberdade para brincar, mesmo nos dias em que podes montar a *Crystal*. Estás amarrada a um marido que não consegues amar e a duas filhas de quem não consegues gostar e isso pesa-te como um lingote de chumbo. Por isso continua com a tua vida e vai-te embora, Lee Costevan!

Mesmo assim, nessa noite teve especial cuidado na escolha do vestido: tafetá azul-claro, a saia enfeitada com folhos de tule que decoravam o peito e formavam pequenas mangas por baixo dos ombros brancos. Começara a rapar os pêlos das axilas, um truque que aprendera com Ruby, que deplorava as mulheres que, segundo ela: - Erguem um braço e, apesar do vestido atrevido, exibem um matagal espesso que lhes destrói completamente o encanto. A Pearl sabe usar a navalha, diz-lhe para te rapar os sovacos, Elizabeth. Assim o suor evapora-se e ficas a cheirar melhor. E então o departamento lá de baixo? perguntara ela com um sorriso maroto. Eu não o rapo porque faz imensa comichão quando volta a crescer,

mas aparo-o com uma tesoura - disse Ruby imperturbável. - Quem é que quer ter uma barba peluda lá em baixo? - Riu-se. - A não ser que seja a barba peluda de um homem. *Ruby!*

«Ao menos, pensou, estou informada relativamente a estas questões graças à Ruby. Pronto. O conjunto de safiras e diamantes ficava muito bem com aquele vestido ornamento para os cabelos, brincos, colar e duas pulseiras largas. Não armara o cabelo como de costume, penteando-o

para trás e prendendo-o no cimo da cabeça num carrapito. Não tinha razão para se envergonhar das orelhas nem do pescoço, portanto, para quê esconder o rosto no meio de cabelos armados? Um toque de perfume de jasmim e estava pronta para enfrentar a Igreja d,e Inglaterra de Kinross. Que, como é evidente, se sentia totalmente eclipsada pelas duas mulheres mais importantes do distrito, se não de toda a Nova Gales do Sul. Vossa Eminência terá de me perdoar a ausência de um anfitrião - disse Elizabeth ao Bispo -, mas achei que esta primeira visita à nossa cidadezinha deveria incluir um jantar na Casa Kinross. Claro, claro - balbuciou o Bispo atordoado por tamanha beleza exibida com tanta elegância e requinte. Lee, seja bem-vindo - disse depois ao filho de Ruby que, pelo seu aspecto, parecia nem saber o que eram calças de ganga e camisas de algodão. O seu fato de cerimónia fora feito em Savile Row e trazia uma gravata enorme de brocado de seda, tal como as exibidas pelas mais recentes revistas de moda. «Altivo foi o termo que encontrou para o definir, no entanto ele irradiava encanto à maneira de Ruby e em breve tinha o Bispo a comer-lhe na mão. Os Costevan eram totalmente desavergonhados.

Elizabeth sentou-se com o Bispo Kestwick à sua direita e o Reverendo Peter Wilkins à esquerda; os outros convidados estavam sentados dos dois lados da mesa que fora aberta para acomodar os onze comensais. O lugar de Alexander, no outro topo da mesa, fora deixado vazio. Por momentos brincara com a ideia de aí sentar Lee e depois decidira não o fazer... afinal, ele ainda não tinha dezoito anos. Algo que o Bispo decidiu comentar.

- Não é um pouco jovem para beber vinho, senhor?

Lee pestanejou e lançou ao convidado clerical um sorriso particularmente doce. - Jesus - disse ele - era judeu e vivia num país e numa época em que era mais saudável beber vinho do que beber água. Suponho que ele deve ter bebido vinho depois de o seu *barmitzvah* O ter proclamado, oficialmente, homem. Isto é, depois de ter feito doze anos, mais ou menos. Até ao Seu décimo sexto aniversário, mais ou menos, terá bebido o vinho misturado com água. O vinho é uma dádiva de Deus, Vossa Eminência. Tomado com moderação, evidentemente. Não ficarei ébrio, prometo.

Uma resposta que deixou o Bispo às aranhas, pois fora dada cortês

Com um sorriso de orelha a orelha, Ruby olhou **para** o filho **com** os olhos verdes coruscantes e disse-lhe silenciosamente: «Com essa fodeste-o, Lee!

Oh, santo Deus, pensou Elizabeth lendo os lábios de Ruby, permiti que eu saia sã e salva deste desastre! Ter dois Costevan sentados à mesma mesa da Igreja de Inglaterra é desastre garantido.

Contudo, Chang estava em grande forma e produziu uma refeição soberba: uma *terriner* campestre à francesa decorada com trufas enlatadas; filetes de peixe-galo grelhados na perfeição; o sorvete obrigatório; carne assada de um animal criado a milho e um gelado decorado com maracujá. Maravilhoso, maravilhoso! - exclamou o Bispo provando a sobremesa. - Como é que consegue mantê-lo gelado, Mrs. Kinross? Temos unidades de refrigeração, Vossa Eminência. Depois de

Mr. Samuel Mort ter instalado a sua unidade de congelação em Lithgow, o meu marido percebeu as suas vantagens. Eu costumava ansiar por uma posta de peixe, mas aqui não os há. Agora podemos mandar vir o peixe de Sydney sem temer uma intoxicação. Mas há peixes aqui - disse Lee comendo com gosto mas prestando atenção às boas maneiras. O que era difícil para um rapaz de dezassete anos. Não, não há - corrigiu-o Ruby. Garanto-te, mamã, que há. Descobri-os hoje quando fui para o mato. Num lago glorioso mais acima, no rio. - Sorriu sedutoramente a Elizabeth... por que é que ela não ficava menos fria? - Deve conhecer o lago, Mrs. Kinross. Segui por um caminho que, imagino, só a senhora poderá ter aberto.

«Estou a ver que, na presença de terceiros, não sou Elizabeth. Que inteligente da parte dele. - Sim, conheço o lago e os seus peixes, Lee. No entanto, por mais que ansiasse por peixe - dolorosamente, no passado - não suportava a ideia de os pescar. São tão livres. Tão soltos. Tão alegres. Eles hoje davam saltos por cima da água?

Ele corou, parecendo contrito. - Humm... não, receio que não. Assustei-os ao fingir que eu próprio era um peixe.

Encontrei uma fenda na sua armadura, pensou ele. «Uma fenda detectada por um chinoca.¹ Boa piada, Lee, mesmo que não tenha sido

¹ Trocadilho intraduzível entre *chink*, fenda e *Chink*, chinoca». (N. da T.)

intencional. Ela tem inveja dos peixes, não se sente livre, nem solta, nem alegre. Esta casa e a sua vida são prisões a que não consegue escapar. Pobre Elizabeth! Que idade terá ela? É difícil adivinhar a idade de uma mulher quando está vestida com as tralhas todas que as mulheres têm de usar. A mamã vai a caminho dos quarenta, mas a Elizabeth é mais nova. Aí uns trinta e dois ou trinta e três, talvez? "Ela caminha envolta em beleza, qual noite de país sem nuvens e céus estrelados." Como é que Byron sabia que as noites na Austrália são assim? Ela é inesquecível, mas isso deve-se à distância que mantém. Os tipos como eu nem existem para ela. Será que o Alexander existe?

Quando os homens voltaram à sala de visitas, após o Porto e os charutos, Lee encontrou Elizabeth sentada numa cadeira e puxou outra para junto dela. Ruby lançou-lhe um olhar de gratidão, ficando livre para se sentar ao piano e justificar o jantar. Sabe - disse Lee a Elizabeth em voz baixa -, a minha mãe é mesmo uma grande intérprete e tenho a certeza que esse seu dom teve tanta influência na sua aceitação pela cidade como o seu dinheiro. Ouvi alguns dos outros convidados, quando vínhamos a sair do elevador, todos a desejarem ardentemente que ela tocasse e cantasse. Estou consciente do seu talento - disse Elizabeth afectadamente. Hoje usurpei-lhe o seu local preferido - disse ele - e peço desculpa por isso. Prometo que não regressarei lá. Os seus peixes poderão saltar em paz. Não tem importância - disse ela. - Eu não posso montar todos os dias, só o faço às quartas-feiras e sábados. Aos domingos vou à igreja a Kinross e às quintas-feiras visito a sua mãe durante algumas horas no hotel. Se quiser, pode ir ao Lago quando eu não posso: segundas, terças, quintas e sextas-feiras. Tenho a sensação de que não vai à igreja, portanto também poderá lá ir ao domingo. É simpático da sua parte, mas posso ir para outro sítio. Porquê? Se calhar faz bem aos peixes serem um bocado agitados.

Far-te-ia bem a *ti* seres agitada, pensou ele. Tão calma, tão educada. Tão indiferente. Aquele lago é muito importante para ti, Elizabeth Kinross, mas não podes ou não queres deixar que eu me aperceba disso. Gostaria de conhecer as suas filhas — disse. Se tenciona almoçar amanhã no hotel, conhecerá. As crianças e eu almoçamos sempre ao domingo com a sua mãe.

O TOQUE DE MIDAS 237

Estás muito calado - disse Ruby ao filho enquanto passeavam pelos jardins da Casa Kinross à espera do elevador. Os vestidos enormes e volumosos que as mulheres usavam ocupavam mais espaço que os mineiros ou homens em fato de cerimónia, pelo que tinham sido obrigados a deixar o elevador partir sem eles. ,Estava a pensar em Elizabeth.Estavas? Em quê, exactamente?Para já, na idade que ela tem. O Alexander não fala dela, sabes.A Elizabeth faz vinte e quatro anos em Setembro.Deves estar a brincar!

- disse ele sustendo a respiração. - Mas ela está casada há mais de sete anos!Sim. Tinha dezasseis anos quando o Alexander se casou com ela.

Ele trouxe-a da Escócia sem nunca a ter visto. O não falar dela deve-se ao facto de a união não ter prosperado. Por que outra razão continuaria ele a estar comigo? E sem dúvida que terá também outros consolos femininos na Europa.Aí enganas-te, mamã. Lá é tão casto como um monge. - Lee sorriu.

- O que não o impediu de contrair a mais magnífica ave-do-paraíso para me iniciar nos mistérios do sexo.

- Oh, isso foi simpático da parte dele - disse ela com sinceridade.

- Estava preocupada com isso... a gonorreia, a sífilis, raparigas pouco recomendáveis, caçadoras de fortunas. Devem andar à volta de uma escola como a Proctor, à espera de apanhar rapazes inexperientes com dinheiro para esbanjar.Foi o que o Alexander pensou. Deves escolher com bom senso,

disse ele. O amor deverá governar-te, mas o sexo nunca deverá fazê-lo.Ele tem razão. Tens, de momento, uma ave-do-paraíso?Oh, continuo com a mesma... Gosto de me divertir nos braços de uma mulher, mas não sou promíscuo. Uma de cada vez. Montei-lhe um belo apartamento a uma distância suficiente da Proctor para manter a decência e, quando for para Cambridge, vou instalá-la lá num apartamento maior. Poderei ter os meus amigos por perto - disse Lee parecendo satisfeito.É provável que ela te engane na tua ausência.Não, não o fará. Ela sabe de que lado do pão está a manteiga, mamã. Em especial quando a manteiga está salpicada de diamantes.

238 COLLEEN MCCILLLOUGH E que mais estavas a pensar relativamente à Elizabeth? Oh, nada em especial - disse ele vagamente.

Uma mentira que sabia que a sua mãe detectaria, no entanto, não lhe apetecia partilhar com ela os seus pensamentos. Só tinha vinte e três anos! Direitinha das carteiras da escola para o leito matrimonial. Isso respondia a muitas das suas questões, pois conhecia bastantes raparigas de dezasseis anos. Algumas eram irmãs ou primas de colegas da escola, mas a nacionalidade não tinha importância... as raparigas tendiam a ser raparigas e aquelas que ele conhecia eram, em grande parte, imunes às restrições que a pobreza e a religião impunham às pessoas mais humildes dos seus reinos. Portanto, riam muito, eram viciadas na bisbilhotice, desfaleciam quando viam os rapazes de quem gostavam e sonhavam com casamentos românticos, apesar de os seus casamentos serem arrançados. A não ser que o noivo já fosse seu conhecido, podiam sempre ter a esperança de que fosse um belo e jovem filho de um nobre, em vez de um velho amigo dos seus pais, e a sorte estava do seu lado. Eram mais as que casavam com belos filhos do que com velhos conselheiros. Para além dessas raparigas, Lee conhecia também aquelas que frequentavam a Academia para Jovens Senhoras da Miss Rockleigh, que ficava na vizinhança. A Proctor tinha um acordo com a Academia de Miss Rockleigh para que os alunos de ambas as instituições frequentassem juntos sessões dançantes totalmente decentes, bem como um baile que tinha lugar no Primeiro de Maio. Chamavam àquilo o treino dos alunos para quando fossem apresentados à sociedade.

Aquele tipo de existência, adivinhou, não fizera parte da vida de Elizabeth. Era mais do que o instinto que o levava a pensar assim: Alexander lançara-se certa vez numa diatribe contra a Kinross na Escócia, o seu pastor presbiteriano e o clã Drummond ao qual Elizabeth pertencia. Se Alexander falara verdade, as raparigas eram mantidas numa espécie de *purdah*. Disso passara para o casamento com um homem anos mais velho do que ela; Alexander fizera trinta e nove anos no último mês de Abril. Ela usava a sua beleza como um fato que vestia, da mesma forma que um homem vestia uma farda: uma forma de anunciar ao mundo quem Alexander pensava que ela era.

«Por que é que ela não gosta de mim? Por eu ser mestiço? Não, não posso acreditar que a minha mãe a amasse como ama se a Elizabeth fosse preconceituosa. Embora esta seja uma estranha aliança! Ela sem dúvida sabe da relação entre a minha mãe e o Alexander.

O TOQUE DE MIDAS 239A Elizabeth sabe de ti e do Alexander? perguntou. Oh, sim. Ele tentou manter-nos afastadas uma da outra, mas falhou. Olhámos uma para a outra e ficámos verdadeiramente amigas disse Ruby.

Mais uma pergunta que obtivera resposta. No entanto, o mistério adensava-se, cada vez mais retorcido e tortuoso. Que dirão elas amanhã ao almoço quando eu fizer explodir a minha carga de dinamite? Mal posso esperar.

A última coisa que Lee viu antes de adormecer foi a boca de Elizabeth e a última coisa em que pensou foi como seria beijá-la.

Estranho a Nell não estar presente antes do jantar de ontem comentou Ruby saudando Lee com um abraço. Como estava Sung?

Lee retribuiu o abraço e puxou pelo colarinho engomado. Tenho que ficar com esta roupa para o almoço por ser domingo? Sim, tens. A Elizabeth vai à igreja anglicana e portanto trará um belo vestido e virá de chapéu. Não me disseste como estava o Sung. Em excelente forma, claro. A plutocracia ainda se adapta melhor ao papá do que ser um príncipe de Pequim, parece-me. *Muito* satisfeito comigo! Acho mesmo que ele lastima o dia em que me deserdou. Bem, ele não podia saber o que o futuro reservava quando tu eras um lindo bebé gordinho disse Ruby a sorrir. Ele perdeu e eu fiquei a ganhar. Lembro-me de dizeres que a Nell estaria lá ontem à noite, mamã. Não é estranho que não estivesse? Sim, sem dúvida que sim. Talvez a Nell estivesse com uma disposição darwiniana e se preparasse para refutar os princípios da Igreja de Inglaterra a respeito da Criação. Com seis anos? Realmente, mamã! A Nell é um prodígio genuíno, meu filho. Os seus interesses são sobretudo científicos mas também desenha, pinta, esculpe e toca extremamente bem o piano e a harpa. Quando os dedos dela conseguirem abranger uma oitava, terei competição séria. Gosto dela, mas a maioria das pessoas não. Sorriu. O pecado que a mete em trabalhos é gostar de chocar os outros... não te parece familiar? Agora que penso nisso, é claro que foi por isso que Elizabeth a impediu de aparecer ontem à noite.

A Nell teria tirado as medidas ao Bispo em menos de um minuto e depois teria feito uma dissertação sobre o pénis no estado de repouso e em erecção. Ela gosta de anatomia e não precisou de muito tempo para se aperceber de que há aspectos da anatomia que são verdadeira dinamite social se a audiência for a indicada.

Lee desatou a rir às gargalhadas. - É uma rapariga desenvolta! Também vou gostar dela. Sei que a Elizabeth teve uma vida difícil - disse Ruby -, mas receio muito que a vida de Nell vá ser ainda mais difícil. Sendo ela uma Kinross? Mamã, a Nell pertence à aristocracia australiana! Pode ser uma Kinross, mas é mulher, Lee. Uma mulher que se interessa por assuntos que os homens encaram como sendo sua prerrogativa exclusiva. Ela é cá uma sabichona! O Alexander fica deliciado, naturalmente, mas não poderá protegê-la das contrariedades e maus tratos durante toda a vida.

Assim, quando o grupo vindo da igreja chegou, Lee olhou para Nell] com muita curiosidade e viu Alexander. Cortassem-lhe o cabelo e vestissem-lhe uns calções e teriam ali um Alexander de seis anos. Esse facto provocou um acesso de amor em Lee, mas Nell não estava disposta a retribuir e amor até ele passar no exame.

Primeiro, contudo, tinha de cumprimentar Elizabeth e Anna. Uma criança verdadeiramente bela, igual a Elizabeth com excepção dos olhos. Este é o Lee, Anna - disse Elizabeth pegando em Anna ao colo. - Lee. Consegues dizer Lee? Dolly - disse Anna abanando a boneca. Posso pegar-lhe? - perguntou Lee. Ela vai chorar e não posso permitir isso. - Brusca, pondo fim à conversa. Não, não vai - retorquiu ele calmamente, tirando Anna dos braços da mãe. - Vê? Olá, Anna-banana. - Beijou-lhe o rosto todo, o que a deixou encantada. Será que ninguém a beija assim? - Sou o Lee, Anna-banana. Consegues dizer Lee? Lee, Lee, Lee.

Anna virou-se para lhe passar os braços pelo pescoço e descobriu o rabo de cavalo. - Cobra! - disse puxando o cabelo.

Elizabeth ficou de boca aberta. - Jade, eu não sabia que ela sabia dizer cobra!

Nem eu. Miss Lizzy disse Jade, sem compreender.

O TOQUE DE MIDAS 241 Não é uma cobra, é um rabo-de-cavalo. Ihhh, Ih
relinchou Lee
sem se encolher com os puxões que ela lhe dava no cabelo. Sou o Lee.
Lee, Lee.

Lee disse Anna abraçando-o. Lee, Lee.

Ouviam-se exclamações de espanto extasiado em toda a volta. E de desgosto também.

Como se atreve o intruso?, pensou Lee dando Anna a Jade que se dirigiu para a cozinha para ir ver o Sam Wong.

Lee, Ruby, Elizabeth e Nell sentaram-se à mesa na sala de jantar privada de Ruby, Nell sentada em cima de uma almofada. O que é que o meu papá anda a fazer, Lee? Anda a inspeccionar um sistema de telégrafo alemão muito eficiente, com o Ernst e o Friedrich Siemens. Oh, sim, Siemens e Halke - disse Nell e franziu o sobrolho. -
Eu

acho que o Wilhem é o mais interessante dos Siemens. Concordo completamente, Nell. Só que o Wilhem tornou-se William e vive em Inglaterra... A lei britânica das patentes é melhor do que a alemã. A Alemanha quase nem é uma nação unida - disse Nell. - É essa a razão. Tens de dar tempo ao Conde Bismark, Nell. O nome de baptismo dele é Otto. És uma presunçosa - disse Lee num tom de voz normal. Não sou nada presunçosa! És, sim. As pessoas verdadeiramente eruditas não sobrecarregam os seus pares menos cultos com factos desnecessários. Tu sabes que o nome dele de baptismo é Otto e eu, por acaso, também sei. Mas não me sinto compelido a exhibir a minha erudição só para impressionar a audiência.

Ela calou-se, tal como uma planta sensível se fecha ao ser tocada, com as faces escarlates, as pálpebras baixas, os lábios comprimidos numa linha igual à da boca de Alexander. Instalou-se o silêncio enquanto as duas mulheres pensavam no que dizer ou fazer; por fim, ignoraram aquela bofetada monumental na dignidade de Nell, Ruby por pensar que lhe seria útil nos anos vindouros, Elizabeth por se sentir deliciada por alguém ter feito aquilo que ela não conseguia fazer: pôr aquela criança horrorosa no seu lugar. Enquanto que Lee comia tranquilamente a sua omeleta chinesa como se nada se tivesse passado. ,...>,...

Sentada na sua frente, do outro lado da pequena mesa redonda, Elizabeth não conseguia olhar para ele, detendo-se na estranha intimidade de o ver comer: a maneira como a sua boca se movia, o movimento dos músculos no seu rosto, a facilidade com que engolia. Económico mas exaustivo, uma execução imaculada. Ele ergueu os olhos e fixou-a de uma forma tão inesperada, que ela teve a certeza de que ele conseguiria ler-lhe os pensamentos; não corou, mas por um instante ele viu de relance uma criatura atrozmente tímida surpreendida a meio de um salto. Depois as persianas desceram e ela comeu a omeleta com aquilo que ele percebeu ser um entusiasmo fingido. «Que se passa por trás da tua fachada, Elizabeth? Que estavas a pensar há pouco, quando me estudavas? Conta-me os teus segredos! O inconveniente de teres andado na escola em Inglaterra, Lee - estava Ruby a dizer -, é não teres amigos da tua idade em Kinross, por tanto receio que a festa do teu décimo oitavo aniversário consistirá em velhotas maçadoras como a Elizabeth e eu. Podíamos sempre convidar o pastor da Igreja de Inglaterra e, evidentemente, o Presidente da Câmara virá... é o Sung. Mamã, eu não preciso de uma festa de aniversário. Ninguém *precisa* de uma festa de aniversário, mas isso não altera

o facto de que a terás. - Ruby pôs um ar travesso. - Uma pena não teres trazido contigo a tua ave-do-paraíso.

Elizabeth pareceu intrigada. - Ave-do-paraíso?

- Nell, não brinques com a comida. Vai lá para fora.

Nell assim fez, lançando a Ruby um olhar de grande reprovação. Uma ave-do-paraíso - disse Lee assim que Nell desapareceu - é

uma senhora com mais fascínio do que virtude. Tenho uma em Inglaterra. Credo! Vocês, os Costevan, começam cedo! - observou Elizabeth

mordazmente. Pelo menos nós, os Costevan, não estamos murchos! - ripostou

Lee.

Elizabeth levantou-se com o rosto duro como pedra. - Tenho de ir para casa. - E marchou para fora da sala, chamando Jade.

Lee ficou a olhar para a mãe com uma sobrancelha erguida. - Consegui finalmente provocar uma reacção na Madame Glaciar - disse com um ar aborrecido.

- A culpa foi minha, não devia ter falado nesse assunto. Oh, Lee, não fui feita para me dar com pessoas decentes! - lamentou Ruby. - Só queria

animar a vida horripelantemente monótona daquela pobre rapariga murcha! Habitualmente, ela acha as minhas vulgaridades muitíssimo divertidas, mesmo quando eu a choco. Mas, aparentemente, hoje não. A diferença sou eu, mamã. Por uma qualquer razão, a Elizabeth não gosta de mim. - Curvou os ombros. - Ainda assim, não ia deixá-la impune depois da piada que te mandou. É óbvio que ninguém lhe ensinou que quem vai à guerra dá e leva. Oh, Lee, eu tinha tanta esperança que vocês os dois se dessem bem! - Ruby apertou-lhe o braço com força. - Acho que temos de lhe pedir desculpa.

Os olhos dele ficaram assustadoramente frios. - Prefiro morrer! - disse selvaticamente, levantou-se e saiu da sala.

Ruby ficou sentada no meio dos destroços do primeiro prato, com os cotovelos apoiados na mesa, o rosto entre as mãos, e franziu o sobrolho para o prato. Não haveria festa de anos, isso era certo.

Vestido com calças de ganga e uma camisa velha, Lee foi até ao barracão da locomotiva, deserto por ser domingo, e descobriu um dos cavalos de ferro parcialmente desmontado. Percebeu qual era o problema e livrou-se do mau humor consertando a máquina. Só horas mais tarde é que se apercebeu de que não rebentara a sua dinamite. Agora que Elizabeth rompera até mesmo as relações diplomáticas com os horripéis Costevan, como conseguiria ele alcançar o objectivo de Alexander?

Não havia grande diferença entre a ira ofendida de Elizabeth e a de Nell. A família regressou à Casa Kinross num silêncio trovejante quebrado apenas por Anna, que não parava de repetir o nome daquele rapazinho arrogante: - Lee! Lee! - até que Nell, menos inibida do que a mãe, acabou por lhe gritar que se calasse. Uma frase que a criança percebeu devido à sua carga emocional; começou então a chorar.

«Bem, eu estava a pedi-las, fervia Elizabeth, «ao misturar-me com aquela gente do Hotel Kinross. A Ruby sozinha já chega muito bem, não preciso de mais um palhaço indecente, o seu precioso filho. Toda aquela educação, aquelas maneiras aristocráticas e o melhor que consegue é insultar-me. Suponho que deve saber que o Alexander e eu não dormimos juntos, mas como se *atreve* a sugerir que eu estou murcha? Acabada, na prateleira, ex-esposa... ele e as suas aves-do-paraíso!

Continuava a ferver quando Nell lhe perguntou em voz baixa: - Eu sou **presunçosa, mamã?**

Sim! De uma forma abominável! És ainda mais fanfarrona do que o teu pai e Deus sabe que ele tem presunção que chega para dar e vender!

Mais choro; Nell foi a correr na frente, subiu as escadas num ápice e bateu com a porta do quarto na cara de Butterfly Wing. O que permitiu a Elizabeth, liberta de Jade e de Anna, ir para o seu quarto chorar. Quando as lágrimas cessaram, ele voltou ao seu espírito, de pé sobre uma rocha no Lago. Ele arruinou-o, no que me diz respeito», pensou sentindo-se miserável. Já não posso lá voltar.»

Nessa noite, duas luzes ficaram acesas: uma no quarto de Ruby, no hotel, outra no quarto de Elizabeth, na casa; ambas as mulheres andavam para trás e para a frente, para trás e para a frente, incapazes de dormir. Cansado de toda a actividade, Lee dormia como uma pedra, sem sonhos com Elizabeth a atormentarem-no. O seu caminho estava escolhido: a partir daquele momento e até ao seu regresso a Inglaterra, não se aproximaria da mulher de Alexander fosse por que razão fosse.

Para além disso, na manhã seguinte despediu-se da mãe com um beijo e partiu a cavalo para Dunleigh, para a casa dos Dewy, que estavam mortos por conhecê-lo. Ruby decidiu segui-lo de carruagem: festejaria o aniversário do filho em Dunleigh. Henrietta era pouco mais velha do que Lee e ainda não conhecera nenhum rapaz que a tentasse. «Quem sabe?, perguntou Ruby a si própria. «Pode ser que gostem um do outro. Não me parece que os Dewy se opusessem.

Mas foi uma reedição do que acontecera entre Alexander e Sophia. Henrietta sentira-se imensamente atraída por Lee que nem sequer dera pela sua presença. Oh, que será que se passa com os filhos? - perguntou Ruby a Constance. Em resumo, o que se passa é que eles não somos nós, Ruby. Mas

não são a Henrietta e o Lee que te estão a preocupar, pois não? O Lee e a Elizabeth decidiram não gostar um do outro.

- Humm - foi o comentário de Constance àquela novidade.

Decidiu usar de métodos muito subtis para tentar perceber o que se passara com Lee e, à força de perguntas indirectas e através da interpretação de respostas indirectas, não levou muito tempo a perceber que ele gostava de Elizabeth em demasia. Portanto, deduziu Constance, era igualmente possível que Elizabeth gostasse em demasia de Lee. Como ambos eram pessoas honradas, tinham - de forma totalmente inconsciente, Constance tinha a certeza fabricado uma briga que os manteria afastados um do outro. «Tens mais sorte do que crês, Alexander», pensou ela.

* *

Os dois meses e meio que Lee esteve em casa foram portanto passados longe de Kinross. Levando atrás de si uma Ruby extasiada, oscilou entre Dunleigh e Sydney - festas, teatro, óperas, bailes, recepções, bandos de raparigas desejosas de o ter em Sydney ou que o convidavam para ir visitar as propriedades do papá no campo. Usando a mãe como *chaperon*, entregou-se à frivolidade e à alegria sem, parecia a Ruby, qualquer preocupação. Uma meia dúzia de raparigas sonhavam ser elas o motivo do seu interesse, mas ele era demasiado esperto para se deixar encurralar. Junto dos rapazes, não gozava, nem de longe nem de perto, de tanta popularidade, até que houve um que, tendo bebido demais, o convidou para sair da sala para levar a sova da sua vida. Lee foi e demonstrou que a Proctor podia ser uma escola pretensiosa para ricos, mas que os seus alunos estavam aptos a defenderem-se com os punhos. Não que Lee restringisse a sua tática ao uso dos punhos, quando o seu oponente começou a usar golpes baixos; também aprendera uns quantos truques com os chineses. Depois daquele episódio passou a ser um tipo impecável, rabo de cavalo incluído. Para além disso, corriam boatos de que ele era, dada a inexistência de filhos Kinross, o principal herdeiro de Alexander Kinross.

Pareceu terminar tudo muito subitamente. Num minuto as semanas estavam carregadas de compromissos sociais, no instante seguinte chegara a altura de partir. O que significava que não poderia evitar o regresso a Kinross. E havia a questão da carga de dinamite que ainda não fora rebentada. No fim, decidiu dividir os seus efeitos em duas explosões mais pequenas: contaria primeiro à mãe e depois pediria uma entrevista a Elizabeth e contar-lhe-ia em privado. Mamã, recebi ordens do Alexander para te entregar uma mensagem - disse respirando fundo. - No próximo mês de Fevereiro deves partir para Inglaterra com a Elizabeth, a Nell e a Anna. Lee! Sei que é um choque, mas se não fores o Alexander não vai ficar nada satisfeito. Ele quer mostrar-te a Grã-Bretanha e a Europa antes de regressar a casa. Oh, isso é maravilhoso! - O prazer desapareceu-lhe do rosto.

- Mas o que dirá Elizabeth? A nossa amizade está praticamente arruinada, Lee ;

246 COLLEEN McCULLOUGH Disparates! Eu é que sou a pedra no sapato de Elizabeth, não és

tu, e eu não estarei presente. Estarei em Cambridge, demasiado ocupado para andar a entreter a família inteira do Alexander. Só te quero ver a ti, mamã, sempre que consigas arranjar tempo para me visitar. A Elizabeth já sabe? Não, vou agora dizer-lhe. - Fez um ar irónico. - E remediar os estragos, se puder. Quando ela se aperceber de que não me verá, tenho a certeza de que ficará encantada com a ideia.

Foi visitá-la vestido com roupas usadas de trabalho, ficou à porta com o chapéu velho na mão e perguntou a Mrs. Surtees se a Mrs. Kinross teria um momento para lhe falar no jardim. A governanta ficou a olhar para ele com um ar estranho mas assentiu e desapareceu rapidamente; ele recuou para junto das roseiras, cada uma das plantas nua e podada. As rosas dão-se bem nesta altitude... é mais fresco - disse quando

Elizabeth apareceu com um ar desconfiado. Sim. Em breve estarão em botão. A Primavera chega cedo à Austrália. É um Inverno muito curto, comparado com o de Kinross, na Escócia. Eu diria que não chega a haver Inverno.

«Isto assim não pode ser, pensou ele desesperado, «não podemos passar o tempo a falar das estações do ano. Por isso sorriu-lhe, perfeitamente consciente do efeito que o seu sorriso tinha nas mulheres de todas as idades. E descobriu que o único efeito que teve em Elizabeth foi torná-la mais empertigada. Deus, como é que se conseguia chegar até ela? Como está? - perguntou. Muito bem. Kinross não o tem visto muito a si nem à Ruby. Foi egoísta da minha parte roubar-lhe a minha mãe, mas ela precisava de uma férias da monotonia. Parece-me bem que todos precisamos. Incluindo-a a si? Penso que sim.

Lançou-se de cabeça. - Então trago boas notícias. Na verdade, é uma mensagem de Alexander. No próximo mês de Fevereiro ele quer que a Elizabeth, a Nell, a Anna e a minha mãe embarquem para Inglaterra. Uma folga.

Daquela vez a criatura tinha um pânico tão grande estampado nos olhos que a ele lhe pareceu que ela esbarrava mentalmente com uma parede, depois com outra, fazendo ricochete sem se importar com a gravidade dos seus ferimentos. Mas quando fez menção de a apoiar, ela recuou como se tencionasse matá-la.

- Não, não, não, não! - gritou, gritos baixos.

Confundido, sem saber o que fazer, ficou a olhar para ela como se não a conhecesse. - É por causa de mim? - perguntou. - É por causa de mim, Elizabeth? Se é, não há necessidade disto. Eu não estarei convosco, estarei em Cambridge com a minha... a minha ave-do-paraíso. Nunca me verá, juro! - Ele chorou as palavras, de coração partido.

Ela cobrira o rosto com as mãos e falou por entre os dedos. - Não tem nada a ver consigo. Nada!

Secando as lágrimas, deu um passo na sua direcção e, depois, parou. - Se não sou eu, então é o quê? O quê, Elizabeth? Não existe razão. Isso é um disparate, claro que existe uma razão! Diga-me, por favor. Você é um rapaz. Não me diz nada, nada! - As mãos destaparam o rosto, revelando olhos duros como pedras. - Não existe uma razão que possa compreender. Diga só ao Alexander que eu não posso. Não o farei, não o farei! Venha, venha sentar-se antes que caia. - Reunindo mais coragem

do que aquela que pensava ter, pôs-lhe as mãos nos ombros e obrigou-a a sentar-se na relva - oh, ela era tão magra, tão frágil! Curiosamente, ela não fez qualquer tentativa para se libertar das suas mãos; pelo contrário, inclinou-se para ele e ele sentiu o seu perfume - jasmim e gardénia, mas um perfume muito ligeiro, nada estonteante. Retirou as mãos e sentou-se, de pernas cruzadas, perto dela mas não demasiado perto. Eu sei que sou apenas um rapaz. Sei que não lhe digo nada. Mas tenho idade suficiente para ter sentimentos de homem. Tem de me dizer qual a razão - se o fizer, poderei reparar os seus estragos para além dos meus. É por causa das crianças? A dificuldade de as levar para um sítio estranho, sendo Anna um problema tão grande? - Como ela não respondesse, continuou. - Será fácil, prometo. Alexander tenciona que cinco

das irmãs Wong vão convosco, para além da Butterfly Wing. Ele reservou os camarotes de um convés inteiro do navio só para vocês... viajarão com o maior dos luxos. Quando chegarem a Londres, viverão numa casa enorme que ele arrendou em Park Lane, mesmo em frente dos portões do parque. Tem estábulos, carros, carruagens e cavalos, pessoal residente que vai desde o mordomo às lavadeiras. O maior luxo!

Mesmo assim, ela continuava sem dizer palavra, limitava-se a olhá-lo fixamente, como se ele fosse um desconhecido que não era desconhecido... como era possível?

- É por causa da minha mãe, então? É por causa da minha mãe? Dou-lhe a minha palavra de que o Alexander não a embarçará com a minha mãe. Ela será, para todos os que a conhecerem, a sua melhor amiga, que a acompanha na viagem por causa das crianças. Não será como em Sydney, ele jurou que será o epítome da discrição. Por isso, se é por causa da minha mãe, não se preocupe.

A expressão dela não se alterou quando ele se calou, desesperado por encontrar um facto mágico que a persuadissem a ir. Eu não quero ir! - disse ela com os dentes cerrados, para que toda a gente ouvisse, como se lhe tivesse lido a mente. Isso é um disparate. A Elizabeth precisa de umas férias. Pense só nas pessoas que irá conhecer! A Rainha está velha e cansada, mas o Príncipe de Gales é praticamente o centro da sociedade ilustre e o Alexander já o conhece bastante bem.

Silêncio. Lee continuou. - Visitará a Região dos Lagos, a Cornualha e Dorset... a Escócia e Kinross, se desejar. Irá a Paris e a Roma, a Siena, Veneza, Florença... Visitará castelos em Espanha e fortalezas sarracenas nos Balcãs. Fará cruzeiros às Ilhas Gregas, irá a Capri e a Sorrento. A Malta. Ao Egito.

Ela continuava sentada e muda, olhando-o daquela forma estranha. Se não o faz por Alexander - disse -, faça-o então pela minha mãe.

Por favor Elizabeth, por favor! Oh - disse ela fatigada -, eu sei que tenho de ir. Foi um choque, é tudo. Se eu não fosse, isso só pioraria ainda mais as coisas. Afinal, não posso fugir. Tenho duas filhas. Uma delas gostaria de ir sem mim mas a outra não o poderia fazer. Tenho de agradar ao Alexander como puder.

Seriam as coisas assim tão más entre ela e Alexander? É claro que ele tem a minha mãe, enquanto que a Elizabeth não tem ninguém a não ser as filhas. É por não o amar? - perguntou Lee. Em parte, é. Se precisa de um amigo eu estou aqui.

Mais rápida do que uma anémone, ela retraiu-se; conseguia ver o gelo a formar-se nos seus olhos e no seu rosto. Tão na!

Obrigada disse inexpressivamente, mas não preciso.

Ele levantou-se e estendeu-lhe as mãos mas ela ignorou-as e levantou-se sozinha.

- Eu agora fico bem disse.

Isso significa que, ao menos, fui perdoado pela minha falta de educação?

O gelo derreteu-se momentaneamente e ela sorriu com um sentimento genuíno que lhe iluminou o olhar. - Não tenho nada a perdoar--lhe, Lee.

- Posso acompanhá-la até casa?

- Não, prefiro ficar sozinha.

E virou-se, afastando-se.

«Levarei aquele sorriso comigo, para o resto da minha vida.

À mãe, limitou-se a dizer: A Elizabeth embarcará contigo em Fevereiro. Não ficou encantada com a ideia, mas suponho que se sente mais feliz quando não está com o Alexander.

Com a testa franzida, Ruby ficou a olhar para o filho, espantada. Quando se operara a mudança? Não fora naquela tarde, certamente! Mas, de alguma forma, durante o tempo em que Lee estivera em casa, transformara-se de rapaz em homem. Só que ela não dera por isso até àquele dia.

Consciente de que a mãe se apercebera de algo diferente em si, Lee escapuliu-se sem se lembrar de lhe dizer que o seu papel seria o de melhor amiga de Elizabeth durante a expedição. E da vez seguinte em que a viu a ideia já se lhe varrera completamente do espírito.

Nessa noite, enquanto se preparava para ir para a cama, Ruby sofreu outra iluminação: era manifestamente impossível para Alexander ter sol na eira e chuva no nabal. Ali, na Nova Gales do Sul, o seu caso com ela era um assunto gasto que quase nem merecia a pena comentar. Mas, em Londres? Frequentando os círculos mais restritos como Alexander frequentava? Não, não podia ser. Nem seria. Submeter Elizabeth à humilhação perpétua só porque Alexander Kinross andava de um lado para o outro com a mulher e a amante num *ménage à trois*? Nunca! A Elizabeth que fosse sozinha. Era a decisão certa.

«Eu e o Alexander somos umas crianças, não paramos para pensar. Mas como conseguirei fazê-la ir sem mim? Se ela soubesse, recusar-se-ia a afastar-se um milímetro sequer de Kinross. Portanto vou fazer da Jasmine e da Peach Blossom minhas apaniguadas - para quê privá-las de uma viagem quando as suas três irmãs irão? Elas poderão levar uma carta para Alexander que descreverá de forma tão pungente os meus sentimentos que até mesmo ele compreenderá, o filho da mãe astuto.

«Fingirei embarcar no navio - fingirei estar enjoada antes de o navio levantar âncora - farei com que a Jasmine e a Peach Blossom tranquem a porta do meu camarote e recusar-me-ei a deixar entrar quem quer que seja, até mesmo a Elizabeth. Vou descobrir quem é o médico do navio e contar-lhe o meu segredo - tenho a certeza que umas quatrocentas libras extra lhe darão jeito. Quando a Jasmine entregar a minha carta a Elizabeth já será demasiado tarde para voltar para trás. Algures no meio do Oceano Índico. Os dados estarão lançados.

«E eu e o Sung estaremos em Kinross para dirigir a Apocalypse com Charles como ajudante. Já vi o meu gatinho de jade, passei com ele um Inverno maravilhoso... o último da sua infância. Da próxima vez que o vir, o homem que entrevi hoje já o será oficialmente. Mas o que é que farei, se Alexander o mantiver em Inglaterra?

CARTAS

Kinross, Janeiro de 1883

Minha querida Elizabeth,

Se tudo correr conforme o planeado, a Jasmine ter-te-á dado esta carta quando Ceilão estiver algures à proa e a bombordo. Suponho que poderias dar meia volta e embarcar para casa em Ceilão, mas terás chegado a meio do caminho. Já agora, poderás continuar em frente.

No fim do último mês de Julho, quando Lee partiu depois de nos ter dado as novidades relativamente a esta viagem, eu cresci finalmente. Alexander diz sempre que é a criança que há em mim o que ele mais ama e compreendo o que quer dizer. O meu coração é tão leve, o meu espírito malicioso e divertido é tão pronunciado, que já passei por tudo, pelo bom e pelo mau, descartando aiosamente as opiniões de terceiros sem lhes reconhecer importância. Se eu fosse uma mulher respeitável, as coisas poderiam ter sido diferentes, mas pode dizer-se que nasci sem nada a perder. Se nunca tive a opinião favorável dos outros, que me importava a mim essa boa opinião? Andei por isso desavergonhadamente com o Alexander por todo o lado, incluindo Sydney. Como é evidente, considerava ter direitos prioritários relativamente aos seus afectos e senti-me vingada quando ele voltou para mim depois do vosso casamento. Não sou uma pessoa moral, não o sou na verdade.

Quando o Lee me deu a notícia, só conseguia pensar em ver novamente o Alexander. O facto de ele nos ter chamado foi para mim um sinal de que não tenciona regressar a Kinross num futuro próximo. A minha cabeça estava cheia com as imagens da vida que levaria de novo nos seus braços e essas imagens eram confortáveis, pois sabia que tu não levantarias objecções a que eu te libertasse do fardo do Alexander.

E depois apercebi-me de que talvez ele estivesse a pensar ir ainda mais longe do que Benjamin Disraeli, ao exhibir a amante e a mulher na mesma carruagem aberta. Mas isso nunca seria possível. O escândalo abalaria Londres.

O que é um escândalo para mim? Já para ti seria um desastre horrendo! Tanto quanto posso imaginar o que passou pela cabeça do Alexander, ele tencionava apresentar-me em toda a parte como tua melhor amiga, não admitindo a verdadeira natureza da nossa relação. Mas, hoje em dia, as pessoas de Sydney vão e vêm de Inglaterra, vão especialmente a Londres, a toda a hora. Não levaria muito tempo a que a notícia se espalhasse e o Alexander *não é* o Príncipe de Gales.

Foi essa a razão por que fiquei em casa, minha querida. Esta é a tua hora, aproveita-a, é uma prenda que te dou. Sabes, o problema é que nós os três somos produto de cidades pequenas e continuamos a viver numa cidade pequena. Graças ao ouro da Apocalipse, podemos fazer tudo o que nos apetece. Em Sydney, talvez, mas não em Londres.

Diverte-te, Elizabeth. Passeia por lá e o Alexander que vá para o inferno. Mas, por favor, diz olá ao Lee da minha parte e, por amor de mim, tenta dar-te bem com ele.

Com muito amor, Ruby.

Ceilão, Março de 1883

Oh, Ruby!

Escrevo-te de Colombo, pois está aqui um navio-correio a caminho de Sydney. Deverás receber esta carta dentro de três ou quatro semanas. O tempo que me levaria a chegar aí, se eu tivesse decidido voltar para trás.

Como foste ardilosa! O Dr. Markham, a Jasmine e a Peach Blossom enganaram-me completamente. Nunca me ocorreu que não estivesse lá em baixo a sofrer horivelmente, pois recordo-me de como a Mrs. Watson ficou doente no *Aurora* durante a minha viagem para a Austrália para me casar com o Alexander. Enjoei um pouco quando atravessámos o Mar da Austrália, mas sou uma marinheira razoável. Tal como, foi o que descobrimos, o são a Nell e a Anna. As raparigas chinesas passaram pior, mas o Oceano Índico parece um lago e elas recuperaram depois de termos deixado Perth.

Se foi devido aos movimentos do barco, não sei, mas a Anna decidiu andar. Cambaleia um pouco, mas agora que descobriu para que servem as pernas não pára de andar de um lado para o outro durante o tempo todo em que está acordada. A gordura de bebé desapareceu e ela está bastante magra e em boa forma. A sua palavra favorita continua a ser «Lee! pronunciada com um guincho, apesar de estar a aprender outras palavras a um ritmo acelerado: barco, praia, corda, fumo, homem. Aqui em Colombo conseguiu pronunciar palavras com mais sílabas, como marinheiro, embarcadouro e rapariga.

Agradeço-te muito os teus cuidados para comigo, mas o Lee explicou-me que a situação seria muito semelhante à que imaginaste - tu e eu seríamos melhores amigas. Falta-me a força nos joelhos quando penso no que ele dirá quando souber que não vieste connosco, mas a Jasmine entregou-me a tua mensagem, sei portanto que ela tem uma carta para dar ao Alexander quando chegarmos a Inglaterra.

Minha querida Ruby, aceito o teu sacrifício com o coração cheio e compreendo as tuas razões. Irei ver o Lee, prometo.

Com muito amor, Elizabeth.

Londres, Abril de 1883

Minha amada desmancha-prazeres,

Ninguém teria sabido de nós! Se a Elizabeth não fosse, ela própria, uma mulher lindíssima, as pessoas poderiam ter adivinhado, mas tendo eu uma esposa para apresentar às pessoas importantes, mesmo que algumas delas descobrissem o que se passa entre nós os dois, nada poderia ser provado e, portanto, não haveria lugar a retaliações. Na verdade, é bastante vulgar, aqui, as Pessoas Importantes manterem uma espécie de *ménage à trois* em que tanto a esposa como a amante frequentam os mesmos círculos, embora tenha de admitir que as amantes são as esposas de outros homens e não *solteironas* como tu.

Seja como for, nada disso importa agora. Cumprirei o meu dever e escoltarei a minha belíssima mulher por toda a parte sem a companhia da sua melhor amiga.

Com saudades e amor, Alexander.

E depois apercebi-me de que talvez ele estivesse a pensar ir ainda mais longe do que Benjamin Disraeli, ao exhibir a amante e a mulher na mesma carruagem aberta. Mas isso nunca seria possível. O escândalo abalaria Londres.

O que é um escândalo para mim? Já para ti seria um desastre horrendo! Tanto quanto posso imaginar o que passou pela cabeça do Alexander, ele tencionava apresentar-me em toda a parte como tua melhor amiga, não admitindo a verdadeira natureza da nossa relação. Mas, hoje em dia, as pessoas de Sydney vão e vêm de Inglaterra, vão especialmente a Londres, a toda a hora. Não levaria muito tempo a que a notícia se espalhasse e o Alexander *não é* o Príncipe de Gales.

Foi essa a razão por que fiquei em casa, minha querida. Esta é a tua hora, aproveita-a, é uma prenda que te dou. Sabes, o problema é que nós os três somos produto de cidades pequenas e continuamos a viver numa cidade pequena. Graças ao ouro da Apocalipse, podemos fazer tudo o que nos apetece. Em Sydney, talvez, mas não em Londres.

Diverte-te, Elizabeth. Passeia por lá e o Alexander que vá para o inferno. Mas, por favor, diz olá ao Lee da minha parte e, por amor de mim, tenta dar-te bem com ele.

Com muito amor, Ruby.

S

Ceilão, Março de 1883

Oh, Ruby!

Escrevo-te de Colombo, pois está aqui um navio-correio a caminho de Sydney. Deverás receber esta carta dentro de três ou quatro semanas. O tempo que me levaria a chegar aí, se eu tivesse decidido voltar para trás.

Como foste ardilosa! O Dr. Markham, a Jasmine e a Peach Blossom enganaram-me completamente. Nunca me ocorreu que não estivesse lá em baixo a sofrer horivelmente, pois recordo-me de como a Mrs. Watson ficou doente no *Aurora* durante a minha viagem para a Austrália para me casar com o Alexander. Enjoei um pouco quando atravessámos o Mar da Austrália, mas sou uma marinheira razoável. Tal como, foi o que desco-
brimos, o são a Nell e a Anna. As raparigas chinesas passaram pior, mas o Oceano Índico parece um lago e elas recuperaram depois de termos deixado Perth.

í
\\j
::

Se foi devido aos movimentos do barco, não sei, mas a Anna decidiu andar. Cambaleia um pouco, mas agora que descobriu para que servem as pernas não pára de andar de um lado para o outro durante o tempo todo em que está acordada. A gordura de bebé desapareceu e ela está bastante magra e em boa forma. A sua palavra favorita continua a ser «Lee!» pronunciada com um guincho, apesar de estar a aprender outras palavras a um ritmo acelerado: barco, praia, corda, fumo, homem. Aqui em Colombo conseguiu pronunciar palavras com mais sílabas, como marinheiro, embarcadouro e rapariga.

Agradeço-te muito os teus cuidados para comigo, mas o Lee explicou-me que a situação seria muito semelhante à que imaginaste - tu e eu seríamos melhores amigas. Falta-me a força nos joelhos quando penso no que ele dirá quando souber que não vieste connosco, mas a Jasmine entregou-me a tua mensagem, sei portanto que ela tem uma carta para dar ao Alexander quando chegarmos a Inglaterra.

Minha querida Ruby, aceito o teu sacrifício com o coração cheio e compreendo as tuas razões. Irei ver o Lee, prometo.

Com muito amor, Elizabeth.

Londres, Abril de 1883

Minha amada desmancha-prazeres,

Ninguém teria sabido de nós! Se a Elizabeth não fosse, ela própria, uma mulher lindíssima, as pessoas poderiam ter adivinhado, mas tendo eu uma esposa para apresentar às pessoas importantes, mesmo que algumas delas descobrissem o que se passa entre nós os dois, nada poderia ser provado e, portanto, não haveria lugar a retaliações. Na verdade, é bastante vulgar, aqui, as Pessoas Importantes manterem uma espécie de *ménage à trois* em que tanto a esposa como a amante frequentam os mesmos círculos, embora tenha de admitir que as amantes são as esposas de outros homens e não *solteironas* como tu.

Seja como for, nada disso importa agora. Cumprirei o meu dever e escoltarei a minha belíssima mulher por toda a parte sem a companhia da sua melhor amiga.

... Com saudades e amor, Alexander.

... Com saudades e amor, Alexander.

Londres, Novembro de 1883

Minha querida Ruby,

Aconteceu a coisa mais extraordinária! Deves ter tido um pressentimento, para teres ficado em casa, pois se tivesses vindo e se tivessem descoberto qual o teu verdadeiro estatuto, nada disto teria sido possível. O Alexander não fazia a mínima ideia, compreendes.

Sou agora a Lady Kinross! O Alexander foi armado Cavaleiro Comandante da Ordem Real do Cardo, o que significa que fica acima do Henry Parkes e do John Robertson, relegados para as Ordens de São Miguel e São Jorge. A Rainha Vitória armou-o cavaleiro pessoalmente, numa cerimónia privada. Como é evidente, o Alexander comprou-me um conjunto de diamantes. Tem de se ir de branco e usar penas brancas de avestruz nos cabelos. Senti-me como um daqueles cavalos brancos cheios de atavios que puxavam o coche da Cinderela a caminho do baile. Suponho que o Alexander recebeu a Ordem do Cardo por ser escocês e ser casado com uma escocesa. A velha Rainha adora os escoceses, embora corram boatos de que amou mais *um* escocês em particular.

Londres é desanimadora mas fascinante. A casa que Alexander alugou para vivermos é enorme e magnífica, com uma decoração semelhante à da antiga decoração da Casa Kinross: sumptuosa, com dourados, brocados e lustres de cristal. Tem um telefone, consegues imaginar? As minhas duas meninas têm a sua própria ala e o Alexander contratou um professor para a Nell, o enésimo filho de um cónego da Igreja de Inglaterra. Ela não gosta dele, mas reconhece que é bastante culto. A Anna já consegue percorrer uma boa distância, apesar de a Jade levar sempre uma coisa chamada cadeirinha de bebé: uma lona montada sobre quatro rodas e com varões. Temos de a forrar porque a Anna continua a fazer chichi nas calças, mas já se passaram muitas luas desde que fez coco nas cuecas.

Falando de Anna, já foi vista por todos os grandes especialistas em neuropatologia, como lhe chamam, de Londres, incluindo o Mr. Hughlings Jackson e o Mr. William Gower. Examinaram-na exaustivamente e, para citar Mr. Jackson, não encontraram nada focal» na sua demência, que foi o termo que ele usou. Pelo que deduzi que todo o cérebro foi afectado. Contudo, o facto de ela estar a adquirir um pequeno vocabulário e ter começado a andar levam Mr. Jackson e Mr. Gower a concluir que acabará por ser «simples - mais ou menos ao mesmo nível do idiota da aldeia. A pior parte é o Mr. Gower (o mais acessível dos dois) dizer que

o seu corpo se continuará a desenvolver de uma forma normal, pelo **que** será menstruada, terá seios, tudo. Responsabilizam o parto e não a hereditariedade pelo seu estado.

Mas menti ao Alexander, que anda tão ocupado que não me acompanhou nas visitas aos neurologistas. Mr. Gower disse-me que não achava que de um terceiro estado interessante - como é formal a linguagem que usam! - resultasse uma eclampsia. Admite essa possibilidade, mas a espantosa colecção de maquinaria de que dispõe para analisar o sangue, o coração, a circulação e sabe Deus que mais, dizem-lhe que a minha saúde melhorou. Pensa que uma dieta rigorosa à base de fruta, legumes e pão de mistura sem manteiga me fariam passar a gravidez sem sofrer de hidropisia. Mas não consegui forçar-me a contar ao Alexander.

Não é que eu não queira mais bebés, Ruby, é que não consigo *suportar* a ideia de retomar os deveres conjugais. Se ele soubesse a opinião de Mr. Gowler, obrigar-me-ia a voltar a essa vida e eu enlouqueceria.

Por favor, imploro-te, não traias este segredo! Mas eu tinha de dizer a alguém e não tenho mais ninguém a não ser tu.

Com muito amor, Elizabeth.

Kinross, Janeiro de 1884

Minha querida Elizabeth,

O teu segredo está seguro comigo. E funciona a meu favor, não é verdade? Além disso, Sir Edward Wyler também disse que não terias uma segunda eclampsia, e tiveste. Para eles é fácil falar, são homens e os homens não têm bebés.

Não mencionaste o Lee. Já viste o meu gatinho de jade? Mais gatarrão de jade, parece-me! Mas para mim ele será sempre um gatinho de jade.

Com muito amor, Ruby

Cambridge, Abril de 1884

Minha bela mamã,

O Sir Alexander Kinross (tch, que choque!) financiou um laboratório metalúrgico novo, para grande alegria da Universidade. Como há um comboio que liga a estação de Liverpool Street a Cambridge, ele aparece

regularmente para me ver; quando há corridas em Newmarket, aos sábados, vem buscar-me e vamos os dois - mais para ver os cavalos do que para apostar, se bem que, quando apostamos, em geral ganhamos.

Tive uma visita da Lady Kinross. Como não podia recebê-la no meu apartamento em Park's Piece, convidei-a para tomar chá na sala comum do Caius, onde ela conheceu os rapazes. Terias ficado orgulhosa dela. Eu fiquei. Trazia um vestido azul-alfazema, um dos novos chapéus mais pequenos com penas na aba, luvas de pele a condizer e uma botas elegantíssimas. O facto de eu ser um entendido em moda feminina deve-se à Carlotta, a minha ave-do-paraíso, que consegue gastar mais que uma condessa espanhola no salão da modista.

Penso que a Elizabeth se descontraiu um pouco, pois sorriu aos rapazes e manteve uma conversa animada. Quando se foi embora já eles estavam todos apaixonados por ela. O que já motivou resmas de poemas de má qualidade e uma sonata para piano ainda pior. Como os Backs estão cobertos de narcisos, levámo-la para um passeio até ao Cam antes de a devolver reverentemente à sua carruagem.

Vou acabar o meu segundo ano em Cambridge com notas altíssimas a todas as cadeiras. Amo-te e tenho imensas saudades tuas, mas compreendo que tenhas decidido ficar em Kinross. És uma maravilha, mamã.

Com todo o meu amor, o teu gatinho de jade, Lee.

Kinross, Junho de 1884

Queridos Alexander e Elizabeth,

Não sei onde esta carta irá apanhar-vos, agora que andam a viajar pela Itália, em especial porque, segundo creio, os correios italianos não são nada fiáveis. Todos esses pequenos estados, como acontece na Alemanha, a debaterem-se com a unificação. Espero bem que não se vejam envolvidos numa revolução qualquer!

Tenho más notícias. O Charles Dewy faleceu em casa há uma semana e ficou ali sepultado. Morreu de repente e, pelo que me disse a Constance, foi uma morte indolor. O coração parou enquanto ele bebia um *whisky* de malte. Morreu com o gosto preferido na língua e uma expressão de deleite no rosto. Fiquei muito perturbada com a sua morte; tenho os olhos cheios de lágrimas ao escrever estas linhas. Ele era tão alegre e

divertia-se tanto com a vida. Se o paraíso se parecer minimamente com aquilo que os fanáticos da Bíblia apregoam, ele vai aborrecer-se horrivelmente. E a Constance também: ela não pára de fazer comentários estranhos sobre as suíças dele.

Temos uma praga de moscas aqui em Kinross, provocada por uma coisa qualquer na estação de tratamento dos esgotos. Se tiveres tempo, Alexander, poderás dedicar alguma atenção a este problema. O Sung e o Po são irremediavelmente ignorantes no que toca à merda, embora o Po tenha mandado vir um perito de Sydney. Nunca teria imaginado que houvesse alguém em Sydney com mais conhecimentos sobre merda do que o Po. Po¹... estão a perceber? Esqueçam.

O meu gatinho de jade não é maravilhoso? Apesar de ele dizer que não voltará para casa depois de se formar... Quer fazer um doutoramento em Geologia em Edimburgo, diz ele. Tenho saudades de vocês todos.

Muito amor, Ruby.

Londres, Novembro de 1884

Querida titi Ruby,

Estou com problemas com o meu professor, o Mr. Fowldes, que voltou a fazer queixas de mim ao papá. Os meus últimos crimes foram: não manifestar qualquer interesse pela postura no andar, pelas graças sociais nem pela religião; aspirar ao cálculo; provocá-lo provando que os meus cálculos matemáticos estavam certos e os dele errados... e gabar-me do facto; ter dito «Oh, merda quando entornei o tinteiro e zombar dele por acreditar que Deus criou o mundo em sete dias. Ora *isso* é que é uma merda, titi Ruby.

Ele arrastou-me por uma orelha até à biblioteca do papá e debitou os meus crimes num acesso de génio terrível e depois, tendo-se libertado desse fardo, deu ao papá um sermão *enorme* sobre os males de educar raparigas para pensarem que podem competir com os homens. Deus, disse ele, proíbe tal coisa. O papá ouviu-o com ar solene e depois perguntou-lhe se não se importava de me largar a orelha. Como é evidente, o Mr. Fowldes tinha-se esquecido completamente que me continuava a

¹ Trocadilho com expressão alusiva a coco.

agarrar pela orelha, pelo que me largou. Depois o papá perguntou-me o que tinha eu a dizer em minha defesa, o que *indignou* o Mr. Fowldes. Eu disse ao papá que era tão boa como qualquer rapaz a Matemática e Mecânica e que o meu Latim, o meu Grego e o meu Francês e o meu Italiano eram melhores do que os do Mr. Fowldes e que tinha todo o direito de tirar as minhas próprias conclusões relativamente a Napoleão Bonaparte, mesmo que estas fossem mais lisonjeiras para ele do que para o tonto do Duque de Wellington que não teria conseguido vencer em Waterloo sem a ajuda dos Prussianos e que, de qualquer forma, era um Primeiro-Ministro medíocre. Segundo as regras do Mr. Fowldes, os Britânicos nunca estão errados e o resto do mundo nunca tem razão, especialmente os Franceses e os Americanos.

O papá ouviu-me e depois suspirou e mandou-me sair. Não sei o que ele disse ao Mr. Fowldes, mas deve-me ter sido favorável, pois desde aí ele deixou de tentar transformar-me numa *rapariga*. Eu tinha a esperança de que ele despedisse o Mr. Fowldes e me arranjasse um professor mais parecido com o Mr. Stephens, mas não o fez. Mais tarde disse-me que, ao longo da minha vida, encontraria muitos homens como o Mr. Fowldes e que, portanto, era melhor começar já a habituar-me a eles. Ah, ah, mas eu vinguei-me! Fiz-lhe a cama à espanhola e enchi-a de melaço. Ele ficou furioso! O que provocou as minhas primeiras bengaladas... e se dói, titi Ruby, garanto-lhe. Mas eu olhei-o de cabeça erguida e recusei-me a estremecer sequer. Senti-me tentada a mandá-lo foder-se, mas nem mesmo o papá sabe que eu conheço essa palavra, portanto pensei que era melhor não o fazer. Dir-lhe-ei no meu último dia como sua aluna. Mal posso esperar para ver a expressão dele. Não acha que ele ficará tão chocado que possa ter uma apoplexia e morrer, pois não?

Preferiria de longe estar em Kinross com o Mr. Stephens e o meu pónei, essa é a verdade. Ainda assim, o amigo da mamã, o Dr. Gower, levou-me a ver um museu de espécimes anatómicos, a *melhor* prenda que tive em toda a minha vida. Prateleiras e prateleiras com potes cheios de órgãos, braços e pernas amputados, embriões, cérebros e até um bebé com duas cabeças. Oh, e dois bebés ligados um ao outro por um dos lados. Se pudesse teria posto lá uma cama e passaria um ano a examinar tudo devidamente, mas o papá prefere que eu me interesse por rochas e pela electricidade. Ele grunhe, enojado com a Anatomia.

Ele e Lee passaram as férias de Verão de Lee a investigar ideias novas cara o tratamento de esgotos, prevejo portanto que Kinross terá em breve

uma nova estação de tratamento. Não se esqueça de falar com o Chang para se certificar de que ele não se esquece de alimentar os meus ratos, está bem? Eu gosto de ratos, são uns sujeitinhos muito alegres e espertos. Também gosto de si, titi Ruby.

A sua amiga, Nell.

Londres, Abril de 1885

Querida Ruby,

Finalmente vamos regressar a casa... bem, no início do Outono, pelo menos. Oh, estou tão contente! O Alexander decidiu embarcar connosco graças ao facto de o teres mantido informado relativamente ao Po e à situação dos esgotos. Concordo, fizeste um belo trocadilho com o nome dele. Há um rio no norte de Itália que se chama Pó - um esplêndido curso de água, forte e largo e não muito distante do local mais pacífico e belo que alguma vez vi, os Lagos Italianos. Gosto mais da Itália do que de qualquer outro país da Europa, incluindo a Grã-Bretanha. As pessoas encaram a vida de uma forma tão alegre, apesar de serem tremendamente pobres. E cantam, cantam, cantam. Os Galeses também o fazem, mas de uma forma triste.

É muito estranho ser Lady Kinross, apesar de o Alexander exultar com o título. Bem, eu compreendo. Vinga-o aos olhos da Kinross escocesa. Infelizmente, o meu pai e o Dr. Murray já estavam bem mortos quando ele se tornou Sir Alexander. Pelo que agora o Alexander espera que *exista* vida depois da morte, só para que ambos saibam que ele é cavaleiro e se mordam por causa disso. Enquanto que eu acredito que todas as honras e grande riqueza de Alexander não têm qualquer possibilidade de impressionar o Dr. Murray ou o meu pai, nesta vida ou na outra. Eles limitar-se-iam a grunhir e a dizer que nada disso altera o facto de Alexander não ser filho do pai. Tão irremediável como o Pecado Original.

Acabei por não voltar à Kinross escocesa. Oh, Ruby, acobardei-me perante a simples ideia de entrar naquela cidadezinha com todo o meu esplendor francês e coberta de jóias! Seria algo mesquinho. Posso ser pateta, mas mesquinho? Nunca! Contudo, o Alexander levou-me recentemente a Edimburgo, pois o Lee vai para lá em Outubro fazer o doutoramento. Em Edimburgo conheci a minha irmã Jean - Mrs. Robert Montgomery,

de Princes Street. Nunca pude esquecer o tratamento miserável que ela deu ao Alastair e à Mary quando eles me levaram ao comboio para Londres. Sim, perdoei-lhe, mas não é a mesma coisa. Por isso pedi ao Alexander para convidar o Alastair e a Mary para Edimburgo, para os receber em grande estilo. Um disparate, Ruby. Pareciam dois peixes fora de água, horivelmente desconfortáveis e aterrorizados com a possibilidade de cometerem uma gafe. Por que será que cometemos os nosso piores pecados com um espírito caridoso? Apesar de, para eles, ter sido agradável esfregar o nariz de Jean no meu título de Lady. O Alexander diz que o marido dela gosta demais de rapazes e que toda a Edimburgo o sabe. Pobre Jean. Não é para admirar que não tenham tido filhos. Ela tem uma atitude muito tensa e bebe demais.

A Nell fez nove anos e a Anna oito. A Nell tem conflitos horríveis com o professor que não a consegue controlar e já não a consegue ensinar. .. Ela já ultrapassou os seus conhecimentos. A Anna descobriu quatro verbos: precisar, querer, brincar e ir.

As raparigas chinesas divertiram-se imenso. Certifico-me de que elas têm muitos dias livres que, quando estamos em Londres, passam no Museu da Madatne Tussaud ou no Jardim Zoológico.

Lamento não ter visto muito o Lee, mas ele está muito ocupado. Suponho que deves estar encantada por se ir diplomar no topo da sua classe. É um rapaz extraordinariamente sofisticado e encantador, cuja alcunha é, inevitavelmente, «O Príncipe». Um número suficiente de colegas seus da Proctor frequentaram Cambridge para que tal fosse garantido.

Escreverei novamente, claro, mas queria que soubesses o mais depressa possível que vamos regressar a casa.

Com amor, Elizabeth .

SEGUNDA
PARTE



1888-1893

DUAS JOVENS A DESABROCHAR

NELL FEZ DOZE ANOS no Dia de Ano Novo de 1888 e, pouco depois, começou a ser menstruada. Como tinha o mesmo tipo físico do pai, esguio e alto, o desenvolvimento dos seios fora rudimentar, algo que lhe permitira ignorar os primeiros sinais da maturidade. Mas a chegada do período menstrual não podia ser ignorada, em especial tendo Elizabeth como mãe. Não podes continuar a andar por aí em brincadeiras, Nell - disse-lhe

Elizabeth tentando lembrar-se de tudo quanto Mary lhe dissera quando tinha sido menstruada. A partir de agora deverás comportar-te como uma jovem senhora: acabaram-se as aventuras nas minas e nas oficinas e acabaram-se as amizades com os homens. Se tiveres de apanhar qualquer coisa do chão, deves fazê-lo com as pernas juntas e dobrar os joelhos de forma a baixar todo o corpo. Em circunstância *alguma* poderás sentar-te de pernas abertas ou levantá-las. Mas afinal de que estás tu a falar, mamã? De comportamento recatado, Nell. E não olhes para mim dessa

maneira. Isso parece-me um completo disparate! Tenho de me sentar com

as pernas *juntas*? Não posso levantá-las no ar? Já não. Podes ter as cuecas sujas de sangue. Só quando estou com o período - contrapõe Nell, rebelando-se. Não sabes quando o período pode aparecer... De início

é bastante irregular. Lamento, Nell, mas o tempo das brincadeiras acabou insistiu Elizabeth num tom férreo. Continuarás a usar vestidos curtos durante mais dois anos, mas *irás* comportar-te como uma jovem senhora. ••

- Estás a

obrigar-me a sair da vida do papá! E eu é como se fosse um filho para ele! És filha dele, não és filho.

Nell ficou a olhar para a mãe com súbito horror. - Mamã! Tu... tu não lhe *disseste!*

- Sim, naturalmente que lhe disse - disse Elizabeth já na defensiva.

- Senta-te, Nell, por favor.

-Não posso!

Quando a Anna era bebé - começou Elizabeth forçada a explicar-se -, não passei tanto tempo com ela como uma mãe deve passar, por isso pensei que ela era só um bocadinho lenta, não percebi que era atrasada mental. Foste tu quem perguntou ao teu pai o que se passava com

Anna e foi ele quem se apercebeu da deficiência da tua irmã. E eu tive muitos problemas com ele por causa disso. E merecias! - disse Nell, com um esgar. Sim, pois merecia. Mas desde essa altura certifico-me sempre de

que conto ao teu pai tudo o que se passa com a Anna ou contigo. És uma mulher *horrorosa*). Oh, por favor Nell, sê razoável! Tu é que não és razoável! Só queres dar cabo da minha vida, mamã! Queres afastar-me do papá! Isso é injusto e não é verdade - protestou Elizabeth. Vai-te lixar, mamã! Vai-te lixar! - gritou Nell. Cuidado com as maneiras e com a língua, Eleanor. Oh, agora sou Eleanor, é? Bem, recuso-me a ser Eleanor! O meu nome é Nell! - E Nell saiu disparada para ir dar largas à raiva na privacidade do seu quarto.

Deixando Elizabeth esgotada e desorientada. Aquilo não corra como ela planeava... «Terei reagido da mesma forma quando a Mary tratou do assunto da minha menstruação? Não, escutei obedientemente e, a partir desse momento, comportei-me da forma como a Mary me mandou. Terá ela sido mais gentil do que eu fui? Terá tido mais tacto? Não, não me parece. Lembro-me de ter sentido que acabara de ser admitida numa espécie de sociedade secreta e de apreciar bastante esse facto. Por que terei partido do princípio de que a Nell reagiria da mesma forma que eu, quando é por demais evidente que ela é diferente de mim? Tinha a esperança de me tornar amiga dela nesta conspiração de mulheres e só consegui afastá-la. Não perceberá a Nell que a partir de agora será um alvo para

os homens? Que de cada vez que for a **um** sítio onde estejam muitos homens correrá o risco de atrair as **suas atenções de** formas que uma criança nem sonha que existem?

Apesar de Alexander não lhe ter mencionado o assunto, Nell era demasiado inteligente para não se aperceber da mudança que nele se operara de um dia para o outro. Olhava-a de uma forma diferente, com uma mistura de admiração e desgosto. Como se, pensava ela fervendo de embaraço, se tivesse transformado subitamente em alguém que ele não conhecia e em quem não podia confiar. Não tendo nunca apreciado a sorte das mulheres, Nell odiava o facto de a Natureza ter vindo lembrar-lhe que era uma mulher. Em especial por o pai a olhar agora como a uma estranha. Muito bem! Se ia ser uma estranha para o papá, então ele tornar-se-ia também um estranho para ela. Nell afastou-se dele.

Felizmente, Alexander compreendeu suficientemente as razões do afastamento de Nell para a confrontar. Pensas que eu quero que te transformes numa jovem senhora pudica e decente, Nell? perguntou sentado na poltrona favorita, na biblioteca, com ela sentada na sua frente com as pernas firmemente cerradas não fosse ter as cuecas manchadas de sangue. Qual é a alternativa, papá? Eu não sou um rapaz. Nunca pensei que eras um rapaz. Deves perdoar-me, se andei um pouco distante durante estas últimas semanas... é um choque apercebermo-nos da rapidez com que o tempo passa, só isso. A minha amiguinha está a crescer e eu sinto-me velho - disse ele. *Velho?* Tu, velho, papá? - perguntou ela, indignada. - É só porque as nossas brincadeiras acabaram! A mamã não quer que eu vá à mina contigo, nem às oficinas, nem... nem a sítio nenhum! Tenho de parar de me comportar como uma maria-rapaz, mas não quero deixar de ser uma maria-rapaz! Quero ir contigo, papá... *contigo!* E irás, Nell. Mas a tua mãe pediu-me que te desse algum tempo para respirar e te habituares às coisas. Era o que ela *queria!* - disse Nell amargamente. Não te esqueças que ela foi educada de uma forma muito severa -

disse Alexander quase tão aborrecido com Elizabeth como Nell. Como se atrevia ela a assustar a sua filha mais amada fazendo com que ela o abandonasse? - Para ela, a partir do momento em que és uma mulher de facto, tens de aprender a ser uma jovem senhora em todos os sentidos

As mães tendem a pensar nas filhas como em objectos da cobiça dos homens, enquanto que eu acredito que elas estarão seguras desde que não encorajem essa cobiça. E não te estou a ver a fazer uma coisa dessas, Nell - disse com um sorriso. - Não tenciono perder a minha melhor amiga: tu. Posso então continuar a ir contigo à mina e às oficinas? Tenta impedir-me de te levar! Oh, papá, amo-te! - gritou ela trepando para o colo dele lançando-lhe os braços ao pescoço.

Alexander também recebera um sermão de Elizabeth: fora informado de que a partir daquele momento não deveria permitir que Nell se sentasse no seu colo nem que se comportasse como uma criança e não como uma jovem senhora. Mas, pensou ele com os braços apertados ao corpo ainda infantil de Nell, «a Elizabeth está errada. Por que será que as pessoas educadas como ela tendem sempre a esperar o pior das pessoas? Serei suposto desejar subitamente a carne da minha carne e sangue do meu sangue só porque a minha filha está a crescer? Que disparate ridículo! Raios me partam se privarei Nell do afecto explícito que sempre lhe dei! E será que a Elizabeth acredita mesmo que algum homem tentaria abusar da filha virgem de Sir Alexander Kinross? Mesmo que a Nell fosse como a Ruby - e isso ela nunca será! - nenhum homem se atreveria a fazer-lhe propostas. O meu nome e poder protegem-na.

A partir do momento em que Nell foi readmitida na vida do pai nas mesmas condições do passado, o único efeito duradouro da sua menacma foi agravar a ruptura que existia entre Alexander e Elizabeth, que não aprovava - nem podia aprovar - a decisão de Alexander de continuar a tratar Nell como sempre fizera. O sentido de decência de Elizabeth dizia-lhe que, daquela vez, era ela quem tinha razão e que Alexander estava errado. O seu único consolo era Nell continuar a ser horivelmente destituída de atractivos. Tinha uma cabeleira farta e negra que era, de longe, a sua maior glória, mas as sobrancelhas eram igualmente fartas e espessas: e eram pontiagudas, diabólicas. O nariz, bastante grande, estava implantado sobre uma boca demasiado fina, como a de Alexander, e o rosto comprido tinha uns malares de tal forma salientes que faziam o rosto parecer cavernoso. Os olhos, de um azul intenso, olhavam das órbitas fundas com uma expressão firme e ligeiramente zombeteira. Na verdade, Nell

tinha o ar de alguém preparado para ir até ao fim por aquilo em que acreditava e esse não era um ar agradável para uma jovem senhora.

Na sala de aula, reinava. O tempo que passara com Mr. Fowldes em Londres ensinara-lhe que não valia a pena tentar ser submissa, pois isso conduzia apenas ao desprezo; era muito melhor ser espancada, ser arrastada à presença do pai, fazer troça sem pensar no castigo. Pois o único castigo que poderia ter feito Nell submeter-se era algo com que o seu pai nunca concordaria: o fim da sua educação em favor de algo mais adequado a jovens senhoras.

Sem ter nenhum filho, Alexander depositara as suas esperanças em Nell, que o adorava de tal forma que não conseguia obrigar-se a dizer-lhe aquilo que queria ser realmente: médica. Era, para além do mais, uma ambição impossível, mesmo para a filha de Sir Alexander Kinross. As mulheres estavam proibidas de entrar na Faculdade de Medicina da Universidade de Sydney e está-lo-iam sempre. Oh, poderia ir estudar para o estrangeiro, ou mesmo para a Universidade de Melbourne, mas o papá queria ter alguém do seu sangue que lhe sucedesse e isso significava mineração e metalurgia na Faculdade de Engenharia. Que também nunca admitira uma estudante do sexo feminino mas cujos regulamentos não proibiam a matrícula das mulheres, tal como acontecia na Faculdade de Medicina. Um descuido provocado pela falta de previsão: ninguém acreditava que uma mulher pudesse querer estudar engenharia.

Mesmo assim, as transformações no corpo de Nell provocaram algumas alterações na forma como ela via as coisas, em especial a relação entre a mãe e o pai. Esse era um assunto de que Alexander nunca falava, sendo no entanto o assunto que lhe provocava uma curiosidade ardente. Tomando sempre o partido do pai, Nell culpava a mãe que, assim que via Alexander, se refugiava numa exibição gelada de maneiras impecáveis. A reacção do pai àquele afastamento era assumir uma atitude de ligeiro desagrado que se deteriorava frequentemente sob a forma de comentários jocosos e respostas bruscas. O que, para ele, eram reacções naturais; era dele o temperamento mais tempestuoso, mais impaciente, mais intolerante. O que a mamã era, lá no fundo, ninguém sabia, muito menos Nell. O papá chamava-lhe melancólica enquanto que Nell, que lia tudo quanto conseguia arranjar sobre assuntos médicos, não achava que a mãe fosse melancólica nem neurasténica. O instinto dizia-lhe que a mamã era apenas desesperadamente infeliz, mas como podia ser? A titi Ruby e o papá?

Nell não se lembrava de não saber o que se passava entre a titi Ruby e o papá, pois aquela era a mais transparente das relações. Não, não podia ser essa a razão da infelicidade da mamã, pois a mamã e a titi Ruby eram amigas muito íntimas. Na verdade eram muito mais próximas uma da outra do que a mamã do papá.

Mas era ali que a vida peculiarmente protegida que Nell vivera até ao momento não a podia ajudar. Sem nunca ter frequentado uma escola normal, não fazia ideia de que aquele curioso jogo de emoções entre o papá, a mamã e a titi Ruby não só era socialmente inaceitável, como era profundamente bizarro. A Rainha Vitória ter-se-ia recusado a admitir a sua existência. Mas eu não posso falar com ela - disse Elizabeth a Ruby depois do problema da menstruação de Nell. - Já me escaldei o suficiente. Fala tu com ela, Ruby. De qualquer maneira, ela respeita-te mais a ti do que a mim. O problema, querida Elizabeth, é que de cada vez que olhas para a Nell vês o Alexander. - Ruby suspirou. - Manda-a lá abaixo almoçar comigo no hotel e eu tentarei.

O convite era suficientemente pouco habitual para excitar a curiosidade de Nell, fazendo com que ela se pusesse a caminho interrogando-se sobre o que andaria no ar. Já é tempo - começou Ruby depois de o almoço de comida chinesa ter sido devorado - de que fiques mais informada sobre a situação existente entre a tua mãe, o teu pai e eu. Oh, eu sei disso tudo - disse Nell descontraidamente. - Tu e o papá fazem sexo juntos porque o papá não faz sexo com a mamã. E isso não te parece estranho? - perguntou Ruby olhando fascinada para Nell.

- E é? ¹ - Sim, e muito. Então é melhor explicares-me porquê, titi Ruby. Em primeiro lugar porque as pessoas casadas não são supostas ter sexo com outras pessoas, só entre si. Sexo - disse Ruby pensativamente. - És muito explícita, Nell. É o que os livros lhe chamam. Tenho a certeza que sim. Bem, a tua mãe está proibida de ter mais filhos e não pode, portanto, cumprir os seus deveres sexuais. Eu sei. Por isso tu dás uma ajuda - disse Nell com desenvoltura.

Meu Deus! Por que haveria *eu* de ajudar?

Nell franziu o sobrolho. - Na verdade, titi Ruby, não faço ideia. Então eu explico-te. Os homens não conseguem praticar a abstinência. .. ou seja, os homens não conseguem passar sem sexo. Os católicos têm a ilusão de que os homens conseguem cumprir um voto a que chamam celibato, mas eu tenho grandes dúvidas acerca disso. Na verdade, se um homem conseguisse viver em celibato, eu diria que ele estava louco... sabes, maluco. Então o papá precisa de ter sexo. Precisamente. E é aí que eu entro. Mas o teu pai e eu não somos um mero expediente, embora a maior parte das pessoas nos encare assim. Existe amor entre mim e o Alexander, já existia antes de ele conhecer a tua mãe. Mas ele não podia casar comigo por eu já ter tido experiências sexuais com outros homens. Isso não me parece lógico - disse Nell. Não posso concordar mais contigo - disse Ruby algo sombriamente. - Seja como for, resume-se tudo ao facto de as mulheres experientes sexualmente serem consideradas incapazes de serem fiéis a um homem apenas, mesmo que seja o seu marido. E os homens querem ter a certeza, sem qualquer sombra de dúvida, que os filhos que têm são realmente seus filhos. Por isso querem casar-se com mulheres que sejam virgens.

A minha mãe era virgem quando se casou com o papá?

-Era. Mas ele ama-te a ti e não a ela.

Prefiro dizer que nos ama a ambas, Nell - persistiu Ruby, amalgiçando Elizabeth por a ter incumbido daquela tarefa. Ele ama-a por causa das filhas e a ti por causa do sexo. As coisas não são, com toda a franqueza, assim tão frias, minha querida! Nós os três somos algo bastante confuso e isso é o mais perto que me consigo aproximar da verdade. O mais importante é darmos-nos bem os três, gostarmos uns dos outros e... bem, assim como que partilhamos os nossos deveres. Titi Ruby, por que me estás a falar destas coisas? - perguntou Nell

com uma expressão que era o epítome da concentração. É por os estranhos não aprovarem? *Exactamente!* - gritou Ruby, encantada.

:Francamente, não vejo como isso lhes possa dizer respeito. / ;

270 COLLEEN MCCULLOUGH De uma coisa podes ter sempre a certeza, Nell, é que os estranhos

adoram meter-se em tudo o que não lhes diz respeito. É por isso que não podes falar nestas coisas aos estranhos. Compreendes? Sim. - Nell levantou-se.

- Tenho de ir para as aulas. - Beijou Ruby na face, uma grande beijoca. - Obrigada pela lição. Mas não fales nesta conversa ao teu pai!

- Não o farei. É o nosso segredo - afiançou Nell, e partiu.

«Raios! disse a si própria enquanto entrava no elevador. «Sei que o papá ama a titi Ruby e que a titi Ruby o ama a ele, mas esqueci-me de perguntar quem ama a mamã. O papá? É capaz, mas ela não pode ter sexo e o papá precisa.

Mais bem equipada para investigar, Nell decidiu descobrir se a mãe amava o pai. E apercebeu-se rapidamente de que a mãe não amava ninguém, nem mesmo a si própria. Se o papá lhe tocava, mesmo que acidentalmente, ela parecia um caracol a enfiar-se dentro da casca, e o brilho de desagrado nos seus olhos revelava que a sua reacção não se devia à impossibilidade de ter sexo. E o papá *sabia!* A reacção da mamã zangava-o e ele retaliava com um dos seus comentários mordazes, recompunha-se e desaparecia algures. Nell perguntava-se se, na verdade, a mamã amaria sequer as filhas.

- Oh, sim - respondeu Ruby, sujeita a uma segunda conversa. Se ama, então não o sabe demonstrar, isso é certo - disse Nell.

- Começo a pensar que a mamã é uma tragédia. Se guardar tudo dentro de nós constitui uma tragédia, então tens toda a razão - disse Ruby com os olhos marejados de lágrimas. - Não desistas dela, Nell, por favor. Acredita no que te digo, se a tua mãe visse alguém apontar-te uma arma e disparar, meter-se-ia à frente da bala.

Quando fez dez anos, Anna transformara-se numa bela réplica da sua mãe; o que era uma angústia para toda a gente e em especial para Jade, que tinha trinta e três anos. Alta e graciosa, Anna já andava sem dificuldade e conseguia comunicar com frases simples. Também deixara de fazer chichi nas cuecas mas depois transformara aquela vitória num presságio de maturidade precoce começando a desenvolver os seios.

A menstruação apareceu-lhe no décimo primeiro aniversário, o que foi um pesadelo. Tal como muitas crianças com deficiência mental, Anna tinha um extremo horror a sangue, que parecia encarar como um esgotamento do eu, fosse esse eu o de Anna ou de qualquer outra pessoa.

Talvez aquele medo tivesse sido motivado por uma experiência que tivera na cozinha de Sam Wong no Hotel Kinross, quando um dos ajudantes de cozinha fizera um corte até ao osso num dos braços, deitando sangue por todos o lado pelas artérias atingidas e soltando gritos agudos num pânico tal que fora difícil conseguir segurá-lo para aplicar um torniquete. Ninguém se lembrara da presença de Anna, então com nove anos, até estar tudo acabado e os seus gritos serem finalmente audíveis por cima dos do cozinheiro.

Assim, quando lhe apareceu o período, Anna gritou de terror e tiveram de a agarrar para lhe porem uma compressa. E nem o tempo nem as repetições do período menstrual pareciam contribuir para a diminuição do terror. A única forma que Jade e Elizabeth tinham de conseguir que Anna ultrapassasse aqueles cinco dias de hemorragia era sedando-a fortemente com cloreto ou, quando isso não funcionava, com láudano.

Se toda a vida de Anna fora um tormento, não tinha comparação com a devastação que a menstruação provocou nela, pois não havia pura e simplesmente forma de alguém lhe poder explicar que aquela hemorragia era normal e natural, que terminaria por si própria, que a ela só lhe cabia aceitar a sua recorrência mensal. Anna não a conseguia aceitar devido ao terror que lhe provocava e à sua limitada capacidade de concentração. E não era regular, o que significava que não a podiam preparar antecipadamente para o período menstrual seguinte.

Entre menstruações era bastante feliz, desde que não visse sangue, pois aí gritava e atirava-se de um lado para o outro em pânico. Se o sangue era seu, aconteciam lutas titânicas.

Finalmente, após um ano em que teve oito períodos menstruais, Anna já percebera o suficiente dos seus períodos menstruais para começar a debater-se assim que alguém tentava despi-la: relacionava despirem-na com as perdas de sangue. O que teve um benefício; Anna aprendeu subitamente a despir-se sozinha e a lavar-se sozinha. Quando Jade e Elizabeth se certificaram de que as suas abluções eram satisfatórias, deixaram-na em paz relativamente a esse assunto.

- Talvez a menstruação seja uma bênção - disse Elizabeth a Nell. - Nunca pensei que a conseguíssemos ensinar a lavar-se e a trocar de roupa.

Como é evidente, a maturação de ambas as suas filhas fez com que Elizabeth se sentisse muito velha; uma sensação curiosa, dada a sua juventude. Mas ali estava ela, aos trinta anos, com duas jovens a desabrochar

nas mãos e sem fazer ideia de como lidar com qualquer uma das duas. Se tivesse mais conhecimentos, mais experiência, teria tido mais facilidade em ultrapassar as dificuldades; assim, tinha de tactear e fazer o melhor que podia e recorrer a Ruby quando necessário. Não que Ruby fosse capaz de ajudar relativamente a Anna; ninguém conseguia ajudá-la nesse capítulo à excepção de Jade, cheia de amor e paciência e devoção constantes.

Tendo completado catorze anos de casamento em Março de 1889, Elizabeth ensinara a si própria a não sentir e tinha, dessa forma, conseguido uma certa felicidade. Sob muitos aspectos, pensava, a vida que levava tão longe de casa não era assim tão diferente da que teria tido a cuidar do pai e depois como tia solteirona a tratar de sobrinhos e sobrinhas; apesar de ser uma necessidade vital, não era o centro da vida de ninguém. E não desejava ser o centro da vida de ninguém. Alexander tinha Ruby e Nell, Nell tinha Alexander e Anna tinha Jade. Os anos voavam e nada mudara entre ela e Alexander. Desde que ele não lhe tocasse, conseguia manter as aparências para bem da sua única filha observadora, Nell.

Oh, havia momentos agradáveis! Uma gargalhada partilhada com Nell por causa de Chang, o cozinheiro; uma qualquer questão em que ela e Alexander estavam completamente de acordo; conversas deliciosas com Ruby; as visitas de Constance para aliviar a solidão da sua viuvez; as cavalgadas pelo mundo maravilhoso do mato; um livro que a cativava ou maravilhava; um dueto ao piano com Nell; privacidade quando dela necessitava, o que acontecia frequentemente. E, se pensava no Lago, se a imagem de Lee no lago ainda a assombrava, pelo menos perdera a nitidez dos contornos com a passagem do tempo, fundindo o dourado do sol com o dourado da sua pele com o esborratar inexorável da repetição da memória. O tempo permitira-lhe mesmo regressar ao Lago para o gozar sem pensar em Lee.

Para Alexander, a casa tornara-se súbita e enjoativamente feminina, pois, embora continuasse a levar a Nell galhardamente consigo nas suas voltas sempre que esta não estava na sala de aulas, tinha de admitir a si próprio que não era como dantes. A culpa não era dela, mas sua e também de Elizabeth, com os seus comentários frequentemente repetidos sobre o facto de a Nell ser já uma jovem mulher; e o alvo da cobiça dos *homens*. Por isso, e por mais que tentasse não o fazer, dava por si a controlar os

empregados para se certificar de que não deitavam a Nell olhares de luxúria ou - pior, como Elizabeth não parava de dizer - não andavam atrás dela a pensar no muito dinheiro que ela valia. O bom senso dizia-lhe que Nell não era nenhuma *jèmmefatale* nem era provável que o viesse a ser, mas o seu lado de pai possessivo estava suficientemente abalado para, por exemplo, decretar repentinamente que Nell não podia sair sozinha com Summers nem com nenhum dos outros trabalhadores da mina ou das oficinas. Chegava a visitar a sala de aulas para avaliar como eram as relações ali - foi *então* que se apelidou a si próprio de idiota! Nell era, obviamente, nem mais nem menos do que os rapazes. As três raparigas brancas de Kinross, que tinham começado a estudar com ela, tinham partido quando tinham, tal como Nell, feito dez anos por razões que variavam entre a partida para um colégio interno em Sydney e serem precisas em casa.

Foi o desenvolvimento de Anna que desequilibrava a balança e o fez desejar fugir. Nem mesmo Ruby conseguia emprestar sanidade suficiente à sua vida, estando ele amarrado a Kinross. Partir era mais difícil do que no passado, graças à morte de Charles Dewy e à lenta evolução de Sung para assuntos puramente chineses. No entanto, aquilo que fora, em tempos, uma mina de ouro, era agora um império que requeria a sua atenção pessoal em todo o mundo; as Empresas Apocalipse tinham-se expandido para indústrias e áreas muito diferentes da extracção de ouro. Tinham interesses noutros minérios que iam do zinco-prata-chumbo ao cobre, alumínio, níquel, manganésio e resíduos; tinham negócios no açúcar, trigo, gado bovino e ovino; fábricas que produziam máquinas a vapor, locomotivas, vagões e maquinaria agrícola. Eram proprietárias de plantações de chá e de uma mina de ouro no Ceilão, de plantações de café na América Central e do Sul, de uma mina de esmeraldas no Brasil e tinham participações em quinhentas prósperas indústrias nos E.U.A., em Inglaterra, na Escócia e na Alemanha. Como a empresa continuava a ser privada, ninguém excepto os membros do conselho de administração sabia bem qual o valor das Empresas Apocalipse. Mesmo o Banco de Inglaterra tinha de arriscar um cálculo.

Tendo-se apercebido de que tinha bom olho para as antiguidades e obras de arte, Alexander adquirira o hábito de conciliar as viagens de negócios ao estrangeiro com a aquisição de pinturas, esculturas, peças de arte, mobílias e livros raros. Os dois ícones que dera a Sir Edward Wyler tinham sido substituídos e o seu número aumentara; ao Giotto juntaram-se

dois Ticianos, um Rubens e um Botticelli, antes de se apaixonar pelo trabalho não figurativo dos pintores modernos residentes em Paris e comprar obras de Matisse, Manet, Van Gogh, Degas, Monet e Seurat; possuía um Velásquez e dois Goyas, um Van Dyke, um Hals, um Vermeer e um Brue-ghel. Os guias em Pompeia vendiam o painel de mosaicos de valor incalculável de um pavimento por cinco soberanos de ouro; na realidade, os guias vendiam o que quer que fosse por umas quantas moedas de ouro. Em vez de meter tudo na Casa Kinross, Alexander entreteve-se durante alguns meses a construir um anexo junto à casa para expor todos os objectos, e onde estes, com excepção de alguns favoritos, ficaram suspensos, expostos ou encerrados em expositores de vidro. Era um interesse, algo para lhe aliviar o tédio.

Viajar seria outra forma de buscar alívio, mas estava preso a Kinross. Uma parte da mente de Alexander continuava a seguir as pisadas de Alexandre, *o Grande*, com curiosidade relativamente a tudo o que o mundo tivesse para oferecer. E agora estava enfiado numa casa que reverberava com os sons e os cheiros das *mulheres*. Ainda mais quando Anna se começou a juntar ao clube feminino com uma cacofonia de guinchos e gritos. Faz as malas! - rosou a Ruby em Junho de 1889. O quê? - perguntou ela inexpressivamente. Faz as malas! Eu e tu vamos para o estrangeiro. Alexander, eu adorava, mas como posso fazê-lo? Ou tu, já agora? Não teríamos ninguém para cuidar das coisas. Dentro de poucos dias teremos - disse Alexander. - O Lee vai voltar para casa. Desembarca em Sydney dentro de uma semana. Então não vou para sítio nenhum - decidiu Ruby em tom de rebeldia. Oh, vê-lo-ás! ripostou Alexander. Vais vê-lo em Sydney, poderás estar com ele e depois vamos para a América. Leva a Elizabeth. Raios me partam se o farei! Quero *divertir-me*, Ruby.

Os olhos verdes olharam-no com uma expressão de desagrado. - Sabes, Alexander, andas a ficar muito obcecado contigo próprio - disse Ruby. - Para não dizer arrogante. Ainda não sou tua lacaia, meu caro senhor, por isso não me rosnes para fazer as malas só porque estás farto de Kinross! Eu não estou. Quero ficar aqui, se o meu filho vai voltar para casa.

- Vê-lo-ás em Sydney.

- Durante cinco minutos, se for feita a tua vontade.

O TOQUE DE MIDAS 275 Durante cinco dias, se quiseses. Durante cinco anos, é o que eu gostaria! Pareces ter esquecido, meu amigo, que eu mal vi o meu filho durante anos. Se ele vem realmente para casa, então a casa é o único sítio onde quero estar.

O tom inflexível da sua voz não deixava lugar para dúvidas; Alexander abandonou o ar imperioso e conseguiu fazer um ar simultaneamente contrito e sedutor. Por favor, Ruby, não me abandones! implorou. Não vamos embora para sempre, só o tempo suficiente para limpar as teias de aranha da minha cabeça e dos meus sapatos. Por favor, vem comigo! Depois prometo-te que virei para casa e poderás ficar cá.

Ela amoleceu. Bem... Linda menina! Passaremos o tempo que quiseses com o Lee em

Sydney, antes de partirmos... O que quiseses, Ruby, desde que eu me veja fora daqui e contigo! Nunca te levei ao estrangeiro... Não gostarias de ver o Alhambra e o Taj Mahal, as pirâmides e o Pártenon? Com o Lee aqui, seremos livres. Quem sabe o que nos reserva o futuro? Esta poderá ser a nossa última oportunidade, meu amor querido! Diz que sim! Se puder passar algum tempo com Lee em Sydney, sim - anuiu Ruby.

Ele beijou-lhe as mãos, o pescoço, os lábios, o cabelo. - Terás tudo o que quiseses, desde que saíamos de Kinross e eu me veja livre das garras de Elizabeth. Desde que as raparigas cresceram, ela não faz mais nada que arengar, arengar, arengar.

- Eu sei. Até comigo ela é um bocado assim - concordou Ruby. - Se pudesse, acho que punha a Nell e a Anna num convento. - Ronronou de prazer. - Oh, ela vai ultrapassar os sermões, é só uma coisa passageira, mas é capaz de ser bom não ser um dos seus alvos.

Quando Elizabeth ouviu uma versão censurada daquela conversa no dia seguinte pela boca de Ruby, pareceu horrorizada. Oh, Ruby, certamente que não sou assim tão má! - protestou. Andas lá perto e nem parece teu - repreendeu-a Ruby. - Realmente, Elizabeth, tens de ultrapassar essa obsessão com a protecção da virtude das tuas filhas. Os últimos dezoito meses foram insuportáveis por causa disso. Sei que nem todas as mães têm duas filhas a transformarem-se em jovens mulheres em tão rápida sucessão, mas elas estão perfeitamente seguras nesta cidade, posso assegurar-te. Se a Nell fosse namorada, podias ter alguma razão, mas ela é absolutamente sensata e não está minimament

enamorada do amor. Quanto à Anna... a Anna é uma criança grande! As tuas lamúrias constantes afastaram o Alexander até mesmo da Nell. Que não te agradecerá, se descobrir a razão de ele estar tão impaciente por partir. Mas, e a Empresa? - admirou-se Elizabeth. A Empresa arranjar-se-á - disse Ruby com súbita relutância de lhe comunicar a notícia do regresso de Lee a casa. E vais mesmo com o Alexander? - perguntou Elizabeth parecendo melancólica.

Ruby susteve a respiração. - Não me digas que estás com ciúmes! Não, não, claro que não estou com ciúmes! Fiquei só a pensar em como seria viajar com alguém que eu adorasse. Um dia - disse Ruby beijando Elizabeth na face -, espero muito sinceramente que o descubras.

Foi com circunspecção que Elizabeth se despediu de Alexander e de Ruby na estação de caminho-de-ferro. «Recolheu-se novamente para a sua concha, pensou Ruby com tristeza, e o facto de a única vez que ela se aventurou no mundo da realidade ter sido devido à preocupação com as filhas, é uma incriminação para mim e para Alexander. E o pior é essa preocupação ser deslocada: nenhuma das filhas precisa dessa preocupação. Disseste à Elizabeth que o Lee vai voltar para casa? - perguntou

Ruby a Alexander quando o comboio saía da estação. Não, pensei que o tivesses feito - disse ele, surpreendido. Eu não lhe disse. Porquê?

Ruby encolheu os ombros. - Se soubesse seria uma dessas clarividentes assanhadas. E, além disso, que importância tem? A Elizabeth não se interessa absolutamente nada pela Empresa... nem pelo Lee. Isso aborrece-te, não é? Como tudo! Como pode alguém não gostar do meu gatinho de jade? Como por acaso eu gosto imenso, não faço ideia.

Sem a presença de Alexander, Nell refugiou-se nos livros, determinada a matricular-se no fim do ano seguinte e a ir para a Universidade com a tenra idade de quinze anos. Uma ambição que horrorizava a mãe

que se lhe opôs determinadamente. Só para ouvir que isso não lhe dizia realmente respeito.

- Se queres implicar com alguém - explodiu Nell -, vai implicar com a Anna! Para o caso de não te teres apercebido, a Anna anda a ficar muito mal comportada, ultimamente... à mínima oportunidade, escapa-se.

Era uma crítica legítima e Elizabeth mordeu a língua e foi à procura de Jade para ver o que poderiam fazer para disciplinar a Anna.

- Não podemos fazer nada, Miss Lizzy - disse Jade sombriamente.
- A minha bebé Anna já não é um bebé e não quer ficar metida dentro de casa. Eu tento ir sempre com ela, mas ela é tão... matreira!

Quem teria pensado numa coisa destas?, pensou Elizabeth. Anna tinha-se tornado estranhamente independente, como se o ter aprendido a vestir-se e a lavar-se tivesse escancarado uma qualquer porta secreta no seu espírito que, uma vez aberta, lhe tivesse dito que ela era capaz de cuidar de si própria. Entre períodos menstruais era uma criança alegre que se entretinha com facilidade; dessem-lhe um *puzzle* ou blocos para construção e ela brincava com eles durante horas a fio. Mas quando fez doze anos, o que aconteceu no ano em que Alexander partiu para o estrangeiro com Ruby, iniciou um jogo que consistia em eludir as suas guardiãs, fugindo para o jardim e escondendo-se. Só a sua incapacidade de guardar a alegria para si própria - ria-se muito alto - permitia a Jade ou a Elizabeth encontrarem-na.

Elizabeth, contudo, estava ferida pela crítica de Ruby, que a acusara de ser superprotectora, crítica essa sublinhada pelo sermão que Alexander fizera imediatamente antes de partir. Ela limita-se a ir para o jardim, Elizabeth, deixa-a em paz, não andes tão em cima dela! Se não for refreada, começará a aventurar-se para mais longe. Quando ela o fizer, será essa a altura de agir -, fora o veredicto de Alexander.

Agora, três semanas após a partida de Alexander e de Ruby, Anna fora encontrada junto às gruas, na mudança de turno do meio-dia. Reconhecendo-a devido ao facto de Elizabeth continuar a levá-la à igreja aos domingos, os mineiros entregaram-na gentil mas firmemente a Summers, que a levou para casa.

- Não sei o que hei-de fazer com ela, Mr. Summers -, confessou Elizabeth pensando se um estalo teria algum efeito. - Tentamos mantê-la sempre debaixo de olho, mas basta que viremos costas um minuto e ela desaparece.

278 COLLEEN MCCULLOUGH Eu vou passar palavra, Lady Kinross - disse Jim Summers disfarçando a sua irritação; o seu tempo era precioso, tinha coisas mais importantes para fazer do que vigiar Anna. - Se alguém a vir por aí, deverá

entregá-la a mim ou trazê-la para aqui, para casa. Está bem assim? Sim, claro. Obrigada - respondeu Elizabeth desistindo do estalo como castigo por achar que seria absolutamente ineficaz.

E as coisas ficaram assim. Com Alexander e Ruby ausentes, era Summers quem detinha a autoridade.

Mas não por muito tempo. Elizabeth estava a conduzir para casa a risonha e nada arrependida Anna quando Lee virou a esquina da paragem do elevador. Ela deteve-se subitamente, ficando a fitá-lo como se estivesse hipnotizada. Anna deu um guincho e soltou-se da mão de Elizabeth que afrouxara o aperto.

- Lee! Lee! - gritou a rapariga correndo ao seu encontro.

A cena parecia-se com a de um homem pequeno a tentar controlar um cachorro de tamanho desproporcionado, pensou Elizabeth mais contente por ver Lee do que alguma vez imaginara possível. Atravessou o relvado com um enorme sorriso estampado no rosto. Para baixo, Anna, para baixo! - disse com uma gargalhada. É um bocado isso, não é? - perguntou Lee rindo também.

Jade apareceu para tomar conta de Anna que, inicialmente, pareceu sentir relutância em ir com ela mas que acabou por se submeter com a sua habitual boa disposição.

O jovem já era definitivamente um homem - devia ter feito vinte e cinco anos um mês antes. Apesar de ter a pele lisa dos chineses que resiste ao envelhecimento, tinha de cada lado da boca um ruga fina que não estivera lá da última vez que ela o vira, em Inglaterra, e os seus olhos pareciam mais sensatos, mais tristes. Dr. Costevan, presumo? - perguntou ela estendendo-lhe a mão. Lady Kinross - cumprimentou ele beijando-lha.

Ela não esperara aquilo e não soube como reagir: retirou a mão com a descontração de que foi capaz e começou a encaminhar-se na direcção de casa com ele a seu lado.

- Suponho que aquela era a Anna? - perguntou ele. Sim, era a minha filha problemática. ,

-Problemática?

Foge sempre que

pode. ,

Compreendo. Deve ser uma grande preocupação para si.

Alguém que estava do *seu* lado! Elizabeth parou para olhar para ele e depois desejou não o ter feito; esquecera-se de como era olhar directamente para aqueles olhos extraordinários. Sentindo falta de ar, respirou audivelmente antes de responder. - A Jade e eu não sabemos o que fazer - confessou. - As coisas não iam muito mal quando tudo o que ela fazia era esconder-se no jardim, mas recentemente tiveram de a trazer de ao pé das gruas. Suponho que da próxima vez irá até à cidade de Kinross. E não pode permitir uma coisa dessas, concordo. Está com falta

de irmãs Wong, é isso? A Jasmine e a Peach Blossom foram com a sua mãe, mas eu tenho a Jade, a Pearl e a Silken Flower, para além da Butterfly Wing. Parece muito, mas o problema é que a Anna conhece-as muito bem. Do que eu preciso é de alguém em quem ela não repare. A Jade sugeriu a mais nova das Wong, Peony, mas não posso pedir a uma rapariga de vinte e dois anos que se responsabilize pela Anna. Deixe isso comigo, então. Vou pedir ao meu pai uma mulher que a Anna não conheça e que não se deixe enganar pelos seus truques. A não ser que a Anna tenha mudado desde que veio de Inglaterra, assim que se habitua a ter alguém que mais parece um bocado de madeira nas redondezas comporta-se como se estivesse sozinha - disse Lee segurando na porta. Oh, Lee, fico-lhe tão grata! Não tem importância nenhuma - disse ele e virou-se para se ir embora. Não vai entrar? - perguntou Elizabeth desapontada. Não me parece. Não tem nenhuma *chaperon*. Oh, realmente! - exclamou Elizabeth corando intensamente. - Considerando o que o meu marido e a sua mãe estão a fazer neste momento, isso é ridículo! Entre, sente-se e tome uma chávena de chá comigo, por amor de Deus!

Ele pôs a cabeça de lado, observando-a por entre as pálpebras semi-cerradas, e depois as covinhas de Ruby apareceram nas suas faces e deu uma gargalhada. - Só desta vez, então.

Sentaram-se na estufa a tomar chá, a comer sanduíches e bolos enquanto Elizabeth o enchia de perguntas. Afinal, acabara por se doutorar em engenharia mecânica, disse-lhe ele, apesar de também ter feito alguns trabalhos na área da geologia.

280 COLLEEN McCILLLOUGH E trabalhei durante algum tempo **numa corretora, para** perceber o funcionamento do mercado de capitais. E foi útil? - perguntou Elizabeth.

- Absolutamente nada - disse ele alegremente. - Descobri que só há uma maneira de aprender a fazer negócios: fazendo-os. A minha verdadeira educação foi às mãos de Alexander, andando com ele sempre que tinha oportunidade. Agora ele confiou-me a administração da Apocalipse e das Empresas Apocalipse na sua ausência, apesar de me parecer que o marido da Sophia Dewy é também muito astuto nos negócios e nós contratámo-lo recentemente. Ele é mais dado à contabilidade - disse Elizabeth satisfeita por poder dar o seu contributo à conversa. - Trabalha a partir de Dunleigh e não em Kinross... a pobre Constance nunca recuperou da morte de Charles e as filhas são muito protectoras relativamente à mãe. Ele pode levar os livros para casa, é verdade, mas se a rede telefónica de Sydney ao menos acompanhasse a marcha do progresso, poderia fazer ainda mais trabalho em Dunleigh - disse Lee. Em Kinross temos telefones, mas como não existem telefones em Bathurst nem em Lithgow, é uma rede meramente local. O Alexander não poderia deixar de encabeçar a marcha do progresso!

Quando se levantou para partir, Elizabeth pareceu ficar pesarosa. - Não quer vir cá jantar? - perguntou. - Não. Nem mesmo que eu tenha a Nell como *chaperon*! Não, obrigado, nem mesmo com a presença da Nell. Também

tenho de manter o hotel da minha mãe debaixo de olho.

Viu-o atravessar o pátio com uma dor no peito, como se uma prenda maravilhosa lhe tivesse sido tirada sem aviso prévio. Lee estava de volta, mas tornara claro que não tencionava passar tempo nenhum com ela. Logo quando ela arranjava confiança suficiente para descontraír um pouco. Logo quando sentira segurança suficiente em si própria para o tratar como amigo e não como a uma criatura alienígena e perigosa que invadira O Lago. Oh, era uma pena!

Ele, no entanto, cumpriu a sua palavra; enviou-lhe Dragonfly², uma chinesa idosa tão inescrutável como se espera que sejam todos os Orientais. Para onde ia a Anna ia Dragonfly, tão discreta que após dois dias Anna esqueceu-se da sua presença. Um cão de guarda perfeito -, disse Elizabeth a Lee pelo telefone, dado que ele nunca aparecia lá em casa. - Nem sei como lhe agradecer, Lee, de verdade. A Dragonfly dá à Jade e a mim própria um muito merecido descanso, de tal forma que quando ela folga nós estamos capazes de substituir. Por favor, venha cá tomar o chá da manhã um dia destes. Um dia destes - disse ele e desligou.

«Um dia destes, nunca», disse Elizabeth a si própria com um suspiro.

No que respeitava a Lee, nunca era a palavra que tudo resumia. Quando virara a esquina e vira Elizabeth a conduzir sombriamente uma edição mais nova de si própria, as esperanças de Lee de se ter finalmente libertado de Elizabeth desapareceram como se nunca tivessem existido. Os sentimentos assolaram-no como uma vaga: amor, pena, desejo, desespero. Não confiando em si próprio, recusara tomar chá com ela, mas apercebera-se repentinamente da sua solidão, que o forçara, por mera decência, a aceitar o convite. Estava patente nos seus olhos, na expressão do seu rosto, na sua postura: uma solidão tremenda! No entanto, o agradável chá que tomara com ela levava-o à iminência de uma declaração de amor que, sabia, ela rejeitaria, temerosa e definitiva. Consequentemente, não poderia voltar a estar com ela a não ser na presença de terceiros e essas ocasiões eram raras na ausência de Alexander.

Não quisera voltar para casa, mas reconhecera a Alexander o direito de lho ordenar; depois de ter feito tudo o que era possível fazer à distância, era mais do que tempo de provar a sua valia no núcleo da rede das Empresas Apocalipse. Alexander tinha quarenta e seis anos e andava claramente à procura de um sucessor que o deixasse livre para viajar e ter menos deveres para com a Empresa.

Quando a mãe e Alexander o tinham encontrado em Sydney, apercebera-se da sua evidente felicidade por estarem juntos, pela expectativa de irem viajar juntos, e o seu coração punira-o. Por essa altura, já conhecia a história de Alexander: o nascimento ostensivamente legítimo que escondia *Dragonfly*, libélula em Inglês.

dera a sua bastardia, o segredo não desvendado da sua mãe, a sua determinação total em adquirir riqueza e poder, o prazer que retirava dessa riqueza e poder. Mas da sua relação com Elizabeth ele não revelara nada que valesse a pena ser ouvido; tudo o que Lee sabia era o que a sua mãe lhe contara: que Elizabeth não podia ter mais filhos e que vivia por isso na casa de Alexander como sua mulher mas sem ser verdadeiramente sua mulher. Mas isso não desvendava o mistério; numa cidade com tantos chineses, Lee sabia que tanto Alexander como Elizabeth poderiam ter arranjado forma de gozar as relações conjugais sem correr o risco de uma gravidez. Apesar de serem famosos por se multiplicarem, os chineses também conheciam formas de não se multiplicarem, se assim decidissem. Especialmente os chineses cultos. Certamente que Hung Chee, da erva-nária chinesa, conhecia esses métodos. A natureza era rica em substâncias abortivas, se não em substâncias que impedissem a concepção.

O amor que sentia por Elizabeth tornara-o sensível a todas as expressões não-verbais do rosto, olhos e corpo de Alexander quando falava da mulher. E essas expressões não-verbais transmitiam desorientação e dor. Não transmitiam um amor total, não - isso era o que Alexander sentia por Ruby, disso Lee não tinha dúvidas. No entanto, Elizabeth não lhe era indiferente. Era certo que não a odiava nem sentia repulsa por ela. Lee ficava sempre com a impressão de que Alexander desistira de Elizabeth, o que significava que a natureza da relação de ambos tinha origem nela. Nenhum homem lhe poderia ficar indiferente, era demasiado bela para que isso fosse possível - interior e exteriormente. Bela de uma forma que atraía os homens, não os repelia; tinha uma aura de intangibilidade, o que fazia emergir o Homem Caçador, o Homem Conquistador. Mas não em Lee, que desejava Elizabeth de uma forma menos primitiva. Sob a compostura distante, vislumbrara por duas vezes uma criatura em pânico presa numa armadilha. O que ele ansiava por fazer era dar-lhe a liberdade, mesmo que essa liberdade significasse que ela lhe continuaria a chamar o nada que uma vez lhe chamara.

Oh, mas ela ficara muito satisfeita por vê-lo! Suficientemente satisfeita para se opor à sua partida. Para lhe implorar que a visitasse novamente. Bem, isso era o resultado da sua solidão e a sensatez obrigava-o a recusar. Teria de continuar a recusar. Alexander era seu amigo e seu mentor; trair a confiança que Alexander depositava nele era impensável.

E foi assim que Lee continuou a tratar dos assuntos da Apocalips
 ,,,, montanha e de Elizabeth, afogando-se em trabalho.

DISPUTAS INDUSTRIAIS E OUTRAS

UM ALEXANDER MUITO RETEMPERADO regressou a casa em Abril de 1890, mesmo a tempo de celebrar o seu quadragésimo sétimo aniversário; o facto de a viagem não ter sido mais longa devera-se a Ruby, que gostava mais da ideia das viagens do que das viagens em si. Ou talvez - disse a Elizabeth mesmo antes de ter sequer tirado o chapéu - seja por Alexander ser um viajante impiedoso: quase não pára. Houve alturas em que implorei a todos os deuses da criação um par de asas. São Francisco, depois um comboio para Chicago, outro comboio para Washington, Filadélfia, Nova Iorque, Boston... e os Estados Unidos foram só o começo. Foi provavelmente essa a razão por que me deixou fazer as excursões sozinha com o guia, quando fui com ele disse Elizabeth muito satisfeita por rever Ruby. Chegaste a ver os Lagos Italianos? Sim. Alexander ficou em Turim e Milão... negócios, como de costume! Quero dizer, aqui estamos nós, acabados de sair do comboio, e ele

já anda a dar a volta à mina e às oficinas com o Lee. Gostaste dos Lagos Italianos? - insistiu Elizabeth.

- Lindos, minha querida, lindos! disse Ruby, confundida. Eu adorei-os. Se pudesse escolher, viveria no Lago Como. Não quero ser desmancha-prazeres, mas eu prefiro o Hotel Kinross disse Ruby descalçando os sapatos. Deitou a Elizabeth um olhar verde e inquisitivo. - Conseguieste dar-te melhor com o meu gatinho de jade? Não o vi praticamente, mas ele foi muito simpático comigo - respondeu Elizabeth. De que forma?

284 COLLEEN McCULLOUGH Anna desenvolveu o hábito de desaparecer da propriedade depois de

tu e o Alexander partirem, chegou mesmo a ir até às cabeças das gruas... é tão matreira, Ruby! Conheces a Jade, portanto sabes como a Anna é cuidadosamente vigiada. Mas a pestinha conseguia ludibriar-nos a mim e à Jade juntas. E? - perguntou Ruby erguendo os olhos para Elizabeth. O Lee arranjou-nos a Dragonfly, que é perfeita. Compreendes, a Anna conhece-nos e é suficientemente esperta para nos distrair e depois desaparecer à velocidade do relâmpago. Já a Dragonfly é como um pedaço de madeira... está lá e não está. Não pode ser afastada. Digo-te, Ruby, o Lee tirou-me um enorme peso de cima. Fico encantada por estares finalmente a dar-te bem com ele. Ah,

chá! - exclamou Ruby quando Peach Blossom trouxe o tabuleiro. - Sei que estás impaciente, Elizabeth, mas senta-te, por favor. Estou a morrer de sede... No estrangeiro ninguém faz um chá decente. Bem, fora de Inglaterra, e isso já foi há muito tempo. Ganhaste algum peso - constatou Elizabeth. Nem me digas nada! Foi por causa de todos aqueles deliciosos bolos com creme que fazem no Continente.

Fez-se um curto silêncio que Elizabeth quebrou. - Que estás tu a esconder-me, Ruby?

Sobressaltada, Ruby ficou a olhar para ela. - Meu Deus! Estás a ficar muito perspicaz. Não é melhor dizeres-me? É o Alexander - disse Ruby com relutância. Que se passa com ele? Está doente? O Alexander, doente? Nem pensar! Não, está mudado. Para pior. - Elizabeth não falou em tom interrogativo. Definitivamente para pior. Ruby franziu o sobrolho, despejou a chávena e serviu-se de mais chá. - Ele sempre teve tendência para ser arrogante, mas nada que eu, pelo menos, não pudesse aturar. Até tinha um certo encanto. Às vezes eu merecia uma palmada. Deu uma risadinha. Metaforicamente falando, é claro. Embora eu lhe tenha dado um

estalo uma vez! *Deste]* No meu tempo ou antes de mim? Antes de ti, mas não tentes mudar de assunto. Hoje em dia ele dá-se com os barões da indústria e políticos importantes: as Empresas Apocalipse são uma potência em quase todo o lado. Parece que isso lhe subiu

à cabeça. Ou talvez seja mais correcto dizer que ele dá ouvidos a homens bastante horrorosos.

Que homens horrorosos? Magnatas como ele. Nunca conhecestes gente tão dura, fofinha!

Não querem saber de mais nada senão ganhar dinheiro, dinheiro, dinheiro, por isso tratam mal os empregados e recorrem a todo o tipo de truques

baixos para reprimir o denominado movimento operário... sabes, os sindicatos e essas coisas. Não pensei que o Alexander fosse susceptível de fazer coisas dessas disse Elizabeth lentamente. Ele sempre se orgulhou muito de tratar

os empregados magnificamente. No passado acrescentou Ruby ominosamente. Oh, Ruby! Ele não o faria! Não tenho tanta certeza. O problema é que os tempos estão difíceis

e todos os negócios têm sido afectados. Há um consenso geral entre os mais ricos de que é tudo por causa de um livro qualquer que acaba de ser editado em Inglês o título em Alemão é *Das Kapital*. Tem três volumes, mas só o primeiro é que foi traduzido e é mais do que o suficiente para fazer entornar o caldo, a crer no Alexander e seus apaniguados. É sobre o quê? Quem é que o escreveu? perguntou Elizabeth. É sobre uma coisa qualquer denominada socialismo internacional

e o autor é um homem chamado Karl Marx. Parece que também há outro sujeito qualquer envolvido, mas esqueci-me do nome dele. De qualquer forma, amaldiçoa os ricos, em particular os industriais e uma coisa qualquer chamada... humm... capitalismo. A ideia é que a riqueza deveria ser distribuída de forma igualitária, para que ninguém fosse rico e ninguém fosse pobre. Não consigo imaginar que isso tenha alguma hipótese de funcionar,

tu consegues? Não, as pessoas são demasiado diferentes umas das outras. O livro

afirma que os trabalhadores são vergonhosamente explorados e exige uma revolução social. Os movimentos operários, por toda a parte, agarraram-se ao livro como um homem prestes a afogar-se se agarra a uma bóia de salvação e andam mesmo a discutir a possibilidade de entrar na política. Meu Deus - disse Elizabeth placidamente. Tendo a concordar contigo, Elizabeth, mas o problema é que o

Alexander e os seus amigos parecem estar a levar tudo isto muito a sério.

Bem, isso era lá. **Agora o Alexander está em casa, que é onde deve estar, e acalmar-se-á.**

Lee não concordava. Não fora preciso a mãe dizer-lhe que Alexander mudara; viu-o com os seus próprios olhos quando iam da mina para as oficinas e daí para a menina dos olhos de Lee: a nova instalação de tratamento do minério, onde o ouro era separado através da imersão numa solução fraca de cianeto de potássio que fazia com que o metal precioso se precipitasse em aparas para os recipientes de zinco.

Por um lado, Alexander não parava de arengar sobre o declínio mundial da prosperidade e, por outro, olhava para tudo com uma atitude diferente da do passado: como reduzir os custos, mesmo que isso significasse aligeirar procedimentos. Não se consegue economizar no processo com o cianeto e manter os padrões de segurança - disse Lee. O cianeto de potássio é uma substância de uma toxicidade letal. Sim, em grandes concentrações, mas não a um vírgula um por cento, meu caro rapaz.

Lee pestanejou. Alexander estava a ser *paternalista* com ele! Mesmo assim, começa-se sempre com os cristais de cianeto puro rebateu Lee, por isso não se pode deixar qualquer pessoa encarregar de fazer a solução. É uma tarefa para homens inteligentes e muito responsáveis... homens que incluí nas nossas folhas de pagamento do pessoal. Desnecessariamente.

E por aí fora. Havia trabalhadores a mais nas oficinas das locomotivas, pois estas sofriam manutenções demasiado frequentes por que não tinha Lee adoptado a alimentação automática do carvão às máquinas? não havia razão para retirar os vagões antigos de transporte de carvão da linha Lithgow Kinross *ele* não detectara qualquer problema na ponte número três quando a atravessara de regresso a casa. Ora, Alexander! exclamou Lee, espantado. Terá de examinar a parte inferior da ponte para detectar o problema! Recuso-me a acreditar que é necessária a reconstrução de toda a estrutura declarou Alexander bruscamente. Isso poria o caminho de ferro fora de acção durante semanas. Não, se fizermos como o Terry Sanders sugeriu. Levará no máximo uma semana e poderemos armazenar carvão.

O TOQUE DE MIDAS 287 É um bom engenheiro, Lee, **mas** não chegas **aos** calcanhares de

um homem de negócios, isso é óbvio - foi o veredicto de Alexander. Sinto-me como se tivesse sido atacado por um tigre, mamã - disse

Lee a Ruby quando se encontraram para tomar chá ao fim da tarde. Ele está assim tão mal, meu gatinho de jade? Está. - Lee serviu-se de *whisky* escocês em vez de xerez e bebeu-o

puro. - Sei que não tenho muita experiência, mas não concordo que tenha gasto dinheiro desnecessário, que é o que o Alexander diz. Subitamente a segurança deixou de ser importante. Eu poderia aceitá-lo, se não pusesse em perigo a vida de alguns dos empregados, mas põe, mamã, põe! E ele é o principal accionista - disse Ruby. - Merda. Exactamente - riu-se Lee servindo-se de um segundo *whisky*.

- E eu também estou metido na merda por causa da merda! A estação de tratamento de esgotos precisa desesperadamente de umas obras que eu autorizei, mas ele limitou-se a dizer que não são necessárias. Nunca pensei que o Alexander fosse um escocês avarento durante todo o tempo em que o conheci, mas é o que ele é agora. Foi por ter sido mal aconselhado no estrangeiro. Dá ouvidos a

homens que regateiam um xelim se isso significar a poupança de um vintém em cada cem libras. Raios - disse Ruby pondo-se de pé com um salto -, nós temos tanto *lucro*, Lee! Os nossos encargos são uma insignificância quando comparados com o que ganhamos e não temos accionistas a quem prestar contas: apenas aos quatro sócios fundadores.

Nenhum

de nós se queixou. Como poderíamos fazê-lo, por amor de Deus? - Também ela recorreu ao *whisky*. - Bem, poderemos informá-lo do nosso desacordo no próximo conselho de administração. Ele passará por cima dos nossos protestos - avisou Lee. Não me apetece subir a montanha para ir jantar. Nem a mim, mas temos de ir nem que seja apenas por causa da Elizabeth. Ela disse-me - disse Ruby pondo um cachecol de penas ao pescoço que foste muito simpático com ela. Só um monstro seria capaz de não ser simpático com ela. - Olhou

divertido para o cachecol. - Onde é que foste arranjar essa coisa louca? Em Paris. O problema - disse dando um pontapé à cauda do vestido para que este ficasse para trás quando se virou - é que fica mole como uma galinha velha. Riu-se. Bem, eu sou uma galinha velha! Para mim serás sempre uma pintainha, mamã.

O jantar começou bem, tendo em consideração que eram apenas os quatro. Alexander recuperara alguma da sua bonomia e Elizabeth tentou manter a conversa animada. Ficarás divertido por saber, Alexander, que a guerra existente nesta colónia entre as várias religiões se complicou com a chegada de três novas seitas: os Adventistas do Sétimo Dia, a Missão Metodista e o Exército de Salvação. E há um grupo com dissidentes de todas as religiões - disse Lee um tanto febrilmente - que se intitulam Sabáticos e exigem que todas as actividades cessem ao domingo, até mesmo as visitas aos museus e os jogos de críquete. Ah! disse Alexander. Nenhum deles será bem-vindo aqui. Mas Kinross tem imensos católicos e eles não estão muito contentes com Sir Henry Parkes desde que ele retirou a ajuda do Estado às suas escolas - disse Elizabeth passando a salada. - Ele pensou, como é evidente, que isso forçaria as crianças católicas a frequentar o sistema escolar do Estado, mas tal não aconteceu. A batalha continua. Eu sei tudo isso! - ripostou Alexander. - Também sei que o Grande Homem da Política é um fanático protestante que despreza os irlandeses, portanto podemos mudar de assunto?

Elizabeth ficou escarlate, baixou a cabeça e comeu a salada como se esta estivesse temperada com cicuta. Furioso com Alexander, Lee ansiava por apertar a mão de Elizabeth para a confortar. Não o podendo fazer, mudou de assunto. Suponho que estás a par da situação da federação? Se com isso queres dizer que as colónias concordaram em se juntar a uma coisa qualquer chamada Commonwealth da Austrália, sim, claro que estou a par disse Alexander, o rosto iluminado; aparentemente, preferia conversar com Lee a conversar com Elizabeth. Há anos que o assunto está em cima da mesa. Bem, parece que irá mesmo acontecer. O grande debate é sobre quando irá acontecer, mas, de acordo com as notícias mais recentes, será no início do novo século.

Ruby fez um ar zombeteiro. - Em mil e novecentos ou em mil nove-e um? perguntou,

Ah, esse é o grande problema disse Lee sorrindo e decidindo dar uma gargalhada. - Há um grupo que afirma que o novo século começa em mil e novecentos e outro que diz que só começa em mil novecentos e um. Tudo depende, compreendem, de ter existido um Ano Zero entre Um a. C. e Um d. C. As pessoas das igrejas inclinam-se para a inexistência de um Ano Zero, enquanto que os matemáticos e os ateus afirmam que teve de existir um Ano Zero. O melhor argumento que ouvi foi que se não houve Ano Zero, então Jesus Cristo não teve o Seu primeiro aniversário senão no dia vinte e cinco de Dezembro do ano *Dois* d. C. e tinha na realidade trinta e um anos quando subiu à cruz oito meses antes do Seu trigésimo terceiro aniversário d. C.

Ruby deu uma enorme gargalhada, Elizabeth conseguiu sorrir mas Alexander fez um ar desdenhoso. - Disparates! - disse. - Federar-se-ão em mil novecentos e um tenha sido qual for o ano do nascimento de Jesus Cristo.

Após aquele comentário a conversa morreu. Ele detesta estar em casa - disse Ruby a Lee no elevador. Eu sei, mas ultrapassa todos os limites quando descarrega o **mau** humor em cima de Elizabeth, mamã. Ela limitou-se a encolher-se. Ele está entediado, Lee, assustadoramente entediado. Ele é um grosseirão! Aguenta-o, por favor! Ele *vai* acabar por se acalmar - pediu Ruby.

Lee aguentou o tédio assustador de Alexander o melhor que pôde, o que significou entregar-lhe todas as decisões financeiras (Alexander já lhe exigira que o fizesse, de qualquer modo) e manter-se o mais que podia fora do seu alcance. Se Alexander estava na mina, Lee estava na estação de tratamento de esgotos, e se Alexander estava na refinaria de cianeto, Lee estava a reconstruir a ponte do caminho-de-ferro. Obtivera aí uma vitória; mesmo na sua nova disposição economizadora, Alexander conseguira ver que a estrutura estava demasiado enfraquecida para poder ser reparada.

Para Elizabeth era mais difícil, pois não podia afastar-se do marido aos serões. Ele discutira com Ruby, que o repreendera por causa da forma como tratara Lee e a quem fora dito para se meter na sua vida, nomeadamente para se preocupar com o Hotel Kinross. Ela retaliou banindo-o da sua cama. A vida de Elizabeth era ainda mais dificultada por Nell, que estava fora de si de contente com o regresso do papá e se colava a

ele sempre que não estava na sala de aulas. Nell e a mãe tinham-se dado melhor durante a ausência de Alexander, mas agora essas melhorias tinham desaparecido. Sobretudo devido aos fortes protestos de Elizabeth relativamente às intenções de Alexander de enviar Nell para a Universidade para estudar engenharia em Março do ano seguinte, quando ela não teria mais de quinze anos. Evidentemente, Nell estava desejosa de ir, atirou-se ao pai quando ele lhe disse que o poderia fazer e não teve o tacto suficiente para evitar gabar-se disso à mãe. É cruel enviar uma criança de quinze anos para um mundo de homens - disse Elizabeth a Alexander quando lhe pareceu que ele estava bem-disposto. - Eu sei que ela é suficientemente inteligente para ficar em primeiro lugar nos exames de admissão deste ano, mas tem menos quatro anos do que deveria ter. Não lhe faria mal nenhum ficar cá durante mais um ano. És uma desmancha-prazeres, Elizabeth. A Nell está louca por começar e eu preciso dela formada o mais rapidamente possível, agora que o Lee se revelou um desapontamento. O Lee um desapontamento? Alexander, isso é injusto! Uma gaita é que é injusto! Se eu fizesse a vontade ao Lee, as Empresas Apocalipse transformar-se-iam numa sociedade de beneficência para o socialismo internacional! Ele só fala em os trabalhadores isto e os trabalhadores aquilo... Os meus empregados têm salários melhores do que toda a gente e vivem numa cidade melhor e mais barata... têm tudo! E que agradecimentos é que eu recebi? nenhuns! - resmungou Alexander com um esgar. Isso nem parece teu - comentou Elizabeth numa voz inexpressiva. Parece do meu novo eu. Vamos enfrentar tempos muitíssimo difíceis e eu não tenciono ir à falência. Deixemos a questão do Lee. Suplico-te que não deixes a Nell ir no próximo ano. A Nell vai no próximo ano e ponto final. Fiz com que ela e os rapazes chineses aprendessem a defender-se... e o Danny Wilkins também. Terão alojamento adequado e estarão em perfeita segurança. Agora vai-te embora, Elizabeth, e deixa-me em paz!

E as coisas ficaram neste pé até Julho de 1890, quando tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo.

Começou com Dragonfly, que adoeceu do coração e a quem Hung Chee, da ervanária chinesa, disse que não poderia trabalhar durante um mínimo de seis meses. Com Alexander permanentemente mal-disposto - ainda não conseguira regressar à cama de Ruby - Elizabeth sabia que não poderia pedir ajuda a Lee para arranjar uma substituta; não tinha alternativa senão pedir ajuda a Alexander. Que olhou para ela como se estivesse louca. Estou certo de que a Dragonfly tem sido uma grande ajuda...

arcou com todo o trabalho da Anna o que fez com que tu e a Jade ficassem livres, não é? - perguntou num tom mordaz. - Bem, vocês as duas voltam ao trabalho. Nunca houve necessidade de pagar um salário extra a mais uma empregada... Esta casa custa uma fortuna a manter! Mas, Alexander, a Dragonfly tornou-se alguém que a Anna nem via, por isso é que foi tão bem sucedida! - protestou Elizabeth, sentindo os olhos encherem-se de lágrimas e decidida a não as verter. - Quando eu e a Jade supervisionamos a Anna, ela engana-nos... Verdade, ela é matreira! E não pode ser deixada a vaguear por aí. E se tem um acidente? Quão longe pode a rapariga ir? - perguntou Alexander com as

sobrancelhas erguidas na expressão diabólica que lhe era peculiar. - Darei ordens para que se alguém a vir junto às gruas ou na cidade a entregue ao Summers ou a ti. Lamento, Jade - disse Elizabeth uns minutos mais tarde. - Tu e eu estamos novamente de vigia à Anna. Ela vai fugir - disse Jade cheia de infelicidade. Sim, ela vai fugir. Mesmo assim, atrevo-me a dizer que Sir Alexander tem razão quando diz que nada de mal lhe acontecerá. Miss Lizzy, vou certificar-me de que ela não me engana! Eu só tenho medo que ela dê uma queda no mato e parta alguma coisa. Oh, Dragonfly!

Dois dias mais tarde, Alexander reuniu o conselho de administração; só estavam presentes Sung, Ruby e Lee. O marido de Sophia Dewy estava demasiado longe para chegar a Kinross a tempo. Alexander não tencionava enfrentar mais oposição do que a necessária.

- Vou reduzir a metade a produção da Mina Apocalipse - disse num tom que não admitia discussão. - O preço do ouro está em queda e vai descer ainda mais nos próximos tempos. Com isso em mente, recolhemos as antenas antes que alguém no-las corte. Se contarmos com a mina de

carvão, temos uma força de trabalho de quinhentos e catorze elementos. Reduzi-la-emos para duzentos e trinta. A cidade emprega mais duzentos homens, quase todos chineses. Esse número será reduzido para cem.

Fez-se uma longa pausa em que ninguém falou e depois Sung tomou a palavra. Alexander, as Empresas Apocalipse conseguem sobreviver a uma

recessão mundial durante muitos anos. O ouro constitui, hoje em dia, uma parte relativamente insignificante dos nossos lucros, portanto por que não haveremos de continuar a extraí-lo? Temos cofres aqui, podemos armazenar, se for necessário. E esgotar os recursos futuros? Não - decidiu Alexander. Como é que o armazenamento esgota os recursos? - perguntou

Sung. Porque estes saem do chão.

Lee entrelaçou as mãos sobre a mesa, tentando manter a calma. - Um dos objectivos da expansão das Empresas Apocalipse em tantas áreas diferentes foi poder aguentar algumas das nossas empresas e interesses em períodos difíceis - começou num tom calmo. - Se a Mina Apocalipse precisa desse apoio agora, deveríamos dá-lo. Não gerimos empresas para dar prejuízo - contrapôs Alexander. Não teremos prejuízo se reduzirmos a metade os trabalhadores, concordo. Mas os nossos trabalhadores são tão qualificados, Alexander! Temos os homens mais competentes da indústria mineira do ouro. Para quê perdê-los por um expediente temporário? E para quê destruir a boa vontade? Nunca tivemos problemas com os sindicatos..., na verdade, os nossos trabalhadores são tão bem tratados que nem se dão ao trabalho de aderir a sindicatos.

A expressão no rosto de Alexander não se alterou, mas Lee continuou. - Sempre prezei o facto de não tratarmos os nossos empregados como cidadãos de segunda classe. Não há necessidade de ser ganancioso, Alexander. As Empresas Apocalipse são perfeitamente capazes de sustentar os nossos actuais estilos de vida mesmo que tenhamos prejuízos na mina.

Ruby meteu a colher. - O Lee tem razão, mas não foi suficientemente longe. A Apocalipse e Kinross foram o princípio de tudo, Alexander, devemos-lhes tudo o que somos. Eu, pela minha parte, não darei o meu consentimento aos cortes que não passarão de uma gota no Oceano se tivermos em conta a dimensão das Empresas. Quero dizer, estas estão

em toda a parte! A mina e Kinross são os teus *bebés*! Deste-lhes tanto de ti! E agora ages como se tivessem cometido um crime e isso é criminoso. Sentimentalismo puro! - ripostou Alexander. Concorde, é - disse Sung -, mas é um bom sentimentalismo, Alexander. A tua gente e a minha gente têm uma boa vida aqui. Deve continuar a ser uma boa vida e isso significa preservar a boa vontade. Estás a abusar da palavra «boa», Sung. E não me desculpo por estar a abusar dela. Depreendo então, Alexander, que, dado ser o accionista maioritário, está prestes a despedir duzentos e oitenta e quatro mineiros e cem funcionários municipais? perguntou Lee. Correcto. Registo a minha discordância. A minha também disse Sung. E a minha disse Ruby. Também registo a discordância de Dewy. Nada disso tem a mínima importância disse Alexander. Tenciona fazer alguma coisa por aqueles que vai dispensar? perguntou Lee. Evidentemente. Não sou totalmente destituído de escrúpulos. Todos receberão indemnizações de acordo com os anos de serviço, as qualificações e até mesmo o tamanho das suas famílias. Já é alguma coisa disse Lee. Isso também se aplica à mina de carvão?

Não. Só aos empregados de Kinross. Meu Deus, Alexander, serão os mineiros do carvão quem criará mais problemas! gritou Ruby. E é essa precisamente a razão por que não beneficiarão da minha generosidade. Pareces o dono de uma fábrica do Yorkshire lançou Ruby. Alexander, o que é que lhe deu? perguntou Lee. Consciência do abismo que separa aqueles que têm dos que não têm. Seria difícil arranjar resposta mais estúpida! Estás a aproximar-te da insolência, meu rapaz.

Já não muito rapaz, aos vinte e seis anos. Lee levantou-se, com uma expressão determinada. Sei muito bem que lhe devo tudo o que sou, desde a minha educação à quota nas Empresas Apocalipse. Mas não

posso continuar a dar-lhe a minha lealdade, se persistir numa tal crueldade. Se persistir, não quero ter mais nada a ver consigo, Alexander. Isso é um disparate total, Lee. Com o movimento trabalhista a organizar-se para entrar na política e os sindicatos a darem-se ares de importância, os gigantes industriais como esta Empresa estão ameaçados por todos os lados. Queres ter um bando de idiotas socialistas a gerir os negócios desde os bancos às padarias? Os trabalhistas precisam de levar uma lição e quanto mais cedo, melhor. Esta será *uma* das minhas contribuições disse Alexander. *Uma* das tuas contribuições? repetiu Ruby. Tenho outras. Não tenciono ir à falência. Como podem as Empresas Apocalipse ir à falência? perguntou Lee. Estão envolvidas em tantas áreas diferentes que nem mesmo um apocalipse genuíno as conseguiria destruir. Já tomei a minha decisão e mantê-la-ei obstinou-se Alexander. Então eu mantenho também a minha. Lee dirigiu-se à porta.

Apresento a minha demissão imediata do conselho e de toda e qualquer participação nas Empresas. Então vende-me a tua quota, Lee. Uma gaita é que vendo! A quota foi oferecida por si à minha mãe para que ela me entregasse aos vinte e um anos. É uma compensação pelos serviços que a minha mãe lhe presta e não é negociável.

Lee saiu da sala calmamente deixando Alexander a morder o lábio, Sung a contemplar a parede mais distante e Ruby a olhar, furiosa, para Alexander. O que fizeste não foi correcto, Alexander disse Sung. Acho que enlouqueceste disse Ruby.

Alexander reuniu bruscamente os papéis. Se não há mais **nada a tratar**, a reunião está terminada disse.

O problema queixou-se Ruby a Lee é o Alexander ter começado a desenvolver uma carapaça de... de... oh, nem sei como explicar!

O seu altruísmo desapareceu, graças às intimidades com os seus amigos magnatas. Os lucros e o poder começaram a ter mais importância para ele do que os outros seres humanos. Está a perder de vista as *peessoas*, o que lhe dá gozo - não, o que o excita - é manipular grandes números de pessoas para servir os seus próprios objectivos. Quando o conheci, ele era cheio de idealismo e grandes princípios, mas agora já não. Se o casamento

dele tivesse sido mais feliz e tivesse tido um par de filhos, as coisas seriam diferentes. Andaria ocupado a transmitir-lhes os ideais e os grandes princípios. Ele tem a Nell disse Lee recostando-se com os olhos fechados. A Nell é mulher e não estou a ser depreciativa. Só quero dizer que ela herdou o temperamento de aço de Alexander sob uma forma feminina. Ela nunca chegará à presidência das Empresas Apocalipse, sinto-o nos ossos. Oh, será uma excelente engenheira e fará tudo quanto puder para lhe agradar porque o ama. Mas no fim não vai dar em nada, Lee. Não é possível que dê. Mamã, a profetisa.

Não, mamã, a perita em realidade - disse Ruby excepcionalmente séria. - Que tencionas fazer, Lee? Dado não ter qualquer problema de dinheiro, poderei fazer o que me apetecer disse Lee abrindo os olhos e dirigindo-lhe o olhar que ela associava sempre ao seu gatinho de jade. - Sou capaz de viajar pela Ásia e visitar alguns dos meus amigos da Proctor. Oh, não saias de Kinross! - gritou ela.

-Tenho de sair, mamã. Se não o fizer, o Alexander cair-me-á em cima como uma tonelada de tijolos. Ele que colha a tempestade dos ventos que anda a semear com tanta azáfama.

Isso ainda o tornará mais azedo. Então não fiques para assistir. Vem comigo. Não, vou ficar cá. Para ser franca, uma viagem já foi demais para mim. Sou dois anos mais velha do que o Alexander e esses dois anos parecem-me vinte. Para além disso, ele quando cair vai cair inteiro, e se eu não estiver aqui para apanhar os bocados, achas que a Elizabeth o fará? Não faço ideia - disse Lee - do que ela fará ou deixará de fazer.

Contrariamente a Alexander, Lee não dava muito valor aos bens materiais, portanto fazer as malas foi um processo rápido e fácil. Apenas uma mala grande e uma pequena - teria levado ainda menos coisas, se não pensasse que poderia fazer-lhe falta um fato de cerimónia e trajes para diversos tipos de ocasião. Embora fosse estranho não se sentir desejoso de encontrar Alexander algures.

Na última manhã que passou em casa subiu o caminho de cabras até ao mato. O Sol tinha uma frieza invernal, um brilho baço que avermelhava

as folhas cor-de-rosa, ainda por abrir, da folhagem daquele ano dos eucaliptos. A Primavera já estava ao virar da esquina, com as flores a desabrochar e as faces viradas a noroeste das rochas dispersas cobertas de lindas orquídeas sedosas. Tão belo. Tudo era belo. E sempre difícil de deixar.

Sentou-se num grande pedregulho no meio das orquídeas e pôs os braços em torno dos joelhos.

«A única coisa de que não me consigo livrar é do amor que sinto por Elizabeth, que continua a dar forma à minha vida. Nómada, solitário e livre. No entanto, eu não desejava ser livre. Escolheria a Elizabeth, se pudesse. Daria tudo o que tenho, tudo o que sou, para ter a Elizabeth. O seu corpo, a sua mente, o seu coração, a sua própria alma.

Levantou-se como um velho: tinha de ir despedir-se da sua amada.

Que encontrou num estado de espírito perturbado. Anna desaparecera. Que aconteceu a Dragonfly? - perguntou.

Ela abriu muito os olhos. - Não sabes? Parece que não - disse ele, mas num tom simpático.

Teve um problema de coração e o Hung Chee disse que não podia trabalhar durante seis meses. O Alexander afirmou que, de qualquer maneira, a sua contratação fora ridícula e proibiu-me de a substituir. O que é que se passa com esse homem? - gritou Lee de punhos cerrados. Acho que é da idade, Lee. Suspeito que ele se sente velho e não tem mais mundos para conquistar. Mas esta fase passará. Vou-me embora de vez - anunciou ele abruptamente.

A pele dela era sempre pálida, mas pareceu adquirir subitamente uma estranha transparência. A reacção de Lee foi instintiva; pegou-lhe nas mãos e apertou-as com força. - Sente-se bem, Elizabeth? Esta manhã não me sinto lá muito bem - murmurou ela. - Estou preocupada com a Anna. É por causa do Alexander, não é? Ele forçou-o a ir-se embora. Até ele recuperar o juízo, sim. Recuperará, embora deteste pensar no preço que terá de pagar por isso. Oh, Lee, a sua mãe! A sua partida partir-lhe-á o coração. Não, só o Alexander é que é capaz disso. A minha partida tornará muito mais fácil a sua reconciliação com ele, sabe. Não está certo! Ele precisa de si, Lee. / iMas eu não preciso dele.

||

Compreendo. Baixou os olhos para as mãos; sem se aperceber do que fazia, Lee rodava os polegares na parte de dentro dos seus pulsos em pequenos círculos acariciantes. Ela parecia fascinada.

Seguindo o olhar fixo de Elizabeth, Lee olhou para baixo e apercebeu-se do que fazia. Obrigou-se a sorrir e levantou uma mão e depois a outra para as beijar ao de leve. Adeus, Elizabeth - disse. Adeus, Lee. Tenha cuidado consigo.

Ele afastou-se sem se voltar para trás e ela ficou parada no meio do relvado, vendo-o partir, sem pensar sequer em Anna. Lee enchia-lhe os pensamentos tal como as lágrimas lhe enchiam os olhos. Sabes - disse-lhe Alexander nessa noite, na sala, antes do jantar -, estás a melhorar com a idade, Elizabeth. Achas? - perguntou ela tranquilamente, com as defesas a postos. Sim, decididamente. Transformaste-te naquilo que vislumbrei uma vez, quando te estava a amaldiçoar por seres um rato - uma leoa calma. Lamento que o Lee tenha partido - foi a resposta dela. Eu não. Era inevitável. Adoptámos caminhos diferentes: ele quer a paz a qualquer preço e eu estou desejoso de uma boa batalha. Um leão nada calmo. Como descreverias o Lee?

A linha do seu maxilar alterou-se quando ela atirou a cabeça para trás num movimento tão elegante que ele sentiu um assomo de desejo. Ela baixou as pestanas e a sua boca formou um sorriso enigmático. - Como a serpente dourada no Jardim do Éden. A serpente era dourada? Não faço ideia, mas pediste-me uma metáfora animal. É adequada, ele tem mesmo características de serpente. Nunca me deste a entender se gostavas dele, agora que penso nisso. Gostas? Não, nunca gostei dele. .Gostas de alguém, Elizabeth? .Ruby... Sung... Constance... Mrs. Surtees. .,E das tuas filhas? Eu *amo* as minhas filhas, Alexander. Nunca duvides disso. Mas de mim não gostas nem amas. Não, de ti não gosto nem amo

Já te apercebeste que já estás casada comigo há mais ou menos metade de toda a tua vida?

Ela baixou a cabeça e depois abriu muito os olhos para o olhar.

- Esse tempo, só? - perguntou ela. - Parece uma eternidade.

- Eu disse uma leoa calma? Alexander fez uma careta. Uma eternidade comigo transformou-te numa cabra, minha querida.

A redução de pessoal na Mina Apocalipse poderia ter tido lugar sem grandes problemas, não fora Sam O'Donnell, um mineiro que não trabalhava ali há tempo suficiente para receber mais do que uma quantia simbólica quando foi despedido. E não tinha mulher nem filhos que fizessem aumentar a quantia. Mesmo nos seus piores momentos de avaria, Alexander conservava um saudável sentido de auto-preservação que lhe dizia não ser prudente despedir os trabalhadores sem qualquer compensação, embora não existissem leis ou regulamentos que o obrigassem a fazê-lo. Se ele e Ruby não tivessem deixado de falar um com outro, ela ter-lhe-ia dito que, no fim de contas, ele tinha um coração demasiado bom para ser um explorador sem escrúpulos, enquanto que Elizabeth diria que ele era demasiado vaidoso para gostar de ser amaldiçoado e apelidado de tal. Havia alguma verdade em ambas as avaliações. A sua infelicidade foi não se ter importado com os trabalhadores da mina de carvão da mesma forma como se importara com os mineiros de ouro da Apocalipse; foram simplesmente despedidos com duas semanas de salário. O que era generoso, quando comparado com o que acontecia noutros locais.

Sam O'Donnell foi direitinho à Associação de Mineiros Unidos, cuja secção mais militante se ocupava dos interesses dos mineiros do carvão. A maioria dos mineiros do carvão da Austrália eram imigrantes galeses, e as minas, tal como a que Alexander tinha em Lithgow, eram privadas.

Quando Sam O'Donnell regressou de Sydney, vinha acompanhado por uma jovem estrela emergente do movimento operário, Bede Evans Talgarth, do Conselho Trabalhista e dos Ofícios da Nova Gales do Sul. Apesar de ter nascido na Austrália, Bede Talgarth, tal como o seu nome sugeria, tinha origens galesas. Era mais formidável do que um simples agitador ou negociador laborai; um autodidacta que atingira um elevado nível de instrução, percebia de contabilidade e economia e, aos vinte e cinco anos, já conquistara a reputação de excelente orador. Imbuído das ideias dos novos deuses, Marx e Engels, ansiava por dissolver o Conselho Legislativo, que era a Câmara Alta do Parlamento da Nova Gales do Sul

cujos membros não eram eleitos e tinham mandatos vitalícios, e destruir a influência do Governo inglês em todos os assuntos australianos. Odiava a Inglaterra fervorosamente. Apesar disso, tinha cabeça fria e uma grande subtileza.

O encontro que teve no dia um de Agosto com Sir Alexander Kinross transformou-se na colisão de uma força irresistível com um objecto imóvel. Os dois homens, com origens igualmente humildes, tinham escolhido caminhos muito diferentes nas suas vidas e confrontavam-se sem qualquer vontade de fazer a mínima cedência. Dado as condições de trabalho e os salários que auferiam terem sido tão bons durante anos, os mineiros e trabalhadores da refinaria que eram empregados de Alexander nunca se tinham dado ao trabalho de aderir ao sindicato. Com excepção de Sam O'Donnell, que era membro desde os seus tempos de Gulgong. Bede resolveu usar esse facto, exigindo a sua reintegração. O homem só causa problemas e é um queixinhas - disse Alexander -, por isso seria o *último* dos homens despedidos a ser reintegrado. Na realidade, se algures no futuro eu voltasse a admitir pessoal, não admitiria

o Sam O'Donnell. O preço do ouro está em queda, Sir Alexander. Este é um estratagema para manter o seu ouro *insitu* até os preços subirem novamente.

Insitu, hã? Mas que expressão tão elegante para um demagogo barato! O que sugere é ridículo. Estou a despedir pessoal porque não posso suportar os custos da produção em toda a escala, é simples. Reintegre Mr. O'Donnell disse Bede.

Vá para o inferno lançou Alexander.

Bede Talgarth foi-se embora.

O único local onde se podia alugar um quarto em Kinross era o hotel de Ruby, onde Bede alugara o quarto mais pequeno e mais barato. Muito escrupuloso na utilização dos dinheiros do sindicato, preferia, sempre que possível, cobrir os custos a suas próprias expensas com o pouco dinheiro que ganhava a escrever para o *Bulletin* e para um novo jornal trabalhista, o *Worker*, e a passar o chapéu após os discursos exaltados que proferia no Sydney Domain aos domingos à tarde. A sua esperança era apresentar-se, com sucesso, às próximas eleições para o parlamento, cujos membros actuais tinham decidido que, após as eleições, todos os parlamentares eleitos receberiam um belo salário. Até então os deputados não eram remunerados, o que significava que um homem pobre não podia dar-se ao luxo

de ser eleito para a Câmara Baixa do Parlamento. No futuro, os homens pobres poderiam fazê-lo.

Um pouco acima da estatura mediana, com cerca de um metro e oitenta, Bede tinha uma constituição robusta, um legado dos tempos em que trabalhara no carvão em Newcastle - começara a trabalhar ao lado do seu pai, natural de Gales, aos doze anos - e de uma alimentação muito melhor do que aquela que o seu pai tivera em criança, em Rhondda Valley, no País de Gales. Embora fosse volumoso, era muito seco, apesar de ter andar de marinheiro devido à musculatura das coxas. O cabelo ondulado e espesso era de um ruivo escuro, a pele ligeiramente sardenta e os olhos eram pretos como os de Alexander. As pessoas não o achavam bonito, mas as mulheres consideravam atraentes as suas feições duras mas regulares e, se por acaso o viam com as mangas arregaçadas, ficavam a olhar espantadas para a enorme musculatura dos braços. Ruby mostrou-se muito comunicativa quando o encontrou no átrio do hotel, depois do encontro com Sir Alexander.

- Mas que rapaz tão robusto! - apreciou ela, com os olhos verdes a espreitarem timidamente por detrás de um leque de penas de avestruz. - Se o resto for equivalente ao pedaço que está à vista, substituirei rapaz por garanhão.

As narinas dele tremeram; recuou como se ela lhe tivesse batido. Bede reverenciava as mulheres como servidas veneráveis e achava que, nelas, a vulgaridade era intolerável. - Não a conheço de lado nenhum, minha senhora, e se isso é exemplificativo do seu estilo de conversação, não a quero conhecer.

A resposta dela foi uma gargalhada. - Um pudico! Mais um fanático da Bíblia, eh? Não percebo o que é que Deus tem a ver com mulheres que dizem porcarias. É, então, um fanático da Bíblia. Na verdade, não sou.

Ruby baixou o leque e dirigiu-lhe um sorriso de covinhas nas faces tão cheio de alegria que lhe seria difícil resistir. - Você é o homem do Conselho Trabalhista e dos Ofícios, Bede Talgarth - disse. - É típico dessa gente, também: cheio de paixão para libertar os trabalhadores oprimidos, mas determinado a manter as mulheres no seu lugar: a ter bebés, a cozinhar, a limpar e a pendurar para todo o sempre a roupa lavada na

corda. Chamo-me Ruby Costevan, proprietária deste hotel e inimiga ardente dos dois pesos e duas medidas. Dois pesos e duas medidas? - repetiu ele sem compreender. Você é um homem e pode dizer foda-se se lhe apetecer, eu sou mulher e não posso dizer foda-se. Bem, amigo, foda-se! -Aproximou-se dele e deu-lhe o braço. - Chegará mais longe e mais depressa se aceitar as mulheres como suas iguais na raça humana. Embora eu seja de opinião de que não há muitos homens que sejam meus iguais.

Ele estava a amolecer, porquê não sabia, só sabia que ela era extraordinariamente bela e, mesmo assim, irradiava bom humor. No fim, deixou que ela lhe desse o braço e o conduzisse ao salão. É claro que assim que ela dissera como se chamava soube quem era: a amante de Sir Alexander Kinross e um dos membros do conselho de administração da Apocalipse. Onde vamos? - perguntou ele. Almoçar na minha sala de jantar privada.

Ele estacou. - Não posso pagar uma coisa dessas. Será meu convidado... E não me venha com essas merdas de estarmos de lados opostos da barricada e de não comer à custa de proventos ilícitos! Você é um jovem tirano empertigado do movimento operário e aposto que nunca partilhou uma refeição com milionários. Tem agora a oportunidade de descobrir como vive a outra metade. Mais exactamente a outra centésima parte de um por cento. Aceito a correcção.

Ouviram-se barulho e depois uma queda no átrio do hotel; Ruby e Bede viraram-se e viram uma rapariga caída de costas no chão. Oh, raios! - disse a rapariga quando Bede a ajudou a levantar-se. - *Detesto* esta porcaria destes vestidos horrivelmente compridos! Este é o Bede, Nell. Bede, esta é a Nell que tem catorze anos e meio e acaba de deixar as saias curtas - disse Ruby. - Infelizmente, ainda não a conseguimos convencer a apanhar o cabelo e recusa-se totalmente a usar um espartilho. Você é o homem do sindicato - disse Nell acompanhando-os com um roçar da saia abominada. - Eu sou a filha mais velha de Alexander Kinross. - Os olhos azuis e brilhantes olharam-no em desafio quando se sentou na sua frente, do outro lado da pequena mesa redonda. Onde está Anna? - perguntou Ruby. Não a encontram em sítio nenhum, como de costume. Anna - Nell informou Bede - é a minha irmã mais nova. É atrasada mental...

é uma expressão nova que encontrei na literatura, titi Ruby. Gosto mais desta expressão, pois dá melhor a noção da incapacidade para pensar.

Com a cabeça às voltas, Bede Talgarth almoçou com duas mulheres dum tipo que nunca encontrara antes. O vocabulário de Nell era menos apimentando do que o da titi Ruby, mas suspeitou que tal facto se devia apenas a ela se sentir um pouco tímida e não confiar nele, por definição um inimigo do pai. Não que lhe levasse a mal a lealdade filial. Como lhe parecia ver-se a si próprio quando olhava para ela! Mas que espécie de casa nojenta era a de Sir Alexander Kinross, para a sua própria filha almoçar com a amante? Chamar-lhe *titi*? Pois à medida que Nell ia conversando, ele ficou desconfortavelmente consciente de que a rapariga estava perfeitamente ao corrente do estatuto de Ruby Costevan. Isso horrorizava-o, apesar de se considerar um espírito livre, emancipado da religião e das suas convicções obstinadas. Decadência, é o que é, concluiu. Esta gente tem tanto dinheiro e tanto poder que são como os antigos Romanos, depravados e degenerados. No entanto, Nell não lhe parecia depravada nem degenerada, ainda que fosse chocantemente opinativa. Depois apercebeu-se de que a cabeça dela estava recheada com miolos de uma qualidade que ele não podia almejar igualar.

- Vou para a Universidade de Sydney estudar engenharia, no ano que vem - disse-lhe.

- *Engenharia*? Sim, engenharia. - Falou num tom paciente, como se estivesse

a dirigir-se a um idiota. - Mineração, metalurgia, legislação mineira e

ensaio, na verdade. O Wo Ching e o Chan Min vão estudar comigo, mas

o Lo Chee vai estudar engenharia mecânica e construção de máquinas.

O Donny Wilkins - que é filho do pastor da Igreja de Inglaterra - vai

estudar engenharia civil e arquitectura. Assim, o papá ficará com três de

nós para a sua principal área de interesses, a mineração, um para as máquinas e os dínamos e um para construir pontes e projectar a Ópera -

concluiu Nell. Mas a Nell é uma rapariga e três dos outros são chineses. E que mal tem isso? - perguntou Nell num tom ominoso. - Somos

todos australianos e todos temos direito à educação necessária para que

sejamos competentes. O que é que acha que os ricos fazem das suas vidas?

- perguntou com truculência. - A resposta é: fazemos tudo o que os pobres

fazem - desperdiçamos o tempo se formos preguiçosos e matamo-nos a

trabalhar se formos trabalhadores. •

O TOQUE DE MIDAS 303E o que é que a menina sabe dos pobres?Mais ou menos o mesmo que você sabe dos ricos: muito pouco.

Ele mudou de assunto. - A engenharia não é profissão para uma mulher. Que se lixe essa conversa! ripostou Nell. - Suponho que também acha que devíamos deportar o Wo Ching, o Chan Min e o Lo Chee? Como eles já cá estão, não. Mas penso que a imigração chinesa tem de ser travada. A Austrália é um país para brancos que ganhem salários de homens brancos - sentenciou Bede com ar pomposo. Meu Deus! exclamou Nell retendo a respiração. Os chineses são imigrantes muito melhores do que a cambada de bêbados mandriões que vêm de todas as partes das Ilhas Britânicas!

Uma escaramuça interessante que não se transformou em guerra aberta devido à entrada de Sam Wong com o primeiro prato. O rosto de Nell iluminou-se e, para espanto de Bede, começou a conversar com Wong em Chinês com grande afecto. Quantas línguas é que fala? - perguntou-lhe ele depois de Sam desaparecer. Provou os folhados recheados com camarões condimentados com molho doce e encontrou o paraíso gastronómico. Chinês Mandarin - a nossa gente é toda mandarin e não cantonesa - Latim, Grego, Francês e Italiano. Quando for para a cidade vou arranjar um professor de Alemão. Muitos dos ensaios e textos de engenharia são escritos em Alemão.

a nossa gente, pensou ele mais tarde ao passear por Kinross, «"a nossa gente é mandarin e não cantonesa". O que raio quererá dizer isso? Sempre achei que um chinês era um chinês. Vamos ter grande oposição por parte de Sir Alexander Kinross quando começar a *verdadeira* luta para proibir a imigração chinesa. É uma verdadeira lei federal que, por isso, terá de aguardar pela federação e todos os homens de negócios brancos se lhe vão opor, pois podem pagar aos chineses recém--chegados metade do que pagam a um homem branco. Sim, terão de ser os Trabalhistas a fazer passar a lei no parlamento. O que significa que a nossa organização política é ainda mais vital do que a actividade sindical.

«Oh, e porque teria esta situação que rebentar agora em Kinross, quando temos problemas tão perigosos em Queensland e os rendeiros da Nova Gales do Sul formaram o seu maldito Sindicato da Pastoreia? Se - não, *quando* - os tosquiadores entrarem em greve, vai ser um barril de pólvora. E vou ser necessário em Sydney, e não aqui neste fim de

mundo, por mais ouro que aqui haja. O Bill Spencer está sob uma tal pressão por parte dos tosquiadores que vai ter de insistir para que os trabalhadores da tosquia sejam todos sindicalizados e, se conseguirmos arregimentar os trabalhadores das docas de Sydney, vamos ter uns tempos dos diabos. Mas de onde virão os fundos da greve? Demos trinta e seis mil libras aos trabalhadores das docas de Londres no ano passado, o que lhes permitiu sair vencedores. Mas estamos lisos. E eu aqui, em Kinross.

Bede desejava conseguir gostar de Sam O'Donnel, mas quanto mais contactos tinha com o homem menos gostava dele. Embora Bede se sentisse mais inclinado a chamar-lhe sedutor inconstante do que zaragateiro. O facto de ele ter imensos amigos entre os trabalhadores da refinaria e das oficinas e de não ter nenhum entre os seus colegas mineiros, sugeria que irritava aqueles que lhe estavam mais próximos. Ainda assim, Bede estava determinado a usar as melhores características de O'Donnell até ao limite. O homem era bem-parecido, movia-se com agilidade e era bem-falante. E odiava os Chineses, sendo uma boa fonte de informação nesse domínio. Kinross e a Mina Apocalipse eram um mistério para o Conselho Trabalhista e dos Ofícios. Não que Sir Alexander tivesse favorecido os Chineses nos cortes de pessoal. Os seus empregos também tinham sido eliminados mais ou menos na mesma proporção que os empregos dos brancos.

O pedido de autorização feito ao Sargento Thwaites, da polícia de Kinross, para fazer um discurso público na Kinross Square, no domingo seguinte, foi recebido com desconfiança, mas um telefonema para Sir Alexander resolveu o problema.

- Pode falar, Mr. Talgarth, como o poderá fazer qualquer outro homem que o deseje. Sir Alexander diz que a liberdade de expressão é a base da verdadeira democracia e não se opõe.

Portanto, os boatos estão certos», pensou Bede, afastando-se com o seu andar de marinheiro. «Alexander Kinross passou mesmo algum tempo na América. Nenhum escocês nado e criado na Escócia usaria uma expressão como "verdadeira democracia". A mera menção da palavra "democracia" a um firme defensor dos Britânicos em Sydney faria com que este reagisse como um touro em frente a um pano vermelho: um completo disparate americano! Os homens *não* são todos iguais!

Raios, onde estava O'Donnell? Tinham concordado em encontrar-se no hotel imediatamente a seguir ao almoço, mas a tarde foi passando sem

que o homem desse sinais de vida. Finalmente, quando o crepúsculo caía, ele apareceu com um ar um tanto desalinhado. Onde é que estiveste metido, Sam? - perguntou Bede tirando palhas do casaco de O'Donnell. A dar umas cambalhotas - respondeu O'Donnell com uma gargalhadinha. Devias ter vindo ter comigo, para me apresentares aos trabalhadores despedidos, Sam, e não andar por aí em galanteios. Eu não estive em galanteios. sei lá o quê disse O'Donnell com um ar amuado. - Se a visses, percebias.

Durante os seis dias que passou em Kinross, Bede Talgarth fez progressos entre os trabalhadores despedidos que eram caldeireiros, monta-dores, torneiros, mecânicos ou trabalhadores indiferenciados da refinaria e de muitas outras oficinas afectadas pelos cortes na produção de ouro. O comboio só fazia agora uma viagem por semana e o consumo de carvão também decrescera muito. Apenas um em cada quatro dos mineiros da mina de carvão da Apocalipse em Lithgow conservava o emprego.

Os mineiros de ouro, percebeu Bede, eram impossíveis de alistar na causa. Extremamente bem pagos, trabalhavam em turnos de seis horas em cada vinte e quatro, durante cinco dias da semana, com compensações adicionais para os turnos nocturnos, trabalhavam em minas limpas e bem iluminadas por luzes eléctricas e bem ventiladas por condutas de ar equipadas com ventoinhas eléctricas. Os rebentamentos eram seguros e nenhum homem entrava na área de explosão antes de toda a poeira ter assentado. Para além disso, o seu número era largamente ultrapassado pelo dos mineiros de carvão filiados na Associação dos Mineiros Unidos, que consideravam ser um sindicato de mineiros de carvão. E, por último, havia um factor que Bede Talgarth, antigo trabalhador do carvão, nunca tinha considerado até ter chegado a Kinross: os mineiros de ouro desprezavam os mineiros de carvão, que consideravam seres inferiores devido ao facto de, eles próprios, serem mais bem pagos e fazerem um trabalho mais limpo e em melhores condições, não saírem do turno de trabalho pretos do pó do carvão e a cuspir os pulmões por causa da silicose.

O discurso na Kinross Square, no domingo, correu muito bem. Tivera uma ideia brilhante e trouxera um grupo de mineiros do carvão de Lithgow para engrossar a parte da audiência disposta a aplaudir. Sentindo-se vingado, descobriu que do grupo de Lithgow também faziam parte

operários das fábricas de tijolo, das fundições e da fábrica de refrigeração de Samuel Mort. Sendo demasiado esperto para atacar apenas Sir Alexander Kinross, Bede concentrou-se no facto de os trabalhadores receberem uma ínfima parte dos lucros colossais da Apocalipse e pintou um quadro verbal dos dias utópicos em que a riqueza seria distribuída de forma igualitária, em que nenhum homem viveria numa mansão e nenhum homem viveria num bairro de lata. Depois passou aos Chineses, que ameaçavam o ganha-pão de todos os australianos brancos e trabalhadores; a mão-de-obra barata era uma parte vital da equação capitalista, pensassem no exemplo do rapto de melanésios negros forçados a trabalhar praticamente como escravos nas plantações de açúcar de Queensland. Eles eram mais uma das razões pelas quais a Austrália tinha de ser um país de brancos com exclusão de todas as outras raças. Pois, dizia Bede, a espécie humana era naturalmente exploradora, pelo que a única forma de prevenir a exploração era tornar inexistentes as oportunidades para explorar.

O discurso tornou Bede Evans Talgarth famoso em Kinross de um dia para o outro e, na segunda-feira, andava já rodeado de admiradores. O contingente vindo de Lithgow implorou-lhe que discursasse naquela cidade no domingo seguinte e até mesmo alguns dos mineiros de ouro da Apocalipse lhe deram palmadinhas nas costas. Mais, admitiu pesarosamente para si próprio, por terem gostado de escutar um orador soberbo, do que por tencionarem organizar uma acção de luta na indústria. Aquele filho da mãe hipócrita do Sir Alexander também andava a falar, mas fazia-o para grupos pequenos e a sua música era de que sempre fora um bom patrão pelo que deveriam acreditar nele quando lhes dizia que não era possível manter a produção ao nível anterior. Bede ainda tinha muito trabalho a fazer em Kinross.

Trabalho que não estava destinado a ser feito. A 6 de Agosto, um telegrama do Conselho Trabalhista e dos Ofícios chamou Bede a Sydney. Tinham recebido a notícia de que o «Sindicato da Pastorícia estava a enviar, do campo para Sydney, fardos de lã trabalhada por não sindicalizados para ser embarcada para o estrangeiro. O Sindicato dos Trabalhadores das Docas de Sydney declarou a lã negra e recusava-se a carregá-la. No meio de tudo isto, rebentou um conflito entre os armadores dos navios e os sindicatos dos trabalhadores navais, começando na Associação dos Oficiais da Marinha e descendo por aí abaixo. Os proprietários da mina de

carvão de Newcastle encerraram então a mina, não permitindo a entrada aos mineiros, o que fez com que os mineiros de todas as minas de carvão do Estado entrassem em greve de solidariedade. O caos industrial estendeu-se mesmo às minas de prata de Broken Hill, onde os proprietários suspenderam toda a actividade por, segundo eles, o metal não poder ser embarcado.

As greves espalharam-se como focos de incêndio e acabaram por envolver 50 000 trabalhadores de todas as áreas. Uma briga em Sydney fez com que fosse decretado o Estado de Emergência e a amargura crescia ao mesmo ritmo das privações que os grevistas começaram a sofrer. Mercê do enorme donativo feito aos trabalhadores das docas de Londres em 1889, os fundos do sindicato não conseguiam responder às necessidades da greve na frente nacional.

As greves, que se tinham iniciado no princípio de Agosto de 1890, continuaram até ao fim de Outubro, quando os sindicatos cederam face a patrões mais do que obstinados e devido à falta de fundos; o continente inteiro sentia agora a escalada da crise económica. A meio de Novembro, os trabalhadores das docas, os mineiros do carvão e outros mais viram-se forçados a voltar ao trabalho sem que as reivindicações tivessem sido satisfeitas. Os patrões obtiveram uma enorme vitória, pois tinham saído daqueles três meses terríveis com o direito de contratar trabalhadores não sindicalizados, mesmo em indústrias que, até então, tinham sido vedadas a trabalho não sindicalizado. Os últimos a renderem-se foram os tosquiadores de ovelhas.

Alexander fechara completamente a Mina Apocalipse quando as minas de prata de Broken Hill tinham encerrado, usando a mesma desculpa: não podia embarcar o minério. Com os mineiros da mina de carvão de Lithgow, Alexander não se preocupava, mas era demasiado astuto para punir os trabalhadores de Kinross, a quem pagava um salário de subsistência ligeiramente superior ao subsídio de greve pago pelos sindicatos. A sorte estivera do seu lado; quando a nação regressou ao trabalho, as medidas restritivas de Alexander já pareciam suaves.

Kinross tornara-se uma recordação distante para Bede Talgarth. Lambeu as suas feridas em conjunto com o resto do movimento operário e dirigiu as suas atenções para as eleições seguintes para a Assembleia Legislativa da Nova Gales do Sul, que era a Câmara Baixa eleita do parlamento. Estas só teriam lugar em 1892, mas aquela era a altura

do planeamento. As greves de três meses por toda a nação lançaram muitas famílias na sopa dos pobres e ele seria um dos homens que, através da legislação, as tiraria de lá.

Sendo alguém que pensava no futuro, estudou os círculos eleitorais de Sydney onde um candidato trabalhista teria algumas hipóteses; havia muitos, pois Sydney contava agora com cerca de meio milhão de habitantes. Locais no centro da cidade, como Redfern, que quase de certeza elegeriam um Trabalhista, estavam a ser tão fortemente disputados por candidatos trabalhistas com mais estatuto que Bede percebeu que perderia a corrida para a candidatura oficial nas listas trabalhistas. Decidiu-se portanto por um lugar mais marginal e optou por ir para sudeste das áreas devastadas pela indústria em torno dos rios imundos que desaguavam em Botany Bay. Pensou que ali seria capaz de reunir votos suficientes na pré-selecção dos candidatos do Partido Trabalhista e, depois, votos suficientes nas eleições estaduais para ser eleito Membro da Assembleia Legislativa. Tendo tomado a sua decisão, mudou-se para o círculo eleitoral que escolhera e trabalhou com infatigável energia para se tornar uma figura conhecida localmente: caloroso, apaixonado e preocupado.

Assim que as greves terminaram, Alexander fez as malas e embarcou para São Francisco. Para seu grande desgosto, Ruby recusou-se terminantemente a acompanhá-lo

DESASTRE

O DÉCIMO QUINTO ANIVERSÁRIO DE NELL foi, na sua opinião, um desastre. Recebera uma carta do pai em que este lhe dizia que mudara de ideias; esperaria agora até 1892 para iniciar os estudos de engenharia na Universidade de Sydney. Os quatro rapazes, mais velhos do que ela, também passariam aquele ano de 1891 em Kinross para que os cinco, tal como fora originalmente planeado, fossem juntos.

«Penso que é importante eu estar em Kinross e em Sydney quando entrares para a universidade, dizia ele na sua caligrafia perfeita e direita. «É evidente que percebo que este adiamento não será bem-vindo, mas engole os teus sentimentos e aceita a minha decisão, Nell. Foi tomada tendo em conta os teus interesses.

Nell foi direita à mãe, empunhando a carta como um amotinado empunha um archote. Que é que lhe disseste? - exigiu a rapariga saber com o rosto escarlate. Desculpa? - perguntou Elizabeth, sem compreender. ,Que é que lhe disseste quando lhe escreveste? Escrevi a quem? Ao teu pai? Oh, por amor de Deus, mamã, deixa de te armares em sonsa! Não estou a gostar nem do teu tom nem da tua linguagem, Nell, e não faço a mínima ideia de que estás a falar. *Disto!* - gritou Nell agitando a carta debaixo do nariz de Elizabeth. - O papá diz que não posso começar engenharia este ano, que vou ter de esperar até ter dezasseis anos! Oh, graças a Deus por isso - disse Elizabeth suspirando de alívio.

310 COLLEEN McCULLOUGH Mas que boa actriz tu me saíste! Como se não soubesses! Bem, tu

sabes! Foste tu quem o fez mudar de ideias... O que lhe disseste? Dou-te a minha palavra, Nell, de que não lhe disse absolutamente nada. *A tua palavra!* Que piada! És a mulher mais desonesta que eu conheço, mamã, e essa é a verdade. O único prazer que tens na vida é fazeres maldades a mim e ao papá! Estás enganada - disse Elizabeth numa voz fria, recolhendo-se.

- Não posso fingir que não estou satisfeita por teres de esperar mais um ano, mas não tive nada a ver com isso. Se duvidas do que te digo, vai falar com a titi Ruby.

Mas as lágrimas não podiam ser reprimidas nem por mais um segundo e Nell saiu da estufa em pranto como uma criança de seis anos. O pai estragou-a com mimos comentou Mrs. Surtees que testemunhara involuntariamente aquela explosão. - É uma pena, Lady Kinross,

pois ela tem bom coração. Não é nada egoísta. Eu sei - anuiu Elizabeth, desanimada. Isto passa-lhe - disse Mrs. Surtees e saiu.

«Sim, isto passa-lhe, pensou Elizabeth, «mas não vai gostar mais de mim quando lhe passar. Parece que sou incapaz de compreender a Nell. O problema é, suponho, ela estar de tal forma do lado do pai, que a culpa de tudo o que acontece e não merece a sua aprovação tem de ser minha. Pobrezinha! Foi a primeira classificada em todo o Estado nos exames de admissão em Novembro. O que lhe poderá manter o espírito ocupado durante mais um ano? Suponho que o Alexander tomou esta decisão, não tanto para bem de Nell, como por ter achado que os quatro rapazes ainda não estão preparados. E se eles não forem, a Nell não poderá ir. Mas por que não lho explicou? Se o tivesse feito, ela certamente não me culparia a mim. Uma pergunta retórica, na verdade. O Alexander faz tudo o que está ao seu alcance para que a Nell se afaste de mim.

E também não valia de nada ir buscar conforto a Ruby; ela reconciliara-se com Alexander, ainda que à distância. Quando ele regressasse a casa, cairiam nos braços um do outro como Vénus e Marte. Um arrepio de medo percorreu a espinha de Elizabeth. Podendo voltar para Ruby, Alexander era bem capaz de regressar mais cedo do que o previsto.

Dez minutos depois do recontro com Nell, Elizabeth confrontou-se com outro elemento da sua família feminina: Jade.

- Miss Lizzy, posso falar consigo alguns instantes, por favor? - perguntou Jade de pé, junto à porta da estufa.

«Que estranho!», pensou Elizabeth ficando a olhar para ela. «Bonita, eternamente jovem, Jade parece ter dezanove anos.

Entra e senta-te, Jade.

Jade deslizou para dentro da estufa e empoleirou-se na beira de uma cadeira de junco branco, apertando as mãos no colo, a tremer. Minha querida, o que se passa? - perguntou Elizabeth sentando-se a seu lado. É a Anna, Miss Lizzy. Oh, não me digas que fugiu novamente! Não, Miss Lizzy. Então que se passa com Anna? - Não foi uma pergunta ansiosa; apenas no dia anterior, durante o seu turno com Anna, reparara no bom aspecto da rapariga: pele luminosa, olhos brilhantes. Com treze anos e três quartos, Anna estava a adaptar-se à maturidade física muito melhor do que Nell. Se ao menos não se comportasse de uma forma tão atroz quando estava com o período!

Jade conseguiu falar. - Suponho que deve ter sido por causa de todas as confusões dos últimos quatro meses... As greves... a partida de Sir Alexander... - Jade calou-se, humedeceu os lábios e começou a estremecer em vez de tremer.

- Conta-me, Jade. Seja o que for, eu não fico zangada.

- A Anna não tem menstruação há quatro meses, Miss Lizzy.

Com os olhos muito abertos, o queixo caído, Elizabeth ficou a olhar para Jade com um horror crescente. - Faltou-lhe *três vezes!*

- Ou quatro. Tanto quanto consigo recordar-me, Miss Lizzy. Tenho tanto medo do período dela que nem gosto de pensar nisso. O meu bebezinho amarrado, cheia de ópio, aos gritos... afasto tudo isso do meu espírito! Até hoje, quando ela me disse: Anna não sangue mais.

Gelada até aos ossos, com um peso de chumbo no peito, Elizabeth levantou-se e correu escadas acima, forçando-se a abrandar e caminhar a passo quando se aproximou do quarto de Anna.

A rapariga estava sentada no chão, a brincar com um ramo de margaridas que apanhara no relvado; Jade ensinara-a a fazer um buraquinho no caule e a entrelaçá-las numa grinalda. Elizabeth olhou-a com novos olhos. «A Anna é uma mulher em todo o seu esplendor. Um rosto e um corpo belos e uma inocência linda, pois tem a mente de uma criança de três anos. Anna, a minha Anna! Que te fizeram? Tens *treze anos!* Mamã! - disse Anna alegremente, estendendo-lhe a grinalda

de margaridas. Sim, está linda querida. Obrigada. Elizabeth pôs a flores ao pescoço e aproximou-se de Anna para a levantar. - A Jade encontrou uma

carraça nas flores... carraça! Uma carraça má que dá dentadas. Temos de ver se tens alguma, portanto vamos despir-te, está bem? Bah! Carraça má! - disse Anna que se lembrava de uma ocasião em que tivera uma carraça cravada no braço. - Calamina! - guinchou. Uma palavra de três sílabas muito importante para Anna, que sabia que o remédio tirava a comichão e o ardor dos dói-dóis. Sim, a Jade tem calamina. Despe-te toda para a mamã, querida, por favor. Temos de procurar a carraça. Não quer! Anna não sangue. Sim, eu sei. É por causa da carraça, Anna, por favor. Não! obstinou-se Anna, revoltada. Então vamos ver se encontramos a carraça nos sítios onde não tens roupas. Se não a encontrarmos, fazemos um jogo e tiramos uma peça de cada vez, até a encontrarmos. Está bem?

E assim fizeram até mesmo as cuecas serem despidas e as roupas estarem todas devidamente dobradas numa pilha, como Jade lhe ensinara ao longo de anos de persistência e paciência.

As duas mulheres olharam primeiro para Anna, nua, e depois uma para a outra. Um corpo lindo, cujo ventre habitualmente liso estava, decididamente, a começar a inchar; seios cheios e perfeitos cujos mamilos tinham ficado castanho-escuros e inflamados.

- Devíamos ter continuado a dar-lhe banho, por muito que ela objectasse - disse Elizabeth numa voz baça. - Mas uma pessoa não adivinha

o futuro. - Beijou Anna na testa com ternura. - Obrigada, querida. Tiveste sorte. Não há nenhuma carraça malvada para te morder. Veste-te, linda menina.

Novamente vestida, Anna voltou às suas margaridas.

O TOQUE DE MIDAS 313 De quanto tempo pensas que ela estará? - perguntou Elizabeth a

Jade no patamar. Mais perto dos cinco que dos quatro meses, Miss Lizzy.

As lágrimas corriam-lhe pela cara, mas Elizabeth nem dava por elas.

- Oh, o meu pobre bebé! Jade, Jade que havemos de fazer?

- Pergunte à Miss Ruby - disse Jade chorando também.

A raiva chegou com tanta violência que Elizabeth estremeceu. - Eu sabia que o Alexander estava errado! Eu sabia que tínhamos de substituir a Dragonfly! Oh, como os homens são *idiotas*! Ele pensou realmente que podia lançar o manto do seu poder sobre a minha filha bela, desejável e inocente! Maldito seja no inferno!

Nell chegou ao patamar a tempo de ouvir a última frase, com o ar de quem já se acalmara o suficiente para acreditar que a mãe não fora a causa da sua privação. - Mamã, o que foi? Não estás a chorar por eu ter gritado contigo, pois não?

- A Anna está grávida - disse Elizabeth limpando os olhos.

Nell vacilou e aguentou-se de pé encostando-se à parede. - Oh, mamã, não! Não pode ser! Quem faria uma coisa dessas à *Anna*? Um rafeiro imundo qualquer que devia ter a pila cortada! - disse Elizabeth selvaticamente. Virou-se para Jade. - Fica com ela, por favor. Nell, tu és o meu reforço. Ela não pode ser deixada a andar por aí. Talvez devêssemos deixá-la andar por aí - disse Nell muito pálida.

- Assim éramos capazes de apanhar o filho da mãe. Calculo que já cá não esteja. Se não se escapou há semanas atrás, certamente que agora se terá apercebido da gravidez e fugido. Que vais fazer, mamã?

Vou ter com a Ruby. Talvez possamos livrar-nos da coisa. É demasiado tarde!

- gritaram Nell e Jade em uníssono para as costas de Elizabeth. - É demasiado tarde para isso!

E foi isto mesmo que Ruby lhe disse, após um acesso feroz de pragas horrendas. - Mas que raio é que te deu a ti e à Jade? - perguntou de punhos cerrados. - Como é que a deixaram falhar tantos períodos, por amor de Deus?

- Com toda a franqueza, penso que foi por a menstruação dela ser um pesadelo tão grande... Tememos tanto os períodos dela que nem queremos pensar nesse assunto, quanto mais estarmos à espera deles. Além disso, ela falha-os de vez em quando, não é regular - justificou-se Elizabeth. -

E quem... quem sonharia alguma vez com uma coisa destas? É *violação*, Ruby!

- *Eu* teria sonhado com uma coisa destas! - ripostou Ruby.

Por uma qualquer razão, era importante para ela a opinião de Ruby, pelo que Elizabeth insistiu. - As coisas têm andado num caos e tem sido muito difícil viver com o Alexander, por causa da sua arrogância, da deserção do Lee, da sua vontade de ir embora e da fricção entre ele e ti...Oh, estou a ver! A culpa é minha, não é? Não, não, a culpa é minha, inteiramente minha! Sou mãe dela e ela é responsabilidade minha! - gritou Elizabeth. - Culpo-me a mim e a mais ninguém! A pobre Jade está fora de si. E tu também - disse Ruby acalmando-se o suficiente para ir até ao aparador e servir dois conhaques grandes. - Conhaque, Elizabeth, e não admito discussões. Bebe.

Elizabeth bebeu e sentiu-se um pouco mais forte. - Que fazemos? Põe de lado a ideia de te veres livre da criança, para já. Se ela está mais perto dos cinco meses que dos quatro, podia morrer. Livramo-nos deles às seis semanas... mesmo às dez já é arriscado. E ela é tão nova, com treze anos! Apesar de o filho de Sir Edward Wyler ser capaz de estar disposto a fazer a operação. Ele ficou com o consultório do pai, sabias? Sim. O Simon Wyler.

-Vou enviar-lhe um telegrama, mas não alimentes esperanças. Duvido que um bom médico consentisse em fazê-lo, mesmo dadas as circunstâncias. - Ruby respirou fundo. - E o Alexander terá de saber, mesmo que decida não vir a casa para o nascimento do neto. Meu Deus! Ele vai ficar furioso, Ruby. Oh, sim, ficará furioso. O que mais me atormenta é saber como será o bebé. O bebé poderá ser bastante normal, Elizabeth, se a Anna é como é devido ao parto. - Ruby riu-se histericamente. - Meu Deus, que ironia! O Alexander pode muito bem receber o seu herdeiro masculino da filha atrasada mental e de um rafeiro nojento cheio de merda que ataca crianças indefesas. - O riso tornou-se cada vez mais descontrolado, com guinchos e lágrimas até ela se lançar para os braços de Elizabeth e ficar num silêncio ofegante. - Minha querida, muito querida Elizabeth - disse então -, que mais te faltará passar? Se pudesse, tirar-te-ia tudo isso de cima e suportá-lo-ia eu. Nunca fizeste mal a uma mosca e eu sou uma prostituta a caminho dos cinquenta.

O TOQUE DE MIDAS 315 Há mais outra coisa, Ruby. O quê? Descobrir o homem que fez isto. Ah! - Ruby endireitou-se, pegou no lenço e limpou os últimos vestígios do seu desgosto. Duvido que alguma vez o encontremos, Elizabeth, pois nunca ouvi o mais pequeno rumor de que havia alguém a meter-se com a Anna. Esta é uma cidade pequena e eu estou mesmo no seu coração. Entre o bar aberto ao público, o bar do hotel e a sala de jantar, oiço tudo. Não posso acreditar que seja alguém daqui... Nenhum habitante se atreveria a fazê-lo, seria linchado. Toda a gente daqui sabe a sua idade! A minha aposta é num caixeiro-viajante... Vão e vêm com tanta frequência que é difícil mantê-los controlados, nunca é o mesmo homem que vem pela mesma empresa duas vezes seguidas. Vendedores de espingardas, de selas, vendedores ambulantes e fura-vidas que vendem de tudo, desde unguentos e tónicos a frascos de cheiros e jóias de fantasia. Sim, um caixeiro-viajante. Devia ser encontrado e julgado. *Enforcado*! Isso não é sensato. - Os olhos verdes ficaram severos. - Usa a cabeça, Elizabeth! O teu sofrimento privado tornar-se-ia do domínio público e pasquins como o *Truth* teriam um dia em grande com a roupa suja de Sir Alexander Kinross. Compreendo murmurou Elizabeth. Sim, compreendo. Vai para casa. Vou enviar um telegrama ao Dr. Simon Wyler e vou buscar o livro de código para enviar uma mensagem ao Alexander. Esta é uma notícia que ele não gostaria de receber em Inglês. Vai querida, por favor, vai! A Anna precisa de ti.

Elizabeth foi-se embora, ainda abalada, mas sentindo agora que conseguiria lidar com aquele desastre. A bebida ajudara, mas não tanto como Ruby. Pragmática, imensamente experiente e terra a terra. Apesar de Ruby também não ter previsto uma coisa daquelas; se tivesse, teria falado no assunto. O que era um conforto. «Somos demasiado confiantes, pensamos que o mundo inteiro terá pena e protegerá estes desafortunados como nós fazemos. Não têm culpa de serem como são. Mas que mundo é este que tem monstros que só pensam na sua satisfação carnal, que só pensam nas mulheres como meros recipientes. A minha querida filha, com apenas treze anos! A minha querida filha que não compreenderá

sequer o que lhe aconteceu nem compreenderá quando lho tentarmos explicar. Teremos de conseguir que ela ultrapasse isto... Como, não sei. Será que as vacas e as gatas têm alguma noção do que lhes está a acontecer quando concebem? Mas a Anna não é uma vaca nem uma gata, é uma rapariga de treze anos com uma deficiência, portanto não posso alimentar a esperança de que ela lide com o parto como as vacas e as gatas. Com a gravidez, talvez. Conhecendo Anna, ela limitar-se-á a pensar que está a ficar gorda... mas será que ela sabe sequer o que é ficar gorda? Vamos tratar a questão como sendo algo de natural e nada que

mereça preocupações - disse Elizabeth a Jade, quando regressou. - Se ela se queixar que tem dificuldades em andar, dir-lhe-emos que isso passará. Ela não tem vomitado, Jade? Não, Miss Lizzy. Se tivesse, eu era capaz de ter suspeitado mais cedo. Então está a ter uma gravidez muito fácil. Veremos o que o Dr. Simon Wyler diz, mas duvido que ela sofra de eclampsia como eu.

- Vou descobrir quem fez isto - prometeu Jade sombriamente.

-A Miss Ruby diz que isso não é possível, Jade, e ela tem razão. Foi algum caixeiro-viajante há muito desaparecido daqui. Nenhum homem daqui se meteria com a Anna.

- Vou descobrir.

- Nenhuma de nós vai ter tempo para isso. O nosso trabalho é cuidar da Anna - disse Elizabeth.

Foi Nell quem teve mais dificuldade em aceitar a provação de Anna; a Anna sempre estivera presente desde que tinha consciência de si, não era uma irmã companheira mas, à sua maneira, era até algo mais. Uma criatura indefesa, mais difícil de ensinar do que um animal de estimação, com-pletamente adorável pois toda ela era gentileza, doçura e sorrisos. Anna nunca estava mal-disposta e a única coisa que a perturbava era a menstruação. Dava-se um beijo a Anna e ela retribuía. Ríamo-nos e ela ria-se.

Talvez tivesse sido Anna quem inspirara Nell a concentrar as suas leituras em livros relacionados com o cérebro: tantos mistérios para explorar! Mas tinha havido descobertas e haveria muitas mais. Talvez um dia houvesse cura para pessoas como a Anna. Como seria maravilhoso se ela, Nell, pudesse contribuir para isso! O que não impediu Nell de ir para o seu quarto chorar desoladamente. A perda de inocência de Anna era a perda da sua própria inocência.

O Dr. Simon Wyler era bastante diferente do seu pai: menos suave e mais abrupto. Mas suficientemente inteligente para saber instintivamente como lidar com Arma. Em primeiro lugar, fez aquilo que Elizabeth, Jade e Nell tinham evitado fazer: fez-lhe perguntas sobre o que acontecera. Encontraste alguém quando fugiste, Anna? - Sim! Que é que fizeste no mato? - Apanhei flores. Vi cangurus... salto, salto! Só flores e cangurus? Viste mais alguém? Homem simpático. E tem nome, o homem simpático? Homem simpático. Bob? Bill? Wally? Homem simpático, homem simpático. Brincaste com o homem simpático? Melhor brincadeira! Abraços. Melhores abraços. O homem simpático ainda lá está, Anna?

Ela fez uma careta e pareceu infeliz. Homem simpático embora. Não há abraços.

Há quanto tempo?

Mas a isso Anna não sabia responder. Só sabia que o homem simpático partira.

O Dr. Wyler começara então a persuadir Anna para que lhe mostrasse como é que ela e o homem simpático davam abraços; para horror da mãe, ela deitara-se na cama e deixara que o Dr. Wyler lhe tirasse as cuecas, abrindo as pernas sem precisar de encorajamento.

- Finge que eu sou o homem simpático, Anna. Ele fez assim... e assim... e assim, não foi?

O exame foi feito com suavidade e mantido tão próximo quanto possível da definição que Anna fazia dos abraços; se Elizabeth pensara que a sua mortificação horrorizada não poderia piorar, apercebeu-se de que se enganara quando viu a filha de treze anos começar a contorcer-se e a gemer de prazer.

- Pronto, Anna - disse o obstetra. - Senta-te e veste as cuecas.

Os seus olhos encontraram os de Jade e ele estremeceu como se tivesse sido tocado por uma mão morta e gelada. Depois, Jade correu para a cama e ajudou Anna a vestir as cuecas.

318 COLLEEN McCULLOUGH Ela está de cerca de cinco meses, Lady Kinross - confirmou o

Dr. Wyler enquanto bebia, agradecido, uma chávena de chá na estufa. Não vai livrar-nos disto? - perguntou Elizabeth com o rosto inexpressivo. Não, não o posso fazer - respondeu ele suavemente. Quem poderia recriminar a pobre mulher por lho pedir? Ela... gostou, não foi? Parece que sim. O sujeito deve ser perito na sedução de jovens virgens e tem alguma inteligência. Pousou a chávena e inclinou-se para a frente, com os olhos cinzentos cheios de compaixão. - A Anna é uma perfeita contradição. A sua mente é a de uma criança pequena, mas as reacções do seu corpo são as de uma jovem em amadurecimento. Ele ensinou-a a gostar do que lhe fazia, mesmo que, talvez, a primeira vez não tenha sido muito agradável para ela. Apesar de até poder ter sido. A Anna não sabe nada dos receios das mulheres e pode não ter sentido qualquer dor. Especialmente se o homem era um perito. Compreendo - disse Elizabeth com a garganta apertada. - Está a tentar dizer-me que, quando isto estiver terminado, a Anna procurará novas ocasiões? Sinceramente, não sei, Lady Kinross. Quem me dera saber. Como é que havemos de lidar com o parto, quando chegar a altura? Penso que terei de cá estar. Felizmente, o meu pai ainda está muito capaz de exercer e não me parece que qualquer uma das minhas pacientes levante objecções a que ele me substitua. E o bebé? Será como a Anna?

Provavelmente, não disse Simon Wyler com o ar de quem já ponderara longamente aquela questão. - Se o parto da Anna for fácil, o bebé deverá ficar bem. Tudo está como deve ser, nesta fase da gravidez, tenho a certeza. Se eu fosse jogador, apostaria num bebé saudável com um cérebro intacto.

Elizabeth voltou a encher-lhe a chávena e insistiu para que comesse um bolinho. - Se a Anna viesse a procurar... prazer... no futuro, haveria uma forma de a impedir de engravidar novamente? Refere-se à esterilização? Refiro-me? Não conheço a palavra. Para esterilizar a Anna, Lady Kinross, teria de proceder a uma grande cirurgia... abrir-lhe o abdómen. O risco é extremamente elevado. Hoje em dia fazemos cesarianas quando não há alternativa e cerca de

metade das mulheres sobrevivem. A esterilização seria feita bastante tempo após o parto, mas não seria tão fácil como remover uma criança do útero. Os ovários estão bem no interior do corpo. A Anna é jovem e forte, mas eu não aconselharia a esterilização, minha senhora. A alternativa é uma espécie de prisão. Sim, eu sei. Terá de ter a certeza absoluta de que a Anna estará sempre acompanhada nas suas saídas. Do meu ponto de vista, a vigilância será tão eficaz como a esterilização.

E Elizabeth teve de se contentar com aquela opinião. O Dr. Wyler tinha razão: não podia submeter Anna aos riscos de uma cirurgia nem prendê-la por trás de verdadeiras barras. «Temos de estar vigilantes, sempre vigilantes, e mandarei regressar a Dragonfly, diga o Alexander o que disser sobre as economias. Oh, Alexander, vem para casa! Como poderei explicar tudo isto num telegrama cifrado a um xelim por palavra?

Ruby recebeu-a com a resposta de Alexander ao telegrama que enviara assim que Elizabeth chegou ao hotel. - Ele diz que temos de lidar com a situação. *Ele* não pode deixar seja o que for que anda fazer. Maldito filho da mãe! Não te importas de cifrar isto? - Elizabeth estendeu-lhe duas páginas cobertas com a sua caligrafia, pequena e apertada. Sei que é muitíssimo longo, mas preciso dos conselhos de Alexander relativamente à

avaliação do Dr. Wyler. Se decidir o que fazer sem o consultar, ele vai ficar furioso. Eu até cifrava a Bíblia por ti, Elizabeth, sabes disso. - Ruby pegou

nas folhas e leu-as rapidamente. - Meu Deus, nunca mais acaba, não é? Pobre, pobre Anna! Vamos ultrapassar isto, Ruby. Mas não vou ter o Alexander a dizer

que não lhe explicámos todas as consequências possíveis. Suspeito pelo tom da sua primeira resposta que ele ficou muito abalado, apesar de não o admitir. - Ruby pousou os papéis e acendeu uma cigarrilha. - Como foi, não sei, mas a notícia do que aconteceu à Anna já se espalhou - disse. - As pessoas estão a ferver... nunca vi uma raiva tão grande. Até mesmo os sacerdotes esqueceram aquela passagem do dar a outra face. Se soubéssemos quem foi, seria linchado. A Theodora já aqui veio num pranto, a Mrs. Wilkins veio pedir o meu conselho para um panfleto a distribuir a todas as famílias com filhas novas e o Sung anda a afiar o machado das decapitações. Brancos ou Chineses, anda tudo a espumar pela boca. - Soprou uma baforada de fumo com ar de dragão.

Mas ninguém conseguiu descobrir um nome. Habitualmente, em situações como esta não, quero dizer, em situações que causam este tipo de

indignação há em geral um desgraçado qualquer que arca com as culpas por razão nenhuma a não ser não gostarem dele. Mas, desta vez, não.

Em Kinross não há daqueles pervertidos que gostam de beijar e mexer em rapariguinhas, por isso, o consenso geral é que, tal como eu penso, terá sido um caixeiro-viajante que não mais cá voltou. Só há uma coisa aí que não bate certo - observou Elizabeth. -

Certamente que para dar à pobre Anna um prazer que se lhe tornou tão familiar, teria de o ter feito muitas vezes, e não só uma. Os caixeiros viajantes nunca ficam por mais de dois dias. Sim, mas formam um clube. Podem ter passado palavra entre si

acerca da Anna... O homem simpático de que ela fala pode ter sido uma dúzia de homens simpáticos disse Ruby, que gostava da sua teoria. Não acredito nisso. Acredito que foi alguém de cá, e a Jade também insistiu Elizabeth com teimosia.

Jade acreditava realmente que o molestador de Anna era alguém de Kinross. Apesar de Anna ser a bebé da Miss Lizzy, ambas tinham estado tão doentes que recaíra sobre Jade a responsabilidade de ser a mãe de Anna. Podia não ser casada, mas Jade não era destituída de experiência sexual, experiência essa que remontava aos tempos anteriores a ter entrado ao serviço de Miss Ruby em Hill End. O Príncipe Sung decretara que ela deveria entrar ao serviço de Miss Ruby e escolhera Pink Bird de entre as sete irmãs Wong para sua concubina. Se Jade tivesse pedido um marido, ter-lhe-iam arranjado um, mas, após ter avaliado as alternativas, Jade decidira que o serviço doméstico seria uma vida mais fácil. Depois aparecera Miss Lizzy e ela transferira-se de Miss Ruby para Miss Lizzy, uma patroa mais simpática. Ter a Anna para si fora como ter um bebé sem as dores do parto nem a chatice de um pai. Para Jade, não tinham qualquer importância as longas horas de trabalho duro, pois ela amara a pequenita frágil e lamurienta como se fosse sua filha desde o primeiro dia de vida de Anna. Nem nunca ocorrera a Jade recriminar Miss Lizzy pelos primeiros meses de indiferença relativamente a Anna; Miss Lizzy passara muito mal e Mr. Alexander não era o marido, nem pai, da sua escolha. Como é que Jade sabia disso era um mistério, pois Miss Lizzy nunca lhe dissera uma única palavra a esse respeito nem traíra os seus sentimentos através de qualquer expressão facial. Sabia também mais uma vez era

um mistério como é que o sabia - que Miss Lizzy se sentia atraída por Lee e que Lee estava apaixonado por ela. Considerando o facto de a vida de Jade ser passada nos domínios de Anna, era espantoso o quanto ela sabia.

Não há nada numa casa que possa ser escondido dos criados mais antigos que fazem parte da família sob todos os aspectos. Jade era a criada mais antiga e mais fiel, ainda mais ligada a Anna do que Butterfly Wing o era a Nell. E Jade sabia aquilo que Elizabeth não suportava saber: o destino de Anna estava no fio da navalha. Anna tinha um pai, um pai tão poderoso e imperioso como o Príncipe Sung, e ele veria o que acontecera com Anna de uma perspectiva muito diferente da das mulheres. De acordo com a lei eterna de todas as raças, seria ele a tomar as decisões. Quando se descobrira que Anna era deficiente, ele parecera tão compreensivo, tão misericordioso... Mas isso passara-se há doze anos e Mr. Alexan-der já não era o mesmo homem que fora nessa altura. Se Miss Lizzy o tivesse amado... mas Miss Lizzy não o amara. Ele sentar-se-ia em julgamento, numa cadeira alta e elaborada, muito distante da esfera das mulheres, e consideraria o caso com total frieza, na intenção de chegar a uma decisão razoável e lógica de acordo com os princípios dos homens. Como seria possível, então, dizer que uma decisão lógica e razoável podia destruir corações? Como impedi-lo de internar Anna num asilo?

Demasiado fora de si para chorar, Jade passou a noite na sua cama no quarto de Anna escutando a respiração suave do seu bebé grande e decidiu que encontraria o homem que destruíra o mundo de Anna, a hipótese de Anna ser feliz como uma das inocentes. Miss Lizzy - disse a Elizabeth após a visita do Dr. Wyler, preciso de umas férias. O Hung Chee da erva-china diz que tenho o coração doente e preciso de fazer o tratamento com as agulhas. Falei com a Butterfly Wing, que não se importa de me substituir nos meus deveres... A Nell não precisa muito dela e ela sente-se muito com isso. Claro, Jade - disse Elizabeth e depois pareceu receosa. - Espero que continues a ter as férias pagas? O Mr. Alexander nem parece ele ultimamente, no que respeita aos salários. Oh, sim, Miss Lizzy, eu recebo. Só por curiosidade, quanto é que vocês, as raparigas, recebem? Mais do que os supervisores das minas do Mr. Alexander. Ele diz

que somos mais difíceis de encontrar e que temos que ser bem tratadas.

- Graças a Deus por isso! Tens alguma ideia de onde gostarias de ir nas férias?

Jade pareceu surpreendida. - Para Kinross, Miss Lizzy. Tenho de ser tratada com as agulhas. Vou ficar com a Miss Theodora, que vai pintar a casa dela. Posso ajudá-la.

- Isso *não* são férias, Jade.

Mas Jade fora, jubilante com a facilidade com que cumprira a sua primeira tarefa. Fez uma mala e meteu-se no elevador até à cidade, onde a aguardava uma ligeiramente espantada Theodora Jenkins.

Apesar de os dias de aulas de piano na Casa Kinross pertencerem ao passado, devido ao facto de Nell ter ultrapassado a professora e a perda de interesse de Elizabeth após o nascimento de Anna, Theodora Jenkins adaptara-se confortavelmente à vida em Kinross. O querido Sir Alexander dera-lhe uma pensão generosa - exactamente porquê ela não fazia ideia - e continuava a ceder-lhe gratuitamente a sua adorada casinha. Dava lições de piano e de canto quando encontrava uma criança que achava promissora, tocava o magnífico órgão da igreja de St Andrew e pertencia a todos os clubes e sociedades da cidade, da jardinagem ao teatro amador. O seu pão era famoso e ganhava o prémio em todas as exposições anuais em Kinross, embora, sendo uma criatura gentil e grata, ela afirmasse que os méritos do pão se deviam ao fogão em ferro fundido que Sir Alexander instalara na sua cozinha.

Era uma grande mistura, o Sir Alexander. Theodora suspeitava que, quando ele gostava de alguém, faria tudo por essa pessoa, mas quando não gostava de uma pessoa ou se esta era apenas mais um dos seus inúmeros empregados, então não fazia nada por ela a não ser certificar-se de que a cidade onde esta vivia, ou seja Kinross, era superior a todas as outras cidades de província do país. E isso continuava a ser verdade, apesar da redução do número dos trabalhadores chineses que mantinham a cidade de Kinross com bom aspecto e a funcionar bem.

Jade viera ter com ela e perguntara-lhe se poderia ficar em sua casa uns quantos dias, enquanto o Hung Chee da ervanária lhe tratava o coração doente. O pedido surpreendera Theodora, que se perguntara por que razão Jade não fora ter com Ruby, ao hotel, ou não se limitava a subir e a descer a montanha no elevador. Contudo, Ruby tinha fama de ser uma patroa severa e talvez o facto de se ter dúzias de agulhas espetadas no rnrno tornasse as viagens no elevador uma experiência desagradável.

Fosse por que fosse, Theodora Jenkins só sabia que ninguém a encheria a *ela* de agulhas! Que coisa terrível, Jade - disse enquanto comiam um jantar leve

de carnes frias, batatas e legumes picados. - Não fico nada surpreendida de teres ficado tão afectada, querida. O Hung Chee diz que eu ficaria melhor se descobrissemos quem

foi - disse Jade que adorava aquela comida. Percebo o que ele quer dizer mas, infelizmente, ninguém faz a

menor ideia, nenhuma mesmo. - Theodora olhou para o prato vazio de Jade. - Meu Deus, estou tão habituada a cozinhar só para mim que nunca faço que chegue para duas pessoas! Queres pão frito, Jade? Ou bolo com manteiga? Bolo com manteiga, por favor, Miss Theodora. Amanhã faço porco

à chinesa com arroz de ovos e doce de coco para a sobremesa. Mas que bom, para variar! Fico à espera ansiosa. Deve conhecer toda a gente em Kinross, Miss Theodora, e muito

melhor que a Miss Ruby. Ela vê os homens que vão tomar um copo ao hotel, mas há muita gente que não tem dinheiro para entrar lá na sala de jantar nem mesmo em ocasiões especiais e a Miss Ruby também não vai à igreja aos domingos - disse Jade engolindo o bolo coberto com uma espessa camada de manteiga. Isso é verdade - corroborou Theodora. Então tem de pensar, Miss Theodora. Tem que pensar em toda a gente que vive em Kinross ou que vem cá regularmente. Já pensei, Jade.

- Não pensou o suficiente - decidiu Jade num tom inflexível.

Deixou o assunto por ali e deixou que Theodora falasse da pintura que ia fazer na casa e que, afinal, era uma pintura exterior. O Sam concordou em pintar-me a casa... creme com uma banda

castanha. Já tenho as tintas e os pincéis e a lixa para ele usar, tal como me pediu. Começa amanhã. Sam? - perguntou Jade de cenho franzido. - Qual Sam? O Sam O'Donnell. Era um dos mineiros que o querido Sir Alexander despediu em Julho passado. Os outros foram para Broken Hill ou Mount Morgan, mas o Sam decidiu cá ficar. Bem, ele é solteiro e não bebe. Vai às vésperas em St. Andrew aos domingos à noite, canta *linda mente* com uma voz de tenor. Scripps, o pintor, é um inútil... É tão triste, Jade, pensar que alguns homens preferem encher-se de bebida a cuidar

da suas famílias! Por isso, o Sam pinta casas e consegue aguentar-se e faz biscoitos quando não há casas para pintar. Corta lenha, apanha batatas, carrega carvão. - Theodora ficou corada e riu-se baixinho. - Ele gosta de trabalhar para mim porque eu dou-lhe sempre um pão dos meus para além dos xelins que leva pelo trabalho. Pediu-me vinte libras para pintar a casa como deve ser... Sabes, queimar a tinta velha, raspar as madeiras e lixá-las. Muito razoável. Como o querido Sir Alexander me deixa viver aqui, sinto que é meu dever pagar a manutenção da casa. Onde vive o Sam? - perguntou Jade tentando imaginá-lo. Acampa junto à barragem, acho eu. Tem um cão enorme e esquisito chamado *Rover* e os dois são inseparáveis. Vais conhecer o Sam e o *Rover* amanhã.

O nome encontrara finalmente uma referência na memória de Jade. - Sam O'Donnell, não foi ele quem trouxe aquele homem do sindicato, o Bede Não-Sei-Quê, mesmo antes das greves?

- Isso não sei, querida, embora saiba que os mineiros não gostam dele. Os outros todos gostam... Quero dizer, as mulheres de Kinross que muitas vezes se vêem em dificuldades para apanhar as batatas ou rachar lenha. O Sam é indispensável para muitas mulheres, em especial para aquelas que, como eu, não têm um marido que as ajude.

- Parece que o Sam gosta de agradar às mulheres - disse Jade.

Theodora ficou com o ar de uma galinha agitada. - Não, não, nada disso! - gritou. - O Sam é um perfeito cavalheiro... Por exemplo, nunca entra na casa de uma mulher, limita-se a encostar-se à janela para lhe darmos chá e biscoitos. - Foi acometida pelo horror. - Jade! Certamente que não estás a pensar que foi o *Sam*? Não foi, juro que não foi! O Sam é muito simpático com as mulheres e muito respeitoso, mas tenho sempre a sensação de que ele não está... bem, que não está *interessado* em mulheres, se percebes o que quero dizer.

- Homens novos? Rapazinhos? - perguntou Jade.

Theodora grasnou e agitou-se loucamente. - Jade! *Realmente!* Não, não quis dizer isso! Quero dizer que ele está feliz com a vida que tem, suponho. Há várias viúvas que lhe fizeram... humm... propostas, mas ele recusa-as com tanto tacto que ninguém se sente magoado. A Mrs. Hardacre é bastante nova e bonita e tem um pecúlio considerável, mas o Sam nem quis pintar-lhe a casa.

- Defende-o tão bem, Miss Theodora, que tenho de aceitar o seu julgamento.

Theodora levantou-se e levou os pratos, arrependida de ter deixado Jade ficar na sua casa. E se a Jade fosse desagradável para o querido Sam ou lhe fizesse perguntas impertinentes? A última coisa que Theodora desejava era afastar o seu pintor de casas e biscateiro. Ai, ai!

Quando Sam O'Donnell apareceu, às sete horas da manhã seguinte, para começar a raspar a tinta velha da casa de Theodora, Jade estava ao lado da dona da casa para o receber.

Muito bonito, dentro do estilo dos homens brancos», concluiu. Alto, movendo-se com graciosidade com os braços muito compridos e musculados de alguém que tosquiara ovelhas durante muitos anos, cabelos loiros e dotado de um par de olhos brilhantes cuja cor se alterava: azul, cinzento, verde. Estes passaram por Jade sem se iluminarem da forma que acontece aos homens que desejam as mulheres e não foi por ela ser chinesa. Jade continuava a ser uma mulher muito bonita e o sangue branco dava aos seus olhos grandes e bem abertos um ar de corça - ela sabia que era tão atraente para os homens brancos como era para os chineses. Mas Sam O'Donnell ficou impávido. A sua atitude relativamente a Theodora, que ficara toda agitada assim que o vira, era impecável. Não lhe dava a mínima esperança, mas era caloroso e amigável.

Atrás dele vinha um cão grande da nova raça especialmente criada para guardar gado: pêlo acinzentado matizado de azul e cabeça preta com a testa larga. Os olhos cor de âmbar do animal estavam alerta, atentos, e eram ligeiramente sinistros. Como se soubesse que tinha de se portar bem, mas um instinto primitivo dentro de si ansiava por rasgar gargantas.

Sam examinou os materiais que Theodora reunira, assentiu e tirou um maçarico da mala de ferramentas. - Obrigado, Miss Jay, está tudo ótimo - disse começando a encher o depósito do maçarico com álcool.

Era óbvio que estavam a ser dispensadas. Theodora voltou para dentro de casa e Jade seguiu-a olhando para trás. Mas Sam O'Donnell não estava a olhar para elas; continuava ocupado a preparar o maçarico. «Não», suspirou Jade para consigo, não me parece que seja o Sam O'Donnell.

Durante sete dias percorreu a cidade, incluindo a aldeia chinesa e a cidade de pagodes de Sung na colina, falando com cada pessoa que encontrava, mesmo que alguns dos brancos e chineses não quisessem falar com ela. Os preconceitos de ambas as raças faziam parte da herança de Jade, pelo que se tornara muito resistente e a sua persistência ignorava

a falta de vontade de cooperar. Explorar, arrancar, empurrar. Jade não seria desviada daquela sua tarefa.

Fez perguntas acerca de Sam O'Donnell e obteve resultados mistos. As mulheres dos mineiros falavam dele mordazmente enquanto que a maioria dos habitantes de Kinross que não estavam envolvidos directamente na extracção de minério faziam comentários favoráveis. O Reverendo Peter Wilkins, apanhado a enfeitar o altar, conhecia bem Jade como sendo a criada de Anna que ficava sempre à espera que o culto da manhã terminasse junto do portão da igreja de St. Andrew. Discutiu sem problemas a questão do sedutor de Anna, mas não tinha nenhuma contribuição a fazer. De Sam O'Donnell, disse: Um bom tipo, vem sempre às Vésperas em vez de vir ao serviço da manhã. Apesar das suas acções aquando do despedimento dos mineiros, é um bom sujeito. Em tempos, foi tosquiador e os tosquiadores são sempre muito militantes nas questões sindicais, Jade. Acha que ele é bom tipo por ir às Vésperas? - perguntou Jade, o tom humilde eliminando qualquer ofensa da pergunta. Não, não é por isso - respondeu o sacerdote. - O Sam é boa pessoa. Tive uma infestação de ratos na reitoria logo depois de metade dos funcionários municipais terem sido despedidos e ele livrou-me deles em dois

dias. Nunca mais vimos um rato. Desempenha uma função necessária em Kinross, fazendo todos os biscates para os quais não se arranja um chinês. Não é minha intenção ser insultuoso, Jade. Os Chineses gostam de empregos permanentes. Compreendo, Mr. Wilkins. Obrigada - disse Jade.

Mesmo assim, manteve um olhar desconfiado assente sobre Sam O'Donnell enquanto este atacava o exterior da casa de Theodora, trabalhando tão esforçadamente que Jade se interrogou por que razão alguns mineiros lhe chamavam preguiçoso. Talvez, pensou, Sam O'Donnell tivesse gostado do dinheiro que ganhava na mina de ouro mas odiasse estar debaixo do chão? Assim, depois do homem do sindicato, Bede Não-Sei-Quê, ter partido, Sam descobrira um nicho em Kinross que mais nenhum homem desejava. Estava ao ar livre, podia ter o cão sempre consigo e, se Theodora Jenkins servisse para exemplo, comia muito melhor do que era habitual para os campistas. Até mesmo o cão recebia aparas e ossos fornecidos pelo talhante. Se tinha algum defeito era exclamar subitamente que tinha de dar uma escapadela à casa da Mrs. Murphy ou da Mrs. Smith, para dar uma ajuda durante um par de horas, mas que voltaria.

Não era mentira; Jade seguiu-o e confirmou que ele ia mesmo ajudar as mulheres. Era vexatório para Theodora, talvez, pois significava que, devido às ausências, o trabalho que fazia para ela sofria algumas consequências. Não que Theodora se queixasse.

Jade habituou-se a vê-lo debruçado da janela da cozinha às dez da manhã e outra vez à tarde, bebendo da caneca de esmalte cheia de chá e comendo os biscoitos que Theodora fazia; ao almoço recebia mais uma caneca de chá e duas enormes sanduíches de queijo com manteiga e comia-as à sombra da árvore que havia no quintal de Theodora. No fim de cada dia, Theodora oferecia-lhe um dos seus maravilhosos pães e lá ia ele, com o *Rover* colado aos calcanhares, a mala das ferramentas na mão, percorrer os oito quilómetros que o separavam do seu acampamento junto à barragem.

Nem uma única vez, pensou enquanto entrava no elevador de regresso à Casa Kinross no fim das suas «férias, Sam O'Donnell, ou qualquer outro suspeito provável, tinha dado qualquer indicação de culpa através de palavras, olhares ou acções.

E as coisas poderiam ter ficado assim para sempre, se não fosse Jim Summers, que com a passagem dos anos estava cada vez mais azedo e amargo. A sua vida em casa, era do conhecimento geral, era tremendamente infeliz, pois Maggie Summers atingira um estado próximo da demência; por vezes não sabia quem Jim era, noutras ocasiões sabia quem ele era e atacava-o com unhas e dentes. Summers também sofrera o seu próprio eclipse na estima de Alexander, especialmente depois da chegada de Lee. Com a deserção de Lee, Alexander lembrara-se da existência do fiel Summers e pedira-lhe que o acompanhasse na última viagem, quando Ruby se recusara a fazê-lo. Mas Summers tivera de recusar; não podia deixar Maggie a não ser que a internasse num asilo e isso o pobre homem não conseguia fazer. A vida dela fora uma série de desapontamentos e, apesar de Alexander argumentar que ela estava demasiado demente para saber onde estava, Jim Summers recordava-se do asilo em Paris onde a mãe visitara a irmã louca. Quando ele não cedeu, Alexander não ficou nada satisfeito.

Quando é que as suspeitas de Jade passaram de Sam O'Donnell para Jim Summers não sabia dizer, a não ser pelo facto de uma pequena série de acontecimentos mínimos a terem finalmente levado a concluir pela sua culpa. O primeiro foi o facto de ela o ter apanhado a tentar violar a

segunda das suas irmãs mais novas, Peach Blossom, que escapou com a virtude intacta graças à intervenção de Jade. O segundo foi ter reparado na expressão dos seus olhos quando observava Elizabeth a passear pelo jardim. O terceiro, foi ele ter olhado com ódio para ela, Jade, por o ter privado do seu divertimento com Peach Blossom. E o quarto, foi o facto de ele ter sido um pouco familiar demais com Nell quando a ajudava a montar um cavalo nervoso; Nell retaliara chicoteando-o na cara com o pingalim de montar.

Jim Summers! Sim, por que não? Por que haveriam anos de serviço constante de o excluir? Ele tinha acesso a tudo, a todas as partes de Mount Kinross, das florestas e caminhos do mato à própria casa. Vivera em tempos no terceiro andar. A sua mulher fora em tempos a governanta. E agora a mulher estava incapaz de cumprir os deveres matrimoniais e, no entanto, ele não se atrevia a recorrer às mulheres que viviam no casarão fora da cidade de Kinross e que ali se mantinham numa crescente precariedade à medida que a cidade se ia tornando cada vez mais respeitável, cada vez mais sob o comando da polícia moral de Deus.

E Jade decidiu-se a seguir Jim Summers sempre que este se encontrava na montanha e não nas oficinas lá em baixo. Foi mais fácil fazê-lo devido ao facto de Butterfly Wing, que se sentia desocupada, ter aceite avidamente partilhar a custódia de Anna, Dragonfly estar de volta e Elizabeth também fazer turnos no quarto das crianças.

O quarto das crianças transformara-se num quarto de grávida, devido à insistência do Dr. Wyler para que tudo estivesse a postos para o caso de Anna ter um parto prematuro. A mais competente das irmãs Wong, Pearl, aprendera a deitar gotas de clorofórmio numa gaze na medida exacta para garantir um efeito anestésico sem correr o risco de asfixia e o Dr. Burton recebera instrução nas novas técnicas, para o caso de o Dr. Wyler não estar presente. Kinross também contava com uma parteira naquela altura, Minnie Collins, que era, na opinião do Dr. Wyler que conversara com ela, mais competente para lidar com um parto difícil do que o velho Dr. Burton. Era essa a razão de no quarto haver um armário de vidro repleto de instrumentos reluzentes armazenados em ácido carbólico e um outro armário com frascos de clorofórmio, ácido carbólico e álcool. Gavetas a tresandar a ácido carbólico continham os lençóis e comDressas bem como uma série de máscaras de gaze.

A própria Anna demonstrava uma paciência com o seu estado que ninguém esperara; à medida que o seu corpo foi inchando, ela orgulhava-se dele e exibia-o à mínima provocação. Quando o bebé lhe dava pontapés dentro da barriga, gritava de alegria. Mas virara-se contra Nell, o que para esta era doloroso pois queria desesperadamente ajudar e fazer parte da gravidez e do parto de Anna.

Cansada da Matemática, da História, dos romances e da Anatomia, Nell amou até Ruby ir em seu socorro.

- Já é mais do que tempo de teres alguma experiência nos negócios das Empresas Apocalipse - disse Ruby a Nell num tom que não admitia discussões. - Se a Constance pôde aprender para tomar o lugar de Charles e o marido de Sophia conseguiu aprender a tomar conta da contabilidade, certamente que tu podes aprender a substituir o Lee. Tens a cabeça cheia de teorias, mas agora chegou o momento de aprenderes a lidar com os factos. O Sung, a Constance e eu concordámos que deverias trabalhar cinco dias por semana: dois nos escritórios, na cidade, e três a fazer inspecções à mina, à refinaria e às oficinas. Não são exactamente novidade para ti, pois o Alexander costumava levar-te com ele sempre que podia. Para que consigas sobreviver ao curso de engenharia na universidade, terás de aprender primeiro a lidar com homens cheios de ressentimento em relação a ti.

Para Nell, foi a salvação. Aprendera tudo sobre minas no colo do pai e depois a seu lado e, vestida com um fato-macaco largo - *chocante!* - provou rapidamente aos homens, que a olhavam escandalizados, que sabia distinguir a cabeça do rabo de uma locomotiva e que sabia tudo o que havia para saber acerca da extracção com cianeto. Sabia usar uma chave inglesa tão bem como o melhor de entre eles e não se importava nada de ficar coberta com os novos óleos lubrificantes e tinha bom ouvido para descobrir falhas no funcionamento das peças metálicas quando batia numa máquina ou nas rodas de um comboio. O que fora ira masculina transformou-se em admiração, ainda mais por Nell parecer ignorar a novidade do seu sexo e, aparentemente, considerar-se mais um dos rapazes. Possuía também a autoridade inata de Alexander; quando dava uma ordem, esperava que esta fosse obedecida por ser a ordem correcta; e quando não sabia uma resposta, perguntava.

Uma dádiva para Elizabeth, que se preocupava mais com Nell do que com Anna. Era Nell quem ia entrar num mundo de homens e era Nell quem tinha a inteligência e sensibilidade necessárias para sofrer quando

se sentisse repelida. Apesar de ter a mesma vontade férrea de Alexander, também tinha alguma da timidez enigmática de Elizabeth e, embora não fosse muito chegada à mãe, Elizabeth compreendia-a melhor do que Nell pensava... ou desejaria. A menina do papá, era assim Nell, sentindo-se exilada por o papá não estar presente. Portanto, saber que ela andava ocupada nos negócios do papá era um alívio.

À medida que Anna se aproximou do oitavo mês de gestação, o que aconteceu em Março de 1891, o seu peso encurtou as longas caminhadas que as mulheres insistiam que ela fizesse; não havia sinais de eclampsia, mas o peso que tinha de suportar tornava-a impaciente e difícil de distrair.

O local para onde Jade preferia levar Anna quando estava de serviço era o jardim das rosas, que estavam em flor naquela fase adiantada do Verão. Ali, após um passeio curto e suave, podia instalar a rapariga numa cadeira de vime e distraí-la tentando adivinhar as cores das flores. Apesar de compreender o conceito das cores, não conseguia dar um nome específico a cada cor. E Jade fazia disso um jogo e punha-a a rir com a forma como pronunciava os nomes das cores.

- Maaaaaalva! - dizia Jade apontando para uma rosa. - Roooooosa! Braaaaaaanco! Amaaaaarelo! Creeeeeeme!

Ana repetia os sons mas nunca se lembrava de que rosa era cor de malva, qual era cor-de-rosa ou qual era creme. Mas era na mesma uma forma de ocupar o tempo e mantê-la distraída do seu estado.

Estavam naquela brincadeira no roseiral quando Summers atravessou o relvado a alguma distância; atrás dele vinha um grande cão pastor cinzento azulado. Jade tinha ouvido dizer que ele agora tinha um cão, aparentemente para lhe fazer companhia; a mulher gostava do animal, o que era um bónus.

Subitamente, Anna guinchou de alegria e estendeu os braços. *Rover* gritou. *Rover Rover!*

O dia escureceu como se a Lua tivesse ocultado a face do Sol brilhante; Jade ficou de pé entre as rosas a sentir todo o impacto daquela traição inocente e descobriu a terrível diferença entre a suspeita e a certeza. Anna sabia o nome do cão de Sam O'Donnell.

Mas Anna não conhecia Sam O'Donnell! Durante a semana que passara na cidade, Jade interrogara todas as pessoas com quem Anna se encontrara quando vagueava pela cidade, que tinham falado com ela ou que se tinham encarregado de a guardar e avisar a Casa Kinross. Suspeitando

de Sam O'Donnell, fizera perguntas específicas acerca dele, mas este não fazia parte da lista de conhecimentos de Anna Kinross. Quando se afastava tanto que entrava na cidade, ela ia ter com Ruby ao hotel ou com o Reverendo Wilkins na Reitoria. Teria sido *aí*? Quando O'Donnell andara a livrar-se dos ratos? De acordo com o sacerdote, não fora isso que acontecera, e ele recordar-se-ia. No entanto, Anna sabia o nome do cão de Sam O'Donnell, o que significava que conhecia Sam O'Donnell muito bem. *Rover Rover* continuava Anna a chamar de braços abertos. Mr. Summers! gritou Jade.

Ele aproximou-se com o cão colado aos calcanhares. O cão chama-se *Rover*? - perguntou Jade apontando para o cão, uma criatura amável que foi direita a Anna e reagiu aos seus gestos extasiados com lambidelas e abanando a cauda. Não, chama-se *Bluey* - disse Summers cuja expressão não se alterou. - *Bluey*, Anna, não é *Rover*.

Summers não conhecia o nome do cão de Sam O'Donnell. Sentindo-se como se caminhasse num lago lamacento, Jade deixou que Anna fizesse festas ao cão, dissesse adeus a Summers e, depois de este continuar o seu caminho, brincou com ela até à hora do almoço. Quando Jade viu que Anna estava a ficar incomodada com o Sol, por se queixar que tinha a cabeça «a doer, foram para dentro.

- Tens mais paciência para ela quando está doente - disse Jade a Butterfly Wing que se aproximava ansiosamente com um frasco de láudano. - Importas-te de ficar com ela? Preciso de ir a Kinross.

Deixando Butterfly Wing a dar o remédio a Anna (que até gostava de o tomar, uma bênção), Jade foi ao armário dos remédios e tirou um frasco cuja etiqueta dizia CLOROFÓRMIO. Depois, quando Butterfly Wing se sentava na beira da cama de Anna para lhe pôr compressas frias na testa, Jade tirou uma das máscaras de gaze da gaveta. Foi tudo feito de forma tão rápida que Butterfly Wing nem olhou, nem mesmo quando Jade, carregada, fechou a porta com demasiada força.

A quantidade de vezes que ela devia ter pensado naquilo! Cada movimento fora planeado, cada complicação resolvida. Jade dedicou-se a cumprir o seu objectivo com a suavidade fácil da prática; do quarto de Anna foi para um barracão no quintal onde, anos antes, Maggie Summers determinara que Jade deveria dormir. Depois disso, fora transformado em prisão temporária para o ajudante de cozinheiro que enlouquecera e tivera de estar preso até conseguirem acorrentá-lo e levá-lo para o asilo e con-

tinuara a ser uma cela de detenção para o caso de ser preciso. As janelas tinham grades e portadas, as paredes estavam revestidas com espessos colchões de palha e a cama era de ferro e estava presa ao chão. A cama fora desfeita, ficando apenas com o colchão, mas Jade trouxera lençóis com ela e fê-la rapidamente. Uma mesa, uma cadeira e uma mesa-de-cabeceira com uma gaveta, todas em ferro e presas ao chão, completavam o mobiliário. O compartimento, apesar das muitas vezes que fora esfregado, retinha ainda um ligeiro odor a fezes e vômito; Jade abriu todas as janelas e acendeu pauzinhos de incenso num frasco de doce que pôs em cima da mesa. Andou para trás e para diante entre o barracão e a cozinha onde Chang e os seus ajudantes não notaram nada de extraordinário na sua conduta, de tão habituados que estavam às suas idas e vindas. Pegou num pequeno fogareiro a álcool equipado com uma chaleira de cobre para ferver água, nalgumas chávenas de chá chinesas e num pacote de chá verde.

O quintal estava deserto, pois aquele não era dia de lavagem de roupas e a atenção de Chang estava concentrada na preparação do jantar. Quando se deu por satisfeita com a aparência do barracão, agora com as portadas fechadas e equipado com seis candeeiros de querosene, Jade escapuliu-se para dentro de casa e foi para o seu quarto. Pôs o seu vestido mais atraente, um vestido justo de seda azul-pavão bordada, com aberturas de ambos os lados da saia para que pudesse andar. Em circunstâncias normais, uma chinesa nunca vestiria um vestido daqueles numa cidade branca, e Jade vestiu um casaco, apesar do calor. Tirou um pequeno frasco de láudano do armário da casa de banho e enfiou-o no bolso do casaco.

Depois, cheia de atrevimento, chamou o elevador e desceu para Kinross; eram quase quatro da tarde e sabia que Theodora Jenkins estaria em St. Andrew a ensaiar no órgão para o serviço especial de domingo, que seria o último antes do início da Quaresma. A mudança de turno na mina seria apenas às seis da tarde e teria o elevador por sua conta. Reparou também que a área junto às gruas estava relativamente deserta. Quando chegou ao fundo, dirigiu-se rapidamente à casa de Theodora Jenkins evitando Kinross Square.

Sam O'Donnell não alterara os seus horários e continuava a trabalhar todos os dias até às cinco da tarde, de segunda a sexta-feira; se dava uma escapadela para ir ter com alguém era sempre antes do almoço, e àquela hora já estaria de regresso. O cão rosnou antes de Jade aparecer, mas não quando dobrou a esquina já Sam O'Donnell sabia que alguém

se aproximava e estava de pé, com um pincel na mão, esperando ver aparecer Theodora. Quando viu Jade de casaco comprido ergueu as sobrancelhas interrogativamente e sorriu, pousando cuidadosamente o pincel sobre a lata de tinta. Não estás a assar dentro desse casaco? - perguntou. Horivelmente, parece que estou dentro de um forno - confirmou

Jade. - Importa-se que eu tire o casaco, Sam? A vontade.

Não achara a amiga chinoca de Theodora atraente - era mestiça, de certeza - mas assim que ela tirou o casaco revelando o vestido incrível, sentiu um desejo como não sentia desde a última vez que vira Anna Kinross. A cabra era linda! Tinha uma cintura finíssima, os seios espetados e as pernas brilhavam envoltas em meias de seda presas a ligas rendadas por cima dos joelhos, revelando um sugestivo pedaço de coxa nua e sedosa. E o cabelo - liso, preto, espesso, tão brilhante como a crina de um cavalo de corrida - caía-lhe pelas costas, preso atrás das orelhas pequenas e perfeitas. Havia apenas dois tipos de mulheres que eram atraentes para Sam O'Donnell: rapariguinhas virginais e prostitutas amadoras. Aonde é que vais com essa roupa? - conseguiu dizer. À aldeia do Príncipe Sung, por isso é que estou vestida assim. Mas devia ter trazido o pónei e o carro, está muito calor. Achei que podia vir aqui à casa da Miss Theodora beber um copo de água e ir para casa. A Miss Jay não está cá, mas a porta está aberta.

Em resposta, ela levou a mão delicada à testa e cambaleou como se fosse desmaiar. Sam O'Donnell agarrou-a, abraçou-a e sentiu-a tremer. Confundindo a repulsa com desejo, beijou-a. Jade retribuiu o beijo de uma forma que ele nunca experimentara, pois não era homem de frequentar as prostitutas - então as raparigas chinesas eram assim? Que andara a perder todos aqueles anos, ao pensar nelas com desprezo? Uma rata pequena e apertada, se o que diziam dos Chineses era verdade - que eram pouco dotados. O que ele não podia saber era que Jade trabalhara para Miss Ruby nos tempos do bordel e que ouvira - e por vezes vira - de tudo. Quero-te - murmurou ele. - Jade, quero-te! E eu a ti - respondeu ela também num murmúrio, afagando-lhe os cabelos. Vou dar o dia por terminado e levo-te para o meu acampamento. Não, tenho uma ideia melhor - disse ela. Vou para casa no elevador e tu segues-me pelo caminho de cabras. Vivo num barracão no

quintal das traseiras da Casa Kinross, não muito longe do fim do caminho de cabras. O pessoal estará todo dentro de casa e só terá de usar os edifícios das traseiras para te esconderes até veres a minha porta está pintada de vermelho-vivo, é a única dessa cor. No meu acampamento estaríamos mais seguros hesitou ele. Não consigo percorrer essa distância toda, sou demasiado frágil, Sam. Enfiou-lhe a língua na orelha, depois passou-a pelo queixo até aos lábios e invadiu-os. Adoro homens brancos disse numa voz rouca. São tão *grandes* Mas estou ao serviço da Casa Kinross e os homens estão-me proibidos. No entanto, aqui estou eu a violar as regras por tua causa. Sam, desejo-te! Quero pôr a minha boca em *toda a parte!*

Aquilo parecia mesmo de uma prostituta amadora, mas ela era, sem dúvida, doce e limpa; Sam O'Donnell reprimiu os seus escrúpulos e assentiu. Está bem disse.

Ela vestiu o casaco e ficou sem graça, com o cabelo enfiado para dentro da gola, as pernas tapadas, os seios inexistentes. Vou estar à tua espera disse e afastou-se rapidamente.

A arder de desejo por ela, arrumou a ferramenta e partiu na direcção do caminho de cabras, com o cão atrás de si como se soubesse o que ele ia fazer; provavelmente, sabia.

Em circunstâncias normais, Sam O'Donnell era um homem abstinente que gostava de manter boas relações com as mulheres mas que, no entanto, não tinha vontade de as explorar sexualmente. Era, tal como ele próprio se definia, um tipo exigente e, se havia coisa que lhe acabava com o desejo, era uma mulher virtuosa com mais de vinte anos - ou, acrescentava, prostitutas pintadas como as cabras daquela casa de má fama dos arredores da cidade.

Nascido em Morlong, uma cidade de província muito pequena para Oeste, o seu destino fora decidido pelas circunstâncias: o pai mal conseguindo ganhar para viver como renteiro ou na tosquia e a mãe a ter filhos. Quando fez doze anos foi para os armazéns da tosquia com o pai e aprendeu a tosquiar, um trabalho detestável e estafante, desempenhado em condições imundas. Os tosquiadores estavam alojados em algo eufemisticamente designado como casernas, dormiam em catres sem colchão e eram alimentados com comida que os cães selvagens rejeitavam. Não era para admirar que os tosquiadores fossem os mais militantes dos sindicatistas. A ementou tudo aquilo enquanto a sua mãe foi viva e depois partiu

para Gulgong, para as minas de ouro onde aprendeu o ofício. Depois, já mais perto dos quarenta do que dos trinta, chegou a Kinross, onde foi contratado pelo supervisor da mina; nunca conhecera o Todo-Poderoso Sir Alexander Kinross, nem mesmo quando Bede Talgarth viera à cidade.

Tinha a cabeça cheia de sonhos de uma vida melhor para os trabalhadores, de condições mais justas e patrões atenciosos, pelo que aderira à Associação de Mineiros Unidos. Esta fora activa em Gulgong e ele esperara que também fosse activa em Kinross; o facto de não o ser devia-se à astúcia de Sir Alexander. Boas condições, bons salários, uma cidade agradável, limpa e barata onde viver. O que só fazia com que Sam O'Donnell odiasse mais Sir Alexander Kinross. *Tinha* de haver um motivo escondido para aquilo, mesmo que ele não o conseguisse identificar. Quando os empregados da Apocalipse aceitaram mansamente os despedimentos, partiu para Sydney e assegurou os serviços do melhor demagogo em actividade, Bede Talgarth. Mesmo assim, os cordeiros não se transformaram em lobos! Aceitaram as indemnizações e foram-se embora. A razão por que não fizera o mesmo sabia bem qual fora.

Tivera origem no dia seguinte ao do seu despedimento, no início de Julho. Sir Alexander despedira os homens em grupos e Sam O'Donnell pertencera ao primeiro grupo. O furioso Sam arrefecera a sua ira escalando até ao topo a porra da montanha proibida da porra do Sir Alexander Kinross de merda. E ali, não distante do terminal da saída do elevador, mas na direcção oposta da Casa Kinross, tropeçou numa visão. A mais bela rapariguinha muito jovem que alguma vez vira, passeando por entre os fetos cantando para si própria. O velho *Rover*, habitualmente avesso a todas as pessoas que não fossem Sam, soltara um som de prazer, corra para a rapariga e pusera-lhe as patas em cima. Em vez de gritar e empurrar o cão, a menina soltara um gritinho de prazer e aceitara o abraço. Depois, quando Sam O'Donnell se aproximara, com um sorriso conciliador no rosto, ela olhara-o com os olhos azuis acinzentados e dera-lhe também as boas-vindas. Olá - dissera ele e, para o cão: - *Rover*, para baixo! Para baixo, *Rover*! Olá - dissera a visão. Como te chamas? - perguntara-lhe ele, espantado por ela não parecer sentir nenhum do medo que era inculcado em todas as raparigas, perante um homem estranho num local isolado um medo que, no passado, frustrara as suas intenções em mais do que uma ocasião.

Em resposta, ela acocorara-se para fazer festas ao cão adúlador **que** se deitara de costas soltando gemidos de prazer. O teu nome? - perguntara ele novamente. Ela erguera os olhos a sorrir. O teu nome? Anna - dissera ela finalmente. - Anna, Anna, Anna. Eu Anna. Fizera-se luz; aquela era a filha atrasada mental de Alexander Kinross, uma criatura fraca de espírito que, diziam, ia à igreja com a mãe aos domingos mas que de resto só fora vista em Kinross nas ocasiões em que fugira para demasiado longe. Mas ele nunca lhe pusera a vista em cima, não fizera ideia de que Anna Kinross fosse tão bonita, tão desejável, tão exuberante... e, no entanto, a própria personificação da inocência. Não admirava que toda a gente estivesse avisada para a recolher quando ela se afastava demasiado! Ela era o desejo mais fabuloso, mais impossível, de todos os homens.

Acocorara-se ao lado dela, um qualquer instinto de sobrevivência avisando-o para não lhe dizer o seu nome. Mas usara o nome do cão quando o mandara para baixo e Anna, que se apaixonara instantaneamente pelo animal, tivera um dos seus raros ataques de memória.

- *Rover* dizia ainda a acariciar o cão. *Rover, Rover!* Sim, é o *Rover* dissera ele, sorrindo.

E tudo partira dali, a experiência mais estimulante e triunfante da vida de Sam O'Donnell, interrompida apenas pela viagem de dois dias a Sydney para ir buscar Bede Talgarth.

Com calma e paciência, convencera gradualmente a rapariga a pequenas indecências: um beijo na face, um beijo na boca, um beijo no

pescoço que provocara nela a reacção de uma mulher adulta. O suave descobrimento dos seus seios, o seu prazer ofegante quando ele lhe beijara e chupara os mamilos. Uma mão deslizando delicadamente para dentro das cuecas e ela arqueando-se e contorcendo-se como uma gata no

cio. E lenta, lenta, lentamente, ele conduzira-a uma disponibilidade quase servil; aparecia todos os dias no mesmo local, desejosa de fazer festas a *Rover* e depois desejosa de ser beijada, acariciada, afagada, excitada até ao frenesi que a transformava numa enorme e gloriosa borboleta desesperada por se imolar no fogo que desconhecia. Desvirginá-la não custara

nada; estivera tão excitada que nem dera por isso e quando ele atingira o clímax, ela atingira-o também.

O que tornava tão espantosa a sedução de Anna Kinross era o facto de ela ser quem era, ele ser quem era, e o secretismo requintado que os envolvia. E a identidade do seu todo-poderoso pai.

Ainda no início de Julho, reconstruiu a sua vida de uma forma que descobriu, para sua surpresa, adequar-se-lhe perfeitamente. Trabalho por conta própria! Não mais patrões, não mais trabalho árduo num barracão fedorento nem em minas fechadas, afastado do sol e do ar fresco. Como Scripps, o pintor, se tornara um bêbado que ninguém queria contratar, dedicou-se à pintura exterior de casas - mas nada de grandes trabalhos que o transformassem, a *ele*, num patrão! - e pelo meio fazia biscates. Começou também a ir às Vésperas em St. Andrew todos os domingos à noite. Ajudou o pastor a livrar-se dos ratos. Sempre muito educado. Nunca entrando na casa de uma mulher. Saiu da pensão onde estava a morar e acampou junto à barragem para que ninguém fizesse ideia de quais os seus movimentos, e mantinha os biscates, os trabalhos de pintura e as boas acções como cobertura do segredo de Anna Kinross, dizendo a uma mulher que ia só a casa de outra para fazer qualquer coisa - oh, era muito *esperto*! Na realidade, Sam O'Donnell sentia-se invulnerável. Teria o Sir Alexander Kinross a ilusão de que era esperto? Comparado com Sam O'Donnell, não passava de uma lesma a rastejar na porcaria. Anna era *sua*: a sua propriedade privada, a sua cadela submissa, o seu paraíso sexual. Sem quaisquer inibições e, no entanto, pura como a mais pura das neves. Anna era a resposta às mais loucas fantasias de um homem difícil de contentar.

No início de Dezembro, quando os encontros já duravam há cinco meses, Sam O'Donnell apercebeu-se de que Anna estava grávida: tinha o mesmo aspecto que a sua própria mãe costumava ter quando a barriga já não estava completamente lisa. Oh, Santo Deus! Fora a sua última visita ao cimo da montanha; não fazia ideia se Anna continuava à sua procura, rezava apenas para que nunca se encontrassem cara a cara.

Teve sorte. Quando, no início do Ano Novo, Kinross foi abalada pela notícia de que um rafeiro qualquer apanhara aquela pobre criança, a Anna Kinross e a engravidara, Sam O'Donnell resolveu enfrentar a tempestade. Se saísse da cidade levantaria suspeitas, portanto ficaria onde estava. Não que tivesse alterado os seus hábitos. Era demasiado engenhoso para acabar com aquelas súbitas excursões precedidas de um: «Volto dentro de três horas, Mrs. Nagle, tenho que ir dar uma ajuda a Mrs. Murphy! Estas tornaram-se simplesmente em realidades em vez

de invenções. Sam O'Donnell não tinha ilusões. Se lhe atirassem para cima as culpas relativamente a Anna Kinross, seria linchado.

Foi assim que subiu o caminho de cabras em direcção ao barracão de Jade Wong sentindo toda a ansiedade de um homem esfomeado que vislumbra um pedaço de pão. Talvez que, comparada com Anna, Jade fosse um pão duro, mas era ainda assim um belo pão, de que necessitava urgentemente. Sam O'Donnell estava genuinamente esfomeado por, tal como dissera a Bede Talgarth, umas cambalhotas.

Apesar disso, levou o seu tempo. Trabalhara no duro durante a maior parte do dia e não queria despender mais energias do que as necessárias a subir, aos ziguezagues, a encosta de trezentos metros. O Sol estava já empoeirado nos cumes dos montes ocidentais quando chegou ao topo e viu imediatamente que o que Jade lhe dissera era verdade: o quintal estava deserto; as conversas e risos dos chineses ouviam-se claramente na cozinha. Com um gesto brusco, ordenou ao cão que ficasse lá fora, abriu o ferrolho da porta vermelha e entrou. A divisão tinha um odor estranho, aromas exóticos que disfarçavam algo de mais desagradável; era o cheiro de um quarto chinês, supunha. Porque não abria ela as portadas das janelas? Por a luz ser notada? Não fazia sentido, se era ali que ela vivia. Que é isso nas paredes? perguntou a Jade olhando para os colchões. Não sei - respondeu ela tapando o bule. Uma chaleira a ferver

estava em cima de um fogareiro a álcool, sobre a mesma mesa. Porque é que as janelas têm grades? Esta é a casa de um tigre.

Um rápido olhar à volta convenceu-o de que ela estava a brincar - por que não abria as portadas das janelas, em vez de ter um candeeiro aceso? Era estranha, mas ele concentrou-se no seu aspecto sem o casaco comprido: linda, verdadeiramente linda! Como se lhe lesse os pensamentos, ela pôs um pé calçado com uma chinela de salto alto em cima da cadeira e endireitou a costura da meia. A mão dele dirigiu-se imediatamente para lá, movendo-se sobre o tecido fino e depois para cima, sobre a liga e para a pele nua, ainda mais macia. Foi subindo e explorando até encontrar uma ranhura húmida. Nada de cuecas pudicas para Jade Wong. Ela deu um salto, estremecendo, e sorriu-lhe fazendo beicinho, desviando-lhe a mão com suavidade.

Não, Sam, cada coisa no seu lugar. Primeiro bebemos chá... parte da tradição disse Jade erguendo o bule e servindo um líquido cor de palha em duas taças pequenas. Estendeu-lhe uma delas. Não tem pega, vou-me queimar - objectou ele. O chá está arrefecido à temperatura exacta. Bebe, Sam murmurou Jade bebericando da sua taça. - Tens de o beber todo ou a nossa noite juntos não terá magia.

Oh, uma poção chinesa de amor! Apesar de não saber ao bom chá preto indiano, não era mau. Sam bebeu-o, bebeu até uma segunda chávena, quando ela lha serviu.

E depois teve a sua recompensa. Jade desabotoou o vestido de um dos lados e tirou-o pela cabeça. Maravilhado, ficou a vê-la revelar o corpo das pernas para cima: pêlos púbicos negros e sedosos, barriga adorável, seios deliciosos. Não tires as meias - pediu ele debatendo-se com as suas próprias roupas, os dedos mais desastrados do que o habitual. Claro - disse ela dirigindo-se para a cama e estendendo-se sobre ela, com um polegar na boca e os lábios formando um O carmin enquanto o chupava audivelmente, os olhos de corça fixos nele sem pestanejar. Deixa-me ver a tua rata chinesa - arquejou ele.

Quando ela abriu as pernas obedientemente, ele meteu-se na cama, também despido, mas não tão duro e teso como deveria estar - oh, Deus, que *se passaria*? O ar pareceu abandoná-lo aos borbotões quando se deixou cair sobre a beira da cama e tombou como um balão furado. Lutou para manter os olhos abertos, tentou beliscar o mamilo de Jade e não foi capaz. Fechou os olhos... primeiro faria uma soneca e depois entraria nela até os seus dentes chocalharem. Sim, uma soneca...

Jade esperou alguns minutos e depois abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou a máscara de gaze e o frasco do clorofórmio. Quando lhe pôs a máscara sobre o nariz e a boca e começou a verter o líquido, ele tentou debater-se, mas o láudano manteve-o suficientemente calmo até que o anestésico fizesse efeito e ele ficasse completamente inerte. Mais umas quantas gotas para jogar pelo seguro e depois Jade tirou-lhe a máscara da cara, atarefando-se a tirar um pesado casaco de cabedal de baixo da cama. Trabalhando com a força nervosa de uma mulher de muito boa saúde, conseguiu enfiar-lhe o tronco e os braços dentro do dispositivo, apertou as fivelas nas costas com toda a firmeza e prendeu-o com outras fivelas aos varões de ferro que ligavam a cabeceira aos pés da cama.

Depois agarrou em algemas de cabedal e ajustou-as aos tornozelos, apertou-as e atou-as à armação da cama.

Tudo isto foi feito por forma a que Sam O'Donnell ficasse numa posição semi-deitada, com os ombros e o peito elevados sobre vários travesseiros rígidos de maneira que, se estivesse consciente, Sam O'Donnell poder-se-ia ver a si próprio deitado na cama. Uma última tarefa: Jade pegou numa agulha e em linha, pegou numa das pálpebras, puxou-a para cima até esta tocar na sobrancelha e depois coseu-a à sobrancelha com uns quantos pontos rápidos. Coseu também o outro olho por forma a que ficasse aberto.

Andou pelo quarto a acender todos os candeeiros, com as mechas reguladas por forma a que as luzes fossem brilhantes mas sem fumegarem. Vestiu-se com as calças e túnica pretas de todos os dias e sentou-se numa cadeira, à espera. Ele respirava, ainda que num estertor, mas os olhos abertos estavam cegos e nada viam. Levou meia hora a despertar, aos vômitos. Mas não comera nada desde o almoço e a sua digestão era excelente, pelo que os vômitos foram secos.

Veio a si num estupor, debatendo-se em vão em busca de apoio até os seus olhos encontrarem Jade sentada numa cadeira. Acalmando-se, mexeu as mãos e os dedos no interior do colete de forças de fabrico caseiro, perguntando-se, atordoado, por que razão não conseguiria ver-se livre das amarras. Nunca vira, em toda a sua vida, uma peça de vestuário como aquela que o envolvia agora do pescoço até à cintura e que lhe imobilizava os braços em mangas que se cruzavam uma sobre a outra, com os punhos cosidos que o impediam de pôr as mãos de fora. E também não conseguia libertar as pernas, tinha os tornozelos amarrados à cama. Nem pestanejar... *porque é que não conseguia pestanejar?*

- O quê? - ofegou tentando ver Jade com nitidez. - O quê?

Ela levantou-se e foi pôr-se junto dele. - Tens de responder, Sam O'Donnell. O quê? O quê? É demasiado cedo - decidiu ela, e voltou para a cadeira.

Só se mexeu novamente quando ele abriu a boca para gritar. Enfiou-lhe uma pequena bola de cortiça entre os lábios e depois atou-lhe um pano por cima da boca para manter a bola no seu interior. Gritar era impossível; tinha de poupar as energias para respirar pelas narinas doridas e frementes.

Jade regressou para junto da cama com uma pequena faca de cozinha - meu bebé disse ela volteando a faca. Pegaste numa

criança pequena e inocente e violaste-a, Sam O'Donnell. Rosnou. Oh, sim, sei o que dirias! Que ela pediu, que ela queria. E a mente dela é a de uma criança pequena. Violaste uma criança inocente e indefesa e pagarás por isso.

Gemidos frenéticos soaram na boca amordaçada enquanto a sua cabeça girava de lado para lado e o seu corpo arfava, mas Jade não lhe ligou nenhuma. Ergueu a faca, passou-a várias vezes em frente dos seus olhos e sorriu com o sorriso do tigre.

Os seus olhos esbugalhados e horrorizados não podiam evitar ver - que é que ela lhes fizera que não os conseguia fechar? Em vez de fechar os olhos teve que seguir os seus movimentos enquanto ela se dirigia para os pés da cama e agarrava os seus órgãos genitais com a mão esquerda. Levou muito tempo a fazer a amputação, provocando-lhe a carne com a faca, vertendo uma gota de sangue, recuando, provocando novamente, cortando primeiro o escroto e depois o pénis enquanto ele se debatia e uivava a sua angústia em direcção a nada e a ninguém. Jade deixou o trofeu horrendo sangrar para cima do peito dele e depois recuou, com o escroto e o pénis na mão esquerda, a faca na mão direita a pingar sangue para o chão. O sangue jorrava mas não com o repuxo louco de um braço ou perna decepados; impotente, Sam O'Donnell não podia fazer mais do que olhar para o buraco vermelho nas suas virilhas onde tinham estado implantados os seus órgãos genitais e ver a sua força vital esvaír-se até que a visão foi roubada aos seus olhos ainda abertos.

Jade ficou toda a noite sentada com o seu trofeu pegajoso na mão enquanto o sedutor de Anna sangrava lentamente até à morte. Só se mexeu quando a luz entrou pelas frestas das portadas, levantou-se da cadeira e aproximou-se da cama para olhar para o rosto devastado de Sam O'Donnell, com os olhos revirados, a mordança ensopada de saliva, lágrimas e ranho.

Depois saiu do barracão, fechou a porta atrás de si e procurou o cão. Ali! Completamente rígido, jazia ao lado da carne envenenada que lhe deixara. Adeus, Sam. Adeus, *Rover*.

Foi pelo caminho de cabras até Kinross e entrou na esquadra da polícia onde largou, com estrondo, os órgãos genitais e a faca em cima do balcão.

- Matei Sam O'Donnell - anunciou ao agente paralisado que estava de serviço -, por ele ter violado a minha bebé Anna.

NASCIMENTO E MORTE

«COMO É QUE UM VULGAR SARGENTO de uma divisão de província da Polícia de Nova Gales do Sul trata de uma coisa destas?, perguntou a si próprio o Sargento Stanley Thwaites olhando fixamente para a porcaria gelatinosa que estava em cima do balcão da esquadra, mais fascinado por ela do que pela faca ou pela rapariga chinesa que estava agora sentada num banco a um canto. Os testículos, dentro do seu saco, não se percebia bem o que eram; já o pénis, se via, sem sombra para dúvida, do que se tratava. Ergueu finalmente os olhos fixando-os em Jade, que estava com a cabeça curvada e as mãos calmamente cruzadas sobre o colo. Evidentemente que sabia quem ela era: a ama de Anna Kinross. Que aguardava pacientemente junto à porta de St. Andrew, todos os domingos, até que Lady Kinross reaparecesse com a filha atrasada atrás de si. Sabia que o seu nome era Jade Wong. Vais causar-nos algum problema, Jade? - perguntou. Ela ergueu os olhos e sorriu. - Não, Sargento. Se eu não te algemar vais tentar fugir? Não, Sargento.

Suspirando, o Sargento foi até à parede, de onde retirou o auscultador do telefone do descanso pressionando-o repetidamente. - Ligue-me a Lady Kinross, Aggie gritou.

Isto é demasiado público, pensou, a Aggie escuta as conversas todas.

- Fala o Sargento Thwaites. A Lady Kinross, por favor.

Quando Elizabeth atendeu, ele limitou-se a perguntar se poderia ir ter com ela imediatamente. A Aggie que ficasse a roer-se durante mais um bocado!

Reuniu um grupo com eficiência; se havia um cadáver precisaria de, pelo menos, mais dois homens - oh, e do Dr. Burton, não fosse dar-se o caso de Sam O'Donnell ainda estar vivo. Kinross não dispunha de um médico legista, função que era desempenhada pelo Dr. Parsons de Bathurst, local onde estavam sediados os tribunais distritais.

- Houve um acidente na Casa Kinross, doutor - disse por cima do som da respiração ofegante de Aggie.- Encontramo-nos no elevador... não, não há tempo para tomar o pequeno-almoço.

E o grupo partiu, transportando a maca coberta do transporte de cadáveres, com Jade no meio do grupo, e foi encontrar o Dr. Burton à espera, rezingão, junto à plataforma do elevador. Enquanto subiam, Thwaites informou o Dr. Burton da confissão de Jade e da prova que ela depositara no balcão da esquadra. Espantado, o médico ficou a olhar para Jade como se nunca a tivesse visto, mas ela continuava a ter o aspecto de ser aquilo que ele sempre pensara que era: uma criada chinesa, amorosa e leal.

Dirigiram-se primeiro à casa, onde Elizabeth os recebeu. Jade! - exclamou, espantada. - Que se passa? Matei Sam O'Donnell - disse Jade calmamente. - Ele violou a minha bebé Anna, por isso matei-o. Depois fui à esquadra da polícia e entreguei-me.

Havia uma cadeira ali perto; Elizabeth deixou-se cair sobre ela. Vamos ter de ir ver, Lady Kinross. Onde é que está, Jade? No barracão do quintal, Sargento. Eu mostro-lhe.

O cão jazia morto, não muito longe da porta vermelha. - Chamava-se *Rover* - disse Jade tocando-lhe com um pé. - Envenenei-o. - Não havia nem medo nem remorso na sua expressão e ela conduziu-os para o interior.

Só um dos dois agentes é que tomara o pequeno-almoço; deitou-o fora assim que olhou para o que estava em cima da cama. Esta absorvera tão completamente o sangue de Sam O'Donnell que os únicos vestígios que havia no chão eram dos pingos caídos da faca de Jade. O cheiro piorara, o incenso e os excrementos antigos misturados com o odor do sangue recente. Com a mão sobre a boca, o Dr. Burton inclinou-se brevemente sobre o corpo. Está morto e bem morto - declarou o médico e, recordando-se de uma palavra dos seus tempos de estudante: - Exangue. EX... O quê?

Sangrou até à morte, Stan. Sangrou até à morte.

O Sargento soltou mais um enorme suspiro. - Bem, não há aqui qualquer mistério, pois a assassina confessou. Se não se importar de escrever um relatório para o médico legista de Bathurst, Doutor, sugiro que o enfiemos aqui nesta maca para cadáveres e que o levemos para a funerária do Marcus Cobham. Terá de ser enterrado rapidamente ou toda a Kinross ficará coberta do seu cheiro. Não há aqui ventilação. - Virou-se para Jade, que não desviara os olhos de Sam O'Donnell e não parara de sorrir.

- Jade, tens a certeza de que o mataste? Pensa bem antes de responder porque há testemunhas presentes. Sim, Sargento Thwaites, matei-o. E então as... humm... partes que aqui faltam, estão na esquadra?

perguntou o Dr. Burton cujas partes íntimas estavam dormentes e pareciam ter encolhido.

O Sargento esfregou o lado do nariz pensativamente. Parece-me bem que, como lhe pertencem, deveriam também ser levadas para o Marcus. Não podem voltar a ser postas no lugar, mas continuam a ser dele. Se ele molestou realmente a Anna, então mereceu isto - afirmou o médico. Isso é o que teremos de descobrir. Muito bem, Doutor, o senhor e

os rapazes descem o corpo da montanha. Eu vou levar a Jade para falar com a Lady Kinross e tentar perceber tudo isto. - Com uma mão, de teve o Agente Ross. - Quando tiveres terminado, Bert, é melhor ires até ao acampamento do O'Donnell junto à barragem, para veres o que descobres. Alguma prova de que ele conhecia a Miss Anna. Depois disso, podem

fazer turnos para interrogar toda a gente em Kinross. Vão ficar a saber! - disse o Dr. Burton.

- É claro que vão ficar a saber! Que diferença é que isso faz?

Jade atravessou o quintal ao lado do Sargento Thwaites e conduziu-o ao interior da casa por uma porta de serviço e daí para a biblioteca onde Elizabeth os aguardava. Era a primeira vez que usava os domínios de Alexander para um assunto seu, mas não conseguia suportar a ideia de ver o rosto de Jade à luz mais brilhante das outras divisões. Também o Sargento sentia o peso e significado da ocasião e sentiu-se grato pela luz fraca.

Jade sentou-se numa cadeira de espaldar direito entre Elizabeth e Stanley Thwaites, com uma expressão interrogativa. ?

O TOQUE DE MIDAS 345 Dizes que o Sam O'Donnell molestou a Miss Anna Kinross -

começou o Sargento -, mas como podes ter a certeza disso, Jade? Porque a

Anna sabia o nome do cão dele. *Rover*. Essa é uma prova muito pouco substancial. Não quando se conhece a Anna - respondeu Jade. - Ela não aprende nomes a não ser que conheça muitíssimo bem as pessoas. Ela nunca deu

um nome ao atacante, pois não, Lady Kinross? -

perguntou Thwaites. Não, não deu. Referia-se-lhe como homem simpático. Então a única pista que tinhas era o nome do cão? *Rover*? É um

nome de cão tão vulgar como *Fido*. Era um cão pastor cinzento azulado,

Sargento. Quando a Anna viu

o cão pastor cinzento azulado do Mr. Summers chamou-lhe *Rover*. O no

me do cão é *Bluey*. O cão pastor cinzento azulado do Sam O'Donnell

chamava-se *Rover* - disse Jade com firmeza. A raça é bastante recente -

arriscou Elizabeth. - Na verdade,

como eu não conhecia esse Sam O'Donnell nem o cão, pensei que o cão

do Mr. Summers fosse o único exemplar em Kinross.

- Tem de haver *mais* qualquer coisa - disse Thwaites, desesperado.

Jade encolheu os ombros, indiferente. - Era toda a prova de que eu precisava. Conheço a minha bebé Anna e sei que aquele homem a violou.

Apesar de ter insistido durante mais meia hora, o Sargento Thwaites não conseguiu tirar mais nada a Jade. Posso mantê-la esta noite nas celas de

Kinross - disse a Elizabeth

quando se preparava para partir -, mas amanhã terei que a mandar para

Bathurst, onde lhe formularão a acusação. Há instalações para mulheres

na Prisão de Bathurst. Terá que requerer às autoridades de Bathurst que

fixem uma fiança, mas não há lá nenhum juiz residente, só três

magistrados que poderão formular a acusação mas não têm competência

para

mais nada, no âmbito de um crime capital. O que eu sugiro, Lady Kinross,

é que contrate uma firma de advogados para a ajudar e à Miss Wong.

- Formalidade súbita. Obrigada, Sargento. Foi muito amável. - Elizabeth

apertou-lhe a

mão e depois ficou junto à porta principal a ver a sua silhueta volumosa

atravessando, bamboleante, o relvado em direcção ao elevador, com a

silhueta esguia de Jade a caminhar, passivamente, a seu lado.

Um telefonema para o Hotel Kinross informou-a de que Miss Ruby vinha a subir a montanha.

346 COLLEEN McCULLOUGH Meu Deus, Elizabeth! - gritou Ruby, entrando de rompante pela

biblioteca onde Elizabeth continuava refugiada. - Corre por toda a cidade a notícia de que Jade cortou as partes íntimas do Sam O'Donnell, lhas enfiou na boca e o obrigou a comê-las antes de lhe dar a Morte Chinesa de um Milhar de Facadas! Por ele ter violado a Anna! No essencial, é verdade, Ruby - disse Elizabeth calmamente -, embora os actos dela não tenham sido tão macabros assim. Foram suficientemente macabros. Ela cortou-lhe mesmo as partes íntimas, mas levou-as à esquadra da polícia e confessou o assassinio. Está convencida de que foi Sam O'Donnell quem fez aquilo à Anna. Conhecia-lo? Só de passagem. Nunca bebia no hotel - não bebia de todo, dizem as pessoas. A Theodora Jenkins está numa lástima... Ele andava a pintar-lhe a casa e ela acha que o homem é a maior das maravilhas. Nega que ele possa ter tido alguma coisa a ver com a Anna. Um verdadeiro cavalheiro, nem sequer entrava para lavar as mãos. O pastor da Igreja de Inglaterra também está em armas, preparado para ir depor em como Sam O'Donnell era um cidadão totalmente correcto.

O cabelo de Ruby estava a cair-lhe sobre o rosto, de tão apressado que fora o penteado, e nem sequer se detivera para apertar o espartilho; «se eu não soubesse como esta mulher é maravilhosa, pensou Elizabeth, horrivelmente distante, «pensaria que era uma pega desgrenhada e mal amanhada. Vamos ter problemas vindos de todas as direcções - disse. A cidade já está dividida ao meio, Elizabeth. Os mineiros e as mulheres estão do lado de Jade, todas as solteironas, viúvas e fanáticos da Bíblia alinham pelo lado de Sam O'Donnell. O pessoal da refinaria e das oficinas dividem-se pelos dois campos. Nem toda a gente se esqueceu de que ele tentou arranjar problemas aqui, em Julho e Agosto - disse

Ruby passando uma mão tremente pelo rosto. - Oh, Elizabeth, diz-me que a Jade matou o homem certo! Estou convencida disso, porque sei como a Jade sempre foi próxima da Anna. Cada olhar, cada palavra, cada gesto que a Anna faz, conta uma história a Jade que eu não consigo sequer adivinhar.

Contou então a Ruby a história do cão, razão em que Jade fundamentara a sua decisão de matar o dono.

Isso não impressionará um juiz observou Ruby.

Pois não. O Sargento Thwaites foi muito bondoso, Ruby reconheceu imediatamente uma firma de advogados,

mas eu não conheço sequer o nome dos advogados do Alexander... preciso de apoio jurídico ou de litigantes? E os escritórios de advogados não têm especialidades?

- Deixa isso comigo - disse Ruby bruscamente, satisfeita por ter algo de concreto para fazer. - Vou telegrafar ao Alexander, evidentemente - ele está na mina de ouro que tem em Ceilão - e vou mandar os advogados da Apocalipse contratar a empresa indicada para cuidar dos interesses da Jade. - Parou junto à porta. - Pode muito bem ser que decidam

mandar a pobre cabrinha ser julgada em Sydney, se acharem que um júri constituído pelos habitantes locais não será imparcial. Na minha opinião, um júri da cidade será pior resfolegou mas, também, eu não sou imparcial.

Nell soube do que se passava quando estava a assistir à remoção de dinamite do armazém dos explosivos e correu pelo caminho de cabras acima, demasiado impaciente para aguardar o elevador. Quando olhou para a mãe, Nell tinha estampado no rosto o desgosto e horror que Elizabeth era demasiado controlada para deixar transparecer. As lágrimas abriam sulcos na sua idade que lhe cobria o rosto e o peito magro ofegava por baixo do fato-macaco manchado. Oh, não pode ser verdade! - gritou depois de Elizabeth lhe ter contado a história. - Não pode ser verdade! O que é que não pode ser verdade? - perguntou Elizabeth num tom controlado. Que a Jade matou o Sam O'Donnell ou que o Sam O'Donnell foi quem fez aquilo à Anna? Tens algum sentimento, mamã? Tens *algum* sentimento? Estás aí sentada como se fosses um manequim numa montra... Lady Kinross até ao mínimo pormenor! A Jade é minha irmã! E a Butterfly Wing é mais minha mãe do que tu alguma vez serás, Deus é testemunha! A minha irmã confessou um homicídio... Como podes tê-la deixado fazer uma coisa dessas, Lady Kinross? Porque é que não lhe tapaste a boca com a mão, se não a conseguias calar de outra forma? Deixaste-a *confessar*! Não percebes o que isso significa? Nem sequer vai ser julgada! Só se julga uma pessoa se houver dúvida relativamente à culpa. É essa a tarefa do júri... a única tarefa do júri! Um homem ou uma mulher que confesse e não se retracte, é simplesmente levado à cadeira dos réus para ouvir a sentença do juiz. - Nell girou sobre si própria. - Bem, vou à esquadra falar com a Jade. Ela tem de se retractar! Se não o fizer, enforcam-na! :*>

Elizabeth ouviu tudo, ouviu o ódio - não, não o ódio, a aversão - na voz da filha e girou as palavras amargas dentro do seu coração, reconhecendo a sua verdade. «Alguém pôs uma rolha na garrafa que contém o meu espírito, a minha alma e selou-a para toda a eternidade. Vou arder no Inferno e mereço arder no Inferno. Não fui nem esposa nem mãe.

- Sugiro - gritou para as costas de Nell - que tomes um banho e ponhas um vestido, se é à esquadra que vais.

Mas Jade recusou retractar-se. O Sargento Stanley Thwaites não sonharia proibir Miss Nell de visitar a sua prisioneira e esta foi deixada entrar na cela reservada aos presos violentos, afastada da meia dúzia de celas onde estavam retidos bêbados e ladrõezecos. Jade, eles vão enforcar-te! - gritou Nell, novamente em lágrimas. Não me importo de ser enforcada, Miss Nell - disse Jade suavemente. - O que interessa é que matei o violista da Anna. Violador corrigiu-a Nell automaticamente. Ele arruinou a minha bebé Anna, tinha de morrer. Ninguém mais teria agido, Miss Nell. Cabia-me a mim matá-lo. Mesmo que o tenhas matado, Jade, nega-o! Assim terás um julgamento como deve ser e poderemos invocar todas as circunstâncias atenuantes e tenho a certeza de que o papá contratará advogados que conseguiriam... conseguiriam libertar Jesus das mãos de Pôncio Pilatos! Nega, por favor! Não podia fazer uma coisa dessas, Miss Nell. Matei-o mesmo e estou orgulhosa de o ter matado. Oh, Jade, nada vale uma vida, especialmente a tua vida! Isso está errado, Miss Nell. Um homem que engana uma criança pequena como a minha bebé Anna para satisfazer as suas necessidades nojentas e que mete numa criança como a minha bebé Anna a sua lesma nojenta, não é um homem. Merece tudo o que eu fiz ao Sam O'Donnell. Fá-lo-ia outra vez e outra vez e outra vez. Revivo-o na minha mente com alegria.

E dali Jade não saía.

Na madrugada do dia seguinte foi metida numa carroça da polícia e levada para a Prisão de Bathurst, com um agente a conduzir os cavalos e outro sentado a seu lado. Temiam-na e, no entanto, não a temiam. Quando o Sargento Thwaites decretara que não lhe poriam grilhões, acharam-no idiota, mas a viagem decorreu sem incidentes. Jade Wong entrou na prisão

mais ao menos na mesma altura que o corpo de Sam O'Donnell era enterrado no cemitério de Kinross, os custos do enterro suportados por Theodora Jenkins e várias outras mulheres enlutadas e perturbadas. O Reverendo Peter Wilkins fez um elogio fúnebre comovedor junto à campa - era melhor certificar-se de que não ofendia Deus levando o corpo para a igreja, no caso de ele *ter* molestado Anna - e as acompanhantes do defunto abriam caminho por entre as coroas de flores, soluçando por trás do véus negros.

Apesar de os polícias terem revistado o acampamento de Sam O'Donnell e as zonas circundantes meticulosamente e com zelo, não encontraram nada que ligasse o sujeito a Anna Kinross. Não havia quaisquer artigos de vestuário feminino, nem bijutarias, nem lenços com iniciais bordadas - nada. Abrimos as latas de tinta e despejamo-las, desfizemos os pincéis, descosemos as costuras das roupas, certificámo-nos mesmo de que ele não escondera nada entre as cascas do telhado do abrigo - contou o Sargento Thwaites a Ruby. - Dou-lhe a minha palavra de honra, Miss Costevan, procurámos em toda a parte. E ele não vivia em nenhuma pocilga. Tudo impecável, para um homem que vivia acampado: tinha uma corda montada para estender a roupa, uma selha para lavagens, a comida guardada em latas fechadas para não ser atacada pelas formigas, graxa e escovas para engraxar as botas, lençóis limpos na enxerga... sim, tudo impecável. O que acontecerá agora? - perguntou Ruby com um aspecto que revelava cada um dos anos que vivera. Segundo me disseram, os magistrados foram autorizados a acusá-la formalmente e será recusada a fiança por ser um crime capital.

Por essa altura já a notícia chegara a Sydney, onde os jornais deram conta de todos os pormenores macabros sem chegarem a mencionar que partes da anatomia de Sam O'Donnell tinham sido decepadas e enfiadas na sua boca, embora sugerissem que este tinha sido obrigado a comê-las. Os editoriais tendiam a concentrar-se no risco que consistia a contratação de criados chineses, usando a morte de Sam O'Donnell como prova adicional de como era desaconselhável permitir a continuação da imigração chinesa. Os diários e semanários tablóides eram todos favoráveis à deportação em massa dos chineses já residentes no país, mesmo que tivessem nascido na Austrália. O facto de a recatada amazinha proclamar

orgulhosamente a sua culpa era tido como prova de total depravação. E Anna Kinross acabou por ser descrita como ligeiramente simples» - um estado mental que os leitores presumiam significar que ela seria capaz de somar dois mais dois mas não treze mais vinte e quatro.

O telegrama foi encontrar Alexander do lado ocidental do continente australiano, apesar de ainda não ter notificado os restantes membros do conselho de administração da sua chegada iminente. Não perdera nenhuma da sua reserva com a passagem dos anos. O seu navio atracou em Sydney uma semana após a acusação formal de Jade e deparou-se com uma multidão de jornalistas, engrossada por profissionais vindos do interior e por correspondentes dos grandes jornais estrangeiros, do *Times* ao *New York Times*. Nada intimidado, deu uma conferência improvisada no cais, esquivando-se às perguntas com a afirmação reiterada várias vezes de que, uma vez que toda a gente em Sydney já sabia mais sobre o assunto do que ele, para que se davam àquele trabalho?

Summers fora buscá-lo para o levar ao seu novo hotel na George Street, que ficava a uma grande distância dos malvados transportes públicos.

- Que foi que aconteceu, Jim? - perguntou. - Quero dizer, qual é a verdade?

Ele chamou-lhe «Jim era uma grande novidade; Summers pestanejou várias vezes antes de responder e depois disse: A Jade matou o sujeito que molestou Anna. O sujeito que molestou *mesmo* a Anna ou apenas um sujeito que ela pensou que molestara a Anna? Não tenho qualquer dúvida, Sir Alexander, que o Sam O'Donnell foi quem o fez. Eu estava presente quando a Anna chamou *Rover* ao meu cão. Vi a expressão dela... estava feliz como tudo e procurava o dono do bicho. Se ao menos eu tivesse sabido que o Sam O'Donnell tinha um cão azul acinzentado chamado *Rover*, teria percebido imediatamente. A Jade percebeu porque conhecera o O'Donnell e o cão na casa da Theodora Jenkins. Ele estava a pintar-lhe a casa. Mas eu não percebi e a Jade ultrapassou-me.

Alexander estudou-lhe a expressão e depois suspirou. - É uma confusão, não é? Suponho que não foi descoberta mais nenhuma prova? Nenhuma, senhor. Ele deve ter sido muito cuidadoso. Achas que a conseguimos safar?

...-. - Não há qualquer esperança, senhor, mesmo consigo do lado dela.

O TOQUE DE MIDAS 351 Então só nos resta fazer boa figura para **bem** da minha família e prepará-las para o pior. Sim, senhor. Se ao menos ela tivesse comunicado as suas suspeitas a ti ou à Ruby! Talvez - disse Summers desafiante - ela soubesse já nessa altura que tudo se resumiria à palavra dele contra a da Anna e tenha decidido que era melhor não envolver a Anna. Oh, sim, tenho a certeza disso. Pobre, pobre Jade! Fico com uma dívida enorme para com ela. Não me parece que isso tenha alguma vez passado pela cabeça de Jade. Ela fê-lo pela Anna, só pela Anna. Quem é que a Lime & Milliken recomendou? O Sir Eustace Hythe-Bottomley, senhor. Um sujeito já idoso, mas Conselheiro da Rainha e advogado de direito penal mais eminente de... bem, de toda a Austrália não andarás longe da verdade - disse Summers.

Antes de sair de Sydney em direcção a Kinross, Alexander fizera o que estava ao seu alcance. Em conjunto com Sir Eustace (que não podia prever outra sentença que não a pena de morte, a não ser que a acusada se retractasse), usara toda a sua influência para se certificar de que o juiz presidente seria alguém razoável e que a leitura da sentença seria feita à porta fechada em Bathurst e não em Sydney. E tão rapidamente quanto possível. Sir Eustace viajou na carruagem privada de Alexander até Lithgow, onde esta foi transferida para o comboio de Kinross, e depois seguiu sozinho até Bathurst no compartimento da primeira classe, onde ficou a reflectir nas Leis de Inglaterra e na sua aplicação nas colónias.

A sua entrevista com Jade, na Prisão de Bathurst, foi inútil. Por mais que a persuadissem, adulassem e cantassem como um passarinho, ela mantinha-se inflexível: não se retractaria, estava orgulhosa do que fizera, a sua bebé Anna estava vingada.

Quando Alexander chegou à estação de Kinross, só estava Ruby na plataforma para lhe dar as boas-vindas.

Vê-la constituiu um choque: «Terei envelhecido subitamente como ela? O seu cabelo continuava a ter aquela cor única, mas engordara tanto que os seus olhos desapareciam nas pregas da carne, a sua cintura era inexistente.

e as suas mãos pareciam estrelas do mar sapudas. Mas beijou-a, deu-lhe o braço e atravessou com ela a sala de espera. Para a tua casa ou para a minha? - perguntou-lhe já na rua. Para a minha, de momento - disse ela. - Há coisas sobre as quais temos de conversar e que não conseguirás discutir nem com a Elizabeth nem com a Nell.

A cidade, foi um alívio constatá-lo, tinha exactamente o aspecto que devia ter, apesar de os seus trabalhadores terem sido reduzidos para metade. As ruas estavam limpas e arranjadas, os edifícios em bom estado, os canteiros da Kinross Square estavam cobertos de dalias, malmequeres e crisântemos, as flores adequadas ao fim do Verão. Uma festa de amarelos, laranjas, vermelhos e creme. Ótimo. Os jardineiros de Sung Po tinham feito o que lhes ordenara e escavado uma inclinação artificial para enterrar o mecanismo gigantesco que fazia moverem-se os ponteiros com três metros de comprimento de um relógio de flores através das doze horas de cada meio dia, folhas de cores brilhantes e pequenas flores desenhando os numerais romanos, o disco do mostrador do relógio, e realçando os ponteiros pesadíssimos. E, mais, o relógio estava certo: eram quatro e meia da tarde. E o coreto fora pintado de fresco: teria sido obra do O'Donnell ou daquele traste do Scripps? As árvores que ladeavam as ruas tinham crescido: murtas em flor, melaleucas com cascas de camada múltipla que mais parecia tinta a descascar - «Ora, vá lá, Sir Alexander, pensa em metáforas que não tenham nada a ver com tintas!

Como sentia a falta da cidade com o seu nome e, simultaneamente, como desejava ver-se livre dela assim que ali chegava! Porque é que as pessoas não faziam o que deviam fazer, não viviam as suas vidas com lógica, razão, bom senso? Porque esvoaçariam de um lado para o outro como se fossem redemoinhos e tornados de um dia quente de Verão? Por que não eram os maridos capazes de amar as esposas e as esposas capazes de amar os maridos e as crianças não amavam toda a gente? Por que seria que as diferenças entre as pessoas se sobrepunham sempre, às coisas que partilhavam? Por que teriam os corpos que envelhecer mais do que as mentes que os alimentavam? Por que estou tão rodeado de gente e no entanto tão só? Por que será que o fogo continua a arder como sempre mas as chamas não param de esmorecer? Estou gorda - disse ela afundando-se no sofá do quarto e abanando-se com um objecto em leque da cor da bÍlis. Pois estás assentiu ele sentando-se na sua frente •

O TOQUE DE MIDAS 353 Isso aborrece-te, Alexander? Aborrece. Então ainda bem que esta história **está a revelar-se ótima para a** minha silhueta. Tínhamos um monstro entre nós. Um monstro muito astuto, relativamente ao qual metade da cidade está convencida de que não era monstro nenhum, apenas um inofensivo biscateiro. O ídolo de idiotas como a Theodora Jenkins. Evidentemente. Ele tirou-lhe bem as medidas e tinha gozo em seduzi-la, levando-a a adorá-lo não desejava virgens idosas nem viúvas, mas provavelmente masturbava-se com a ideia de as fazer molhar as cuecas. Como está a Elizabeth? E a Nell? A Elizabeth está mais ou menos como sempre. A Nell está a morrer por ver o papá. A Anna?

A criança deve nascer dentro de um mês.

Ao menos conhecemos o *pedigree* da criança. Tens a certeza disso? O

Summers tem a certeza de que o homem era o Sam O'Donnell.

Estava lá quando a Anna reconheceu o cão e acho que ele percebeu melhor a expressão da Anna do que a Jade.

Valente Summers!

Mas, mais importante, Ruby, como vou dizer a Elizabeth que a Jade será enforcada?

A expressão dela alterou-se, formando pregas mais grossas. Oh, Alexander, não digas isso! Tem de ser dito. Mas... mas... como podes ter tanta *certeza*!

Fechou os dedos sobre um maço e tirou uma cigarrilha. - Já não fumas? Fumo, dá-me uma! Mas como podes ter tanta certeza? Porque a Jade é um peão político. Tanto os adeptos do Comércio Livre como os Protecționistas - para não mencionar o sindicalistas, que começam agora a intitular-se «trabalhistas» precisam de mostrar às pessoas que se opõem aos chineses, que obedecerão ao povo quando chegar

a altura certa para se livrarem dos chineses. O que seria melhor para acalmar agora os ânimos do que enforçar uma pobre rapariguinha meio

chinesa, por mais que tenha nascido na Austrália, pelo que é visto como um crime indizível? Um crime contra os *homens*, Ruby. Castração. Amputação da virilidade! O homem a quem ela o fez era branco e não há qualquer prova contra ele a não ser o reconhecimento do cão pela minha filha atrasada mental. Pode a Anna ser chamada a tribunal para testemunhar, mesmo que seja à porta fechada e sem a presença de um júri? Claro que não! O juiz poderá chamar as testemunhas que lhe aprovar antes de proferir a sentença, mas chamar a Anna seria encarado como um travesti da justiça.

As lágrimas dela pareciam sair de massa de pão não cozida; sentiu-se doente, não conseguia pensar nela com desejo. Não me deixes sem ninguém!, gritou silenciosamente, mas a quem era dirigido o grito não soube dizer.

Vai, Alexander - disse Ruby apagando a cigarrilha. - Vai, por favor. Ela é a filha mais velha do Sam Wong e eu amo-a.

Ele foi direito ao elevador e subiu nele até ao topo da montanha, de frente, pois assim estavam dispostos todos os lugares, para Kinross, lá em baixo. Um lago de sombras azuis e lilás e pérola, o fumo das suas chaminés acrescentando uma camada do cinzento sombrio do Mar do Norte com que agora pintavam os novos navios de guerra em aço que, parecia--lhe ter sido noutra vida, tanto o tinham fascinado poucos meses antes.

Elizabeth estava sentada na sua biblioteca, uma novidade; não se lembrava de ela alguma vez ter escolhido aquela sala para se sentar. Que idade tinha ela agora? Fizera trinta e três em Setembro. O seu próprio quadragésimo oitavo aniversário estava a poucas semanas de distância. Agora estavam realmente casados havia mais de metade da vida dela. Uma eternidade, chamara-lhe ela. E assim seria, se a eternidade fosse flexível, e quem poderia afirmar que não era? Qual seria a diferença entre a amplitude da eternidade e o número de anjos capazes de dançar sobre uma cabeça de alfinete? Uma briga de filósofos.

Elizabeth estava a pensar que Alexander melhorara com a passagem dos anos e a perguntar-se por que razão o cabelo cinzento salpicado de branco seria tão atraente num homem e tão feio numa mulher. O seu corpo esguio e elegante não se tornara flácido nem encolhera e ele movia-se com a agilidade graciosa de um jovem. De Lee. As linhas gravadas no seu rosto não eram sinal da sua idade, mas da experiência; sentiu um súbito impulso de lhe dizer que convidasse um bom escultor a fazer-lhe um

busto... em bronze? Não, mármore. Não. Granito. Era essa a pedra indicada para Alexander.

Os seus olhos negros tinham uma nova expressão, de cansaço, tristeza, uma determinação sombria mais alimentada pelo desapontamento do que pelo sucesso. «Isto não vai quebrá-lo porque nada é capaz disso. Aguentará todas as tempestades que a vida lhe atirar para cima porque o seu âmagô é de granito. Como estás? perguntou-lhe, beijando-a na face. Estou bem respondeu ela, a dor do beijo atravessando-a como um dardo. Sim, pareces bem, apesar de tudo. O jantar está atrasado, receio. Não tinha a certeza de quando chegarias, por isso o Chang planeou uns pratos chineses que ficam prontos em alguns minutos. - Levantou-se. - Um xerez? Um *whisky*? Xerez, por favor.

Ela serviu dois copos de vinho grandes, enchendo-os quase até acima, entregou-lhe um e voltou para a cadeira com o seu. - Nunca percebi por que razão o xerez é servido em copos pequenos, e tu? - perguntou dando um golinho. - Uma pessoa não pára de se levantar e de se sentar para os voltar a encher. Assim não temos de nos andar a levantar e a sentar.

- Uma inovação brilhante, Elizabeth. Aprovo completamente.

Estudou-a por cima da borda do copo, saboreando o belo aroma do *amontillado* antes de beber algum vinho e deixá-lo repousar sobre a língua. Sentindo a antecipação do percurso que faria pela garganta abaixo como um âmbar acariciante. A beleza dela aumentava; de cada vez que a via novamente, era com espanto por uma qualquer adição perfeita à sua beleza, de uma alteração na postura da cabeça a uma rugazinha de cada lado da boca. A sua figura, envolta num vestido cor de malva baça, tendia para a voluptuosidade sem vestígios de gordura e as mãos que ostentavam os seus anéis pareciam flores marinhas, curvando-se, adejando, transportadas pelas correntes do seu espírito.

Um espírito que ele não conhecia. Ela nunca lhe permitiria o acesso. Um enigma, era o que Elizabeth era. O rato transformara-se num leão calmo, mas não se limitara a isso. O que era ela agora? Não fazia ideia. Queres falar comigo da Jade? - perguntou, deixando finalmente que o xerez lhe deslizesse pela garganta. Imagino que tenhas discutido o assunto com meio mundo, por tanto prefiro não falar disso, se não te importas. Ambos sabemos o que

acontecerá inevitavelmente e, depois de ditas, as palavras não podem ser desditas, não é verdade? Ficam sempre algures, tinindo como campainhas. - O brilho das lágrimas cobriu-lhe os olhos. - É insuportável, só isso. - Depois as lágrimas desapareceram; sorriu-lhe. - A Nell não tarda está aí. Cumprimenta-a pela sua aparência, por favor, Alexander. Ela está tão desesperada por te agradar.

Como que esperando por uma deixa, Nell entrou.

O que Alexander viu foi ele próprio num molde feminino. Não era uma experiência nova, mas era uma grande novidade. Durante os seis meses da sua ausência, Nell crescera, passando de rapariga a mulher. Tinha o cabelo escuro apanhado no cimo da cabeça, a boca grande mas de lábios finos tinha um aspecto tão sensual como determinado, tingida com uma qualquer substância rosada que também lhe cobria ligeiramente os málheares. O seu próprio rosto, longo e ligeiramente cavernoso, nela era atraente. No entanto, anunciava ao mundo que não se devia meter com ela. Imperial. Tinha a pele límpida e um bronzado saudável até à base do pescoço, revelando, abaixo desse ponto, uma pele cor-de-marfim. Tal como a mãe, abandonara as saias totalmente rodadas em favor de outras mais rodadas atrás do que na frente, de *sedapeau-de-soi* da cor de nuvens tempestuosas. Não era uma jovem de seios grandes e corpulenta como a Ruby, nem era perfeitamente proporcionada como a mãe, mas sentia-se bem com a sua sobriedade arredondada. E tinha o mesmo pescoço longo de cisne de Elizabeth.

Alexander pousou o copo, aproximou-se dela rapidamente, manteve-a à distância dos braços esticados e depois apertou-a contra o peito. Por cima do seu ombro Elizabeth conseguia ver o rosto da filha, com o queixo enfiado no casaco dele, os olhos de pestanas longas bem cerrados. A imagem do deleite.

- Estás com um aspecto soberbo, Nell - disse ele beijando-a ternamente nos lábios e conduzindo-a depois para uma cadeira próxima da sua. - Um xerez para a minha filha mulher crescida? - perguntou. Sim, por favor, papá. Já fiz quinze anos e a mamã diz que devo aprender a beber um pouco de vinho. - Os olhos brilharam ao olhar para o pai. - O truque está em nunca beber mais do que um pouco. Razão pela qual vais ter o teu xerez num copo de xerez. - Ergueu o seu próprio copo num brinde e Elizabeth imitou-o. - À nossa bela filha Eleanor. Que possa prosperar sempre. Que possa prosperar sempre - repetiu Elizabeth.

Sempre sensível ao ambiente, Nell não fez qualquer menção a Jade ou aos seus problemas. Em vez disso, concentrou-se em regalar o pai com as histórias do trabalho que Ruby lhe dera, conseguindo rir de si própria, desejosa de lhe contar este fracasso, aquele erro e como era um prazer trabalhar com os homens quando eles deixavam de pensar nela como mulher.

- Isso acontece durante uma emergência - disse -, quando a única pessoa capaz de encontrar uma solução é a firme Nell Kinross.

Dali passou a uma animada discussão com Alexander sobre as dificuldades técnicas que estavam a ter na refinaria de cianeto e depois a uma discussão acalorada dos méritos respectivos da corrente eléctrica contínua ou alterna. Os defensores desta última modalidade eram homens mais novos e recém-chegados à área; Alexander achava que a corrente eléctrica alterna era sobrevalorizada e perdulária. Papá, o Ferranti provou que a corrente alterna consegue maior potência! Pode alimentar coisas maiores do que telefones e lâmpadas de iluminação! Os motores eléctricos são uma lástima, mas juro que em breve, utilizando a corrente alterna, haverá motores eléctricos com potência suficiente para puxar o elevador! - disse Nell com o rosto iluminado. Mas não a podes armazenar em baterias, minha menina, e tens

de ter uma forma de a armazenar. Os alternadores exigem um funcionamento contínuo dos dínamos, o que constitui um desperdício chocante. Sem os acumuladores, toda a produção de corrente cessa quando o dínamo se avaria, e eles são célebres pelas suas avarias. Uma das razões disso, papá, é porque esses idiotas instalam os alternadores em séries, quando é óbvio que os deveriam instalar em paralelo. Espera e verás, papá! Um dia a indústria necessitará de altas voltagens

e transformadores que só a corrente alterna poderá fornecer.

A discussão bem-humorada continuou e Elizabeth ficou a ouvir aquela rapariga verdadeiramente extraordinária cuja compreensão da matemática ultrapassava de longe a do seu pai, e cujos conhecimentos de mecânica eram fenomenais. Ao menos em Nell, Alexander tinha uma alma gémea; ela tinha a chave para soltar a sua essência. Granito e granito. Mais tarde, pensou Elizabeth, as suas batalhas serão titânicas. Tudo do que a Nell necessita é tempo.

Invocando a chegada tardia como uma desculpa válida, Alexander adiou uma visita a Anna para a manhã seguinte.

A Anna não está feliz explicou Elizabeth enquanto o acompanhava ao quarto das crianças. Ela quer a Jade e, como é evidente, não conseguimos fazê-la compreender porque é que não a pode ter.

A visão da sua jovem filha chocou-o. beleza, que ele esquecera, a perfeita normalidade do rosto, o que a sua imaginação transformara em algo de mais estigmatizante, e a barriga inchada, enorme por baixo do roupão largo.

Mas ao menos ela reconheceu-o, disse Papá várias vezes e depois começou a gritar por Jade. Quando Butterfly Wing tentou acalmá-la, foi empurrada bruscamente. Quando os gritos e uivos aumentaram, Alexander saiu do quarto, incapaz de aguentar o cheiro insuportável de uma mulher grávida que não cuidava de si própria nem, no presente estado de espírito, permitia que alguém cuidasse. Mas que história disse no átrio. Sim. Quando é que o jovem Wyler vem para cá? Dentro de três semanas. Sir Edward vai ficar a **acompanhar as** pacientes dele em Sydney. Vai trazer uma parteira? Não, diz que a Minnie Collins serve perfeitamente.

Disseram-me que a Anna não quer que a Nell a veja.

Elizabeth soltou um grande suspiro. - E verdade.

Anna entrou em trabalho de parto dois dias depois de o Dr. Simon Wyler ter chegado, perto do fim de Abril, gritando durante os ciclos de dor, debatendo-se e lutando tão fortemente que o obstetra se viu obrigado a atá-la à cama. Nem ele nem a coitada da Minnie Collins conseguiam fazer a pobre Anna entender que tinha de cooperar, aguentar e seguir as ordens. Tudo o que Anna sabia era que estava a suportar agonias que lhe eram totalmente estranhas e protestava contra elas, agudamente, selvaticamente e incessantemente.

Quando o trabalho de parto entrou na sua última fase, o Dr. Wyler recorreu ao clorofórmio e, vinte minutos mais tarde, tirou do ventre da mãe uma menina grande e forte. Tinha uma cor rosada e saudável e os pulmões estavam em excelentes condições. Elizabeth, que assistia, não pôde evitar sorrir àquele novo ser humano, tão indesejado e, até àquele momento, nada bem-vindo. Mas o pedacinho de gente não tinha culpa do nai nue tivera e não deveria ser punido por isso. ;

Informado do parto bem sucedido de Anna, o pai limitou-se a grunhir. Um nome? perguntou Elizabeth. Chama-lhe o que quiseres respondeu Alexander bruscamente.

Elizabeth decidiu-se por Mary-Isabelle com um hífen, nome que durou apenas enquanto Anna esteve meio inconsciente e exausta. O que não durou mais de seis horas; por mais desadequado que fosse o seu equipamento mental, Anna era fisicamente robusta e estava de perfeita saúde. Pior factor de todos, o seu leite jorrava copiosamente. Dê-lhe o bebé para mamar disse o Dr. Wyler a Minnie. Ela não saberá como fazê-lo! disse Minnie sustendo a respiração. Só podemos tentar, Minnie. Faça o que lhe digo.

Afastando os cobertores, Minnie estendeu o embrulho a Anna, que estava recostada na cama. Parecendo espantada, Anna ficou a olhar para o rosto pequenino, que fazia caretas, e fez um enorme sorriso.

Dolly! gritou. Dolly!

A tua bonequinha muito tua, Anna disse o Dr. Wyler pestanejando para afastar as lágrimas. Ponha-lhe a Dolly ao peito, Minnie.

Minnie desapertou a frente da camisa de noite de Anna para desnudar um seio, empurrou o braço de Anna para cima e guiou Anna e o bebé ao encontro uma da outra. Quando a boca do bebé procurou e encontrou o mamilo e começou a mamar, o rosto de Anna sofreu uma transformação.

Dolly! - gritou. - Dolly! Minha Dolly! Adorável!

Foi a primeira vez que pronunciou uma abstracção.

Elizabeth e Butterfly Wing, que a observavam, olharam uma para a outra sem se darem conta de que choravam. A Anna agora esqueceria Jade: Anna tinha a sua própria bonequinha e a ligação fora feita.

Assim, quando Sir Alexander Kinross registou o nascimento da neta na Câmara de Kinross, registou-a com o nome de Dolly Kinross. Na linha para o nome do pai, escreveu «S. O'Donnell».

- Parece que fui amaldiçoado com bastardos - disse a Ruby quando parou no hotel para a ver, a caminho de casa. - Para não mencionar a maldição das raparigas.

Ela percebera a mensagem e estava a perder peso, mas com demasiada rapidez; destituída de alguma da elasticidade da juventude, a pele estava flácida por baixo do queixo e sob os olhos, que reapareciam. Durante quanto tempo conseguirei conservá-lo?, perguntava-se a cada dia que o espelho lhe revelava o pescoço enrugado e as rugas finas como a gaze nos braços e nas faces. Mas os seus seios não tinham perdido a postura

firme e erecta e as suas nádegas não tinham entrado em colapso. «Enquanto isso estiver em ordem, pensou, conservá-lo-ei. Mas o meu período está a desaparecer e o meu cabelo começava a rarear. Em breve serei uma velha.

- Conta-me o que fizeste no estrangeiro, onde foste - pediu-lhe depois de terem feito amor, que ele parecera apreciar como sempre.

- Foste mais reservado do que o costume, antes de te ires embora.

Ele sentou-se na cama e entrelaçou as mãos sobre os joelhos, pousando o queixo sobre eles. - Fui numa demanda - disse após uma longa pausa. - Uma demanda para encontrar Honoria Brown. E foste bem sucedido? - perguntou ela com a boca seca. Não. Compreendes, tinha a esperança de a ter engravidado, que ela me pudesse ter dado um filho naquela quinta no Indiana. Mas as pessoas que agora lá vivem compraram-na aos antigos proprietários que, por

sua vez, a tinham comprado a antigos proprietários. Ninguém se lembrava de Honoria Brown. Contratei um detective da Pinkerton e disse-lhe

que a descobrisse. As notícias apanharam-me na Inglaterra. Ela casou-se com um tipo qualquer e mudou-se para Chicago em 1866 e, nessa altura, não tinha filhos. Teve filhos depois disso, mas morreu em 1879 e o viúvo casou-se novamente um ano depois. Os filhos dispersaram-se por não gostarem da madrasta, suponho. Quando o homem da Pinkerton perguntou se eu queria que os localizasse, disse-lhe que não e paguei a conta. Oh, Alexander! - Ela saiu da cama e vestiu um roupão de renda.

- E que mais fizeste? Já fiz um relatório ao conselho de administração, Ruby. Muito impessoal. - A sua voz vacilou quando falou novamente. - Tiveste alguma notícia do Lee? Oh, sim. - Alexander começou a vestir-se. - Está a dar-se muito

bem, sobretudo a visitar velhos amigos dos tempos de escola em vários locais da Ásia. Eu estava a pensar mandar vir uma tribo de indianos do sopé do Himalaia para trabalhar nas minas em Ceilão, mas o Lee apanhou-os primeiro e pô-los a fazer prospecção de diamantes no seu próprio recanto do mundo. O filho do Rajá local foi muito útil a assegurar

a aprovação do pai para esse plano - por um preço, evidentemente. Cinquenta por cento dos lucros, o que não é mau. De lá foi para Inglaterra e visitou o Maudling do Banco de Inglaterra - as instituições britânicas não acreditam numa idade para a reforma, pois não? O Maudling deve ser auase tão velho como o próprio banco. Ele agora pertence ao conselho de

administração, graças às suas actividades com as Empresas Apocalipse. Tal como eu, o Lee está interessado nos novos navios de guerra em aço, especialmente nos motores. Há um homem chamado Parsons que está a desenvolver um novo tipo de máquina a vapor - chama-lhe turbina.

Ruby acabara de pentear o cabelo, usava-o agora mais puxado para trás, um penteado mais severo do que o do passado; descobrira que assim retesava mais a pele do rosto e disfarçava as rugas. - Parece que o Lee está a tentar ultrapassar-te, Alexander.

- Não tenhas dúvidas disso! Mas certamente que já sabes tudo isto, Ruby. Com certeza que ele te escreve.

Ela fez uma careta, fosse por ter dificuldade em enfiar-se dentro do vestido fosse por causa de Lee, Alexander não teve a certeza. - O Lee escreve-me com a regularidade de um relógio, mas apenas duas ou três linhas para me dizer que está bem e que está em viagem de um lugar estranho para outro lugar estranho. É quase como se - acrescentou melancolicamente - ele detestasse lembrar-se de Kinross. Estou sempre desejosa de que me escreva a dizer que ficou noivo, ou que se casou, mas isso nunca acontece.

- As mulheres - disse Alexander cinicamente - são barro nas mãos dele. - Olhou para ela e franziu o sobrolho. - Mudaste a forma de vestir, minha querida. Acho que tenho saudades daqueles fatos sumptuosos de cetim.

Ela mirou-se no espelho de corpo inteiro e fez uma careta ao vestido que tinha uma saia sem roda, uma cintura que não necessitava de espartilho e um decote subido. Simples e de bom corte, em gorgorão de seda, mas daquela cor horrível de bÍlis que estava tão na moda. - Com a minha idade, meu amor, ficaria ridícula. Além disso, já ninguém usa anquinhas, as penas estão fora de moda e os decotes estão a subir e as mangas cavadas desapareceram. Revoltante! Com excepção de ocasiões especiais de cerimónia, à noite, só se usa lã, fazenda e, se se quiser usar seda, gorgorão. Uma velha prostituta não pode dar-se ao luxo de parecer uma velha prostituta. Sou da opinião - disse Alexander sorrindo - que a moda feminina é um sinal dos tempos. Estamos a atravessar uma época de declínio comercial e não é só nesta parte do mundo. É por isso que as mulheres se vestem

de forma mais austera, com cores baças e chapéus horivelmente feios. Submeto-me aos vestidos simples e às cores baças, mas recuso-me determinantemente a usar um chapéu feio - disse Ruby dando-lhe o braço.

- Aonde vamos? - perguntou ele, surpreso.

Ela fez um ar inocente. - Ora, vou subir a montanha contigo! Não vejo a Dolly desde ontem. - Subitamente, parou. - Mandaste uma mensagem à Jade por causa do bebé? A Elizabeth fê-lo assim que nasceu. É difícil fazer-lhe chegar mensagens? Não quando estas são enviadas pela família **de Sir Alexander Kinross**. Quanto tempo falta para a enforcarem? É em Julho. E Maio ainda mal começou. Pobre alma. É verdade.

A reportagem do jornal sobre a ama chinesa de Kinross e o seu crime quase não chocou Bede Evans Talgarth, que estava galvanizado pela reviravolta dos acontecimentos que pusera o movimento trabalhista em erupção. O Conselho Trabalhista e dos Ofícios, pressionado por um homem dedicado de Lencastre, de seu nome Peter Brennan, acabara por concordar em que havia um futuro político para o trabalhismo e começara a trabalhar numa proposta de programa político para os Trabalhistas quando surgiu a enorme greve de Agosto de 1890. Contudo, a derrota esmagadora sofrida pelos sindicatos envolvidos na greve serviu apenas para espicaçar os líderes trabalhistas na sua luta por uma representação parlamentar dos trabalhadores brancos comuns. Em Outubro de 1890 teve lugar uma eleição intercalar em Sydney Ocidental; o Movimento Trabalhista concorreu com o candidato aprovado pelos sindicatos, que arrebatou a vitória. O palco parecia preparado para a realização de eleições gerais na Nova Gales do Sul, em 1892, a uma distância suficiente para garantir que o Movimento Trabalhista estaria devidamente preparado, com todas as lutas intestinas relativas à escolha dos candidatos já devidamente resolvidas.

O Conselho Trabalhista e dos Ofícios terminou o seu programa político oficial em Abril de 1891, um ano antes das eleições. Este incluía a abolição das desigualdades eleitorais, o ensino universal e gratuito, a satisfação das reivindicações sindicais, a criação de um banco nacional e várias medidas para desencorajar os chineses de criarem fábricas na Austrália. Relativamente às questões fiscais, os delegados estavam divididos, com uma parte a defender um imposto agrário e a outra um

imposto único que abrangesse tudo e todos. Tendo ampliado o programa por forma a incluir a reforma do governo local, surgiu um novo partido político. Intitulava-se Liga Eleitoral Trabalhista, com a palavra «Trabalhista escrita com a grafia australiana e não com a britânica. Era aquele que viria a ser, futuramente, o Partido Trabalhista Australiano. O termo trabalhista evocava trabalho, esforço».

O desastre potencial aconteceu. A Câmara Baixa do Parlamento da Nova Gales do Sul assistiu à queda do Partido do Comércio Livre de Sir Henry Parkes, que sucumbiu a uma moção de censura. O que levou o Governador a dissolver o Parlamento e a convocar novas eleições, marcadas para as três semanas que mediavam 17 de Junho e 3 de Julho de 1891. Quase um ano antes do esperado.

Os Trabalhistas entraram num frenesi para a escolha dos candidatos para cada círculo eleitoral, o que não era tarefa fácil num Estado com 483 000 quilómetros quadrados. Como é evidente, nem valia a pena disputar as eleições em círculos recheados de gente rica, mas ainda restavam muitos onde valia a pena concorrer. Os círculos eleitorais mais remotos, na província, tiveram de ser contactados por telegrama ou visitados por elementos do comité central condenados a passar vários dias em comboios, carruagens e até a cavalo. Motivo pelo qual as eleições se estendiam por três semanas.

O eleitorado de Bourke, a dias de caminho de Sydney, estava-se nas tintas para os problemas da cidade. A sua principal preocupação era a importação de afegãos, com os respectivos camelos, que estavam a desviar o transporte rodoviário das mãos dos condutores brancos dos pesados carros de bois. O programa político dos Trabalhistas, concebido pelos espertalhões citadinos e pelos mineiros do carvão, não fazia qualquer menção a Afegãos ou a camelos, mas em Bourke estes eram *importantes*. A contenda que, em consequência disso, rebentou com Sydney foi feroz, mas Bourke foi forçada a submeter-se - os camelos não seriam mencionados no programa eleitoral.

Nem o Partido do Comércio Livre nem o Partido Protecctionista levaram a sério a Liga Eleitoral Trabalhista, conduzindo tranquilamente as suas habituais campanhas eleitorais displicentes que consistiam principalmente em oferecer almoços e jantares a homens de negócios, ignorando completamente as classes trabalhadoras. Os partidários do Comércio Livre não queriam quaisquer impostos ou taxas sobre as importações, os Protecctionistas queriam as indústrias locais apoiadas por impostos cobra-

dos sobre as importações. Ambos os partidos encaravam os nada cavalheirescos Trabalhistas com profundo desprezo.

Trabalhando furiosamente no círculo eleitoral da sua escolha, na zona sudoeste de Sydney, Bede Talgarth conseguiu assegurar a nomeação como candidato oficial do Trabalhismo e passou a visitar os eleitores. Encarava o período eleitoral com excitação mas também com alguma confiança; não via por que razão os trabalhadores comuns votariam em homens que os desprezavam, agora que tinham uma alternativa melhor: políticos que eram eles próprios trabalhadores.

Como o seu círculo eleitoral se situava em Sydney, soube rapidamente qual tinha sido a sua sorte. Bede Evans Talgarth deu por si a ser um Membro da Assembleia Legislativa. À medida que os resultados chegavam gradualmente dos 141 círculos eleitorais espalhados pelo estado, soube-se que, destes, trinta e cinco tinham ficado nas mãos dos Trabalhistas. Bem como o equilíbrio do poder no parlamento. Não que tudo tenham sido rosas para os Trabalhistas: dezasseis dos MEMBROS representavam círculos eleitorais urbanos e dezanove eram representantes rurais. Os homens da cidade (as mulheres não tinham direito ao voto, quanto mais a candidatarem-se ao Parlamento) eram sobretudo sindicalistas militantes, enquanto que os homens da província, excluindo um grupo de mineiros e um tosquiador, não eram sequer sindicalizados. Apenas dez dos M.A.L. Trabalhistas tinham nascido na Austrália, só quatro tinham mais de cinquenta anos e seis tinham menos de trinta. Era uma bancada repleta de jovens ansiosos por transformar para sempre a política australiana. . Ansiosos, sim, mas também inexperientes.

Que se lixe!, pensou Bede Talgarth, M.A.L. «A única forma de ganhar experiência é atirarmo-nos de cabeça e não pensar mais nisso. As palavras que tinham sido capazes de entusiasmar uma multidão enorme no Sydney Domain ecoariam agora pelas paredes de uma câmara que estava a ficar muito cansada da retórica parkesiana. Mas o Velho Grande Homem conseguiu aguentar-se no lugar de Primeiro-Ministro, forçado agora a cortejar aqueles palhaços presunçosos dos Trabalhistas (alguns deles eram-no mesmo, infelizmente) quando queria vencer uma votação. Tarefa que era dificultada pela complexidade interna do Trabalhismo, gerida com quantidades imensas dessa entidade americana imunda, a democracia; cerca de metade dos parlamentares trabalhistas eram favoráveis ao comércio livre, a outra metade era proteccionista.

E assim, em Julho, quando já era demasiado tarde para ter qualquer importância, Bede Talgarth recordou-se daquele dia em Kinross em que Sam O'Donnell não aparecera no hotel depois do almoço. Fui dar umas cambalhotas, explicara com um sorriso matreiro quando aparecera horas mais tarde. Ora, aquela prova era ainda mais insubstancial do que a do cão. Não teria chegado para persuadir o juiz a alterar a sua decisão de que Jade Wong, solteira da cidade de Kinross, fosse enforcada.

Por temer manifestações enormes se Jade fosse levada para Sydney, foi tomada a decisão de que esta seria enforcada num cadafalso especialmente construído para o efeito na Prisão de Bathurst e que a execução não seria aberta a jornalistas nem ao público.

O juiz, um membro do Supremo Tribunal de Nova Gales do Sul, fora mais do que justo, mas Jade afirmava resolutamente que matara Sam O'Donnell da forma descrita e estava satisfeita por o ter feito. Ele arruinara a sua bebé Anna.

- Não tenho alternativa - disse o juiz dirigindo-se aos poucos espectadores, silenciosos e atentos, a quem fora permitida a entrada. - O crime foi inquestionavelmente premeditado. Foi planeado e executado com um grau de sangue-frio e calculismo que parece quase inacreditável à luz do passado e da carreira de Miss Wong. Nada foi deixado ao acaso. Talvez o aspecto mais repugnante de todos tenha sido Miss Wong ter cosido os olhos da vítima por forma a mantê-los abertos. Esta foi forçada a ver a sua própria mutilação e destruição. Além disso, a Miss Wong não exprimiu, em qualquer momento, por palavras ou qualquer outro meio, sinais de arrependimento. - O Meritíssimo pegou num pequeno pedaço de pano negro e colocou-o sobre a peruca volumosa. Ré que estás perante este Tribunal, condeno-te a ser levada ao local da execução onde serás dependurada pelo pescoço até à morte.

Só Alexander viera de Kinross para ouvir a sentença. A expressão de Jade não se alterou nem o sorriso perdeu a sua espontaneidade. Não havia medo nos seus olhos castanhos nem sinais de contrição. Jade estava manifestamente feliz.

A execução teve lugar uma semana mais tarde, às oito da manhã de um amargo e chuvoso dia de Julho, com as montanhas em torno de Bathurst cobertas de neve e um vento gelado fustigando o casaco de Alexander em torno dos seus joelhos e impedindo-o de usar o guarda-chuva.

Tinha-a visitado na sua cela no dia anterior, onde lhe entregara quatro cartas: uma do seu pai, uma de Ruby, uma de Elizabeth e outra de Nell. De Anna trouxe-lhe uma madeixa de cabelo e essa ela apreciou-a muito mais do que quaisquer palavras que as cartas pudessem conter. Levá-la-ei junto ao peito - disse beijando-a. - O bebé está bem? A Dolly? A florescer e parece perfeitamente normal para um bebé de dez semanas. Posso fazer alguma coisa por ti, Jade? Cuide da minha bebé Anna por mim e jure sobre a cabeça de Nell em como nunca a internará num asilo. Juro - disse ele sem qualquer hesitação. Então já consegui o que tinha decidido fazer - disse ela sorrindo.

Jade foi trazida envergando as calças e túnica pretas, com o cabelo comprido apanhado num carrapito no alto da cabeça. A chuva não pareceu incomodá-la; parecia tranquila e caminhou sem fraquejar. Não estava presente nenhum sacerdote; Jade recusara qualquer conforto espiritual, insistindo em que não tinha sido baptizada e não era cristã.

O guarda que a escoltava colocou-a no centro do alçapão enquanto outro guarda lhe atava as mãos atrás das costas e os tornozelos um ao outro. Quando tentaram enfiar-lhe um capuz na cabeça ela abanou-a violentamente até que desistiram. Depois o carrasco deu um passo em frente e enfiou-lhe o laço no pescoço, ajustando-o por forma a que o nó ficasse encostado por trás da sua orelha esquerda e apertou-o. A avaliar pelo interesse que manifestava, Jade podia já estar morta.

Parecia tudo acabado num segundo e, no entanto, parecia ter durado mais do que uma hora. O carrasco puxou a alavanca e o alçapão abriu-se com estrondo. Jade caiu a distância calculada necessária para lhe partir o pescoço sem a decapitar. Não houve espasmos, tremores nem convulsões. A figura vestida de negro, tão pequena, tão inofensiva, girou brevemente, tendo no rosto a mesma expressão tranquila que mantivera durante todo o processo.

- Nunca vi um condenado com tanta coragem - disse o director da prisão que estava ao lado de Alexander. - Uma coisa horrível. Estava tudo combinado. Alexander deveria receber o corpo depois de o médico legista confirmar o óbito; este seria cremado no crematório de Sung, mas as cinzas não seriam enviadas para a China nem entregues Wone. Sung, que se mantivera completamente afastado de todo

aquele assunto, por receio de retaliações contra a sua gente, tivera uma inspiração que pensava mereceria a aprovação de Jade. Alexander também aprovou. A meio da noite, o próprio Sung introduzir-se-ia no cemitério de Kinross e enterraria as cinzas de Jade no grande monte de terra que cobria o corpo de Sam O'Donnell. Por toda a eternidade - ou pela eternidade que interessava - Sam O'Donnell teria a sua assassina a escorrer para o interior do seu caixão fino e barato. Gostaria de reaver as cartas de Miss Wong, por favor pediu Alexander ao director. Vamos sair da chuva - disse o homem começando a andar. - Quer lê-las, hem? Não, quero que sejam queimadas sem que ninguém as leia. Destinavam-se apenas aos olhos dela. Far-me-á a vontade, espero? Não gostaria de as ver transcritas nos jornais.

O director reconheceu o punho de ferro dentro da luva de renda e desistiu imediatamente dos seus planos. - Certamente, Sir Alexander, com certeza! - disse enfaticamente. - Há uma lareira no meu gabinete onde nos poderemos secar. Uma chávena de chá enquanto esperamos, hem?

UM MUNDO DE HOMENS

QUANDO NELL COMEÇOU O CURSO DE ENGENHARIA na Universidade de Sydney, em Março de 1892, com a muito tenra idade de dezasseis anos, Alexander fez por ela o que estava ao seu alcance. A escola ficava instalada num edifício branco de um só piso, de natureza provisória mas suficientemente espaçoso para providenciar acomodações satisfatórias até uma escola de engenharia poder ser construída. Ficava na zona da Universidade que dava para a Parramatta Road e tinha uma varanda frente à qual cresciam tomates. Não vendo qualquer vantagem em ser subtil, Alexander limitara-se a dizer ao Director para as Ciências e Professor de Engenharia, William Warren, que contribuiria generosamente para a construção da escola se a sua filha e os seus colegas chineses não fossem perseguidos pelos professores. Desalentado, o Professor Warren assegurou-lhe que Nell, Wo Ching, Chan Min e Lo Chee seriam tratados em pé de igualdade com os colegas brancos do sexo masculino... mas não receberiam quaisquer favores, nem pensar, não.

Alexander sorria e erguera as sobrancelhas pontiagudas. - Descobrirá, Professor, que nem a minha filha nem os rapazes chineses precisam de favores especiais. Serão os seus melhores alunos.

Comprou-lhes cinco casinhas geminadas em banda, onde o Glebe se cruzava com a Parramatta Road, e chamou os empreiteiros para que ligassem as casas pelo interior; cada um dos cinco estudantes (o outro era Donny Wilkins) tinha alojamento próprio, com quartos para os criados no sótão. No caso de Nell, a criada seria, como era evidente, Butterfly Wing.

A Semana de Apresentação assistiu a uma recepção escandalizada da estudante do sexo feminino por parte dos caloiros não oriundos de Kinross; a atitude dos vinte e tal estudantes mais antigos foi, de início, quase



insurreccional, mas a delegação irada enviada ao Professor Warren saiu de lá com as orelhas a arder.

- Então - disse Roger Doman, que obteria o grau de Bacharel em Ciências na especialidade de engenharia de minas no fim do ano -, vamos ter de a obrigar a sair de uma forma não oficial. - Fez uma expressão ameaçadora. - Para não falar nos chinocas.

Onde quer que Nell fosse, era vaiada e assobiada, todas as tarefas que lhe eram destinadas no laboratório eram sabotadas, os seus apontamentos eram roubados e estragados, os seus livros de estudo desapareciam. Nada disso perturbou Nell, que rapidamente demonstrou na sala de aulas que estava muito acima dos restantes no que dizia respeito a inteligência, conhecimentos e capacidades. Se os estudantes brancos do sexo masculino tinham pensado que a odiavam durante a Semana de Apresentação, esse sentimento não tinha qualquer comparação com o que sentiram quando ela não demonstrou quaisquer escrúpulos em os humilhar em frente do Professor Warren e do seu pequeníssimo grupo de assistentes. Dava-lhe imenso prazer corrigir os seus cálculos, demonstrar que as suas conclusões estavam erradas e que, comparados com ela, não distinguiam uma peça de uma máquina a vapor da outra. Nem quando comparados com os rapazes chineses, o que era uma humilhação adicional.

O insulto mais mortal à supremacia masculina branca foi a invasão de Nell das casas de banho da escola, construídas num edifício separado e que não tinham sido concebidas para mulheres. De início, os seus utilizadores desapareciam quando ela entrava, mas, depois, Doman e os seus acólitos decidiram que era melhor não desaparecer, adoptando antes um comportamento grosseiro: exhibir os pénis, defecar no chão na frente dela, sujar as sanitas, arrancar as portas.

O problema era que Nell não fazia jogo limpo nem agia como uma mulher. Em vez de rebentar em pranto, retaliava. Doman, ao abanar o pénis, recebeu uma pancada maldosa que o fez dobrar-se ao meio. Os seus comentários mordazes ao tamanho dos pénis - será que *nada* era sagrado? - fez com que os utentes dos urinóis passassem a tentar esconder atabalhoadamente os seus assim que ela entrava. Relativamente às porcarias tratava sempre do assunto pouco escrupulosamente, dirigindo-se ao Professor Warren e escoltando-o numa excursão às casas de banho.

- Estás mesmo a pedir que te fodam até caíres! - rosnou Doman, apanhando-a sozinha pouco depois de os homens terem recebido ordens

para esfregarem as instalações e se comportarem convenientemente no futuro.

E Nell estremeceu, devido à linguagem ou à ameaça? Não. Olhou o cabecilha dos estudantes mais velhos, com desprezo e disse: -Tu não eras capaz de foder uma vaca, Roger. Tu gostas é de chupar pilas, pervertido.

- Puta! - cuspiu ele.

Os olhos dela animaram-se. - Também tu o és, meu caro - respondeu.

Parecia portanto não haver forma de expulsar Nell Kinross sem ser recorrendo à força bruta; a cabra tinha uma língua tão suja como a de um carroceiro e era completamente implacável na vingança. Não respeitava as regras e não se comportava, definitivamente, como uma rapariga.

A conspiração para lhe darem uma sova a ela e aos chinocas foi concebida um mês após o início das aulas. Cuidadosamente planeada, a acção implicava fazer-lhes uma espera quando estes regressassem a casa por um caminho deserto que passava pelo meio de um bosque onde, mais tarde, seria construído o campo de desportos da universidade. O único problema era Donny Wilkins, que era homem e branco; por fim, os candidatos a atacantes decidiram que este já tinha demonstrado quais eram as suas lealdades e que, portanto, teria também de ser punido. O grupo de assalto, com doze elementos, estava armado com bastões de críquete e sacos de areia, mas Doman tinha um chicote que tencionava aplicar às costas nuas de Miss Nell Kinross depois de ela e os seus amigos amarelos serem dominados.

Mas as coisas não correram dessa maneira. Ao serem atacados, Nell, Donny e os três rapazes chineses contra-atacaram como... como...

- Dervixes endemoninhados - foi a única descrição capaz que Roger Doman encontrou enquanto cuidava das feridas após tudo ter terminado.

Pontapeavam, batiam com o cutelo da mão, arrancaram os bastões e sacos de areia das mãos dos atacantes com uma facilidade ridícula, mandaram corpos pelos ares e pisaram-nos quando caíam desamparados no solo, deslocaram ombros, partiram um ou dois braços.

- Admite, Roger - disse uma Nell ofegante quando tudo terminou em poucos segundos, não estás à altura da nossa influência. Como engenheiro de minas o melhor é aguentares-nos, senão o meu pai certifica-se

de que não arranjas trabalho em sítio nenhum da Austrália.

O que era o pior de tudo: a cabra tinha poder e não tinha medo de

I

E assim, quando os novos estudantes foram enviados para várias oficinas nas áreas industriais de Sydney, a oposição estudantil à presença de uma mulher no seu seio morrera uma morte desonrosa e Nell Kinross era famosa da Faculdade de Letras à de Medicina. Quando apareceu de fato-macaco para atacar as tarefas mais sujas, ninguém disse nada. Um Professor Warren fascinado - não adepto das mulheres na engenharia, tal como não o eram os seus assistentes - admitiu perante si próprio que *algumas* mulheres eram simplesmente demasiado fortes para sucumbirem às formas tradicionais usadas pelos homens para se verem livres delas. Ela era, além disso, de longe a estudante mais brilhante que alguma vez encontrara e a sua compreensão da matemática enfeitava-o.

Poder-se-ia perdoar a quem pensasse que Nell se transformaria numa heroína para o pequeníssimo contingente de mulheres militantes da universidade, que batalhavam pelo voto e direitos iguais para as mulheres. Mas tal não aconteceu, principalmente devido ao facto de, uma vez terminados os seus problemas, Nell Kinross não manifestar qualquer interesse por aquelas mulheres, todas elas matriculadas na Faculdade de Letras. Uma mulher adepta dos homens até ao tutano, Nell achava as mulheres enfadonhas mesmo que fossem, como aquelas se autodenominavam, feministas com reivindicações legítimas.

Aquele primeiro ano de Nell assistiu a um agravamento na economia que significava que alguns dos estudantes de engenharia tinham de contar os tostões e preocupar-se com a possibilidade de os pais não conseguirem mantê-los naquela situação relativamente confortável, dado que frequentavam um curso suficientemente exigente para impedir o trabalho a tempo parcial. Mas uma palavra de Nell fez com que o seu pai oferecesse bolsas de estudo aos estudantes de engenharia sem condições para continuar a estudar. Tal facto deveria ter conquistado a sua gratidão, mas, como é evidente, isso não aconteceu. As bolsas de estudo foram aceites, mas Nell foi ainda mais odiada por ter os conhecimentos e poder necessários à sua criação. Não é justo! - gritou-lhe Donny Wilkins. - Eles deviam agradecer-te de joelhos. Em vez disso, voltaram os assobios e as vaias sempre que apareces. Sou uma pioneira - disse Nell nada impressionada nem perturbada. - Sou uma mulher num mundo de homens e os homens sabem que eu sou apenas a pontinha da alavanca. Depois de mim, nunca mais serão capazes de manter as mulheres afastadas, mesmo mulheres que não tenham

Sir Alexander Kinross como pai. - Riu-se, com uma gargalhada deliciosa.
- Um dia terão de construir uma casa de banho para as mulheres. E isso, Donny, será o fim da resistência.

O Trabalho Prático», como era chamado, exigia que os estudantes adquirissem competências nas oficinas. Os livros e as teorias não chegavam; o Professor Warren defendia que um engenheiro devia ser tão capaz de soldar, fresar e tratar o metal como qualquer operário e, no caso dos engenheiros de minas, deveriam saber trabalhar na mina, fazer rebentamentos, perfurações e trabalhar com o minério, fosse este carvão, ouro, cobre ou qualquer outra substância mineral. O trabalho prático nas minas, para os engenheiros de minas, não teria lugar no primeiro ano; o trabalho prático para os estudantes de primeiro ano consistia em adquirir experiência aplicada nas fábricas e fundições.

No caso de Nell, os proprietários das indústrias teriam de ser avisados do seu sexo antes de a aceitarem. O que não constituía uma dificuldade em instalações que tinham - ou esperavam vir a ter - encomendas das Empresas Apocalipse, mas impossível nos restantes locais. Mas isso não abrandou Nell até ao fim daquele primeiro ano, quando queria desesperadamente passar algum tempo nas oficinas de uma fábrica situada na zona sudoeste de Sydney onde estavam a ser construídas novas perfuradoras para as minas - era um processo novo, de uma concepção que prometia revolucionar a perfuração das superfícies rochosas mais duras. Dado que a Apocalipse era um cliente muito importante, foi-lhe dada permissão, mas depois disseram-lhe que o sindicato dos trabalhadores metalúrgicos, que controlava as contratações naquela fábrica, recusava ter uma mulher no interior das instalações, quanto mais às voltas ao pé das máquinas.

Aquele não era um problema que Sir Alexander pudesse resolver; Nell estava por sua conta. A sua primeira jogada foi pedir uma entrevista com o delegado sindical da oficina, que funcionava como intermediário entre os metalúrgicos da fábrica e a sede do sindicato. O encontro foi rancoroso e não decorreu da forma como o delegado sindical imaginara, pensando que se depararia com a cabrazinha capitalista de rabo entre as pernas e num mar de lágrimas. O homem era um Escocês preconceituoso de Glasgow que achava que Sir Alexander Kinross era um traidor da sua classe e que jurou solenemente a Nell que morreria antes de ver *qualquer* mulher nas instalações da sua oficina. Em vez de lágrimas, obteve perguntas

impossíveis de responder e quando, exasperado, a insultou, ela devolveu-lhe os insultos.

- Ela é pior do que uma mulher - disse a vários compinchas depois de Nell ter saído -, é um homem vestido de mulher.

E agora, aonde deveria dirigir-se?, perguntou Nell a si própria, decidida a vencer a qualquer custo. Velho bode! Os delegados sindicais eram conhecidos por serem os mais preguiçosos ou os menos competentes dos trabalhadores dos sindicatos, razão pela qual procuravam aqueles lugares de ligação aos sindicatos. O cargo protegia-os e libertava-os de muito trabalho árduo. «Angus Robertson, vais ter de me aguentar, por mais que lutes contra isso!

Depois de ler atentamente jornais como o *Worker*, percebeu qual seria a jogada seguinte: arregimentar o parlamentar local dos Trabalhistas, um republicano confesso e socialista dedicado. Chamava-se Bede Talgarth.

Bede Talgarth! *Conhecia-o!* Ou pelo menos, emendou, almoçara uma vez com ele em Kinross. E lá foi ela ao seu gabinete parlamentar em Macquarie Street, apenas para lhe ver recusada uma entrevista com a justificação de não ser uma eleitora nem estar ligada ao Movimento Trabalhista. O secretário, que ele partilhava com vários dos deputados trabalhistas menos importantes, era um homenzinho nervoso que lhe fez uma careta e lhe disse para se ir embora, ter uns quantos bebés e ser uma mulher como deve ser.

Algumas investigações na biblioteca parlamentar revelaram que a profissão anterior de Bede Talgarth fora a de mineiro de carvão, o seu estado civil era solteiro, nascera a 12 de Maio de 1865 e vivia em Arncliffe. Arncliffe era uma zona suburbana da classe trabalhadora, escassamente povoada, para o interior de Botany Bay e não muito distante da fábrica de perfuradoras. Já que não conseguia vê-lo no gabinete, teria de o apanhar no seu ninho doméstico. Que era uma pequena casa de pedra datada dos primeiros tempos da colónia, da época dos homiziados, construída num terreno com cerca de quinhentos metros quadrados de que ninguém cuidava.

Quando marchou direita à porta verde-escura com a tinta a descascar e deixou cair o batente, não obteve resposta. Após várias pancadas e mais dez minutos de espera, abandonou a porta da frente e contornou a casa até às traseiras, olhando para as cortinas encardidas e vidraças engorduradas, para o latão do lixo cheio a transbordar junto à porta das traseiras,

sentindo-se agoniada com o fedor que vinha de uma casinha ao fundo do quintal abandonado.

Como detestava a inactividade e estava decidida a esperar até que Bede Talgarth voltasse a casa, começou a arrancar as ervas daninhas à volta da casa. Seria difícil cultivar legumes ou flores naquele terreno pobre e arenoso, pensou empilhando as ervas num monte que rapidamente se transformou numa pequena colina.

Já caía o crepúsculo quando Bede entrou pelo portão velho da vedação de madeira que separava o terreno do pavimento inacabado do exterior. A primeira coisa em que reparou foi no cheiro a plantas arrancadas, a segunda foi no monte impressionante de ervas. Mas quem seria o jardineiro dedicado a uma tarefa tão ingrata?

Encontrou-a nas traseiras: uma rapariga alta e magra com um vestido de algodão cinzento-escuro que lhe chegava quase ao tornozelos, sem quaisquer formas que valesse a pena mencionar, um pescoço alto e mangas compridas que arregaçara por cima dos cotovelos pontiagudos e ossudos. Não a reconheceu, nem mesmo quando ela se endireitou e o olhou de frente.

- Este sítio está uma desgraça - disse ela limpando as mãos sujas à saia. - Não é difícil perceber que é um solteirão que não se importaria de comer de uma caixa sentado num caixote de laranjas. Mas se tem falta de dinheiro pode cultivar legumes, com um pouco de estrume de vaca para enriquecer a terra e o exercício far-lhe-á bem. Está a ficar com barriguinha, Mr. Talgarth.

Dado que ele sabia disso muito bem e tal facto o exasperava, o comentário irritou-o. Mas reconhecera-lhe a voz, brusca e autocrática, e ficou a olhar para ela, espantado. Nell Kinross! - exclamou. - Mas o que é que está aqui a fazer? A arrancar ervas daninhas - disse ela, os olhos azuis percorrendo o seu fato azul-escuro de três peças, o colarinho e os punhos de celulóide, a gravata de M.A.L. e a corrente. - Subiu na vida, hem?

- Até mesmo os deputados Trabalhistas têm de se conformar, no que respeita ao vestuário - disse na defensiva. Então ainda bem que é sexta-feira. Pode vestir umas roupas velhas e passar o fim-de-semana com as ervas daninhas. Eu passo os meus fins-de-semana a visitar os meus eleitores - disse ele, enfatuado..

O TOQUE DE MIDAS 375 Aceitando biscoitos e chá açucarado, provavelmente bolinhos com

doce e natas e, mais tarde, grandes canecas de cerveja. Vai morrer antes dos quarenta, Mr. Talgarth, a não ser que mude de hábitos. Não consigo perceber o que é que tem a ver com a minha saúde, Miss Kinross! ripostou ele. Suponho que queira alguma coisa...

O que é? Entrar e beber uma chávena de chá.

Ele estremeceu. A casa não está... muito limpa nem arrumada.

Não pensei que estivesse. As suas cortinas precisam de ser lavadas e as janelas também. Mas o chá é feito com água a ferver, portanto sem dúvida que sobreviverei.

Ficou à espera, com as sobrancelhas pontiagudas erguidas, o rosto ossudo com um ar insolente, à excepção dos olhos que brilhavam, travessos.

Ele soltou um grande suspiro. - Será por sua conta e risco. Entre.

A porta das traseiras dava para uma copa com um par de selhas de cimento com água corrente. Ao menos tem água canalizada - observou ela. - Por que é que continua a ter uma latrina ao fundo do quintal? Os esgotos não foram ligados - limitou-se ele a dizer levando-a para uma pequena cozinha onde havia mais uma pia, um fogão a gás de quatro bicos e uma mesa grande com uma cadeira enfiada por baixo. As paredes eram de um amarelo sujo salpicado com pequenas marcas dos excrementos de moscas que constituíam uma espécie de padrão afirmativo. Na mesa propriamente dita viam-se marcas maiores de excrementos de baratas e no chão caganitas de ratos e ratazanas. Você não pode mesmo viver assim - disse Nell puxando a cadeira e sentando-se; tirou um lenço grande de dentro da mala tipo saco-leva-tudo e estendeu-o em cima da mesa para ter um sítio limpo onde pousar os cotovelos. - Hoje em dia o parlamento paga-vos um bom salário, não paga? Contrate alguém para as limpezas. Não posso fazer uma coisa dessas! - ripostou ele, cada vez mais zangado com os seus comentários depreciativos. - Eu sou um *Trabalhista*, não aprovo os criados! Disparate! - disse ela desdenhosamente. - Se quiser argumentar de um ponto de vista socialista, pode dizer que estaria a dar trabalho a alguém que, provavelmente, precisará desesperadamente desse dinheiro e estará a partilhar a sua prosperidade com um dos membros do seu círculo eleitoral: uma mulher, muito provavelmente e que, portanto, não poderá votar em si, mas estou certa de que o marido dela votará.

376 COLLEEN McCULLOUGH O marido dela, muito provavelmente, já votou em mim. Um dia as mulheres também terão direito a voto, Mr. Talgarth. Não pode defender todas essas teorias de igualdade e democracia sem compreender que as mulheres também são cidadãs. Oponho-me totalmente ao conceito dos criados. Então não a trate como a uma criada, Mr. Talgarth. Trate-a como

aquilo que ela realmente é: alguém competente no seu ofício que é limpar. Não há vergonha nenhuma nisso, pois não? Pague-lhe bem e a horas, agradeça-lhe pelo seu trabalho maravilhoso e faça-a sentir-se desejada, necessária... Não o prejudicará em nada junto dos seus eleitores, ter uma mulher a tecer-lhe elogios, proclamando-o um patrão democrático junto dos amigos. Os homens votam, sim, mas as mulheres podem influenciar o seu voto e tenho a certeza de que o fazem frequentemente. Por isso o melhor é contratar uma mulher que lhe mantenha a casa limpa e pôr de lado algum tempo para tratar do terreno e manter essa barriguinha sob controlo. Tem razão - concordou ele pouco à vontade, deitando a água a ferver no bule. O açucareiro estava entornado em cima da mesa. - Receio bem que o açúcar tenha caganitas de barata e não tenho leite. Compre uma bela geleira. Tenho a certeza de que deve haver um vendedor de gelo em Arncliffe e não há razão para não o deixar entrar mesmo que não esteja em casa... não há aqui nada que valha a pena roubar. Vai ter de se livrar das baratas, são bichos que vivem nas sarjetas, nos esgotos, em qualquer local onde haja sujidade e sujam tudo o que comem. Está a ver isto à volta do açucareiro? É uma armadilha mortal. Aposto que deve haver muito tifo em Arncliffe, para não mencionar a varíola e a paralisia infantil. O senhor está no Parlamento... ponha essas lesmas a tratar dos esgotos. Até que as pessoas aprendam a manter as coisas limpas, Sydney será um local perigoso. Livre-se também dos ratos e das ratazanas, um dia destes ainda haverá um surto de peste bubónica.

- Nell aceitou a caneca de chá preto, sem açúcar nem leite, e bebeu-o com satisfação.

- Você vai ser engenheira, não é? - perguntou ele com voz fraca.

- Parece mais uma médica.

- Sim, terminarei em breve o meu primeiro ano de engenharia, mas o que eu quero mesmo ser é médica, especialmente agora que abriram

Medicina às mulheres,

Por mais que tentasse não o fazer, deu por si a gostar dela; era pragmática, lógica e destituída de autocomiseração. E, apesar das suas críticas, não parecia

nada enojada pelos seus hábitos de solteirão. Nell Kinross gostava de apresentar soluções sensatas. «Que pena ela estar do outro lado», pensou. Seria uma mais-valia importante para as nossas forças, mesmo que fosse na retaguarda.

O divertimento dela foi total quando ele foi buscar um caixote de laranjas para se sentar: tal como suspeitara, ele não dava valor às coisas materiais. Como devia sentir-se irritado por ter de usar um fato! Apostava que quando ia ter com os eleitores aos fins-de-semana ia de jardineiras e mangas arregaçadas. Tive uma boa ideia - disse ela subitamente estendendo-lhe a caneca para que lhe desse mais chá. - Em vez de comer biscoitos e bolinhos com doce e natas quando anda nas suas visitas, podia oferecer-se para cavar buracos, cortar lenha ou mudar móveis. Seria um bom exercício e não teria tempo para se empanurrar. Por que é que está aqui, Miss Kinross? - perguntou. - O que é que acha que posso fazer por si? Chame-me Nell e chamar-lhe-ei Bede. É um nome muito interessante, Bede. Sabe quem ele foi? É um nome de família - disse ele. Era o Venerável Bede, um monge de Nortúmbria, de quem se diz ter ido a pé a Roma e voltado. Escreveu a primeira verdadeira história do povo inglês, apesar de não se saber se era saxão ou celta. Viveu nos séculos vn e viu depois de Cristo e era uma alma bondosa e santa. O que não se adequa a mim - disse ele descontraidamente. - Como é que sabe esse tipo de coisa? Leio - limitou-se ela a dizer. - Não tinha muito mais para fazer em Kinross, até a titi Ruby me pôr a trabalhar. É por isso que a engenharia é tão fácil para mim... Conheço a teoria e o negócio propriamente dito, em especial a mineração, de trás para a frente. Só preciso de um diploma. Ainda não me disse o que quer. Quero que fale com um velho escocês irascível chamado Angus Robertson que é o delegado sindical na Constantine Drills. Preciso de obter alguma experiência prática nessa fábrica e os proprietários deram-me autorização. Depois o Robertson recusou terminantemente. Oh, sim, os metalúrgicos. Não vejo por que se hão-de sentir ameaçados pelas mulheres... não estou a ver nenhuma mulher, nem mesmo

você, a querer perfurar e soldar e martelar e pôr rebites e mais o que se faz com o aço. Não, quero aprender a trabalhar o aço no torno mecânico. Nenhum

engenheiro ou *engenheira* digno desse nome pode fazer projectos em aço sem saber exactamente o que um torno pode ou não pode fazer. Concordo que a experiência prática é essencial. - Virou os cantos da boca para baixo e franziu o sobrolho para a caneca de chá que não bebera. - Muito bem, vou falar com o Angus. Mas vou também falar com os líderes sindicais. Eles têm mais influência sobre ele do que eu. É tudo o que lhe peço - disse Nell levantando-se. Como posso contactá-la? Tenho um telefone em casa. É no Glebe. Se a resposta for afirmativa, poderá vir até lá e comer uma refeição *saudável*. A propósito, quantos anos tem, Nell? Dezasseis anos e... humm... oito décimos. Meu Deus! - exclamou ele cobrindo-se de suor frio. Não entre em pânico - disse ela desdenhosamente ao ir-se embora.

- Sei cuidar de mim.

«Aposto que sabes, pensou ele vendo o seu carro de aluguer desaparecer pela rua abaixo. «Meu Deus, uma menor e eu deixei-a entrar! Bem, ninguém sabia e que importância tinha?

E ela tinha razão, evidentemente. Toda a gente do seu círculo eleitoral tinha pena dele por ser solteiro e viver naquela casa horrível, incapaz de cuidar de si próprio. Era por isso que lhe ofereciam tanta comida

quando fazia as suas visitas. Como poderia explicar àquela gente que o parlamento servia um almoço de primeira em todos os dias em que se reunia? Que o Conselho Trabalhista e dos Ofícios também oferecia comida? Atacaria o terreno com uma enxada e contrataria - por um salário

decente - uma mulher desesperadamente pobre para lhe limpar a casa. Instalaria ratoeiras, espalharia veneno para as baratas e compraria papel mata-moscas para pendurar no tecto e apanhar as moscas atraídas pelas superfícies tóxicas e pegajosas. «Não quero morrer antes dos quarenta anos, pensou para consigo, «mas já reparei que a minha barriga não anda a funcionar convenientemente. Se a casa estiver mais limpa sou capaz de deixar de ter os ataques biliosos. Nell Kinross, dezasseis anos de idade e sessenta de descaramento puro.

* *

A resposta foi afirmativa com uma condição: que Nell juntasse duas placas de aço com rebites. Se conseguisse fazê-lo, poderia aprender a trabalhar com o torno mecânico. Apesar de detestar ter de o admitir, Angus Robertson reconheceu que ela conseguia rebitar bem. Mas quando regressou três dias mais tarde para a sua lição, Nell deu com toda a oficina paralisada. A máquina a vapor está sem potência - disse Angus Robertson

triumfantemente calmo - e o nosso engenheiro mecânico está doente. Ai, ai disse Nell atravessando a oficina até ao local onde a máquina produzia vapor afastando os três homens aglomerados à sua volta.

- Muito doente? Espero que não seja uma febre. Não - disse Angus olhando-a fascinado enquanto ela estudava a

peça que regulava a quantidade de vapor que passava pela válvula lateral para a câmara de combustão. - É reumático. Amanhã trago uns saquinhos de pó que lhe pode entregar. Diga-

-lhe para tomar um saquinho três vezes ao dia juntamente com muita água. É um remédio chinês antigo para as dores e febres reumáticas - disse Nell procurando com a mão uma ferramenta inexistente. - Passe-me aquela chave de soquete, por favor. Um veneno *chinocal* - Angus recuou, arfando dramaticamente.

- Não vou dar ao Johnny uma coisa dessas!

- Oh, disparates! - ripostou Nell, agitando a chave. - E feito à base de casca de salgueiro e outras ervas medicinais... não é de olho de tritão, nem de dedos de sapo nem nada disso! - Apontou para o regulador de velocidade com ar de quem não conseguia acreditar que não tivessem resolvido o problema. - Os pesos estão desregulados, Mr. Robertson. Por causa de duas correias partidas, o que não levará muito tempo a arranjar.

Duas horas depois, os contrapesos do regulador - esferas de latão do tamanho de bolas de pingue-pongue - e o mecanismo do elevador estavam recolocados e as correias que seguravam os contrapesos soldadas à cabeça da máquina e ao elevador. As esferas giravam devido à força centrífuga, a válvula corrediça abriu-se o suficiente para deixar entrar vapor na câmara de combustão e o volante começou a girar, fazendo com que toda a maquinaria ligada à máquina a vapor recomeçasse a funcionar.

Bede Talgarth aparecera para assistir; bem como o sócio minoritário da Constantine Drills, Mr. Arthur Constantine.

380 COLLEEN McCULLOUGH Haverá alguma coisa que ela não saiba ou não seja capaz de fazer?

- perguntou Arthur Constantine a Bede. Sei tão pouco dela como o senhor - respondeu Bede com a formalidade adequada a um encontro entre um capitalista e um socialista -, mas suponho que o pai dela é do tipo de pôr a mão na massa e ela tem andado sempre com ele desde pequenina. O Professor Warren, que é o Director das Ciências, diz que ela ficará tão facilmente em primeiro lugar no seu curso que quase não vale a pena fazer-lhe os exames. Uma perspectiva assustadora - disse Arthur Constantine. Não, uma campainha de alarme - retorquiu Bede - que me diz que

na metade mais frágil da nossa população existem mulheres que estão a ser desperdiçadas. Felizmente, a maior parte das mulheres sente-se satisfeita com a sua sorte. Mas Nell Kinross é um sinal de que algumas mulheres desprezam a sua sorte. Então que sejam enfermeiras ou professoras. A não ser que os seus talentos estejam na engenharia - ripostou

Bede, não por se ter convertido à luta das mulheres pela igualdade mas por querer provocar desconforto naquele homem untuoso. Ele e os outros como ele passavam cada vez mais tempo preocupados com medo dos trabalhadores, e porque não juntar a essas preocupações o espectro das mulheres trabalhadoras? Sugiro, Mr. Constantine - disse Nell juntando-se-lhes -, que invista num novo regulador para a sua máquina a vapor. Aquelas correias

já foram soldadas uma dúzia de vezes e cederão novamente. É verdade que uma máquina a vapor pode alimentar todas as outras máquinas e ferramentas, mas só se funcionar. Perdeu hoje três horas de produção e nenhum industrial se pode dar a esse luxo quando emprega apenas um engenheiro de máquinas. Obrigado, Miss Kinross - disse Constantine, empertigado -, esse assunto será resolvido.

Nell piscou o olho a Bede e afastou-se no seu fato-macaco, gritando por Angus Robertson que se apressou ajuntar-se-lhe com a atitude de alguém que fora vencido... pelo menos temporariamente.

Sorrindo, Bede decidiu ficar para assistir a Miss Kinross a fazer em picadinho Arthur Constantine, Angus Robertson e o torno mecânico com o qual parecia sentir-se como peixe na água.

Há uma certa poesia nos seus movimentos», pensou Bede. «Mexe-se com segurança e fluidez graciosa, com uma expressão de deleite e alheamento total a tudo que não esteja relacionado com o que está a fazer.

O TOQUE DE MIDAS 381 Não consigo deixar de me espantar com a sua força,
Nell - disse

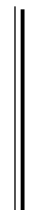
quando foi jantar a casa dela. - Anda com as placas de aço de um lado
para o outro como se fossem penas. Agarrar em pesos tem os seus truques
respondeu ela nada impressionada pelos seus elogios. - Sabe disso, tem de
saber. Nem sempre
deu lustro ao fundilho das calças sentado na bancada do Parlamento ou
a negociar com os patrões.

Ele estremeceu. - O que eu aprecio mesmo em si - disse - é o tacto
e a diplomacia.

A refeição, descobriu ao chegar, não seria um *tête-à-tête*
aconchegado, mas sim um repasto barulhento e animado partilhado
pelos três chineses e por Donny Wilkins. Comida chinesa deliciosa e
boa companhia.

No entanto, nenhum dos rapazes estava apaixonado por ela,
apercebeu-se; era como se fossem irmãos de uma rapariga mandona,
apesar de ela ser a mais nova. Tenho uma mensagem do Angus
Robertson disse quando a refeição terminou e os irmãos foram estudar:
os exames finais pairavam no
horizonte. O velho rabugento do engenheiro escocês - disse ela
afectuosamente. - Dei-lhe a volta, não foi? Quando comecei a dominar
o torno já
ele me vinha comer à mão. Provou o seu valor no mundo dos
homens. Qual é a mensagem? Que os seus pós chineses resultaram. O
homem das máquinas a
vapor está de volta e a sentir-se às mil maravilhas. Vou mandar um
recado ao Angus para dizer ao sujeito que pode
comprar mais pó no ervanário chinês em Haymarket. Mas se ele vai tomá-
los regularmente deverá fazê-lo com leite em vez de água. É um remédio
ótimo, mas é terrível para o estômago. O leite é a solução para qualquer
remédio de qualquer nacionalidade que faça mal ao estômago. Começo
a pensar, Nell, que apesar de todas as suas competências
em engenharia daria uma médica ainda melhor - disse Bede.

Ela conduziu-o à porta, mais agradada com aquele comentário do
que com qualquer dos outros elogios que ele lhe fizera. - Obrigada por
ter vindo.



- Obrigado por me ter convidado - retribuiu ele, saltando um degrau sem tentar tocar-lhe. Depois de ter acabado os exames e antes de regressar a Kinross não quer vir jantar a minha casa? Acredite ou não, sou

bom cozinheiro quando tenho um motivo para cozinhar. Na nossa família todos os filhos tinham de fazer turnos na cozinha. A casa estará mais limpa, prometo.

- Obrigada, gostaria muito. Telefone-me - disse e fechou a porta.

Afastou-se, pensativo, na direcção de Redfern, sem ter a certeza do que sentia. Havia qualquer coisa nela que o atraía fortemente... aquela qualidade indomável e destemida, talvez. A forma como ia direita àquilo que queria sem no entanto avançar antes do tempo. «Pergunto-me se o pai saberá que ela arde por ser médica? A medicina é o bastião masculino mais ferozmente defendido, provavelmente devido ao facto de, se pensarmos no assunto, a medicina ser a carreira ideal para uma mulher. Mas o Sir Alexander quer tê-la com ele no negócio e está habituado a conseguir o que quer. Por outro lado, a pequena Miss Nell também.

Não tiveram qualquer contacto entre aquele jantar e o fim dos exames, pelos quais Nell passou alegremente, sentindo-se ainda mais confiante devido à diversidade e sucesso do seu «trabalho prático. Um recanto do seu espírito interrogava-se se os professores tentariam pô-la no seu lugar baixando-lhe as notas mas, se isso acontecesse, ela estaria preparada. Obteria os exames por intimação e insistiria para que fossem novamente classificados em Cambridge por alguém que desconhecesse o seu sexo. Uma ordem judicial não agradaria à Faculdade de Ciências nem ao Departamento de Engenharia.

Mas talvez o Professor Warren e os seus assistentes tivessem pressentido até que ponto aquela rapariga terrível estava disposta a ir, ou tal

vez desejassem ardentemente os donativos generosos do seu pai; qualquer que tenha sido a sua motivação, classificaram-na com justiça. O que, numa disciplina como a engenharia em que as respostas, na sua maioria, ou estavam certas ou erradas, significou que Nell se classificou no primeiro lugar do seu curso com uma distância assustadora entre si e Chan

Min, que ficou em segundo lugar ligeiramente à frente de Wo Ching. Donny Wilkins ficou em primeiro lugar em Engenharia Civil e Arquitectura e Lo Chee ficou em primeiro lugar em Engenharia Mecânica.

Vitória total para os estudantes de Kinross.

, . ,

Nell escreveu para a casa de Bede e disse-lhe que estava livre para jantar em sua casa se ele continuasse a querer recebê-la. Bede respondeu-lhe marcando o dia e a hora.

Uma das características de Nell que deixava Bede intrigado era a relutância que demonstrava em exibir a sua riqueza; quando apareceu pontualmente às seis da tarde, dois sábados depois, apanhara um transporte público e fizera vários quarteirões a pé desde a zona comercial. No entanto poderia ter parado um carro de aluguer junto à sua porta e feito o caminho até Arncliffe com todo o conforto. O vestido que trazia era de algodão, novamente cinzento e sem graça, com a bainha uns bons dez centímetros acima dos tornozelos - o que teria sido muito atrevido se o vestido fosse vermelho ou até mesmo alegre ainda que numa cor menos berrante. Não trazia chapéu - mais uma incorrecção social - nem jóias e o habitual saco de cabedal leva-tudo estava dependurado por uma correia do ombro esquerdo.

- Por que usa os vestidos tão curtos? - perguntou-lhe ao recebê-la junto ao portão.

Nell estava muito ocupada a olhar, encantada, para o terreno. - Bede, arrancou as ervas daninhas como deve ser! E será aquilo uma horta, o que vejo nas traseiras? Sim. Espero que também repare que a barriguinha desapareceu

- respondeu ele. - Tinha razão, eu precisava de fazer exercício. Mas por que é que usa os vestidos tão curtos? Porque não suporto os vestidos que arrastam pelo chão - respondeu ela com uma careta. - Sujar as solas dos sapatos já é mau. Sujar uma coisa que não podemos lavar de cada vez que usamos é ainda pior. Quer isso dizer que lava as solas dos sapatos? Evidentemente, se estive num sítio mau. Pense só no que pisamos! As ruas estão cobertas de cuspo... do ranho de um tipo qualquer que se assoou com os dedos... nojento! Para não mencionar o vomitado, os excrementos dos cães e o lixo podre. Compreendo a questão do cuspo. Tivemos de aprovar muitas para quem cuspa nos transportes públicos e nas carruagens disse ele acompanhando-a até a casa.

-As cortinas estão lavadas e as janelas também - observou ela parecendo satisfeita.

Conduzi-la para o interior da casa foi algo que ele não fez com orgulho, pois não tinha mobílias que se vissem: um sofá velho com molas

quebradas visíveis entre a parte inferior e o chão, uma escrivadinha e uma grande secretária velha com uma cadeira arrumada por baixo do tampo. A mesa da cozinha, contudo, exibia agora um par de cadeiras e o caixote de laranjas desaparecera. O pavimento era ou de soalho nu ou de linóleo barato, mas alguém esfregara as paredes, arrancando a sujidade, e não havia à vista caganitas de ratos ou ratazanas. Nem caganitas de baratas. Embora ainda não me tenha conseguido ver livre das malvadas disse ele sentando-a à mesa da cozinha. - São imortais. Experimente usar pires de vinho tinto - sugeriu Nell. - Elas não lhe resistem e afogam-se. - Riu-se. - O que muito agradaria à Liga da Temperança, não acha? - Tossicou educadamente. - Presumo que a casa seja

de aluguer, que não seja sua? - perguntou.

- Sim. Então tente persuadir o senhorio a instalar uma vedação com postes

de um metro e oitenta de altura. Assim poderia ter uma dúzia de galinhas, ter ovos e simultaneamente ter defesas exteriores contra as baratas.

As galinhas adoram baratas. Como é que sabe essas coisas *todas*? Bem, nós vivemos no Glebe, que está infestado de baratas. A But-

terfly Wing elimina-as com pires de vinho tinto e um quintal cheio de

galinhas à solta. Porque é que não usa chapéu? - perguntou ele abrindo a porta do

forno e espreitando lá para dentro. Que cheiro delicioso - comentou ela. - Não uso chapéus porque os

detesto, só isso. Não servem para nada e estão mais feios a cada ano que

passa. Quando passo muito tempo ao sol uso um chapéu como os dos

trabalhadores chineses... é prático. E, reparei na Constantine Drills, usa fato-macaco na oficina. Não

é para admirar que o velho Angus não a quisesse lá. A última coisa de que qualquer fábrica precisa é uma mulher idiota

a entalar a saia numa engrenagem. O fato-macaco não é propriamente

insinuante, por isso o que é que interessa? Verdade admitiu ele vigiando os tachos em cima do fogão. O que é o jantar? -

perguntou ela. Perna de carneiro assada, batatas e abóbora assadas no molho, puré

de nozes brancas e feijões assassinados. Feijões

assassinados? Cortados em pedacinhos. Oh, e molho de carne, evidentemente.

- Sirva! Estou com uma fome de lobo.

A ementa era tradicionalmente britânica, mas muito boa; Bede não exagerara quando dissera que sabia cozinhar. Até mesmo os feijões assassinados não estavam cozidos demais. Nell atacou a comida e comeu quase tanto como o anfitrião. Deixo espaço para o pudim ou posso repetir? - perguntou limpando o molho do prato com um pedaço de pão. Tenho de ter cuidado com a barriguinha, portanto, repita respondeu ele a sorrir. - A avaliar pelo seu apetite, não tem tendência para engordar. Não, sou como o meu pai... sou magricela.

Depois da refeição terminada e os pratos levantados - ele recusou-se a permitir que ela lavasse ou secasse os pratos, dizendo que eles não fugiriam até que lhe apetecesse tratar desse assunto, - pôs na mesa um belo bule de chá e duas chávenas de porcelana e colheres de prata. O açucareiro estava imaculado e o leite gelado por ter sido guardado na geladeira nova. Começaram então, com um prato de biscoitos de aveia da Mrs. Charlton, a mulher-a-dias, entre ambos, a conversar sobre muitos assuntos mas indo sempre dar à paixão dele: o socialismo e os trabalhadores. Nell não concordava frequentemente com ele e rebatia os seus argumentos, especialmente a respeito dos Chineses. O tempo passou sem que dessem conta, pois ambos eram do género de pessoas que vivem no interior das suas próprias cabeças, tendo suprimido aquilo que ele apelidaria como impulsos carnavais e ela como sonhos românticos.

Finalmente, quando ele acabou por se aperceber de que era muito tarde, atreveu-se a abordar o assunto sobre o qual sentia ter o *direito* - porquê, não o sabia - de ser esclarecido. Como está a sua irmã? - perguntou. Muito bem, segundo a minha mãe - respondeu Nell com uma expressão sombria. - Não pode sabê-lo, mas a Anna virou-se contra mim

e eu não me dei ao trabalho de ir a casa nas férias. Em vez disso, fiz trabalho prático nas oficinas. E por que é que ela se virou contra si? Isso é um mistério. Deve compreender que o raciocínio dela é extremamente limitado e imprevisível. Os jornais, naquela altura, disseram que ela era simples, mas a verdade é que é atrasada mental. O vocabulário dela consiste em cerca de cinquenta palavras, sobretudo substantivos,

um adjetivo ocasional e, raramente, um verbo. O sujeito conseguiu

manipulá-la tão facilmente como ao cão. A Anna tem bom feitio, na maior parte das circunstâncias. Acredita então que foi o Sam O'Donnell? Absolutamente - afirmou ela enfaticamente. E o bebé? A Dolly. Foi o que a Anna lhe chamou, pensando ser uma boneca. E o meu pai registou-a com o nome de Dolly. Tem agora dezoito meses e - não é irónico? - é muito esperta. Começou a andar cedo, começou a falar cedo e, diz a minha mãe, começa a ser um problema. - A tristeza da expressão de Nell tornou-se ainda mais sombria. - Tenho de ir para casa na segunda-feira, porque se está a passar qualquer coisa que a minha mãe não quer discutir por carta. É um fardo muito pesado, não é? É, pelo menos, um fardo pouco habitual. Até agora não me foi pedido que o partilhasse minimamente, o que não está certo. Assim como não estão certas outras coisas que sinto mas que não posso partilhar consigo por não serem factos, só instinto. *Odeio* o instinto! - disse Nell selvaticamente.

Com o brilho esverdeado realçado pelo novo quebra-luz de cerâmica, a luz do candeeiro a gás reflectia-se na cabeleira espessa e despenteada dele e transformava o seu brilho acobreado em bronze envelhecido. Os seus olhos, tão escuros como os de Alexander, estavam profundamente enterrados nas órbitas e eram bastante estreitos; ilegíveis», pensou Nell, subitamente intrigada. «Uma pessoa só percebe o que ele é através do que diz, nunca através do seu aspecto e ainda menos através dos olhos enigmáticos. Ganhará mais respeito pelo instinto à medida que for envelhecendo - disse ele e sorriu-lhe, mostrando os dentes brancos e regulares. -

Construiu o seu mundo sobre factos... O que não é raro nos matemáticos. Mas os grandes filósofos foram todos matemáticos, por isso é que tinham o tipo de cérebro capaz de conceber ideias abstractas. O instinto é emoção abstracta, mas não inteiramente destituída de racionalidade. Penso sempre no meu como se baseando em acontecimentos ou experiências que não valorizei conscientemente mas que uma outra parte mais profunda de mim valorizou. Não pensei que o Karl Marx fosse matemático - disse ela. Também não é filósofo. É mais uma espécie de estudioso do comportamento humano. Da mente, não da alma.

O TOQUE DE MIDAS 387 Isso que disse sobre o instinto... Está a dizer-me que deveria ir para

casa o mais depressa possível? - perguntou com um vestígio de remorso na voz. - Que sente isso instintivamente? Não tenho a certeza. Contudo, ficarei triste por vê-la partir. Foi um grande prazer cozinhar para uma comensal apreciadora e estava desejoso de o fazer novamente.

No entanto não lhe estava a dar quaisquer indirectas do tipo entre mulher e homem, facto pelo qual lhe ficou agradecida. Gostei muito do serão - disse ela soando afectada. Mas já teve que chegue. - Levantou-se. - Venha, acompanho-a até à rua principal para lhe arranjarmos um carro de aluguer. Posso apanhar o transporte público.

Ele tirou o relógio do bolso, abriu a tampa e consultou-o. - A esta hora não pode. Tem dinheiro para o carro de aluguer? Oh, Deus, sim, tenho! - Os olhos dela brilharam. - É só porque os carros de aluguer são como o instinto... detesto estar fechada num espaço tão pequeno e mal-cheiroso. Nunca se sabe quem lá esteve antes de nós. Deixe-me pagar-lhe a corrida.

- Ai isso é que não paga! Com uma mulher-a-dias e uma geleira nova para acrescentar aos meus pecados? Quanto é que custa o gelo duas vezes por semana, três *pence*? Seis *pence*'?

- Quatro *pence*, na verdade. Mas presentemente tenho bastante dinheiro: os deputados, incluindo os Trabalhistas, tendem a receber salários e privilégios muito liberais. E eu já poupei muito dinheiro. - Respirou fundo e pôs-lhe a mão no cotovelo para a levar até à porta. - Na verdade, estou a pensar seriamente em saber quanto é que o proprietário pede por esta casa. Se for um preço razoável, gostaria de a comprar.

A filha de Alexander Kinross ouviu aquela afirmação com os olhos semicerrados e os lábios comprimidos. - Deve conseguir regatear o preço até cerca de duzentas libras. É um lote de meio hectare, é verdade, mas está numa zona industrial. Sem esgotos. Ele não conseguiria muito dinheiro de alguém que tencionasse construir aqui uma fábrica e os especuladores interessados em casas para habitação mudaram-se para mais perto da costa. As casas em banda estão fora de moda, as geminadas estão na moda e este terreno não tem a configuração adequada para aqui meter meia dúzia de geminadas. Ofereça-lhe cento e cinquenta e veja qual é a reacção.

Bede desatou a rir à gargalhada. - Isso é fácil de dizer, para si, mas é-me impossível! Sou incapaz de regatear. Eu pensava que também não era - disse ela num tom surpreendido. - Mas gosto de si, Bede, e por si seria capaz de regatear. Isso é bom de ouvir. Também gosto de si, Nell. Ótimo - disse ela acenando a um carro de aluguer. - Que sorte! Espero que ele me leve ao Glebe. Dê-lhe uma gorjeta de três *pence* e ele leva-a aonde quiser. E não se sinta tentada a mandá-lo embora na Parramatta Road. Andam por lá bandos de desordeiros. Um sinal dos maus tempos, como diria o meu pai. Jovens desempregados a precisar de descarregar as energias. Uma boa altura, portanto, para fazer uma oferta sobre uma propriedade. - Entrou no pequeno carro. - Escrevo-lhe de Kinross. Escreva - pediu ele e ficou a olhar até o cavalo cansado arrancar e a carruagem se afastar ruidosamente. Mas não escreverás, disse a si próprio, suspirou e virou-se para percorrer os poucos metros até a casa. Não valeria a pena, de qualquer forma: o filho socialista de um mineiro de carvão galês e a filha do capitalista mais rico da Austrália. Uma criança que ainda não fizera dezassete anos. E ele no crepúsculo da vida e não vogando na sua crista. Um homem de princípios - e isso ele era-o - deixá-la-ia continuar a vida longe do seu alcance. Que assim fosse. Adeus, Nell Kinross.

Mas Nell só regressou a casa depois do Ano Novo e do seu décimo sétimo aniversário. O pai e a titi Ruby apareceram em Sydney para fazer a cidade, como ele dissera: teatro, museus, galerias de arte, exposições e até mesmo a pantomima. Divertindo-se imenso, Nell esqueceu o seu instinto e o de Bede Talgarth.

A DOLLY DE ANNA Eu NÃO TINHA MANEIRA DE IGNORAR a vontade
do papá - **disse Nell**

à mãe, defensivamente. Claro que não tinhas - respondeu Elizabeth que,
aparentemente,

não ficara ofendida. - Na verdade, provavelmente foi melhor assim.

Olhando para trás, acho que exagerei. Exageraste o quê?

A Anna zangou-se com a Dolly e magoou-a.

Nell empalideceu. - Mamã, não! Foi só dessa vez, há
cerca de seis semanas. Como é que foi? *Porquê?*

- Sinceramente, não sei. Nunca deixamos a Anna sozinha com a bebé,
mas a Peony não estava realmente a olhar para elas, estava ocupada com
umas costuras. Depois a Dolly deu um grito de dor e começou a chorar
muito. Quando a Peony se levantou para ver o que se passava, a Anna não
a deixava aproximar-se. - Má Dolly! Má Dolly! - não parava de dizer.
- Elizabeth olhou para Nell com impotência, com uma súplica no olhar
que Nell nunca vira. - Agarrara no braço da Dolly e estava a beliscá-la,
a torcer o braço. A pobre criança debatia-se e gritava... Eu vinha no átrio
e ouvi-a e ainda bem. A Anna não a largava, não parava de a beliscar e
de chamar má à Dolly. Fomos precisas eu e a Peony para a conseguirmos
fazer largar a menina e levámos imenso tempo para acalmar a Dolly, que
ficou toda negra e durante dias nem se aproximava da Anna. O que pôs
a Anna de péssimo humor. Conheces a Anna, nunca está de mau humor!
Só fica impossível quando está menstruada. Seja como for, acabámos
por decidir dar-lhe a Dolly por uns instantes e o mau humor desapareceu
imediatamente. Felizmente, a Dolly não protestou... acho que tinha
atingido

o ponto em que a recordação da dor já não era tão importante como a falta que sentia da Anna. Qual delas é a Peony? perguntou Nell de cenho franzido. Uma rapariga Wong. A Ruby mandou-a para cá quando a Dolly começou a andar e a falar. Não exactamente para substituir a Jade, mais para dar uma ajuda. Ela está à altura da Jade? Talvez não, mas é muito dedicada. Não devia ter ligado ao papá e devia ter vindo para casa resmungou Nell. - Vamos lá vê-las, mamã.

O quarto das crianças poderia ter servido de modelo a um artista, de tão perfeito que era em todos os pormenores. A nova irmã Wong estava aninhada junto de Anna, que tinha Dolly no colo; duas cabeças com cabelos pretos diferentes, uns lisos e outros encaracolados, curvadas sobre uma pequena criança loira e linda, gordinha e com covinhas.

Da última vez que Nell vira a Dolly esta era ainda um bebé, mas agora era uma criança pequena com quase dois anos, com um madeixa de caracóis loiros sobre um rosto redondo de querubim com olhos da cor de águas-marinhas. As sobrancelhas e as pestanas eram castanhas, sugerindo talvez que o cabelo escureceria quando fosse mais velha, e as suas feições não lembravam Alexander nem Elizabeth - saíra ao pai, sem dúvida.

Quando Anna ergueu os olhos e viu Nell, o rosto abriu-se-lhe num sorriso; atirou Dolly para o lado como se esta fosse uma boneca inanimada - nada de novo, deduziu Nell, pois Peony estava a postos para agarrar a criança e pousá-la no chão incólume. Nell! Nell! Nell! - gritou Anna de braços abertos. Olá, minha querida - saudou Nell abraçando-a e beijando-a. Dolly! Onde Dolly? - perguntou Anna então. Aqui - disse Peony entregando-lha. Dolly! Minha Dolly! - disse Anna a Nell, resplandecente. Olá, Dolly. Não te lembras de mim, pois não? - perguntou

Nell pegando numa das mãozinhas. - Sou a tua titi Nell. Titi Nell - pronunciou a criança com clareza e sorriu. Posso pegar-lhe, Anna?

A testa franziu-se; Anna avaliou a irmã, olhando-a por baixo das belas sobrancelhas negras e, por instantes, tanto Elizabeth como Nell pensaram se ela a rejeitaria tal como fizera antes do nascimento de Dolly. Depois

tirou a criança do colo e atirou-a descuidadamente na direcção de Nell.

- Toma! - disse, desaparecendo o impulso de lha negar.

A meia hora passada com Anna e com Dolly deixou Nell mais exausta do que ficava depois das lutas com os colegas da universidade, mas deixou-a também com a firme determinação de dizer o que tinha de ser dito. De preferência a ambos os pais e ao mesmo tempo.

- Mamã, papá - disse na biblioteca onde os três se reuniram para tomar um xerez antes do jantar -, tenho de falar convosco sobre um assunto inadiável.

Pressentindo o que estava para vir, Elizabeth recolheu-se imediatamente dentro de si própria, enquanto Alexander se limitou a erguer os olhos da contemplação da bebida e a erguer as sobrancelhas numa interrogação muda. É sobre a Anna e a Dolly. Que é que têm? - perguntou Alexander reprimindo um suspiro. Vão ter de as separar.

Ele ficou horrorizado. *Separá-las?* Porquê? Porque a Dolly é uma criança de carne e osso e a Anna trata-a

como se ela fosse uma boneca de trapos. Não se lembram do que aconteceu quando lhe deram um cachorrinho, aqui há anos? Ela apertou-o

demaís, ele mordeu-a e ela rebentou-lhe os miolos contra uma parede.

O mesmo destino está guardado para a Dolly que se tornou suficiente mente grande e independente para querer ter alguma liberdade. Uma liberdade que a Anna não está disposta a conceder. As bonecas de trapos estão sempre à disposição, podemos atirá-las para um canto e ir buscá-las quando nos apetece. Estás a exagerar, Nell - disse Alexander. Estás mesmo - corroborou Elizabeth. - A Anna ama a Dolly. A Anna também amava o cachorrinho e eu não estou a exagerar!

- Falou mais alto e num tom mais duro. - Papá, a mamã contou-te que a Anna beliscou o braço da Dolly há umas semanas atrás? Que a deixou toda negra? Não - disse Alexander pousando o copo. Mas foi só dessa vez, Nell - protestou Elizabeth. - Eu disse-te, só

aconteceu uma vez! Nunca mais se repetiu. Sim, mamã, repetiu-se! Está sempre a repetir-se, mas recusas-te a

ver. A Dolly é atirada de um lado para o outro todos os dias como se fosse inanimada, mas, com a ajuda da Peony - uma boa rapariga! - e do

seu próprio instinto de sobrevivência, consegue evitar magoar-se. - Nell aproximou-se do pai e deixou-se cair junto aos seus joelhos, pousando a mão num deles, com os olhos muito azuis fixos no seu rosto. - Papá, não podemos permitir que esta situação continue. Se continuar, a Dolly vai magoar-se gravemente. Ou a Peony não estará suficientemente perto para a apanhar ou a Anna recusar-se-á a largá-la se estiver a castigar a sua «Má Dolly. E o que pode acontecer à Peony pode acontecer-te a ti, mamã. Nenhuma de vós tem metade da força da Anna. Estou a ver - disse Alexander lentamente. - Sim, estou a ver.

Vamos dobrar os nossos esforços - disse Elizabeth deitando um olhar carregado de ódio à filha traidora. - Elas são mãe e filha! A Anna amamentou a Dolly durante oito meses! Se tentássemos separá-las, a Anna definharia e morreria. Oh, mamã, achas que não pensei nisso? - gritou Nell com a cabeça

virada na sua direcção. - Achas que dizer estas coisas me dá algum prazer? A Anna é minha irmã! Eu amo-a! Sempre amei e sempre amarei. Mas ela mudou desde o nascimento da Dolly... Talvez seja mais fácil para mim vê-lo, por ter estado longe tanto tempo. O vocabulário dela diminuiu, bem como a capacidade de ligar as palavras. A Anna sempre foi infantil, mas está a regredir continuamente. Depois do nascimento de Dolly, ela era tão suave, tratava a Dolly como se compreendesse que o que tinha no colo era uma criança de carne e osso... Mas agora não. E os acessos de mau humor estão a piorar. Ela tornou-se... oh, petulante e dominadora, provavelmente por ter sido mimada durante toda a vida. Nunca ninguém lhe deu um estalo por ter sido má nem tentou ralhar-lhe. Ela nunca precisou de levar um estalo! Que é mais do que posso

dizer de ti, minha senhora - explodiu Elizabeth. Concordo - disse Nell mantendo-se calma. Concentrou-se novamente no pai. - Papá, *tens* de agir. És sempre tu quem vê a verdade, não é, Nell? Sim, tenho de agir. Não! - gritou Elizabeth pondo-se de pé num salto e espalhando xerez por todo o lado. - Não, Alexander, não o permitirei. Vai-te embora, Nell. **Mas, pai...**

Agora não. Sai.

Chegou a fase final - disse Alexander assim que **a porta** se fechou. Comecei por ser papazinho, depois passei a papá e agora «ou pai. A Nell cresceu.

O TOQUE DE MIDAS 393E transformou-se na tua imagem: fria e sem coração! Não, transformou-se numa pessoa fantástica. Senta-te, Elizabeth. Não

consigo - disse ela começando a andar de um lado para o outro. Sentas-te, *sim* Recuso-me a ter uma conversa séria com alguém que anda às voltas a tentar evitar a verdade. A Anna é minha filha - disse Elizabeth afundando-se numa cadeira. E a Dolly é tua neta, não te esqueças disso. - Sentou-se inclinado

para a frente, com as mãos entrelaçadas, e prendeu-a com o seu olhar fixo cor de ébano. - Elizabeth, por mais que não gostes de mim, sou o pai das tuas filhas e o avô da Dolly. Acreditas, honestamente, que sou tão insensível que não consigo apreciar a profundidade desta tragédia? Que não sofri pela Anna quando descobri que ela tinha este problema? Que não sofri por

Jade que pagou o mais alto preço? Pensas que, se pudesse, não arranjaría forma de aliviar a dor e o sofrimento que rodearam a Anna durante os quinze anos da sua vida? É evidente que o faria! Moveria céus e terra, se mover céus e terra a ajudassem. Mas as tragédias não cessam de ser tragédias. Correm o seu curso até ao seu terrível fim. Tal como acontecerá com esta tragédia. Talvez nenhuma filha possa ser tão dotada como a Nell sem uma espécie qualquer de contrapeso. Mas não podes culpar a Nell por ser quem é, como não me podes culpar a mim - ou a ti própria! - pelo que a Anna é. Aceita os factos, minha querida. A Anna e a Dolly têm de ser separadas antes que a tragédia se torne ainda pior.

Ela escutou-o com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto. - Magoei--te horrivelmente - disse ela com a voz entrecortada por soluços -, embora nunca tenha sido essa a minha intenção. Se este é o momento para falar verdade, sei que não mereces o que te fiz. - Torcia as mãos com os dedos engalfinhados uns nos outros. - Tens sido bondoso e generoso e eu sei - *eu sei!* - que se tivesse tido outro comportamento em relação a ti, as palavras amargas nunca teriam sido pronunciadas. E não terias precisado da Ruby. Mas eu não o consigo evitar, Alexander, não consigo evitar!

Agarrando num lenço, ele levantou-se da cadeira e aproximou-se dela, estendendo-lhe o lenço e apertando-a contra a coxa. - Não chores, Elizabeth. Não tens culpa de não me conseguir amar ou sequer gostar de mim. Por que hás-de mortificar-te com sentimentos de culpa por uma coisa que não podes evitar? És uma escrava do dever, mas fui eu quem te escravizou assim, quando a Anna era bebé. - Pôs-lhe a mão nos cabelos. - É uma pena que a afeição que sinto por ti não seja retribuída. Tinha a

esperança que, com o passar dos anos, nos aproximássemos. Em vez disso, afastaste-te ainda mais.

Os soluços dela tinham acalmado, mas não disse nada. Sentes-te melhor? Sim - respondeu ela usando o lenço.

Ele voltou para a cadeira. - Podemos então terminar a conversa. Sabes tão bem como eu que temos de fazê-lo. - Uma estranha expressão de dor estampou-se-lhe no rosto. - O que tu não sabes é que eu jurei à Jade que nunca internaria a Anna num asilo. Penso que ela sabia muito mais do que aquilo que nos contava. Ela previu o que está a acontecer ou algo de semelhante. Portanto, temos duas coisas a fazer. A primeira será separar a Dolly da mãe biológica que não pode continuar a prestar-lhe os cuidados. A segunda é decidir o que faremos com a Anna. Vamos mantê-la aqui, praticamente prisioneira, ou enviamo-la para outra prisão? Será que resultaria mantê-la aqui sempre fechada? Acho que a Nell diria que não. Em primeiro lugar porque estaria muito próxima de Dolly e ela é muito matreira... Vê como conseguia iludir toda a gente quando tinha os encontros com o O'Donnell.

Elizabeth tocou a campainha que estava na mesa a seu lado. - Mrs. Surtees - disse quando a governanta apareceu -, não se importa de pedir à Nell que venha aqui à biblioteca, por favor?

Assim que Nell apareceu, de queixo erguido, Elizabeth aproximou-se e abraçou-a e beijou-a na testa. - Desculpa, Nell, desculpa. Por favor, perdoa-me.

- Não há nada para perdoar - disse Nell sentando-se. - Foi o choque, eu sei.

- Precisamos de falar contigo sobre a Anna - disse Elizabeth. Alexander recostou-se com o rosto mergulhado nas sombras, enquanto Elizabeth continuava, esforçadamente. Concordámos que a Anna e a Dolly têm de ser separadas. O que significa que temos de decidir o que fazer com a Anna. Devemos mantê-la aqui fechada ou devemos mandá-la embora? Acho que ela terá de ser mandada para outro sítio - disse Nell lentamente, com os olhos nublados. - O O'Donnell abriu uma porta na Anna que não pode ser fechada. Creio que alguma da deterioração foi provocada por isso. Não, ela não sabe do que sente a falta, no entanto sente a falta de *qualquer coisa* que teve em tempos e de que gostou. Há um elemento de... de... de frustração no seu comportamento que ela

descarrega sobre a Dolly. É tudo tão escondido, tão misterioso! Não sabemos nada da forma como os atrasados mentais vêem o seu mundo ou que tipo de emoções mais subtis sentem, para além da raiva e da alegria. Não posso deixar de pensar que vivem de uma forma mais complexa do que aquela que imaginamos. O que é que viste hoje, Nell?

- perguntou Alexander. Uma espécie de rancor relativamente à Dolly...

Honestamente, pai, a Anna atira-a de um lado para o outro com maldade. E o facto de a Dolly ser capaz de lidar com isso sugere que esse tipo de coisa acontece a toda a hora. Mas não acontecia antes de ela se ter tornado suficiente mente crescida e esperta para conseguir evitar magoar-se. O que mais importa é a Dolly, pois é ela que tem um futuro. É uma menina muito querida, com um cérebro normal. Como podemos permitir que fique exposta

à Anna? Mas se mantivermos as duas aqui, a Anna encontrá-la-á. Estás a sugerir - perguntou Elizabeth - que não digamos à Dolly que a Anna é a mãe dela? Que eu, por exemplo, me deveria tornar sua mãe?

- Durante o tempo que for possível manter essa ficção, sim.

Alexander estivera a ouvir sem muita atenção, com parte do espírito ocupado a descobrir uma forma de fugir ao juramento que fizera a Jade.

- E se mandarmos a Anna não para um asilo mas para uma casa particular segura? Teriam de ser mulheres a tomar conta dela, por causa do que aconteceu com o O'Donnell. Uma casa com um grande quintal para ela poder caminhar e brincar no jardim, que lhe dê a sensação de estar em casa? A Anna aprenderia a esquecer-nos, Nell? Aprenderia a amar ao menos uma das amas em vez de nós? Prefiro isso a interná-la num asilo, pai. Prefiro isso a tentar mantê-la aqui. Se conseguires encontrar um local adequado em Sydney, estou disposta a supervisionar as amas. Supervisionar? - perguntou Elizabeth, alarmada.

Alexander Kinross olhava-a pelos olhos da sua filha. - Sim, mamã. As amas terão de ser supervisionadas. As pessoas conseguem ser enganadoras. Especialmente o tipo de pessoas que cuida dos indefesos. Estes

são vítimas naturais de pequenas crueldades e desumanidades desnecessárias. Não perguntes como é que sei, sei-o simplesmente. Por isso

supervisionarei a casa: aparecerei inesperadamente, procurarei sinais de ferimentos, verei se a mantêm limpa, esse tipo de coisa. •'

; Isso vai limitar-te disse Alexander com um

396 COLLEEN MCCULLOUGH Pai, já é mais do que tempo de eu contribuir com alguma coisa

para a Anna. A mãe suportou tudo até agora. Sempre tive boas ajudas - disse Elizabeth que estava com vontade

de ser justa. - Imagina como teria sido se não pudesse pagar a quem me ajudasse. Há uma família em Kinross que tem o mesmo problema. Mas que tem muito poucas probabilidades de vir a ter uma Dolly.

A rapariga é muito marcada: lábio leporino, palato fendido e não cresceu

- disse Nell. Como sabes isso tudo? - perguntou Alexander,

espantado. Costumava vê-la quando vivia aqui, pai. Ela interessava-me. Mas não viverá tantos anos como a Anna poderá viver. O que é uma dádiva - disse Alexander. Para a mãe dela não será - disse Elizabeth abruptamente. - Nem para os irmãos e irmãs. Eles amam-na.

Uma semana mais tarde, Anna partiu o braço a Dolly e atacou Peony quando esta tentou resgatar a criança desesperada. Subitamente, toda a gente deixou de ter tempo para sentir remorsos quando Anna, debatendo-se e aos pontapés, foi subjugada e a criança foi afastada dela definitivamente. Até conseguirem encontrar uma alternativa em Sydney, Anna foi relegada para uma suíte destinada aos hóspedes que tinha um pequeno átrio cuja porta podia ser trancada antes de se abrirem as portas dos quartos. O pior foi ter sido necessário pôr barras nas janelas, pois a suíte era no piso térreo.

Alexander e Nell correram para Sydney para procurarem casa, uma oportunidade ideal para Nell lhe fazer as suas propostas durante a viagem. Apesar de o comboio já estar a aproximar-se de Lithgow quando ela reuniu a coragem necessária para abordar o assunto. Acho - começou - que acabaremos por ter de construir uma casa, pai. Ninguém põe o quintal no centro do edifício e temos o Donny Wilkins que poderá fazer-nos o projecto. Isso manterá o assunto em família, não achas? Continua - pediu Alexander olhando para a filha com uma mistura de divertimento e cepticismo. Há grandes lotes de terreno na descida para o porto em Drum-moyne e Rozelle que ouvi dizer que vão ser vendidos por causa da crise. Muitos dos homens que se podiam dar ao luxo de ter mansões com grandes

áreas de terreno estão a declarar falência, agora que os bancos estão a atirar para todos os lados. A Apocalipse está com problemas, pai?

- Não, Nell, nem estará.

Ela deu um grande suspiro de alívio. - Então, tudo bem. Estarei certa ao pensar que os terrenos junto ao porto serão um bom investimento? Sim, estás. E se comprasses uma ou duas propriedades incluídas em processos de falência não perderias dinheiro no negócio? Não, não perderia. Mas para quê concentrarmo-nos nas áreas menos privilegiadas do porto quando também há grandes mansões à venda por tuta e meia em Vacluse e em Point Piper? São subúrbios finos, pai e as pessoas finas são... esquisitas. Presumo que não nos consideres finos? As pessoas finas não se sequestram a si próprias em sítios isolados como Kinross, gostam de estar em locais onde possam receber a aristocracia e os governadores. Gostam de se armar aos cucos. Então o que é que nós somos, se não somos finos nem nos armamos aos cucos?

- Terrivelmente ricos - disse ela gravemente. - Só terrivelmente ricos. Meu Deus. Portanto, eu devo comprar os meus grandes lotes de

terreno, contendo mansões, em subúrbios prosaicos como

Rozelle? Exactamente. - Sorriu. Bem, na verdade é uma boa ideia - disse Alexander -, excepto

num aspecto. Vais ter dificuldade em ir do Glebe até Rozelle para supervisionar a Anna. Ainda não estava a pensar pô-la num sítio como Rozelle - con

temporizou Ana. - Só mais tarde, quando a mansão se tornar o núcleo de um hospital. Não de um asilo, de um *hospital*. Um local onde se pudesse trabalhar a sério para encontrar uma cura para os doentes mentais.

Ele estava de cenho franzido, mas não irado. - De que estás a falar, Nell? Estás a arranjar uma saída filantrópica para as minhas terríveis riquezas? Não, não verdadeiramente. É mais... humm... bem... Desembucha, rapariga.

Ela engoliu em seco e atirou-se de cabeça. - Não quero **continuar** Engenharia, pai. Quero estudar Medicina.

- Medicina. Quando é que tomaste essa decisão? !l* ,1 ■•■u<.;■>:-.,-,

- Não sei bem e essa é a verdade - respondeu ela lentamente. - Sempre pensei nisso, compreendes, mesmo quando costumava abrir as bonecas e fazer-lhes órgãos internos. Mas nunca pensei que fosse possível - a Faculdade de Medicina era a única que estava interdita às mulheres. Agora começaram a admitir mulheres em Medicina e as mulheres acorrem em *bandos*!

Ele não conseguiu evitar e começou a rir às gargalhadas. - E o bando é composto por quantas estudantes de medicina? - perguntou limpando os olhos. Quatro ou cinco - disse ela rindo também. Quantos estudantes tem a Faculdade? Quase cem. Bem, em Engenharia foi pior e tu sobreviveste. Estou acostumada a ser uma mulher num mundo de homens. -

Encolheu os ombros e estremeceu. - Para ser franca, tenho mais receios relativamente à maneira como me vou dar com as estudantes do que com os estudantes de Medicina.

O comboio estava a chegar a Lithgow, começava a abrandar; ficaram uns cinco minutos a olhar um para o outro, sem dizerem palavra - Nell angustiada e Alexander pensativo. Nunca falámos - disse ele finalmente - sobre ti e as tuas expectativas, pois não? Não, não falámos, mas suponho que parti do princípio de que deveria fazer Engenharia para poder entrar na empresa e talvez ajudar a geri-la. É verdade, mas não era a isso a que me referia. Referia-me à tua herança. Que são setenta por cento das Empresas Apocalipse. *Pai!* Nunca ter tido um filho é uma dificuldade - reconheceu Alexander obrigando-se a continuar a olhar para ela -, mas tive uma filha, tu, com um cérebro prodigioso. Um cérebro capaz de qualquer raciocínio técnico ou matemático. À medida que foste crescendo, comecei a acreditar que tu, apesar do sexo, serias uma administradora tão boa como qualquer pai poderia esperar que um filho fosse. Fazer com que te formasses em Engenharia de Minas é uma forma de te preparar para a tua herança. O que espero é que mantendas o bom senso e te cases com um homem que complemente o teu génio e que seja para ti um companheiro em todas as coisas.

Ela levantou-se e foi para junto da janela, abriu-a e meteu a cabeça e os ombros de fora para observar a actividade enquanto o comboio de

Kinross era levado para o seu ramal e a carruagem desengatada. - O comboio de Bathurst está atrasado - observou. É mais fácil conversar sem o barulho. - Alexander tirou uma cigarrilha e acendeu-a. - Vou fazer um negócio contigo, Nell. Que tipo de negócio? - perguntou ela desconfiada. Termina Engenharia e não me oporei a que faças Medicina. Terás então, pelo menos, uma licenciatura. Pode haver mais mulheres em Medicina do que em Engenharia, mas não terei a mesma influência junto dos teus professores que aquela que tenho sobre os donos das fábricas. - Os seus olhos brilharam por entre o fumo. - Suponho que posso acenar-lhes com um ou dois novos edifícios, mas suspeito que vou ter de poupar algumas das minhas terríveis riquezas para construir esse tal hospital para doentes mentais.

Nell estendeu a mão. - Combinado! - disse.

Apertaram as mãos solenemente. O professor de Fisiologia é um escocês, pai.

Thomas Anderson

Stuart. O professor de Anatomia também é escocês, James Wilson.

A maior parte do pessoal docente é escocesa - o Professor Anderson

Stuart não pára de os trazer de Edimburgo, o que irrita enormemente o

Senado e o Reitor. Mas o Anderson Stuart não aceita ser contrariado...

não te parece familiar, pai? Quando aqui chegou, em 1883, a escola de

medicina era numa casa com quatro divisões. Agora tem um edifício

enorme só para si. E quem é o professor de Medicina? Não existe - disse Nell. - Vamos

andar um pouco na plataforma, pai? Preciso de esticar as pernas.

O ar estava quente, mas isso não impediu Nell de dar o braço ao pai e se aninhar contra ele enquanto caminhavam para cima e para baixo. - Amo-te, pai. És o maior - disse.

E isso, concluiu Alexander, é realmente tudo o que se pode pedir a um filho: ser amado e considerado o maior. A novidade que ela lhe dera fora um desapontamento amargo, mas ele era demasiado justo para a forçar a um caminho que não desejava. Como se lembrava bem daquelas bonecas dissecadas! As páginas muito manuseadas do seu precioso Diirer. A colecção crescente de livros de medicina que ela encomendara ao livreiro de Londres. Tudo sob o seu olhar, durante todos aqueles anos. E ela era uma mulher, iria para onde o seu coração a mandasse. Estranhas criaturas, as mulheres, pensou. A Nell não era nada parecida com a

Elizabeth, no entanto, da sua composição, cinquenta por cento pertenciam a Elizabeth. Mais cedo ou mais tarde, aquela metade revelar-se-ia.

De Nell, a sua mente vagueou até Lee.

«Sempre senti que o Lee era o meu herdeiro natural, desde o momento em que o conheci. Agora terei de o encontrar e trazê-lo de volta. Mesmo que isso signifique ter de curvar a minha espinha rígida para lhe pedir desculpa.

Alexander e Nell tiveram duas semanas muito ocupadas em Sydney. Encontraram uma casa com quarenta anos na Glebe Point Road, não muito distante do alojamento de Nell, e decidiram que serviria. Construída em pedra calcária e estuque, era suficientemente espaçosa para poder acomodar Anna e seis acompanhantes confortavelmente, mais uma cozinheira, uma lavadeira e duas criadas para a limpeza. Como tinha um hectare de terreno em volta, Alexander mandou construir um pátio para exercícios mesmo junto aos aposentos de Anna, só com uma porta de permeio.

Encontrar acompanhantes adequadas revelou-se mais difícil. Alexander e Nell entrevistaram-nas em conjunto, Nell chegando ao ponto de cheirar o hálito das candidatas. O cheiro a cravinho era tão revelador como o cheiro a bebida, disse Nell ao fascinado Alexander.

- Os rapazes mastigam cravinho quando andaram na farra e têm aulas no dia seguinte - explicou.

Alexander era favorável a uma mulher risonha e com um ar muito maternal para acompanhante-chefe, enquanto que Nell preferia uma alma austera com pêlos no queixo e óculos encarrapitados no nariz. Ela é um navio de guerra a todo o vapor! - protestou Alexander.
- Um dragão, Nell! É verdade, pai, mas precisamos de alguém assim para mandar.

As simpáticas podem apaparicar a Anna tanto quanto quiserem, desde que a empertigada esteja no comando. A Miss Harbottle é boa pessoa, não abusará do poder, mas insistirá em ter o navio em ordem. Ou o ninho do dragão bem organizado.

E em Abril, quando tudo estava a postos, uma Anna cheia de sedativos foi levada de Kinross para a sua nova casa no Glebe. Só Elizabeth, Ruby e Mrs. Surtees é que choraram. A Dolly de Anna estava demasiado ocupada a explorar o seu novo mundo, Alexander estava novamente no estrangeiro e Nell estava de volta à Universidade, a estudar Engenharia.

TERCEIRA PARTE



1897-1900

O REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO

UM ANO NA BIRMÂNIA RENDERA A LEE rubis e safiras de primeira, bem como a informação útil de que, também ali, o petróleo jorrava à superfície. De momento era apenas usado no fabrico de querosene, após uma viagem árdua das terras altas transportado em potes de barro. Um ano no Tibete não lhe rendeu quaisquer diamantes, mas riquezas espirituais de maior valor do que um Kohinoor¹. E o ano passado na Índia entre amigos da Proctor começara com a procura de diamantes e depois voltava-se para algo com maiores benefícios para o povo do marajá. A produção de ferro das reservas imensamente ricas de minério era prejudicada por técnicas de fusão que não tinham mudado durante, literalmente, milénios, dependendo do carvão de que havia poucas reservas devido ao abate das florestas. Financiando métodos novos através da venda de manganês, Lee importou carvão de Bengala e criou no principado sólidas bases industriais. Quando alguns membros do Governo Britânico protestaram contra o seu descaramento, respondeu que era meramente um servidor do marajá, que o marajá continuava a ser o soberano (ainda que com o consentimento dos Britânicos) e não percebia de que se queixavam. A Imperatriz da Índia receberia a sua parte, disso tinha a certeza.

Depois disso, deu uma rápida escapadela à Pérsia para visitar os seus melhores amigos dos tempos da Proctor, Ali e Husain, os dois filhos do Xá Nasru'd-Din que iria provavelmente celebrar cinquenta anos de reinado no Trono do Pavão, jubileu que ocorreria em 1896.

¹ Diamante indiano célebre, de 106,5 k, extraído nas minas de Partial. Actualmente, na posse da coroa inglesa. (*N. da R.*)

A curiosidade levou Lee às montanhas de Elburz para ver com os seus próprios olhos os poços de petróleo que Alexander descrevera. Continuavam lá, ainda inexplorados.

Sentado no cavalo árabe com a perna envolta no cano da bota apoiada na sela, mordiscou uma unha e deixou os olhos vaguearem quase sem ver sobre o terreno irregular. Descobriu que «Elburz era o nome incorrectamente aplicado pelos geógrafos europeus a todas as cadeias montanhosas da Pérsia Ocidental; as verdadeiras Elburz estavam situadas em volta de Teerão, picos altíssimos coroados por neves eternas. Aquilo para que olhava eram simplesmente... montanhas. Não tinham nome.

Um oleoduto até ao Golfo Pérsico... Um poço por cada dois hectares... Seria uma forma de a Pérsia se libertar do seu tremendo endividamento e uma forma de ele fazer a sua própria fortuna. O petróleo tinha cada vez mais utilidades - óleos lubrificantes, querosene, parafina, alcatrão de melhor qualidade do que o obtido do carvão, vaselina, tintas de anilina e outros químicos - e combustível para os novos motores que o vaporizavam no seu interior com um grau de eficiência com o qual o vapor não conseguia competir. Não lhe dissera o marajá que o anil artificial estava a arruinar o comércio indiano do pigmento natural?

Tomando a sua decisão, Lee regressou a Teerão para tentar obter uma entrevista com o Xá.

- O Irão possui uma enorme riqueza em petróleo - disse usando o termo adequado: o seu Farsi progredira tanto que podia dispensar um intérprete -, mas não existe saber técnico no país que lhe permita explorar essa riqueza. E eu tenho os meios, bem como os conhecimentos técnicos, para fazer essa exploração. Gostaria muito de obter permissão para o fazer em troca de um acordo concedendo-me cinquenta por cento dos lucros mais as quantias que investir em equipamentos e ferramentas.

Esforçou-se por se explicar numa língua que não possuía quaisquer termos técnicos, com Ali e Husain a ajudarem-no no que podiam.

Havia outro homem a assistir à conversa: o herdeiro provável de Nasru'd-Din, Muzaffar-ud-Din. Desempenhava as funções de governador do Azerbaijão, uma província persa junto ao Cáucaso que estava em conflito permanente com os Turcos e os Russos. Devido ao rápido desenvolvimento de Baku enquanto fonte de abastecimento da Rússia, Muzaffar-ud-Din mostrou-se muito interessado. Estava também ansioso por evitar que o Irão não fosse ultrapassado em qualquer corrida pelo controlo de territórios onde - ou em cujo interior - pudessem existir recursos valiosos. Para a família do Xá, Lee representava um parceiro relativamente

benigno, dado não ter ambições territoriais nem quaisquer interesses a defender que não os de Mamona. Mamona eles compreendiam, com Mamona podiam bem. O velho Xá mergulhara num torpor executivo, enredado na teia do sistema de privilégios e direitos que, com demasiada frequência, fazia com que o poder ficasse nas mãos do homem errado. Mas Muzaffar-ud-Din tinha pouco mais de quarenta anos e ainda não contraía a doença grave que mais tarde o atormentaria. Não eram os Turcos quem mais o preocupava, mas sim os Russos, que intrigavam incessantemente para obter acesso aos oceanos do mundo sem terem de passar pelos mares de outrem e enfrentar as suas formidáveis marinhas. O Irão era muito desejável.

Assim, após meses de regateio, Lee Costevan obteve a concessão da exploração de petróleo na Pérsia Ocidental numa área de 647 500 quilómetros quadrados. A Peacock Oil tinha de ser montada e posta a funcionar, para o que bastava a contratação de exploradores de petróleo americanos desiludidos, comprar perfuradoras que injectassem água pres-surizada até à ponta das brocas através de tubos ocos e instalar máquinas a vapor para fornecer a energia necessária.

As dificuldades foram muitas e nenhuma delas técnica. Teve de se habituar a ser escoltado por um batalhão de soldados devido ao facto de as montanhas estarem cheias de tribos selvagens que não se submetiam à autoridade de Teerão; as alturas estonteantes transformavam a construção de estradas, até mesmo as mais rudimentares, num pesadelo. Não existiam praticamente nenhuma linha férrea e, pior de tudo, havia uma tremenda escassez em todo o país de combustíveis, fosse carvão ou madeira.

«Assim sendo, decidiu Lee, começarei pelo exequível nas presentes circunstâncias. Consequentemente, limitou os primeiros poços ao Laristão, onde um caminho-de-ferro ligava a cidade de Lar ao Golfo e onde, em torno de Lar, existia carvão. Os exploradores de petróleo, apercebeu-se rapidamente, tinham faro para o petróleo, para além de uma vasta experiência. Lee escutava e acumulava conhecimentos práticos aos conhecimentos técnicos adquiridos no Doutoramento em Geologia que fizera em Edimburgo. Um oleoduto era, evidentemente, como disse a si próprio num acesso irónico, uma fantasia, mas o petróleo poderia ser transportado em vagões-cisterna e os Britânicos patrulhavam o Golfo, que consideravam Propriedade sua. As instalações portuárias eram primitivas e muito escassos os navios-tanque. Intrepidamente, sentindo-se seguro de que tinha cada vez mais petróleo e de que teria cada vez mais com a passagem dos

anos, Lee batalhou para tornar viável a Peacock Oil. Felizmente, o Xá e o seu governo estavam tão empobrecidos que um lucro de 10 000 libras era para eles uma fortuna.

Em 1896, o velho Xá Nasru'd-Din foi assassinado, escassos dias antes do seu quinquagésimo jubileu. O assassino, um homem humilde, disse ter agido por ordem do Xequê Kemalu'd-Din, que retribuía a grande bondade do seu parente, o Xá, pregando a sedição e fugindo depois para se refugiar em Constantinopla. Extraditado para ser levado a julgamento (o assassino foi enforcado), Kemalu'd-Din morreu no caminho e o Irão acomodou-se tranquilamente sob o reinado de Muzaffar-ud-Din. O novo Xá iniciou o seu reinado com a promessa de regular a cunhagem de moeda de cobre e de proibir um imposto muito antigo cobrado sobre a carne. Mas, sob a superfície continuavam as conjuras do costume.

Para Lee foram tempos de ansiedade: estava a extrair uma pequena quantidade de petróleo e estava a conseguir alguns lucros, mas não os milhões que, sabia, estavam para vir.

Não sabendo que o novo Xá estava a adoecer, em 1897 Lee decidiu visitar a Inglaterra. Estava longe de Kinross há quase sete anos e desaparecera deliberadamente: as cartas para Ruby eram entregues a um viajante de passagem para que fossem remetidas duma qualquer cidade europeia e nunca revelavam o seu paradeiro. Pelo que Alexander, que o procurava, não fora capaz de o localizar. A razão era simples: não ocorrera a Alexander que Lee pudesse ter-se envolvido no negócio do petróleo, especialmente num lugar como a Pérsia. A partir do momento em que Lee saíra apressadamente da Índia, transformara-se num homem invisível.

Só dois objectos originários de Kinross o acompanhavam: fotografias de Elizabeth e de Ruby. A mãe tinha-as enviado para a Índia juntamente com outra de Nell, mas por alguma razão não agradava a Lee olhar para a versão feminina de Alexander, pelo que a deitara numa pilha de folhas a arder. Tiradas no início de 1893, apenas três anos após a sua partida, mesmo assim tinham sido um choque. Ruby porque envelhecera muito e Elizabeth porque não envelhecera absolutamente nada. Como uma mosca no âmbar, pensou quando olhou para a fotografia pela primeira vez; não sem vida, mas com a vida suspensa. Contudo, era uma dor antiga, algo que não o incomodava, desde que não lhe tocasse. Era por isso que a fotografia andava sempre com ele mas raramente era olhada.

Mr. Maudling tinha tido finalmente o destino de todos os seres vivos e fora substituído por um cavalheiro igualmente cortês e competente, Mr. Augustus Thornleigh.

- Quanto é que me resta? - perguntou Lee a Mr. Thornleigh.

Augustus Thomleigh estudou-o, fascinado. A lenda da primeira visita de Alexander Kinross ao Banco de Inglaterra continuava a ser contada - a caixa de ferramentas, o chapéu velho - e agora estava ali outra lenda, pensou o banqueiro. Pele suave bronzeada num tom de carvalho claro, a trança bizarra, o rosto escuro e os estranhos olhos claros. Trazia vestido um fato de camurça que certamente era muito parecido com o que Sir Alexander usara, mas não usava chapéu e a peça de vestuário que lhe cobria o tronco era mais parecida com uma camisa do que com um casaco, aberta no peito e revelando uma pele da mesma cor da do rosto. No entanto, tinha um sotaque muito culto e maneiras impecáveis.

- Um pouco mais de meio milhão de libras, senhor.

As sobrancelhas finas e negras ergueram-se subitamente e os dentes extraordinariamente brancos brilharam num sorriso. - A querida e velha Apocalipse continua a facturar! - disse Lee. - Que alívio. Apesar de eu dever ser o único accionista da Apocalipse que passa a vida a levantar dinheiro e não a depositá-lo. De certa forma, Dr. Costevan. Os depósitos vêm regularmente da Empresa em seu nome. - Mr. Thornleigh pôs um ar ligeiramente inquisitivo. - Posso perguntar-lhe de que natureza são os seus investimentos

particulares? Petróleo - respondeu Lee bruscamente. Oh! Uma indústria emergente, senhor. Toda a gente diz que a carruagem sem cavalos irá substituir os cavalos, o que faz com que os ferradores e criadores de cavalos andem bastante desesperados. Para não mencionar os correeiros. Verdade, verdade.

Continuaram a conversa até o caixa trazer a Lee o dinheiro em notas que este pedira e depois Mr. Thornleigh levantou-se para escoltar o cliente até à saída. Não se encontrou por pouco com Sir Alexander - disse. Ele está em Londres? :No Savoy, Dr. Costevan.

Vou ou não vou?», perguntou-se Lee enquanto mandava **parar in** carro de aluguer. «Ora, que se dane, por que não?

- Para a Strand... isto é, para o Savoy - ordenou ao entrar.

Por não ter nada mais pequeno, Lee deu ao condutor um soberano de ouro que o homem enfiou imediatamente no bolso fingindo tratar-se de um xelim temendo que a moeda tivesse sido dada por engano. Mas Lee já lá não estava para testemunhar aquela charada: dirigiu-se ao hotel e pediu um quarto a um sujeito untuoso, fardado de mordomo, que andava de um lado para o outro no átrio.

Oh, que maçada! pensou o sujeito. Como hei-de explicar com tacto a este estranho indivíduo que não tem dinheiro para aqui ficar?

Nesse momento, Alexander desceu as escadas trajado com um fato de passeio e um chapéu alto.

Mas que bem vestido, Alexander! chamou Lee. Com a idade tornou-se um peralvilho!

O Grande Homem pareceu atravessar os dez metros de um salto, abraçou com força o sujeito estranho e beijou-o na face. Lee! Lee! Deixa-me olhar para ti! Uau, as tuas roupas são muito melhores do que este fato de empregado de consultório médico! - gritou Alexander, sorrindo de orelha a orelha. - Meu querido rapaz, és uma visão deliciosa! Onde é que estás hospedado? Em sítio nenhum, estava mesmo a pedir um quarto aqui. Há um quarto vago na minha suíte, se me deres essa honra. Com todo o gosto. Onde está a tua bagagem? Não tenho. Perdi todas as minhas roupas europeias numa pequena

escaramuça no Baluchistão há uns mil anos atrás. Tudo o que tenho está à vista - disse Lee. Este é o Dr. Lee Costevan, Mawfield - apresentou Alexander.

- Um dos meus colegas do conselho de administração. Seja simpático e peça ao meu alfaiate para vir cá amanhã de manhã, está bem? - E lá foi ele na direcção das escadas, com o braço por cima dos ombros de Lee. Não vamos de elevador? - perguntou Lee, absurdamente feliz por o ver. Não. Não faço exercício suficiente. Agarrou-lhe a trança e puxou-a. Já a cortaste alguma vez?

O TOQUE DE MIDAS 409Aparo as pontas de tempos a tempos. Não ia a nenhum sítio importante?Que se foda o importante; tu é que és importante!Por que é que apanhamos todos os palavrões da minha mãe? Como está ela?Muito bem. Acabo de chegar de Kinross, por isso a última vez que a vi foi há seis semanas apenas. - Alexander fez uma careta. - Ela já não quer viajar comigo, diz que fica cansada. Com a boca seca, Lee engoliu com dificuldade. - E Elizabeth?Também está muito bem. Absorvida pela Dolly... Soubeste o que aconteceu à pobre Anna? Não consigo lembrar-me exactamente de quando desapareceste. O melhor é contar-me tudo outra vez, Alexander.

Portanto, acabou por não ser necessário nenhum pedido de desculpas; os dois homens almoçaram longamente na suíte de Alexander como se se tivessem separado no dia anterior e, simultaneamente, como se não se vissem há um século.És preciso, Lee - disse Alexander.Se puder ser a meio tempo está bem, fico satisfeito por ser necessário.

O que conduziu à descrição das actividades de Lee na Pérsia e das suas esperanças para a indústria do petróleo. Alexander escutava atentamente, intrigado pela ideia de terem sido as suas próprias reminiscências de Baku que tinham conduzido Lee para aquela área.

- Não percebi na altura - disse , dado não falar nenhuma das línguas, que os nativos tinham encontrado uma forma de refinar suficientemente o crude para servir de combustível para as suas máquinas. Mas é óbvio que não dominam suficientemente a técnica para fraccionar os elementos mais importantes e o Dr. Daimler também não tinha ainda aparecido com o seu motor de combustão interna. Uma coisa tão simples!

Fazer com que o combustível opere dentro do cilindro, em vez de o fazer no exterior. Garanto-te, Lee, que as matérias-primas aparecem exactamente à altura ideal para tornar as novas invenções, não apenas exequíveis, como Práticas.

Mas Alexander não era favorável ao empreendimento na Pérsia. Não sei muito sobre o país, mas está falido, é instável e está praticamente a mercê dos Russos. O Thornleigh, do Banco de Inglaterra, diz que os

Russos vão tentar garantir o controlo através da banca ou de um banco. A Pérsia está necessitada de empréstimos e a Inglaterra está a comportar-se como uma rapariga grande que, tendo sido pedida em casamento uma vez, espera confiadamente sê-lo mais vezes - portanto, por que não aguardar mais algum tempo? Mantém-te lá enquanto puderes, Lee, mas o meu conselho é que te retires assim que te seja possível fazê-lo sem perderes a camisa. Estou a chegar rapidamente à mesma conclusão - disse Lee com um suspiro. - No entanto, há mais dinheiro para ganhar no petróleo do que no ouro. E o facto de estar no solo é uma vantagem. Mesmo assim, acho que

avançaste um pouco cedo *demais*. Eu fui numa direcção diferente: não para o petróleo, mas para a borracha. Temos actualmente milhares de hectares plantados com árvores da borracha brasileira, da espécie Para, na Malásia. Borracha?! - estranhou Lee, de cenho franzido. Está a tornar-se onnipresente, é usada para quase tudo. Os carros a motor precisam de pneus feitos de borracha, de preferência um pneu exterior de lona vulcanizada e um tubo interior de borracha pura cheio de ar. As bicicletas deram um enorme salto desde a introdução das rodas pneumáticas. Molas, válvulas, anilhas, tecidos impermeáveis e galochas, lençóis de borracha para as camas hospitalares, almofadas, sacos para transporte de gás, correias para máquinas, rolos para estampagem, rolos compressores... é uma lista quase infindável. Hoje em dia, o isolamento dos fios eléctricos é feito com borracha, em vez de guta-percha, e existe uma borracha dura como pedra, a vulcanite, que resiste à corrosão ácida ou alcalina.

Estava lançado. Lee recostou-se, o estômago confortado por um bife suculento, e ficou a observar as emoções no rosto de Alexander. Não mudara verdadeiramente; provavelmente, nunca mudaria. Tal como a maior parte dos homens secos, parecera velho quando era novo e pareceria novo quando fosse velho. Tão farta como sempre, a sua cabeleira estava quase branca, dando-lhe um aspecto leonino, pois continuava a usar os cabelos pelos ombros e os olhos não tinham perdido o seu fulgor obsidiano; apesar de ter afirmado que precisava de subir escadas para fazer exercício, não engordara nem um grama.

Ainda que o seu carácter tivesse amolecido novamente, talvez devido ao que acontecera com Anna e Dolly - Lee não tinha a certeza. Via apenas

que a arrogância e a soberba que testemunhara em Kinross desaparecera, revelando o velho Alexander. Tão dinâmico como sempre, continuava a possuir o instinto infalível para os investimentos: borracha, por amor de Deus! No entanto, estava mais suave, mais bondoso, mais... misericordioso. Tinha havido qualquer coisa que lhe ensinara a humildade. Tenho um presente para si - disse Lee enfiando a mão no bolso

da camisa. As fotografias saíram-lhe da algibeira e, antes que as pudesse transferir para a outra, Alexander inclinou-se e tirou-lhas da mão. Continuava a possuir *alguma* arrogância! A tua mãe posso compreender, mas, a Elizabeth?

- A mãe mandou-mas para a Índia - explicou Lee descontraidamente.

- Mandou-me uma fotografia dela, da Nell e da Elizabeth. Perdi a da Nell algures. A da Ruby está mais estragada do que a da Elizabeth. Olho para ela com muito mais frequência.

Alexander devolveu-lhe as fotografias. - Regressas comigo, Lee?

- perguntou.

- Primeiro... tome lá.

Com uma expressão de espanto estampada no rosto, Alexander estudou a moeda. - Uma dracma de Alexandre, o Grande, uma moeda muito rara! Em excelentes condições... Diria que nunca foi usada, mas isso é impossível. Foi-me oferecida pelo actual Xá da Pérsia, por isso, quem sabe?

Talvez ninguém lhe tenha tocado desde que o seu homónimo saiu de Ecbátana... O Xá disse que a moeda viera de Hamadan, que, antes, se chamava Ecbátana. Meu caro rapaz, o seu valor é incalculável. Não sei como agradecer-te. Então, regressas? - Insistiu. Dentro de pouco tempo. Primeiro quero ir ver o *Majestic*. Também eu. Dizem que é o melhor navio de guerra do mundo. Duvido, Alexander. O que é que se passará com a Marinha Real

Para continuar a instalar os canhões de doze polegadas em barbetes, em vez de os instalarem em torreões? Acho que a marinha americana consegue melhores resultados com os torreões. De qualquer maneira, os navios são demasiado lentos... catorze nós! E o aço fabricado pela Krupp dá uma melhor blindagem do que fabricado pelos Harvey. O Kaiser Guilherme também está a começar a construir navios disse Alexander saboreando a cigarrilha. Pessoalmente

acho que a Marinha Real está a absorver uma porção demasiado elevada dos fundos do Governo Inglês. Ora, Alexander - disse Lee suavemente -, posso ter estado afastado

durante quatro anos, mas duvido que os Britânicos estejam com problemas de dinheiro. Têm um Império inteiro a render para eles, sim, mas a crise económica que sentimos na Austrália é mundial. A verdade é que construir navios de guerra dá emprego a muitos homens, pois não há paquetes transatlânticos em construção nos estaleiros de Clyde. Como estão as coisas na Nova Gales do Sul? Sombrias. Os bancos têm falido uns atrás dos outros desde 1893,

apesar de esse ter sido o pior ano. Os capitais do investimento estrangeiro foram retirados à pressa. Tentei convencer o Charles Dewy, há muitos anos, a não depositar o dinheiro em Sydney, mas ele não me deu ouvidos. Ainda bem que a Constance tem dois genros com personalidades mais astutas do que a do Charles. - Os olhos negros brilharam. - A Henrietta continua solteira. Suponho que não andes à procura de uma excelente esposa?

- Não. É pena. É uma boa rapariga que, receio bem, está destinada a ficar

solteirona. Tal como a Nell, é demasiado esquisita e mandona. Como está a Nell? A estudar Medicina na Universidade de Sydney, acreditas numa

coisa destas? - Alexander franziu o sobrolho. Licenciou-se *summa cum*

laude em Engenharia de Minas e depois matriculou-se no segundo ano

de Medicina. Mulheres! Ótimo para a Nell. A Medicina deve ser difícil para uma mulher. Depois de Engenharia? Disparate! Ela é sua filha, Alexander. Não mo recordes. E então a federação? -

perguntou Lee mudando de assunto. Oh, é algo de inevitável, apesar de a Nova Gales do Sul não estar

muito para aí virada, suponho que por Victoria o estar. Aquelas duas

colónias não morrem de amores uma pela outra. Victoria ganhará. E os sindicatos? Os tosquiadores e trabalhadores indiferenciados juntaram-se e formaram a U.T.A. - a União dos Trabalhadores

Australianos. Os mineiros

Ho carvão, naturalmente continuam tão belicosos como sempre e a

Liga Eleitoral Trabalhista está a morrer por tentar a sorte no Parlamento federal. O que me leva a uma questão candente: onde ficará sediada a capital da nova nação? Por direito, em Sydney, mas Melbourne não tolerará tal coisa.

O mais longe que toda a gente está disposta a ir é aceitar que a capital seja *algures* na Nova Gales do Sul. Em qualquer sítio menos Sydney, hem? Seria demasiado fácil se fosse em Sydney, Lee. A cidade mais antiga, etc. Já ouvi falar em todas as cidades, desde Yass a Orange. Ainda assim, devemos ficar gratos pelas pequenas dádivas. O Sir Henry Parkes não poderá ser o Primeiro-Ministro porque morreu no ano passado. Santo Deus! É o fim de uma era. Quem é o novo Grande Homem? Ninguém. Na Nova Gales do Sul, é um sujeito chamado George Reid. Em Victoria, um tal Turner, se bem que não será ele o Primeiro-Ministro. Aos olhos de toda a gente aquilo parece a rivalidade entre a França e a Inglaterra. Os Franceses vão bem na frente, no que respeita aos automóveis. Isso não durará muito tempo - profetizou Alexander cinicamente.

- Não têm a experiência dos Americanos e dos Britânicos na fundição do aço. Podem ser bons na engenharia de precisão, mas os Alemães roubaram-lhes os metalúrgicos todos e as fábricas na Alsácia-Lorena, depois

da guerra Franco-Prussiana. Os Franceses nunca recuperaram. Surpreende-me que ainda não tenha um automóvel, Alexander. Estou à espera que a Daimler produza qualquer coisa que valha

mesmo a pena ter. Os Alemães e os Americanos são os melhores engenheiros do mundo nessa área e a concepção dos motores é muito simples.

O mais maravilhoso nos automóveis, Lee, é que não precisas de um diploma em engenharia para arranjar o motor. Com um pouco de jeito Para a mecânica e umas quantas ferramentas, o Sr. Proprietário do Automóvel pode arranjá-lo ele próprio. Também fará com que diminua o barulho nas ruas. Não haverá

rodas reforçadas a ferro nos veículos nem cavalos com ferraduras de ferro. Será mais fácil de manobrar e de conduzir do que uma carruagem Puxada por cavalos. Surpreende-me que não tenha começado a fabricá-los. Na Austrália já há quem o esteja a fazer: vão chamar ao seu veículo sem cavalos *Pioneer*, Mas não, por enquanto vou manter-me no vapor disse Alexander.

Depois de Lee ter sido equipado com roupas adequadas, os dois homens partiram para as docas navais em Portsmouth, munidos de cartas de apresentação, para irem inspeccionar o *Majestic* de uma ponta à outra. Tem razão acerca da velocidade, Alexander... é lento. Os navios americanos estão a fazer dezoito nós sem os armamentos mais pesados embora, seja verdade, com uma blindagem mais ligeira. - Lee olhou para os porões do carvão pensativamente. - Dizem que o navio pode transportar duas mil toneladas... o suficiente para navegar cinco mil milhas a doze nós. Mas era capaz de apostar que serão os navios mais antigos a cruzar os oceanos. Custando o que custa, este será mantido no Mar

do Norte. Li-te os pensamentos como se estivesse a mandar sinais do mastro mais alto, Lee. Vão equipar os navios mercantes e os navios de linha

regular com turbinas a vapor Parsons e ouvi até dizer que a Marinha Real instalou essas máquinas nuns quantos torpedeiros. Quando puserem essas máquinas em navios de quinze toneladas e trocarem as barbets por boas torres rotativas, então sim, terão *verdadeiros* navios de guerra. Lançando um sorriso a Lee, Alexander trotou pela prancha de embarque com

um aceno da bengala de âmbar na direcção da ponte. - Fiquemos - disse enquanto caminhavam debaixo da chuva miudinha de olho nos desenvolvimentos, está bem? Li-lhe a mente como se estivesse a enviar sinais do mastro mais alto - disse Lee gravemente.

Como é evidente, as oficinas de engenharia de Mr. Charles Parsons tinham de ser inspeccionadas, bem como várias outras fábricas que produziam maquinaria inovadora, mas em Agosto já iam a bordo de um navio a caminho da Pérsia e dos campos petrolíferos da Peacock. Lá chegado, Lee concluiu que o seu número dois, um Americano fluente em Farsi, tinha dado boa conta do recado durante a sua ausência e que continuaria a fazê-lo. Não havia mais desculpas: tinha de ir para casa.

Estava mais ou menos à espera que Alexander decidisse visitar as suas plantações de árvores da borracha Para brasileiras na Malásia, que ficava em caminho, mas não. Embarcaram num veloz navio a vapor em Aden, direitos a Sydney.

Mn,

- Isto é - disse Lee -, com escalas em Colombo, Perth e Melbourne. Penso que reside aí a razão da falta de popularidade de Sydney para capital nacional. Perth pode até ficar noutro continente, mas os navios chegam primeiro a Melbourne. São mais mil milhas até Sydney e muitos navios não se dão ao trabalho de ir até lá. Agora, se conseguíssemos arranjar uma forma de chegar à Austrália pelo Norte, Sydney seria muito mais importante do que Melbourne.

Falou febrilmente durante toda a viagem, não querendo dar a Alexander qualquer indicação de que temia o regresso a Kinross. Como conseguiria comportar-se normalmente com Elizabeth, especialmente agora que Alexander estava determinado a tê-lo muito mais por perto do que antigamente? Poderia viver no Hotel Kinross, sim, mas desde a partida de Anna, Alexander transferira todas as actividades administrativas e burocráticas para a sua própria casa; os escritórios na cidade tinham sido parcialmente reconvertidos em instalações para a investigação sob a égide de Chan Min, Lo Chee, Wo Ching e Donny Wilkins. Lee deveria trabalhar permanentemente com Alexander e certamente que teria de almoçar lá em casa, se não tivesse de jantar também.

Aqueles anos tinham sido solitários, tornados suportáveis apenas devido ao que aprendera com os monges no Tibete; não fora Elizabeth, e Lee acreditava que talvez tivesse decidido lá ficar, desistir de toda a formação e princípios que a mãe e Alexander lhe tinham instilado, trocando-os por uma vida que tinha características hipnóticas, uma sincronia comunal governada pela alma. Tal agradava ao oriental que havia em si e teria sido feliz a viver no topo do mundo, afastado do tempo, da dor e dos desejos. Só que Elizabeth era mais importante e isso era um mistério. Nunca lhe dirigira um gesto ou olhar de encorajamento, nenhuma palavra que lhe desse esperança. No entanto, não conseguira bani-la dos seus pensamentos nem deixar de a amar. «Será que alguns de nós têm uma alma gémea genuína e, tendo encontrado essa alma gémea, somos transportados, impotentes, pela corrente, tentando tragar e dissolvermo-nos na nossa alma gémea para sempre? Transformando num só o que eram dois? Disse a Ruby e a Elizabeth que íamos a caminho? - perguntou a

Alexander quando o navio se aproximou de Melbourne. Ainda não, mas na verdade posso telefonar-lhes de Melbourne. "ensei que seria isso que faria - disse Alexander.

- Faz-me um favor?

Claro.

416 COLLEEN McCULLOUGH Não diga a ninguém que estou consigo. Gostava de
lhes fazer uma
surpresa disse Lee tentando parecer descontraído. E farás.

Mas isso complicava as coisas. Havia visitas a fazer em Sidney: a Anna e a Nell. Nell guardaria o segredo? Actualmente, ela está a viver em casa da Anna informou Alexander quando apanharam um carro de aluguer para o Glebe. Depois de os rapazes terem acabado o curso e regressado a Kinross, ela não podia ficar a viver sozinha naqueles alojamentos e quando sugeriu que eu lhe construísse um pequeno apartamento nas traseiras da casa da Anna, fiquei aliviado. Ela tem privacidade, mas está lá para se certificar de que a Anna é convenientemente tratada. Tratada? - perguntou Lee, franzindo o sobrolho. Verás - disse Alexander enigmaticamente. - Houve coisas que eu não te disse porque são difíceis de descrever.

Anna chocou-o. A bela rapariga de treze anos que vira em Kinross - tinha começado a encontrar-se com O'Donnell quando ele partira - tinha-se transformado numa jovem mulher babosa e vacilante, horivelmente gorda, que não reconhecia o próprio pai, quanto mais ele. Os olhos azuis acinzentados vagueavam e um dos polegares estava em carne viva e a sangrar, de tanto ser chupado. Não conseguimos impedila de o chupar, Sir Alexander disse Miss Harbottle e concordo com Nell, não devemos atar-lhe o braço. Já tentaram cobrir o dedo com aloés amargo? Sim, mas ela cospe e limpa o aloés no vestido. Há produtos menos solúveis, mas são tóxicos. A Nell acha que ela acabará por chupar o dedo até ao osso e este acabará por ter de ser amputado. E aí ela começará a chupar outro - disse Alexander tristemente. Receio que sim. - Miss Harbottle pigarreou. - Também tem tido ataques, Sir Alexander, generalizados. Isto é, convulsões que lhe atingem todo o corpo. Oh, minha pobre, pobre Anna! - Os olhos que Alexander virou

para Lee estavam brilhantes de lágrimas. - Não é justo que alguém tão inofensivo sofra tanto. - Endireitou os ombros. - Mesmo assim, trata maravilhosamente dela, Miss Harbottle. Está limpa, seca e obviamente

Presumo que a comida seja a sua grande alegria?

O TOQUE DE MIDAS 417 Sim, adora comer. Nell e eu concordámos que devemos deixá-la comer. Racionar-lhe a comida seria tão cruel como racionar a comida a um animal irracional. A Nell está em casa? Sim, Sir Alexander. Está à sua espera.

Quando atravessavam a casa enorme, Lee apercebeu-se do quão bem organizada estava e da quantidade de mulheres que ali havia para ajudar a cuidar de Anna. O ambiente era alegre, as instalações estavam imaculadamente limpas e bem decoradas - agora mais para que o pessoal se sentisse feliz do que para agradar à indiferente Anna. Embora isso não fosse obra de Alexander... não lhe teria ocorrido. Tinha portanto de ter sido obra de Nell.

O acesso ao seu apartamento fazia-se através de uma porta amarela; esta estava escancarada, mas Alexander chamou-a para a avisar de que tinham chegado. Ela apareceu de uma divisão mais para o interior num passo calmo, com o cabelo preto apanhado num carrapito apertado e a figura magra envolta num simples vestido de algodão verde-escuro sem cintura e que lhe dava bem acima do tornozelo. Tinha calçadas botas práticas bem apertadas até ao tornozelo. Um segundo choque para Lee: as suas semelhanças com Alexander eram agora muito evidentes, pois a suavidade da meninice desaparecera do seu rosto, deixando-o severo, duro e ligeiramente masculino. Só os olhos eram unicamente seus, tornados maiores por estar mais magra; pareciam dois raios azuis altamente energéticos que atravessavam tudo o que cruzava o seu caminho.

Inicialmente, ela só reparou em Alexander, foi ter com ele e beijou-o descontraidamente. Oh, sim, eram muito próximos! Como gémeos. Apesar de resmungar por causa de ela estar a estudar Medicina, Alexander estava escravizado, ela fazia dele o que queria.

Depois, ao soltar-se do abraço do pai, viu Lee, sobressaltou-se ligeiramente e sorriu. - Lee! És mesmo tu? - perguntou dando-lhe um beijo na face. - Ninguém me tinha dito que estavas de volta.

- Isso é porque eu não quero que ninguém saiba do meu regresso,

1. Guarda o segredo por mim, por favor.

- Que eu seja ceguinha.

Butterfly Wing preparara um almoço simples: pão fresco, manteiga, doce, carnes frias e a sobremesa preferida de Alexander: leite-creme com ^{nº}z moscada. Nell e os homens comeram e depois ela própria fez um ^bule de chá e instalou-se para conversar.

418 COLLEEN MCCULLOUGH Como vai a Medicina? - perguntou Lee. Exactamente como eu esperava. Mas difícil. Não para mim, mas a verdade é que me dou bastante bem com os assistentes e professores. É mais difícil para as outras mulheres, que não têm o mesmo jeito que eu para lidar com os homens. As pobres desatam a chorar, o que os homens desprezam, e *sabem* que lhes baixam deliberadamente as notas por serem mulheres. Pelo que a maior parte tem de repetir todos os anos. Algumas já chumbaram duas vezes o mesmo ano. Mesmo assim continuam a batalhar. Chumbaram-te, Nell? - perguntou Alexander.

O rosto dele irradiava ironia. - Ninguém se atreveria! Sou como a Grace Robinson, que se formou em 1893 sem ter chumbado um único ano. Embora devesse tê-lo feito *suma cum laude*, o que não aconteceu. Compreendem, as escolas femininas não preparam as alunas em química e física, nem mesmo em matemática. As pobres almas têm de começar mesmo do início e os assistentes não estão preparados para ensinar as bases. Já eu, sou uma engenheira diplomada. O que me dá muita influência junto do corpo docente. - Fez um ar malicioso. - Os assistentes não gostam nada que se lhes aponte as falhas, especialmente se for uma mulher a fazê-lo, e tendem a deixar-me em paz. Dás-te bem com as tuas colegas? - perguntou Lee. Na verdade, melhor do que esperava. Dou-lhes explicações de ciências e matemática, mas algumas parecem nunca aprender.

Alexander mexeu o chá, bateu com a colher na chávena e depois pousou-a no pires. - Anna. Conta-me, Nell. A deterioração mental está a progredir rapidamente, pai. Bem, viste com os teus olhos. A Miss Harbottle disse-te que ela tem tido ataques epilépticos? Disse. Ela não ficará muito tempo neste mundo, pai. Reccei que me fosses dizer isso, quando a Miss Harbottle não m^e falou nos próximos anos. Mantemo-la quente e afastada das correntes de ar e tentamos que caminhe um pouco, mas ela está cada vez mais relutante relativamente ao exercício físico. Pode vir a ficar num estado epiléptico com convulsões repetidas até morrer de pura exaustão mas é mais provável que apanhe uma constipação, esta atacar-lhe-á o peito e morrerá de pneumonia

Se uma das empregadas está constipada não vem trabalhar até ter deixado de espirrar e tossir, mas é inevitável que alguém a contagie antes de se aperceber de que está constipada. Surpreende-me que isso não tenha acontecido ainda. São todas muito boas para ela, sabes. Considerando o tipo de trabalho ingrato e nada gratificante que fazem, fico satisfeito por ouvir-te dizer isso. Uma mulher com vocação para a enfermagem encontra satisfação no trabalho mais ingrato, pai. Escolhemos bem o nosso pessoal. Qual seria a morte mais fácil? - perguntou Alexander abruptamente. - A pneumonia ou as convulsões ininterruptas? As convulsões ininterruptas, pois a consciência perde-se à primeira convulsão e nunca se recupera. É um espectáculo horrendo, mas o paciente não sofre. A pneumonia é muito pior... muita dor e sofrimento.

Fez-se silêncio: Alexander bebericava estoicamente o chá, Nell brincava com o garfo e Lee mantinha-se mudo, desejando não estar ali. A tua mãe tem cá vindo? - perguntou Alexander. Proibi-a de voltar, pai. Não serve de nada porque a Anna não a reconhece e vê-la... oh, pai, é como olhar para os olhos de um animal que sabe que está a morrer. Não consigo sequer imaginar a sua dor.

Lee estendeu a mão para uma taça de leite-creme - qualquer coisa era melhor do que não ter nada para fazer, nem que fosse mastigar serradura. - Tens namorado, Nell? - perguntou descontraidamente.

Ela pestanejou e depois pareceu ficar agradecida. - Estou demasiado ocupada, estou mesmo. A Medicina não está a ser tão fácil como foi Engenharia. Vais então ser uma médica solteira? Parece que sim. - Nell suspirou e depois assumiu uma expressão melancólica que parecia estranha num rosto tão determinado. - Há anos conheci um sujeito que me agradou, mas eu era demasiado jovem e ele demasiado honrado para se aproveitar de mim. Seguimos caminhos diferentes.

Um engenheiro? - perguntou Lee.

Ela riu às gargalhadas. - Diria que não! . . .
disse Nell prefiro guardar para mim. .Então o que era, ou é?

Estavam em Novembro e era um ano de cigarras; mesmo com o 'do das locomotivas e o bater metálico das rodas

ouvi-las a cantar ensurdecedoramente no mato que estava muito próximo da linha. Um Verão quente tanto na costa como no interior, monções violentas no Norte - era esse o significado das cigarras.

Alexander estava inquieto durante a viagem de Sydney para Lithgow, só parecendo descontrair-se quando a carruagem foi engatada ao comboio de Kinross, que voltara a fazer viagens quatro vezes por semana. O que Lee não podia saber era que Alexander pressentira nele a relutância em regressar e preparara-se para um súbito anúncio de que Lee lamentava mas que mudara de ideias e iria regressar à Pérsia. Por isso, quando iam a caminho de Kinross num comboio que não fazia quaisquer paragens, Alexander sentiu-se melhor, mais confiante.

Ele não gostava apenas de Lee; amava-o como ao filho que nunca tivera, o filho de Ruby que também era um elo de ligação com Sung. Quando arrastara Lee na visita a Anna, tivera esperança de que entre ele e Nell surgisse uma faísca. Ver os dois casados seria o toque final na sua vida. Mas não houvera qualquer faísca entre os dois, nem mesmo a mais vaga atracção. Irmão e irmã. E ele não conseguia simplesmente entender, dado Nell ser tão parecida com ele e a mãe de Lee amá-lo. *Certamente* que tinham sido feitos um para o outro! Depois a Nell começara com uma lengalenga acerca de um tipo qualquer por quem andara a suspirar e fechara-se em copas; Lee não ficara nada afectado. A bastardia há muito que deixara de ser um problema. Alexander ultrapassara de tal forma essa ferida antiga que encarava agora o nascimento de Lee como a ironia final. O seu herdeiro seria também um bastardo. No entanto, queria algum do *seu* sangue na descendência de Lee e isso não aconteceria. Se é que Lee alguma vez se casaria. Um nómada. Talvez que, do seu lado chinês, descendesse de um qualquer mongol saltimbanco que só se sentisse bem a vaguear pelas estepes. As mulheres desfaleciam literalmente ao vê-lo, tentando recuperar o fôlego dentro dos espartilhos apertados, atraindo-o de todas as formas possíveis, desde as mais evidentes às mais ardilosas, mas Lee parecia nem sequer se aperceber. Tinha sempre uma mulher escondida algures, fosse em Lar na Pérsia ou numa cidade inglesa, mas a sua atitude era puramente oriental: um príncipe pequinês necessitado de uma concubina: alguém que tocasse e dançasse, falasse só quando lhe era dirigida a palavra, que soubesse o Kama Sutra de trás para a frente e que, provavelmente, tilintasse ao andar.

O que é que Elizabeth lhe chamara? Uma serpente dourada. Na altura a metáfora sobressaltara-o, mas percebia a razão de ela a ter escolhido-

O tipo de animal terrível que se escondia num buraco durante quatro anos e engolia a sua própria cauda... como ele procurara Lee! Nem os detectives da Pinkerton tinham sido capazes de o localizar, nem o Banco de Inglaterra conseguira seguir o rasto tortuoso que os grandes levantamentos de Lee faziam a caminho dos seus bolsos. Empresas falsas, contas bancárias falsas, bancos suíços... Nada era comprado em seu nome e quem o teria ligado a uma coisa chamada Peacock Oil? Toda a gente pensara que pertencia ao Xá.

Fora por pura sorte que, quando a serpente dourada decidira rastejar para fora do seu buraco, ele estivera presente para lhe agarrar a cauda. E agarrara-se a ela sombriamente. Atraíra a criatura escorregadia de volta a casa. Agora que já estavam na última parte do caminho, começava a acreditar finalmente que tinha o seu filho pródigo firmemente agarrado. O tempo voava; ele próprio tinha cinquenta e quatro anos e Lee tinha trinta e três. Não que Alexander esperasse morrer antes de ter vivido pelo menos setenta anos, mas uma interrupção de sete anos no programa de formação era uma contrariedade.

Kinross mudara muito durante os sete anos da sua ausência. A admiração de Lee teve início na plataforma da estação de caminho-de-ferro, equipada com salas de espera e casas de banho elegantes mas em estilo rústico, enfeitadas com ferro forjado; havia vasos e cestos com flores por todo o lado, com uma floreira por baixo dos dois letreiros enormes que anunciavam KINROSS, um em cada extremidade da plataforma. A ópera original fora transformada em teatro e uma nova ópera, mais imponente, erguia-se agora do outro lado da Kinross Square. Todas as ruas eram ladeadas por árvores e iluminadas com candeeiros eléctricos; tanto o gás como a electricidade tinham sido instalados em todas as habitações particulares. Havia agora ligação telefónica a Sydney e Bathurst, para além do telégrafo. O orgulho do proprietário brilhava em toda a parte. É uma cidade-modelo - disse Lee agarrando nas malas. Espero que sim. A mina está novamente a produzir em pleno, evidentemente, o que significa que a mina de carvão também o está. Começo

^a concordar com a opinião de Nell de que estaremos melhor com a corrente alterna embora tencione esperar até o Lo Chee conceber um modelo

^{ria}is eficiente para o gerador de turbina... ele é brilhante - disse Alexander. derigiu-se ao elevador. A Ruby vem cá jantar, portanto deixo-te sozinho P^{ar}a fazeres a tua surpresa. Podes trazê-la mais tarde.

Tenho de me lembrar, disse Lee a si próprio enquanto entrava no hotel, «de que ela tem agora cinquenta e seis anos. Não posso deixar transparecer o meu desgosto, pois senti-lo-ei, inevitavelmente. Alexander não o disse, mas não pude deixar de perceber que ela envelheceu mais do que ele esperava. Deve ser terrível para uma mulher bela aparentar a idade que tem, especialmente para alguém como a mãe, que sempre dependeu da sua beleza. E que não se refugiou numa bolha de âmbar como a Elizabeth.

No entanto, ela estava exactamente como ele a recordava: atrevida, voluptuosa, estranhamente elegante. Sim, havia rugas em torno dos seus olhos e da boca, alguma flacidez por baixo do queixo, mas continuava a ser Ruby Costevan, da cabeleira ruiva dourada aos belíssimos olhos verdes. Esperando ver Alexander, envergava um vestido de cetim vermelho rubi e tinha uma gargantilha grossa de rubis em volta do pescoço para disfarçar a flacidez, rubis nos pulsos e nas orelhas.

Quando o viu, os joelhos cederam e caiu, ondulante, no chão, rindo e chorando. - Lee! Lee! Meu filho!

Parecia mais fácil descer até ela e ele ajoelhou-se para a abraçar e apertá-la contra si, beijar-lhe a face e o cabelo. «Estou outra vez em casa. Estou de volta aos primeiros braços de que me recordo, o perfume dela a entrar-me na cabeça, estou de volta a esta maravilha que é a minha mãe. Amo-te tanto! - disse ele. - Tanto! Vou poupar todas as histórias para o jantar - disse mais tarde, depois de Ruby ter reparado os estragos causados pela imensa alegria que sentira e ele próprio ter vestido o fato de cerimónia. Então vamos beber um copo juntos antes de irmos... O elevador não estará cá em baixo antes de próxima meia hora - disse ela dirigindo-se à fila de garrafas, ao sifão de soda e ao balde do gelo. - Não faço ideia do que costumavas beber agora. *Bourbon* do Kentucky, se tiveres. Sem soda, sem água e sem gelo. Tenho, mas é uma bomba muito potente na barriga vazia. Estou habituado... é o que os meus exploradores de petróleo bebem quando é alguém que oferece. É claro que o país é maometano, mas eu importo a bebida discretamente e certifico-me de que ninguém bebe fora do acampamento.

Ela estendeu-lhe o copo e sentou-se com um xerez. - Estás cada vez mais misterioso, Lee. Que país maometano?

- A Pérsia... Irão, como eles lhe chamam. Tenho lá negócios no petróleo com o Xá.

Meu Deus! Não admira que não fôssemos capazes de encontrar nem sequer um dos teus cabelos.

Beberam sem falar durante alguns minutos e depois Lee disse: - Que aconteceu ao Alexander, mãe?

Ela não tentou esquivar-se. - Percebo o que queres saber. - Suspirou, estendeu as pernas e olhou fixamente para as fivelas de rubi dos sapatos. - Uma série de coisas... A briga contigo, porque sabia que não tinha razão. Depois de ter descido do pedestal, não sabia como havia de remediar os estragos que fizera. Quando acabou por decidir engolir o orgulho

e ir ter contigo, tu tinhas desaparecido. Procurou-te desesperadamente. No meio de tudo isso aconteceu aquela história com a Anna, o O'Donnell, o bebé... e a Jade. Ele assistiu ao enforcamento dela, sabes, e isso desgastou-o muito. Depois a Nell não quis fazer o que ele queria e a Anna teve de ser separada da filha. Um homem diferente teria ficado mais duro, mas não o meu amado Alexander. Tudo combinado serviu para o puxar para cima... Não de uma só vez, mas gradualmente. E, evidente mente, ele recrimina-se por ter casado com Elizabeth. Ela não era muito mais velha do que a Anna... Estava na idade em que as primeiras impressões ficam gravadas na pedra e foi em pedra que ela se transformou. Mas ele teve-te a ti, enquanto que a Elizabeth não teve ninguém.

Achas estranho que se tenha transformado em pedra? Oh, que se dane isso! - ripostou ela grosseiramente, ferida no seu ponto vulnerável. O copo dele estava vazio e levantou-se para o encher. - Não paro de ter esperança, apesar de tudo, de que a Elizabeth seja feliz um dia. Se conhecesse alguém, poderia divorciar-se de Alexander invocando o seu adultério permanente comigo. A *Elizabeth* num tribunal de divórcios a lavar a roupa suja? Não achas que ela o faria. Consigo vê-la a retirar-se para a obscuridade com o seu amante, mas não a enfrentar um juiz numa sala cheia de jornalistas. Ela não se retirará para a obscuridade com um amante, Lee, por que tem a Dolly para cuidar. A Dolly já esqueceu completamente a Anna e pensa que a Elizabeth é a sua mãe e o Alexander o pai. Bem, só esse facto desaconselharia um divórcio, não é? Todo o escândalo da Ana homem desconhecido seria desenterrado novamente e a Dolly tem... o quê? Seis anos? Idade suficiente para compreender. Sim, tens razão. Devia ter pensado nisso. Foda-se! - Sofreu uma das suas repentinas mudanças de humor. Então e tu? perguntou alegremente. Alguma mulher

424 COLLEEN McCULLOUGH Não. Olhou para o relógio de pulso em ouro que Alexander lhe oferecera e despejou o copo. São horas de irmos, mãe. A Elizabeth sabe que cá estás? perguntou Ruby levantando-se também.

Não.

Quando chegaram à plataforma do elevador, Sung estava à espera; Lee deteve-se subitamente, chocado. O pai, agora com quase setenta anos, transformara-se num venerável deus chinês: a barba rala caindo-lhe sobre o peito, as unhas com dois centímetros e meio de comprimento, a pele da cor de marfim velho, macio mas amarelado, os olhos transformados em duas fendas no meio das quais deslizavam duas contas negras em sincronia. «Este é o papá, no entanto eu penso no Alexander como meu pai. Oh, quão longe chegámos nesta incrível viagem e para onde iremos quando o vento voltar a soprar? Papá - saudou, fazendo uma vénia e beijando a mão a Sung. Meu querido rapaz, estás com óptimo aspecto. Vamos, todos a bordo! - ordenou Ruby com impaciência, a mão

a postos para tocar a campainha eléctrica que dava sinal à casa das máquinas lá em cima.

Ela está desejosa de nos ter todos juntos, pensou Lee ajudando Sung a entrar no carro. «A minha mãe só quer que toda a gente ame toda a gente e que sejam todos felizes. Mas isso é impossível.

Foi Elizabeth quem veio à porta para lhes dar as boas-vindas, e Ruby, morta por ver a reacção de Elizabeth perante o convidado inesperado, empurrou Lee na sua frente e de Sung.

Como é ver a mulher eleita depois de tanto tempo? Para Lee, foi sofrimento puro, uma torção de tudo o que havia dentro de si que fez com que a agonia, o desgosto e a dor atingissem a sua mente, pelo que viu um fantasma esborratado composto por todas essas emoções, e não Elizabeth.

Sorrindo, beijou a mão do fantasma, cumprimentou-o pela sua aparência e entrou na sala, deixando-o a cumprimentar Ruby e Sung. Estavam lá Constance Dewy e Alexander, e Constance veio beijá-lo, apertando-lhe as mãos e olhando-o com uma simpatia tão evidente que o deixou espantado. Só quando já estava a salvo, sentado numa cadeira, é que se apercebeu não *vira* Elizabeth.

Tal como não a viu verdadeiramente durante o jantar: com apenas seis comensais, Alexander decidira não sentar ninguém à cabeceira da mesa e Lee estava sentado numa ponta da mesa e Elizabeth na outra, do mesmo lado. Sung estava entre os dois, Alexander na sua frente, com Constance e Ruby, do outro lado.

- Não é socialmente aceitável - disse Alexander alegremente -, mas na minha própria casa sou perfeitamente livre de juntar os homens e deixar as mulheres entregues às suas conversas femininas. Não vamos ficar aqui para o Porto e os charutos, acompanharemos as senhoras.

Lee bebeu mais vinho do que era seu hábito, embora a comida, excelente como sempre - Chang continuava senhor da cozinha, disseram-lhe - o tivesse mantido razoavelmente sóbrio. De regresso à sala para o café e charutos e cigarrilhas de uma grande variedade, frustrou a organização dos lugares concebida por Alexander puxando uma cadeira para trás e isolando-se das conversas. A sala estava brilhantemente iluminada, os lustres Waterford agora equipados com lâmpadas eléctricas em vez de velas, os nichos das paredes outrora iluminados a gás também reconvertidos para a luz eléctrica. «A iluminação é demasiado crua», pensou Lee. Não há adoráveis recantos sombreados, nem o brilho esverdeado dos queimadores de gás nem as acariciantes luzes amareladas das velas. A electricidade poderá ser a nossa sina, mas não é... romântica. É mais implacável.

Do local onde estava sentado podia ver Elizabeth com uma clareza surpreendente. Oh, tão linda! Tal como uma pintura de Vermeer, brilhantemente iluminada, com cada pormenor bem definido. O seu cabelo continuava tão negro como o dele, as ondas suaves penteadas num enorme carrapito na nuca sem os rolos e o volume que tinham começado a ser moda. Ela usaria cores quentes em alguma ocasião? Não que se recordasse, pelo menos. Naquela noite usava um vestido de crepe azul-escuro com reflexos de aço cuja saia era bastante direita e sem cauda. A maior Parte desse tipo de saias era bordada com aplicações, mas a dela era sim-Ples e sem quaisquer enfeites, mantida no lugar por alças que lhe passavam pelos ombros. O conjunto de jóias de safira e diamantes brilhava em torno do seu pescoço e nas orelhas. e o anel de noivado de diamantes refugiava-se. A turmalina, contudo, desaparecera; a sua mão direita estava despidada de anéis.

Os restantes mantinham uma conversa animada; Lee absorveu as suas feições e falou-lhe.

Alexander ofereceu-ma pelos filhos que viria a ter - respondeu.

- Verde para os rapazes e cor-de-rosa para as raparigas. Mas eu não lhe dei nenhum rapaz, portanto tirei-a. É muito pesada.

E, para seu espanto, pegou numa caixa de prata que estava em cima da mesa ao lado da cadeira onde estava sentada, tirou um cigarro comprido e pegou numa caixa de fósforos com uma capa de prata. Lee levantou-se e tirou-lha da mão, acendendo um fósforo e chegando-o ao cigarro. Não me faz companhia? - perguntou ela erguendo os olhos para ele. Obrigado. - Não havia nenhuma mensagem naquele olhar, apenas um interesse cortês. Voltou para o seu lugar. - Quando é que começou a fumar cigarros? - perguntou. Há cerca de sete anos. Sei que as senhoras não fumam, mas acho que a sua mãe me contagiou... Descobri que hoje em dia não ligo muito ao que as outras pessoas pensam. Limito-me a fumar depois do jantar, mas quando o Alexander e eu estamos em Sydney e comemos no restaurante eu fumo os meus cigarros e ele fuma as suas cigarrilhas. É bastante divertido - disse ela sorrindo - observar as reacções dos outros comensais.

E a conversa terminou ali. Elizabeth fumou o cigarro até ao fim com um prazer delicado enquanto Lee a observava.

Alexander encurralara Sung e estava a falar de negócios.

Flectindo os dedos discretamente, Ruby preparava-se para ir para o piano; uma rigidez incomodativa começava a tomar conta das suas mãos, uma dor que era mais forte de manhã. Mas Alexander e Sung tinham discordado relativamente a qualquer questão e não lhe agradeceriam que

ela tocasse naquele momento, e Constance dormitava em frente ao cálice de Porto... estava a adquirir hábitos de pessoa idosa. Não tendo nada de melhor para fazer, Ruby pôs-se a olhar para o seu gatinho de jade com um forte sentimento amoroso. Este olhava para Elizabeth, que se virara para escutar o que Alexander e Sung diziam, presenteando Lee com o seu perfil sem mácula. O coração de Ruby caiu-lhe aos pés de forma tão tangível que levou uma mão ao peito apertando o tecido do vestido. Oh, a

expressão no olhar de Lee! Desejo puro e total. Se ele se tivesse levantado e começado a arrancar as roupas a Elizabeth isso não teria sido uma

afirmação mais eloquente do que a da expressão dos seus olhos. «O meu filho está completamente apaixonado pela Elizabeth! Desde há quanto tempo? Será por isso que...?»

Com um salto que acordou Constance e pôs fim à conversa entre Alexander e Sung, Ruby levantou-se e foi para o piano. Estranhamente, descobriu nos seus dedos um poder e uma expressividade que pensara para sempre desaparecidos, mas aquela não era uma ocasião para Brahms, Beethoven ou Schubert. Era uma ocasião que pedia Chopin, Chopin em tom menor, aqueles acordes e *glissandi* tão pungentes, tão cheios dos sentimentos que vira nos olhos do seu filho. Amor não realizado, amor assombrado, o desejo que Narciso devia ter sentido quando, em vão, tentava capturar a sua imagem no lago, ou que Eco devia ter sentido ao observá-lo.

E ficaram até tarde, hipnotizados por Chopin, Elizabeth fumando um cigarro de vez em quando, sempre aceso por Lee. Às duas da manhã, Alexander mandou preparar um chá e sanduíches para a ceia e depois insistiu com Sung para que dormisse lá em casa.

Acompanhou Ruby e Lee até ao elevador e ligou a máquina ele próprio - a caldeira estava sempre abastecida - para evitar ter de chamar o mecânico com antecedência.

No elevador, Ruby pegou nas mãos de Lee. Tocaste tão bem hoje, mamã.

Como sabias que me apetecia ouvir

Chopin? Porque - disse Ruby com franqueza - vi a forma como olhavas para a Elizabeth. Há quanto tempo estás apaixonado por ela?

Ele susteve a respiração; soltou-a num só arquejo. - Não me apercebi de que me tinha traído. Mais alguém deu por isso? Não, meu gatinho de jade. *Ninguém* reparou, só eu. Então o meu segredo está seguro. Tão seguro como se eu não o conhecesse. Há quanto tempo, Lee?

Há quanto tempo? Desde os meus dezassete anos, acho eu, embora tenha levado algum

tempo a aperceber-me. Foi então por isso que nunca casaste, que não ficaste cá muito

tempo e fugiste. - As faces de Ruby estavam molhadas de lágrimas. - Oh, Lee, que merda! Isso é pôr a questão de uma forma suave - disse ele secamente,

Procurando um lenço. - Toma. Então por que vieste para casa agora? Para a ver outra vez. Com esperança de que tivesse passado?

Oh não, eu sabia que não tinha passado. Este amor domina-me.

-A mulher de Alexander... Mas como consegues ser distante? Quando eu disse que ela poderia divorciar-se dele, tu não te agarraste a essa ideia, em vez disso demoliste os meus argumentos. - Estremeceu, apesar do ar ter uma temperatura estival. - Nunca te libertarás dela, pois não?

- Nunca. Ela é mais importante para mim do que a minha própria vida. Ela virou-se e lançou os braços em torno dele. Oh, Lee! Meu gatinho de jade! Quem me dera haver alguma coisa que eu pudesse fazer! Não há, mamã, e tens de me prometer que não tentarás. Prometo - murmurou ela junto ao seu peito e depois deu uma gargalhada rouca. - Vais ficar todo sujo de *muge*, a abraçar-me dessa maneira.

Vai haver conversas na lavandaria.

Ele apertou-a com mais força. - Minha querida mãe, não é para admirar que o Alexander te ame. És como uma bola de borracha: sempre capaz de voltar para cima. De verdade que vou ficar bem. Mas, desta vez, vais ficar ou vais fugir? Vou ficar. O Alexander precisa de mim, percebi o quanto ele precisa de mim quando vi o papá. Abdicou de tudo excepto da sua identidade chinesa. Por mais que eu ame a Elizabeth, não posso abandonar o Alexander. Devo-lhe a ele e a ti tudo o que sou disse Lee e depois sorriu. - Quem havia de pensar na Elizabeth a fumar! Ela precisa do que quer que seja que o tabaco tem, mas as cigarrilhas são um pouco fortes para ela. O Alexander manda fazer os cigarros na Jackson's, em Londres. As coisas são muito difíceis para ela. Só tem a Dolly. Uma criança simpática, mãe? Muito doce e com a dose indicada de inteligência. A Dolly não será uma Nell, será mais como as raparigas Dewy. Esperta, viva, bonita, com a educação apropriada a uma mulher com o seu estatuto. E casará como um qualquer jovem elegível que o Alexander aprovará entusiasticamente, e talvez lhe dê finalmente alguns herdeiros do sexo masculino.

ESCLARECIMENTO

A VISÃO DE LEE APÓS TANTOS ANOS constituiu um choque enorme para Elizabeth, que nem sonhara que ele estava de regresso. Era verdade que o marido estivera com uma disposição muito alegre quando voltara, mas atribuíra esse facto a uma viagem bem sucedida ou a algum novo empreendimento atraente que germinasse no seu fértil espírito. Uma parte dela sentia curiosidade relativamente àquilo em que ele andaria metido, mas não lho pergantara quando ele entrara em casa de rompante. Dirigira-se à sua casa de banho para se limpar da sujidade da viagem e depois deitara-se para uma pequena sesta antes de mudar de roupa para o jantar. Enquanto ele o fazia, ela dera jantar a Dolly, dera-lhe banho e vestira-lhe a camisa de noite, lendo-lhe depois uma história antes de ela adormecer. Dolly adorava histórias e prometia tornar-se numa leitora.

Era uma menina muito querida, do tipo indicado para Elizabeth: nem aterrorizantemente inteligente como a Nell, nem atrasada como a Anna. O seu cabelo escurecera mesmo, ficando castanho-claro, mas conservara os caracóis e os grandes olhos da cor de águas-marinhas eram janelas para uma alma tranquila. Tinha covinhas nas faces que ficavam adoravelmente marcadas quando sorria e ela fazia-o frequentemente. Tinham-lhe dado um gatinho para verem como o trataria: quando Suzie (na verdade, um macho castrado) se revelara um sucesso, juntara-se-lhe Bunty, um pequeno cão castrado, de orelhas compridas e um grande desejo de agradar. O cão e o gato dormiam todas as noites com Dolly, aninhando-se um de cada lado do seu corpo - uma visão que não agradara a Nell, que falara ^{er}n impigens, parasitas, pulgas e carraças. Ao que Elizabeth respondera ⁹Ue os animais eram lavados regularmente e que quando esses problemas ^aParecessem ela preocupar-se-ia com eles e que esperava que, auando

Nell tivesse filhos, estes não sufocassem debaixo de um cobertor de higiene.

Cuidar de Dolly amolecera um pouco Elizabeth; não conseguia pura e simplesmente manter o rígido autocontrolo quando confrontada com os dramas da vida de uma criança basicamente feliz, dramas esses que iam das esfoladelas e cortes à morte do canário de estimação. Por vezes tinha de rir e por vezes tinha de esconder as lágrimas. A Dolly era um paraíso maternal.

Esta parecia não se lembrar em absoluto de Anna, chamava «mamã a Elizabeth e «papá a Alexander descontraidamente, embora Elizabeth suspeitasse que, algures no interior da sua mente, estavam escondidas recordações daqueles tempos com Anna, pois ocasionalmente revelava a Peony recordações que remontavam ao tempo da verdadeira mãe.

O pior era Dolly não poder frequentar a escola na cidade. Se o fizesse, de certeza que uma qualquer criança inconsciente ou invejosa lhe falaria da sua verdadeira mãe e da identidade questionável do pai. Por isso, era Elizabeth que, de momento, a ensinava. No ano seguinte, quando fizesse sete anos, teria de ter uma preceptora. «A verdade é que, independentemente das características das nossas filhas, nunca as pudemos mandar para uma escola normal, o que é uma tragédia. Até mesmo Dolly tem a mancha dos Kinross: demasiado diferente para se integrar.

Elizabeth era atormentada pela necessidade de ter de contar à criança a verdade sobre os pais, consumindo-se com questões a que ninguém podia dar resposta: nem Ruby nem, certamente, Alexander. Qual era a idade certa para um choque tão terrível? Deveria contar-lhe antes ou depois da puberdade? O bom senso dizia-lhe que, fosse qual fosse a idade escolhida, Dolly ficaria marcada. Isso não teria importância, mas se ela se deformasse em vez de ficar marcada? E como é que se dizia a uma menina doce e inofensiva que a mãe era atrasada mental e vítima de um homem monstruoso que fora o seu pai? Que a ama da mãe o assassinara da maneira mais horrenda e depois fora enforcada pelo seu acto? Houve muitas noites em que a almofada de Elizabeth ficou molhada de lágrimas enquanto ela se debatia e ralava com as questões de quando, onde e como poderia alguma vez contar a Dolly o que Dolly *tinha* de saber antes de o vir a saber pela boca do mundo cruel. Tudo o que estava ao seu alcance era amar a criança, construir as bases da segurança e amor incondicional que lhe serviriam de apoio nesse dia horrível. E Alexander, tinha de o reconhecer, fora igualmente amoroso, muito mais paciente e

aberto do que fora com as suas próprias filhas, até mesmo com Nell. Nell... Uma jovem solitária, rija, dura, por vezes implacável. Não havia lugar para namorados naquela vida! Quando não estava debruçada sobre os livros de medicina ou a suportar o sarcasmo dos professores, supervisionava a prisão de Anna. Elizabeth continuava a sofrer por ela, no entanto, tinha a consciência de que Nell a desprezaria por esse sofrimento. Ser um Alexander era uma coisa, mas sê-lo numa forma feminina era outra totalmente diferente. Oh, Nell, escolhe *alguma* felicidade pessoal antes que seja demasiado tarde!

Quanto a Anna... era insuportável. Quando Nell banira as suas visitas à casa em Glebe Point Road, Elizabeth lutara ferozmente, só para se deparar com todo o aço de Alexander. Uma batalha perdida, tal como toda a sua vida com Alexander fora uma batalha perdida. Mas perder aquela batalha era tornado infinitamente pior pela consciência que tinha, lá bem no fundo, de que se sentia pateticamente grata por ter sido banida. Oh, o alívio de não ter de testemunhar aquilo em que Anna se transformara! No entanto, a dor de admitir que ela, Elizabeth, nunca fora suficientemente forte.

Elizabeth descera, portanto, primeiro do que Alexander para se certificar de que as suas instruções relativamente aos lugares na mesa tinham sido seguidas. Quando jantavam sozinhos ou só com Ruby não se davam ao trabalho de se vestir formalmente, mas Constance estava presente e Sung também vinha com Ruby e mais outra pessoa; Elizabeth trocara de roupa. Com bastante indiferença; havia uma quantidade de fatos novos em cores suaves nos seus roupeiros, mas tirou o vestido de crepe azul-escuro, as safiras e os diamantes.

Uma das últimas inovações da casa era a campainha eléctrica que soava quando o elevador chegava ao topo; habitualmente, Alexander respondia-lhe dirigindo-se à porta para aguardar os convidados, mas naquela noite ainda não descera quando a campainha soou. Elizabeth ficou de pé junto à porta vendo Ruby e Sung subirem os degraus com alguém atrás. Depois, subitamente, o convidado-mistério ultrapassou-os e fixou os olhos nela... cegamente? Lee. Em alturas como aquela - mas teria havido alguma vez uma altura como aquela? - o longo e auto-imposto treino de Elizabeth para manter a compostura aparente assumia o comando: pôs um sorriso na cara e manteve as costas direitas. Mas era o mais ligeiro dos vernizes; sob este, as emoções expandiam-se como o enorme remoinho

de pó que se seguia a uma explosão na pedreira, produzindo a mesma sensação de total convulsão. Sabia que se se mexesse vacilaria, que as pernas cederiam. Manteve-se portanto totalmente imóvel enquanto dizia um disparate qualquer, dando-lhe as boas-vindas, e o via passar para ir cumprimentar Alexander, que vinha a descer as escadas, ficando no mesmo lugar a trocar cumprimentos com Ruby e Sung, deixando-os depois passar na sua frente. Só então, quando se juntaram em torno do seu marido, é que ela tentou mexer-se. Avançou um pé e depois o outro; as pernas obedeceram e pôde continuar.

E graças a Deus por Alexander, que a sentara do mesmo lado da mesa que Lee, mas não ao seu lado. Concentrou-se em Ruby, sentada na sua frente, que transbordava de alegria devido ao regresso de Lee. Elizabeth só conseguia ir dizendo sim, não ou humm. A alma generosa que era Constance Dewy sentiu aparentemente o mesmo, pois deixou que Ruby pairasse alegremente.

Enquanto Ruby pairava e Constance escutava atentamente, Elizabeth tentou lidar com a consciência de que estava total e desesperadamente apaixonada por Lee Costevan. No seu íntimo, sempre classificara aquilo que sentia por ele como uma atracção, algo que não era realmente importante. Toda a gente sentia uma atracção de tempos a tempos. Por que não haveria ela de sentir também? Mas, no momento em que o viu após sete anos sem o ver, Elizabeth compreendeu-se finalmente a si própria. Lee era o homem que ela teria escolhido para casar de livre vontade, o único homem. No entanto, se não se tivesse casado com Alexander, nunca teria conhecido Lee. Oh, a vida é cruel! Lee é o homem, o único homem.

Mesmo depois, na sala, quando Lee decidira sentar-se afastado dos restantes, o turbilhão que sentia dentro de si não a deixara ver nada nele que lhe pudesse ter dado esperança... Oh, no que estaria a pensar, *esperançai* Graças a Deus que lhe era indiferente! Nisso residia a sua salvação. Se ele retribuísse o seu amor, isso seria o fim de muitos mundos. Mas por que razão a Ruby estaria só a tocar Chopin e, ainda por cima, só as obras saudosas e requintadamente tristes? Com um sentimento e intensidade que as suas mãos artríticas não deveriam permitir. Cada nota atravessava Elizabeth como se esta fosse feita de nuvens... ou de água. Água. «Encontrei o meu destino no Lago e não o conheci durante quinze anos. No próximo ano farei quarenta anos e ele continua a ser um jovem que vive para a aventura em terras distantes. Alexander arrastou-o de volta para que tome o lugar dos filhos que eu não tive e o seu sentido do

dever forçou-o a aceitar. Pois apesar de ele não sentir nada por mim, vejo que não está feliz por aqui estar.

Quando ele olhava para Ruby, o que fazia durante longos períodos, podia olhá-lo com a clarividência delicada que a admissão do seu amor lhe dera. Mas não havia ninguém para ver a forma como ela o olhava; a posição da sua cadeira *não* deixava que os outros lhe vissem o rosto. Em tempos dissera a Alexander que ele era uma serpente dourada, mas agora compreendia todas as subtilezas da metáfora e a razão de a ter escolhido. Não era exacta, brotara dos seus próprios sentimentos reprimidos e não tinha nada a ver com o que ele realmente era. Era a personificação do Sol e do vento e da chuva, dos elementos que tornavam a vida possível. O mais estranho era que ele lhe lembrava Alexander: a masculinidade colossal que não conhecia a dúvida, o cérebro penetrante e técnico, a inquietação que irradiava poder. No entanto, de um ela suportava o toque, enquanto que estava sedenta do toque do outro. A grande diferença entre os dois era o seu amor, negado àquele que a ele tinha direito, oferecido ao outro sem qualquer esperança de que alguma vez fosse retribuído.

Nessa noite não dormiu e, de madrugada, escapuliu-se para o quarto de Dolly fazendo um Chiu! baixinho aos animais que se mexeram, embora Dolly não o tivesse feito. Peony já não dormia no quarto: trabalhava a horas normais e tinha muitos dias de folga. Puxando uma cadeira, Elizabeth sentou-se ao lado da caminha para observar a luz do dia espalhar-se sobre aquele rosto doce e adormecido e decidiu que aquela criança nunca passaria pelo que Nell e Anna tinham passado. Não lhe revelaria portanto a verdade acerca dos seus pais antes de atingir a maturidade. Dolly teria uma infância idílica cheia de risos, póneis, das lições suaves que produziam as boas maneiras e uma personalidade atenciosa - nada de papões, nem velhos para a aterrorizar, nem trabalhos árduos e ingratos. Só abraços e beijos.

Só nesse momento, ao observar o rosto docemente adormecido, é que Elizabeth percebeu finalmente o que a sua própria infância lhe fizera e admitiu o quão certo Alexander estivera no seu julgamento do Dr. Murray. «Vou falar-lhe de Deus, mas não será o deus do Dr. Murray. E também nunca permitirei que uma imagem horrenda da malignidade satânica tinja^a sua vida. E apercebo-me assim, subitamente, de que algo tão trivial^c como um quadro numa parede pode provocar tantos danos a uma vida Jovem como a verdade sobre os pais de Dolly. Não deveríamos ter de^ser aterrorizados para nos transformarmos em meninos bonzinhos, deve-

ríamos ser conduzidos à bondade por pais tão importantes para nós, que não suportássemos desapontá-los. Deus é demasiado intangível para ser compreendido por uma criança; o ónus recai sobre os pais, que deverão tornar-se pessoas que os seus filhos amem e valorizem acima de todas as coisas. Por isso não estragarei a Dolly nem lhe farei todas as vontades, mas, quando a contrariar com firmeza, fá-lo-ei de uma forma que ela respeite. Oh, o meu pai e a sua bengala! O seu desprezo pelas mulheres. O seu *egoísmo*. Vendeu-me por uma pequena fortuna e nunca gastou um único tostão desse dinheiro. A Mary tinha razão. Quando Alastair herdou o dinheiro, a Mary gastou-o em muitas frivolidades e em muitas coisas importantes. Todos os seus filhos foram educados graças a esse dinheiro, os rapazes a nível superior e as raparigas o suficiente para serem professoras ou enfermeiras. Foi uma boa mãe e o Alastair um bom pai. Que mal é que tem haver doce na mesa a todas as refeições?

«Eu devia ter-me recusado a ser vendida, apesar de a culpa também ser do Alexander, ao oferecer-se para me comprar. O meu pai só queria dinheiro, mas o que é que o Alexander queria exactamente? Oh, foi há tanto tempo! Sou casada com ele há vinte e dois anos e continuo sem saber. Uma mulher casta, certamente. Filhos, especialmente rapazes, sim. Dar uma bofetada no meu pai e no Dr. Murray... também. Mas que mais? Terá ele pensado que o dever levaria ao amor? Ter-se-á pensado capaz de transformar o dever em amor? Mas ele não estava disposto a apostar tudo no nosso casamento; manteve a Ruby de reserva, para o caso de as coisas não correrem bem. Aquela pobre mulher, tão terrivelmente apaixonada por ele e tão inapropriada para esposa. E ele acreditou que era verdade o que ela lhe disse, que jamais quieria casar-se, porque era o que ele queria ouvir. Idiota! *Eu* sei que se ele a tivesse pedido em casamento ela teria dito sim, sim, sim! E ter-se-iam amado um ao outro loucamente e, provavelmente, teriam tido meia dúzia de filhos homens. Mas ele não viu a castelã aristocrática que havia dentro da senhora de reputação duvidosa até ser demasiado tarde. Ruby, Ruby, ele arruinou-te a ti também.

Quando Dolly acordou, viu que a mamã estava ali e estendeu os braços para os beijos e abraços. Como cheirava bem depois da noite de sono descansado! Oh, Dolly, sê feliz! Aceita a verdade quando a escutares como algo que não tem um milésimo da importância do amor.

Quando desceu para tomar o pequeno-almoço na estufa, Lee estava lá com Alexander. Aquele era o Lee de que ela mais gostava, com calças de ganga velhas e uma camisa usada de mangas arregaçadas.

- Por que é que - perguntou ela aceitando a chávena de chá que Alexander lhe estendia - vocês, os homens, não cortam as mangas das camisas?

Ambos a olharam sem compreender e depois Alexander começou a rir, com os braços erguidos acima da cabeça numa expressão de triunfo. Minha querida Elizabeth, essa é uma pergunta que não tem resposta! Por que não o fazemos, Lee? Faz todo o sentido, tal como o xerez

num copo grande. Não o fazemos, acho eu - disse Lee sorrindo com aquele toque de chinês inescrutável -, porque sempre foi obrigatório que, ao encontrarmos uma senhora, o gerente de um banco ou um advogado, puxássemos imediatamente as mangas para baixo, para parecermos cavalheiros. Numa cloaca destas? Eu alinho em cortar as minhas - disse Alexander oferecendo à mulher o prato das tostas. Se alinha, eu também alinho. - Lee levantou-se. - Vou para a fábrica de cianeto... Estamos a ter problemas com a electrólise, estamos a perder demasiado zinco. Elizabeth, um seu criado.

Ela inclinou a cabeça e murmurou qualquer coisa; depois de Lee se ter ido embora, pôs manteiga numa tosta e fingiu comê-la. Que tencionas fazer hoje? - perguntou Alexander aceitando um bule de chá acabado de fazer das mãos de Mrs. Surtees. - Toma, este está quente. Passar a manhã com a Dolly e depois, talvez, ir dar um passeio a cavalo. Que tal é a nova égua? Muito simpática, embora seja difícil substituir a *Crystal*. Todas as criaturas têm de morrer - disse ele suavemente, pensando em como lhe diria que a Anna morreria em breve.

- Sim. Que nome puseste a esta, que é manchada de cinzento? *Ciou d'*Gosto. - Levantou-se olhando-a com o cenho franzido. - Elizabeth, não estás a comer. A noite passada só debicaste e hoje não estás a comer essa tosta. Vou pedir que te tragam tostas quentes. Por favor, não, Alexander. Prefiro que a manteiga não derreta. Não é o que parece.

.....

Cloud, «nuvem» em Inglês. (N. da T.)

Mas depois de dizer aquilo foi-se embora e Elizabeth pôde largar a tosta. Bebeu o chá mas, como sempre, sem açúcar; quando se levantou, teve uma tontura. Ele tinha razão, não andava a comer o suficiente. Almoço. Se o Lee anda ocupado na fábrica de cianeto, não estará cá, e se eu disser à Mrs. Surtees para o Chang fazer qualquer coisa de que eu goste muito, talvez consiga comer.

Mrs. Surtees entrou quando Elizabeth ainda estava a tentar recuperar o equilíbrio e agarrou-a. - Lady Kinross, a senhora está doente.

- Estou bem, só um pouco tonta. Não consigo comer.

Mrs. Surtees serviu mais uma chávena de chá e encheu-a de açúcar. - Tome, beba isto. Não vai gostar, mas vai fazê-la sentir-se melhor. Vou pôr um jarro de sumo de laranja na mesa do almoço. É espantoso quanto tempo as nossas laranjas duram, se as deixarmos na árvore. - Convencida de que Elizabeth bebera uma quantidade suficiente de chá durante aquela pequena homilia, sorriu e foi para a cozinha.

O chá doce resultara. Elizabeth foi à procura de Dolly sem ter discutido a ementa para o almoço. O que não fazia diferença. O Chang e a Mrs. Surtees eram perfeitamente capazes de escolher as ementas. «E eu tenho de pensar em coisas que não estejam relacionadas com o Lee...

Que foi bem sucedido na invenção de desculpas para não comer lá em casa: ou a refinaria necessitava da sua atenção, ou os génios do centro de investigação tinham um problema, ou isto ou aquilo.

Um enigma para Alexander, que gostava de falar de trabalho com Lee ao almoço mas que aceitava de boa-fé todas as desculpas que este inventava; para Alexander, aqueles eram sintomas da dificuldade que fora gerir bem a Apocalipse na ausência de Lee. Tinham terminado os tempos em que punha defeito a tudo o que Lee dizia ou fazia; presentemente, Alexander admitia que Lee era hábil, competente, sabia de tudo e *tinha* boa cabeça para os negócios. Tendo descoberto que Lee conseguia habitualmente arranjar tempo para almoçar com a mãe no hotel, dado poder fazê-lo sem ter de fazer uma viagem demorada até ao cimo da montanha, Alexander decidiu passar a almoçar no hotel também.

Constance Dewy regressara a Dunleigh; Elizabeth tinha a casa toda por sua conta. Quando se perguntava por que razão não via a Ruby, atribuía a responsabilidade dessa ausência a Lee, que se agarrava à cidade de Kinross e à base da montanha como uma carraça.

O Verão chegou muito quente e muito seco, uma massa de ar imóvel que comprimia tudo e de que era impossível escapar onde quer que fosse, dentro ou fora de casa.

Alexander dispôs do tempo necessário para construir uma piscina baixa para Dolly, à sombra de umas árvores de que as cigarras não gostavam, e ensinou-a a nadar.

- Mas é pouca água e será fácil mudá-la quando começar a ter algas ou outras ervas - disse a Elizabeth que se sentia imensamente grata por ele se ter lembrado daquilo. - Pus o Donny Wilkins a trabalhar a ideia de piscinas públicas - como manter limpa e salubre uma grande quantidade de água. Quero dizer, resolvemos o problema dos esgotos com um novo tipo de tratamento, portanto, por que não oferecer à cidade umas piscinas públicas? - Sorriu um tanto diabolicamente. - Mas insisto em piscinas *mistas*... isso não perturbará os metodistas? Não percebo por que razão o prazer de nos refrescarmos nas piscinas públicas há-de ser restringido pelo facto de as famílias não poderem brincar juntas. Pensa só no gozo que daria a um jovem ver os mamilos de uma rapariga erectos por baixo do fato de banho molhado!

Elizabeth não conseguiu evitar um sorriso. - Esse é o tipo de coisa que deverias guardar para dizer à Ruby - disse ela, sem qualquer agressividade. Onde é que pensas que fui buscar a ideia? Só que ela foi mais longe: pensa que as raparigas teriam um gozo equivalente ao verem os rapazes com os fatos molhados colados aos... hmm... Que nojo! - disse Elizabeth rindo. - Em breve não restarão quais quer mistérios.

Ele também instalou grandes ventoinhas nas extremidades dos sótãos da casa para sugar ar fresco e expulsar o ar quente. Elizabeth ficou espantada com a diferença que aquilo fazia até mesmo no andar térreo. Sem dúvida que o Hotel Kinross estava a receber o mesmo tratamento, bem como todos os edifícios grandes e, provavelmente, mais cedo ou mais tarde, o mesmo aconteceria em todas as casas com espaço suficiente por baixo do telhado. A Apocalipse subsidiava o fornecimento de gás e electricidade da cidade, portanto, tal era exequível. Alexander nunca conseguia descansar, andava sempre com ideias novas. Mas seria Lee igual quando Alexander ali não estivesse? Elizabeth não o sabia de todo Mas ic«n cA

aconteceria num futuro distante, um futuro que ela sabia como encarar. A Dolly já seria crescida e estaria casada, portanto não haveria nada que a prendesse ali. Finalmente seria livre para ir para outro sítio e sabia para onde iria: para os Lagos Italianos. Ali viveria em paz.

Nell chegou a casa para passar o Natal.

A sua aparência chocou a mãe e o pai. *Maltrapilha!* Os vestidos horríveis tinham-se tornado ainda mais horríveis: completamente disformes, num algodão que já vira muitas lavagens em tons baços de castanho e cinzento. Cores que não lhe ficavam bem, que não realçavam o azul dos seus olhos nem a cor cremosa da sua pele. Não possuía um único par de sapatos, só botas rasas atacadas até acima dos tornozelos; usava meias castanhas de algodão grosso, roupa interior de algodão, luvas de cano curto de algodão branco. O único chapéu que tinha era o usado pelos trabalhadores chineses. Temos mais ou menos o mesmo corpo, excepto no que respeita à altura - disse Elizabeth na tarde do dia de Natal quando esperavam um grande grupo para o jantar. - Tenho um vestido novinho em folha em *chiffon* lilás que acharás muito confortável e a Ruby mandou um par de sapatos porque diz que calçam o mesmo número. Mandou também um par de meias de seda. Não precisas de usar espartilho... a nova moda não os exige se não se gostar de os usar. Oh, Nell, ias ficar tão linda com o *chiffon* lilás! Tu... flutuas. Reparei logo nisso. Isso é porque eu ando sem dar às ancas nem ao rabo - disse a sua filha pouco impressionável. - Chamo-lhe o andar disciplinado. Não se pode andar a abanar o rabo pelas enfermarias dos hospitais... seria crucificada por qualquer OMH. OMH? Oficial Médico Honorário. Os tipos importantes da medicina privada que distribuem as camas. Imaginas uma coisa destas? - perguntou Nell furiosa. - Já vi o átrio do Hospital Prince Albert a abarrotar com uma *centena* de homens, mulheres e crianças pobres à espera de uma cama e só havia *uma* cama disponível, pois os OMHS monopolizam-nas para os doentes que pagam! Alguns dos pobres morrem quando ainda estão à espera. Oh - disse Elizabeth desanimada. Tentou novamente. - Veste o *chiffon* lilás, Nell, por favor! Ias fazer o teu pai muito feliz. Não, uma porra é que visto! disse Nell ferozmente.

No entanto, fez um esforço para ser simpática durante o jantar; Elizabeth sentara Lee ao seu lado e Donny Wilkins do outro, decidindo que, se tudo o resto falhasse, os três poderiam falar de minas. Mas a Nell tinha um aspecto tão estranho, tão sombrio e... bem, *masculino*.

Foi Ruby quem foi direita ao cerne da questão assim que os convidados se levantaram e passaram para o salão grande. Ela própria estava magnífica, com um vestido de seda laranja-escuro, macio e sumptuoso, com um cinto de elos de ouro ligados com âmbar. Como Nell sempre gostara muito dela, não levantou objecções quando Ruby se apropriou de um par de cadeirões, empurrou Nell para um e se instalou no outro, os olhos verdes um tanto amarelados devido aos tons dourados e alaranjados. A sua figura, Nell teve de reconhecer, voltara a ser soberba após o aumento de peso temporário e inusitado; não era nada provável que Ruby morresse de apoplexia. Na verdade, Ruby provavelmente já descobrira uma forma de nunca morrer. Não terias morrido se te tivesses arranjado um pouco - comentou Ruby acendendo uma cigarrilha. Essas coisas ainda te *matam* - foi a resposta de Nell. Não desvies a conversa, Nell. Sabes qual é o teu problema? É simples. Estás a tentar transformar-te num homem. Não, estou só a tentar não recordar a ninguém que sou mulher. Grande diferença. Que idade tens? Faço vinte e dois no dia de Ano Novo. E aposto que continuas virgem.

Um forte rubor tingiu as faces de Nell; os seus lábios estreitaram-se. - Não tens nada a ver com isso, titi Ruby! - ripostou.

- Sim, tenho, Miss Medicina. Sabes qual é o aspecto dos pedaços todos. Sabes como todos funcionam. Mas não fazes a porra da mínima *ideia* do que é a vida e isso é porque não tens uma vida. És só trabalho, Nell. Uma máquina. Tenho a certeza de que és brilhante em tudo o que agrada aos teus professores. Tenho a certeza de que eles te respeitam mesmo que preferissem não o fazer, dado seres uma mulher. Tu abriste caminho para a carreira da tua escolha como o teu pai escava esta montanha. Todos os dias vês a morte ou uma tragédia qualquer.

Regressas a

casa, naquele apartamento na Glebe Point Road e está lá a tua irmã moribunda, mais um horror. E, no entanto, não tens vida própria. E se não tens,

Nell, faltará qualquer coisa na forma como encaras os teus pacientes, por mais bondade e compaixão que pareças ter por eles. Escapar-te-á um

qualquer elemento vital, um qualquer facto pequeno e humano que poderia fazer toda a diferença num diagnóstico.

Os olhos azuis e brilhantes olhavam-na, sobressaltados e confusos, como se olhassem para uma estátua que tivesse ganho vida. Mas Nell não disse nada, a sua ira transformada em cinzas na lareira fria e escura da realidade.

- Querida Nell, não te refugies num molde tão masculino que acabe por arruinar a tua carreira. Concordo que as tuas roupas são absolutamente adequadas para o trabalho no hospital e no laboratório, mas não são adequadas para uma mulher jovem e cheia de vitalidade que deveria sentir-se orgulhosa da sua feminilidade. Rebentaste com as barreiras, mas para quê dar à merda dos homens a vitória de te transformares tu própria num deles? Não tarda nada estarás a vestir calças - mais uma vez uma escolha sensata para certos ambientes - mas não te pode crescer uma pila, por muitos tomates que tenhas. Portanto, faz umas mudanças antes que seja tarde demais. Não me vais dizer que não há festas e bailes na Escola de Medicina, alturas em que poderás lembrar a esses filhos da mãe que és uma mulher como deve ser. Lembra-lhes isso, Nell! E guarda as roupas práticas para ocasiões adequadas. Sai com uns quantos rapazes mesmo que eles não te atraíam. Tenho a certeza de que os conseguirás deter se eles se tornarem demasiado atrevidos. E se houver um por quem te sintas mesmo atraída, desenvolve a relação! *Magoa-te!* Sofre um pouco por ti própria! Passa por todas aquelas dúvidas horríveis quando a relação terminar e tu te convenceres de que a culpa foi tua, não dele, teve de ser tua. Olha para o espelho e chora. Isso é que é viver a vida.

Tinha a boca seca; Nell engoliu em seco e humedeceu os lábios.

- Compreendo. Tens toda a razão, titi Ruby.

Acabou-se essa história da titi, a partir de agora sou só Ruby. Esticou os dedos, dobrou-os e esticou-os novamente, olhando-os, furiosa. Os meus dedos esta noite não se estão a portar bem - disse. - Toca para mim, Nell - respirou fundo -, mas não toques Chopin. Toca Mozart.

Era a sua forma de descontrair e Nell não negligenciara o piano. Sorriu a Ruby e dirigiu-se ao piano, envolta naquele vestido castanho horrível, preparando-se para deleitar os convivas com peças alegres de Mozart e de Liszt. Mais tarde, Ruby acompanhou-a em duetos de ópera e o Natal terminou com todos os convidados a cantarem as suas canções preferidas, desde *I'll Take You Home Again*, Kathleen a *Two Little Girls in Blue*.

E quando chegou o jantar de aniversário de Nell, no Dia de Ano Novo, ela vestiu o vestido de *chiffon* lilás. Estava-lhe demasiado curto, mas as meias de seda de Ruby e os elegantes sapatos lilases transformaram o defeito em virtude: as pernas de Nell, visíveis sob o vestido, eram bem feitas. O cabelo fora penteado por forma a beneficiar o rosto comprido que revelava a estrutura óssea e as ametistas de Elizabeth brilhavam em torno do seu pescoço elegante. Satisfeita, Ruby viu a admiração e espanto no rosto de Donny Wilkins e o deleite no rosto do pai da rapariga. «Linda menina, Nell! Salvaste a pele e foste mesmo a tempo. Quem me dera que o Lee olhasse para ti da mesma maneira que o Donny, mas os olhos dele estão fixos na tua mãe. Meus Deus, que história!

Nell partiu dois dias depois, mas não sem ter antes falado com Elizabeth acerca de Anna. A conversa com o pai fora muito dolorosa, embora pudesse talvez enquadrar-se na definição de Ruby do que era sofrer por si própria, sendo, portanto, viver a vida. Detesto sobrecarregar-te com esse fardo, Nell - disse Alexander -, mas sabes perfeitamente como são as coisas entre mim e a tua mãe. Se for eu a dizer-lhe o que vai acontecer à Anna, ela recolhe-se no interior da sua concha e não terá qualquer apoio no seu desgosto. Se fores tu a dizer-lhe, há pelo menos uma possibilidade de ela exteriorizar o seu desgosto. Sim, eu sei, pai. - Nell suspirou. - Fá-lo-ei.

E fê-lo, ela própria em lágrimas, o que deu a Elizabeth a oportunidade de abraçar outro corpo, de chorar da forma violenta que acompanha o sofrimento terrível, impotente e desesperado. O maior receio de Nell era que Elizabeth pedisse para ver Anna, mas ela não o fez. Era como se, naquele erupção de dor, tivesse fechado uma porta.

Lee conduziu Nell do topo da montanha até ao comboio; Alexander estava ocupado com uns rebentamentos, algo que gostava de continuar a fazer ele próprio, e Elizabeth desaparecera, com um chapéu grande na cabeça, aparentemente para se ir lamentar junto das rosas que tinham conseguido sobreviver ao calor.

Nell nunca conhecera Lee muito bem e sentia que o seu tipo de encanto exótico era um tanto reptilíneo. Algo que, caso conhecesse a metáfora de Elizabeth, teria feito mais sentido. Mesmo com as roupas de trabalho, era um cavalheiro dos pés à cabeça, com uma dicção tão perfeita como a de um duque; no entanto, sob a superfície, havia algo de

perigoso, fluido e retorcido, misterioso e, no entanto, ofuscante. Era um homem muito viril, contudo, um tipo de homem que não compreendia e de que não conseguia gostar. A reacção alérgica que ele lhe provocava impedia-a de se aperceber da sua suavidade, da sua honorabilidade total e da sua fidelidade. Voltas então para a labuta do hospital? - perguntou-lhe enquanto desciam no elevador. Sim. E gostas? Gosto. Mas não gostas de mim. ,Não. E porquê? Puseste-me no meu lugar uma vez... Otto von Bismarck? Meu Deus! Não devias ter mais do que seis anos. Mas continuas a ser convencida, pelo que vejo. É uma pena.

Não voltaram a falar até terem chegado à estação dos comboios e ele ter levado as malas dela para a carruagem privativa. Isto é horripelantemente sibarítico - disse ela olhando em volta. - Nunca me hei-de habituar. Tudo isto desaparecerá a seu tempo. Não regateies ao Alexander os frutos do seu labor. Que queres dizer com «desaparecerá a seu tempo»? Isso mesmo. Os impostos acabarão por tornar impossível um tal..

•
hummm... horror sibarítico. Mesmo assim, a primeira classe e a segunda classe existirão sempre. O meu pai ama-te até à morte - disse ela abruptamente, sentando-se. Eu também o amo até à morte. Eu desapontei-o, ao ir para Medicina. Sim, desapontaste. Mas não o fizeste com qualquer espírito de vingança. Isso tê-lo-ia ferido mais profundamente. Eu *devia* amar-te. Porque é que não consigo?

Lee pegou-lhe na mão e beijou-a. Espero que nunca venhas a descobrir, Nell. Adeus.

E foi-se embora. Nell sentou-se ao som do apito do comboio e da cacofonia de ruídos do comboio que anunciavam a sua partida iminente - ele auerido dizer? Depois procurou dentro

da sacola enorme e tirou um manual de medicina; passados instantes, já esquecera Lee e a natureza sibarítica da carruagem privativa do pai. O ano seguinte seria o antepenúltimo, assombrado por exames que metade dos estudantes reprovariam. Bem, Nell Kinross não iria reprovar, mesmo que para tal não vivesse a vida. Que se lixassem os namorados... quem é que tinha tempo para essas coisas?

O Verão continuou implacavelmente quente mesmo até ao fim, o que aconteceu a quinze de Abril de 1898.

Anna morreu com ataques epilépticos ao início da manhã do dia catorze, aos vinte e um anos. O seu corpo foi transladado para Kinross, onde foi celebrada uma discreta cerimónia fúnebre junto à campa, no cimo da montanha, a que assistiram apenas Alexander, Nell, Lee, Ruby e o Reverendo Peter Wilkins. Alexander escolhera o local, não distante de uma das suas galerias, sombreado por eucaliptos enormes com os troncos alvos de brancura; pareciam uma fila de colunas. Elizabeth não esteve presente: ficou a tomar conta de Dolly, que brincava na sua piscina do outro lado da casa. Nell concluiu que a porta se fechara para sempre.

Mas mais tarde, depois de Lee, Ruby e o Mr. Wilkins terem descido a montanha e de Nell estar na biblioteca com o pai, Elizabeth aproximou-se do monte de terra bem-cheirosa e recentemente mexida, depositando ali todas as rosas que conseguira encontrar.

- Descansa em paz, minha pobre inocente - disse e internou-se no mato.

Para norte, o céu era uma massa imensa de nuvens tempestuosas cor de anil, com as arestas curvadas em vagas esbranquiçadas e geladas semelhantes a vagas alterosas e tremendas rugindo no mar; o último suspiro do Verão seria um cataclismo. Mas Elizabeth nem deu por isso enquanto abria caminho por entre a vegetação, seca e esparsa devido à falta de chuva, abandonada pelos seus habitantes devido ao receio da tempestade que se aproximava. A sua mente estava vazia de quaisquer pensamentos conscientes, vibrando apenas com um milhão de recordações de Anna que ^a cegavam para o céu, para o mato, para o dia, para a imagem de si própria.

A tempestade aproximou-se; abateu-se uma escuridão misteriosa, com uma fragrância sulfurosa e o cheiro doce e enjoativo do ozono. Sem qualquer prelúdio, raios e trovões brilharam e rebentaram em simultâneo, Elizabeth não reparou. Só voltou a si quando já estava encharcada até ^aos ossos pelo que parecia ser uma cascata e só recuperou a consciência Porque o carreiro por onde seguia se tinha transformado num riacho e a

terra em lama tão escorregadia que ela não conseguia manter o equilíbrio. Isto é como devia ser, pensou sonhadora, avançando de gatas, cega pela chuva. É como deve ser. Como tem de ser.

- Graças a Deus que o tempo mudou - disse Nell a Alexander, observando o início da tempestade pela janela arredondada da biblioteca.

Ele sobressaltou-se convulsivamente. - A campa da Anna! - gritou. - Tenho de a cobrir!

E correu sob a chuva enquanto Nell se dirigia para a cozinha gritando para que o fossem ajudar.

Quando regressou vinha encharcado e tremia; a temperatura descera abruptamente em poucos minutos e levantara-se um vendaval uivante. Estava tudo bem, pai? perguntou Nell estendendo-lhe uma toalha. Sim, cobrimo-la com uma lona alcatroada. Batia os dentes.

O mais estranho é que já estava coberta. Com rosas.

Afinal, ela foi lá - disse Nell limpando as lágrimas. - Vai mudar de roupa, pai, ou ainda apanhas uma pneumonia.

Não há risco de incêndios no mato provocados pela queda de raios, no meio de um dilúvio destes, pensou Nell indo à procura da mãe.

Peony estava a dar o jantar a Dolly... Será assim tão tarde?, pensou Nell. A tempestade distorcera o tempo, apagara o sol.

- Onde está Miss Lizzy?

Peony ergueu os olhos; Dolly acenou-lhe alegremente com o garfo.

- Não sei, Miss Nell. Ela entregou-me a Dolly... oh, há umas boas duas horas.

Quando Nell atravessava o átrio, Alexander saiu da sua suíte com um ar cansado mas estranhamente aliviado; com o falecimento de Anna, o pior já passara. Todos eles poderiam respirar um pouco melhor. Pai, viste a mãe? Não, porquê? Não consigo encontrá-la.

Revistaram a casa desde os sótãos até às caves e depois procuraram nos barracões e anexos, mas em vão. Elizabeth não estava em sítio nenhum.

Alexander começou a tremer novamente. - As rosas disse lentamente. Ela afastou-se em plena tempestade. Pai, ela não faria uma coisa dessas! Então onde está? Ficando subitamente com um aspecto que deixava transparecer a sua idade, Alexander dirigiu-se para o telefone.

- Vou avisar a esquadra da polícia e vamos organizar uma batida.

Pai, agora não! É quase noite e chove a cântaros. Só vais fazer com que metade do grupo se perca... mais ninguém conhece a montanha, a não ser nós! Então o Lee. Ele conhece a montanha. E o Summers também. Sim, o Lee e o Summers. E eu.

Quando Lee e Summers chegaram com impermeáveis e botas, Alexander já reunira bússolas, lanternas de mineiro e frascos de querosene e outras coisas que pensou poderem ser necessárias; ele próprio vestido para enfrentar os elementos, estava debruçado sobre um mapa topográfico da montanha enquanto Nell andava de um lado para o outro parecendo frustrada.

- Tu és quase médica, Nell, preciso de ti aqui - dissera-lhe ele quando ela implorara que a deixasse ir também.

Não era discutível, mas não ter nada para fazer não se adequava a Nell. Lee, tu vais ocupar-te do perímetro mais largo, o que significa que terás de levar o meu cavalo ordenou Alexander. O Summers e eu procuramos mais perto de casa, pois duvido que tenha podido afastar-se

muito devido à tempestade e ao seu estado de espírito. *Brandy* - disse entregando-lhes uns frascos. - Felizmente o tempo está a aquecer outra vez, mas vamos precisar disto na mesma. É melhor que a encontremos esta noite - disse Summers pondo a mochila às costas. - A chuva está para durar, o rio vai tornar-se uma torrente e pode muito bem acontecer que amanhã esteja toda a gente de masiado ocupada a combater as cheias para conseguirmos reunir um bom grupo de buscas. Vamos apanhá-la antes que ela se afaste muito, é essa a ideia, não é, Sir Alexander?

Que grande conforto, pensou Nell ao ver os três homens partirem enquanto ela, quase médica, era deixada para trás. Oh, como admirava o pai! Tratara de tudo enquanto esperava por Lee e Summers; os turnos da noite na mina tinham sido cancelados, os empregados mandados para casa, Sung Po fora alertado para a probabilidade de uma cheia, tinham sido chamados voluntários para encher os sacos de areia no caso de o rio saltar as margens. Quando tentara entrar em contacto com Lithgow, descobrira que a linha fora cortada, o que significava que não havia comunicações com Sydney.

Oh, Anna, pensou Nell empilhando os manuais em cima de uma a, que te fez a vida para teres uma partida tão repleta de dor? •

Mrs. Surtees entrou tentando disfarçar a ansiedade. - Miss Nell, ainda não comeu nada. Acha que consegue comer uma omeleta?

- Sim, obrigada - disse Nell calmamente. - Gostaria muito. - Não fazia sentido estar demasiado fraca para lidar com o que quer que fosse que os homens trouxessem... Rezava para que a mãe estivesse bem!

Naquela época, a montada de Alexander era uma bela égua castanha, dócil e robusta. Lee ainda não avançara muito quando tirou a gabardina e o quebra-vento, os enrolou e guardou num alforge da sela. O vento virara e soprava agora de Nordeste o que provocara uma subida de temperatura que tornava a chuva menos gelada; era mais fácil examinar o terreno sem o maldito chapéu na cabeça e a gabardina a esvoaçar a cada rajada. A lanterna de mineiro, com a lente ajustada para permitir a passagem de um foco de luz o mais estreito possível a partir da chama do pavio aceso, não fora concebida para tempo húmido, mas as outras lanternas não produziam uma luz suficientemente forte para aquele tipo de trabalho. Mantinha a lanterna abrigada da chuva com o chapéu de abas largas e mudava-a incansavelmente de mão para mão enquanto incitava o cavalo a continuar a passo de caracol.

A notícia do desaparecimento de Elizabeth atingira-o como uma pancada mortal, só que a morte era lenta e não rápida. Não a vira naquela tarde no enterro de Anna, apesar de ter sentido um cheiro no ar que nada tinha a ver com a tempestade que se aproximava. Era como se o medo, a culpa e a desorientação andassem no ar. Só sabia o que Ruby lhe contara: o suficiente. Tinham tido muitas conversas desde que ela descobrira o que se passava, conversas que preenchiam os imensos espaços vazios no conhecimento que Lee tinha daquele casamento triste e condenado.

A sua mente tinha cedido, tinha a certeza disso. E Ruby também exprimira a mesma convicção, quando se despedira dele no exterior do hotel.

- A pobrezinha enlouqueceu, Lee, e desapareceu no mato para morrer como um animal ferido.

Mas ela não podia morrer! Não podia morrer! Nem ele podia permitir que enlouquecesse. Trocar Anna por Elizabeth naquela cela de grades? Não, nem que tivesse de dar a sua vida para o evitar! No entanto, no que é que isso a beneficiaria a ela que, presentemente, até gostava dele mas apenas como um amigo mais ou menos distante?

Desmontou várias vezes para seguir um movimento ligeiro que não lhe parecera ser de folhas empurradas pelo vento, mas não encontrara

nada. A égua castanha, uma montada boa e diligente, chapinhava sem se queixar. Passou uma hora e outra e outra; estava agora a três quilómetros da casa e continuava a não haver sinais dela. Alexander decidira usar dinamite para avisar que ela fora encontrada, mas Lee duvidava que fosse capaz de ouvir a explosão com o barulho do vento, da chuva e dos ramos das árvores. Oxalá Alexander ou Summers a tivessem encontrado mais perto de casa! Se tivesse conseguido chegar tão longe, era capaz de estar a três metros dele e continuar invisível.

Depois, passando a lanterna de uma mão para a outra por cima da cabeça do cavalo, viu qualquer coisa a esvoaçar presa a um daqueles arbustos espinhosos que tornavam os passeios no mato desconfortáveis para os ignorantes. Conseguiu alcançá-lo debruçando-se da sela e esticando o braço. Um pedaço de tecido fino de algodão. Branco. Ela trazia um vestido branco, dissera Nell, um dos pouco factos encorajadores que lhe tinham sido comunicados antes de partir. O que indicava provavelmente a perda da razão e não a perda da vontade de viver. Se ela estivesse determinada a morrer, provavelmente teria vestido qualquer coisa tão escura como a noite.

Saíra do mato mais espesso e alcançara uma vereda que conduzia ao Lago onde nadara havia uma eternidade e pensou se ela teria entrado naquela vereda quase imediatamente após se ter afastado da campa de Anna. Havia mais sinais da sua passagem, no fim avançara de gatas, se é que as marcas enlameadas nos locais onde o caminho estava mais protegido dos elementos serviam de indicação.

Quando a viu aninhada numa rocha junto ao lago, a alegria varreu-lhe tudo o resto da mente, pois ela não estava morta; estava sentada toda curvada, com os braços em torno dos joelhos e o queixo apoiado neles, uma pequena criatura branca que atingira os limites das suas forças.

Deslizou de cima do cavalo, atou as rédeas a um ramo e aproximou-se dela silenciosamente, inseguro quanto à forma como reagiria à sua Presença, aterrorizado com a possibilidade de a assustar, fazendo com que fugisse novamente. Mas ela não se mexeu, nem mesmo depois da súbita rigidez da sua postura lhe dizer que sabia que havia alguém ali.

- Vieste para me levar de volta - disse muito cansada.

Não lhe respondeu porque não sabia qual seria a melhor forma de o

Responder.

Está bem, Alexander, eu sei que não posso fugir. Mas precisava de vir até ao Lago. Suponho que deves pensar que enlouqueci, mas não. Não verdadeiramente. Só precisava de vir até ao Lago.

Ele aproximou-se o suficiente para lhe poder tocar mas, em vez de o fazer, sentou-se ao seu lado, de pernas cruzadas, com as mãos pendendo dos joelhos. Oh, o alívio! Parecia exausta mas, tal como ela própria dissera, não estava louca. Por que veio até ao lago, Elizabeth? - perguntou, sobrepondo a voz ao vento e à chuva. Quem está aí? É o Lee, Elizabeth. Ohhhh - fez ela com uma voz arrastada. - Continuo a sonhar! É *mesmo* o Lee. Não está a sonhar, Elizabeth.

O depósito da lanterna de mineiro estava quase vazio, mas projectava uma luz fraca desde o local onde estava pousada na rocha, junto ao seu joelho, que mal lhe chegava às mãos; ela virou a cabeça para as estudar. As mãos do Lee - disse. - Reconhecê-las-ia em qualquer parte.

Ele ficou sem respiração e começou a tremer. - Porquê? Porque são lindas.

Uma dessas mãos estendeu-se para soltar as dela do aperto em torno dos joelhos, o braço passando-lhe pelas costas para a virar na sua direcção. - Elas amam-na - disse -, bem como o resto de mim. Sempre a amei, Elizabeth. Sempre a amarei, para sempre.

Uma luz tão fraca que, no entanto, pareceu brilhar como o Sol quando incidiu nos seus olhos antes de estes se fecharem para sentir o seu primeiro beijo, macio e hesitante, adequado a um momento aguardado durante metade de uma vida.

Demasiado aterrorizado pela ideia de a perder e pela natureza do próprio momento para pensar em ir aos alforjes buscar os cobertores, a gabardina e a reserva de querosene, ele deitou-a nas suas próprias roupas e ela estava de tal modo exaltada, que nada sentia a não ser a sua boca, as suas mãos, a sua pele. Quando ele lhe libertou os ombros do vestido para lhe descobrir os seios e os apertar contra o seu peito, sentiu um qualquer prazer agudo que a atingiu até ao âmago e lhe arrancou um gemido. E no entanto este continuava, continuava, continuava...

Quem sabe quantas vezes eles fizeram amor naquela cama dura sob a chuva? Certamente a lanterna não o saberá, pois a sua chama foi diminuindo,

transformando-se num ponto vermelho e acabando por se extinguir completamente.

Mas, por fim, Elizabeth caiu num sono exausto e Lee, totalmente desperto e maravilhado com o que acontecera e com ela, foi forçado a lembrar-se da realidade. Apesar de deixá-la lhe provocar uma dor física, arrastou-se até ao cavalo paciente para ir buscar a reserva de querosene e o relógio: três da manhã. Amanheceria tarde, devido aos céus tempestuosos e à chuva, mas a aurora não tardaria mais do que duas horas. Ter sido ele a encontrá-la significava que os outros não o tinham feito, e um Alexander fora de si estaria pronto para partir de madrugada com todos quantos não fossem necessários para estancar a cheia em Kinross. O nível das águas do Lago subira consideravelmente e continuaria a subir; de qualquer forma, teria de mudar Elizabeth de sítio. E como iriam eles lidar com aquilo? A única coisa que não podia permitir que acontecesse era que Alexander os encontrasse enlaçados como os amantes que se tinham tornado.

Lee tirou os alforjes da égua e levou-os para junto da rocha, destapando o frasco de *brandy*.

- Elizabeth! Elizabeth, meu amor! Elizabeth, acorda!

Ela mexeu-se mas resmungou qualquer coisa e voltou teimosamente a adormecer; foram-lhe necessários vários minutos para a persuadir a sentar-se, mas, depois de beber um pouco de *brandy*, ficou totalmente desperta, a tremer.

- Amo-te - disse com uma mão em cada uma das suas faces. - Sem pre te amei.

Ele beijou-a, mas afastou-se antes que tudo recomeçasse novamente; ela estava gelada até aos ossos e aguentava-se apenas devido à excitação da noite e ao calor do corpo dele.

- Veste-te - disse ele; não era uma ordem, era um pedido. - Temos de ir antes que o Alexander monte uma busca em larga escala.

Estava demasiado escuro para poder distinguir-lhe a expressão, mas Podia sentir a ansiedade e a tensão apropriarem-se dela a menção daquele nome. Vestiu as roupas; ele embrulhou-a num cobertor e, por cima deste, pos a gabardina, depois encheu novamente o depósito da lanterna para ter uma luz que os guiasse.

Tens sapatos? Não, perdi-os.

Foi muito difícil içá-la para o dorso do cavalo; ainda assim, quando ele próprio se sentou na sela e a agarrou firmemente, podiam falar enquanto cavalgavam, refreando a égua que pressentia a casa e um estábulo quente à sua espera naquela direcção. Amo-te começou ele não querendo começar de nenhuma outra forma.

E eu amo-te a ti. A coisa, no entanto, é mais complicada do que isso, minha querida

Elizabeth. Sim. Há o Alexander - disse ela. O que queres fazer? perguntou ele. Ficar contigo disse ela simplesmente. Não suportaria simplesmente perder-te, Lee. És demasiado precioso. Virás então embora comigo?

Mas a realidade também se apossara dela; ele sentiu-a encolher-se contra ele e sentiu-a suspirar. - Como posso fazê-lo, Lee? Não me parece que o Alexander me deixasse ir. E, mesmo que deixasse, ainda tenho a Dolly para cuidar. Não posso abandonar a filha de Anna. Eu sei. Então o que queres fazer? Ficar contigo. Terá de ser um segredo, pelo menos até eu conseguir pensar com mais clareza. Estou tão cansada, Lee! Então será o nosso segredo. Quando te voltarei a ver? - perguntou ela, alarmada. Não antes de a chuva parar, meu doce amor. Se tivermos cheias,

não antes de uma semana, no mínimo. Esperemos uma semana, em qual quer caso. Oh, vou morrer! Não, irás viver... por mim. Encontrar-nos-emos no Lago sete dias a contar desta madrugada. O que quer dizer que será de tarde, não é? Sim. Achas que serás capaz de guardar o nosso segredo? Eu mantive-me secreta desde que casei com o Alexander, portanto por que haveria isto de ser diferente? Dorme. E se acontecer qualquer coisa e não puderes vir? Saberás pelo Alexander, pois estarei com ele. Dorme, minha querida.

Quando Lee se aproximou da casa, pouco depois do amanhecer, gritando que encontrara Elizabeth, a sua forma adormecida foi entregue suavemente a um Alexander pálido e trémulo, que a levou para dentro de casa e a entregou a Nell. Quando voltou a sair, transbordante de gratidão, descobriu que Lee entregara a égua a Summers e fora para casa, para junto de Ruby. É estranho - observou Alexander de cenho franzido. Oh, não sei, Sir Alexander - disse Summers com uma lógica

soberba. - O pobre desgraçado estava encharcado até aos ossos e é um homem muito mais pesado do que o senhor. As suas roupas não lhe serviriam, pois não? É verdade, Summers. Não me lembrei disso.

Passaram portanto trinta e seis horas até que Lee tivesse de suportar os agradecimentos fervorosos de Alexander, feitos no hotel após aquilo que Alexander disse ter sido uma visita ao velho Brumford, o seu advogado. A Elizabeth está bem? - perguntou Lee, sentindo que demonstrar

ansiedade naquelas circunstâncias era natural. Sim, surpreendentemente. A Nell está um tanto confundida. Estava toda preparada para enfrentar tudo, da pneumonia à febre cerebral, mas depois de um sono de vinte e quatro horas, a Elizabeth acordou esta manhã fresca como uma alface e depois comeu um pequeno-almoço descomunal.

Alexander, contudo, parecia estar tudo menos fresco; tinha os olhos vermelhos e o rosto pálido. Apesar de ser evidente que tentava parecer alegre, não estava a ser bem sucedido. E o Alexander, *está* bem? - perguntou Lee. Oh, meu Deus, sim, perfeitamente! Só apanhei um susto, aquilo ter acontecido assim, inesperadamente. Não sei como te agradecer, meu rapaz. - Olhou para o relógio de pulso em ouro. - Tenho de levar a Nell ao comboio. Mas que rapariga formidável! Contigo novamente ao meu lado, consigo desejar-lhe felicidades na Medicina.

Não era nada que Lee desejasse ouvir, embora se sentisse aliviado com a notícia de que Nell ia sair de Kinross. Uma rapariga formidável, mas perspicaz como tudo e nada amiga dele... nem, suspeitava-o, da sua mãe.

Odeio isto!», pensou Lee. «Todos estes subterfúgios e dissimulações. Só há uma coisa pior do que ter a Elizabeth assim: é não a ter de todo. Nem sequer posso contar à minha mãe o que aconteceu.

Não tinha de o fazer. Assim que ele entrara no hotel escorrendo água para a carpete, Ruby soubera.

«Perdi o meu filho. Ele entregou-se a Elizabeth. E este é o único assunto que não me atrevo a discutir com ele. Ele detesta esse facto, mas ama-a. Desejar é uma coisa, obter-se aquilo que se deseja é outra totalmente diferente. Oh, oxalá isto não o mate! Só me resta acender velas no antro de santidade que é a igreja daqueles labregos. Meu Deus, Mrs. Costevan - disse o velho Padre Flannery (concedia-lhe sempre a dignidade de tratamento devido a uma mulher casada) -, não tarda nada começa a vir à Missa. Pff... isso é que era bom! - rosnou Ruby. - Não fiques com esperanças, Tim Flannery, sua velha esponja! Eu só gosto de acender velas!

E talvez ela goste mesmo, pensou o padre, apertando o maço de notas que ela lhe enfiara na mão. Tinha ali dinheiro suficiente para beber do melhor *whisky* irlandês durante meses.

Elizabeth acordou num mundo inteiramente novo, que não soubera - não podia saber - que existia. Amava e era amada. Durante o sono, nos períodos em que sonhara, sonhara com Lee, mas acordar e saber que eram imagens reais...! Um qualquer mecanismo nos seus processos mentais apagara toda a memória da visita à campa de Anna, das rosas e de se ter internado no mato, levada por um impulso cego como um animal que procura a casa, concentrada apenas em chegar ao Lago. Do que se recordava era de Lee a ter encontrado ali e de todas as emoções e sensações maravilhosas, belas e gloriosas que se tinham seguido. Ter vivido casada durante vinte e três anos sem nunca ter percebido o que era o casamento!

Tinha uma sensação diferente no corpo; como se este pertencesse realmente à sua alma e não mais como se fosse uma gaiola que aprisionasse a sua alma. Quando acordou, não a afligia qualquer dor ou sofrimento, nem mesmo uma leve rigidez. «Eu estava morta e o Lee deu-me a vida. Com quase quarenta anos de idade, esta é a primeira vez que provo a felicidade pura.

- Bem, estás finalmente desperta! disse uma voz brusca. Nell aproximou-se da cama. - Não posso dizer que estivesse preocupada, mamã, mas dormiste quase vinte e quatro horas.

«

- Dormi? - Elizabeth bocejou, espreguiçou-se e ronronou.

Os olhos argutos da filha estavam fixos no seu rosto e tinham uma expressão de espanto. Se ao menos Nell soubesse. Esta era uma daquelas situações em que a sua própria ignorância da vida a cegava para aquilo que alguém mais experiente teria visto imediatamente. - Estás com um aspecto absolutamente magnífico. E sinto-me magnífica - disse Elizabeth erguendo novamente a guarda. - Causei muitos problemas? Não era minha intenção. Estávamos desesperados, especialmente o papá... fiquei preocupada com ele. Lembras-te do que fizeste? No que estavas a pensar? Não - disse Elizabeth sem faltar à verdade. Deves ter andado quilómetros. O Lee encontrou-te. Foi? - Ergueu os olhos para Nell com uma curiosidade moderada e nada mais. Elizabeth era perita em segredos. Sim. Levou o cavalo do pai... Nunca ocorreu a qualquer um de nós que andasses à velocidade da luz com um tempo daqueles, pelo que Lee tinha a zona menos provável. O pai teria preferido encontrar-te ele próprio. Nell encolheu os ombros. Mas não interessa quem te encontrou...

o importante é teres sido encontrada.

«Não, pensou Elizabeth, «o importante foi o Alexander não ter partido a cavalo. Nesse caso teria sido o Alexander a encontrar-me e eu continuaria sua prisioneira. Suponho que estava uma desgraça? perguntou. Isso é pôr as coisas de uma forma suave, mamã! Estavas coberta

de lama e sujidade. Deus sabe do quê. A Pearl e a Silken Flower levaram séculos para te limpar. Não me lembro de me terem dado banho. Porque estavas profundamente adormecida. Tive de me sentar na ponta da banheira para te manter a cabeça fora de água. Meu Deus! - Elizabeth atirou as pernas para fora da cama. - Como está a Dolly? O que é que ela sabe? Só que estiveste doente mas que agora já estás boa. Sim, estou boa. Obrigada, Nell, gostava de me vestir. Precisas de ajuda? Não, posso cuidar de mim.

Ao inspeccionar o corpo em dois espelhos de corpo inteiro, viu que tinha cortes e nódoas negras em abundância - estranho, não lhe doíam - •nas nada que revelasse o que acontecera no Lago. Fechou os olhos e descontraíu-se, aliviada.

Alexander veio vê-la um pouco mais tarde. Com os olhos muito abertos, Elizabeth olhou-o como se nunca o tivesse visto. Quantas vezes fizera ele amor com ela entre a noite do casamento e o início da sua doença, quando engravidara da Anna? Não contara, mas tinham sido muitas vezes. No entanto, ela não o vira, nem quisera vê-lo, nu, uma única vez. Ele apercebera-se disso e não insistira. Mas só agora, devido ao que tinha feito com Lee, é que percebia a razão. Onde não há amor nem desejo físico, nada é capaz de melhorar as coisas. E, sim, Alexander fizera o que pudera para alterar a situação. Mas era um homem impetuoso e directo, cujos desejos físicos reflectiam a sua natureza; de forma nenhuma grosseiro, antes *cultivado*. Nunca tremi de desejo por ele», pensou. «Não existe nada nele, nada que me pudesse fazer me levaria àquele estado exaltado e extasiado que conheci com o Lee. Não teria suportado mais ter um pedaço de pano entre o meu corpo e o de Lee do que teria suportado afastá-lo de mim. Não me teria importado se o mundo inteiro estivesse a ver, nem me teria importado que o mundo acabasse quando as mãos de Lee estavam na minha pele e as minhas na dele. Quando ele me disse que sempre me amara e sempre amaria, foi como um regresso a casa. E, no entanto, como poderei dizer a este homem qualquer uma destas coisas? Mesmo que ele suportasse ouvi-las, não seria sequer capaz de as entender. Não sei o que acontece entre ele e a Ruby; sem qualquer medida de comparação senão o que acontece entre mim e o Alexander, como poderia saber? Mas a partir de hoje tudo se transformou, tudo é diferente, tudo é motivo de espanto. Aconteceu-me um milagre. Deitei-me com o meu amado.

Alexander olhava-a como a alguém que sabia dever conhecer mas não conhecia. O seu rosto estava enrugado e parecia mais velho do que ela recordava: como parecia já distante, a morte de Anna! Aos seus olhos, ele parecia ter perdido a sua essência, mas olhou-o com a tranquilidade habitual e sorriu.

Ele retribuiu o sorriso. - Tens fome suficiente para comer o pequeno-almoço?

- Obrigada, desço já - respondeu ela calmamente.

Sentaram-se os dois à mesa na estufa cujo tecto transparente, suportado por uma estrutura branca, era batido por uma chuva tão insistente que os vidros estavam cobertos por vagas tremeluzentes.

- *Tenho fome!* - disse Elizabeth espantada, enchendo o prato com costeletas de carneiro, ovos mexidos, *bacon* e batatas fritas. •<

Nell juntara-se-lhes; regressaria a Sydney dentro de pouco tempo. Tens de agradecer ao Lee, Elizabeth - disse Alexander que não tinha fome. Se insistes - disse ela devorando uma tosta. Não lhe estás agradecida, mãe? - perguntou Nell, surpreendida.

- Sim, claro que estou. - Elizabeth serviu-se de costeletas.

Alexander e a filha trocaram um olhar pesaroso e mudaram de assunto.

Depois de ter comido até ficar satisfeita, Elizabeth foi ver Dolly; Nell, que se preparava para a acompanhar, foi retida pelo pai.

- Ela está boa da cabeça? - perguntou. - Parece não se sentir afectada pelo que aconteceu.

Nell reflectiu na pergunta e depois fez que sim com a cabeça. - Acho que sim, pai. Pelo menos está tão boa da cabeça como sempre esteve. Usaste o termo exacto... a mãe é tresloucada.

Quando se apercebera de que Elizabeth tinha desaparecido, Alexander sofreu um choque de tal magnitude que percebeu que uma parte de si nunca recuperaria. Durante a maior parte dos últimos vinte e três anos pensara em Elizabeth como num espinho cravado na sua carne: uma criatura séria, pudica e frígida com quem ele se casara pelas razões erradas. Assumira as culpas, porque as razões erradas eram suas e não dela, e tentara compensá-la. Mas o sempre crescente asco que ela sentia por si ferira-o profundamente e desencadeara reacções em cadeia motivadas pelo orgulho, ressentimento e amor-próprio. O amor que começara a sentir por ela logo após a união entre ambos fora rejeitado, pelo que ele atribuía cada vez mais, com a passagem do tempo, a responsabilidade da nuvem de infelicidade que nublava a vida de ambos à rejeição do amor que lhe oferecera. Convencera-se a si próprio de que esse amor morreria. Bem, como poderia deixar de morrer, plantado num solo tão agreste? E, algures no caminho, perdera de vista tudo o que não fosse o seu próprio impulso frustrado de conquista. Entretanto, apelidava-a «coluna de gelo. E como é que podia conquistar-se uma coluna de gelo? Se a agarrássemos, esta derreter-se-ia e não nos restaria nada entre os dedos.

Mas procurara-a num frenesi de medo e culpa. Vira, pela primeira vez na sua longa relação, como falhara relativamente a ela. Todas as coisas que lhe tinha dado ela não as desejava; todas as coisas que não lhe dera ela desejava-as. Ele equiparava o amor a *um sentimento*

imenso. Ela não. Ele equiparava o amor a uma fantástica satisfação sexual. Ela não - e, se o fazia, ele não era o homem que lhe poderia oferecer. Nela ardia um fogo, tinha a certeza disso agora, mas não ardia por ele. E o que perguntara repetidamente a si próprio enquanto a procurava, fora onde e porquê se iniciara a erosão da sua estima por ele. Mas o seu pânico era demasiado grande para que pudesse discernir o onde e o porquê. Não conseguiu ir além do facto de o amor por ela, que há muitos anos considerava como extinto, afinal não o estar. Uma pobre emoção, não retribuída, tão injuriosa para o seu eu que ele a apagara do seu espírito. Agora ali estava ela, novamente à superfície, para ali atirada pelo horror de a imaginar louca ou morta. A culpa seria sua, se isso acontecesse. Culpa sua e de mais ninguém.

E havia Ruby. Havia sempre Ruby. Lembrava-se de, certa ocasião, lhe ter perguntado se um homem podia amar duas mulheres em simultâneo; ela desviara a questão com um toque de malícia, mas era do seu interesse fazê-lo. No entanto, ela com certeza soubera que ele amava ambas, pois juntara-se a Elizabeth numa aliança. Ele pensara que ela o fizera com espírito caridoso, enquanto parte vitoriosa. Agora compreendia que ela o fizera como uma forma segura de conservar a parte do seu amor que lhe pertencia. Se ele não amasse Elizabeth, talvez as duas mulheres da sua vida se tivessem tornado amigas na mesma, mas amigas mais distantes. Era, admitia-o, um homem que gostava de Sol na eira e chuva no nabal. Ruby era mais importante; Ruby significava romance, sexo, intimidade, excitação ilícita e aquela combinação curiosa que uma mulher amada se torna para o seu homem: amante, mãe, irmã. Mas vivera a sua vida com Elizabeth, fora pai das suas filhas, atravessara com ela os tormentos de Anna e Dolly. E para isso era preciso amor, senão tê-la-ia deixado.

Assim, quando Lee atravessou o relvado e lhe devolveu, Alexander sofreu um súbito esclarecimento que o humilhou mais do que a humilhação sofrida por um prisioneiro rendido. Tinha uma dívida para com a mulher que não podia esperar pagar com nenhuma moeda excepto uma: abrir a gaiola e deixar o pássaro voar.

Após cinco dias, a chuva parou. Kinross, que estava muito perto de ser submersa pelas cheias, deu graças. Se Alexander tivesse sido um guarda menos cuidadoso e tivesse deixado o rio no estado em que estivera após a extracção do ouro de aluvião, a cheia teria sido inevitável, mas ele

reforçara as margens e devolvera o curso de água ao seu leito devido, suficientemente profundo para suportar a torrente.

Sete dias após o seu desaparecimento, Elizabeth montou *Cloud* e partiu para o passeio habitual). Assim que se afastou da vizinhança da casa, embrenhou-se no mato encharcado e deixou que a égua escolhesse o caminho por entre pedregulhos e buracos durante um quilómetro e meio antes de regressar à vereda que levava ao Lago.

Lee estava lá, à espera, aproximou-se de *Cloud* e abriu os braços para a receber. Beijos loucos e apaixonados, uma fome cuja dimensão nem ela própria avaliara devidamente; não podia esperar que ele a tocasse, que a despiasse, que a possuísse. E sempre aquelas sensações estranhas de êxtase, o derrame de tudo quanto era no cadinho do amor. De seguida, ele levou-a para o Lago e fez amor com ela naquilo que parecia ser o seu *habitat* natural, a água.

Depois de se secarem, ela soltou-lhe o cabelo, encantada pelo seu comprimento e espessura; brincou com ele, entrançou-o no seu, pousou-o sobre os seus seios, enterrou o rosto nele. E contou-lhe como o vira a nadar no Lago e nunca conseguira eliminar aquela imagem da sua memória. Não sabia que as coisas podiam ser assim entre um homem e uma

mulher - disse ela. - Entrei num mundo completamente novo. Não podemos ficar aqui muito mais tempo - foi a resposta dele: por que tinha de ser sempre ele a lembrá-la da realidade? Depois fez-lhe a pergunta que o assombrara desde que a encontrara. - Elizabeth, meu amor querido, nós não devemos fazer isto. Sei que *apodemos* fazer, mas só depois de falar com Hung Chee, que conhece os ciclos das mulheres. Até agora não tomámos precauções e tu não podes conceber. É uma sentença de morte.

Ela riu-se às gargalhadas, um som despreocupado que lançou ecos de alegria pela floresta. - Meu querido Lee, não há razões para preocupações! Verdade, nenhuma razão! Nenhum filho que eu te desse me faria mal. Se tiver a sorte de conceber, não sofrerei de eclampsia. Tenho tanta certeza disso como tenho a certeza de que o Sol nascerá amanhã de manhã.

ALEXANDER NO COMANDO

TODO O PESO DO FARDAMENTO do que acontecera entre si e Elizabeth recaía sobre os ombros de Lee, que não se apercebera da magnitude desse peso até se ter encontrado com Elizabeth no lago, sete dias após tê-la encontrado. A partir do momento em que ela se rira e ridicularizara os seus receios pela sua saúde na eventualidade de engravidar, compreendeu tudo o que expulsara do espírito durante uma semana. Este estivera com-pletamente preenchido por Elizabeth, com o facto incrível de ela o amar, de o amar há tanto tempo quanto ele a amava a ela. Partira do princípio de que as suas dúvidas desapareceriam quando se encontrassem novamente e pudessem discutir o assunto: certamente que haveria uma saída honrosa! Mas ela não estava interessada em soluções, não via a necessidade das soluções; encontrara nele a sua solução e nada mais lhe interessava.

Ele partira para aquele encontro determinado a que este não tivesse quaisquer componentes físicas, pois lembrava-se de ouvir a mãe explicar que as relações sexuais eram uma sentença de morte para Elizabeth. Ele sabia que não eram: a concepção é que era. A mãe também o sabia, razão pela qual nunca engravidara de Alexander. Mas eles estavam ligados à nobreza chinesa, não eram ignorantes como os Europeus.

Oh, mas que essa não se transformasse numa questão relativamente àquela inesquecível subida ao paraíso! Poder-lhe-ia ser perdoada, já que não tencionara ou sequer imaginara que tal fosse possível, mas agora teriam de esperar. Depois tirara-a de cima do cavalo e ela caíra nos seus braços e ele vira-a, cheirara-a, saboreara-a. O poder que havia nela apoderara-se de si e ele não conseguira controlar-se. Então, quando ele tocara na questão da concepção, ela tivera um ataque de riso!

O tempo! Para onde fugira? Não tinham discutido mais do que uma pequena fracção do que tinha que ser discutido antes de ela voltar a montar a sua égua malhada e partir. Encontrar-se-iam no lago dentro de quatro dias; ela implorara um encontro mais cedo, mas ele conseguira manter-se firme. Estavam em rota de colisão com o desastre, como ele bem sabia e ela deveria saber. Mas, apesar de toda a sua experiência com mulheres, Elizabeth representava o seu único amor, pelo que não fazia ideia de como as mulheres apaixonadas eram obcecadas, nem de como eram implacáveis, nem de como eram indiferentes a tudo quanto não fosse a preservação desse amor. Pensara que teriam a mesma opinião relativamente a poupar a Alexander tanto sofrimento quanto possível, mas ela não estava minimamente interessada em poupar Alexander. Dolly, sim. Só Dolly a mantinha imóvel. Era ele, Lee, quem se preocupava com Alexander, quem via aquilo que estavam a fazer como uma traição ao homem responsável pela sua boa sorte, carreira e oportunidades. O ente mais querido da sua mãe. Elizabeth temia Alexander; quanto ao mais, ele não existia.

Ela partira obviamente convencida de que conseguiriam manter o segredo para sempre se tal fosse necessário, apertando esse segredo contra o peito como se fosse um trofeu numa qualquer guerra que travava contra o marido. Para Lee, um elemento exterior, aquele casamento tão longo estava envolto em mistério. Só agora se apercebia de que mesmo a sua mãe não o compreendia totalmente. Provavelmente Alexander estava tão às escuras como ele próprio, pois o ponto fulcral em torno do qual tudo girava era Elizabeth.

E Lee regressou a Kinross pelo caminho de cabras, com o Sol que se punha a bater-lhe no rosto, tão confuso e desorientado como sempre. Tudo o que sabia era que não possuía a duplicidade nem a dissimulação necessárias para manter secreta a relação com a mulher de Alexander. Durante uma semana, ele acreditara que ela trairia o segredo através de um comentário ocasional, de um referência imprudente a si próprio, mas agora apercebia-se de que isso nunca aconteceria. Mesmo que engravidasse de um filho seu, manteria o silêncio.

Aquela ideia, que lhe ocorreu quando passava pelas gruas e acenava aos operários, fê-lo deter-se subitamente. Oh, Deus! Não, não, não! Por nada deste mundo ele faria uma coisa dessas a Alexander! Conhecia a história, ele contara-lha num cafezinho em Constantinopla." a mãe de Alexander tivera um amante cuja identidade se recusara a revelar e o Marido soubera que o filho não era dele.

aquele círculo em particular era manifestamente impossível. Andar a enganá-lo já era suficientemente mau; repetir a história seria intolerável. Humilhar um orgulho tão colossal, reduzir à insignificância o trabalho de uma vida, impor a Alexander a sina do seu suposto pai - não e não e não! Impensável!

Ruby estava à sua espera quando entrou no hotel, sem deixar transparecer no rosto a preocupação, sorrindo-lhe enquanto o examinava. Onde estiveste? Não paravam de telefonar à tua procura. Estive lá em cima, na montanha, a inspeccionar os poços de ventilação. Isso é importante? Oh, mamã, e és tu do conselho de administração das Empresas Apocalipse! É sempre importante, mas o Alexander está a planear uma grande explosão no local onde o veio antigo se esgotou no túnel número um - diz que há outro veio a uma distância de seis metros, e conheces o faro dele para o ouro. Pff! O faro dele para o ouro! - resmungou Ruby. - Ele pode ter o toque de Midas, mas parece nunca se lembrar que o Rei Midas original morreu de fome porque até a comida que tocava se transformava em ouro. - Mas não era naquilo que ela estava a pensar. O meu filho está com um aspecto horrível. O nó deste caso está tão apertado em torno do seu pescoço que o está a estrangular. É altura de eu ir visitar Elizabeth e arrancar-lhe a verdade. - Jantar? - perguntou. Obrigado, mas não tenho fome.

«Não, aquilo de que tens fome é da carne que pertence a outro homem. Mas a coisa continua? É por isso que estás tão atormentado, meu gatinho de jade? Ela não pode correr o risco de uma gravidez e provavelmente aquilo por que estás a passar é por fome pura e simples. Meu pobre Lee.

Lee subiu as escadas e foi para o quarto. Este não era muito grande, pois ele não era o tipo de homem que acumula muitos bens: tinha apenas as roupas que precisava de ter para todo o tipo de ocasiões, umas poucas centenas de livros muito prezados e pouco mais lhe interessava. Fotografias de Alexander, de Ruby e de Sung. Não tinha nenhuma de Elizabeth.

Durante algum tempo ficou sentado no cadeirão a olhar para o vazio, depois levantou-se e dirigiu-se ao telefone.

- Fala o Lee, Aggie. O Sir Alexander, por favor. - Não era preciso dizer à Aggie para onde deveria ligar, ela sabia sempre, com toda a exactidão, onde ele estava, tal como sabia que X estava a jantar na casa de Y,

que Z estava no campo desportivo a treinar o novo cão, que M estava em Dubbo a visitar a mãe e que R estava preso na casa de banho com um ataque de diarreia. Aggie era a aranha no centro da teia telefónica de Kinross.

- Alexander, quando tem um momento para mim? Preciso de lhe falar em particular tão breve quanto possível. Em particular mesmo?

- Absolutamente.

„Amanhã de manhã nas

gruas. Às onze? Vejo-o lá a essa hora.

Os dados estavam lançados. Lee voltou para o cadeirão e chorou as suas despedidas. Ainda não a despedida de Elizabeth... Alexander poderia consentir em divorciar-se dela, apesar da Dolly. Não, Lee chorou por Alexander. Depois da manhã seguinte não voltariam a encontrar-se. A ruptura ficaria cruelmente completa, pois nenhum dos dois acreditava em meias medidas. E como isso tornaria as coisas difíceis para a sua mãe! Teria de arranjar forma de compor as coisas por forma a que, pelo menos ela, não sofresse as repercussões.

Alexander apanhou o elevador até às gruas e Lee subiu o caminho de cabras a pé. O dia, 24 de Abril, era um daqueles dias idílicos de meados do Outono que por vezes se seguem a um Verão demasiado longo e demasiado inclemente." uma brisa suave e aromática soprava do mato recém-lavado e pungente, o sol ameno, umas quantas nuvens fofas vogavam pelo céu como se andassem perdidas.

Àquela hora, as gruas estavam quase desertas. Alexander estava ao lado de um enorme compressor de ar alimentado por uma máquina a vapor, razão pela qual não podia ser instalado dentro da mina - demasiado fumo, demasiados gases venenosos. Quando trocara as brocas manuais por brocas pneumáticas de percussão, para abrir os buracos para as cargas explosivas, e as picaretas por martelos pneumáticos de percussão. Para partir a superfície da rocha, tivera de conceber uma forma de fornecer ar comprimido àquelas ferramentas que necessitavam de ar e que ficavam a uma distância de cento e cinquenta ou duzentos metros do compressor. Um grande tubo de aço introduzido num orifício ligeiramente maior empurrava o ar por um tanque cilíndrico com um metro e oitenta de diâmetro e três metros e meio de comprimento apoiado no chão da galeria; dali partiam canos de metal até às brocas e martelos.

No entanto, as explosões e abertura de orifícios não aconteciam, de modo algum, quotidianamente e nunca eram feitas em mais do que um túnel em simultâneo. Alexander inclinava-se para um compressor de ar alimentado a electricidade, mas isso só aconteceria no futuro, quando os motores eléctricos fossem mais eficazes. De momento, o vapor era a única fonte de energia disponível e o compressor era um dos maiores, se não mesmo o maior, do mundo.

- A tua conversa privada pode esperar - foi a saudação de Alexander. - Quero ir dar mais uma vista de olhos no túnel número um.

Entraram na gaiola e desceram os quarenta e seis metros até à espaçosa galeria principal, brilhantemente iluminada a electricidade; os homens apareciam regularmente, empurrando pequenos vagões carregados de minério que corriam sobre carris do lado aberto da galeria, onde havia poços de cinquenta metros que comunicavam com a passagem subterrânea principal. O pequeno vagão, ao chegar à beira do poço, era inclinado com uma alavanca e despejava o conteúdo num vagão maior, lá em baixo. Uma máquina no exterior puxava os vagões maiores através de um cabo de aço até ao local onde podiam ser engatados numa locomotiva e levados para os armazéns onde o minério era escolhido e esmagado. Havia pó no ar que, à parte esse facto, era bastante puro, renovado por ventoinhas eléctricas. A toda a volta dos três quadrantes da galeria que não estava aberta, os túneis embrenhavam-se na montanha, alguns a direito, outros subindo, outros descendo, os mais recentes ramificando-se várias vezes.

Entraram juntos no túnel número um, o mais antigo e mais explorado, os seus passos iluminados pela luz eléctrica; como a extracção de minério tinha terminado ali, não encontraram ninguém. Como era típico de Alexander, o túnel estava solidamente escorado com barrotes enormes, embora Lee soubesse que o granito naquela parte da montanha não continha grauvaca suficiente para tornar provável um desabamento.

Era uma caminhada de trezentos metros, pontuada pelos passos húmidos e lamacentos das suas botas e pelo gotejar constante e lento da água que a pressão do enorme peso da montanha fazia escoar. Naquele clima não havia o perigo de a água congelar e se transformar numa espécie de alavanca, separando as diferentes camadas. Essa separação só podia ocorrer durante as explosões, a mais delicada e exigente de todas as operações mineiras - razão pela qual, quando o rebentamento era muito grande ou pouco rotineiro, Alexander preferia ser ele próprio a fazê-lo.

Chegaram finalmente ao fundo do túnel número um, onde encontraram alguns dos elementos já preparados para o rebentamento: um rolo de fio isolado, uma broca pneumática instalada num tripé, a última secção de um tubo de aço que trazia o ar comprimido do compressor na galeria, uma caixa de ferramentas. A ponta de uma pesada mangueira de borracha estava presa por anilhas de aço ao tubo de aço e a outra ponta à broca. A dinamite e os detonadores não fariam a sua aparição até ser altura de preparar as cargas e, mesmo então, devidamente acompanhados. O depósito onde estavam guardados os explosivos era uma casa-forte de cimento de que havia apenas quatro chaves: uma na posse de Alexander, outra na de Lee, outra na de Summers e outra na de Prentice, o supervisor dos rebentamentos.

- Este rebentamento é um tanto experimental - disse Alexander de pois de ambos terem corrido as mãos pela superfície relativamente macia da rocha, tão suavemente como se acariciassem a pele de uma mulher. As luzes batiam-lhe em cheio, revelando cada falha existente. - Não há mais ouro pelo menos nos seis metros seguintes, por isso quero soltar mais rocha do que é habitual. Começo no meio daquela falha ali e depois rebento o resto das cargas de uma forma concêntrica. Cada grupo armado em série. Eu próprio abrirei os buracos.

Lee escutava-o, um tanto espantado; ninguém conhecia aquela arte melhor do que Alexander, mas ele não estava a ser muito elucidativo. Que quantidade de rocha está a pensar demolir? - perguntou Lee

com um arrepio de medo a percorrer-lhe a espinha. Umas quantas toneladas. Se fosse outro qualquer, proibi-lo-ia, mas não tenho forma de fazer

isso ao patrão. Certamente que não. Mas tem a *certeza*¹? Não discutiu o assunto comigo. Este é o velho e querido número um. Ele gosta de mim, o filho da mãe.

Voltaram para a galeria patinhando na lama. Quando está a pensar fazer o rebentamento? Amanhã, se o dia estiver tão bonito como hoje... sem ventos para lixarem os poços de ventilação. - Fez sinal para a gaiola. - Para cima ou para baixo? Para cima.

Não podia adiar mais. Lee engoliu em seco, tentando humedecer o suficiente a boca para conseguir falar. Fizera mil recitações durante a noite, escolhendo e rejeitando as palavras que deveria usar. Ensaiaando o discurso mais importante da sua vida.

- Então qual é esse assunto particular? perguntou Alexander bruscamente.

A máquina a vapor que alimentava o compressor era suficientemente potente para puxar um comboio de mercadorias e era muito ruidosa quando forçava o compressor a abastecer ar ao cilindro da galeria e às canalizações que se estendiam a partir dele. Do outro lado das gruas, a máquina a vapor que as alimentava era menos barulhenta e o fogueiro estava apoiado à pá enferruscada enquanto outro homem verificava os manómetros.

Aqui indicou Lee conduzindo Alexander para o parapeito da prateleira de rocha calcária afastado das máquinas, das gruas e do pessoal que

estava de serviço. Não havia sítio nenhum onde se pudessem sentar e ele acorcorou-se, apoiando as nádegas nos calcanhares. Alexander imitou-o.

Estava uma folha caída no chão; Lee agarrou-a como que para a observar e depois começou a desfazer a folha seca e frágil em pedacinhos. E no fim, evidentemente, todas as palavras que ensaiara se lhe desvaneceram do espírito. Tudo o que lhe restava fazer era falar. Amei-o mais a si do que ao meu pai, Alexander, mas traí-o começou, desfazendo a folha. - Não foi uma traição pensada e planeada, mas foi uma traição na mesma. Não consigo suportar viver com a mentira. Tem de saber. Saber o quê? - perguntou Alexander, tão calmamente como se aquilo que Lee tinha para lhe confessar fosse um pequeno desfalque ou uma fraude insignificante.

A folha desaparecera; Lee ergueu os olhos, cheios de lágrimas, para os pousar no rosto de Alexander, mexendo os lábios em silêncio como se procurasse as palavras. - Estou apaixonado pela Elizabeth e, quando a encontrei há oito dias, eu... traí-o.

Uma qualquer emoção inominável flamejou por instantes nos olhos negros que depois ficaram baços, opacos. A expressão de Alexander não se alterou. Nem disse nada durante o que pareceu serem séculos, limitou-se a ficar de cócoras no pó com os pulsos apoiados nos joelhos, as mãos tão soltas e descontraídas como estavam antes de Lee ter falado.

- Agradeço-te a honestidade disse por fim.

A imensa dignidade que atraía tanto Alexander na criança de oito anos continuava intacta no âmago de Lee e impedia-o de se lançar numa torrente de desculpas, explicações e auto-justificações, todas as afirmações de inocência virtual em que um homem menos digno se teria lançado. Se é que um homem menos digno teria sido capaz de arranjar a coragem necessária para fazer uma tal confissão a alguém como Alexander. É mais fácil contar-lhe do que viver com a mentira - disse Lee.

- A culpa é minha e não da Elizabeth. Quando a encontrei, ela não estava em si, estava... estava terrivelmente perturbada. Mas aconteceu e voltou a acontecer ontem. A Elizabeth acredita que me ama. Por que não havia de amar? - perguntou Alexander. - Ela *escolheu-te*. Não é possível, eu sei. Portanto eu devia ter acabado tudo ontem. Mas não o fiz. Não consegui. Ela sabe que me estás a dizer isto, Lee?

- Não.

E a tua mãe? Também está metida nisto? Não.

Então é um segredo nosso.

- Sim.

..... Pobre

Elizabeth - disse Alexander **com um suspiro. - Há quanto**

tempo é que a amas? Desde os meus dezassete anos. Era por isso que receavas regressar **a casa, para Kinross**. Foi por isso que desapareceste do mapa. Sim. Se bem que deva compreender que nunca esperei nem tencionei fazer nada relativamente a esta questão. Sempre o amei demasiado

para o magoar, mas aconteceu tudo quando eu estava sem defesas e ela estava sem defesas. Ela não estava em condições de resistir. Apanhei-a desprevenida. Isso é uma vitória - disse Alexander secamente. - Eu nunca a apanhei desprevenida. Se tivesse sido eu a encontrá-la, em vez de teres sido

tu, as suas defesas ter-se-iam mantido bem firmes. É essa a história de Elizabeth comigo. Vivo com alguém despojado de toda a vitalidade. Um fantasma. Fico muito contente por a chama arder nela.

Ele estava a lidar com aquilo como o homem forte, honrado e resoluto que era, disse Lee a si próprio. O que só tornava pior o sofrimento de Lee. A dor horrenda tinha de estar lá, mas Alexander não a ia demonstrar.

466 COLLEEN McCULLOUGH De qualquer modo disse Lee , pula em grande risco. Ela não

deve ter crianças, sei disso; no entanto, não consegui controlar-me. Ontem fui para falar com ela, apenas para falar com ela, mas as coisas não funcionaram dessa forma. E quando falei no perigo ela riu-se! Riu-se? Sim. Recusa-se a acreditar que exista algum perigo. Provavelmente não existe. - Alexander levantou-se e estendeu a mão a Lee. - Anda, vamos dar uma volta. Quero ir até ao local que fica por cima do fundo do túnel número um. Gosto de lá ir, a minha alma ou o meu espírito ou que quer que seja que lhe queiras chamar, comunga com a minha montanha de ouro naquele local.

Aos olhos dos trabalhadores da mina eles pareciam ser aquilo que eram, os proprietários da mina embrenhados numa qualquer discussão sobre o futuro; de grande interesse para todos os empregados. Eu não podia viver na mentira - disse Lee novamente quando chegaram ao destino e se empoleiraram em duas rochas. És demasiado honrado, meu rapaz, é esse o teu problema. Mas ela não se importaria de viver com a mentira, pois não? Não por a sua natureza ser enganadora, com franqueza - disse Lee, esforçando-se. - Penso que essa foi a forma como ela se organizou ao longo dos anos. E ela tem imenso medo que o Alexander descubra. Oh, ela tem consciência da sua bondade, do seu respeito por ela. No entanto, tem medo de si e isso é um completo mistério para mim. Para mim não - disse Alexander acariciando a superfície da rocha. - Sou a encarnação de Satanás. Desculpe? A Elizabeth é vítima de dois velhos retorcidos e maus. Estão ambos mortos, mas a sua influência estará sempre presente nela. Eu fui uma paragem no seu caminho, alguém que foi pai das suas filhas, alguém que lhe dá casa e partilha a sua comida. E há a tua mãe, a quem eu amarei até ao dia da minha morte. O que a Elizabeth sabe muito bem. Meu querido Lee, não podemos obrigar as outras pessoas a serem ou fazerem aquilo que nós queremos, embora tenham sido precisos cinquenta e cinco anos para eu descobrir isso. Por muitas razões que não tenciono discutir, a Elizabeth não me suporta. É também uma coisa física. Se lhe toco, vejo que a sua pele se arrepia. Deixei de a amar há anos - mentiu: poupa o Lee naquilo que puderes, Alexander -, se é que alguma vez a amei. No início pensava que sim, mas talvez estivesse apenas apaixonado pela ideia

do que poderíamos ter sido juntos se ela me tivesse amado. O amor dela por ti é muito recente? Ela diz que não - respondeu Lee, detestando aquela entrevista fria

e distante exactamente pela frieza e distância. Ele queria *-precisava!* - que gritassem com ele, o esmurrassem e pontapeassem. Tudo menos aquilo! Então ambos sofreram e, no entanto, mantiveram-se leais. Isso para mim conta muito. Sei que hoje chegámos ao fim, Alexander. Estou preparado para isso. Queres dizer que tens as malas feitas. Metaforicamente, sim. E então a Elizabeth? Vais condená-la a viver ainda mais anos com

um homem que não suporta? Isso depende de si. Ela não irá sem a Dolly e a Dolly é a sua única

neta. Um tribunal dar-lha-ia a si... se a Elizabeth conseguisse enfrentar um tribunal rotulada de adúltera. O adultério é o único fundamento adequado para o divórcio. A crueldade também é um fundamento, mas não se aplica e há muitos juizes que

batem nas mulheres. No entanto, ela poderia divorciar-se de mim invocando o meu adultério com a Ruby. E não seria maravilhoso? A mulher divorciada do homem famoso

casa-se depois com o filho da amante do ex-marido. Um chinês mestiço. A imprensa faria um festim. Se ela te amar o suficiente, fá-lo-á. Ela ama-me o suficiente. Mas o escândalo perseguir-nos-ia durante anos, a não ser que partíssemos para o estrangeiro. Talvez seja essa a solução. No entanto, tu és necessário aqui, Lee, e não no estrangeiro.

- Então não existe solução! - exclamou Lee desesperado.

Alexander mudou de abordagem. - Tens a certeza de que ela não sabe que tencionavas falar comigo? Sim, a certeza absoluta. Ela emparedou-se num novo compartimento secreto e sente-se feliz ali. E tens a mesma certeza de que a Ruby também não sabe? Tenho. Sempre tive o hábito de falar de tudo com ela, incluindo o meu amor por Elizabeth. Não existe mulher mais mundana do que a **minha mãe**. Mas não **lhe** contei este novo encontro.

capaz de guardar bem um segredo como a Elizabeth, mas eu... não consegui contar-lhe.

Alexander ergueu a cabeça para olhar Lee nos olhos. - Preciso de tempo para pensar - disse. - Dá-me a tua palavra de que não mencionarás isto a ninguém, nem mesmo a Ruby ou Elizabeth.

Lee levantou-se da rocha e estendeu a mão. - Dou-lhe a minha palavra de honra, Alexander. Então fica gravado na pedra. Amanhã, depois do rebentamento, dar-te-ei a minha resposta. Estarás lá? Se me quiser lá. Quero, quero. O Summers é um desajeitado e o Prentice desenco raja-me. Fica óptimo quando é ele próprio a tratar do rebentamento, mas quando sou eu a fazê-lo anda aos saltos como uma bola. Sei disso - disse Lee suavemente. Eu sei que tu sabes. Mas estou um bocado desorientado depois da quilo que me disseste. Agradeço-te a franqueza, Lee... agradeço muito. Sabia que não me tinha enganado a teu respeito e quero pedir-te desculpa pela forma como te tratei em 1890. Estava muito arrogante. - Bateu com os pés no chão que ecoou com um som um tanto oco. - Agora já voltei ao normal. Nenhum homem poderia desejar ter um segundo comandante mais leal e mais competente e, um dia, darás um óptimo comandante-chefe. - Pigarreou e fez um ar irónico. - Mas estou a afastar-me da questão principal que é arranjar forma de te manter e, simultaneamente, libertar Elizabeth. Acho que isso é impossível, Alexander. Nada é impossível. Às oito, amanhã de manhã, na galeria principal. Provavelmente ainda estarei no túnel número um, mas não entres. Ordens do capitaz de rebentamentos.

E virou para o lado do elevador enquanto Lee se dirigia para o caminho de cabras. :

Subitamente, Alexander chamou: Lee!

Lee deteve-se e virou-se para olhar para ele.

Hoje é o aniversário da Dolly. Às quatro horas lá em casa.

Tinha-me esquecido do aniversário da Dolly, pensou Lee desalentadamente enquanto vestia um fato escuro; dado o início das festividades estar marcado para as quatro da tarde, o traje não seria de cerimónia, apensar

de, como era evidente, os adultos ficarem para jantar depois da festa de anos. Constance Dewy estaria presente.

Encontrou Ruby a descer o corredor da sua suíte e esperou por ela. Como estava bonita! A sua figura tinha melhorado, se é que tal era possível, com os ossos a suportarem um pouco menos de peso do que quando ele era criança, quando a voluptuosidade estava na moda e os homens podiam dar-se ao luxo de gozar essa sua inclinação natural. Trazia um vestido de crepe francês tão verde como os seus olhos, com o corpete e as mangas rematados a cor-de-rosa e a saia pelo joelho com pregas longas rematadas por borlas. O vestido interior, que chegava ao chão, era cor-de-rosa, bem como as luvas de pelica. Um pequeno chapéu verde de aba virada cobria-lhe os cabelos ruivos dourados, com rosas a adornar a parte da frente.

- Estás tão linda que apetece comer-te - disse ele beijando a face sedosa com os olhos fechados, saboreando o odor a gardénias.

Ela deu uma risadinha. - Espero que o Alexander ache o mesmo. Não devias dizer essas coisas ao teu filho. Bem, ao menos tu sabes o que eu quero dizer, o que é um bom augúrio para as tuas aves-do-paraíso.

- As minhas aves-do-paraíso preferem a excitação dos diamantes.

Subiram no elevador e encontraram Alexander, Elizabeth e Constance na sala de jantar pequena decorada com bandeirolas. Toda a gente tinha de pôr um chapelinho. Constance comprara-os em Bathurst, onde um empreendedor lojista chinês se aproveitara do jeito dos Chineses para o fabrico de papel de seda colorido: vendia serpentinas, chapelinhos para festas, requintadas toalhas de mesa em papel e guardanapos, aprimorados papéis de embrulho para presentes.

Quando Peony trouxe Dolly para a sala com um pretexto qualquer, deram-lhe os parabéns em coro e soterraram de presentes a criança deliciada. Mas também era uma festa de aniversário triste: Dolly não conhecia crianças da sua idade. O que é que se oferece a uma menina de sete anos? Lee encontrara um conjunto de bonecas russas que tinham, dentro de cada uma, outra ainda mais pequena. Ruby ofereceu-lhe uma boneca de loiça alemã com braços e pernas articulados, vestida à última moda, com uma cabeleira de cabelo verdadeiro, pestanas verdadeiras a emoldurar olhos azuis estriados que abriam e fechavam e lábios vermelhos entreabertos revelando dentes verdadeiros e uma língua que se mexia ao ser empurrada. De Alexander recebeu um triciclo e de Elizabeth uma polseira

ouro com corações entrelaçados e um primeiro amuleto: uma ferradura em ouro para dar sorte. Constance ofereceu-lhe uma enorme caixa de bombons.

Dolly apagou as sete velas do bolo amorosamente confeccionado por Chang e decorado com a cor favorita, o cor-de-rosa. Sem dúvida que ela passará a noite enjoada - observou Constance quando se retiraram para a sala depois de terem feito jogos com ela e de terem visitado os estábulos para verem o presente principal, um pónei Shetland. Não faz mal - disse Elizabeth descontraidamente. - A Peony dar-

-lhe-á uma qualquer poção mágica para a biliose, do Hung Chee, depois de ela ter vomitado a maior parte dos doces que comeu, e ela dormirá uma boa noite de sono.

Nem mesmo Alexander teria sido capaz de se aperceber de que a mulher estava envolvida num caso, pensou Lee. Nem por uma única vez o olhar dela se demorou sobre si mais do que o apropriado.

O jantar foi um tanto mais frugal do que o costume: bolo de anos e sanduíches não são uma boa entrada. Assim que o prato principal foi retirado, Alexander levantou-se. Se me perdoam, vou até à mina. Tenho umas coisas para fazer. Vou consigo e ajudo-o - ofereceu-se Lee. Obrigado, mas essa festa é *minha*. Uma festa solitária. Não leva sequer o Summers? - perguntou Lee. Nem o Summers. Como está a pobre mulher dele? - perguntou Constance. Completamente louca, mas espantosamente saudável. Uma história muito triste. É verdade - disse Alexander e desapareceu.

A confissão de Lee fora completamente inesperada e, apesar de o ter escutado imperturbável, a cabeça de Alexander girava. Nunca sonhara que Elizabeth estaria apaixonada por Lee. «Ela tem bom gosto, lembrou-se de ter pensado enquanto Lee falava; ele é um homem totalmente honesto e decente. E Lee não cometera a grosseria de mencionar a mãe de Alexander e o seu segredo, apesar de, obviamente, isso ter nele um efeito poderoso. Esperava-se que o amor fosse cego; no entanto, o amor de Lee era suficientemente perceptivo para se aperceber do gosto que Elizabeth tinha pelos segredos. Se tivesse vindo uma criança e Lee não

tivesse dito nada, Elizabeth teria mantido em segredo a identidade do pai até ao fim. Porque ela estava envolta em segredos. Era isso que acontecia quando as confissões juvenis eram punidas sem misericórdia, quando as confissões não eram encaradas como um desejo de dizer a verdade e, logo, não eram consideradas dignas de elogio. Portanto, ela aprendera a não confessar; em vez disso, aprendera a guardar tão bem os seus segredos que ela própria quase não conhecia as suas motivações.

E ele, Alexander, não fizera dela sua amiga. Estivera demasiado ocupado a enfeitá-la com os adereços adequados, a cobri-la de jóias, a treiná-la para que fosse a sua castelã. Quando falara com ela, fora na qualidade de professor e sobre assuntos fora do seu alcance: geologia, minas, as *suas* ambições. Dos filhos que teriam para partilhar os *seus* interesses. Que lhe interessaria a ela que aquele penhasco fosse Pérmio e aquele estrato Silúrico? No entanto, fora disso que lhe falara durante a viagem para Kinross. Não falara de coisas a que ela pudesse reagir, mas das coisas que *ele* amava. Oh, se pudesse fazer o tempo voltar para trás! Se pudesse ter sabido que era a imagem chapada do desenho de Satanás do velho Murray! E ela chegara ao leito nupcial tão completamente impre-parada, ainda que a tivessem informado acerca dos mecanismos da coisa... As rapariguinhas na Escócia rural eram tão protegidas, tão ignorantes! Entre a descrição, provavelmente feita por uma qualquer cabra misantropa, e o acto, havia uma distância só ultrapassável por uma longa preparação.

Preparação essa que ele não se dera ao trabalho de realizar. Não a cortejara, limitara-se a possuí-la. Uma mina de ouro pronta a ser escavada. Deveria ter havido um período de jantares calmos a dois, de flores e não de diamantes, de beijos dados depois de obtida a permissão para beijar, de um lento despertar que a tivesse preparado para maiores intimidades. Mas não, não para o grande Alexander Kinross! Conhecera-a e casara-se com ela no dia seguinte e metera-se na cama dela depois de a ter beijado uma vez, na igreja. Provando ser, aos olhos dela, um animal. Erro atrás de erro, fora essa a história da sua relação com Elizabeth. E Ruby fora sempre mais importante.

Mas fora só depois do desaparecimento de Elizabeth que compreendera verdadeiramente aquilo que lhe fizera. A dor, o desapontamento. Ela não tivera a oportunidade de fazer as suas próprias escolhas.

«Não é para admirar que ela me tenha detestado desde o início. Não é para admirar que tenha ficado tão doente quando estava txrávria Hae

minhas filhas. Ela não me queria para pai dos seus filhos, apesar de não ter encontrado o homem que queria. Agora que sei de Lee, tenho a *certeza* de que ela pode engravidar, mesmo com a idade que tem, sem o mínimo problema. Fico muito satisfeito por ter ficado a saber do Lee antes de hoje! Ele é perfeito para ela.

O túnel número um era um refúgio que estava inteiramente por sua conta: a mudança de turno só estava prevista para a meia-noite e os mineiros, que trabalhavam nos túneis número cinco e sete, sabiam que ele estava a trabalhar no número um. A não ser que chamasse alguém, deixá-lo-iam em paz.

O compressor era uma maravilha; abastecia a broca com ar suficiente mesmo àquela distância e ele estava encantado com o desempenho daquela broca da Ingersoll em particular. Quase nova, tinha sido manobrada com todos os cuidados.

Tinha tencionado enterrar as cargas a três metros e meio de profundidade, posicionado-as da forma que concebera vários dias antes; fora essa a razão de ter recusado a ajuda de Lee. Lee tê-lo-ia questionado -sabia demasiado. Fosse como fosse, não precisava de ajuda, sabia exactamente o que estava a fazer e podia fazê-lo melhor e mais depressa. Depois, durante a perfuração do primeiro buraco, a ponta da broca entrou no vazio a uma profundidade de pouco mais de três metros - tinha razão, havia ali uma falha! Mas continuou com as perfurações e, a cada uma delas, alcançava um vazio a pouco mais de três metros. E à medida que perfurava continuava a pensar.

«Que vida maravilhosa a que tive! Mas que bela demonstração! São uma receita eficaz para o sucesso, o trabalho árduo, a inteligência e a ambição. E não dei nenhum passo em falso nos meus empreendimentos, do ouro à borracha e, se falhei nalguma coisa, então prefiro ter falhado na minha vida privada. Sir Alexander Kinross, da Ordem do Cardo - e não estava magnífico com as vestes? Como me diverti! Os triunfos, as viagens, as aventuras loucas, o ouro a amontoar-se no Banco de Inglaterra, a satisfação de construir uma cidade-modelo com uma geração de avanço sobre a sua época, o conhecimento de que todos os políticos têm um preço e o prazer de os comprar, aos idiotas gananciosos. Que interessa o dinheiro se, ao recebê-lo, um homem se vende e se torna pertença de outro homem? Sim, tive uma vida maravilhosa durante cinquenta e cinco anos.

Parou para atar um lenço em volta da cabeça e depois regressou ao trabalho com movimentos precisos e ágeis.

Apesar de toda a infelicidade que o casamento trouxera a Elizabeth, esta presenteara-o com uma filha maravilhosa que iria longe na carreira que escolhera - caso não decidisse, em vez disso, tornar-se cruzada. Nell, já reparara, era altruísta e essa característica só a podia ter herdado da mãe. O único objectivo que não alcançara fora ter um filho e herdeiro do seu próprio sangue. Nunca deveria ter mandado vir uma noiva da Escócia; deveria ter-se casado com Ruby, a esposa do seu coração, pois este, bem como o seu espírito, estavam prisioneiros daquele corpo robusto e de busto grande. Devido ao seu humor indecente e animado, à sua sensatez aguda, ao seu sentido do ridículo, ao incomensurável entusiasmo pela vida. Era única em muitos milhões, a Ruby. Também falhara em relação a ela, o que lhe provocava um desgosto tão grande como saber que falhara em relação a Elizabeth. Amava ambas, fracassara com ambas.

Mas estava em dívida para com Elizabeth e era mais do que tempo de a saldar. Amá-la e, no entanto, não ter conseguido fazê-la feliz, era indesculpável. Ao menos Ruby era feliz. Lee era perfeito para Elizabeth, sim, mas conseguiria ele lidar com o seu secretismo? Ele estava imensamente apaixonado por ela, mas aquele era o tipo de amor cortês da era medieval, um desejo desesperado a uma distância casta. Consequiria ele fazer a transição da esperança para a esperança realizada? Seria a Elizabeth com que ele sonhara durante dezassete anos a Elizabeth com quem ele teria de viver? Isso, Alexander não o podia saber. E também não queria.

Pensou subitamente em Sung. Bom velho Sung! Nunca nenhum homem tivera melhor sócio para iniciar um empreendimento tão avassalador. Fora dele que Lee herdara o sentido da honra, era evidente. O que era estranho, uma vez que o pai não supervisionara pessoalmente o filho mestiço nem tivera, na verdade, grande interesse por ele. Os filhos chineses de Sung eram, se tal era possível, ainda mais estrangeiros do que ele próprio: uma educação completamente diferente. Alexander inclinava-se para a ideia de que Lee tivera as vantagens maiores da situação. As coisas piorariam para os Chineses após a federação das colónias, mas Alexander tinha agora a certeza de que aqueles que já estivessem na Austrália ali permaneceriam. Como era estúpido, ignorar a inteligência e o talento existentes no mundo não branco!

Anna viera e partira como um instrumento de tortura, misturado com Jade, Sam O'Donnell e Theodora Jenkins. Ora, *Theodora* era um exemplo de como o amor podia arruinar uma vida! A idiota da mulher saíra de Kinross e vivia agora numa pobreza abjecta em Bathurst, fazendo pequenos trabalhos de costura e dando lições de piano. Tudo porque se recusava a admitir a verdade relativamente ao seu biscateiro encantador. Jade, um pequeno corpo negro a girar suavemente na ponta de uma corda, cinzas a penetrarem no caixão barato de Sam O'Donnell. Aquela fora uma ideia magnífica de Sung. Depois daquelas chuvadas enormes, os ossos meio desfeitos de Sam O'Donnell estariam envoltos na teia do abraço do seu carrasco.

Que se podia concluir relativamente a Anna? Pobrezinha, pequena e inocente. Uma tragédia tão inevitável e inexorável como uma mole de gelo a desabar sobre um vale. Só por isso, estaria em dívida para com Elizabeth, que suportara sozinha aquele fardo. Bem, teria de lhe dar a sua oportunidade e rezar para que não fosse demasiado tarde. Lee pertencia-lhe até à morte, mas queria ela isso quando o tivesse? Começaria também ele a irritá-la e a sufocá-la? «Não, pensou, se ela lhe puder dar filhos. Serão os filhos do seu coração. Será que algum deles se parecerá com a Ruby? Gostaria que isso acontecesse!

Os buracos estavam prontos. Alexander arrastou os pés pelo túnel até ao local onde Summers acabara de chegar com um carrinho de quatro rodas contendo uma caixa de dinamite, uma pasta de sais, fio de algodão, arame de platina e detonadores. Como o tempo voa!, pensou Alexander olhando para o relógio. Os ponteiros estavam juntos, marcando as seis e meia. Nove horas para abrir os buracos. Nada mau, para um velho. A nota que me deixou *indicava* uma caixa inteira a sessenta por cento, Sir Alexander, mas isso não será muito? Demasiado mesmo, Summers, mas não fiquei satisfeito com a qualidade do material que estava na caixa aberta. Pronto, vamos lá dar uma olhadela. - Abriu a tampa grossa de madeira da caixa e ficou a olhar para os rolos castanhos devidamente armazenados. Pegou num para o sentir e cheirar e assentiu. - Este lote está óptimo. Eu levo o material no carrinho. Quem me dera não ser tão ignorante em relação aos explosivos - disse Summers lugubrememente. E começou a empurrar a vagoneta pelo túnel número um.

Alexander deteve-o. Obrigado, Summers, eu cá me arranjo. E então a Ingersoll? E a desmontagem do tubo do ar? Eu próprio tirei de lá a broca e desmontei o tubo do ar. Não devia fazer isso, Sir Alexander, não devia mesmo. Na minha idade, é o que queres dizer? - perguntou Alexander com um sorriso e começou a empurrar a vagoneta.

Summers ficou a ver a sua silhueta afastar-se pelo túnel brilhantemente iluminado até desaparecer numa curva.

De regresso junto à parede de rocha, Alexander pegou num pau de explosivo fortíssimo e abriu o invólucro de um dos lados com uma faca afiada. Enfiou-o no buraco com facilidade, pegou num varão muito comprido e empurrou o explosivo até ao espaço vazio. Depois enfiou mais outro e mais outro e mais outro, trabalhando agora tão depressa quanto lhe era possível, enchendo o buraco até haver espaço para apenas mais um pau de explosivo. Na base deste último enterrou o fulminante do detonador de mercúrio e dois terminais de arame ligados por um filamento de platina assente numa cama de algodão. E passou ao buraco seguinte.

O suor escorria-lhe pelo corpo, os músculos gemiam devido ao esforço, mas ele colocou as cargas como queria, com um pedaço de fio a sair de cada um dos buracos até 156 paus de dinamite, cada um deles contendo 60 por cento de nitroglicerina, jazerem no interior da parede rochosa. Depois descarnou quinze centímetros de isolamento em cada fio e entrançou-os num só feixe. Depois disso, descarnou o isolamento de uma das pontas do fio que iria começar a desenrolar à medida que fosse caminhando de regresso à galeria onde o ligaria ao terminal que desencadearia a explosão. Pronto! Estava feito. Olhou para o seu trabalho aprovadoramente e acenou afirmativamente com a cabeça.

Pontapeando o rolo de fio na sua frente, percorreu o chão lamacento até à galeria. Summers, Lee e Prentice aguardavam-no; Prentice levou o rolo de fio para junto do terminal e dobrou-se para cortar o fio, tencionando fazer ele próprio a ligação. Alexander tirou-lhe o fio, descarnou-o e ligou-o. Que sujeito mais complicado e rabugento!, pensou Prentice. «Tem de fazer tudo ele, parece que mais ninguém é capaz.

Está pronto, o querido e velho número um disse Alexander bruscamente, sorrindo-lhes. Estava sujo e estafado, mas jubilante.

Prentice accionou a sirene que avisava toda a gente de que iria haver uma explosão; quando esta parou finalmente de uivar, Alexander ligou um interruptor no terminal e o amperímetro mostrou que havia corrente.

Puseram as mãos sobre as orelhas, tal como mais outros quarenta homens, mas não se produziu qualquer explosão. A boca do túnel continuava escura e vazia, com as luzes desligadas. Foda-se! - disse Alexander. - O fio partiu-se. Espere! disse Lee veementemente. Alexander, espere um momento! Pode ser um retardamento.

Em resposta, Alexander desligou a corrente; o ponteiro do amperímetro caiu para zero. Eu trato disso, disse ele, pegou numa lanterna e entrou no túnel. Este rebentamento é *meu*. Vocês ficam exactamente onde estão, entendido?

Daquela vez cobriu a distância de um salto, sorrindo, cheio de poder e determinação. O que os homens que tinham ficado lá atrás não sabiam era que a corrente continuava ligada; fizera um circuito alternado dentro do terminal que fora activado quando passara o interruptor para a posição de desligado. A corrente também fora desviada do amperímetro.

Os dois fios jaziam por terra, com as extremidades de cobre descoberto emitindo um brilho rosado à luz da lanterna. Pousou a lanterna e pegou nos fios, um em cada mão.

- É muito melhor assim do que viver até mijar os sapatos - disse e juntou os dois fios com um prazer feroz.

O túnel inteiro entrou em erupção, com pedaços de rocha arrancados à montanha e atirados a trezentos metros de distância e os três metros de rocha fatalmente quebrados no interior da montanha tentaram desabar sobre si próprios quando a força da quantidade enorme de explosivos a rebentou. O primeiro choque de ar uivante foi seguido por um ruído ensurdecedor; os homens na galeria foram atirados de um lado para o outro como bolhas de ar em água a ferver e o espaço foi invadido por estilhaços voadores e uma enorme mortalha de pó atravessou a galeria, subiu pelos poços de ventilação até às gruas, desceu pelo túnel e entrou pela passagem subterrânea. O estrondo foi ouvido em Kinross e, vagamente, no topo da montanha. No entanto, quando tudo terminou e Lee se levantou, com os ouvidos a tinir, viu que a galeria não sofrera danos. As sirenes exteriores uivavam e homens acorriam da cidade. - Oh, meu Deus, um desabamento não! Quem estava morto, quantos túneis e poços estavam soterrados por toneladas de rocha?

A primeira coisa a fazer era avaliar as condições de segurança; quando Lee, os engenheiros de minas e os encarregados fizeram a sua inspecção, descobriram que nada desabara, excepto o túnel número um.

Nos outros locais não havia sequer uma racha num barrote, um rasgão numa tela de lona, um empenamento num carril. Toda a força da explosão fora confinada ao túnel número um.

«O homem é um génio, pensou Lee tristemente enquanto penetrava com Summers no túnel número um tanto quanto lhes era possível - cerca de vinte e oito metros de uma passagem que, anteriormente, tivera trezentos e cinco. Alexander colocara as cargas por forma a causar o máximo de destruição num espaço mínimo. Nenhuma parte da Apocalipse sofrera, excepto o túnel original. «Velho e querido número um. Ele gosta de mim, o filho da mãe.

Summers soluçava como um rapazinho e a maior parte dos homens presentes na galeria estava a chorar, mas Lee não conseguia fazê-lo. Enquanto Prentice e os outros encarregados se preparavam para tentar tirar Alexander de sob os escombros, Lee foi discretamente até ao terminal e desligou o cabo que o ligava à cabina do gerador. Virando o terminal com ambas as mãos, desaparafusou a placa do fundo e viu o que Alexander fizera. «Não lhe escapava nenhum truque, pois não? Ninguém estava a observá-lo; Lee desmontou o circuito alternado, enfiou-o no bolso das calças e depois voltou a montar o aparelho. Quando alguém tivesse a ideia de o examinar e testar num laboratório, comportar-se-ia adequadamente. «Aposto que também pensou que seria eu a encontrar isto. Porque, Alexander Kinross, o senhor queria morrer num acidente: um capricho da sorte que não é culpa de ninguém. Ajudá-lo-ei a conseguir isso. Devo-lhe isso e muito, muito mais.

Nunca o encontrariam, como era evidente. Ele não estivera de regresso à galeria quando o seu mundo terminara, estivera lá, junto à parede de rocha com fios descarnados nas mãos. Está sepultado para sempre, Alexander Kinross. O Rei no seu mausoléu dourado.

- Jim - disse a Summers que continuava em pranto -, Jim, escuta-me! Não posso ficar aqui, as mulheres têm de ser avisadas. Os homens podem escavar trinta metros, se quiserem, mas mais não. Se ele não estiver nesses trinta metros, estará morto. De qualquer maneira está morto, todos o sabemos. Mas podem tentar encontrá-lo durante algum tempo, sentir-se-ão melhor se o fizerem. Eu regresso assim que puder.

E Summers, que sempre obedecera à autoridade durante toda a sua vida, limpou a cara, assoou-se e olhou para Lee com os olhos afogados em lágrimas. - Sim, Dr. Costevan, eu trato disso.

- Assim é que é - disse Lee dando-lhe uma pancadinha no ombro

* * *

Descia a montanha ou subia a montanha? Descia, decidiu. A mãe ouviria primeiro os rumores, por isso teria de ser ela a saber primeiro.

«O que é que o Alexander disse ontem, no fim da nossa conversa? Qualquer coisa sobre ter de arranjar maneira de me manter e, no entanto, libertar a Elizabeth. Sim, qualquer coisa do género. Mas quem teria adivinhado qual iria ser a sua solução? Quem mais seria tão implacável, tão determinado em ir ao cerne da questão? As mulheres nunca saberão que não foi um acidente, portanto não haverá culpa para Elizabeth nem ódio para Ruby. Se a minha mãe soubesse que ele se suicidara para arranjar a melhor saída para uma situação impossível, recriminaria e odiaria Elizabeth para sempre. E isso significaria uma fractura nova e diferente. Assim, o que foi dito entre mim e Alexander será o nosso segredo. Ele morreu num acidente na mina. Os acidentes estão sempre a acontecer. Oh, haverá falatórios! Como é que as cargas detonaram, se não havia corrente? Por que é que a explosão foi tão violenta? Por que é que o Alexander não deixou ninguém entrar no túnel número um? Mas ninguém terá a certeza excepto eu... e Alexander.

Quando Ruby, que esperava ansiosamente na varanda, viu Lee sair do elevador, teve de se agarrar ao pilar do toldo para se manter de pé. Quando ele se aproximou, ela viu a sua expressão - determinada, dura, austera. Fosse por causa disso ou através de uma qualquer intervenção misteriosa, soube subitamente, sem qualquer sombra de dúvida, que Alexander estava morto. Uma das mãos estendeu-se e a outra apertou o pilar, procurando apoio. Lee pegou-lhe na mão e acariciou-a.

- Houve um acidente no túnel número um. O Alexander está morto, tem de estar morto.

Os enormes olhos verdes tinham a mesma expressão que os de uma gata quando lhe tiram os gatinhos para os afogarem: desgosto, espanto, dor incipiente. Em breve, pensou Lee, ela começará a procurá-lo nos recantos da sua pobre mente atormentada, certa de ter havido um erro qualquer.

Foi o seu grande rebentamento? perguntou.

Sim. O rebentamento falhou e ele entrou para corrigir o erro.

Ela vacilou; ele pôs-lhe um braço em volta da cintura e levou-a para dentro, sentou-a numa cadeira e deu-lhe um *brandy*.

O TOQUE DE MIDAS 479 Não parece coisa dele, errar nos cálculos no que se refere a explosivos ou rebentamentos. Há trinta e cinco anos que ele trabalha com

essas coisas - disse ela com uma ligeira cor a voltar-lhe ao rosto. Talvez tenha sido esse o problema, mamã. Talvez tenha ficado descuidado. Isso não é da natureza dele e tu sabe-lo. Estou só a tentar explicar o que aconteceu, inclusivamente a mim próprio. Finalmente viúva! - disse ela em tons de espanto. - Pelo menos eu sinto-me viúva. É bem do Alexander, deixar duas viúvas. Vais ficar bem, mamã? Tenho de ir dizer à Elizabeth. Ela não o chorará. Agora poderá ter-te. Não estás ser justa com nenhum de nós, mamã. Oh, vai, vai! - disse ela, fatigada. - Isto é efeito do choque. Diz à Elizabeth que mais logo vou lá acima. Até lá ela ficará bem, com a Constance Dewy lá em casa. Agora somos todas viúvas.

Os baldes da passagem subterrânea estavam a trabalhar intensamente, enquanto meia cidade tentava remover as rochas densamente compactadas do túnel número um; Lee subiu no elevador e foi encontrar Elizabeth e Constance a beber chá na estufa. Os dois rostos que se viraram para ele estavam calmos até as mulheres se aperceberem da aparência de Lee: coberto de pó, escorrendo suor, com a mesma expressão que Sung adoptava quando ocorria uma transgressão grave entre o seu povo. Que aconteceu? - perguntou Elizabeth. - Ouvimos um estrondo ligeiro. Um acidente terrível. Alexander morreu.

A chávena de Constance esmagou-se no chão; Elizabeth pousou a sua cuidadosamente e ajeitou-a por forma a que a asa se ajustasse ao padrão florido do pires. A sua pele pálida empalidecera ainda mais, mas passou-se um longo instante até que olhasse para Lee. Nos seus olhos transparecia uma mistura aterrorizadora de desgosto e alegria enquanto as duas emoções se debatiam no seu interior. E quando as conseguir absorver, pensou Lee, não vai sentir nada além de alívio. A mulher de Alexander não o chorará. Será a minha mãe quem o fará. E ao pensar assim foi injusto para com a sua amada: vinte e três anos de uma união de qualquer tipo, por mais amarga que seja, têm de provocar um qualquer tipo de privação e de luto.

- A Ruby - disse ela com a boca a tremer. - A Ruby já sabe?

|

480 COLLEEN McCULLOUGH Sim. Disse-lhe primeiro porque havia falatório na cidade. A explosão lá em baixo pareceu aquilo que foi: terrível. Ainda bem que lhe disse primeiro. Obrigada disse Elizabeth suavemente. Ele era muito mais importante para ela. Oh, a pobrezinha!

Constance chorava, torcendo as mãos. Não chore - disse Elizabeth no mesmo tom de voz suave. - É melhor assim, morrer na posse de todas as faculdades e sem saber que a morte se aproximava. Fico contente por ele. A mãe diz que vem cá mais tarde. Entra em contacto com a Nell? Sim, claro. Encontraram o corpo? - perguntou Constance.

Os olhos perturbantes de Lee olharam-na a direito. - Não. Nunca encontrarão o corpo, Constance. Está soterrado sob centenas de metros de um túnel que deixou de existir. Ele faz parte da Apocalipse para sempre. - Dirigiu-se à porta. - Tenho de ir. Precisam de mim.

Elizabeth atravessou o relvado, que depois da chuva ficara muito viçoso. - Ele não sabia de nós, pois não, Lee? - perguntou. Não, não sabia - disse Lee apercebendo-se subitamente de que aquela era uma mentira com que teria de viver todos os seus dias. - Todas as suas energias estavam concentradas neste rebentamento. Os acidentes acontecem, mesmo a homens que são abençoados. Uma mina é um local perigoso. - Passou a mão pelos olhos. - Só nunca pensei que uma coisa destas estivesse à espera do Alexander. Ele era o rei. No fim, o fardo deve recair sobre o rei - disse Elizabeth cripticamente. - É o preço que tem de pagar pelo seu reinado. Ainda há no teu coração e na tua vida lugar para mim? Oh, sim, sempre. Mas terá de esperar um pouco. Posso esperar. Desde que saibas que estou aqui sempre que precisares de mim. Amo-te, Elizabeth. A morte do Alexander não tem poder para alterar isso. E eu amo-te. Acho que agradaria a Alexander saber que encontrei

alguém para amar. - Pôs-se nas pontas dos pés para beijar a face de Lee. - Agora estás no comando. Vem sempre que possas.

Será que as coisas nunca mudam?, perguntou Ruby a si própria quando, nessa tarde, encontrou Elizabeth na casa. Ali estava ela, a viúva oficial de Alexander, tão composta, fria e distante como sempre. Até mesmo os seus olhos estavam tranquilos, se bem que não estivessem felizes. Ela parte, ninguém sabe para onde. Alexander sempre disse isso dela.

Dolly já sabia e estava deitada na cama a soluçar, com Peony a murmurar-lhe palavras reconfortantes; e Elizabeth telefonara a Nell, interrompendo-lhe a ronda das enfermarias no Prince Albert Hospital, para lhe dizer que o pai morrera. Ela vinha a caminho, disse Elizabeth a Ruby naquele tom de voz calmo, distante e suave.

Lee regressou a tempo de jantar, de banho tomado e roupas de trabalho limpas.

- Concordámos em suspender as buscas - comunicou sentando-se como um velho e aceitando um *bourbon* do Kentucky das mãos da mãe.

- Todos os engenheiros concordaram que continuar com as escavações no túnel, mais um metro que fosse, poderia provocar outro desabamento mais grave. Não havia sinais do corpo de Alexander. Está no interior da montanha.

O que parecia estar a perturbar Elizabeth era a ausência do corpo, como revelou ao perguntar: - O que fazemos, Lee? Ele não pode ser oficialmente sepultado, pois não.

Não. Mas tem de ter uma *campa*. Pode ter disse Lee pacientemente. A campã não tem de ter um

corpo lá dentro, Elizabeth. Ele pode ter uma campã onde a Elizabeth quiser. Junto à de Anna. Ele adorava o topo da montanha.

Ruby estava em silêncio, ainda demasiado em estado de choque para chorar. Por um consenso não verbalizado, as três mulheres pareciam ter decidido vestir de negro - vestidos severos de gorgorão sem decote e sem qualquer enfeite. «Teriam elas, pensou Lee, «uma coisa daquelas sempre guardada algures para o caso de ser necessário? Embora nenhuma delas tivesse posto luto pela Anna. Fora um fim demasiado misericordioso para vestir de luto.

- Uma estátua - disse Ruby subitamente. - Uma estátua de bronze na Kinross Square, representando Alexander com os mocassins de franjas montado na égua.

- Sim - disse Constance ansiosamente. - De um escultor muito bom.

Três pares de olhos viraram-se para Lee; «elas querem que seja eu a tratar disso», pensou. «Tomei o lugar do Alexander, mas será que o quero? A resposta é não. Mas parece que não tenho escolha. A morte de Alexander fez-me ficar mais preso a Kinross do que César esteve ao seu conceito de Roma.

Dormiu na casa aquela noite, apesar de não o ter feito na cama de Alexander. Dormiu na pequena suíte para hóspedes que servira de prisão temporária a Anna. E a meio da noite acordou de um sono cheio de pesadelos e viu Elizabeth junto a si. Uma parte de si encolheu-se de horror; no entanto, a sua principal emoção foi a gratidão. Ela estava em camisa de dormir, portanto não viera em busca de consolo sexual. Virou-se de lado para a abraçar e ela agarrou-se a ele, beijando-o suavemente. Como é que soubeste que eu precisava de ti? perguntou com

o rosto enfiado nos seus cabelos. Porque tu amava-lo. E tu amaste-o alguma vez, na parte mais secreta de ti? Não, nunca. Como é que aguentaste? Isolando-me de tudo e dele. Não precisarás de fazer isso comigo. Eu sei. Mas de início será difícil, querido Lee. Não pode ser. Tens de derrubar as paredes tijolo a tijolo. Não estarás sozinha. Eu estarei presente para te ajudar. Parece demasiado irreal para ser verdade. Pensei que o Alexander viveria para sempre. Parecia ser esse tipo de homem. A mim também. Quando poderemos deixar que os outros saibam de nós? Não durante meses, Elizabeth, a menos que consigas sobreviver a um escândalo. Consigo sobreviver ao que quer que seja, desde que tu estejas

comigo, mas tu ficarias muito mais feliz se não houvesse escândalo. Tu amava-lo.

- Sim, amava-o.

Como o magistrado encarregado de tais casos exercia em Bathurst, o inquérito - que dificilmente poderia ser considerado um inquérito normal - foi realizado em Bathurst. A sala estava cheia de jornalistas, pois a presumível morte de Sir Alexander Kinross era uma notícia de interesse internacional.

Summers testemunhou que Sir Alexander pedira uma caixa intacta de dinamite a 60 por cento, com duzentas cargas, e pôde apresentar a nota em que este lhe dava essas instruções. Depois confessou que era um verdadeiro idiota no que respeitava a explosivos e que já era uma sorte saber distinguir um pau de dinamite de outro, se é que estes eram diferentes.

Podia garantir com toda a certeza que Sir Alexander tinha desligado a corrente do terminal, pois vira o ponteiro do amperímetro cair para zero. Ninguém o voltara a ligar quando Sir Alexander tornara a descer o túnel, podia garantir isso também.

Prentice testemunhou que tirara o rolo de fio a Sir Alexander e que o cortara, mas que Sir Alexander parecera ter ficado aborrecido, lhe tirara o fio da mão, o descarnara e fizera ele próprio a ligação. Explicou que fizera soar a sirene dos rebentamentos e que todos os mineiros que estavam a trabalhar tinham saído dos túneis para a galeria. Vira com os seus próprios olhos que Sir Alexander ligara o interruptor e vira o amperímetro registar a passagem de corrente. E testemunhou com toda a certeza que vira Sir Alexander desligar novamente a corrente antes de voltar a entrar no túnel número um para arranjar o fio partido, pois todos tinham pensado ter sido esse o problema.

O testemunho de Lee confirmou os testemunhos de Summers e de Prentice relativamente a quem ligara o fio ao terminal e a quem o ligara e depois desligara." Sir Alexander. Mostrou o terminal ao tribunal e explicou o seu funcionamento, explicando também que este fora exaustivamente testado em laboratório e que a conclusão fora de que estava a funcionar devidamente - não era um equipamento muito complexo. Se o Juiz desejasse saber mais relativamente àquele assunto, os engenheiros que tinham feito os testes estavam presentes no Tribunal.

Interrogado quanto à razão por que a explosão se pudera produzir, Lee abanou a cabeça e disse que não sabia. Perante a mesma questão, Prentice abanou a cabeça e disse que não sabia. A dinamite era uma substância inerte até à explosão e, mesmo que um dos detonadores tivesse sido accionado, as cargas não teriam explodido todas, pois não estavam armadas em série. A técnica habitual era rebentar as primeiras cargas, inspeccionar os resultados e depois decidir se se continuava com o rebentamento. Não, a intenção de um técnico de rebentamentos nunca era demolir completamente a parede rochosa; a maior parte da demolição era feita com martelos pneumáticos depois de a explosão ter provocado fendas e aberto a rocha ao longo das falhas naturais.

Chamado novamente a depor, Lee admitiu que Sir Alexander estivera muito excitado relativamente àquele rebentamento em particular a que chamara experimental. Chamado também novamente a depor, Prentice confirmou aquela afirmação.

484 COLLEEN McCULLOUGH Tem alguma teoria quanto ao que aconteceu, Dr. Costevan? - perguntou o Juiz no fim da sessão de depoimentos. Tenho uma, Meretíssimo. Devia haver uma grande falha, mesmo por trás da parede rochosa, de que Sir Alexander não tinha conhecimento e a explosão provocou um grande desabamento de granito em torno dessa falha. Não vejo que possa ter acontecido de outra forma. Embora isso não tenha grande significado para um leigo, quando subi a montanha há uns dias atrás, encontrei uma depressão mesmo por cima do local onde ficava o túnel número um. Para um geólogo, tal facto indica o desabamento de uma falha, dado não ter existido ali qualquer depressão antes do acidente. Isso poderia ter provocado uma explosão enorme, Dr. Costevan? Depende, Meretíssimo. Acho que nenhum dos que estávamos na galeria nessa manhã lhe poderá dizer se o barulho que ouviu foi o de uma explosão ou o ruído provocado pelo desabamento do túnel. Ambos provocam ondas de som muito intensas nos nossos tímpanos - disse Lee numa linguagem deliberadamente científica.

O Juiz pronunciou o veredicto de morte accidental; Sir Alexander Kinross estava agora oficialmente morto.

Ruby e Elizabeth não tinham assistido às sessões, mas Nell estivera presente embora isso tivesse implicado mais uma viagem de Sydney e uma estadia prolongada devido ao serviço religioso em memória do pai e à leitura do testamento e últimas vontades. Saiu da sala com Lee, com uma expressão sombria. Acho que aquilo foi uma série de tretas - disse enquanto Lee a metia no comboio de Bathurst para Lithgow. Em que aspecto, Nell? - perguntou ele num tom moderadamente curioso. O meu pai não cometia erros. Concorde, não cometia. Então? - perguntou ela com uma expressão perigosa. Então é um mistério, Nell. Não tenho qualquer resposta. 'A resposta está algures. Espero que a consigas encontrar. Ficaria mais descansado se o conseguisses. 'A minha mãe está-se nas tintas. Oh, eu não acho. Ela tem dificuldade em demonstrar aquilo que sente, devias saber disso melhor do que eu.

O TOQUE DE MIDAS 485 Ninguém o sabe melhor - disse Nell amargamente. -A

Ruby chora-o mais. Tem mais razões para o chorar disse ele com franqueza. Somos um estranho par, Lee, tu e eu. Embrulhados nas estranhas relações dos nossos pais. Bem dito. És sensível, para um engenheiro. Obrigado.

Ela encostou a face à janela do compartimento e fixou os olhos, de um azul mais baço do que o habitual, no rosto de Lee. Ele sofrera uma alteração subtil - mais seguro, mais velho e muito mais determinado. «Será por estar à espera de ser o principal herdeiro do meu pai? Mas o pai disse-me que seria eu a sua herdeira. Eu não o quero ser - *Não quero!* Mas não, não é isso o que está a alterar o Lee. Há outra razão para esta mudança. Ele nunca foi atraente para mim, mas, subitamente, consigo ver a sua atracção. Uma grande integridade e honradez e sensibilidade. A minha mãe e a dele olham-no ambas como a sua única salvação neste momento terrível. Oh, não é típico? O Lee é um *homem*. Nenhuma delas quer saber se eu estou lá ou não.

Em Lithgow mudaram para o comboio com destino a Kinross, tendo caído num silêncio que nenhum deles estava disposto a quebrar.

Depois ele disse: - Devido à morte de Anna e ao que aconteceu agora, deves ter perdido muitas aulas, Nell. Vais sair-te bem?

-Acho que sim. Os exames do fim do ano são sobre medicina geral, medicina clínica, cirurgia e um pouco de fisiologia e anatomia. Vou passar porque já domino a matéria e as regras de assiduidade não são muito rígidas, especialmente se as ausências se devem a razões de peso. - O seu rosto comprido animou-se. - E no próximo ano também me vou sair bem. É o meu último ano, 1900, e será o mais difícil. Uma parte muito grande é dedicada a coisas que não encaro como fazendo parte da medicina -jurisprudência médica, por exemplo. Também estou a preparar uma tese de doutoramento, pelo que espero vir a ser uma genuína Doutora em Medicina e não uma mera Licenciada em Medicina. A tua tese é sobre o quê?

A epilepsia.

Anna, pensou ele. Tencionas vir a casar-te? - perguntou-lhe com um sorriso encantador que eliminava toda a ofensa da pergunta. Não. Uma pena. Tu és tudo o que resta do sangue de Alexander.

486 COLLEEN McCULLOUGH Não acredito nesse género de coisas, Lee. É antiquado e não é importante. E há a Dolly. Desculpa disse ele não parecendo sincero. A não ser que *tu* queiras casar comigo lançou ela com um brilho de desafio nos olhos. Nem daqui a um milhão de anos. Porquê? perguntou ela, afrontada. És demasiado arisca e agressiva e eu não sou o homem indicado para te amaciar as arestas. Prefiro mulheres mais suaves. Já escolheste uma, não foi?

Não. Uma mulher não se escolhe. É ela quem escolhe.

Começando a simpatizar mais com ele, ela inclinou-se para a frente. Sim, penso que isso é verdade reconheceu.

O que é que aconteceu ao tal sujeito anónimo que te agradou? Oh, isso foi há muito tempo e eu só tinha dezasseis anos. Ele quase teve um ataque quando descobriu que eu era tão nova. Portanto a coisa esmoreceu mesmo antes de se ter iniciado. Não podes reacender a chama? Não! Especialmente agora, com o falecimento do pai. Seria uma traidora. Porquê? Acontece que o tal sujeito é um deputado trabalhista do Parlamento da Nova Gales do Sul. Tão enfronhado no socialismo como o pai estava no capitalismo. Suspirou e pareceu um pouco melancólica. Oh, mas eu gostava dele! Muito mais baixo do que tu, mas aposto que te daria uma coça no ringue. Só disse Lee a sorrir se conhecesse todos aqueles truques chineses que aprendeste para te defenderes.

O testamento e últimas vontades de Alexander era recente, feito dois dias após a morte de Anna muito antes da confissão de Lee, o que foi um grande alívio. Lee não poderia culpar-se a si próprio por quaisquer das suas disposições, apesar de se interrogar quanto às razões de Alexander não o ter alterado depois de ter ficado a saber da conduta de Lee para com a sua mulher. Seis das sete quotas de Sir Alexander nas Empresas Apocalipse eram deixadas a Lee; a sétima ficava para Ruby, o que significava que, das treze quotas da Empresa, sete eram agora de Lee, duas de Ruby, duas pertenciam a Sung e duas a Constance Dewy. Lee era o sócio maioritário e o patrão inquestionável

Elizabeth, Nell e Dolly recebiam um rendimento de 50 000 libras anuais que seriam pagas com os lucros ou através de fundos, como o conselho de administração preferisse.

Jim Summers recebeu 100 000 libras, as irmãs Wong 100 000 libras cada e Chang 50 000 libras. Alexander expressava a vontade de que Sung Po continuasse como funcionário municipal e legava-lhe 50 000 libras. Theodora Jenkins recebia 20 000 libras e a escritura da sua antiga casa.

Os quatrocentos hectares de Monte Kinross eram propriedade da Empresa, mas Elizabeth teria o seu usufruto vitalício e, após a sua morte, os terrenos reverteriam para o conselho de administração. Todos os legados em dinheiro deveriam ser entregues livres de impostos e deveriam ser retirados dos fundos privados de Alexander.

A sua fortuna particular, a colecção de arte, os livros raros e todas as propriedades registadas em seu nome eram deixados a quaisquer filhos que Elizabeth viesse a ter depois da sua morte, uma cláusula que ninguém compreendeu, nem mesmo Lee. Que teria Alexander pressentido, dado não saber do que acontecera entre eles aquando da feitura do testamento? Seria uma forma de dizer a Elizabeth que lamentava e que era livre de se casar novamente? Fico tão contente por este fardo te ter calhado a ti, Lee - disse Nell. Eu não. Realmente, não estava à espera. Agora estás atado de pés e mãos às Empresas Apocalipse. Suponho que quando escolhi a medicina ele lavou as mãos no que me diz respeito. Como guardião dos seus feitos, sim, mas eu não chamaria a um legado de cinquenta mil libras anuais uma lavagem de mãos. Tu não sabias da minha esperança de que ele patrocinasse um hospital para os doentes mentais.

Lee forçou um sorriso. Se lhe dissesse que querias fazer isso, então já é razão suficiente para ele te negar a oportunidade. Alexander consideraria essa ideia lutar contra moinhos de vento, com Anna ou sem Anna. Sim, ele acharia isso, não é? Um completo pragmático. Oh, não sei... vê só o legado que ele deixou à Theodora. Fico satisfeita por se ter lembrado dela. Eu também. . . De que *tamanho* é a fortuna particular dele, Lee? Enorme. Os legados e os impostos nem sequer lhe farão

mossa.

488 I COLLEEN McCULLOUGH Para quaisquer filhos que a Mãe possa ter depois da sua morte...

Mas ele sabia - sabemos todos! - que ela não pode ter filhos! E o que acontecerá a essa fortuna, se ela não tiver mais filhos? Uma boa questão.

Dado estar depositada no Banco de Inglaterra, quando ela morrer irá parar ao Supremo Tribunal de Justiça de Inglaterra e por lá ficará durante anos, enquanto os advogados brigarão e se alimentarão do seu cadáver como abutres disse Lee. Se tiveres filhos, poderás tentar que estes a herdem, suponho. A mãe a começar a ter filhos com a idade que *tem*? - Nell parecia

achar que o mundo acabaria antes que tal acontecesse. - Embora deva admitir - continuou pensativamente - que a eclampsia provavelmente já não seria um problema. Porquê? - perguntou Lee agarrando-se a pequenas esperanças. Suspeito que ela está muito mais saudável agora do que naquela altura. Mesmo na sua idade? - perguntou ele mordazmente.

- Bem, sim, teoricamente ela ainda é fértil, suponho.

E Lee deixou a questão por ali.

Pelo menos deixou a questão por ali no que se referia a Nell, pois em breve descobriu que estava para sempre enredado na teia de Alexander. Ruby foi a seguinte. Ele deve ter sabido de ti e da Elizabeth antes de ter feito o testamento - disse-lhe Ruby quando regressou ao hotel. Acredita no que te digo, mamã - disse ele veementemente segurando-lhe nas mãos -, o Alexander *não* sabia de mim e da Elizabeth antes de ter escrito o testamento. Se soubesse, nunca me teria deixado a parte maior e tu sabes disso. Então por que é... Só posso responsabilizar a premonição ou talvez a sensação de que, com a sua morte, a vida de Elizabeth tomaria uma nova direcção. Que mais filhos não a prejudicariam - disse Lee incapaz de expressar aquilo que era apenas uma sensação. Mas ele estava preparado para viver para sempre! Como é que ele podia saber que... que uma semana depois de ter escrito aquela porcaria morreria num desabamento de terras? - perguntou, andando de um lado para o outro.

Lee suspirou. - Ele sempre disse que a Elizabeth era tresloucada, mas ele era tão escocês como ela. O seu instinto era excepcional. Na verdade, acredito que ele tinha uma forte capacidade de premonição. Suponho que não poderá ter havido outra razão, mas deixa muitas perguntas sem resposta! - Subitamente, riu-se, não histericamente mas com um divertimento genuíno. - Raios partam o homem! Ele fez aquele testamento com um objectivo. Lá porque morreu, isso não quer dizer necessariamente que deixe de nos atormentar. Senta-te, mamã, toma um conhaque e fuma uma cigarrilha.

Ela ergueu o balão na direcção dele e ele retribuiu o gesto. - Ao Alexander - disse ela e despejou o copo de um só trago.

- Ao Alexander, que possa nunca deixar de nos atormentar.

Foi só depois do jantar que Ruby voltou ao assunto que a preocupava. Meu querido gatinho de jade, e então a Elizabeth? Casar-me-ei com ela no momento apropriado. *Juras-me* que ele não sabia? Não, não juro! Que pedido tão idiota, mamã! Usa o bom senso -

disse ele bruscamente. - Podemos deixar este assunto em paz, *por favor?*

Ela aceitou a reprimenda com equanimidade e depois disse: - Ele deve ter ido ao escritório do velho Brumford fazer o rascunho do testamento enquanto a Elizabeth ainda estava a dormir, e assinou a versão final imediatamente a seguir ao pequeno-almoço do segundo dia, disse-me o Brumford. E o Alexander disse que a Nell estava agarrada à mãe como uma lapa. - Ruby soprou. - Ele não tinha estado contigo, portanto não podia saber. Oh, por favor, mamã, muda de assunto! A Nell vai trepar pelas paredes, quando souber de ti e da Elizabeth. Desde que *tu* compreendas, não quero saber da Nell. Oh, eu compreendo! Não posso culpar nenhum dos dois. E lançou-se novamente à carga. Isto é o que me está a aguentar, nesta história se ele tivesse sabido, não teria feito de ti o seu principal herdeiro. Isso é inquestionável, mesmo para a Nell. Alexander não amava a Elizabeth, mas não teria tolerado um caçador furtivo na sua reserva. Mamã, eu amo-te, mas vou matar-te. Eu sei que tu me amas, meu gatinho de jade. - As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces, mas conseguiu sorrir. Sinto desesperadamente a falta do Alexander, mas fico feliz por ti. Com um bocado de

sorte, vou ter uns netos horrorosamente ricos. **Ela não terá nenhum** problema para os ter, sinto-o nos ossos.

- Ela diz o mesmo. E a Nell também.

O telefone tocou. Lee levantou-se para ir atender e a expressão no seu rosto revelou a Ruby quem estava em linha. Com certeza, Elizabeth. Vou chamá-la - disse formalmente, por causa de Aggie. - Mamã, a Elizabeth gostava de falar contigo. Está tudo bem? - perguntou Ruby para o aparelho.

- Sim, eu e a Nell estamos bem. Mas não tenho a certeza de quando é que o Lee vai começar a tratar da estátua do Alexander, por isso achei melhor telefonar e dizer-te já o que penso - disse a voz incorpórea. A estátua de Alexander? - perguntou Ruby inexpressivamente.

- Em bronze não, Ruby. Em bronze não, por favor. Diz ao Lee que eu quero que seja em granito. O granito é a pedra do Alexander. Eu digo-lhe.

Ruby desligou. Ela quer que a estátua do Alexander seja feita em granito e não em bronze. Diz que é a pedra dele. Meu Deus!

Realmente, é, pensou Lee. Ele está sepultado sob milhares de toneladas de granito. Agora há uma depressão na montanha mesmo por cima do fim do túnel número um, como eu disse ao Juiz. Ele atingiu uma falha - uma falha muito grande. E ele sabia que ela ali estava. Até me provocou com isso, levando-me até lá para acabar a nossa conversa, e bateu com o pé no chão. Oco. Mas eu estava demasiado fora de mim para prestar atenção. Sou a única pessoa que pode perguntar aquilo a que ele nunca me poderá responder: Estaria ele a planear o suicídio antes de saber que a Elizabeth lhe era infiel comigo? Terá o desaparecimento dela provocado mais do que um medo e ansiedade naturais? Terá ele pensado que lhe deveria conceder a liberdade enquanto ela era suficientemente nova para ter mais filhos? Habitualmente, ele discutia todos os aspectos de um rebentamento comigo, mas desta vez não o fez.

Elizabeth adquirira o hábito de se sentar na biblioteca só com o candeeiro da secretária aceso; a cadeira estava muito afastada dele, na sombra, sem qualquer utilidade que não fosse a reflexão.

Passara um mês desde a morte de Alexander. O tempo arrastara-se. Com a leitura do veredicto do inquérito, o serviço religioso terminado e o testamento lido, a vida de Sir Alexander Kinross chegara finalmente ao fim. De uma forma estranha, Lee parecia ter-se retirado, não por si próprio,

mas no seu espírito. O tempo parecia ter sido partido ao meio, entre o tempo de Alexander vivo e o tempo de Alexander morto. O seu futuro e a sua liberdade estavam garantidos. No entanto, não conseguia pensar para além de Alexander. Que se tinha, sabia-o com tanta certeza como se ele se tivesse materializado na sua frente e lho tivesse dito, suicidado. Tão deliberada e cuidadosamente como fazia tudo. Dado não saber que Lee contara a Alexander o que se passava entre ambos, ela partia do princípio de que ele não soubera de nada, o que significava que na base de tudo aquilo estivera outra coisa qualquer. Mas qual fora a razão, ela não fazia ideia. Mamã, não devias ficar aqui sozinha às escuras disse Nell entrando. - O jantar é daqui a meia hora. Posso servir-te um dos teus enormes copos de xerez? Obrigada - aceitou Elizabeth pestanejando devido à luz enquanto Nell andava pela sala acendendo candeeiros. Consegues comer? Queres que peça ao Hung Chee para te fazer um tónico? Eu consigo comer. - Elizabeth aceitou o copo e deu um golinho.

- Mas um tónico do Hung Chee? A medicina moderna não tem nada de mais eficaz? Vindo do Hung Chee, o tónico pode conter qualquer coisa, de escaravelhos em pó a coco seco a sementes de ervas quebradiças. A medicina chinesa é espectacular - disse Nell sentada em frente da mãe com o seu próprio copo enorme de xerez. - Tendemos a ir para o laboratório de química fabricar uma coisa qualquer enquanto que eles vão à Mãe Natureza. Oh, muito do que fabricamos é excelente e consegue resultados que a medicina chinesa nunca conseguiria. Mas, especialmente para queixas menos graves ou crónicas, a Natureza dispõe de uma farmacopeia maravilhosa. Depois de me formar, tenciono fazer uma recolha dos remédios antigos e mezinhas tradicionais e das receitas do Hung Chee para a gota, as tonturas, erupções cutâneas, ataques biliosos e sabe Deus que mais. Quer isso dizer que já não te vais dedicar à investigação?

Nell franziu o cenho. - Não vai haver lugar para mim na investigação, mamã, isso já eu percebi. Mas não estou desfeita por causa disso... o que me surpreendeu. Quero exercer medicina geral num bairro desesperadamente pobre de Sydney.

Elizabeth sorriu. - Oh, Nell, isso agrada-me!

492 COLLEEN MCCULLOUGH Vou ter de voltar para Sydney amanhã, mamã, senão terei de repetir Medicina IV, mas fico preocupada de te deixar aqui sozinha. Não ficarei sozinha durante muito tempo - disse Elizabeth placidamente. Desculpa? Vou viajar. Com a Dolly? Para onde? Não, vou mandar a Dolly para casa da Constance, em Dunleigh.

Os filhos da Sophia estão lá e os da Maria também e já é tempo de a Dolly aprender a conviver com crianças da sua idade. As raparigas Dewy não falaram sobre os pais da Dolly e Dunleigh é muito longe daqui. Eles têm uma preceptora excelente. A sugestão foi da Constance. Isso é esplêndido, mamã. É mesmo. E tu? Vou aos Lagos Italianos. Costumava sonhar com eles - disse Elizabeth numa voz ligeiramente misteriosa -, sempre que planeava fugir.

Mas nunca pude fugir. Primeiro foi a Anna e depois veio a Dolly. Lembras-te deles, Nell? Dos Lagos Italianos? Só me lembro de que eram lindos - respondeu Nell com a garganta

apertada. - Planeavas fugir frequentemente? Sempre que a vida aqui se tornava insuportável. Isso acontecia muitas vezes? Muitas vezes. Odiavas assim tanto o pai? Não, nunca o odiei. Não o amava e isso deu origem a desagrado. O ódio é quando não se consegue encontrar uma razão para o que sentimos, é demasiado cego, mas eu sempre consegui ver a verdade. Era até capaz de perceber o ponto de vista do Alexander. O problema é que os pontos de vista dele estavam a um mundo de distância dos meus. Ele amava-te, mamã. Percebi isso, agora que ele está morto. Mas não muda nada. Ele amava mais a Ruby. Que se dane a Ruby Costevan! - exclamou Nell. Não digas isso! - gritou Elizabeth, num tom tão severo e elevado que Nell deu um salto. - Se não fosse a Ruby, não sei francamente o que eu poderia ter feito. Tu sempre a amaste, Nell, portanto não deves começar a recriminá-la agora. Não quero ouvir uma única palavra contra ela.

Nell estava a tremer. *Paixão* na voz da mãe! E pela única pessoa que a sociedade dizia que ela deveria detestar! - Desculpa, mamã. Errei.

O TOQUE DE MIDAS 493 Promete-me só que, quando te casares - vais casar! -
casarás pelas

razões certas. Por gostares, acima de tudo. Por amor, evidentemente. Mas também pelos prazeres do corpo. Essas coisas não costumam ser mencionadas, como se tivessem sido inventadas pelo Diabo e não por Deus. Mas não te sei dizer como são importantes. Se puderes partilhar a tua vida íntima com o teu marido de todo o coração, tudo o resto não terá importância. Tens a tua própria carreira, que te custou demasiado esforço para que a abandones e não a deves abandonar. Se ele quiser que o faças, não cases com ele. Terás sempre rendimentos suficientes para viver com todo o conforto, portanto poderás ser casada e continuar a exercer a tua profissão. Um bom conselho disse Nell com voz rouca, começando a perceber muitas coisas sobre o pai e a mãe.

Ninguém pode dar melhores conselhos do que quem falhou.

Fez-se silêncio. Nell via a mãe com olhos diferentes, via nela uma sabedoria que aumentara desde a morte do pai. Tendo tomado sempre o partido do pai, sempre exasperada com a passividade da mãe, com aquele seu ar de quem não estava ali. O que ela detestara na mãe fora o elemento de martírio, mas agora Nell percebia que Elizabeth não era, nem nunca fora, uma mártir. Pobre mamã! Tu nunca tiveste sorte, pois não? Não, não tive. Mas espero vir a ter alguma no futuro.

Nell pousou o copo e levantou-se, beijou a mãe nos lábios **uma** novidade. Estendeu-lhe a mão. Anda, o jantar deve estar pronto. Corremos com os papões, não foi?

- Papões? Eu prefiro chamar-lhes demónios - disse Elizabeth.

Lee acompanhou Elizabeth de regresso a casa, depois de ela se ter ido despedir de Nell ao comboio, e seguiu-a até à biblioteca, sentindo-se um pouco perdido. O único contacto físico que tinham tido desde a morte de Alexander fora aquele interlúdio patético e destituído de paixão na cama da prisão temporária de Anna. Não que a recriminasse por aquele distanciamento; pelo contrário, compreendia-a muito bem. Mas, para ele, era a presença de Alexander que pairava entre ambos e não conseguia encontrar o encantamento certo para a banir. O que o assustava era poder vir a perdê-la, pois, apesar de a amar e acreditar que ela o amava, a relação de ambos estava, até ao momento, assente em areias movediças e a morte de Alexander movera as areias de muitas formas - a herança - e a sua

ignorância relativamente à forma como a cabeça dela funcionava. Se Alexander não soubera depois de tanto tempo, como poderia ele saber? Através do amor que tinha por ela, era o que o seu instinto lhe dizia... mas a lógica e o bom senso não se sentiam assim tão seguros.

Mesmo agora, com as portas da biblioteca firmemente fechadas e as cortinas escuras corridas, ela não lhe dava qualquer sinal de querer que ele se aproximasse, a tomasse nos braços e a *amasse*. Em vez disso, mantinha-se de pé a passar as luvas de pelica preta por entre os dedos como se quisesse torturar aqueles lembretes inanimados do luto. Tinha a cabeça curvada e estava completamente absorta no que fazia. «Alexander tinha razão, ela vai-se embora e não deixa a chave do labirinto em que vagueia.

Passaram-se vários minutos. Finalmente, as palavras rebentaram na boca dele: - Elizabeth, o que queres fazer?

- Fazer? - Ela ergueu a cabeça para o olhar e sorriu. - Gostava de ter a lareira acesa. Está frio.

Talvez seja isso, pensou ele ajoelhando-se junto à lareira para chegar o lume ao papel e acendalhas cuidadosamente preparados. Sim, talvez seja isso. Nunca ninguém andou de volta dela, preocupando-se com o seu conforto e bem-estar. Com a lareira acesa, tirou-lhe as luvas, retirou os alfinetes que lhe seguravam o chapéu, conduziu-a para uma cadeira confortável que puxou para junto do fogo, alisou-lhe o cabelo nos sítios em que o chapéu o despenteara, deu-lhe um xerez e um cigarro. Os olhos dela, negros à luz sombria, reflectiam as chamas quando se viravam na direcção da lareira, mas só quando ele se mexia naquela direcção. De contrário, seguiram os seus movimentos até ele se sentar na carpete junto ao seu joelho e ali pousar a cabeça. Ela pegou-lhe na trança e enrolou-a no braço, embora ele não pudesse ver o que a expressão do seu rosto revelava. Era suficiente estar assim ao pé dela.

- «Como é que eu te amo? Deixa-me contar as várias maneiras - começou ele.

Ela pegou no mote. - «Eu amo-te em todo o comprimento e largura que a minha alma consegue alcançar. Eu amo-te ao nível das necessidades mais calmas do quotidiano, à luz do Sol e da vela. «Eu amo-te com a respiração, sorrisos, lágrimas de toda a minha vida! E, se Deus assim quiser - terminou ele -, «amar-te-ei ainda mais depois da morte.

Não voltaram a falar; os gravetos estavam em brasa e ele levantou-se para lhes pôr em cima toros grandes e secos e depois sentou-se no chão entre os seus joelhos, com a cabeça a repousar-lhe no estômago, os olhos fechados saboreando a sensação das mãos dela a acariciarem-lhe o rosto. O xerez continuava por beber e o cigarro desfez-se em cinzas.

- Vou-me embora - disse ela muito tempo depois.

Ele abriu os olhos. - Comigo ou sem mim? Contigo, mas separadamente. Sou livre de ir, livre de te amar, livre de te querer. Mas aqui não. Pelo menos, não de início.

Podes levar-me a

Sydney e meter-me num barco para... oh, não tem importância! Para um

sítio qualquer da Europa, embora o melhor destino fosse Génova. Vou

para os Lagos Italianos com a Pearl e a Silken

Flower. Esperaremos lá

por ti, leves o tempo que lewares. -A ponta de um dedo desenhou o contorno de uma sobrancelha e adejou-lhe sobre o a maçã do rosto. -Adoro

os teus olhos... têm uma cor tão estranha e

bela. Começava a temer que tivesse acabado tudo - disse ele demasiado

cheio de felicidade para se mexer. Não, nunca acabará,

apesar de um dia poderes vir a desejar que

tivesse acabado. Faço quarenta anos em Setembro. A

nossa diferença de idades não é assim tão grande.

Vamos envelhecer juntos e ser pais de meia-idade. -

Endireitou-se e virou-se para a

olhar. -Tu estás...?

Ela riu-se. - Não. Mas ficarei. Esse foi o presente que Alexander me deu. Não posso imaginar que ele o tenha feito por qualquer outra razão.

Ele susteve a respiração e ajoelhou-se. - Elizabeth! Isso não é verdade! Se

tu o dizes - disse ela sorrindo um sorriso misterioso. - Dentro

de quanto tempo poderás vir ter comigo? Dentro de três ou quatro meses. Mulher, eu amo-te! Não é uma

frase tão lírica como a da poetisa, mas é dita com o mesmo sentimento. E eu amo-te. - Ela debruçou-se para o beijar ferozmente e

depois

recostou-se na cadeira. - Quero que sejamos tudo o que podemos ser,

Lee. Isso significa começar a viver juntos num local que não tenha recordações para nenhum de nós. Gostaria que nos casássemos em

Como

fizéssemos a lua-de-mel na casa que eu heide encontrar. Sei que teremos

de regressar aqui, mas nessa altura já teremos exorcizado todos os

demónios. E as casas só se transformam em lares quando estão

encharcadas

de recordações. Esta casa nunca foi um lar, mas tem muitas recordações.

Será um lar, prometo,

496 COLLEEN McCULLOUGH E o lago permanecerá o nosso lugar secreto. - Ele levantou-se,

puxou uma cadeira para perto dela, para a poder tocar se quisesse, sorrindo-lhe de uma forma vaga e aturdida. - Quase nem consigo acreditar, minha querida Elizabeth. O que tens de fazer para te poderes ir embora? - perguntou ela.

- A Empresa pode passar sem ti? A Empresa é um entidade com vida própria - poderia dizer-se que

quase se auto-perpetua. O marido da Sophia será o meu número dois, portanto é tempo de ele justificar os galões - disse Lee. - Além disso, o mundo está a ficar mais pequeno, minha querida, e o teu falecido marido foi um dos homens que contribuiu para isso. E o meu próximo marido continuará a tornar o mundo mais pequeno, suspeito. - Deu finalmente um golo no xerez e quando ele lhe

ofereceu mais um cigarro ela abanou a cabeça. - Já não quero fumar.

Prepara um *bourbon* para ti, meu amor. Já não quero *bourbon*. Vou mudar para o xerez.

Continuou a pôr toros na lareira, pensando que a vida com Elizabeth seria assim: paz e paixão, comunhão total. Sentar-se assim com ela junto à lareira no fim de cada dia, sentindo-se inebriado a olhá-la, sentindo a sua falta quando não estivesse presente. Sou um pombo-correio por natureza - disse ele num tom surpreendido. - Que estranho, tendo passado uma parte tão grande da minha vida a vaguear por aí. Gostaria de conhecer alguns dos locais por onde vagueaste - disse

ela sonhadora. - Talvez no regresso a casa, quando viermos de Itália, possamos visitar os teus poços de petróleo na Pérsia?

Ele riu-se. - Os meus poços que quase não dão lucros! Mas o Alexander e eu tivemos a mesma ideia, no mesmo momento, quanto à forma como me poderei ver livre deles com um grande lucro. Andávamos na altura a inspeccionar o *Majestic* - um navio de guerra - em Portsmouth, e ele disse: Li-te os pensamentos como se estivesse a içar bandeiras no mastro. Depois eu repeti as suas palavras. Não precisámos de dizer mais nada, ambos sabíamos. Nalguns aspectos és muito parecido com ele - disse ela revelando prazer e não dor. - Qual foi essa ideia simultânea? Não acontecerá amanhã... nem no ano que vem, isso é certo. Mas dentro de dez ou doze anos, os Britânicos vão querer turbinas alimentadas a petróleo nos seus navios de guerra. Se a Grã-Bretanha quiser continuar

a dominar os mares, terá de possuir navios de guerra capazes de transportar armas enormes, blindagens extremamente espessas e continuar a navegar acima dos vinte nós. Sem provocar uma gigantesca nuvem de fumo. Petróleo - fumo fino e pálido. Carvão uma mortalha negra. O problema, meu amor, é que os Britânicos não possuem poços de petróleo. Tenciono, quando chegar o momento certo, vender a minha parte da Peacock Oil ao Governo Britânico, o que agradará imensamente ao Xá. Conseguirá manter o Urso Russo à distância mais facilmente, se o seu parceiro for o Leão Britânico. Embora terminou Lee pensativamente não tenha a certeza de qual desses dois predadores é o mais perigoso. Bem, a mim parece-me um final feliz - disse ela. - Meu amor,

O Alexander fez em ti uma excelente escolha! O Alexander fez *em ti* uma excelente escolha. Se ele não tivesse importado uma noiva da Escócia, eu nunca te teria conhecido e nem quero pensar nessa possibilidade. Continuará a vaguear por aí. E eu seria uma tia solteirona na Kinross escocesa. Ainda bem que o Alexander me importou. Caiu uma lágrima. Não alterava nada a não ser a Anna.

Ele não respondeu mas agarrou-lhe na mão.

A MEDICA

A MORTE DO PAI PRODUZIU uma grande alteração na carreira médica de Nell; subitamente, as suas notas desceram e tal facto não se devia ao seu trabalho ter piorado. Passou Medicina IV, mas os professores decidiram passá-la ajusta - ela dera demasiadas faltas, fora a sua desculpa. E em Medicina V e Medicina VI - no último ano - nada do que ela fazia os impressionava, embora ela soubesse muito bem que deveria ter as melhores notas da turma. *Suma cum laude* ou mesmo uma Distinção estavam agora fora de causa, embora julgasse que não se atreveriam a reprová-la. Ou, posto de outro modo, ela foi insinuando que se a reprovassem iria direitinha aos jornais mais sensacionalistas, que estavam cheios de indirectas à Faculdade de Medicina devido à discriminação que fazia relativamente às mulheres. Portanto, aprovaram-na - sem qualquer distinção - e ela licenciou-se em Medicina e Cirurgia. A sua tese de doutoramento, sobre a epilepsia, fora recusada como sendo demasiado abstrusa e vaga e não apoiada por provas clínicas. Para além disso, não era uma doença da moda. Portanto, a filha de Sir Alexander Kinross enviou-a a Sir William Gower, em Londres, perguntando se a tese era merecedora de um doutoramento. Assinou «E. Kinross.

Continuava a aguardar notícias de Londres quando chegou o dia da formatura, no início de Dezembro de 1900. Uma época de estranha excitação e medos ainda mais estranhos: a federação das colónias estava prestes a acontecer e nasceria a Comunidade da Austrália. Mesmo assim, ainda muito ligada à Grã-Bretanha - os seus cidadãos continuariam a ter passaporte britânico e seriam súbditos britânicos. Os Australianos não existiam *per se*. Seria um país de segunda classe, de identidade britânica

e com uma Constituição - muito longa - dedicada aos direitos do parlamento federal e dos estados; o Povo era mencionado uma única vez, no curto preâmbulo. Não há carta de direitos, nenhuma consagração de liberdades individuais, pensou Nell com ressentimento. Seria uma democracia ao estilo britânico, para a preservação das instituições. «Bem, começámos como condenados, portanto estamos habituados a que nos desprezem. Até mesmo o Governador da Nova Gales do Sul pôde referir-se à nódoa do nosso nascimento na sua primeira mensagem ao povo. Vá-se lixar, Lord Beauchamp, seu idiota inglês reformado!

Estava sentada num banco em frente à escola de medicina, em toda a sua glória gótica, a comer um almoço de sanduíches de queijo sem disposição para confraternizar ou comiserar-se com as outras estudantes de medicina, nenhuma das quais com melhores notas do que ela própria. E os estudantes do sexo masculino, apesar de agora se embonecar para ir às festas e bailes, continuavam a evitá-la por a considerarem uma cabra castradora. A notícia de que valia umas bela cinquenta mil libras por ano motivara o interesse de alguns dos estudantes mais predadores, mas Nell sabia exactamente como castrar esses idiotas inoportunos. Tinham-se retirado a fumar; e as suas notas também não foram ajudadas pelo facto de um assistente ter atirado o chapéu para o ringue matrimonial. Não interessava: ela conseguira e essa fora uma grande vitória. Não reprovara um único ano.

- Pensei que era você - disse uma voz enquanto alguém se sentava ao seu lado com o ruído de um corpo pesado.

O rosto que Nell virou para o intruso estava de cenho franzido e os olhos coruscavam. Depois, os olhos abriram-se mais; a boca de Nell abriu-se de espanto. - Meu Deus! - exclamou. - Mas é o Bede Talgarth! Ele próprio e sem barriga - disse ele. O que está aqui a fazer? Estava na biblioteca jurídica a fazer umas leituras. Porquê? Está a estudar Direito? Não, estava só a marrar para o Parlamento federal.

, „Está no Parlamento? , .; Tão certo como dois mais dois serem quatro. O vosso programa é uma porcaria - disse ela engolindo o resto da sanduíche e sacudindo as migalhas das mãos.

500 COLLEEN McCULLOUGH Chama à proposta de sufrágio universal uma porcaria? Oh, isso está muito bem, mas é inevitável, como muito bem sabe. As mulheres já têm o voto e tê-lo-ão até mesmo na Nova Gales do Sul, nas próximas eleições estaduais. Então o que é uma porcaria? A total exclusão das pessoas de cor e outras raças indesejáveis da imigração disse ela. Indesejáveis, realmente! E, seja como for, ninguém é verdadeiramente *branco*. Somos cor-de-rosa ou bege, portanto também somos de cor. Nunca vai desistir disso, pois não? Não, nunca. O meu padrasto é mestiço de chinês. O seu padrasto? Certamente que não tem a cabeça tão enfiada nesse seu rabo socialista para não saber que o meu pai morreu há dois anos e meio? Tenho uma janela de vidro na barriga, por isso se desabotoar o casaco consigo ver - disse Bede gravemente. - Lamento sinceramente. Era um grande homem. Então a sua mãe casou novamente? Sim. Em Como, há dezoito meses. Em Como? Não sabe nada de geografia? Os Lagos Italianos. Então referíamos-nos ao mesmo Como - disse ele, imperturbável; tinha aperfeiçoado a arte da evasiva política. - Isso desagradou-lhe, Nell? Em tempos teria desagradado, mas hoje em dia já não. Só posso ficar contente por ela. E ele é seis anos mais novo do que ela, portanto, se ela tiver sorte, não será viúva durante tanto tempo como a maior parte das mulheres. Teve uma vida difícil, merece alguma felicidade. - Nell soltou uma risadinha. - Tenho um meio-irmão e uma meia-irmã vinte e quatro anos mais novos do que eu. Não é maravilhoso? A sua mãe teve gémeos? Gémeos heterozigóticos - esclareceu Nell, exibindo-se. Explique - pediu ele, outra evasiva política: é seguro confessar a ignorância quando o assunto é esotérico. De dois ovos diferentes. Os gémeos idênticos nascem do mesmo ovo. Suponho que ela decidiu que, depois dos quarenta, era melhor reproduzir-se em múltiplos. Da próxima vez serão, provavelmente, trigêmeos.

- Que idade tinha ela quando a teve a si? Pouco mais de dezassete anos. E, sim, se está a tentar calcular a minha idade, faço vinte e cinco anos no Dia de Ano Novo.

O TOQUE DE MIDAS 501 Na verdade, lembrava-me da sua idade. Ali estava eu, um político promotor, com uma rapariga de dezasseis anos, sem acompanhante, na minha casa. - Olhou-lhe para os dedos sem anéis. - Não tem marido? Noivo? Namorado? Nem pensar! disse ela desdenhosamente. E você? A pergunta saiu-lhe antes que a pudesse reprimir. Continuo um solteiro descomprometido. Continua a viver naquela casa horrorosa? Sim, mas melhorada. Comprei-a. Tinha razão, o senhorio vendeu - ma por cento e cinquenta libras. E com o tifo, a varíola e a mais recente epidemia, a peste bubónica, estão a instalar esgotos em toda a parte. Portanto, agora já tenho os esgotos ligados. Cultivo uns legumes magníficos no local onde era a fossa.

- Adorava conhecer essa versão melhorada. - Aquilo também lhe saiu.

- E eu adorava mostrar-lha.

Nell levantou-se. - Tenho de ir a correr para o Hospital Prince Albert, tenho de estar presente no bloco cirúrgico. Quando é que se forma? Daqui a dois dias. A minha mãe e o meu padraço vieram do estrangeiro para assistir e a Ruby também vem de Kinross. A Sophia vai trazer

a Dolly e a família inteira estará reunida. Não posso esperar para ver os meus irmãozinhos pequenos.

- Posso ir assistir à formatura da senhora médica? - gritou ele.

Ela virou a cabeça para lhe gritar a resposta. A porcaria do juramento!

Ele ficou a ver a sua silhueta dinâmica ir diminuindo, com a toga académica negra a esvoaçar loucamente. Nell Kinross! Passados tantos anos, Nell Kinross. Não fazia ideia do quanto a morte do pai a enriquecera, mas, no seu íntimo, ela era a mais trabalhadora dos trabalhadores. Com um vestido curto e cinzento sem forma, botas pretas tão grossas como as de um mineiro, o cabelo apanhado num carrapito e sem vestígios de maquilhagem nem de pó-de-arroz na pele cremosa. Ergueu as sobrancelhas e um sorriso triste formou-se-lhe nos lábios; sem se aperceber de que o fazia, levou a mão à cabeça e despenteou o cabelo arruivado - um gesto que, para os seus colegas deputados, significava que Bede Talgarth estava a tomar uma decisão importante.

«Algumas pessoas são completamente inesquecíveis, pensou enquanto ia apanhar o transporte público. «Tenho de voltar a vê-la. Tenho

de descobrir o que é que lhe aconteceu. Se ela se vai formar em Medicina agora, deve ter terminado a licenciatura em Engenharia - a não ser que, como alguns dos diários mais progressistas afirmavam, a tivessem chumbado pelo menos uma vez em cada ano do curso de Medicina, como costumavam fazer com as estudantes.

A cem metros do banco de jardim, Nell já o esquecera quase completamente, mas ele espreitava num qualquer compartimento recôndito da sua mente, acrescentando um ligeiro brilho caloroso ao seu ânimo. Bede Talgarth! Como lhe parecera correcto reatar uma amizade importante, admitiu, muito mais importante do que ela pensara.

A operação parecia não ter fim, mas, finalmente, um pouco depois das seis, pôde ir ter ao hotel na George Street onde estavam hospedados a mãe e Lee. Excepcionalmente, foi numa carruagem privada, não parando de gritar pela abertura no tejadilho para que o cocheiro se despachasse. A mamã seria muito rígida com os seus novos bebés? Ainda estariam acordados para conhecer a irmã, ou já estariam a dormir?

Elizabeth e Lee estavam na sala da suite; Nell entrou de rompante e deteve-se subitamente. *Aquela era a mamã*¹? Oh, ela sempre fora linda, mas não da forma como o era agora! Parecia a deusa do amor, irradiando uma sexualidade segura e inconsciente que era... era quase indecente. Ela parece mais nova do que eu, pensou Nell, com um nó na garganta. «Este é o casamento do seu coração e ela desabrochou como uma rosa escura e sombria. E a beleza cativante de Lee estava ainda mais marcada, embora menos hermafrodita; os olhos dele, reparou Nell, buscavam sempre Elizabeth e não ficavam satisfeitos a não ser quando a olhavam. «Eles são como uma única pessoa.

Elizabeth aproximava-se para a beijar e Lee para a abraçar; instalaram-na numa cadeira e serviram-lhe um xerez. Estou tão contente por terem voltado - disse Nell. - Não seria o mesmo, se não estivessem aqui para assistir à minha formatura. - Olhou à volta. - Os gémeos estão a dormir? Não, não os deitámos para te dizerem olá - disse Elizabeth pegando-lhe na mão. - Estão com a Pearl e a Silken Flower no quarto ao lado.

Tinham nascido onze meses depois do casamento de Lee e Elizabeth e tinham agora sete meses. Nell olhou-os com um amor tão súbito que ficou com os olhos cheios de lágrimas. Oh, que *queridos* Alexander era parecido com o pai e com a mãe: cabelo preto com alguma da lisura do

cabelo de Lee e algumas das ondas do cabelo de Elizabeth, um rosto oval cor-de-marfim como o de Lee e os olhos azuis acinzentados de Anna, orlados com as suas pestanas incrivelmente longas e encaracoladas, os málares de Elizabeth e a boca direita e cheia de Lee. Já Mary-Isabelle era a imagem de Ruby, do cabelo louro arruivado às covinhas nas faces e aos grandes olhos verdes.

- Olá, irmãozinho e irmãzinha - disse Nell ajoelhando-se. - Sou Nell, a vossa irmã mais velha.

Eram demasiado novos para falar, mas ambos os pares de olhos a fixaram, inteligentes e interessados, e ambas as bocas se abriram em risos e quatro mãozinhas rechonchudas agarraram as dela. Oh, mamã, são lindos! Nós também achamos - disse Elizabeth pegando em Alexander ao colo.

Lee pegou em Mary-Isabelle. - Esta é a menina do papá - disse beijando-lhe a face. Não me estavas a esconder nada quando disseste na carta que tinhas tido um parto fácil? perguntou Nell ansiosamente, médica até ao âmago. A gravidez foi difícil no final... eu estava pesadíssima e enorme

- disse Elizabeth acariciando o cabelo despenteado de Alexander. - Como é evidente, não fazia ideia de que eram dois bebés. Os obstetras italianos são muitíssimo competentes e eu tive o melhor. Não houve rasgões, nem nada para além do desconforto normal. Achei tudo muito

estranho - quando tu e a Anna nasceram eu estava inconsciente, portanto ali estava eu a passar por aquilo que, para mim, era um primeiro parto. Foi uma grande surpresa quando, depois de a Mary-Isabelle ter nascido, me disseram que ainda faltava mais um! Elizabeth riu-se e apertou Alexander suavemente. - Eu *sabia* que teria um Alexander, e ali estava ele.

Entretanto, eu andava para trás e para a frente, cumprindo a tradição, do outro lado da porta contou Lee. Ouvi a Mary-Isabelle chorar... Sou pai!, pensei. Mas, quando me disseram do Alexander, desmaiei Qual dos dois é que manda? - perguntou Nell. A Mary-Isabelle - disseram os pais em coro. Têm naturezas muito diferentes, mas gostam um do outro - disse Elizabeth entregando Alexander a Pearl. - Hora de ir para a cama

* * *

Ruby, Sophia e Dolly chegaram no dia seguinte; Constance Dewy estava demasiado doente para fazer a viagem. Aos nove anos de idade, Dolly atravessava a fase desengaçada. Isso não vai durar muito, pensou Nell. «Quando fizer quinze anos será de uma beleza espantosa. Os dois anos e meio passados em Dunleigh tinham-lhe feito imenso bem. Estava mais viva, mais aberta, mais confiante, não tendo no entanto perdido a sua doçura natural.

Apesar de ser evidente que gostara de Mary-Isabelle, naquele primeiro encontro Dolly entregou o seu coração a Alexander. Porque, apercebeu-se Nell com uma dor no peito, ele tinha os olhos da mãe verdadeira de Dolly e uma parte da criança lembrava-se dos olhos de Anna. Trocando um olhar com Elizabeth, Nell viu que a mãe também reparara. Está no nosso sangue o reconhecimento da nossa mãe, por mais antigas e distantes que sejam as recordações. Ela teria de saber a verdade em breve, não fosse haver algum verme maligno que lha contasse primeiro. Mas ela ia ficar bem, sim, a Dolly de Anna ficaria bem.

Ruby não se desleixara após a morte de Alexander; isso ter-lhe-ia parecido uma traição. Apesar de vestir à moda, conseguia transformar a fealdade básica daquele estilo, parecendo elegante e *soignée*. Com metade do Império Britânico na África do Sul a combater os Boers - pelo menos parecia metade, - quem ditava a moda parecia ter sido acometido de um tal sentimento de culpa que até as aves-do-paraíso pareciam mergulhões. E as saias estavam a ficar mais curtas: Nell já não sobressaía tanto, apesar de, tinha de o admitir, as saias curtas ficarem muito melhor a Ruby.

«A mudança está no ar, pensou Nell, o novo século chegou e, dentro de um ou dois anos, haverá uma mulher, estudante de medicina, que se formará *suma cum laude*. Devia ter sido eu. Estás diferente, Nell - disse-lhe Lee quando se sentaram no salão do hotel para beber café e digestivos. De que forma? Mais desmazelada que nunca?

Os seus dentes brancos brilharam. Meu Deus, pensou ela, «ele é realmente uma bela visão! Ainda bem que as minhas inclinações são totalmente diferentes.

- A chama reacendeu-se - disse ele.

O TOQUE DE MIDAS 505 Tu és sensível! Embora não se tenha reacendido
exatamente...

pelo menos ainda não. Encontrei-o ontem na Universidade. Ele continua a ser
um deputado da facção errada? Oh, sim, mas é deputado federal. Ataquei-o
por causa do programa anti-imigração das raças de cor - disse ela,
ronronante. Mas isso não o desencorajou, pois não? Duvido que haja alguma
coisa capaz de o desencorajar relativamente a qualquer coisa a que ele esteja
determinado. Ele é um bocado
do tipo *bulldog*. Isso deve convir-te. Pensa só nas brigas que poderão
ter. Depois de ter vivido com o meu pai e a minha mãe, preferiria uma
vida pacífica, Lee. Eles raramente brigavam, era esse um dos seus problemas.

Tu és a
imagem chapada de Alexander, Nell, vais adorar uma boa briga. Se não
gostasses, nunca terias terminado o curso de Medicina. Tens razão -
concordou ela. - Tu e a minha mãe discutem? Não, não precisamos.
Especialmente com dois bebés no nosso
ninho e outro - um, espero bem! - a caminho. É muito recente, mas ela
diz que tem a certeza. Meu Deus, Lee! Não podes manter as calças vestidas
durante
algum tempo? Ela precisa de tempo para recuperar da gravidez dos
gémeos.

Ele riu-se. - Não me culpes a mim! A ideia foi dela.

Ruby tagarelava com Sophia acerca de Mary-Isabelle. - Outra eu! -
ronronava. - Nem posso esperar por ensinar àquela deliciosa bichinha a
chamar os bois pela merda dos nomes. A minha nova gatinha de jade.

- Ruby - ofegou Sophia. - Não se atreva!

Nell formou-se com mais duas mulheres e um número muito maior
de homens. Assistindo com uma discrição decente, Bede Evans Talgarth
aguardou até que a nova médica fosse beijada e abraçada pela pequena
multidão dos seus parentes. Se aquela era a sua mãe, então Nell não tinha
certamente herdado nem a beleza nem os modos calmos e distantes. E o
padrasto, um homem impressionante, tinha o cabelo apanhado numa
trança chinesa. Se não fosse esse o caso, teria sido difícil dizer de onde
lhe vinha o tom escuro. Cada um deles tinha um bebé ao colo, a mãe um
rapaz e o pai uma rapariga; duas belas chinesas vestidas com calças
e túnicas de seda bordada estavam ali perto, com duas cadeirinhas. E ali

estava Ruby Costevan - como poderia alguma vez esquecer aquele dia passado em Kinross? Levantara Nell do chão e almoçara com ela e com uma milionária, como Ruby se descrevera a si própria. O que o fascinava agora era ouvir o padraço de Nell chamar-lhe mamã.

Todos eles tinham um ar de riqueza, mas não revelavam os tiques da alta sociedade exibidos por tantos dos pais dos recém-formados, tagarelando com os seus sotaques refinados que disfarçavam a pronúncia australiana. Palavras como Patriotismo e Estrangeiros chegaram aos ouvidos de Bede; os seus lábios curvaram-se num sorriso. Jingoísmo em segunda mão. Quem tinha razão eram os Boers. «Por que é que não fizemos na Austrália uma revolução como a dos Americanos e não corremos com os Ingleses?», perguntou a si próprio. Teríamos ficado muitíssimo melhor.

Aproximou-se lentamente e cheio de nervosismo do grupo de Nell, consciente de que, apesar do fato de boa qualidade, do colarinho e dos punhos engomados, da gravata parlamentar e dos sapatos de pele macia, parecia aquilo que era: o filho de um mineiro que trabalhara, ele próprio, nas minas de carvão. Aquilo era uma loucura! Ela nunca se adaptaria à sua vida! Bede! - gritou Nell encantada, apertando a sua mão estendida. Parabéns, Dr.^a Kinross.

Ela fez as apresentações com a brusquidão que lhe era característica: primeiro apresentou-lhe a família e depois terminou com: - Este é o Bede Talgarth. E socialista. É um prazer conhecê-lo disse Lee com um sotaque *genuinamente* refinado, apertando a mão de Bede com um entusiasmo sincero.

- Na qualidade de chefe da família, dou-lhe as boas-vindas ao nosso clã capitalista, Bede. Gostaria de almoçar com uma milionária amanhã? - perguntou

Ruby comendo-o com os olhos.

O Reitor e o Director da Universidade apareceram, cheirando-lhes a dinheiro e possíveis patrocínios. Esta é a minha mulher, Mrs. Costevan - disse Lee ao Reitor -, e esta é a minha mãe, Miss Costevan. Eles estavam mesmo a pedi-las! - disse Nell, rindo às gargalhas enquanto os dois desapareciam apressadamente. - Eu sou *médica* e não posso sequer ser interna num hospital, mas eles querem saber disso para

coisa? Não

O TOQUE DE MIDAS 507 Vai então pendurar a tabuleta algures? - perguntou Bede. - Em

Kinross, suponho? Com a peste bubónica em Sydney, ratazanas aos milhões e tanta

gente que não tem dinheiro para chamar o médico? Não, não vou! Vou pendurar a minha tabuleta em Sydney - respondeu Nell. Então e que tal

pendurá-la no meu círculo eleitoral? - perguntou

ele agarrando-a pelo cotovelo e puxando-a um pouco à parte. - Não há lá

dinheiro para ganhar, mas atrever-me-ia a dizer que não tem necessidade

de ganhar dinheiro. É verdade, não tenho. Tenho cinquenta mil libras por

ano. Meu Deus! Isso dá cabo de tudo - disse ele sombriamente. Não vejo

porquê. O que é seu é seu. O que é meu é meu. A primeira coisa que terei de

fazer será comprar um automóvel. É muito melhor para as visitas domiciliárias.

Um com capota, para o caso de chover. Pelo menos - disse ele a rir -, será

capaz de o arranjar quando se

avariar, como parece que está sempre a acontecer. Eu nem consigo mudar a

anilha de uma torneira. Foi por isso que foi para a política - disse ela

bondosamente. -

É a profissão perfeita para pessoas desajeitadas e com falta de bom

senso. Prevejo que acabará por ser primeiro-ministro. Obrigado pelo voto de

confiança. - A expressão divertida desapareceu dos seus olhos que se tornaram

audazes e, no entanto, acariciado

res Está muito bonita hoje, Dr.^a Kinross. Devia usar meias de seda

mais vezes.

Nell corou, o que a mortificou. Obrigada balbuciou. Não posso

almoçar consigo amanhã porque vou almoçar com uma

milionária - disse ele ignorando o seu embaraço -, mas posso fazer-lhe

um assado de perna de carneiro na minha casa, numa noite à sua escolha.

Até tenho alguns móveis novos. A Nell - disse Elizabeth muito

satisfeita - afinal vai ficar bem. Há sempre alguém para toda a gente -

disse Ruby descontraidamente. - Ele é um preconceituoso da classe

trabalhadora, mas ela tratará

de remediar isso em breve.

ALEXANDER DOMINA DE NOVO

QUANDO ELIZABETH E LEE REGRESSARAM a Kinross, levaram com eles a estátua de Alexander num enorme caixote de madeira. No fim, acabara por ser esculpida em mármore e não em granito por uma razão inesperada: o escultor italiano que Lee contratara insistira que, se a obra-prima era para ser mesmo uma obra-prima, então *teria* de ser em mármore! Não num mármore qualquer, mas num bloco que ele encontrara em Carrara e que guardara para um trabalho especial, como seria a estátua de Sir Alexander Kinross. Aquele não seria um dos monumentos públicos rascas que os conselhos municipais erigiam, declarou com desprezo o Signor Bartolomeo Pardini. Aquela seria uma obra-prima! Com a qualidade de um Rodin, embora fosse lá saber-se por que razão o homem escolhera o bronze... pff! Quanto ao granito... pff e pff! Era um material para pedras tumulares.

Impressionado por tanta paixão latina, Lee conversou com Elizabeth e concordaram que deveriam fazer a vontade a Pardini.

Uma qualquer superstição, que nenhum deles compreendia, impedia que Lee e Elizabeth vissem a obra terminada antes de esta ser embalada; primeiro teria de ser colocada no local. Não haveria nenhum descerramento solene nem nenhuma das cerimónias pretensiosas que o tema da estátua tanto detestara. Alexander seria simplesmente colocado no pedestal de mármore castanho na Kinross Square, por um grupo de homens com uma grua e, quando estivesse devidamente instalado... bem, qualquer um o poderia ver a qualquer hora.

Era uma obra-prima. O bloco de pedra tinha as características estratificadas da camada superior dos camafeus ou das ágatas; a cabeleira era branca e o rosto de um bronzeado claro, o fato de pele de gamo com franjas era mais escuro e o cavalo, uma égua, era de um castanho ambarino.

O efeito era espantosamente realista, tanto que os estranhos se aproximavam o mais que podiam para tentarem perceber se a estátua fora pintada ou composta por diferentes peças, ficando maravilhados quando se apercebiam de que não era esse o caso. Alexander cavalgava a sua montada de patas orgulhosamente erguidas como um imperador romano, com uma das mãos erguidas numa saudação e a outra descontraidamente caída ao longo do corpo. Lee pedira uma sela do Oeste, mas quando viu a obra-prima do Signor Pardini sobre o pedestal em Kinross Square, admitiu que o artista tivera razão. Alexander ter-se-ia adorado. Soberano de todos quantos olhava, tal como o seu antigo homónimo.

Ruby mais do que adorou a estátua. Quando não tinha nada para fazer, sentava-se na varanda do piso superior olhando para o perfil de Alexander, pois, dado este estar de frente para a Câmara Municipal, ficava de lado para o Hotel Kinross. Só Elizabeth achava a estátua perturbante. Sempre que esta caía no seu campo de visão desviava o olhar. Talvez fosse por Alexander ter olhos; o escultor inserira duas órbitas de mármore branco incrustadas com duas obsidianas negras e brilhantes. Os habitantes de Kinross juravam que os olhos os seguiam quando passavam.

Foi só depois de a estátua ter sido erigida que um mineiro, que trabalhava na parede rochosa do túnel número sete com o martelo pneumático, sentiu que alguém o observava e virou a cabeça. Viu Sir Alexander mesmo por detrás do seu ombro. Uma mão passou por si, arrancou um pedaço quebradiço de minério brilhante, rolou-o entre os dedos de carne verdadeira, realista até ao pormenor da sujidade por baixo das unhas. A cabeça leonina, o cabelo branco brilhante como cristal à luz forte, assentiu; as sobrancelhas pontiagudas arquearam-se.

- Ótimo! Vamos tirar uma boa maquia deste veio - disse Sir Alexander e desapareceu, não se desvanecendo, parecendo antes recuar sem mexer os pés, mais rápido do que um raio.

Depois disso, foi visto com frequência nas profundezas da Apocalipse, caminhando distraidamente, ou supervisionando um mineiro, ou inspeccionando os buracos para a instalação de cargas para rebentamentos. Tornou-se tradição afirmar que, se ele era visto a caminhar ou a supervisionar, tudo estava bem na Apocalipse, mas que se era visto a inspeccionar os buracos para os rebentamentos, isso era um aviso de probabilidade de acidente. Os mineiros não tinham medo dele. De algum modo, era reconfortante

ver Sir Alexander empenhado no único trabalho que alguma vez amara verdadeiramente.

Quando Lee estava na mina, era certo que ele estaria presente e, por vezes, os homens que trabalhavam nas gruas viam-no caminhar pela montanha com Lee, que tinha o hábito de visitar a depressão sob a qual estava soterrado o final do túnel número um; sempre que ele o fazia, Alexander aparecia, sentando-se ao seu lado.

Também se sentava com Ruby na varanda do andar de cima do Hotel Kinross e ficava a olhar para a sua estátua.

Mas nunca apareceu a Elizabeth.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE - 1872-1885	9
1 Mudança da Sorte	11
2 Nas Pisadas de Alexandre, o Grande	60
3 Encontrar um Filão e uma Noiva	122
4 Verdades Desagradáveis e uma Aliança Inesperada	141
5 Maternidade	163
6 Revelações	199
7 Um Novo Tipo de Dor	228
8 Cartas	251
SEGUNDA PARTE - 1888-1893	261
1 Duas Jovens a Desabrochar.....	263
2 Disputas Industriais e Outras	283
3 Desastre	309
4 Nascimento e Morte	342
5 Um Mundo de Homens	368
6 A Dolly de Anna	389
TERCEIRA PARTE - 1897-1900.....	401
1 O Regresso do Filho Pródigo	403
2 Esclarecimento	429
3 Alexander no Comando	458
4 A Médica	498
5 Alexander Domina de Novo	508